1.º ANNO — 1879 N.º 1 — JANEIRO

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

PREÇO POR ANNO, 500 REIS

JESUITAS!

POR

PAULO FÉVAL

Obra traduzida livremente do francez, e annotada pelo padre SENNA FREITAS (precedida do RETRATO E D'UMA CARTA DO AUTHOR e d'outra do traductor). *Editor Ernesto Chardron*. Porto, 1878-1879. 2 tom. in-12.

Um dos mais celebrados romancistas francezes contemporaneos abalançou-se á generosa empresa de indemnisar a Justiça e a Verdade dos ultrajes que lhes fizeram alguns dos seus collegas. PAULO FÉVAL defende a Companhia de Jesus com um desassombro que denota, de par com estudos serios, convicções intransigentes com a ignorancia e com a calumnia. O estylo do valoroso propugnador dos jesuitas conserva a fogosa energia do romancista ardente. A verdade suggere-lhe trechos magestosos de linguagem não somenos aos que a Fantasia lhe inspirava. Arremessa-se cavalleirosamente contra a hoste dos adversarios, e atira-lhes o seu guante de ferro com o denodo de quem sente, sobre grande talento, o impulso da justiça irrefutavel. N'este livro não ha grandes theologias, nem controversias esterilisadoras, nem sentimentalidades rhetoricas: é um protesto em que esfuzilam coleras sagradas, um rasgar a pedaços a mascara dos calumniado cumpre verberar com o escarneo, e uma lampada de luz serena quando cumpre mostrar os golpes traiçoeiros que prostraram cadaver a grande, a laboriosa e evangelica milicia de Jesus libertador das almas.

Haverá livros sobre analogo assumpto que se leiam com maior unção; mas não sei de algum tão percuciente como este de PAULO FÉVAL. Arfa-lhe no pulso o sangue alvoroçado dos Saulos que viram o relampago na estrada de Damasco; estúa-lhe na eloquencia o calor das convicções subitas e batalhadoras. É uma intelligencia forte que emerge da treva e se ala arrebatada á luz que a sua razão não entrevira. Sem deslisar do caminho abalisado por factos inflexiveis, tem sublimes raptos que dão a lembrar as vehementes replicas dos padres primitivos. A allocução que no 1.º tomo o destro escriptor faz que Ignacio de Loyola dirija aos seus companheiros devotados á lucta e ao martyrio é um lanço prophe-

dros da vida do Instituto, que deixa de ser inverosimil, porque encerra, para assim o dizermos, a philosophia da historia do fundador e dos que lhe herdaram a inquebrantavel coragem.

Não podia FÉVAL olvidar o mais implacavel inimigo da Companhia. Vem a Portugal, e encontra o marquez sanguinario a erguer patibulos para os nobres, forcas para os plebeus, a accender fogueiras para os missionarios, a esquartejar a repellões de cavallos os cadaveres dos que lhe incutem a desconfiança de que a sua vida de ministro despotico não é invulneravel. Encontra *Sebastião José de Carvalho,* e moteja do confronto em que o pozeram com *Richelieu.* Todas as nações civilisadas têm protestado contra a estulticia escandalosa da comparação. Aqui se mostra PAULO FÉVAL mais versado em historia portugueza que a maioria dos estrangeiros que a nosso respeito são sempre fantasiosos e voejam largos e altos nas azas d'uma ignorancia de que não receiam cahir, porque lá fóra não ha jury para esta especie de inepcias. Ainda assim, não se isenta de pagar o seu tributo á leviandade que poderia ser rica se fosse exigente com os apreciadores forasteiros das nossas cousas e pessoas. O snr. padre SENNA FREITAS, traductor da obra, emendou delicadamente alguns lapsos, e deixou passar outros com o melindroso receio de desprimorar a benemerencia do original. Historiando a conspiração contra *D. José I* crê que os *Tavoras, Mascarenhas, Alornas, Athaides, Calharizes,* etc., foram encarcerados em cadeia construida recentemente abaixo do collegio de Santo Antão. Não havia tal cadeia. Os suspeitos réos do attentado foram levados aos carceres de Belem, de S. Julião e Cova da Moura. Santo Antão constituiu-se cadeia, mas tão sómente para os jesuitas a quem se embargou sahirem do collegio. O *duque de Aveiro* foi preso na sua quinta de Azeitão, e não em Lisboa; e o *Mello,* que FÉVAL diz ser parente do *marquez de Pombal,* se era o *conde de S. Lourenço,* não tinha parentesco algum com *Sebastião José de Carvalho,* bisneto d'um pobre sangrador de Cernache; nem tão pouco o *Sousa* (*D. Manoel de Sousa Calhariz*) era parente do rei. Escreve FÉVAL que «os brazões dos *Tavoras* e seus pretensos cumplices foram expungidos na sala dos cavalleiros, nos paços de Cintra, onde suas armas ainda hoje se vêem cobertas com um véo preto, como o retrato de *Marino Faliero* no palacio ducal de Veneza». E acrescenta: «Este facto é muito para notado, pois o iniquo julgamento de 12 de janeiro de 1759 já ha muitos annos que não tem vigor algum».

A sala não se chama *dos cavalleiros*; é *das armas* ou *dos cervos.* Os escudos dos sentenciados foram apagados, raspados, e não velados de crepe. Se a rehabilitação dos *Tavoras* se désse, como presume o author, renovar-se-hiam os escudos; mas a sentença revisoria de 7 d'abril de 1781, que rehabilitava o grupo dos *Tavoras* sómente, foi embargada pelo procurador geral da corôa, e nunca teve execução. Tambem não é exacto que o alvará de 7 de abril de 1781 destituisse o marquez, cuja demissão é de 1777. N'aquelle anno, em 16 de agosto, ha um decreto; mas esse assignala profundamente a infamia do decrepito desterrado de Pombal n'este periodo: «...O que sendo tudo examinado por uma junta dos ministros a que me pareceu encarregar este negocio, foi vencido que o dito *marquez de Pombal* era réo e merecedor de exemplares castigos; ao que porém não mandei proceder, attendendo ás graves molestias e decrepidez em que se acha, lembrando-me mais da clemencia do que da justiça, e *tambem porque o marquez me pediu perdão, detestando o temerario excesso que commettera*».

Eis-aqui o *Richelieu* a tiritar de medo do algoz, com as mãos postas diante da rainha e da alçada que o torturou na syndicancia dos seus delictos e bens de fortuna.

*

O traductor d'este livro é conhecido como vigoroso prosador e polemista de apertar os adversarios, sorrindo, entre dous adjectivos. Se em vez de seguir o ministerio sacerdotal, SENNA FREITAS se empégasse nos marneis das letras profanas, seria um escriptor humoristico, mordente, e, ao mesmo tempo, exemplar das mais classicas e coloridas graças portuguezas. Os seus livros originaes têm reflexos de Veuillot. Por vezes, a ironia, a farpa certeira, revidam triumphantemente os chascos com que os racionalistas de cabotagem abandalham a pobre da Razão. Na carta que precede o 1.º tomo, diz SENNA FREITAS ao benemerito editor *Chardron:* «Fique certo de que lhe não vou fazer uma traducção de mero descargo de contracto, senão portugueza por tantos costados quantos o comportarem as minhas poucas forças: valor por valor, e metal por metal, se possivel

me fôr, ou antes me fosse. Envidarei todos os esforços para que o meneio francez arremedado nas versões servis, desappareça na originalidade do nosso torneio peculiar. Quero que seja um trabalho de consciencia como o do author».

Cumpriu rigorosamente. Os **Jesuitas!** são um livro duas vezes didactico: ensina a verdade historica, e a genuina lingua dos jesuitas *Francisco de Sousa, Francisco de Amaral* e *Antonio Vieira*. Eu dei-lhe nas minhas estantes o raio onde tenho a fileira dos melhores classicos.

Camillo Castello Branco.

Novas Publicações

Formato in-12

Padre José Mach

Catecismo exemplicado ou doutrina catholica explicada com muitos e notaveis factos historicos, parabolas e comparações, publicado pelo Dr. D. Miguel Pratmans, traduzido em portuguez por Francisco Luiz de Seabra. Brochado.......................... 800

R. P. Mach

Ancora de salvação, ou devocionario que subministra aos fieis copiosos meios para levar á perfeição, e aos parochos abundantes recursos para santificar a parochia. 1 gr. vol. cart...... 600

Maná do sacerdote, ou collecção de orações, exames, meditações e suaves industrias não menos abundantes que opportunas para a santificação do ecclesiastico. 1 gr. vol. cart....... 600

Padre Senna Freitas

A tenda de mestre Lucas, romance religioso. 1 vol................ 400

Discurso ácerca da religião catholica. 1 vol.......................... 200

Condessa de Ségur

A hospedaria do Anjo da Guarda. Traducção do Padre Jeronymo José do Amaral..................... 500

Antonio Fernandes Cardoso

Presbytero do bispado da Guarda

Sentido litteral, moral e historico dos ritos e ceremonias da missa. Vertido e resumido do latim............. 600

Paulo Féval

Jesuitas! Traducção de Senna Freitas. 2 vol....................... 1$000

Henri Conscience

Heroes catholicos, scenas historicas do seculo v, versão de Cunha Vianna. 2 vol....................... 1$000

Inferno e Paraiso

Resposta ao snr. Camillo Castello Branco, traductor e prefaciador do *Inferno* de Callet. 1 vol............. 500

D. M. do P. Sinués de Marco

A Lei de Deus. Collecção de lendas baseadas no Decalogo. 2.ª edição. 1 volume....................... 500

Monsenhor Landriot

A mulher forte. Conferencias feitas ás senhoras da Associação de Caridade. Versão da 10.ª edição franceza, por Alfredo Campos. 1 vol....... 600

*

TRATADO DE HISTORIA ECCLESIASTICA

PELO

PADRE RIVAUX

Traduzido da sexta edição, consideravelmente augmentada e continuada até 1876, por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, parocho de Cacia. 1877. ERNESTO CHARDRON, editor. Porto. 3 vol. in-8.º

Entra esta obra na serie dos livros destinados ao clero sob o titulo **Bibliotheca do clero illustrado.** Eu por mim desejo que se illustrem n'este excellente **Tratado de historia ecclesiastica** os ignorantes e ainda os semi-doutos que não são padres. Á excepção das historias da Igreja escriptas por protestantes, nenhuma outra se nos depara tão isenta de preconceitos no criticismo dos actos reprehensiveis que obscurecem a espaços a luz do christianismo. O padre RIVAUX não esconde as fragilidades que são do homem no escuro ou na acintosa negativa afim de que o espirito divino da instituição se não turve nas passageiras nuvens do mal inevitavel. A severidade serve de padrão para avaliar-se o grau de justiça com que o esclarecido historiador vai perlustrando as varzeas florentes e os agros desfiladeiros do catholicismo. Historiando os Pontifices do seculo x, notavelmente infamados de crimes, expõe as invectivas de Luitprand, redargue contra umas victoriosamente, e contra outras não blasona do seu triumpho, nem crimina de calumniador convicto o apaixonado adversario dos Papas do seculo x.

Concedido que houvesse Pontifices indignos da sua indignidade, escreve o padre RIVAUX: «Cumpre não esquecer que, posto que a santidade dos Summos Pontifices seja muito desejavel para honra e gloria da Igreja, ella não é necessaria para estabelecer a verdade e a divindade da fé. O peccado mancha o caracter sacerdotal, mas não o apaga. O peccado faz perder a graça santificante; mas não a jurisdicção nem a infallibilidade doutrinal... Estes dons subsistem para bem e segurança das almas até em uma pessoa viciosa; e não se encontrará um só theologo que affirme que a sentença de um Papa é irreformavel porque esse Papa é santo. Assim como a divina Providencia sabe communicar a vida ás almas, nos sacramentos, por mãos ás vezes profanadas, tambem sabe fazer passar a eterna verdade por labios ás vezes impuros. Os Papas peccadores eram Pontifices indignos, mas legitimos Papas...» Estas singelas palavras, sem grandes embaraços dogmaticos e desvios da razão, respondem ás envelhecidas arguições que diariamente se alastram a retalhos no jornalismo de combate, e por atacado nos grossos livros destinados a remodelarem o christianismo em uma philosophia que tanto póde ser a sensualista de Locke como a pantheista de Spinosa. Sciencias da alma não esteadas na Revolução, philosophias remoçadas das velhas dissidencias do catholicismo são torrentes mais ou menos antagonistas a rolarem para um só abysmo: um vacuo infinito — uma inanidade desconsoladora que as grandes palavras e as grandes divagações especulativas não enchem. No amago de todos esses fructos de Pentapolis, está a indifferença em materia de religião, o lucto cerrado da alma, o escurecer-se da consciencia que sente Deus em si, mas não sabe o que ha de fazer d'essa communhão de luz divina que lhe preluz a vereda de um destino immortal.

Nenhuma aleivosia assacada á Igreja o padre RIVAUX deixou de trazer á barra da discussão. Galileu, tantas vezes invocado pelos litteratos de leituras comesinhas e pouco substanciosas, quando lhes é preciso allegarem a lucta da sciencia com a Igreja, é pleito tratado n'este livro e decidido com irrefragaveis provas a favor do Pontifice. Galileu não foi per-

seguido como bom astronomo, mas como theologo mau, disse Mallet-Dupan, e RIVAUX o demonstra satisfactoriamente, confirmando que nunca a Igreja nem os Papas — no dizer de de Maistre — pronunciaram palavra nem contra o systema de Copernico em geral, nem contra Galileu em particular. A Inquisição perseguiu-o porque elle imprudentemente quiz harmonisar a Biblia com o movimento quotidiano da terra. São paginas admiraveis estas, e nem sabemos o que é mais de estimar se a erudição do insigne historiographo se a clareza da sua dicção, a um tempo selecta e persuasiva [1].

Pelo que respeita ao traslado para portuguez, o trabalho do snr. Seabra é muito estimavel e limpo de francezismos, quer na palavra, quer no boleio da phrase. Transluz da sua escripta uma diuturna convivencia com livros francezes e portuguezes simultaneamente. Ainda assim, peço licença para lhe offerecer duas ligeiras emendas que aproveitará, se as achar justas, na segunda edição d'este **Tratado de historia ecclesiastica.** A pag. 95 do tomo 1.º está escripto que no Apocalypse se prophetisam o reino e a queda do *Anti-Christo*. O meu reparo está na palavra sublinhada que, pela maneira como vem orthographada, denota insufficiente comprehensão do que significa. Deve emendar-se para *Ante-Christo*. É a preposição *ante* (antes) e não *anti* (contra) que cumpre antepôr a *Christo;* por quanto, em alguns livros do Novo Testamento se mencionam prophetas falsos que tentariam fazer-se receber como Christos, e no Apocalypse se vaticina um poderoso monarcha, inimigo do christianismo, que ha de apparecer *antes* do fim dos tempos, e annunciar a derradeira vinda do Messias á terra. Esta presumpção apocalyptica desvaneceu-se, quando os mil annos assignalados se escoaram no seio infinito da eternidade, e o mundo subsistiu; mas, não obstante, no decurso dos seculos até ao começo do xix, o epitheto de *Ante-Christo* tem sido adjudicado com grande esforço de imaginação a Nero, a Caligula, a Mahomet, a Luthero e a Napoleão; mas está sobejamente demonstrado que a besta do Apocalypse, o Ante-Christo era o filho de Agrippina. A proposição *anti* (contra) anteposta a Messias dá-nos o equivalente de *ante-christo* — o scelerado que deve apparecer *antes* do fim do mundo para a final ser destruido pelo Messias na sua ultima vinda entre os homens. Os crentes d'este porvindouro inimigo do genero humano chamavam-lhe *anti*-Messias ou *ante*-Christo — que importa o mesmo. Não sei a quem está reflexão compete, se ao traductor, se ao author.

O snr. Seabra encontra no **Diccionario** chamado **de Fr. Domingos Vieira** exemplo de *Antichristo;* mas não ha que fiar na authoridade do diccionarista em criticismo philologico, posto que elle professe o magisterio do sanscripto. Tem o snr. Seabra por si mais solidas, e todavia erradas authoridades. No *Diccionario* de Constancio, em Bernardes (Sermões), nas *Obras* de S. Cyrillo, de S. Bernardino de Sena e de Santo Athanasio, que tenho presentes, encontra a mesma errada etymologia da palavra; mas nos authores que versam assumptos biblicos com profunda sciencia das raizes e derivações primordiaes, taes como Strauss, Réville, Renan, e quantos modernamente escrevem, acha o genuino sentido da expressão *antechristo*. Já no *Diccionario Popular* dirigido pelo snr. Manoel Pinheiro Chagas se encontra a palavra bem escripta e bem definida pela acertada indicação de Larousse.

A outra observação de certo entende integralmente com o traductor, que a pag. 232 do tomo 1.º verteu *Saint Antoine* para *Santo Antonio,* devendo traduzir *Santo Antão* logo que se tratava de um dos primeiros instituidores da vida cenobitica. Os francezes chamam a Santo Antão *Saint Antoine le Grand* para o distinguirem dos outros, e n'esta conformidade com certeza o menciona RIVAUX. É notabilissima e proverbial a tormenta que o santo padeceu com as visões diabolicas. Dramaturgos e romancistas têm tirado deshonesto proveito das mais ou menos lendarias angustias do santo. Ha annos que em Paris se cantou uma opera intitulada *La Tentation,* em que figura o santo e a turba das visões hediondas. Tambem o celebre romancista Flaubert em 1874 publicou em estylo pouco menos de irrisorio *La tentation de Saint Antoine*. Em Portugal, desde o seculo xvi, que se conhecem os *Medos de Santo Antão,* e o proverbio: *É feio como os medos de Santo Antão,* applicado ás pessoas ou cousas supremamente horrendas. Começára assim a exhibição, a meu vêr, tão indecente como a da opera e a do romance. No terceiro domingo de agosto de 1577

1 Tratou luminosamente este importante facto historico o snr. João de Lemos nos Serões da aldeia, editados pelo snr. Chardron em 1876.

sahiu uma procissão do templo de S. Julião. Um homem posto sobre um carro representava Santo Antão no deserto, e em redor d'elle esfervilhava uma chusma de demonios com figuras de macacos tregeitando-lhe visagens medonhas. Entretinham-se n'isto os pios fidalgos que mostraram mais fé que pulso no seguinte anno em Alcaçar-Kibir.

Concluindo, o snr. **Ernesto Chardron** proporcionou em boa lingua patria aos portuguezes um sufficiente **Tratado de historia ecclesiastica** urgentemente reclamada por tantissimos que ignoram idiomas em que constantemente se estão honrando as letras com primorosos livros religiosos.

Camillo Castello Branco.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Formato in-8.º

DR. HETTINGER

Apologia do christianismo

Demonstração da verdade do christianismo, traduzida pelo conde de Samodães. A obra está completa em 5 volumes e custa...................... 6$000

PADRE MARTINHO ANTONIO PEREIRA DA SILVA

Sermões selectos

Coordenados e enriquecidos com uma noticia biographica, e illustrados com o retrato do author, pelo Dr. Luiz Maria da Silva Ramos. 3 vol.... 3$600

F. LUIZ DE SEABRA

A flôr dos prégadores

Ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos, para todas as domingas e festas do anno. Estão publicados 6 vol.... 4$800

HENRICH REUSCH

A Biblia e a natureza

Lições sobre a historia biblica da creação em suas relações com as sciencias naturaes, traduzida em portuguez sobre a 4.ª edição allemã, por João Manoel Correia. 2 vol.......... 2$000

ABBADE MARTIN

Theologia moral em quadros

Ou estudo ordenado e methodico de todas as questões e doutrinas theologico-moraes, traduzida por Francisco Luiz de Seabra. 2 vol............ 3$000

ABBADE DUBOIS

O padre santificado

Ou necessidade e meios de adquirir e aperfeiçoar a santidade sacerdotal. Nova edição, revista, corrigida e traduzida em portuguez pela padre M. J. Valente. 1 vol............... 1$000

LUIZ MOREIRA MAIA DA SILVA

(Parocho que foi de Macieira de Sarnes e abbade de Santo Ildefonso)

Sermões escolhidos

2 vol...................... 2$000

ABBADE AMBROSIO GUILLOIS

Explicação historica

Dogmatica, moral, liturgica e canonica do CATECISMO, traduzida da 12.ª edição de Paris, por Francisco Luiz de Seabra, parocho de Cacia. 2.ª edição portugueza. 1.º vol.......... 1$000
A obra consta de 4 volumes.

GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS

POR

J. M. DA CUNHA SEIXAS

ADVOGADO EM LISBOA

LIVRARIA INTERNACIONAL de ERNESTO CHARDRON. Porto, 1879. 8.º gr.

É o primeiro livro d'esta especie que se publíca em Portugal com authoridade portugueza. Entramos bastante tarde no comboio-expresso da sciencia; mas, se houver zelo e galardão que remunere o apostolado, mais seculo menos seculo, estaremos hombro a hombro das nações mais esclarecidas. É o que se prophetisa da **Galeria de sciencias contemporaneas**, livro «que se destina a declarar o *ultimo estado* de cada uma das sciencias de que trata» diz o author; e satisfaz cabalmente. E, como se não bastasse inventariar as evoluções do saber humano, propõe-se o snr. SEIXAS crear uma philosophia nova, e assim o declara resolvidamente: «Exhibimos um systema novo de philosophia». O snr. SEIXAS, advogado em Lisboa, exhibe um systema novo de philosophia. Entra na fileira de DESCARTES, SPINOSA, LOCKE, LEIBNITZ, KANT, HEGEL, etc. Elle exhibe o que quer que seja para desfazer o positivismo de AUGUSTO COMTE. É espiritualista. Quer Deus na sciencia. Combate os materialistas; enfeira a sua argumentação nos ricos mercados allemães; cita a pleiade germanica dos artifices de philosophias sensitivas e animalistas; só não nomeia o prussiano professor BUNSEN, author de **Deus na historia.** Parece que não o conhece; mas adivinhou-o, quando formulava *o seu systema novo de philosophia.* Encontraram-se. O monotheismo, um Deus através da historia, no evolucionismo da sciencia, é uma comprehensão que tanto póde sentir-se em Heidelberg como no Aterro da Boa-Vista. As distancias nada montam. Deus manifestava-se a LAO-TSEU na China, a SOCRATES na Grecia, a HILLEL na Judéa, a ZOROASTRO na Persia, etc.

Afóra o systema novo de philosophia, tem este livro, diz o author, *outro lado dade da reforma* do Curso superior de letras, *que está abaixo da critica* (pag. 4), por quanto *quem no estrangeiro baixasse os olhos sobre elle imaginaria que se tratava d'um paiz de ignorantes e faria de nós um triste conceito.*

Intentando o snr. SEIXAS pôr côbro a este vilipendio nacional, propõe que haja, em vez de sete cadeiras, quinze. E, se não receasse *cahir no implacavel escolho financeiro,* diz elle que proporia para cima de quinze cadeiras. Dá um plano geral de novos quadros. Exemplo de bom senso na reforma: no 3.º anno estuda-se historia da philosophia, philosophia transcendente (Logica e Theodicêa) e philosophia transcendente (Moral. Philosophia da natureza). Quatro philosophias em tres cadeiras. E, simultaneamente, linguas allemã e ingleza. Os alumnos d'estes dous idiomas, que em cinco annos escassamente se possuem, hão de estudal-os em um anno promiscuamente com as philosophias, e hão de ficar sabendo tanta philosophia como linguas, não tem duvida. Pois a philosophia é no conceito do snr. SEIXAS tão nobilitadora das outras sciencias que a historia sem ella não é sciencia. Quem aprendeu a chronologia estreme dos factos historicos, nada sabe. É que, diz o author, *a historia só modernamente adquiriu os fóros de sciencia pelo hymeneu que contrahiu com a philosophia.* Este hymeneu, o deus das bodas, banido com a Arcadia, remoça agora para se maridarem licita e honestamente as sciencias. O snr. SEIXAS philosopho tem uma penuria de linguagem que nos faz lembrar a antiga pobreza das capas dos philosophos *Peregrinus* e *Demonax,* celebradas por LUCIANO. Exemplo: comparando Camões a Tasso, diz (pag. 359): *Tasso escreveu as aventuras dos crusados e fez um poema christão: Camões escreveu tudo: nada lhe escapa.* Este *nada lhe es-*

ao snr. SEIXAS. Quando se quer medir um gigante como CAMÕES no estalão de uma phrase á altura de HOMERO, VIRGILIO ou DANTE, escreve-se: *Camões nada lhe escapa.*

Quando trata de **Esthetica** (pag. 159) ensina que o *artista faça nascer a indignação contra o mal e a sympathia pelo bem por meio de situações naturalmente deduzidas dos acontecimentos sem que o artista pareça advogar esta ou aquella causa.* Isto parece tão moderno como LONGINO ou QUINTILIANO. O snr. SEIXAS vai citar-nos o exemplo d'um artista que realisou o preceito. Cuidam que elle lhes aponta o **Timão d'Athenas** de SHAKESPEARE, a **Emilia Galotti** de LESSING ou o **Marino Faliero** de BYRON? Não, senhores. SEIXAS extasia-se diante dos **Lazaristas** do snr. ENNES que lhe *fazem nascer a indignação sem o talentoso poeta lhe haver dito nada contra os lazaristas.* Sim, parece que o snr. ENNES não tinha conversado particularmente a respeito dos jesuitas com o snr. SEIXAS; ainda assim bastava-lhe ouvir o que vocifera contra os mesmos o snr. POLLA. Os Lazaristas n'uma **Galeria de sciencias contemporaneas** bem podiam... *ter escapado.*

No capitulo **Historia universal e patria** (pag. 173) diz que «a nossa separação moral de Hespanha data do reinado de D. João IV, pois antes dos 60 annos da oppressão não havia entre os dous povos da Peninsula tão grande abysmo». É isto desconhecer os reciprocos odios que guardavam as fronteiras das duas nações desde a fundação da monarchia; não sabe nada de Val-de-Vez, de Toro, Aljubarrota, Valverde, Trancoso, e outros sitios mencionados a berros nos dramas do velho theatro normal. Quanto aos rancores da nação acalcanhada entre 1580 e 1640 é isso uma conjectura banal fundada nas objurgatorias de João Pinto Ribeiro, na **Restauração de Portugal prodigiosa** e no **Portugal restaurado** do ERICEIRA. Os fidalgos passavam perfeitamente, a principiar no DUQUE DE BRAGANÇA que ia vendendo cara a FILIPPE a sua indifferença; e os quarenta conjurados de 1640, movidos pelos SALDANHAS, eram menos da vigesima parte dos fidalgos, e quasi todos filhos de outros que haviam hostilisado o PRIOR DO CRATO, e recebido cedulas de CHRISTOVÃO DE MOURA. A classe média queria socego e mercantilismo; e, na conjuração do MARQUEZ DE VILLA-REAL contra D. JOÃO IV, fez-se representar pelo opulento argentario BEÇA. O povo era a populaça de todos os tempos: eram os filhos dos cobardes fugitivos de Alcantara que depois estrondeavam «vivas!» á entrada do DUQUE DE ALVA. No decurso dos 60 annos de captiveiro, os captivos tinham as mesmas regalias dos oppressores; tinham theatro, tinham justas e torneios, tinham autos de fé, tinham as exultações d'uma vida tão airada e devassa quanto se infere dos sermonarios da época. Ao snr. SEIXAS, depois do *hymeneu da philosophia com a historia,* corria-lhe o dever de não obtemperar ás trivialidades dos compendios de instrucção primaria, nem fazer historia pelo **Espelho de lusitanos** de Manoel de Lyra, se é que o conhece. «Ha paginas tão homericas na nossa historia (diz o snr. SEIXAS), ha factos tão assombrosos que chega a confundir-se o espirito na contemplação dos agigantados acontecimentos do nosso povo». Outro lugar commum de selecta que relembra o bom padre CARDOSO de Coimbra, se é que não fez obra pelas odes pindaricas do DINIZ. Melhor lhe iria procurar nas chronicas o rasto de infamia que deixaram os heroes da Asia. AFFONSO DE ALBUQUERQUE, o *Grande,* mandava anneis de diamantes e rubis a RUY DE PINA para que o não olvidasse nas suas historias (JOÃO DE BARROS, Decad. II, L. VII, cap. I). O bispo OSORIO, sem receber os anneis, perpetuava-lhe as ferocidades no livro **De rebus Emanuelis.** D. JOÃO DE CASTRO praticava iniquidades que forçavam um fidalgo *Chichorro* a desafial-o, e a infamal-o de descendente de circumcisos. (*Revista universal lisbonense,* carta prefaciada pelo snr. A. DA SILVA TULLIO). As armadas eram esquadras de piratas. A India era um alfôbre de ladrões. Não leia o snr. SEIXAS os artigos ramerraneiros e commemorativos dos grandes capitães. Leia o **Primor e honra da vida soldadesca,** e o **Soldado pratico** de DIOGO DO COUTO, e as **Memorias de um soldado da India** de FRANCISCO ROIZ DA SILVEIRA, annotadas pelo snr. COSTA LOBO, excellente pensador e escriptor. Em materia de historia patria, o snr. SEIXAS não vai além de MONTEVERDE e JOÃO FELIX.

No capitulo **Litteratura da idade média,** particularisando *Allemanha,* falla-nos dos «**Niebelungen,** monumento germanico de grande vulto»; e linhas abaixo n'outro monumento chamado o **Livro dos heroes.** Ora **Niebelungen** e **Livro dos heroes** é o mesmo livro. Vem á Italia, e, fallando de DAN-

TE, dá-nol-o florecido nos principios do seculo XVI. Atraza o cyclo danteseo, cem annos pelo menos, porque as obras de DANTE estão estampadas desde 1472. Chega a Hespanha, e encontra florecentes no seculo XIV *João Manoel, João Rodrigues e outros*. JOÃO MANOEL deve ser o principe D. JOÃO MANOEL, neto de S. FERNANDO, pai de D. CONSTANÇA, mulher de D. PEDRO I de Portugal, e author do **Conde Lucanor.** Quanto a *João Rodrigues* não se sabe quem seja este que vem ajoujado a JOÃO MANOEL. Nós conhecemos na velha litteratura castelhana dous com tal nome: um é JOÃO RODRIGUES DE LA COMARA; mas este pertence ao seculo XV; outro é JOÃO RODRIGUES FLORIAN, mas este floreceu no seculo XVI. O snr. SEIXAS viu em TICKNOR, em BOUTERWEK, ou em BARET um JUAN *Ruiz;* entendeu que *Ruiz* era uma abreviatura de *Rodrigues*, e d'est'arte expungiu da sua estitica resenha de escriptores do seculo XIV o arcipreste de Hita D. JOÃO DE RUIZ. *Ruiz* estendido em *Rodrigues* só conheço outro, *apud* THEOPHILO BRAGA, n'um dos tomos da sua **Historia da litteratura portugueza.**

No capitulo **Litteratura moderna,** quando chega á Italia, dá-nos noticias de ARETIN. O snr. SEIXAS importa os seus conhecimentos de litteratura italiana com escala por França, e por isso chrisma de *Aretin* o ARETINO. Por esta occasião nos diz que o *marinismo* de *Marini* (devia escrever *Marino*) corresponde ao *gongorismo* hespanhol e ao *euphonismo* inglez.

Euphonismo, Santo Deus! Que idéa fórma o snr. SEIXAS do *euphuism* de JOHN LILLIE? O euphuismo é justamente o invez de euphonismo. *Euphuism* é synonymo de *inelegance, barbarism, rudeness, affectation, cacophony.* E *euphonism* é synonymo de *elegance, grace, ease, purity, readiness, numerosity* [1]. Os euphuistas perverteram a lingua com o exemplo do **Euphues e a sua Inglaterra ou Anatomia do espirito,** livro de LILLIE, cheio de conceitos extravagantes e empolas de linguagem turgida, que não tinha vislumbres de euphonia. Parece que o snr. SEIXAS estudou idiomas pelo systema que inculca na sua **Galeria:** quatro philosophias e allemão e inglez no 3.º anno. Elle de certo não sahiu dos cenaculos do Chiado com infusão de linguas.

[1] *Thesaurus of english words and phrases,* etc., by PATER MARK ROGET. London, 1875.

No capitulo final, **Litteratura portugueza,** as suas idéas amesquinham-se n'um desdem sinceramente imperdoavel. Conhece FILINTO pelas odes propheticas da queda da Inquisição que lhe aprazem e pelas epicuristas de que não gosta. Queria que o perseguido velho se inspirasse do christianismo e da liberdade. O padre FRANCISCO MANOEL devia levar de Lisboa idéas muito cordiaes do christianismo para o cantar na Hollanda, e devia cantar em Paris a liberdade quando VICTOR HUGO festejava os nascimentos dos principes e LAMARTINE era realista. Tambem não gosta das **Cartas de Ecco e Narciso,** porque são *bucolicas sem correspondentes na nossa sociedade.* Realmente, CASTILHO em 26 devia escrever versos pastoris talhados para a sociedade do snr. SEIXAS em 79. Quanto ao mais, em philosophia encontra VERNEY, PADRE ANTONIO DE FIGUEIREDO e SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA, e, no restante, nada. Desconhece ou rejeita a **Historia da philosophia em Portugal nas suas relações com o movimento geral da philosophia,** livro de grossa erudição d'um snr. LOPES — philosopho de Alijó, que abriu os seus jardins de Academus em Monte-mór-o-Novo, Athenas muito superior a semelhante Platão. Attribue o snr. SEIXAS a nossa decadencia ao dominio ecclesiastico, aos inquisidores e aos jesuitas. Arguições d'esta natureza já orçam por frioleiras. Nem os jesuitas nem os dominicanos impediram que se divulgasse o **Novo methodo de estudar** de VERNEY, tão encomiado pelo snr. CUNHA SEIXAS. A philosophia que se aprendia em Coimbra era a aristotelica, em harmonia com a das primeiras universidades catholicas da Europa, desassombradas da censura inquisitorial. Os grandes livros de FR. MANOEL DO CENACULO não seriam uma leitura despecienda ao snr. SEIXAS, se elle quizesse seguir as modificações das sciencias philosophicas em Portugal.

Entre as 365 paginas d'este compacto livro do illustre concorrente ás cadeiras do Curso superior de letras ha, afóra o pedantismo, promessas de um bom professor das cousas que sabe. As pequenas maculas que lhe unhei em tamanha obra dão a perceber que o snr. SEIXAS sabe as cousas muito grandes, e ignora ou esqueceu as pequenas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

O DIREITO AO ALCANCE DE TODOS

OU

O ADVOGADO DE SI MESMO

POR

FRANCISCO ANTONIO VEIGA

Juiz de direito de 1.ª instancia

Este livro, editado pelo incansavel e prestante editor Ernesto Chardron, acaba de ter complemento com a publicação da **Segunda parte**. O seu insigne e laborioso author satisfez briosamente a espectativa de todos os que conheceram o interesse e valiosissima utilidade da **Primeira parte**, ha pouco publicada.

Tem, pois, agora o fôro portuguez e o publico em geral um instructivo e copioso **Diccionario de direito**, que prima por ser um prompto directorio facil e seguro nas multiplices relações da personalidade juridica de todos os individuos que se regem por leis portuguezas.

Quem possuir esta obra encontra n'ella, em mil conjuncturas da vida, o claro ensinamento das leis na sua constante applicação aos factos de cada dia. E porque o pretexto da ignorancia d'ellas a ninguem aproveita, bem se avalia quanto esta popular e prestante publicação importa ao conhecimento e trato de todos os homens, nos seus mais vitaes interesses de relação social.

Contém ella em fórma de **diccionario** e pela ordem alphabetica d'um extenso vocabulario juridico as mais importantes e usuaes noções praticas dos diversos ramos da jurisprudencia em materia CIVIL, CRIMINAL, ADMINISTRATIVA, COMMERCIAL, ECCLESIASTICA e de PROCESSO.

E porque succinta, mas substancialmente, preenche este como que encyclopedico fim, quasi contém **uma breve bibliotheca juridica**, que abrange as materias dos **codigos**, das **leis**, dos **decretos**, dos **regulamentos**, **portarias**, e outras disposições legislativas, consubstanciando a sua doutrina com os principios e regras da jurisprudencia.

Quando o foi o seu primeiro volume, differentes apreciações com justa critica o encareceram á consideração publica. Igual apreço, ou ainda maior, é devido ao segundo, que assim completa obra de tão reconhecida utilidade pratica.

Porto 28 de janeiro de 1878.

Antonio Rodrigues de Paula.

O direito ao alcance de todos ou o advogado de si mesmo, por Francisco Antonio Veiga, *juiz de direito de primeira instancia.*

É effectivamente um **Diccionario de direito usual** com as noções praticas do direito, e modêlos e fórmulas d'alguns actos sobre materia CIVIL, COMMERCIAL, ADMINISTRATIVA, CRIMINAL, ECCLESIASTICA e de PROCESSO.

O author, conhecido e respeitado em assumptos de jurisprudencia, vingou concluir um livro portuguez, inquestionavelmente util e popular, um livro indispensavel a todo o cidadão.

Em França ha tratados da sciencia do direito para uso da cidade e do campo; nos Estados-Unidos e nas nações mais cultas ensinam-se as leis nas escólas de instrucção primaria, porque lá entende-se que nenhum homem póde ser um bom cidadão se não conhecer a lei para a respeitar; em Portugal estavamos relativamente a esta necessidade n'uma insaciedade cruel; mas o **Advogado de si mesmo** veio finalmente preencher tão deploravel lacuna.

A ignorancia da lei a ninguem aproveita, porque ninguem a póde allegar

que faz o homem e produz a ordem, que é a saude dos povos.

Como um tratado popular de medicina, como uma cartilha de religião — este livro é altamente aproveitavel a todos.

Um distincto causidico formúla sobre esta publicação um juizo favoravel, mas justo.

Não havia, pois, verdadeiramente um **Diccionario de direito** que abrangesse os diversos ramos da sciencia na sua applicação pratica. Não havia um livro complexo e ao mesmo tempo conciso e synthetico, que methodica e promptamente podesse confirmar e esclarecer as reminiscencias do douto em conhecimentos da jurisprudencia, e servisse igualmente aos funccionarios de todas as categorias, e até aos hospedes de taes doutrinas de guia e conselho, ora pratico, ora theorico, nas instantes necessidades de cada momento; e tudo isto o interessante **diccionario** suppre com perfeita sufficiencia, offerecendo a todos um rico manancial de idéas fecundas e praticas.

É, pois, o **Diccionario de direito usual** um livro utilissimo e digno de toda a aceitação publica.

(*Do Commercio Portuguez*).

Temos sobre a nossa mesa de trabalho a Segunda parte do **Direito ao** ...**ce de todos ou o** ...**gado de si mes-**

...lsando-a com o mesmo interesse ... compulsáramos a **Primeira** ...cou-nos a convicção de que nos ...námos na breve apreciação que ...emos.

O **Direito ao alcance de todos** é, já o dissemos e repetimos, uma excellente publicação.

E não se creia que só tem utilidade para as pessoas estranhas ao fôro ou menos conhecedoras de jurisprudencia; esta obra é necessaria tambem para os mais experientes e para os que, envolvidos nas lides judiciaes por profissão, frequentam os tribunaes. Finalmente, não ha pessoa que não tenha necessidade de compulsar mais ou menos, em muitas occasiões, o **Diccionario de direito usual.**

Encontram-se n'elle as noções praticas do direito sobre materia CIVIL, COMMERCIAL, ADMINISTRATIVA, ECCLESIASTICA e de PROCESSO, e importantes fórmulas e modêlos dos actos mais frequentes sobre as referidas materias.

Para tornar mais proficua e mais interessante a sua obra, o eminente compilador não olvidou a citação das leis nos lugares competentes, proporcionando d'este modo a facilidade de buscar a respectiva legislação correlativa sobre qualquer assumpto, quando necessario, vantagem que facilmente reconhecem todos aquelles que tratam de negocios forenses.

O **Advogado de si mesmo** é, por isso, no nosso entender, uma publicação importante que deve estar em todas as estantes para ser compulsada a miudo; pois sendo um GUIA INDISPENSAVEL para os que desconhecem as mais triviaes noções de direito, é ao mesmo tempo APRECIAVEL AUXILIAR para os praticos e funccionarios publicos.

Guimarães.

G. P.

...ra util a administradores de concelho, juizes de ...o, juizes de paz e juizes ordinarios, advogados, ...vães de direito, escrivães do juizo ordinario e es...es do juizo de paz, presidentes das camaras mu...aes e das juntas de parochia, solicitadores, go...adores civis e seus secretarios, tabelliães, con...dores do registo predial, delegados do procu... regio, e a todas as pessoas que desejem possuir ...s indispensaveis de direito.

1 grosso volume de 540 paginas

Brochado .... 2$000 reis
Encadernado .... 2$400 »

A COMEDIA DE LISBOA

POR

GERVASIO LOBATO

COM UM PROLOGO POR MANOEL PINHEIRO CHAGAS

1 volume, 600 reis

Deve notar-se antes de tudo, no livro da **Comedia de Lisboa,** ser elle escripto por um mancebo que ao seu gosto natural pelas letras, e á louvavel applicação de que dá testemunho, deve a estimação que está principiando a gozar.

De ordinario não se acredita muito, nos primeiros dias, em talentos que surjam de repente sem que se saiba que aprendizagem tiveram. Vê-se um moço nos theatros, nos bailes, á hora do Chiado e do passeio no Passeio e no Chiado, depois á noite apparecer a cear nos *restaurantes,* conversar, demorar-se pela rua com os amigos que vai encontrando, recolher para casa alta noite; e, quando menos se espera, vê-se apparecer um artigo, apparecer um livro, apparecer uma peça, e isso feito por elle, feito por elle tudo isso, porque o artigo, o livro, a peça não se fizeram a si, e litterato a litterato poderá dar uma peça de ouro, se a tiver, mas uma peça de theatro, se a peça de theatro fôr bonita, não é natural que faça presente d'ella ao nome e á gloria d'um collega...

—É celebre! Tudo isto feito por elle! resmunga a gente sisuda, carregada de preoccupações e de cuidados domesticos. Mas vêmol-o por ahi a toda a hora, mas não nos voltamos para sitio nenhum que o não encontremos!

Se fosse uma questão de vaidade, a deploravel mania de querer passar por litterato unicamente para ter d'isso o titulo e os bilhetes de theatro... Mas, nem para isso é preciso um tal trabalho, nem o trabalho é nunca um disfarce e uma artimanha em cousas d'estas; trabalha-se em eleições por especulação, em letras não se trabalha senão por amor a ellas. Não consideram quasi nunca em lucros e em vantagens positivas, as vocações. O que nasceu para escriptor, sente a necessidade invencivel de escrever, que lhe paguem mais, que lhe paguem menos, que o apreciem, que o não apreciem, tem a sua idéa, confia n'ella, e caminha; de umas vezes, salva-se, chegam a vêl-o e a lêl-o: de outras vezes, morre, sem se dar por isso, como em vida quasi ninguem deu pelo que elle fizera.

....

Deus, que é soberanamente justo, concede no futuro um quinhão de gloria tanto mais segura e incontestavel, quanto mais amarga haja sido e mais atormentada a carreira d'um escriptor; se para com o nome de Lopes de Mendonça ha, e assim deve ser, uma especie de religião em conservar o culto da sua memoria, é porque a existencia de combate e de lucta, que elle teve, com uma sociedade, que por não estar preparada para aquelle genero de litteratura e para aquelle genero de talento, o não entendeu e apreciou devidamente, personifica, por que assim digamos, o destino dos grandes artistas e dos grandes escriptores, que quasi nunca durante a vida são avaliados á altura do que valem.

Por isso mesmo que é raro ser feliz desde os primeiros passos, e alcançar o acolhimento e a notoriedade tantas vezes regateada injustamente a outros pela vida adiante, a responsabilidade d'um escriptor, que o publico recebe, como author da **Comedia de Lisboa,** tão honrosa e lisonjeiramente nas suas composições de estreia, é mais séria e mais perigosa ainda. O publico costuma ficar sendo exigente com os seus predilectos na proporção do agrado com que os laurêa. O segredo de não cahir nunca, absolutamente, d'esse agrado, é merecel-o cada vez mais. Não o ha melhor, nem mais seguro. Póde-se cahir de repente, nas letras, como na politica, mas nunca por outro motivo que não seja aquella razão eterna de equidade e de compensação, que põe todas as cousas no seu lugar natural e verdadeiro.

Porque a sociedade actual se esteja materialisando nos commodos da vida, e acredite mais no bem alcançar que no bem merecer, cumpre ainda mais aos que, á falta de outros titulos, já vão tendo o da

experiencia, lembrarem aos mais novos as eternas condições da estimação indisputavel d'um escriptor, o aperfeiçoamento successivo e a fertilidade.

A **Comedia de Lisboa** é uma prova de talento litterario pela fluencia com que está escripta; tem mocidade, tem observação, e tem graça; sabe vêr, e sabe dizer: estão provados os dotes de escriptor do snr. GERVASIO LOBATO; está ganho o posto, agora é desvelar-se em o não desamparar. O trabalho, quando a gloria sorri, ainda é a consolação mais nobre, que o homem tem n'este mundo; e comquanto entre nós a gloria litteraria pareça estar sendo facil de mais, é, pelo contrario, é, por isso mesmo, mais difficil ainda; convém romper, e lograr que por entre as nuvens de incenso se differencem os pontifices dos sacristães!

Julio Cesar Machado.

NOVAS PUBLICAÇÕES

JOÃO DINIZ

NOVO RESUMO DA HISTORIA MODERNA DE PORTUGAL

ILLUSTRADO

Recopilado em conformidade com o programma official
para uso
dos que pretendem habilitar-se para o exame de admissão nos lyceus do reino

1 vol. com 31 retratos, 240 reis

Este resumo avulta entre todos os que teem visto a publicidade com identico fim. Apresenta uma physionomia moderna e verdadeiramente sympathica; as definições primordiaes que dá nas *noções preambulares*, são novas e coherentes com o corpo da materia; abrangem todo o definido; nada teem de superfluo nem cousa alguma omittem do original: resumem o proloquio latino *pauca sed bona*, o pouco, mas o bom e necessario.

Antes de enumerar os factos principaes occorridos no reinado de cada principe, colloca o author as datas do nascimento, acclamação, o fallecimento e os annos que governou, como para logo os recommendar á retentiva da criança; repete á frente de cada dynastia as datas do seu principio e fim.

Os factos capitaes de cada governação acham-se expostos na sua rigorosa ordem chronologica, com clareza, em linguagem portugueza e simples, sem ostentação de datas para não sobrecarregar a memoria do alumno, que deve aprender suavemente, sem grande esforço intellectual e que póde prejudicar tanto o desenvolvimento da sua educação physica como mental: é isto mesmo o que teem posto em pratica lá fóra os pedagogos de melhor nome, e os que applicam a sua actividade a estudar o melhor meio de instruir bem e depressa a infancia.

(Do *Commercio Portuguez*).

THESOURO DO TROVADOR

Collecção de **114 CANÇÕES** portuguezas e brazileiras, colligidas por JOÃO DINIZ e prefaciadas pelo Dr. JOSÉ SIMOES DIAS. Um elegante volume de 388 paginas.

Preço 600 reis

O **Thesouro do trovador** é uma selecção de canções e recitativos de poetas portuguezes e brazileiros, habilmente colligidos por João Diniz.

....

O **Thesouro do trovador**, como acertadamente escreve a penna brilhante de SIMÕES DIAS, presta o serviço relevante de fixar através de processos que se renovam e de escólas que se metamorphoseiam na successão do tempo a linha traçada pela poesia nacional, sendo o estudo critico das chrestomathias poeticas um dos que maior cultivo tem em França, Italia e na Allemanha. O poeta das **Peninsulares** define admiravelmente o caracter da obra n'um esplendido prefacio, portico delicadamente cinzelado que nos introduz ao convivio das musas: «Este livro, escreve elle, é um jardim oloroso, onde a variedade das flôres não destroe, antes completa a symetria da disposição; onde ha côres para todos os olhos, aromas para todos os olfatos, mimos para todos os paladares; repositorio da alma portugueza que chora e ri, duvída e crê, vive e agonisa, soluça e canta, desmaia e resurge, escabuja como um naufrago e espera como um vidente».

G. T.

NOUVELLES PUBLICATIONS

Lamarre

—

CAMOENS ET LES LUSIADES

Étude biographique, historique et littéraire, suivie du poëme annoté

1 volume... 1$600

JULES VERNE

—

UN CAPITAINE DE QUINZE ANS

1 vol. fº illustré... 1$800
1 vol. 18º......... 600

Fournel

—

LES RUES DU VIEUX PARIS

GALERIE POPULAIRE ET PITTORESQUE

1 gros vol. illustré br.... 2$000
Relié..................... 3$200

L'HISTOIRE

DE FRANCE

DEPUIS 1789 JUSQU'EN 1848

RACONTÉE A MES PETITS-ENFANTS

PAR M. GUIZOT

Tome Ier

COMPRENANT L'HISTOIRE DE FRANCE

DEPUIS 1789 JUSQU'EN 1878

Et illustré de 100 gravures dessinées sur bois

PAR

Émile Bayard, C. Delort, F. Lix, D. Maillar, E. Ronjat, A. Taylor, Th. Weber

Un magnifique volume grand in-8º jésus broché.................... 4$600
Richement relié avec fers spéciaux, tranches dorées............... 6$500

CLOVIS LAMARRE & GEORGES LAMY

—

LE PORTUGAL

ET

L'EXPOSITION DE 1878

1 vol. in-8º...................... 480

LA SUISSE

ÉTUDES ET VOYAGES A TRAVERS LES 22 CANTONS

PAR

JULES GOURDAULT

Genève, Vaud, Valais, Berne Unterwalden, Lucerne, Zug, Schwyz et Uri

Um magnifique volume grand in-4º contenant 850 gravures sur bois

Relié richement, tranches dorées. 15$000

CONNAIS-TOI TOI-MÊME

NOTIONS DE PHYSIOLOGIE

A L'USAGE DE LA JEUNESSE ET DES GENS DU MONDE

PAR

LOUIS FIGUIER

ILLUSTRÉES DE 25 GRANDES GRAVURES SUR BOIS

***d'après les dessins de* C. GILVERT**

De 150 figures techniques d'après les dessins de KARMANSKI, gravées sur cuivre par Rapine e accompagnées d'une planche en couleur.

Un beau vol. in-8º raisin broché 2$000
Relié dos en chagrin, plats en toile, tranches dorées.............. 3$000

AUCASSIN ET NICOLETTE

CHANTEFABLE

DU XIIe SIÈCLE

Traduite en français moderne et enrichie de 9 gravures

Par BIDA

Um beau volume petit in-4º, avec une préface de M. GASTON PARIS

Broché....................... 4$000

AVENTURES ET MÉSAVENTURES

DU

BARON DE MUNCHAUSEN

IMITÉES DE L'ALLEMAND PAR J. LEVOISIN

Un beau volume in-4º illustré de 18 planches en chromolithographie

Par E. BICHARD

Cartonné en percaline gaufrée... 2$400

1.º ANNO 1879 N.º 2

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

12 numeros, 500 reis

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

LIVRARIA INTERNACIONAL
DE
ERNESTO CHARDRON — PORTO | EUGENIO CHARDRON — BRAGA

1879

1.º ANNO 1879 N.º 2

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

SERIE DE 12 NUMEROS, 500 REIS

POESIAS POSTHUMAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Publicadas por Antonio Moutinho de Sousa. Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto, 1878, 8.º gr.

POESIAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Publicadas por Antonio Moutinho de Sousa (2.ª *edição*). *Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto, 1879. 8.º gr.*

A poesia de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES é estranha ao ideal que caracterisa os productos de épocas diversas. JUVENAL, BOILEAU, TOLENTINO E NOVAES frizam a todos os seculos, porque se inspiraram das corcovas insanaveis e irrisorias de todas as gerações. É fonte que não sécca jámais a Cabalina onde bebem os alegres observadores d'este carnaval perpetuo que se estreou, com ares tragicos, no paraiso, em Eva lograda pelo diabo. Um planeta que assim começou nunca poderá abster-se de ser um tanto comico.

XAVIER DE NOVAES não viu tudo; mas examinou com sagacidade rara tudo que viu; e, se o não captivassem respeitos indeclinaveis na sua posição dependente, poderia adivinhando fazer cantar nas dos salões. Não o fez NICOLAU TOLENTINO porque era um bureaucratico Andador das almas da familia: pedia sempre para si e para as irmãs. Não o fez FAUSTINO justamente pela razão inversa: — para que o não imaginassem capaz de aceitar o estipendio do seu silencio. E, depois, toda a gente lhe queria do coração áquelle operario francamente vaidoso do seu officio.

....

Não pensas que o independente,
Que é sobre os maus um açoite,
Bate quasi em toda a gente,
Mas trabalha, dia e noite,
Para ter que dar ao dente?

Não calculas a tortura
Que soffre o que bate o vicio,
E adora a virtude pura,

Tinha a musa ao pé do maçarico.

.... me chamam atrevido,
Que sem ter do latim nada aprendido,
Provoco em meus insipidos escriptos
Os genios immortaes, os eruditos
Que a vida tem gastado, e a paciencia,
Entre os bons *calhamaços* da sciencia,
Em quanto eu, infeliz, por não ser rico,
Me cançava bufando ao *maçarico!*

Brunia o ouro e as rimas simultaneamente. Não rendilhava as arrecadas das camponezas maiatas com lavores de Cellini ou Ludovici, nem as estrophes com as elegancias de Pereira da Cunha ou Gonçalves Crespo. Pesava na balança o cerebro dos seus admiradores, e dava-lhes a dóse certa de espirito que elles podiam digerir. D'ahi, a sua grande e ruidosa popularidade. Tirante os poetas sinistros, que tinham tragedias nos olhos, bronchite chronica nas cavernas do peito, e ululavam saudades de tres mulheres amadas e mortas problematicamente, toda a gente de grandes e pequenas letras se deleitava com os improvisos de Faustino de Novaes nos outeiros, nos saraus e nos banquetes onde elle, ás vezes com excesso, se deixava seduzir das tradições festeiras, mas pouco briosas dos seus predecessores no chiste.

Ninguem consolou maior numero de tolos seus conhecidos. Pintava-os em quintilhas, mostrava-lhes o retrato, e elles riam-se... dos visinhos, como os Sganarellos de Molière nas scenas que o leitor conhece.

Faustino era poeta necessario, tão necessario á evolução espiritual do Porto como uma boa barra á prosperidade do seu commercio. Ninguem, como elle, gozou seis annos de triumphos. Quantos poetas então vegetaram inconscientes das condições climatericas cobria-os a sombra da Upas de Java — arvore homicida. Esmaeceram, murcharam e lavraram as suas raizes na leiva dos cemiterios, em quanto Faustino medrava nas grandes inspirações e expirações da gargalhada.

Se olhava para o céo, era com o discreto proposito de se acautelar das trovoadas; e, em vez de abrir a sua alma aos mysterios do Azul, abria o guarda-chuva contra os aguaceiros.

Novaes teve uma doença implacavel de coração: um amor baixo, ignobil até á miseria que se deplora e não se perdôa. Foi essa deformidade moral que o propelliu para o Brazil. O critico mordente morrêra na sua terra desde o instante em que se amordaçou, facultando que um inimigo ferido lhe revidasse as satyras como flechas que varam a honra.

Tinha sido muito feliz. Aos 34 annos ria os risos explosivos de uma criança.

....
Nem hoje, aos *trinta e quatro* me confundo;
Mas folgo, rio e canto em tom festivo! —
— Pois eu tolo não sou — conheço o mundo!

Depois, no Brazil, sacudido pela desgraça e pelo opprobrio immerecido, entrou-se da combustão do desespero que lhe queimou o cerebro. Insandeceu e morreu. É uma historia negra que, a espaços, escureja de entre as **Poesias posthumas**.

O primeiro tomo dos seus versos é a mocidade, a exuberancia inculta, o riso bom do epigramma benevolo, sem odios nem invejas. Amor, sentimentalidades, finezas de coração, ou o poeta desconhecia isso, ou o occultava para se apartar da turba lamartiniana. Era a unica lyra da rua das Flôres que não soluçava. Tinha elle, alli, quatro visinhos poetas, lacrimaveis todos, e d'estes vive apenas um, o snr. A. Moutinho de Sousa, que desertou a tempo da ala dos namorados gementes, e nutriu como se vê. Os outros, Dias de Oliveira, Pinheiro Caldas, Nogueira Lima estão desfeitos.

Novaes mofava dos seus collegas esthericos. Em 1853 escrevia elle:

Folheando as lindas folhas
D'este album, fiquei pasmado!
Não encontrei um poeta
Que não fosse desgraçado!

Chorei ao vêr a *descrença*
Arreigada em corações
De mancebos, que no mundo
Passam por grandes ratões...

Será moda chorar sempre?
— Não quero a moda seguir:
Em quanto os poetas gemem,
Eu passo os dias a rir.

É moda descrêr de tudo?...
Tambem não quero descrêr:
— Creio em tudo quanto vejo,
E em tudo o que ouço dizer.

Creio nos jornaes politicos,
Nos hymnos e nos vivorios;
Creio até nos almanachs,
Folhinhas e repertorios;

Creio em homens e mulheres,
Creio em sabios e patetas,
Creio em vivos e defuntos,
Só não creio... nos poetas!

Estes rapazes decrepitos da actualidade cuidam e espalham que os poetas de ha 20 annos estavam carregados de idade média e tangiam cytharas, pela calada da noite, debaixo das adufas do Arco

de Sant'Anna e da Penna Ventosa. Persuadem-se que o individualismo lyrico era uma epidemia, e que todos os bardos, á força de chorar, tinham fistulas lacrimaes. Pena tenho eu que FAUSTINO XAVIER não chegasse até nós com o látego da satyra para os fazer entrar na escóla.

Ha 21 annos que eu escrevia a FAUSTINO na *Carta* que acompanha o seu segundo tomo de versos [1]: «A poesia das elevações, dos extasis, dos arrobamentos, é individual de mais para captar o interesse de muitos. Os poetas abstractos, os psychologicos, os orientalistas são excellentes creaturas, são talvez os que mais convisinham com os espiritos; mas que queres tu, NOVAES? para quatro d'esses poetas não ha quatro interpretes: a gente sobe com elles um pouco; e, á maneira que os sublimes aeronautas se engolfam nas nuvens, vem a gente cahindo como a arêa despejada dos saccos do balão. Terra-a-terra é o que se quer agora em que está provado que a lua, a casta lua, não dá trella a poetas, nem arrisca a sua virgindade a troco de algumas trovas puxadas da alma».

No segundo tomo dos versos, enviados do Rio de Janeiro, ha menos graça e mais atavios. O poeta abancou. Faz profissão das letras. Adorna os seus poemas de epigraphes classicas. Manuseia DIOGO BERNARDES, ANTONIO FERREIRA, e parodía CAMÕES. A correcção não desluz, mas dá ao sorriso a linha horaciana: já não é a casquinada, é a ironia, o tregeito um tanto aulico das pilherias de palacio. Lá nos vislumbra já o lyrismo amoroso. Foi o sol do Brazil que fez o prodigio, quando a desgraça e os annos lhe nevavam a cabeça; mas o poeta, receoso da mofa, entraja o seu cupido de *pierrot*.

Fingem-se paixões ardentes
Sem que do coração venham
As caudalosas correntes
D'affectos, em que se empenham,
Bem mais do que o peito, os dentes!

Teve amor, em outras eras,
Na terra tal poderio,
Que domava altivas feras; —
Hoje não — que amor e brio —
Virtude, honra — são chimeras.

Fundando o imperio brilhante
N'um sentimento profundo,
Foi monarcha dominante;
Mas, vendo virado o mundo,
Fez-se amor negociante.

E cahiu em tal desgraça,
Que hoje em dia as letras suas
Não teem desconto na praça;
E, forjando falcatruas,
Vivendo vai da trapaça!
....

As Poesias posthumas são o inverno torvo e algido d'aquella alma. Sente-se que o assombra o crepusculo da noite infinita. Ahi apparece ELVIRA, a paixão serodia, cheia da peçonha dos ciumes e insilveirada nos espinhos das difficuldades que a honra não ousa atropellar. O poeta presagia a demencia e a morte redemptora.

....
Não vês que a razão, perdida,
Mais não volta ao desgraçado
Que uma vez te viu sómente
Se de ti é separado,
Sem que um teu meigo sorriso
Revelando um céo interno
Possa vir suavemente
Transportal-o d'este inferno
Aos gozos do paraiso?

....

Vamos vêr se o céo clemente
Mais ameno abrigo encerra
Para este amor, tão ardente,
Tão desgraçado na terra!...

E n'outro relanço:

Sem ti, á força do pezar amargo,
Meu animo cedera, outr'ora forte;
D'esse estado, infeliz, fôra ao lethargo,
Do lethargo á loucura, e d'ella... á morte!

....

Que estado é este que a razão condemna,
E o pobre coração inda sustenta?
Porque matar-me quer agora a pena,
E a esperança, mais tarde, me aviventa?

A esperança?... A loucura...

....

Eu tenho uma carta de F. X. DE NOVAES, escripta á luz já vasquejante da sua razão. Conta-me com phrases rancorosas este seu amor, primeiramente correspondido com delirio, e depois ludibriado com a perfidia brutal de uma *cocodette*, posta em almoeda. Eu, quando vejo na cidade heroica esta heroina encanecida, cuido que o remorso lhe alvejou as tranças de Magdalena em edição barata; mas, se reflexiono, tiro a responsabilidade ao remorso, e adscrevo-a ao tempo. Ella é velha, a desgraçada! A vingança de NOVAES seria estrondosa, se eu, para então lhe abrir respiradouro á colera, publicasse a historia de ELVIRA que me elle

[1] Está no prelo por iniciativa da casa edi-

anno, se a sua ira lhe aconselhasse ainda o desforço. Não me redarguiu. E, antes de findo o anno aprasado, morreu. Foi melhor. Vingou-se mais nobremente assim. O corpo lá apodreceu á sombra de um monumento; mas a alma do poeta deve estar cravada no peito de Elvira como a folha hervada de um punhal. Eu sei lá! Ha peitos que fazem dos espartilhos uma couraça, e mulheres que não tem, sequer, a fibra vulneravel no calcanhar.

Camillo Castello Branco.

GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS

POR

J. M. DA CUNHA SEIXAS

RESPOSTA AO SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

I

INTRODUCÇÃO

No n.º 1 da **Bibliographia portugueza e estrangeira** vem publicado um artigo do snr. CAMILLO sobre este livro com acrimonia e ironia, improprias da imparcialidade e severo pensamento, que devem caracterisar a verdadeira critica. Nada n'esse artigo se parece com as exposições de SAINT-MARC-GIRARDIN, DE SAINT-BEUVE, GUSTAVO PLANCHE, REMUSAT e outros sobre as obras litterarias do seu tempo. Nada ahi ha que nos lembre as luminosas exposições da **Revue des deux mondes**, da **Revue philosophique**, da **Revue historique** e de outras publicações d'este genero.

O snr. CAMILLO começa por uma ironia e acaba por outra sem haver motivos pessoaes os mais leves.

Em todo o livro não ha um pensamento, que se exceptue apesar de n'elle se revelar pelo menos arduo e longo estudo, que se manifesta, publicando-se com dessassombro o que largos annos foi pensado.

Aquella critica sómente consiste em se pôrem ao claro quaesquer defeitos para se votar ao fogo todo o livro. MIÇKIEWICZ no seu celebrado livro dos **Peregrinos** queixava-se de que os polacos, ao fallarem da patria, apenas publicassem as miserias domesticas e não as virtudes e comparava-os ao homem, que, querendo mostrar a sua casa ao hospede, começa pelo enfadar, amostrando-lhe os lugares humildes da casa. O snr. CAMILLO patenteia o que lhe parece defeituoso e a tudo o mais destina satyras inexoraveis.

Como n'esta questão só o publico póde ser juiz, vamos submetter-lhe algumas considerações ... [illegible]

II

ULTIMO ESTADO DAS SCIENCIAS

Como o livro promette dizer o *ultimo estado* não de todas as sciencias mas das que n'elle são tratadas, diz o snr. CAMILLO, que *satisfaz cabalmente.*

Pensar-se-ha, que o snr. CAMILLO demonstra, que nas questões anthropologicas por exemplo se não declaram a definição actual da sciencia, a differença, que ha entre esta e outras sciencias parallelas, as classificações mais modernas, os argumentos pró e contra o reino humano, a época de apparição do homem no globo?

Demonstra o snr. CAMILLO, que na archeologia geologica e nos oito mappas synchronicos, que exhibimos, ha inexactidões ou lacunas quanto á parte geologica ou quanto á flora e á fauna, para ficar patente, que apenas ficamos em CUVIER e que não acompanhamos o grande movimento de HUXLEY, VOGT, DARWIN e outros?

Demonstra o snr. CAMILLO, que na esthetica não mencionamos todos os systemas contemporaneos, os mais encontrados, taes como os de JOUFFROY e TAINE, GIOBERTI e PROUDHON, COUSIN e outros? Demonstra, que não emittimos o nosso juizo, franca e abertamente, expondo ainda uma theoria nossa e dando-lhe varias applicações? Quando nós citamos VYASA e VALMIKI, FIRDUSI, HOMERO, EURIPIDES, VIRGILIO, CERVANTES, CAMÕES, VOLTAIRE, MOLIÈRE, DANTE, GŒTHE, SHAKESPEARE e VICTOR HUGO, não fazemos exemplificações significativas para ficarem patentes as applicações?

Se fazemos o mesmo com relação á linguistica, á psychologia, ao exame dos systemas ... o snr. CAMILLO não de-

respeitar uma critica, onde apenas com duas palavras — *satisfaz cabalmente* — fica tudo rejeitado?

Como o snr. CAMILLO n'esta parte nada demonstra e apenas se contenta com aquellas duas palavras, é-nos licito reagir contra este *ipse dixit* no seculo das demonstrações. Respeitaremos pois o snr. CAMILLO mas não a sua critica, o sympathico e popularissimo romancista e não o seu artigo authoritario, em que com duas unicas palavras, que não são critica, pretende destruir tanto estudo, exposto com consciencia e exactidão. Para o snr. CAMILLO todos os nossos respeitos, todas as attenções: para o artigo menos pensado *n'esta parte* toda a nossa opposição: acima de todas as polemicas o publico, supremo julgador. Ao insigne litterato toda a nossa homenagem: ao seu artigo, menos prudente, os nossos justissimos reparos, em que nos ficarão vedadas as armas da ironia e muito mais as da falta de respeito pelo author do **Amor de perdição** e de outros romances, com que tanto se honra a nossa litteratura.

III

SYSTEMA DE PHILOSOPHIA E COMTE

Sempre firme na ironia, diz o snr. CAMILLO entre outras amabilidades:

«O snr. SEIXAS, advogado em Lisboa, exhibe um systema novo de philosophia... o que quer que seja, para desfazer o positivismo de COMTE». Depois falla em BUNZEN: e diz:

«Parece que o não conhece; mas adivinhou-o, quando formulava *o seu systema novo de philosophia* [1]. Encontraram-se».

Muito bem. Ficamos sabendo, que um advogado não póde crear um systema de philosophia. Nenhum advogado póde saber mais cousa alguma que as sciencias pertencentes á profissão. Podiamos aqui mencionar uma longa lista de advogados, poetas, philosophos e historiadores: podiamos tambem fazer uma resenha de grandes philosophos, que tinham profissões humildes. Deixemos porém ao illustrado critico o cuidado de se mostrar erudito, salvos os reparos, que ainda faremos contra os seus conselhos ao ensinar-nos os livros, que devemos estudar. Não conhecemos philosopho algum allemão d'onde colhessemos as nossas argumentações contra COMTE: fazemos n'isto confissão franca e publica de total ignorancia. Temos lido dous livros de TIBERGHIEN (entre outros) em que trata de COMTE: em nenhum d'elles se acham as nossas argumentações. TIBERGHIEN é professor belga e refere-se a COMTE nos seus **Etudes de philosophie** e na **Introduction a la philosophie**. TIBERGHIEN é discipulo de KRAUSE e só n'este sentido póde fornecer o mercado allemão. Os seus argumentos porém são bastante diversos dos que nós exhibimos, como os leitores podem verificar, comparando estes dous excellentes livros com os pobres capitulos do nosso livro, antes nascidos de estudos nossos e de reflexão propria. Se apesar d'esta ultima circumstancia os nossos reparos contra a philosophia de COMTE podem ser aproximados dos de outros escriptores, o snr. CAMILLO devia antes fallar nos mercados francezes e inglezes, em ST. MILL, em P. JANET, SAISSET, em FRANCK e n'outros escriptores. Devia o snr. CAMILLO saber, que a Allemanha está em parte dominada ainda pelas escólas hegelianas, chamadas lá direita e esquerda e centro de HEGEL, pelas escólas darwinistas e evolutivas, pela escóla monistica e finalmente pela escóla materialista. Das escólas hegelianas e não de COMTE nasceu o movimento allemão contemporaneo, em que notamos grande vitalidade principalmente com relação á esquerda, representada por MICHELET de Berlim e por STRAUSS, sendo a extrema esquerda representada por BAUER, FEUERBACH e outros. Depois seguiu-se a escóla *pessimista* de SCHOPENHAUER, hoje continuada com modificações pela escóla *inconsciente* de HARTMANN. Ao mesmo tempo surgiram os materialistas MOLESCHOTT, BÜCHNER e outros. A evolução e o darwinismo inglez são representados por HÆCHEL e outros, que são tambem com STRAUSS um tanto monistas.

A escóla comteana transpoz o estreito da Mancha e tem grandes affinidades com as escólas inglezas, onde essas doutrinas se aceitam mais facilmente que na Allemanha.

Não seriam pois os mercados allemães os mais proprios para nos inspirar contra COMTE, mas sim aquelles em que COMTE tem tido mais influencia e é mais estudado e onde por tanto ha mais analyses do seu systema, como a de SPENCER, a de ST. MILL e as de outros.

É pois inteiramente inexacto o snr. CAMILLO, quando imagina, que foram os mercados allemães, onde COMTE não

1 A letra especial é a do artigo.

tem influencia ou a tem menor, os fornecedores das nossas argumentações. Parecendo-nos clara esta exposição, não duvidamos de que o publico estará n'esta parte do nosso lado contra o snr. CAMILLO.

IV

O NOSSO SYSTEMA DE PHILOSOPHIA

O snr. CAMILLO entende, que o nosso systema é o de BUNZEN.

Tem o nosso systema tres leis, explicadas no livro e chamadas: ser, manifestação e harmonia. É facil aproximar este systema do de Santo Agostinho, que na sua obra magistral sobre a trindade diz, que toda a creatura subsiste no seu ser, tem uma fórma, que lhe é propria e é ordenada em alguma outra. E é claramente manifesto, que o nosso systema diverge do de Santo Agostinho, que não o desenvolveu. É facil aproximar as nossas tres leis da these, anthithese e synthese da philosophia allemã desde KANT até HEGEL. E tambem não é difficil marcarmos as differenças capitaes, que distanceiam o nosso dos systemas allemães.

É facil aproximar-se o nosso systema do de KRAUSE nas suas tres leis da unidade, variedade e harmonia. E tambem é facil mostrar-se com a maior evidencia em que differem os dous systemas.

Póde o nosso systema aproximar-se do de BORDAS-DEMOULIN na theoria que este dá do infinito. E não obstante os dous systemas differem profundamente.

O mesmo succede com relação ao systema de GIOBERTI. Não é difficil mostrar-se a parte, que no nosso systema tomaram as escólas cartesianas do seculo XVII e a parte, que n'elle toma a escóla espiritualista franceza. O proprio livro nota as faltas das escólas cartezianas e as lacunas e erros da escóla espiritualista franceza contemporanea.

Novidade completa nunca póde haver em um systema de philosophia. Quando se diz novo, sempre se entende, que a novidade é *relativa* e *limitada*. *Nihil sub sole novum.* A novidade no systema de um philosopho consiste ou em ser muito completo como os de DESCARTES e LEIBNITZ, ou em pôr em maior relevo certos factos com desprezo de outros, como os de LOCKE e COMTE, ou na maior generalisação dos factos e no modo synthetico como o de KRAUSE, ou no modo profundo novo no sentido em que são novos todos os systemas do escriptor, que combate *todos* os philosophos e em *todos* encontra defeitos como nós notamos. Não somos partidarios de systema algum especial: não somos discipulos de HEGEL, como VERA; nem de KRAUSE, como AHRENS, TIBERGHIEN e diversos escriptores hespanhoes; nem de BORDAS-DEMOULIN como MATHEUS, HUET, CAMPOAMOR e outros; nem de COMTE, como TAINE, TH. RIBOT, LITTRÉ e outros.

Formámos o nosso systema depois de longo estudo, fazendo uma concatenação, em que temos em mira abraçar todos os progressos das sciencias sem desconhecer as verdades *reaes* ainda das escólas positivistas e evolucionistas. Para este fim formulámos leis universaes e organisamos por ellas todas as sciencias, tratando de algumas das applicações n'este livro. Assim applicamos o systema psychologico á esthetica, á ontologia, á historia, á methodologia, á logica, á theodicêa, á moral, ao direito, á sciencia da natureza.

Não são segredo as paternidades do systema: antes andam publicadas no nosso opusculo **Principios geraes de philosophia da historia**, cap. VIII. Todo o pensador se honra em apresentar quem o precede. COMTE honrava-se em se fazer discipulo de KANT. SCHOPENHAUER diz-se fiel discipulo de KANT. Nós dizemo-nos discipulos de todos os pensadores. Chamamos porém *novo* o nosso systema e o continuaremos a chamar, em quanto nos não fôr demonstrado, que as nossas tres leis e os quadros scientificos, procedentes d'ellas, são copia de algum systema conhecido. É isto que o snr. CAMILLO devia ter feito e é isto todavia mais difficil do que espraiar vistas desdenhosas sobre o Chiado e sobre o Aterro da Boa-Vista, sitios, que nós não temos muito tempo de frequentar.

V

O NOSSO SYSTEMA E BUNZEN

Entende o snr. CAMILLO, que o nosso systema é o de BUNZEN, author de **Deus na historia** e pergunta-nos, se o conhecemos.

Podemos declarar, que foi por nós publicamente citado na nossa lição, dada no Curso superior de letras do dia 21 de dezembro sobre liberdade civica em Ro-

estão já atrazados na sciencia da mythologia comparada de que se occuparam.

Na nossa exposição synthetica da philosophia allemã depois de Kant (cap. xxiv) não fallámos em Bunzen, porque, apesar de respeitabilissimo escriptor, nem elle proprio se entendeu collocado no quadro das grandes creações allemãs. Por isso e porque nós não tratamos das especialidades mas da marcha geral da sciencia allemã não mencionamos Bunzen, que é apenas um escriptor de historia e nem ainda de historia geral nas suas diversas relações mas principalmente sob o ponto de vista religioso. Se nós tivessemos de citar por exemplo os especialistas de sciencia religiosa na sabia Allemanha teriamos muito campo a percorrer. A philosophia foi por longos annos serva da religião: *philosophia theologiæ ancilla*. Depois emancipou-se e tornando-se independente da tutela entrou a examinar profundamente as cousas religiosas até alcançar consequencias, que nem sempre é prudente discutir.

O estado da philosophia allemã n'esta repartição é de um arrojo assombroso. Sem lembrarmos as theorias da *razão theorica* de Kant, que expulsa Deus da metaphysica, onde expõe as suas celebradas antinomias, mal atacadas por Cousin, sem recordarmos, que o proprio Fichte só acha Deus como Kant na ordem moral, sendo ambos seguidos por Lessing, veremos em Schelling e Hegel o pantheismo alliado a uma profunda religiosidade, sendo certo porém, que o Deus de um e outro não é certamente o Deus do christianismo. Mais tarde surgiu Schleiermacher, Gœrrhes, Baader, Kreutzer, até chegarmos aos estudos christãos de Ewerbech, Strauss e outros.

A escóla franceza tambem não fica silenciosa e n'ella contemplamos depois das tormentas do seculo xviii Benjamin Constant, a grande escóla theologica de Ballanche, de de Maistre e outros, além dos estudos actuaes.

É manifesto, que occupando-nos no cap. xxiv do movimento *geral* dos philosophos, que formaram *escólas* não tinhamos de nos occupar dos philosophos *secundarios* e por isso não entraram na nossa exposição os trabalhos de Bouterwech, Fries, Reinholdt, Beck, Bardili, Salat, Schultze, Krug e alguns mais ainda.

Vê-se pois, que assim como deixamos de fallar n'estes philosophos tambem nada dissemos de Bunzen, que entra na ordem dos philosophos *secundarios* apesar de notavel e dignissimo de estudo. O snr. CAMILLO porém, que não vê o nome de Bunzen no livro, imagina por isso ou que ignoramos a sua existencia ou que *copiamos* d'elle o que chamamos nosso systema e imagina com isto ter feito uma rica descoberta, dando a entender talvez, que, se occultamos o nome de Bunzen, foi com o fim de darmos por nosso o que é d'elle!

Somos bastante ignorantes e desejariamos estar isentos d'esta falta de sciencia; mas não chega a nossa ignorancia ao ponto de fazermos de Bunzen um author de systema e menos um dos nossos inspiradores.

Bunzen teve por alvo o estudo das mythologias e não o da historia geral e menos o de uma reforma do saber humano, com quanto o estudo das mythologias se acompanhe necessariamente de muitos conhecimentos genericos. Bunzen por tanto além de outras obras notaveis sobre diversas especialidades escreveu a que intitulou **Deus na historia**, que é uma philosophia da historia sob o ponto de vista religioso, como a de Quinet, a de Bournuff, a de Trottet e outras. Os seus principios mais geraes são: a presença de Deus na nossa consciencia, a personalidade consciente como origem da vida historica, a vontade e os actos do homem como *motores* da historia, o methodo da *inducção* (e não outro), a revelação de Deus pelas faculdades humanas da vontade, intelligencia e imaginação, a época intuitiva ou sentimento de Deus, o movimento da intuição e reflexão, terminando-se na consciencia philosophica.

Por outras palavras e em resumo Bunzen segue em geral a philosophia allemã nas tres leis da these, antithese e synthese. A primeira época, sendo para Fichte a da innocencia e para Schelling a da fatalidade é para Bunzen como para Cousin a da intuição, sendo esta em Cousin um pouco exterior ao homem e para Bunzen sempre interna, como uma das fórmas da *consciencia*. O nosso systema philosophico tem intimas relações com a philosophia allemã e separa-se muito d'ella não só nas bases mas ainda nas applicações, como se separa das theorias de Cousin, que não soube dizer a ordem dos termos finito, infinito e relação d'ambos e não achou o terceiro termo depois da intuição e reflexão. O nosso systema afasta-se da simples theoria (e não systema) de Bunzen, em que na theoria d'este sómente figuram o homem e Deus, aquelle com sua vontade e suas faculda-

des, *actores* da historia, este guiando e dominando o sentimento. A primeira lei da nossa theoria da finalidade envolve os elementos anthropologicos, biologicos, geographicos e outros, prestando-se assim a devida homenagem e aceitando-se n'esta parte o pensamento moderno, representado pelo positivismo, e pela philosophia ingleza de BUCKLE, DRAPER e SPENCER, e por alguns allemães posteriores a BUNZEN. A segunda lei do nosso quadro historico e de todos os nossos quadros scientificos pertence como elemento a *evolução,* que não figurava em BUNZEN. A terceira lei expressa realidades inteiramente diversas das de BUNZEN. O methodo d'este é a *inducção:* o nosso, exposto no capitulo XXVI, é muito mais completo e nem sequer se admitte comparação.

Como o snr. CAMILLO viu algumas semelhanças não reparou nas differenças capitaes: ora, se attendermos a semelhanças, vêl-as-hemos muito mais patentes com os systemas de BORDAS-DEMOULIN, KRAUSE, GIOBERTI e outros philosophos, que mais nos podiam inspirar. A *theoria* de BUNZEN não tem uma só cousa nova: é uma das applicações do *systema* de FICHTE: os *systemas,* que temos enumerado, são aspirações a correspondentes reformas da sciencia humana em todas as suas faces.

Temos pois demonstrado:

Que não tratando o nosso livro dos philosophos secundarios não tinhamos que mencionar BUNZEN:

Que o nosso systema não é o de BUNZEN; nem a simples e limitadissima theoria d'este mythologo podia ter sido fonte, d'onde colhessemos as nossas idéas.

Se se considera, que não ha facto algum nas sciencias contemporaneas, que não caiba dentro do nosso vastissimo systema, se se attende a que muitos dos elementos da nossa concatenação scientifica são colhidos em dados actuaes, descobertos ha menos de dez annos, fica evidente, que é até absurdo o pensar-se, que podessemos ser inspirados por BUNZEN, que relativamente é bastante antigo e sobre tudo foi insigne na mythologia sem em tempo algum ter tido nomeada e escóla na sciencia em geral, de que se não occupou.

Se porém se julga, que um Deus na historia será uma imitação de BUNZEN, ainda isto será inexacto, porque para esse pensamento não carecemos senão da *Historia universal* de BOSSUET, que é muito conhecida ou ainda das theorias da escóla theologica, que, representada por DE MAISTRE e BAUTAIN e outros em França e VENTURA DE RAULICA e alguns mais na Italia, proclama esse mesmo pensamento.

Cremos porém, que o snr. CAMILLO faz muito triste conceito de BUNZEN, porque, dizendo, que nos *encontramos* e chamando ao systema do livro — *o que quer que seja* — fórma por tanto do pensamento do livro e do pensamento de BUNZEN uma idéa pouco lisongeira para ambos.

Vê-se assim, que a critica do snr. CAMILLO *n'esta parte* se limita a duas cousas: a chamar o nosso systema — o que quer que seja — e a identifical-o com o systema (?) de BUNZEN, que certamente não imaginou ser tão mal entendido.

E a isto chamar-se-ha critica ou antes se deverá dizer, que ha por vezes esquecimentos de genio, prestaveis a justos reparos?

O publico decidirá. Continuaremos respondendo a tudo o mais.

J. M. da Cunha Seixas.

NOVO RESUMO DA HISTORIA MODERNA DE PORTUGAL

(ILLUSTRADO)

Recopilado em conformidade com o programma official
para uso
dos que pretendem habilitar-se para o exame de admissão aos lyceus do reino

POR

JOÃO DINIZ

Livraria Internacional de Ernesto Chardron, Porto. 1 volume in-8.º

Os criticos inadvertidamente costumam dar pouca importancia aos escriptos d'esta natureza. Um livrinho de historia patria afeiçoada ao entendimento de alumnos de instrucção primaria parece-lhes objecto somenos da sua attenção. D'este desdem se aproveitaram pessoas insufficientes, publicando compendios, que favorecidos pela indulgencia, se não pela ignorancia, dos qualificadores da instrucção publica, ahi correm muito ufanos e lucrativos das suas dezenas de edições. Não se póde dizer que uns são peores que os outros; porque reciprocamente se copiam com homogenea fidelidade as mesmas futilidades, os mesmos preconceitos, uns hauridos no La Clede, outros na **Historia de Portugal,** *composta em inglez por uma sociedade de litteratos,* e muitos em Ferdinand Denis. Resumos escriptos já depois que Schœffer, Herculano e Rebello da Silva dilucidaram as obscuridades e corrigiram os desacertos, continuam gafados dos antigos vicios. Os fabricantes d'estes livros de mercantilismo desculpam-se com a evasiva de que a historia escripta para rapazes os dispensa a elles historiadores de a estudarem.

Veio o snr. JOÃO DINIZ perturbar estes comezinhos habitos com a excepção do seu **Novo resumo da historia moderna de Portugal.** Nas **Duas palavras** e **Noções preambulares,** que precedem o seu trabalho de esclarecida selecção, revela-se capacidade para obra de maior alcance. O novel escriptor poderia talhar mais ampla área aos seus estudos historicos, e dotar as aulas de um compendio menos conciso; sujeitando-se, porém, á pauta absurda chamada *programma official,* reduziu com excellente habilidade os factos essenciaes illustrando-os de reflexões quasi sempre incontroversas. «Quasi sempre», digo, porque não estamos de perfeito accordo no seu e meu modo de vêr o marquez de Pombal. O snr. JOÃO DINIZ vê a collectividade das cousas, e eu reparo mais attentamente nos individuos. Cada qual de nós tem a sua politica, e parece que retrocedemos a ser coevos das acções do ministro de D. José I. Bem póde ser que ambos estejamos apaixonados, visto que ainda actuam sobre os espiritos de hoje os influxos politicos de ha seculo e meio.

Historiando o reinado de D. Maria I diz o snr. JOÃO DINIZ que a rainha desterrára o marquez, e, *mal aconselhada sempre, mandou que em seguida fossem postos em liberdade todos os presos encarcerados no tempo de seu pai, e regressassem ao reino os desterrados.*

Quer-me parecer que a rainha, mandando descerrar as portas dos carceres a pessoas não culpadas por sentenças, andou bem aconselhada. A maioria dos presos, e dos desterrados como José de Seabra da Silva, nunca receberam nota de culpa. O snr. DINIZ sabe com certeza que Sebastião José de Carvalho não precedia de formalidades morosas a prisão, o patibulo e o desterro. Servia-se da lei dos processos, quando o delicto estava de antemão provado e o réo virtualmente convicto; mas, nos casos duvidosos, mandava matar... interinamente. O parecer de que a rainha foi mal aconselhada parece-me que não poderia resistir á exposição dos factos, apesar da aptidão indisputavel do snr. JOÃO DINIZ. O proprio marquez confessou os delictos e pediu perdão das suas demasias á rainha. Seria nimia pusillanimidade ou excessiva misericordia a da soberana, se mantivesse no governo o ministro que intentára desherdal-a da corôa; por outro lado, orçaria pela barbaridade, se retivesse nas masmorras da Junqueira e Cova da Moi-

ra os amigos dos Tavoras, um dos quaes havia expiado no patibulo de Belem o pundonor com que intentára desaffrontar-se do estigma que D. José I lhe pozera no leito conjugal. Quereria eu que a historia não expungisse do quadro os individuos atropellados debaixo das rodas do carro do progresso; sendo que os beneficios do marquez ás industrias e artes foram tão fragilmente cimentados que ainda em sua vida se derruiram á mingoa de alicerce.

A hypothese do snr. JOAO DINIZ não é um erro, nem sequer um desvio de boa apreciação: é a idéa de uma escóla a que pertencem alguns notaveis pensadores e propugnadores da civilisação pela liberdade, e da cauterisação das feridas sociaes pela amputação dos individuos enfermos. Eu, de mim, sou mais pelo systema dos emollientes. João Pedro Ribeiro, nas suas Reflexões historicas, mostra-se muito receoso de julgar os homens á distancia dos factos. «...Longe de seguir o exemplo de alguns authores (diz elle) que do fundo do seu gabinete chamam a juizo os soberanos de todas as nações e idades, e decidem afoutamente da justiça e injustiça, prudencia ou imprudencia das suas resoluções, como se tivessem assistido aos seus conselhos, e sabido todos os motivos que os determinaram, apenas me atrevo... a fazer as ponderações que parecem mais desviadas da temeridade».

Este canon historico do grande sabio que eu applico ao snr. JOÃO DINIZ na questão sujeita, póde elle tambem applicar-m'o; e eu, respeitando quanto devo o preceito, continuarei a execrar o marquez de Pombal, e a não condescender com a opinião dos que attribuem aos illustres homicidas o melhoramento da especie humana. Este paradoxo vem de tão longe que alguns historiadores consignam á ferocidade de Nero o rapido progresso do christianismo. Ora eu tambem seria apologista de Nero, se no seio do christianismo impulsionado inconsciamente pelo filho de Agrippina, não coexistissem os reformadores sanguinarios como Sebastião José de Carvalho.

Camillo Castello Branco.

LIVROS ELEMENTARES

João Diniz

Novo resumo da historia moderna de Portugal, illustrado, e recopilado em harmonia com o programma official........................ 240

Raposo Botelho

Compendio de chorographia portugueza, para uso das escólas. 1 volume com dous mappas, um de Portugal e um mappa-mundi........... 320

A mesma obra sem mappas.... 200

Problemas para uso dos meninos que se preparam para exame d'instrucção primaria..................... 200

Arithmetica pratica, contendo as materias exigidas pelo novo regulamento dos lyceus, para o 1.º e 2.º annos de mathematicas............... 600

Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o ultimo programma official. 2.ª edição.............. 600

M. Salgey

Problemas d'arithmetica e exercicios de calculo sobre questões ordinarias da vida, contendo 921 problemas com as resoluções. 6.ª edição, traduzida por J. C. L. de Carvalho..... 600

Noções elementares de agricultura

Para servirem de guia aos candidatos ao magisterio primario........... 250

Quadro dos pesos e medidas

Uma folha em papel cartão...... 400

Envernizado e com paus........ 1$200

I. de Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na Historia de Portugal................... 400

Michel Charbonneau

Curso theorico e pratico de pedagogia, traduzido da 3.ª edição por José Nicolau Raposo Botelho....... 1$000

M. Lamé Fleury

A historia antiga, para uso da mocidade, versão d'Arnaldo de Faria 400

A. da Silva Dias

Arithmetica elementar e systema metrico, com um quadro de pesos e medidas metricas............... 200

Jacob Bensabat

Novo methodo portuguez para ensino de leitura sem soletração. 2.ª edição......................... 80

D. JAYME BALMES

Curso de Philosophia Elementar

LOGICA, METAPHYSICA, ETHICA, HISTORIA DA PHILOSOPHIA

TRADUCÇÃO DE

JOSÉ SIMÕES DIAS

Professor de litteratura no lyceu nacional de Vizeu

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON. PORTO, 1878

2 volumes, 1$200

A perversão das idéas que todos nós lamentamos começa nas escólas d'instrucção secundaria, e consumma-se nos grandes centros scientificos, as academias. Os livros que servem de texto ás lições dos jovens estudantes são a taça por onde lhes propinam o veneno aquelles que por uma obrigação de consciencia e ás vezes por um juramento solemne, lhes deveriam formar o espirito e o coração pelo ensinamento da verdade que é a vida da alma como o erro é a sua morte.

Quando a intelligencia dos jovens começa a desenvolver-se e a suspirar pela verdade, seu ideal, vem o estudo da philosophia sem Deus, materialista mal disfarçada, abafar-lhes aquella razão a desabrochar e que tão alto podia elevar-se se mão prudente e sábia a guiasse para essas espheras luminosas onde vive a verdade, o bem e o bello.

Nas nossas escólas os compendios de philosophia, são, com honrosas excepções, diffusos uns, deficientes outros, mal coordenados aquelles, e perigosos nas idéas quasi todos. Limitam-se a traduzir certos livros de materialismo mais ou menos disfarçado, e depois da approvação official do *deus* Estado que não lê nem mando lêr por pessoas idoneas os compendios que tem de servir para a educação litteraria dos jovens, eil-os nas escólas como outras tantas fontes de descrença e impiedade, e mais tarde de desordem e anarchia social. Todos estes males se remediavam se houvesse mais escrupulo e mais consciencia na confecção dos livros elementares, mais prudencia nos governos, e menos espirito de ganancia e especulação...

O livro de philosophia elementar de BALMES podia mui bem servir de texto em as nossas escólas d'instrucção secundaria. A doutrina sobre ser pura, é exposta com tal lucidez e clareza que facilmente a comprehendem os jovens principiantes. Pureza de doutrina e clareza na sua exposição, que mais se póde exigir d'um livro elementar ? Se no magnifico livro de BALMES apparecem quiçá certas *sombras* de cartesianismo, ninguem verá n'isto um defeito de tal ordem, que obscureça o grande merecimento, a grande orthodoxia, e a incomparavel clareza da **Philosophia elementar** d'aquelle grande vulto cuja passagem sobre a terra foi um astro que alumiou. BALMES, que é a gloria da moderna Hespanha, foi um philosopho christão; nas suas altissimas concepções philosophicas achou sempre, como era natural, uma perfeita harmonia entre a razão e a fé, entre a ordem natural e a sobrenatural. Ninguem melhor que elle combateu a chamada philosophia allemã, origem unica de todos os erros que como outros tantos flagellos opprimem as sociedades.

A sua **Philosophia fundamental** é um monumento de saber, um prodigio de logica invencivel que reduziu a pó as theorias nebulosas e estereis do philosophismo allemão. Recommendamos e muito a leitura meditada da **Philosophia elementar** de BALMES, primorosamente traduzida pelo distincto litterato JOSÉ SIMÕES DIAS, e editada pela casa CHARDRON, a todos

os que desejam possuir noções puras, exactas e claras sobre a philosophia que é a sciencia do espirito humano nas suas variadas manifestações e relações, e a base indispensavel para a acquisição de conhecimentos superiores em todas as sciencias.

Dr. Luiz Maria da Silva Ramos.

(Da *Civilisação Catholica*).

Acaba de expôr á venda a Livraria Internacional do snr. Ernesto Chardron o 2.º volume d'esta excellente obra do eminente philosopho hespanhol, um dos mais esplendidos talentos da nação visinha, tão prematuramente ceifado pela morte.

Nenhum conhecemos entre os innumeraveis tratados de **Philosophia elementar** que se avantaje na deducção rigorosa das idéas e na exposição clara e precisa da doutrina, a **este** de JAYME BALMES. N'isto vai o **maior** e seu completo elogio. E não só **como** expositor aos que estudam a **Philosophia** póde ella servir, que reaes e verdadeiros serviços prestára tambem, alargando-lhes os horisontes da vida intellectual, a todos os que não vivam só para os prazeres ou saciedades e precisões do corpo e da vida material. A **Historia da philosophia** com que fecha a obra é uma verdadeira **chave** d'ouro, e em tão pequeno tomo **não** cremos que possa haver quem mais e melhor exponha e caracterise em **rapidos** mas indeleveis traços, todas as **diversas** e innumeras escólas de **Philosophia** que se tem disputado no mundo, frisando os seus pontos de **contacto** e suas divergencias.

Recommendamos, pois, esta obra como digna do melhor acolhimento.

B. Velloso.

PUBLIÇAÇÕES BRAZILEIRAS

LIVROS DE JURISPRUDENCIA

Additamentos ao codigo do commercio. 1 grosso vol. in-8.º... 6$000

Apontamentos juridicos, por *Ignacio Ferreira Silveira da Motta*. 1 vol. in-8.º gr............... 2$250

Artigos do codigo criminal, pelo conselheiro *D. Manoel Dias de Toledo*. 1 vol. in-8.º gr............... 2$500

Assessor (O) forense, ou formulario de todas as acções commerciaes, por *Carlos Antonio Cordeiro*. 1 vol. in-8.º gr.................... 1$200

Attribuições dos presidentes de provincia, por *Caetano José de Andrade Pinto*. 1 vol. in-8.º gr. 1$500

Breves annotações á lei do elemento servil, n.º 2040, de 28 de setembro de 1871, pelo *Dr. J. A. d'Azevedo e Castro*. 1 vol. in-8.º gr............ 320

Codigo criminal do imperio do Brazil, annotado pelo *Dr. João Baptista Ferreira*. 1 vol. in-8.º gr........ 600

Commentario ao codigo criminal brazileiro, por *A. de Paula Ramos Junior*. Só o vol. 1.º in-8.º....... 900

Consultor juridico, ou manual de apontamentos, por *J. M. P. de Vasconcellos*. 1 vol. in-8.º gr...... 2$000

Consultor (O) militar, pelo capitão *Feliciano Caliope Monteiro de Mello*. 1 vol. in-8.º gr.......... 1$200

Consultor criminal, ou formulario de todas as acções seguidas no fôro criminal, por *Carlos Antonio Cordeiro*. 1 vol. in-8.º gr............. 1$200

Consultor civil, ácerca de todas as acções seguidas no fôro civil, por *Carlos Antonio Cordeiro*. 1 vol. in-8.º gr........................ 1$800

Consultor orphanologico, por *Carlos Antonio Cordeiro*. 1 volume in-8.º gr........................ 1$800

Curso de litteratura brazileira ou escolha de varios trechos em prosa e verso de authores nacionaes, por *Mello Moraes* (filho). 1 vol. in-8.º... 1$000

Da natureza e limites do poder moderador, por *A. de Goes e Vasconcellos*. 1 vol. in-4.º............ 700

Director do juizo de paz. 1 vol. in-8.º gr........................ 1$800

Direito das cousas, por *Lafayette Rodrigues Pereira*. 2 vol. in-4.º 4$500

Direito ecclesiastico brazileiro, antigo e moderno, direito canonico, ou collecção completa chronologicamente disposta, desde a primeira dynastia portugueza até ao presente, por *Candido Mendes de Almeida*. 4 vol. in-8.º gr...... 10$000

Direito criminal. Da autoria, por *Didimo Junior*. 1 vol. in-8.º gr.... 800

Direito criminal. Da tentativa e da cumplicidade, por *Didimo Junior*. 1 vol. in-8.º gr.............. 1$200

Direito civil brazileiro, antigo e moderno, por *Candido Mendes d'Almeida*. 4 vol. in-8.º gr............. 9$000

Direito de familia, por *Lafayette Rodrigues Pereira*. 1 vol. in-8.º grande........................ 2$000

Discursos do deputado J. M. Pereira da Silva, proferidos nas sessões do parlamento brazileiro. 1 vol. in-8.º gr........................ 800

Elementos de direito ecclesiastico, publico e particular, pelo bispo do Rio de Janeiro *D. Manoel de Monte Rodrigues d'Araujo*. 3 vol. in-8.º gr. encadernados................ 15$000

Ensaio sobre o direito administrativo, pelo *Visconde do Uruguay*. 2 vol. in-8.º gr................... 3$200

Estudos sobre o credito rural e hypothecario, seguidos de leis, estatutos e outros documentos, pelo *Dr. L. P. de Lacerda Werneck*. 1 vol. in-8.º gr........................ 1$500

Estudos praticos sobre a administração das provincias do Brazil, pelo *Visconde do Uruguay*. 2 vol. in-8.º gr........................ 3$600

Instrucção publica no Brazil, por *Liberato Barroso*. 1 vol. in-8.º grande........................ 1$800

Jurisprudencia dos tribunaes, compilada dos accordãos dos tribunaes superiores. 3 vol. in-8.º gr... 4$500

Lei (A) judiciaria de 20 de setembro de 1871, por *Manoel Godofredo de Alencastro Autran*. 1 vol. in-8.º grande........................ 600

Lei da reforma da legislação eleitoral, por um membro do Instituto dos advogados brazileiros. 1 vol. in-8.º 600

Manual dos juizes de direito ou collecção dos actos, attribuições e deveres d'estas authoridades, por *J. M. P. de Vasconcellos*. 1 vol. in-8.º gr. 800

José Rodrigues. 1 vol. in-8.º grande........................ 4$000

Novo regulamento do imposto de transmissão de propriedade, pelo *Dr. José Antonio d'Azevedo e Castro*. 1 vol. in-8.º gr...................... 800

Questões praticas do processo criminal, pelo *Dr. Antonio de Paula Ramos Junior*. 1 vol. in-8.º gr. 2$000

Regulamento das alfandegas e mesas de renda, annotado por *Eleuterio Augusto de Athayde*. 1 vol. in-8.º gr........................... 1$200

Relatorio dos avisos do ministerio da justiça, pelo juiz *José da Motta de Azevedo Correia*. 2 v. in-8.º gr. 4$500

Reportorio da legislação ecclesiastica, desde 1500 até 1874, por *Manoel José de Campos Porto*. 1 vol. in-8.º gr...................... 4$000

Reportorio de incompatibilidades, contendo as leis, decretos e decisões, por *Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque Junior*. 1 vol. in-8.º grande........................ 2$000

Systema (O) representativo, por *J. de Alencar*. 1 vol. in-8.º gr..... 900

Vias ferreas estreitas, primeiros estudos, por *Antonio Pereira Rebouças* (filho). 1 vol. in-8.º............ 300

O DIREITO AO ALCANCE DE TODOS

OU

O ADVOGADO DE SI MESMO

DICCIONARIO DE DIREITO USUAL

CONTENDO: AS NOÇÕES PRATICAS DO DIREITO E MODELOS E FORMULAS DE ALGUNS ACTOS SOBRE MATERIA

CIVIL — COMMERCIAL — ADMINISTRATIVA — CRIMINAL — ECCLESIASTICA e do PROCESSO

POR

FRANCISCO ANTONIO VEIGA

Juiz de direito de 1.ª instancia

Obra util a administradores de concelho, juizes de direito, juizes de paz e juizes ordinarios, advogados, escrivães de direito, escrivães do juizo ordinario e escrivães do juizo de paz, presidentes das camaras municipaes e das juntas de parochia, solicitadores, governadores civis e seus secretarios, tabelliães, conservadores do registo predial, delegados do procurador regio, e a todas as pessoas que desejem possuir noções indispensaveis de direito.

1 grosso volume de 540 paginas. Brochado, 2$000 reis; encadernado, 2$400 reis (franco de porte). O importe póde ser enviado em um VALE DO CORREIO ou em estampilhas de 25 reis á livraria de ERNESTO CHARDRON, Porto.

CODIGO DE PROCESSO CIVIL

FIELMENTE COPIADO

DA

PUBLICAÇÃO OFFICIAL

COM UM

SUPPLEMENTO

Contendo a organisação judicial em conformidade da reforma judiciaria posterior, designadamente a lei de 16 d'abril de 1874, e um minucioso indice alphabetico

POR

FRANCISCO ANTONIO VEIGA

Juiz de direito de 1.ª instancia

SEGUNDA EDIÇÃO

1 grosso volume brochado................................ 700 reis
Encadernado.. 1$000 »

Porto: 1879 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º ANNO 1879 NUMERO 3

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

12 numeros, 500 reis

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

OBRAS COMPLETAS DE BALMES: O Criterio — Philosophia fundamental — O protestantismo comparado com o catholicismo — Miscellanea religiosa e litteraria — Curso de philosophia elementar, por *Camillo Castello Branco*. — GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS, por *J. M. da Cunha Seixas* — conclusão da resposta ao snr. Camillo Castello Branco. — Publicações brazileiras: Litteratura, romances, historia, poesias, etc. — Publicações diversas.

Ernesto Chardron, Editor

LUZ E CALOR

OBRA ESPIRITUAL

PARA OS QUE TRATAM DO EXERCICIO DE VIRTUDES E CAMINHO DA PERFEIÇÃO,
DIVIDIDO EM DUAS PARTES, ETC., ETC.
AUTHOR O PADRE MANUEL BERNARDES, DA CONGREGAÇÃO
DO ORATORIO DE LISBOA

Esta edição é feita sobre a primeira original de 1696, sem alteração alguma texto. — Preço 1$000 reis.

CONFERENCIAS

SOBRE

O SOCIALISMO

RECITADAS

NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE GRENOBLE
DURANTE A QUARESMA DE 1870

PELO

R. PADRE FELIX

DA COMPANHIA DE JESUS

TRADUZIDAS EM PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO LUIZ DE SEABRA

PAROCHO DE CACIA

1 vol.......................... 500 reis

JOSÉ BLUM

VIDA DE PIO IX

Traduzida da terceira edição allemã,
annotada e additada pelo exc.mo snr. conde de Samodães

Um magnifico volume illustrado com primorosas gravuras e nitidamente impresso em papel velino.

Preço.............................. 1$000

1.º ANNO 1879 N.º 3

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

SERIE DE 12 NUMEROS, 500 REIS

A **Miscellanea religiosa, philosophica e litteraria,** comprehendida em dous tomos, é a variada synopse das omnímodas manifestações da doutrina de BALMES, dispersa nas suas restantes obras. Alguns capitulos são o epilogo, a pura essencia dos assumptos versados em volumes. A phrase é mais ligeira, o pensamento mais lucido, o syllogismo mais comprehensivel. É a vasta sciencia da alma fragmentada em tratados de ethica, em conversações apraziveis que nos deleitam, ainda quando nos refreiam o orgulho da razão e desmantelam o edificio de erradas convicções.

No tratado da **Influencia da sociedade sobre a poesia** faz uma resenha dos successivos periodos poeticos desde a poesia hebraica, de inspiração divina, até á do primeiro quartel do seculo XVIII de inspiração religiosa. Julga com suprema justeza e perspicacia as diversas escólas; derruba preconceitos, desfaz idéas de convenção ephemera, restabelece as bases solidas da Arte, gradua judiciosamente os quilates de HOMERO e VIRGILIO. Enganou-se, porém, quando, desnorteado pelas contemplações meio afeminadas, meio asceticas de LAMARTINE, escreveu: « A poesia, esta expressão da sociedade, começou desde os primeiros annos d'este seculo, a revestir um caracter religioso; ella o conserva ainda em nossos dias, e não parece estar para se despojar d'elle. Este facto a que poucas pessoas concedem a importancia que elle tem, explica melhor a marcha das cousas

[1] Nos immediatos numeros da Bibliographia se dará noticia das obras completas de BALMES, editadas por E. Chardron.

que os mais brilhantes successos; tem já produzido e produzirá no futuro maiores resultados que todos os planos e todas as combinações dos homens praticos: os homens não são nada, os factos são tudo».

BALMES teria melhor condão de propheta se, nas effervescencias de BYRON e do seu ESPRONCEDA, previsse a espuma de BAUDELAIRE, de DIGUET e dos Contos boccacianos do conde de CHEVIGNÉ. Vidente seria elle se adscrevesse á poesia de hoje em dia os traços fundos com que esculpe o relevo da poesia da escóla voltaireana: «... Quando todas as convicções estão abaladas por um scepticismo frio e mofador, quando as mais santas crenças são envolvidas no ridiculo, as mais veneraveis tradições calcadas aos pés, os laços mais sagrados, os que constituem o Estado e a familia, enfraquecidos ou quebrados, quando o espirito fica sem affecto e sem luz, sem fé no passado, sem consolação no presente, sem esperança no futuro, não é facil ao homem formar-se um mundo ideal, todo povoado de brilhantes creações de seu pensamento, embalsamado com os perfumes de uma alma terna e delicada. O cahos, tal como o imaginou esta escóla, não tem em si o germen d'um nobre pensamento nem o de um generoso sentimento».

Não frisa de todo com a poesia contemporanea este conceito. Havia grandeza satanica no scepticismo da escóla sensualista dos discipulos da Encyclopedia. O sarcasmo sahia trajado com as pompas dos Mephistopheles. Hoje em dia, o sensualismo sordido do rebanho de EPICURO esfossa no lamaçal as flôres do mal, e promette desbravar a nova senda d'uma poesia social cantando os triumphos das sciencias positivas. Mil vezes antes a **Pucelle de Orleans** que a **Morte de D. João**; antes os **Contos** de LAFONTAINE que as **Flôres do Mal**.

*

O Criterio, como do titulo se infere, é uma arte de judiciosamente averiguar e lucidamente perceber. É philosophia sem abstracções, pratica e experimental. O capitulo **Insensatos raciocinios dos indifferentes em materia de religião** é uma serie de artigos encadeados persuasivamente com os élos da logica inquebrantavel. De envolta com theses de theologia e philosophia christã, intromette BALMES uns curtos discursos de puro racionalismo e profundo exame do homem como poderia escrevel-os algum profundo analysta das paixões, MONTAIGNE ou BALZAC, GOETHE ou DICKENS. Entre muitos de igual valor, citarei **O homem rindo-se de si proprio** e a **Perpetua meninice do homem**. Verdade é que as conclusões ahi tiradas da inconstancia do espirito humano não inculcam bem affirmada a perseverança do animo em crenças dogmaticas, nem tão pouco lhe affirmam o arbitrio completamente livre das intermittencias do espirito que BALMES faz dependentes de uma simples alteração climaterica. Ainda assim, os subsequentes ensinamentos do philosopho nos convidam a crêr que a religião opéra saudaveis reformas na indole do homem que se ampara ao esteio forte da fé, e norteia sua vida na derrota de outra existencia onde ha separação eterna entre precitos e predestinados.

Admiravel na concisão das regras, o capitulo XX, ácerca da **Philosophia da historia**, é escripto com simplicidade de linguagem e ao mesmo tempo elevação de pensamentos que muito se avantajam a tudo quanto nebulosamente se tem dito do assumpto. Quer BALMES que se escreva historia com philosophia; mas tem medo á philosophia do historiador. «Mais vale não philosophar que philosophar mal — diz elle. — Se para profundar a historia a transtórno, melhor fôra que eu me limitasse ao systema de nomes e datas».. Em um dos livros de um grande escriptor portuguez, o bispo de Vizeu D. FRANCISCO ALEXANDRE LOBO, se encontram especies de equivalente apreço no modo de escrever a historia. O abbade CORRÊA DA SERRA, tencionando escrever a **Historia civil de Portugal**, programmatisou um traçado que até ao seu tempo ninguem concebera tão ajustado ás leis da philosophia da historia [1]. Não se perca o ensejo de lembrar os nossos quando louvamos estranhos, visto que os fundibularios da ultima hora, fugidos á escóla rudimentar apedrejam os vivos e mortos com a desbragada soltura de gaiatos em arrabaldes não policiados.

Quem lêr os artigos respectivos aos **Jornaes** verá o que a historia ha de aproveitar d'esses documentos apestados de odios, de affectos venaes, de hostilidades phreneticas e louvaminhas hypocritas. As más paixões politicas diri-

1 Vej. *Curso de litteratura portugueza* por Camillo Castello Branco, pag. 224 e segg.

gem as correntes contradictorias da opinião publica. Pelo que respeita aos panegyricos assoprados no jornalismo a homens que dispõe do poder, diz BALMES: «Ha no mundo politico uma como especie de moeda corrente reconhecida falsa; mas que tacitamente se convencionou receber. Os iniciados é que não se enganam sobre o seu verdadeiro peso e valor real».

O Criterio, não sendo o livro mais laborioso do estremado philosopho hespanhol, é talvez o mais pratico, mais util e directivo no caminho da felicidade compativel com as intercadencias da vida. Morreu BALMES em 1848. Se vivesse e ouvisse o estrondo das philosophias e da politica dos trinta annos já agora passados por sobre as suas honradas cinzas, na Hespanha e por quasi toda a Europa, o desconsolado ancião perguntaria a si mesmo: «Os meus livros que bem fizeram ao genero humano? Eu quiz collaborar com a Providencia na regeneração das almas; cumpri o meu dever; mas não deixei de mim senão uma luz consoladora que póde radiar nas trevas dos que soffrem obscuramente».

Camillo Castello Branco.

GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS

POR

J. M. DA CUNHA SEIXAS

RESPOSTA AO SNR. CAMILLO CASTELLO BRANCO

VI

Reforma do curso superior de letras

Continuemos no sagrado mister da defeza. Propomos no nosso livro quinze cadeiras em vez de sete, e cinco annos de lição em vez de tres. Entendemos ainda dever aquelle curso subdividir-se em tres, um de historia, outro de philosophia. outro de bellas-letras, sendo cada um d'estes cursos de tres annos. O primeiro e segundo anno, cada um de tres cadeiras, serão communs a todos os tres cursos: o terceiro anno completa a formatura em philosophia: o quarto e quinto respectivamente as formaturas em historia ou em bellas-letras. Se o alumno não quer a formatura geral, fica-lhe facilitada a formatura em um dos tres generos, que fôr mais de sua predilecção. Esta é a base geral.

Pensa-se, que o snr. CAMILLO expoz esta base e a combateu por algum modo? Nada d'isto: limitou-se a fazer em palavras ironicas a critica da disposição do terceiro anno, não se chegando a perceber, se lhe agradam as bases geraes d'este plano de reforma. É provavel que tambem lhe desagradem, porque o seu animo parece disposto a rejeitar tudo o que escrevemos.

O snr. CAMILLO, fazendo a sua critica por este modo, parece querer occupar-se sómente das cousas muito pequenas desprezando as grandes.

VII

Linguagem

Dizemos nós que a *historia só modernamente adquiriu os fóros de sciencia pelo hymeneu, que contrahiu com a philosophia.*

O snr. CAMILLO não póde tolerar a palavra *hymeneu* n'este lugar e em vez de discorrer sobre a alliança e união intima da historia com a philosophia, como competiria a um verdadeiro critico, combate apenas a palavra *hymeneu*. Fica-se sabendo por tanto em virtude d'este ukase czariano, que a palavra *hymeneu* só se póde empregar no sentido primitivo e nunca no figurado. Um outro critico talvez nos relatasse como é que a historia, sendo d'antes uma simples narrativa de factos, passou a ser uma sciencia; mostraria as condições scientificas da historia e faria algumas considerações sobre as suas leis, combatendo, perfilhando ou modificando as leis, que nós exhibimos. O snr. CAMILLO não se occupa de tão insignificantes cousas; presta a sua attenção de preferencia a uma palavra!

E isto chama-se critica!

Guiado por tão elevado intento ainda vai o snr. CAMILLO contender com a palavra — escapa — empregada n'outro lugar. Imagina-se, que o snr. CAMILLO mostra, que CAMÕES não teve modêlos a imitar e que os **Lusiadas** são uma obra perfeita em todos os respeitos sem comparação com as do tempo? Seria vão esperar-se isto. O snr. CAMILLO só se occupa do verbo — escapa — sem se lembrar, de que o nosso livro não é uma obra d'arte mas uma obra de sciencia. Não queremos com isto dizer, que o livro não seja obrigado a estylo e a linguagem propria: só desejamos que se attenda a que n'um livro de sciencia a primeira virtude do estylo deve ser a extrema clareza e precisão. O nosso livro não está escripto em estylo accessivel a todas as intelligencias? A linguagem é ambigua e o pensamento fica escondido sob os ouropeis de uma eloquencia vã?

É o que o snr. CAMILLO não póde provar. A sua critica por tanto é acintosamente inimiga.

VIII

Esthetica

Já fizemos vêr, que objectos abrange a esthetica do livro, escripta nos capitulos XVIII a XXI. Discutimos as theorias principaes, mostrando os erros e verdades de cada uma e exhibimos uma *theoria* nòva, como applicação do nosso *systema* de sciencia.

Um critico discutiria por exemplo, as nossas considerações sobre *idealismo* e *realismo* e não deixaria de dizer o seu conceito, sobre a theoria geral, exposta no capitulo XIX e que tem agradado a bastantes pènsadores. O snr. CAMILLO porém não sabendo onde melhor assentar à espada declara antigo o seguinte principio: *o artista faça nascer a indignação contra o mal e a sympathia pelo bem por meio de situações naturalmente deduzidas dos acontecimentos sem que o artista pareça advogar esta ou aquella causa.*

Discutindo nós a theoria de PROUDHON, que quer que a arte acompanhe a revolução dos tempos e tenha por alvo a justiça e a perfeição, discutindo-se as theorias da utilidade na arte, foi-nos necessario recordarmos aquelle principio sem o dizermos *novo* nem lhe darmos tal caracter. Não será licito ao escriptor recordar principios verdadeiros apesar de antigos? A tradicional aceitação de certos principios não anima o escriptor a ter confiança, quando os invoca? Acaso o principio da unidade de Deus pelo facto de ser proclamado por SOCRATES fica desterrado da sciencia?

Não merecendo este reparo as honras da discussão, vamos ao segundo: a citação dos **Lazaristas** do snr. ENNES como exemplificação do cumprimento d'aquelle principio. Desejára o snr. CAMILLO, que nós citassemos o **Marino Faliero** de BYRON ou outras obras, que mais lhe agradam. As citações de monumentos estrangeiros abundam nos quatro capitulos, quer com relação ás bellas-letras, quer com relação ás bellas-artes. Sermos censurados pela citação do snr. ENNES e pela recordação de um drama, que é modêlo do genero, que PROUDHON deseja, de um drama, que tem agradado dentro e fóra do paiz, é injustiça. Apenas prestamos uma homenagem bastante modesta ao illustre dramaturgo e que não devia certamente merecer reparos, quando demais a exemplificação é perfeitamente adequada ao nosso pensamento n'aquellas apreciações.

Assim a critica do snr. CAMILLO quanto á nossa esthetica limita-se a dous reparos: a recordação que fizemos de um principio antigo e a exemplificação com os **Lazaristas**. Estes dous reparos são duas injustiças ou antes duas insignificancias, com que nós e o snr. CAMILLO occupamos a attenção ou antes a paciencia dos leitores.

IX

Historia patria

Dissemos nós o seguinte:

«A nossa separação *moral* de Hespa«nha data do reinado de D. JOÃO IV, pois «antes dos 60 annos de oppressão não «havia entre os dous povos da peninsula «*tão grande* abysmo».

Vê-se:

Que nós tratamos da separação *moral* e não da separação *politica:*

Que a nossa proposição é *relativa* e que não negando, que já tinha havido odios de nação a nação, apenas declaramos, que ficamos desde o facto da oppressão *moralmente* separados, ou antes *mais* distanciados.

O snr. CAMILLO diz, que nada sabemos *de Val-de-Vez, de Toro, Aljubarrota, Valverde, Trancoso e outros sitios mencionados a berros nos dramas do velho theatro normal.* Sem fazermos caso da palavra — berros — empregada por quem é tão exigente em linguagem (se isto não é erro typographico) diremos, que estas recordações das batalhas de D. JOÃO I não podem contrariar as nossas proposições.

Os dous povos depois d'aquelles combates continuaram tendo relações muito amigaveis e a lingua hespanhola continuou a ser cultivada por escriptores nossos e até por CAMÕES. Ha antes de 1640 diversas obras nossas em castelhano, como o snr. CAMILLO muito bem sabe. Depois dos 60 annos da oppressão e sobretudo depois de 1640 a nossa distancia *moral* ficou sendo completa: os dous povos ficaram muito mais distantes um do outro a ponto de as litteraturas se não corresponderem *tão sensivelmente* como até então.

Só modernamente os dous povos começaram a estreitar algumas relações litterarias e não obstante não desappareceu a distancia moral dos costumes, das leis, das feições litterarias e da indole economica.

O snr. CAMILLO não se contentou

porém com isto e indo mais longe sustenta pelo contrario, que os fidalgos se davam bem com a Hespanha, a classe média queria socego e tranquillidade e o povo era a populaça de todos os tempos.

E diz ainda mais o snr. CAMILLO:

« No decurso dos 60 annos de captiveiro os captivos tinham as mesmas regalias dos oppressores; tinham theatro, tinham justas e torneios, tinham autos de fé, tinham as exultações d'uma vida tão airada e devassa quanto se infere dos sermonarios da época ».

Melhor elogio de PHILIPPE II ninguem o faz. Fidalgos, argentarios e povo, tudo estava satisfeitissimo com os enormes tributos dos PHILIPPES e com a perda da independencia! A revolução de 1640 e o afinco pertinaz, com que Portugal depois sustentou a sua emancipação politica, são milagres inexplicaveis. Quando todos viviam tão satisfeitos é para admirar, que a revolução triumphasse.

Deixemos estes paradoxos com que o snr. CAMILLO quer ostentar erudição e vamos a outro ponto mais curioso.

Critica-nos o snr. CAMILLO de affirmarmos os *agigantados acontecimentos do nosso povo* e lembra-nos diversos crimes ou fraquezas de alguns dos nossos homens illustres, como AFFONSO DE ALBUQUERQUE, o bispo OSORIO e D. JOÃO DE CASTRO.

Já dizia NAPOLEÃO, que ninguem é grande diante do seu criado de quarto. O snr. CAMILLO tem vagar de lêr chronicas e louvamos as attenções, que lhes presta. O que não podemos louvar é o seu pessimismo para chover injurias sobre pessoas, que, se tiveram as fraquezas proprias do humilde berço, tambem foram grandes nas virtudes civicas e ardentes no amor patrio. AFFONSO DE ALBUQUERQUE e D. JOÃO DE CASTRO não ficam desauthorados pelo snr. CAMILLO: a tradição nacional os venera: os seculos os admiram.

Diz ainda o snr. CAMILLO, que as armadas eram esquadras de piratas, que a India era um alfobre de ladrões. Não contestamos estes factos, devidos a pouco tino administrativo e ás idéas do tempo. Ha porém um outro ponto de vista. Não foram as nossas esquadras as descobridoras de novos mundos, abertos á exploração européa, ao commercio e á sciencia? Não tem Portugal um nome distinctissimo na época da renascença pelas suas descobertas, pelo seu heroismo cavalheiroso, pelo arrojo com que foi plantar a cruz do christianismo em paragens remotissimas? Não é em parte a Portugal que se deve o ter a Europa ficado isenta de uma nova invasão dos povos submettidos á lei de Mahomet? Não merecerá o nosso infante D. Henrique alguma sympathia? A historia tem crimes e virtudes. A historia de França não deixa de ser gloriosa por ter os crimes do dia de S. Bartholomeu e pelas perseguições aos huguenottes. A historia de Hespanha tem glorias apesar de manchada com as atrocidades de Philippe II. A nossa historia é effectivamente povoada de acontecimentos assombrosos, porque Portugal não tinha os recursos das grandes nações e soube collocar-se acima de outras, que mais tarde nos foram á mão. Não admiramos, que a Inglaterra possa hoje sustentar-se no Indostão, porque é muito poderosa. Admiramos porém que Portugal podesse ter em respeito conquistas de tal vulto, que só ellas formariam imperios, pois, perdidas muitas d'ellas com a invasão philippina e outros successos, ainda hoje o que resta póde formar vastissimos imperios.

A sciencia historica hoje occupa-se mais da civilisação que das pequenas cousas mencionadas nas chronicas, tão avidamente lidas pelo snr. CAMILLO.

Esta sciencia tomou hoje taes feições, que as obras mais afamadas perderam já parte do seu valor. Assim os livros de GUIZOT e de MICHELET já não são hoje os melhores guias do saber hodierno. A historia escreve-se de outro modo. Escripta sem esta grande luz dos principios modernos servirá para entreter os meninos e alguns archeologos, mas não para satisfazer o espirito.

Leia o snr. CAMILLO a Historia da civilisação da Inglaterra de BUCKLE, a Historia do desenvolvimento intellectual da Europa de DRAPER, a Physica social de QUETELET, as obras de LENNORMANN sobre o Oriente, as obras dos allemães sobre philosophia da historia e talvez ache mais proveito n'estes livros do que nos que aconselha a quem como nós não escrevemos historia mas apenas algumas considerações. Por este modo certamente se evitará a tal semelhança com o padre CARDOSO, com MONTEVERDE e JOÃO FELIX que tantos cuidados dão ao snr. CAMILLO e que se evitará, estudando-se aquelles livros.

Não aceitamos por tanto os seus conselhos e antes iremos por outros caminhos, que nos parecem mais proprios d'este grande seculo.

Julgamos, que a leitura de tantos pa-

eis velhos, necessarios para a explicação de alguns factos, deve ser acompanhada da inspiração contemporanea para elevarmos o espirito acima das cousas e attingirmos as leis da historia. As chronicas são indispensaveis para alcançarmos por ellas o conhecimento dos costumes e do sentir do povo e os motivos particulares de muitos factos; mas não bastam ao historiador, a quem são necessarias muita critica e muita philosophia. Nenhum d'estes predicados faltará no illustradissimo critico e abalisado classico, cujos escriptos são uma gloria nacional: falta-lhe porém a boa vontade para nos tratar com benevolencia, isto é, com justiça, sem acinte, e com imparcialidade.

X

Litteratura da idade média

Prosigamos.

Dissemos, que o poema **Niebelungen** é um monumento germanico de grande vulto. Depois dizemos, que além de muitas legendas apparecem poemas como o **Gudruna**, o **Livro dos heroes** e outros, que formam o chamado *cyclo germanico*.

O snr. CAMILLO acha, que os **Niebelungen** são *livros de heroes*, porque nas suas tres partes exhibem fortissimos e denodados guerreiros, já os que nascem das tradições francas sobresahindo Siegefredo; já os das tradições borgondas, sobresahindo Gunther e irmãos e as luctas com Attila; já os de origem gothica, que tambem a critica descobre no poema. A Allemanha por motivos de orgulho nacional e para colher novos elementos ethnologicos deu ultimamente uma extraordinaria importancia a este poema, proprio para elevar os sentimentos de independencia e de hostilidade contra visinhos perigosos. Assim encarados pelos allemães os **Niebelungen** são *livros de heroes*. Confundem-se porém com uns poemetos ou antes uma especie de *sagas*, que formam o *cyclo germanico*, segundo KARL SIMROCK, que tambem distingue os **Niebelungen** de um poema secundario (como o **Gudruna**, o **Otrit**, o **Rei Rothero**), chamado **Livro dos heroes**?

Não ha duvida alguma de que os **Niebelungen** são livros de heroes, como tambem o são os canticos do **Mahabhárata** e os da **Illiada**, onde os deuses combatem junto dos homens, sendo os guerreiros arrojados heroes, tanto do lado de Illion como da Hellida. Se não ha cantico, saga, ballada ou cousa semelhante, com o nome de **Livro dos heroes**, se KARL SIMROCK se engana ao fallar do *cyclo poetico*, será então certa a identificação assegurada pelo snr. CAMILLO.

Nós tivemos presentes os **Eddas** e os **Niebelungen** nas traducções, que nos dá LAVELEYE e tambem nos foram presentes diversos historiadores dos mais modernos; mas não podémos sem novo estudo dar este ponto por liquidado, visto que o snr. CAMILLO affirma o contrario com tanta decisão, sendo certo porém, que a palavra **Niebelungen** não esclarece o caso.

Quanto a DANTE nada é mais claro no nosso livro do que a época (não a data) do seu florescimento. Tratamos d'elle no capitulo da litteratura da idade média. N'esse capitulo tratamos dos seculos XII, e XIII: depois tratamos de DANTE e seguidamente da litteratura italiana do seculo XIV. Quando nos entregamos á litteratura moderna, começamol-a no seculo XV e só depois alcançamos o seculo XVI, sentindo assim, que o snr. CAMILLO se prevaleça de um erro typographico, tão patente, para nos hostilisar.

Quanto a JOÃO RUIZ, arcipreste de Hita, tem razão o snr. CAMILLO. Tendo nós por guia além de outros expositores o extenso tratado historico de D. PEDRO DE ALCANTARA GARCIA, escripto em hespanhol (Madrid 1877), que trata de D. JOÃO RUIZ na lição 5.ª, não sabemos agora como é que mudamos o nome de RUIZ, escripto pelo illustrado author castelhano, em RODRIGUES, pois foi effectivamente D. JOÃO RUIZ o contemporaneo de D. JOÃO MANOEL. Sendo isto assim, que culpa terá o snr. THEOPHILO BRAGA de um engano, a que não deu causa? O snr. THEOPHILO BRAGA copía na **Historia da litteratura portugueza** (pag. 214 e 215) parte do catalogo da bibliotheca de D. AFFONSO V; portanto copiou as *Collações que escreveu* JOÃO RODRIGUES. Não sabemos pois que necessidade haveria no snr. CAMILLO de se referir com menos respeito a um dos nossos mais conspicuos escriptores e a uma das mais elevadas e robustas intelligencias da peninsula. Não concordamos na escóla philosophica do illustradissimo author dos **Traços geraes de philosophia positiva**: não estamos de accordo com algumas das proposições da sua **Historia universal**, nem aceitamos todas as doutrinas da sua **Historia da litteratura portugueza**;

mas as nossas divergencias, apesar de profundissimas, não nos desviam de prestar sincera homenagem ao poeta, ao litterato, ao historiador e ao philosopho. E este nosso voto, que só pecca por humilde, é insuspeito por mais de um motivo.

XI

Litteratura portugueza. — Conclusão

Pondo de parte alguns pequenos reparos do snr. CAMILLO, justos na essencia, menos curiaes na fórma, inutil e desusadamente aggressiva, vamos ao ultimo capitulo do nosso livro — **Litteratura portugueza.**

Estranha o nosso desdem por esta litteratura. Salvo o devido respeito, o snr. CAMILLO certamente não leu o que escrevemos. Se lesse com attenção não faria este reparo.

Depois de discorrermos sobre as origens da lingua portugueza, sobre as invasões de povos na peninsula e especialmente sobre as relações dos godos-lites com os arabes, depois de combatermos a lei philologica d'Hœfer e dizermos as divisões da litteratura portugueza, lamentamos, que o latinismo aristocratico e os costumes da Roma imperial dominassem parte da nossa litteratura, abandonando-se as fontes populares, nascidas das tradições e vitalidade nacional para se imitarem os modêlos classicos de outras eras. Estas considerações não nos levaram porém a desmerecer na nossa litteratura; antes mais adiante dizemos:

«Felizmente é larga a reacção; abun-
«dante a herança nacional na historia
«como na poesia lyrica, no romance po-
«pular como no poema epico, no drama
«e ainda na philosophia».

Depois entramos a mencionar muitos dos nossos monumentos litterarios.

Vê-se pois, que o snr. CAMILLO não leu com attenção.

Quanto a Filinto Elysio não sabemos se o snr. CAMILLO queria, que citassemos as traducções, aliás preciosas: citamos as odes e tanto aquellas, em que o poeta prophetisa a queda dos bonzos, que lhe roubaram a sua livraria como aquellas, em que elle imagina estar junto de Horacio a cantar o phalerno. Louvamos as primeiras e não podemos fazer o mesmo com relação ás segundas. Tomando as obras de Filinto na sua parte original e não nas traducções cremos obedecer ás boas regras. O snr. CAMILLO queria talvez, que antes nos referissemos á traducção dos **Martyres do Christianismo** ou a traducções de novellas. São geitos do gosto do snr. CAMILLO.

Tambem o snr. CAMILLO se assoma de não gostarmos das **Cartas d'Echo** e **Narciso**, ás quaes oppomos o sestro de serem bucolicas e não terem correspondencia alguma com as idéas e costumes do tempo.

O snr. CAMILLO acha que Castilho não podia em 1826 escrever para 1879. D'accordo. Podia porém em 1826 escrever conforme se pensava *n'essa época,* em que Castilho tinha a elevar o pensamento até as épocas de 1789 e podia referir-se á guerra peninsular, e finalmente á nossa revolução de 24 de agosto de 1820, sendo as côrtes nascidas d'esta revolução bastante esplendidas para excitarem o enthusiasmo de mais de um poeta. Tinha tambem Castilho ante os olhos os paizes virgens onde D. João VI tinha demorado; tinha muitas tradições nacionaes notabilissimas e por tanto escusava de nos entreter com a futilidade de uma versalhada sem significação alguma. Não se pense todavia, que nós somos acintosos contra Castilho, que consideramos como um bom lyrico a par de outros escriptores de vulto no capitulo XIX, pag. 155.

O snr. CAMILLO acha, que Filinto não podia ter idéas muito cordiaes do christianismo, vista a sua perseguição. Isto nos revela a razão de se manifestar contra nós por dizermos, que os inquisidores e jesuitas tolheram os nossos vôos philosophicos.

Ficamos sabendo que foi o christianismo, que perseguiu Filinto Elysio e lhe fez perder os livros. Tambem sabemos agora, que os jesuitas e inquisidores são agentes do christianismo, sendo esta religião para o snr. CAMILLO modelada pelos preceitos de Innocencio III, de Sixto V e de João XXII, pelas doutrinas de Ignacio de Loyola e do padre Molina e pelas santas praticas de Torquemada. Tudo isto se chama christianismo. É sempre bom estudarem-se as idéas dos sabios para reformarmos os nossos erros, pois nós imaginavamos que o christianismo era a doutrina dos evangelhos e das obras apostolicas sendo suas applicações as doutrinas das **Palavras d'um crente** de Lamennais, traduzidas por Castilho, que bem podia tomar n'ellas uma inspiração superior á que originou as taes **Cartas d'Echo e Narciso**, tão amaveis para o snr. CAMILLO e que nós não podemos tolerar. Se em 1826 era impossivel ao poeta elevar mais longe o

espirito fica inexplicavel o procedimento de ALEXANDRE HERCULANO e GARRETT, contemporaneos de CASTILHO e cujo pensamento foi rasgado e grande para jarretarem de uma vez a velha farragem do latinismo e do hellenismo. Em quanto CASTILHO escrevia os **Quadros historicos**, aceitando como verdadeiras as fabulas dos antigos, negava HERCULANO as côrtes de Lamego e outras velharias ridiculas e GARRETT escrevia a **D. Branca** e o **Catão**, inspirando-se nas tradições nacionaes ou na liberdade civica. Nós commettemos o crime de prestar homenagem a CASTILHO como lyrico e não *lh'o* prestar como author d'obras, que não condizem com o genio nacional.

Quanto á philosophia portugueza nós apenas por *exemplificação* apontamos tres nomes illustres sem negarmos maior movimento. O snr. CAMILLO imagina darnos novidade, fallando-nos no excellente livro do snr. dr. PRAÇA, nosso amigo e até nosso correspondente em cousas da advocacia em Monte-Mór-o-Novo, onde habita. Se não mencionamos o seu nome, aliás tão illustre, foi porque não escrevemos um tratado de litteratura e sciencia portugueza, pois o nosso fim foi sómente mostrar a vastidão de objectos d'esta cadeira para ficar separada da de litteratura moderna e para o professor mais detidamente explorar esta importante repartição.

Temos defendido, conforme podemos, o nosso livro contra as arguições do snr. CAMILLO.

Somos atacados de não dizermos o ultimo estado das sciencias. Não deu o snr. CAMILLO prova alguma do dito. Ficamos em jejum.

Não impugnando o nosso systema de sciencia, imaginou, que era o de BUNZEN. N'isto porém foi o snr. CAMILLO muito infeliz e ficou abaixo de si mesmo.

Não aceita a nossa distribuição de materias no 3.º anno; mas nada mais diz do resto.

Critica-nos a linguagem sobre a qual já respondemos.

Não gosta dos **Lazaristas**. O snr. CAMILLO gosta de poucas cousas de Lisboa.

Não concorda na nossa apreciação sobre relações com a Hespanha.

Nota dous defeitos na nossa exposição da litteratura da idade média e nota um outro, que é um erro typographico, só invisivel para o snr. CAMILLO.

Observa um erro de um nome quanto á litteratura italiana e um erro igual na litteratura ingleza.

Nós confessamos esses dous erros e só não admittimos a fórma de os expôr, porque os sabios se o são não ficam pelo serem isentos do dever, aliás gostoso, da delicadeza.

Nota finalmente na nossa exposição de litteratura portugueza os defeitos, a que vimos de responder.

Folgamos de merecer esta critica.

Um livro, em que se trata de anthropologia, de psychologia, da exposição critica dos systemas, de linguistica, de esthetica, de philosophia transcendente, de sociologia, de archeologia e de outros objectos e que só desagrada ao snr. CAMILLO nos pontos, que ficam expostos, não é tão mau como o quer fazer.

Em Portugal pouco se pensa em cousas sérias. Levanta-se um pensador; dá uma simples amostra de longos e longos estudos; escreve sem pretenção, sem prosapias, mas com franqueza e desassombro e todas as pedradas são poucas para se lhe atirarem e para lhe desanimarem o espirito!

É o que nos succede com o snr. CAMILLO. A sua voz authorisadissima, como litterato, é contra nós e troveja cóleras: felizmente a imprensa do paiz tem-nos sido muito benevolente e lisonjeira até o excesso e temos recebido cartas de bastantes sabios a animar-nos em virtude da publicação dos nossos **Principios geraes de philosophia da historia** e da nossa **Galeria de sciencias contemporaneas**.

Não foi o interesse, que nos moveu a estas publicações, pois é negativo: foi o amor da idéa. Se agradarmos ao publico, o valor moral da sympathia do publico valerá mais para nós que todos os thesouros.

Despedimo-nos aqui do publico portuense e do snr. CAMILLO, declarando, que as ironias d'este esclarecido critico contra nós nunca nos desviarão de o respeitar. É sagrado o direito da defeza: a benignidade d'esta folha, que agradecemos, permittiu-nos o exercicio d'este direito: se em alguma expressão menos pensada magoamos o snr. CAMILLO, que nos maltrata, considerem-a os nossos leitores como desde já retirada.

É verdade que o snr. CAMILLO nos chama pedante. Não sabemos, que nome tenha quem se mette a fallar-nos em

B[illegible] sem entender cousa alguma de suas theorias (e não systema) nem da filiação d'estas; mas se uma pessoa de mais idade do que nós tem taes excessos, compete-nos não a imitar n'isto e deixar-lhe toda a gloria do seu estylo e das suas injurias, se foi seu intento a injuria, o que não cremos, pois antes suppomos, que escreveu impensadamente.

Justiça a todos. Se o snr. CAMILLO entende em sua consciencia, que o nosso livro, fructo de laboriosos estudos de muitos annos, nascido de iniciativa nossa sem modêlo a imitar, nada vale, respeitemos as suas convicções. Se suppõe que o nosso systema universal de philosophia e de sciencia é sem importancia, respeitemos tambem o seu pensar, esperando porém o juizo publico e ainda o juizo dos sabios estrangeiros, a quem vai ser presente o nosso livro.

Depois de penosos estudos e largas meditações entendemos ter achado n'este systema a solução de muitos problemas: se estas nossas convicções são sem fundamento, devemos entender, que vivemos n'uma completa illusão.

O futuro julgará.

J. M. da Cunha Seixas.

LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

PUBLICAÇÕES BRAZILEIRAS

LITTERATURA, ROMANCES, HISTORIA, POESIA, ETC.

Adivinhador (O), livro feiticeiro das senhoras. 1 vol. in-8.º...... 500

Alvoradas, versos por *Lucio de Mendonça*. 1 vol. in-8.º........ 600

Americanas, por *Machado d'Assis*. 1 vol. in-8.º.............. 600

Amigo (O) da mocidade, guia para qualquer pessoa obter a cura radical de todas as molestias venereas e syphiliticas. 1 folheto in-8.º...... 160

Amor que mata, romance, por *V. Coaracy*. 1 vol. in-8.º.......... 300

Amores (Os) de Philippe, por *Octavio Feuillet,* traducção de *Aidos*. 1 vol........................ 600

Antonio Ferreira, poeta quinhentista. —Estudos biographicos litterarios, por *Julio de Castilho*. 3 volumes in-8.º..................... 2$000

Archivo litterario, publicação mensal. N.º 1..................... 160

Arte do alfaiate, tratado completo do côrte do vestido, por *Th. Gompaing*. 1 vol. in-4.º................... 600

Aspasia, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º............... 600

Baroneza (A) de amor, romance por *J. Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º..................... 1$600

Beri-Beri (O) na provincia de S. Paulo, carta ao Dr. A. C. de Miranda Azevedo, pelo *Dr. Betoldi*. 1 folheto in-8.º...................... 300

Brazil (O) em 1870, estudo politico de *A. A. de Sousa Carvalho*. 1 vol. in-8.º........................ 400

Brazil (O) social e politico, ou o que fomos e o que somos, pelo *Dr. A. J. de Mello Moraes*. 1 vol. in-8.º gr. 300

Brazileiras celebres, por *J. Norberto de Sousa e Silva*. 1 vol. in-8.º........................ 500

Breves noções para se estudar com methodo a geographia do Brazil, pelo *Dr. J. Praxedes P. Pacheco*. 1 vol. in-8.º...................... 300

Canticos funebres, por *D. J. G. Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr..... 900

Cantos do ermo e da cidade, por *Luiz Fagundes Varella*. 1 vol. in-8.º........................ 600

Caracter (O), por *Samuel Smiles*. 1 vol. in-8.º.............. 1$000

Céo (O) e o inferno ou a justiça divina, segundo o espiritismo, por *Allan Kardec*. 1 vol. in-8.º........ 1$000

Chancellor (O), diario do passageiro J. R. Cazallon Martin Paz, por *Julio Verne*. 1 vol. in-8.º...... 600

Chiquinho, encyclopedia da infancia, por *G. Bruno*. 1 vol. in-8.º........................ 600

Chrysalidas, poesias de *Machado d'Assis*. 1 vol. in-8.º........... 500

Cincinnato, Quebra-Louça, comedia em 5 actos, por *J. Manoel de Macedo*. 1 vol. in-8.º........... 500

Colombo, poema por *Manoel de Araujo Porto-Alegre*. 2 vol. in-8.º gr...................... 2$000

Como e porque me tornei espirita, por *J. B. Borreau*. 1 vol. in-8.º 600

Compendio de grammatica portugueza, por *Polycarpo José Dias da Cunha*. 1 vol. in-8.º.......... 240

Compendio de historia antiga, adoptado pelo conselho director da instrucção publica, pelo *Dr. Moreira d'Azevedo*. 1 vol. in-8.º........ 600

Compendio de historia universal, por *Victor Duruy*. 1 vol. in-8.º 1$000

Confederação (A) dos Tamoyos, poema por *D. J. G. de Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr................ 900

Conquista (A) do ar, quarenta dias de navegação aerea, por *A. Brown*. 1 vol. in-8.º................. 1$000
Contos fluminenses, por *Machado d'Assis*. 1 vol. in-8.º........... 600
Contos sem pretenção, por *Luis Guimarães Junior*. 1 vol. in-8.º.... 600
Corymbos, por *L. Guimarães Junior*. 1 vol. in-8.º gr........... 600
Crime (O) de Orcival, por *Emilio Gaboriau*. 1 vol. in-8.º......... 600
Criminosos celebres, episodios historicos, por *Moreira d'Azevedo*. 1 vol. in-8.º................... 600
Culto (O) do dever, romance pelo *Dr. J. Manoel de Macedo*. 1 volume in-8.º......................... 600
Curiosidades, noticias e variedades historicas, pelo *Dr. Moreira de Azevedo*. 1 vol. in-8.º.......... 600
Curso de historia universal, por *Mr. Daniel:*
Historia moderna. 1 vol.
Historia contemporanea. 1 vol.
Historia antiga. 1 vol.
Historia da idade média. 1 vol.
4 vol. Cada um.............. 500
Curso de philosophia, redigido conforme o programma para o bacharelado, por *L. Geruzez*. 1 vol. in-8.º 360
Curso elementar de geometria, por *Camillo Trinocq*. 1 vol. in-12.º cartonado...................... 300
Curso elementar de historia moderna, por *Camillo Trinocq*. 1 vol. in-12.º cart....................... 300
Curso elementar de mythologia, por *Camillo Trinocq*. 1 vol. in-12.º cartonado....................... 300
Curvas e zig-zags, caprichos humoristicos, por *Luiz Guimarães Junior*. 1 vol. in-8.º................ 600
Da côrte á fazenda de Santa Fé, impressões de viagem, por *A. P. Correia Junior*. 1 vol. in-8.º.......... 400
Dados da fortuna, modernissimo livro de sortes. 1 vol. in-8.º..... 500
Demonio (O) familiar, comedia em 4 actos, por *J. de Alencar*. 1 vol. in-8.º......................... 500
Depois da morte, ou a vida futura segundo a sciencia, por *Luiz Figuier*. 1 vol. in-8.º............... 1$000
Desmoronamento (O), por *E. Gaboriau*. 5 vol. in-12.º...... 3$600
Deus na natureza, por *Camillo Flamarion*. 2 vol. in-8.º......... 1$200
Dia (O) de S. Nunca, por *Albéric Second*. 1 vol. in-8.º............ 600
Diccionario de medicina e therapeutica homœopathica, ou a homœopathia posta ao alcance de todos, por *A. J. de Mello Moraes*. 1 vol. in-4.º............. 2$500
Diva, perfil de mulher, publicado por *G. M.* 1 vol. in-8.º........... 600
Elementos de desenho linear, por *Ayres de Albuquerque Gama*. 1 vol. in-8.º cart................ 320
Eloquencia poetica e critica litteraria, por *M. C. Honorato*. 1 vol. in-8.º gr.................. 1$000
Ensaios litterarios, de *Ignacio de Azevedo*. 1 vol. in-4.º.......... 600
Episodios de historia patria, pelo *Dr. J. C. Fernandes Pinheiro*. 1 vol. in-8.º...................... 500
Ermitão (O) da gloria.
Alma (A) do Lazaro, por *J. de Alencar*. Os dous em 1 vol. in-8.º... 600
Ermitão (O) do Muquem, ou historia da fundação da romaria de Muquem, por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º........................ 600
Escrava (A) Isaura, romance por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º 600
Esphinge (A), palestra enigmatica ou livro de adivinhações. 1 vol. 500
Espião (O) prussiano, romance inglez, por *Valmont*. 1 vol. in-8.º 600
Estudo clinico sobre as febres do Rio de Janeiro, pelo *Dr. João Vicente Torres Homem*. 1 vol. in-8.º gr. 1$000
Estudos historicos, pelo conego *Dr. Joaquim Fernandes Ribeiro*. 2 vol. in-8.º...................... 2$000
Evangelho (O) segundo o espiritismo, contendo as maximas moraes de Christo, por *Allan Kardec*. 1 vol. in-8.º......................... 1$000
Factos do espirito humano. Philosophia, por *D. J. G. de Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr................ 900
Fantasma (O) branco, opera em 3 actos, pelo *Dr. J. M. de Macedo*. 1 vol. in-8.º................... 500
Favos e travos, romance por *Rozendo Moniz*. 1 vol in-8.º......... 600
Fernão Mendes Pinto, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, por *José Feliciano de Castilho*. 2 vol. in-8.º............ 1$500
A mesma obra em 8.º gr. 2 vol.
Filagranas, por *Luiz Guimarães Junior*. 1 vol. in-8.º........... 600
Flammarande, romance de *George Sand*. 1 vol. in-8.º.......... 600
Flôres do campo, por *Ezequiel Freire*. 1 vol. in-8.º................ 500
Flôres e fructos, poesias por *Bruno Seabra*. 1 vol. in-8.º............ 600
Flôres entre espinhos, contos poeti-

cos. 1 vol. in-8.º.............. 500

Flôres silvestres, poesias por *F. L. Bettencourt*. 1 vol. in-8.º....... 600

Forasteiro (O), romance brazileiro, por *J. Manoel de Macedo*. 3 vol. in-8.º..................... 1$500

Francezes (Os) no Rio de Janeiro, romance, pelo *Dr. Moreira d'Azevedo*. 1 vol. in-8.º.................. 600

Gallicismos, palavras e phrases da lingua franceza, por *José Norberto de Sousa e Silva*. 1 vol. in-8.º 1$000

Garatuja (O), chronica dos tempos coloniaes, por *J. de Alencar*. 1 v. 600

Garcia de Rezende, excerptos, seguidos de uma noticia de sua vida e obras, por *Antonio Feliciano de Castilho*. 1 vol. in-8.º.............. 720

Garimpeiro (O), romance por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º 600

Gaúcho (O), romance brazileiro, por *Senio*. 1 vol. in-8.º............ 600

Geographia physica para uso da juventude, por *L. A. da Costa Junior*. 1 vol. in-8.º.................. 600

Gonzaga, poema por *** com uma introducção, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º............ 600

Grammatica analylita da lingua franceza, pelo *Dr. J. Ruffier*. 1 vol. in-8.º....................... 720

Grammatica latina, para uso dos alumnos do seminario episcopal de S. Paulo, por um professor do mesmo seminario. 1 vol. in-8.º.......... 400

Grammatica theorica e pratica da lingua portugueza, por *P. Sadler*. 1 vol. in-8.º................ 600

Grammatica (Nova) portugueza-franceza, por *Edouard de Montaigu*. 2 vol. in-8.º................ 1$000

Guarany (O), romance brazileiro, por *J. de Alencar*. 2 vol. in-8.º 1$200

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes, por *Senio*. 2 vol. in-8.º..................... 1$200

Helena, por *Machado de Assis*. 1 vol. in-8.º.................... 600

Historia do Brazil, por *Roberto Southey*, traduzida pelo *Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro*. 6 v. 10$000

Historia do Brazil contada aos meninos, por *Estacio de Sá e Menezes*. 1 vol. in-8.º.................. 600

Historia da conjuração mineira. — Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional, por *J. Norberto de Sousa e Silva*. 1 vol. in-8.º gr........................ 2$000

Historia da fundação do imperio brazileiro, por *J. M. Pereira da Silva*. 3 vol. in-8.º gr.............. 4$500

Historia geral da guerra do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, por *L. Alfredo Demersay*. 1 vol. in-8.º..................... 360

Historia da guerra do Paraguay, por *Theodor Fix*. 1 vol. in-4.º 1$200

Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina, por *João Macé*. 1 vol...................... 600

Historia dos martyres da liberdade, por *A. Esgueiros*, augmentada com episodios tirados da historia de Portugal e Brasil, por *A. Gallo*. 2 vol. in-8.º gr................... 3$000

Historia e tradições da provincia de Minas-Geraes, por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º........... 600

Historias brazileiras, por *Sylvio Dinarte*. 1 vol. in-8.º.......... 600

Historias para gente alegre, por *L. Guimarães Junior*. 2 volumes in-8.º..................... 1$200

Historias da meia noite, por *Machado de Assis*. 1 vol. in-8.º.... 600

Homens do passado; chronicas dos seculos XVIII e XIX, pelo *Dr. Moreira d'Azevedo*. 1 vol. in-8.º........ 600

Homens (Os) de sangue, ou os soffrimentos da escravidão. 2 volumes in-8.º.................... 1$200

Hygiene para uso dos mestres escólas, pelo *Dr. Gallard*. 1 v. in-8.º 300

Ignez (D.) de Castro, drama em 5 actos e em verso, por *Julio de Castilho*. 1 vol. in-8.º............. 600

Iliada de Homero, em verso portuguez, por *Manoel Odorico Mendes*. 1 vol. in-4.º.................. 1$500

Illusão, experiencia e desengano de um velho da terra de Santa Cruz. 1 vol. in-8.º................... 300

Interesses portuguezes. Segunda parte da refutação dos artigos sobre emigração do conselheiro Mendes Leal, pelo *Dr. José Rodrigues de Mattos*. 1 vol. in-8.º................... 600

Jeronymo Corte-Real, chronica do seculo XVI, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º............ 600

Jesuita (O), drama em 4 actos, por *J. de Alencar*. 1 vol.......... 600

João (P.^e^) de Lucena, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, por *José Feliciano de Castilho*. 2 vol. in-8.º............... 1$250

A mesma obra. 2 vol. in-8.º gr.

Joãosinho, por *Charles Jeannel*. 1 vol. in-8.º.................. 500

Lamartineanas, poesias de *Affonso de Lamartine*. 1 vol. in-8.º 600

Lendas e romances, por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º 600

Lições de chorographia do Brazil, por *Joaquim Manoel de Macedo*. 1 vol. in-8.º..................... 1$000

Lições elementares de geographia, segundo o methodo Gauthier, por *Estacio de Sá e Menezes*. 1 vol. in-8.º 600

Lições de historia do Brazil, por *J. Manoel de Macedo*. 2 volumes in-8.º gr....................... 2$000

Littérature (La) Portugaise, son passé, son état actuel, par *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º 600

Livro (O) dos mediums ou guia dos mediums e dos evocadores, por *Allan Kardec*. 1 vol. in-8.º......... 1$000

Livro (O) dos espiritos, contendo os principios da doutrina espirita, por *Allan Kardec*. 1 vol. in-8.º... 1$000

Luciola. Um perfil de mulher, publicado por *G. M.* 1. vol. in-8.º 600

Lucubrações, de *Francisco Lobo da Costa*. 1 vol. in-8.º......... 500

Luneta (A) magica, por *J. M. de Macedo*. 2 vol. in-8.º........ 1$200

Lusbela, drama em 1 prologo e 4 actos, pelo *Dr. J. Manoel de Macedo*. 1 vol. in-8.º................. 450

Mademoiselle Cleopatra, historia parisiense, por *Arsenio Houssaye*. 1 vol. in-8.º.................. 600

Mademoiselle Mariani, historia parisiense, por *Arsenio Houssaye*. 1 vol. in-8.º.................. 600

Mademoiselle de Maupin, por *Theophilo Gautier*. 1 vol. in-8.º 600

Mãi, drama em 4 actos, por *J. de Alencar*. 1 vol. in-8.º.......... 500

Manhas (As) da avó, leitura para a infancia, por *Victoria Colonna*. 1 vol. in-8.º..................... 600

Manifesto do centro liberal. 1 vol. in-4.º..................... 300

Manoel (P.e) Bernardes, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, e um juizo critico, por *Antonio Feliciano de Castilho*. 2 vol. in-8.º .... 1$500

Manoel Maria du Bocage, excerptos, seguidos de uma noticia sobre a sua vida e obras, em juizo critico, por *J. Feliciano de Castilho Barreto e Noronha*. 3 vol. in-8.º........... 2$000

Manoel de Moraes, chronica do seculo XVII, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º................ 700

Manual homœopathico, pelo *Dr. Emilio Germon*. 1 vol. in-8.º gr. 600

Marilia de Dirceu, por *Thomas Antonio Gonzaga*. 2 vol. in-8.º... 1$500

Mariposas, romance brazileiro, por *Edmundo Frank*. 2 vol. in-8.º 1$200

Marquez (O) de Pombal, por *Clemence Robert*. 1 vol. in-8.º 300

Mata (O) horas aborrecidas, nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade. 1 vol. in-8.º......... 500

Mateiro (O) ou os bandeirantes, por *Gabriel Ferry*. 3 vol. in-8.º... 2$000

Mauricio, ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por *Bernardo Guimarães*. 2 vol. in-8.º........... 1$200

Meandro poetico, pelo *Dr. José C. Fernandes Pinheiro*. 1 vol. in-8.º 500

Memorias do grande exercito alliado libertador do sul da America, por *Titára*. 1 vol. in-4.º..... 1$000

Memorias do marquez de Santa Cruz, arcebispo da Bahia, por *D. Romualdo Antonio de Seixas*. 1 vol. in-4.º 700

Memorias do sobrinho de meu tio, por *Joaquim Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º..................... 1$200

Methodo de musica vocal, por fr. *G. R.* 1 vol. in-4.º 600

Minas (As) de prata, romance por *J. de Alencar*. 3 vol. in-8.º... 3$000

Mocidade (A) de Trajano, por *Sylvio Dinarte*. 2 vol. in-8.º..... 1$200

Moço (O) louro, por *Joaquim M. de Macedo*. 2 vol. in-8.º........ 1$200

Morte (A) moral, novella, por *A. D. de Pascual*. 4 vol. in-8.º..... 2$500

Mosaico brazileiro, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades, etc., etc., pelo *Dr. Moreira de Azevedo*. 1 vol. in-8.º.......... 600

Mosaico, poesia e prosa de diversos authores. 1 folheto in-8.º....... 300

Mulheres celebres, pelo *Dr. Joaquim Manoel de Macedo*. 1 volume in-8.º 400

Mulheres (As) de mantilha, romance brazileiro, por *J. Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º............ 1$200

Mundos (Os) imaginarios e os mundos reaes, viagem pitoresca pelo céo, por *Camillo Flammarion*. 1 grosso volume in-8.º.. .... 1$000

Namoradeira (A), romance por *Joaquim Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º .... 1$600

Narrativas militares, (scenas e typos), por *Sylvio Dinarte*. 1 vol. in-8.º 600

Nebulosa (A), por *Joaquim Manoel de Macedo*. 1 vol. in-4.º 500

Nina, romance por *J. Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º.......... 1$200

Noiva (A) de Fontenay-das-Rosas, por *Ch. Paulo de Kock*. 1 volume in-8.º 600
Nova grammatica franceza, por *Emilio Levene*. 2 vol. in-8.º....... 1$000
Novas poesias de *Bernardo Guimarães*. 1 vol.................. 600
Novellas, por *Theophilo Gautier*. 1 vol. in-8.º.................... 600
Novellas de *Alfredo de Musset*, traducção de *Salvador de Mendonça*. 1 vol. in-8.º................. 1$000
Noventa e tres, a guerra civil, por *Victor Hugo*. 1 vol. in-8.º.... 1$200
Novo methodo para aprender a lêr, escrever e fallar a lingua franceza em seis mezes, por *H. G. Ollendorff*. 1 vol. in-8.º .... 1$000
Novo methodo de grammatica latina, pelo *P.e Antonio Pereira de Figueiredo*. 1 vol. in-8.º 240
Novo methodo de grammatica latina, pelo *P.e Antonio Pereira*. 1 volume cart 600
Novo (O) Othello, comedia em 1 acto, pelo *Dr. J. M. de Macedo*. 1 folheto in-8.º....................... 150
Obras completas do Dr. Antonio Ferreira, 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego *Dr. J. C. Fernandes Pinheiro*. 2 vol. in-8.º.... 2$000
Obras litterarias de *J. M. Pereira da Silva*. 2 vol. in-8.º gr...... 2$500
Obras poeticas de Ignacio de Alvarenga Peixoto, por *J. Norberto de Sousa Silva*. 1 vol. in-8.º 600
Obras poeticas de *Manoel Ignacio da Silva Alvarenga*. 2 vol. in-8.º 1$200
Obras de Manoel Antonio Alvares de Azevedo, precedidas do juiso critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, por *J. Norberto de Sousa e Silva*. 3 vol. in-8.º.......... 2$000
Obras posthumas de Luiz José Junqueira Freire, 3.ª edição, correcta por *Franklin Doria*. 2 vol. in-8.º 1$200
Obras poeticas de *Laurindo José da Silva Rabello*. 1 vol. in-8.º..... 600
Opusculos historicos e litterarios, por *D. J. G. Magalhães*. 1 volume in-8.º 900
Os dous irmãos, romance de *George Sand*. 1 vol. in-8.º...... 600
Os Tymbiras, poema americano, por *A. G. Dias*. 1 vol. in-8.º... 600
Ourson o cabeça de ferro, romance de *Gustavo Aimard*. 1 vol. in-8.º 600
Paginas de historia constitucional do Brazil, 1840 a 1848, por *Nunes Alvares*. 1 vol. in-8.º gr....... 2$000
Papai, mamãi, e néné, romance de *Gustavo Droz*. 1 vol. in-8.º..... 600
Pata (A) da gazella, romance brazileiro, por *Senio*. 1 vol. in-8.º... 600
Peregrinação pela provincia de S. Paulo, 1860-1861, por *Augusto Emilio Zaluar*. 1 vol. in-4.º...... 1$500
Phalenas, por *Machado d'Assis*. 1 vol. in-8.º.................. 600
Physiologia do matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados, por *A. Debay*. 1 vol. in-8.º..................... 1$000
Physica e cosmographia ao alcance dos meninos, pela snr.ª *J. Périer*. 1 vol. in-8.º com 67 gravuras.... 800
Pluralidade (A) dos mundos habitados, por *Camillo Flammarion*. 2 vol. in-8.º............... 1$200
Poder (O) da vontade, ou caracter, comportamento e perseverança, por *F. Smills*. 1 vol. in-8.º........... 600
Poesias avulsas, por *D. J. G. Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr........ 900
Poesias de *B. J. da Silva Guimarães*. 1 vol. in-8.º gr......... 1$500
Poesias de *Pimenta de Laet*. 1 folheto in-8.º................ 300
Poesias de *A. Gonçalves Dias*, 6.ª edição organisada e revista por *J. Norberto de Sousa e Silva*. 2 volumes in-8.º....................... 2$000
Primeiros versos de *Julio de Castilho*. 1 vol. in-8.º............ 500
Processo (O) Lerouge, por *Emilio Gaboriau*. 1 vol. in-4.º......... 700
Provincia (A), estudo sobre a descentralisação no Brasil, por *Tavares Bastos*. 1 vol. in-8.º gr...... 1$200
Quadros, por *Joaquim Serra*. 1 vol. in-8.º.......................... 500
Quatro (As) derradeiras noites dos inconfidentes de Minas-Geraes, 1792, por *A. D. de Pascual*. 1 volume in-8.º 600
Quatro pontos cardeaes. A mysteriosa, romance, por *J. M. de Macedo*. 1 vol. in-8.º................. 700
Rei (O) Candaule, Fortunio, por *Theophilo Gautier*, versão de *Salvador de Mendonça*. 1 vol. in-8.º........ 600
Resumo de historia contemporanea desde 1815 até 1865, por um professor. 1 vol. in-8.º encadernado....... 900
Resumo de historia litteraria, pelo conego *Dr. Joaquim C. Fernandes Pinheiro*. 2 vol. in-8.º gr....... 4$500
Resumo da lei dos phenomenos espiritas, por *Allan Kardec*. 1 folheto in-12.º 160
Resurreição, romance, por *Ma-*

chado d'Assis. 1 vol. in-8.º..... 600

Revelações, poesias de *Augusto Emilio Zaluar*. 1 vol. in-8.º gr. 2$000

Rio (O) de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e costumes, pelo *Dr. Moreira d'Azevedo*. 2 vol. in-4.º............... 4$500

Roda (A) do destino, novo e completo livro de sortes, por ***. 1 volume in-8.º........................ 500

Romance (O) da duqueza, historia parisiense, por *Arsenio Houssaye*. 1 vol. in-8.º.................... 600

Romance da mulher que amou, pela princeza de ***, versão de *Narcisa Amalia*. 1 vol. in-8.º........... 600

Romances (Os) da semana, pelo *Dr. Joaquim Manoel de Macedo*. 1 vol. in-8.º...................... 600

Rosa, romance por *J. M. de Macedo*. 2 vol...................... 1$200

Segundo periodo do reinado de D. Pedro II, do Brazil, narrativa historica, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 vol. in-8.º gr.................. 1$500

Seminarista (O), romance brazileiro, por *Bernardo Guimarães*. 1 vol. in-8.º...................... 600

Senhora, perfil de mulher, publicado por *G. M.* 1 vol. in-8.º...... 600

Sertanejas, de *J. Helliodoro*. 1 folheto in-8.º................ 300

Sertanejo (O), romance brazileiro, por *J. de Alencar*. 2 vol. in-8.º 1$200

Servidores (Os) do estomago, continuação da Historia de um bocadinho de pão, por *Jean Macé*. 1 volume in-8.º...................... 1$000

Situation sociale politique et economique de l'empire du Brésil, por *J. M. Pereira da Silva*. 1 volume in-8.º.......................... 600

Supremacia intellectual da raça latina, por *Emanuel Liais*. 1 vol. in-8.º......................... 500

Suspiros poeticos, por *D. J. G. de Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr..... 900

Tetéyas, pelo *Dr. Caetano Felgueiras*. 1 folheto in-8.º........... 300

Theatro do *Dr. Joaquim M. de Macedo*. 3 vol. in-8.º.......... 2$000

Thesouro litterario, por *Antonio Manoel dos Reis*. 1 v. in-8.º gr. 6$000

Til, romance brazileiro, por *José Martiniano de Alencar*. 4 vol..... 2$000

Torre (A) em concurso, comedia burlesca em 3 actos, pelo *Dr. J. Manoel de Macedo*. 1 vol. in-8.º........ 450

Tratado pratico dos bancos, por *James Wiliam Gilbart*. 4 volumes in-8.º....................... 6$000

Tragedias, Antonio José, Olgiato e Othello, por *D. J. G. Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr................. 900

Ubirajara, lenda tupy, por *J. de Alencar*. 1 vol. in-8.º.......... 600

Um noivo a duas noivas, romance por *Joaquim Manoel de Macedo*. 3 vol. in-8.º..................... 1$800

Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro, por *Joaquim Manoel de Macedo*. 2 vol. in-8.º gr.............. 2$000

Urania, por *D. J. G. de Magalhães*. 1 vol. in-8.º gr................ 900

Vadios (Os) de Paris, por *Gontran Borys*. 2 vol. in-8.º.......... 1$200

Valle (O) do Amazonas, estudo sobre a livre navegação do Amazonas, estatistica, producções, commercio, questões fiscaes do valle do Amazonas, por *A. C. Tavares Bastos*. 1 v. in-4.º 1$500

Varões (Os) illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes, por *J. M. Pereira da Silva*. 2 vol. in-8.º 2$000

Verso e reverso, comedia em 2 actos por *J. d'Alencar*. 1 vol........ 350

Versos de alguns socios do gabinete portuguez de leitura no Maranhão. 1 vol. in-8.º.................... 700

Viagem ao redor do mundo em oito dias, por *Julio Verne*. 1 v. in-8.º 600

Viagem no dorso de uma baleia, por *A. Brown*. 1 vol. in-8.º........ 600

Viagem imperial, por *J. d'Alencar*. 1 folheto..................... 120

Vicentina, pelo *Dr. J. Manoel de Macedo*. 3 vol................ 1$500

Victimas (As) e algozes, quadros da escravidão, romances. 2 volumes in-4.º...................... 1$400

Virgilio brazileiro, ou traducção do poeta latino, por *Manoel Odorico Mendes*. 1 vol. in-8.º gr......... 2$400

Vocabulario nautico em portuguez-francez e francez-portuguez, por *Adolpho Tiberghien*. 1 volume in-8.º grande...................... 500

Zaira, romance brazileiro, por *José Tito Nabuco d'Araujo*. 1 volume in-8.º....................... 500

Henrique Peres Escrich

Os anjos da terra. 5 vol.... 2$500
A promessa sagrada. 4 v. 1$600
A esposa martyr. 5 vol.... 2$500
A calumnia. 5 vol....... 2$500
Amor dos amores. 3 vol..... 2$000
Inferno dos ciumes. 3 vol.. 1$800
Caridade christã. 3 vol.... 1$800
O anjo da guarda. 3 vol..... 1$800
O pão dos pobres. 3 vol...... 1$500
Os desgraçados. 2 vol. 1$200
Rico e pobre. 1 vol......... 500
O piano de Clara. 1 vol.... 500
O amigo intimo. 1 vol...... 400
A prosa da gloria. 1 vol.... 500

NOITES AMENAS, contos.

1.º **O violino** do diabo. 1 v. 400
2.º **Tal** arvore tal fructo. 1 v. 400
3.º **Um filho** do povo. 1 v. 300
4.º **Quem tudo quer** tudo perde. 1 vol................ 400
5.º **Por bem fazer** mal haver. 1 vol..................... 500
6.º **As culpas** dos paes. 1 v. 300

Obras de J. Agostinho de Macedo

O Oriente, poema epico. 1 vol.
A Natureza, poema. 1 vol.
A Meditação, poema. 1 vol.
Viagem extatica ao templo da Sabedoria. 1 vol.
Newton, poema epico. 1 vol.
Biographia de J. Agostinho de Macedo, com o retrato do author, por *Joaquim Lopes Carreira de Mello.*

6 vol................................ 1$440

Collecção das obras classicas portuguezas, que se acham já reimpressas e completas

Elucidario das palavras e phrases, que antigamente se usaram em Portugal e que hoje regularmente se ignoram, por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. 2 vol. in-fol. 4$000
Historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas, por Fr. Luiz de Sousa. 6 grossos vol. in-4.º 7$200
Trabalhos de Jesus, por Fr. Thomé de Jesus. 2 vol. in-4.º.... 1$800
Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil. 2 v. in-4.º 1$800
Historia insulana das ilhas adjacentes a Portugal sujeitas, pelo padre Antonio Cordeiro. 2 vol. in-4.º 2$000
Mappa de Portugal antigo e moderno, pelo padre João Baptista de Castro, ampliado com um supplemento por Manoel Bernardes Branco. 4 vol. in-4.º...................... 3$600
Memorial da segunda tavola redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1 vol. in-4.º.......... 1$000
Obras completas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, dispostas e annotadas por Innocencio Francisco da Silva, com um estudo biographico e critico ácerca do poeta, por Luiz Augusto Rebello da Silva. 6 vol. in-8.º gr....................... 4$320
Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire (Candido Lusitano). 3 vol. in-8.º gr. 720
Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes de Leão. 1 vol. in-8.º............... 500

Camillo Castello Branco

(ORIGINAES, TRADUCÇÕES E REIMPRESSÕES)

O Inferno, trasladado para portuguez e prefaciado. 1 vol..... 500
Amores do Diabo, romance por J. Cazotte, precedido de sua vida, processo, prophecias e revelações, por Gerard de Nerval. 1 vol...... 500
O Carrasco de Victor Hugo José Alves. 1 vol................ 500
A Freira no subterraneo, romance historico, traducção. 1 vol.... 500
Vida d'el-rei D. Affonso VI, escripta no anno de 1684. 1 vol....... 400
Noites de insomnia (Bibliotheca de algibeira). 12 vol............ 2$400
Mosaico e silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas. 1 vol...................... 500
Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, com uma extensa introducção e notas illustrativas. 1 vol. enc.............. 700
Poesias e prosas ineditas de Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com um prefação e notas. 1 vol......... 500
Carta de guia de casados, para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanço, a um amigo, por D. Francisco Manoel. Nova edição, com um prefacio biographico enriquecido de documentos ineditos. 1 vol...................... 360
Compendio da vida e feitos de José Balsamo, chamado o Conde de Cagliostro ou o Judeu Errante, tirado do processo formado contra elle em Roma no anno de 1790, e que póde servir de regra para conhecer a indole da seita dos franc-maçons. 1 vol. 400

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios, aos alumnos que se preparam para exame, contendo o mais essencial da sabedoria humana, e toda a sciencia quotidianamente applicavel.

POR

E. M. CAMPAGNE

DIRECTOR DE COLLEGIO

TRASLADADO A PORTUGUEZ

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

2 gr. vol. in-4.º............... 6$000
Encadernados................. 7$000

FREI DOMINGOS VIEIRA

GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

5 vol. in-folio, brochados............... 25$000
Encadernados............................ 30$000

Porto: 1879 — Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º Anno 1879 Numero 4

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

12 numeros, 500 reis

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

Ernesto Chardron, Editor

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

SERIE DE 12 NUMEROS, 500 REIS

nos deixaram noticias satisfactorias; é de crêr, porém, que ella, apesar da falta de habilitações chimicas para combater os acidos nocivos á respiração, aceitasse o emprego fiada na maxima de que SANCHO-PANSA depois se serviu, quando requereu o governo da ilha Barataria: «quando Deus nos dá os empregos tambem nos dá capacidade para os exercer».

O christianismo demittiu esta Venus, a unica verdadeiramente hygienica e salutifera. As outras ficaram apenas suspensas como indecentes, durante a idade média, mas reappareceram radiosas com a Renascença, secias, despeitoradas e desnalgadas como OVIDIO e PROPERCIO as inculcavam aos argentarios. Em Portugal foram recebidas no Cimo da Cotovia, na Arcadia, nas Assembléas litterarias, e no gremio de algumas familias de vida pagan; mas trajavam decentemente, excepto uma que LUIZ DE CAMÕES apresentou ao GAMA na ilha dos Amores, e ás meninas que tem no seu cesto de costura uma edição dos **Lusiadas** de seis vintens não castrada pelo snr. conselheiro Viale. Em completa nudez, porém, nunca ousou apresentar-se a esposa do olympico ferreiro senão agora em Portugal, de braço dado com rapazes da sociedade de fina raça.

E d'estas mancebias, que parecem commentarios justificativos de PETRONIO, resultaram os livros que formam a antithese da rica definição de ALFREDO ANSUR. São a Idéa da Carne.

Principiava eu a desesperar de lêr em portuguez cousa moderna que podesse chamar-se um livro de espirito, quando PALMEIRIM, que eu deplorava invalidado pela preguiça, me sahiu de casa de Ernesto Chardron com o aprumo juvenil e os rubros sorrisos dos que aos vinte e cinco annos se encostavam aos extinctos frades do Chiado para examinarem com a luneta petulante as «Figuras portuguezas». Quem conhecer PALMEIRIM com alguma intimidade gozará em dobro lendo-lhe o livro, porque, ao mesmo tempo, o está imaginando com o seu riso caustico e a sua verbosidade variadissima de tonalidades comicas, pintando-lhe os fastos grotescos do *Feliciano das Seges*. Não sei se a escripta lhe desluz um pouco os realces da palavra. Alguns narradores tem de commum com os principes da tribuna as vantagens do gesto, o accessorio da estatuaria, o timbre da voz, a radiação da apostrophe, a scintillação das ironias, tudo em fim que apenas resalta no livro, e que o leitor de imaginação canhestra não póde **idealisar** senão aleijando os vultos e **estropeando** a pontuação do discurso ou do **conto**. LUIZ PALMEIRIM, se em Portugal **houvesse** auditorios, devia andar de **provincia** em provincia como o opulento DICKENS, lendo as suas **Figuras portuguezas** aos figurões portuguezes.

Que effeito, se elle n'uma **assembléa** de provinciaes, dados ao **anglicismo** do *meeting*, mas incorruptiveis na **prosodia** moura, entrasse, e lêsse o seu *Politico*! Com que deleite elles **escutariam** de orelha fita os louvores da **sua dedicação** aos interesses publicos da **Europa** e de Santo André dos Mariolas! A **pag.** 189 das **Figuras** leria PALMEIRIM:

«Quando um homem qualquer **não** tem que fazer, e receia por um **resto de** pudor passar por vadio, mette-se a **politico**. Ser politico em Portugal **significa fallar** no orçamento e não o lêr, na **Carta constitucional** e não saber onde **ella se** vende; no poder executivo, e **confundil-o** com todos os outros poderes, **menos** com o proprio poder executivo. **Para se** ser politico, precisa-se: primeiro, **audacia**; segundo, ignorancia; terceiro, **ociosidade**. Com estes tres predicados, e a **leitura** de alguma folha politica, e o **conhecimento** pessoal de dous ou tres **homens** que já foram ministros, está o **politico** feito».

No circulo onde estou escrevendo estas linhas, como APELLES pintava os seus paineis «para a posteridade», um politico faz-se com elementos mais ordinarios. Os mais graúdos não conhecem dous ou tres sujeitos que fossem ministros, excepto o barão, o visconde, o conselheiro que PALMEIRIM por força havia de ter no seu auditorio, salvo se fizesse a sua leitura em Barroso — terra alta e fria onde não vegeta a violeta modesta, nem a amendoeira, dôce sorriso de abril, nem o barão, exuberancia verdejante de maio. Mas fóra de Barroso, PALMEIRIM encontraria barões, conselheiros e viscondes sobre quem espargir as seguintes perolas.

Ao barão as de pag. 30:

«Como é que o marçano de duas decadas atraz, soube apanhar de salto o diploma nobiliario, e pôr quasi em seguida em confronto audaz a cutis gretada e pardacenta com a alvura dos arminhos do manto senatorio? É discreta a curiosidade da pergunta. O barão não é completamente um parvo como ao principio se acreditou, quando os primeiros ministerios constitucionaes punham o typo em

circulação, a troco de um emprestimo com usura feito ao governo, ou da compra urgente, mas ainda então arriscada dos bens dos conventos. Simplesmente ignorante e sinceramente fatuo, o barão não nasceu como o poeta, nem se fez como o orador: deixou-se fazer como uma necessidade do thesouro publico, sabendo que ia arcar com os sarcasmos dos jornalistas, e substituir no theatro a reproducção estafada dos melhores typos de farça nacional.....................

«Em familia, o barão desfivela a mascara, e apparece na rustica nudez dos tempos em que jogava o gamão na botica, e punha a mira de todos os seus desejos em figurar na procissão do Corpo de Deus como vereador municipal......

«É ainda pelo joanete, sem fórma geometrica conhecida, que o barão denuncia as torturas por que passou, ao querer ageitar um pé desenvolvido em liberdade ás barbaras exigencias de um bute de polimento».

O visconde rir-se-hia do barão, acotevelando o conselheiro, quando PALMEIRIM, folheando as **Figuras**, lêsse a pag. 161:

«Nascido ás abas da Serra da Estrella ou do Marão, um certo perfume alpestre vence o do almiscar em que se enfrasca para se purificar do cheiro do breu dos barcos que traz no mar. Ser visconde significa ir por ordem alphabetica na cauda dos titulares, e ter por isso a vantagem de ser o ultimo a votar nas camaras legislativas, tendo assim tempo para pesar o «approvo» na balança do seu interesse privado, ou dar muitas vezes ao «rejeito» a importancia singular de um desempate......................

«O Brazil está sendo hoje o nosso principal fornecedor de titulares. O incendio que reduziu a cinzas um estabelecimento publico, dá dous barões; a fundação de um asylo, dous viscondes; um emprestimo nacional e espontaneo, que não chega para pagar os juros do dinheiro emprestado, significa visconde e barão e meio, ou, em algarismos redondos, dous barões e um visconde. A imprensa, elogiando o patriotismo dos nossos irmãos d'além-mar, despertou-lhes no coração o amor da aldêa natal. A mobilia para a escóla rural, o sino para o presbyterio campezino, o donativo para o chafariz publico, é tudo estimulo, sendo obra da imprensa, que alentou e popularisou os brios dos doadores. A melhor das acções do visconde é quasi sempre o da caridade, e o tabellião o executor da alta justiça dos peccadilhos do titular enriquecido pela usura. É então que elle se lembra, sem calculo, da existencia dos hospitaes, dos asylos e das misericordias. É do receio da morte que surgem os S. Vicentes de Paula posthumos que os collectores velhacos da santidade humana inculcam pressurosos á canonisação».

PALMEIRIM seria parcial dade, se não désse uma p no ventre tympanitico d que esteve ouvindo com carpear as lãs do barão e mas ainda ha homens que, da justiça, são exactos co videncias subalternas. Ta quando, a pag. 102, volta o conselheiro: — diz:

«P ciso, na t phia phos, conta cados presi de d sem honorario de uma philarmonica qualquer..................................

«Um dos caracteristicos mais salientes do conselheiro é a obesidade. Os que tem estudado a especie com certa sagacidade, attribuem o phenomeno á ebulição lenta que geralmente se manifesta nas idéas do conselheiro, lentidão que sendo um mal nas funcções digestivas, é um bem inapreciavel quando a intellectualidade repousa, deixando-se vencer pela materia. Eu sou de opinião diversa: creio que o conselheiro engorda pelo bem cabido orgulho de ser o primeiro figurão da sua raça..............

«Quando o conselheiro passa d'esta para melhor vida, periphrase amena que evita o emprego mal-soante do verbo morrer, que seria um desconchavo de grammatica applicado a um immortal, a familia do finado, aproveitando-se ávida do estylo mortuario, participa pelos jornaes que o conselheiro fulano de tal deixou de existir; e o necrologio, apossando-se do caso, evita, como lh'o aconselham as conveniencias, fallar das grandezas do bemaventurado para se não arriscar a encontrar quem affirme sorrindo têl-o conhecido... pau de laranjeira...

«Deus, quando creou o homem á sua

que a sociedade havia de fazer d'elle um conselheiro ».

D'est'arte bruniu LUIZ PALMEIRIM a tripeça jerarchica sobre que se assenta a constituição da familia portugueza ha quasi meio seculo, remendando com farrapos da fidalguia das chronicas os simulacros da aristocracia das industrias. O eminente observador continuou as chufas de ALMEIDA GARRETT aos barões, nas **Viagens da minha terra**. GARRETT morreu visconde, para expiar; porque dizem os livros sagrados: « não chamarás *raca* a teu irmão ». *Raca* entre os essenios no dialecto arimeu, de procedencia semitica, correspondia a *barão;* outros orientalistas um pouco mais sabios que eu dizem que *raca* é *asno*. Servem ao caso ambas as interpretações. Continuou PALMEIRIM tambem a satyra aos titulares de MANOEL ROUSSADO. Ora, ROUSSADO, aquelle jovialissimo espirito, levou a mangação dos barões até se fazer barão a valer. Elles, os chacoteados, diziam: « Estão verdes ». E vai o folhetinista das convulsas risadas cingiu na fronte a corôa feudal dos solarengos da idade média, para humilhar os collegas que lhe escouceavam a sombra.

Não vão imaginar que eu esteja d'aqui saudando o futuro *visconde de Palmeirim* com um sorriso ironico. Deixo aos viscondes esse desdenhoso tregeito de prophetica vingança.

O que eu saúdo é as subsequentes edições da **Galeria das figuras portuguezas**, livro cheio de graça inoffensiva e de verdades austeras, *livro honrado*, como ha pouco no *Primeiro de Janeiro* lhe chamou o snr. OLIVEIRA RAMOS, — a capacidade mais lucidamente critica e mais extraordinariamente modesta que eu conheço na imprensa portugueza.

LUIZ PALMEIRIM tem muitas riquezas que explorar ainda no veio do *ridiculo*. De materia bruta caboucada em grandes brutos elle fará primorosas estatuetas para a sua nova galeria. Na turba dos espertos que dão a Lisboa o *tom*, o relevo e o matiz ha muito que vêr e photographar ao sol de tamanho talento. Não será mau pintar tambem as *más figuras*, — os patifes. Dê-nos o GAVARNI da penna o desenvolvimento d'esta these de D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO: *Lisboa é muito grande, é mata espessa onde se criam monstros de disforme malicia.*

Camillo Castello Branco.

GALERIA

DE

SCIENCIAS CONTEMPORANEAS

REFLEXÕES Á RESPOSTA DO SNR. CUNHA SEIXAS

I

Tinha eu dito que o author da *Galeria de sciencias contemporaneas,* propondo-se mostrar o ultimo estado das sciencias comprehendidas no seu livro, satisfizera cabalmente. Escrevi as duas palavras «satisfaz cabalmente» sem ironia. Não lhe argui de arbitrarias as classificações, nem de desatados os mappas synchronicos. Seria parvoa a ironia não sendo justificada pela censura. O snr. Seixas, porém, sublinhou as duas palavras, e inferiu da hypothese para a incompetencia do critico. Parece, pois, que o temerario interprete de um sentimento reservado que não existia, pondo malicia n'aquellas palavras sinceras, quiz corrigir a minha boa fé.

Obrigado.

Na summa final do seu diffuso arrazoado, escreve: «Somos atacados de não dizermos o ultimo estado das sciencias. Não deu o snr. Camillo prova alguma do dito. Ficamos em jejum».

Ficou em jejum, tendo sido *atacado de não dizer o ultimo estado das sciencias.* Em jejum. Esperava talvez fazer do nosso artigo um forte almoço de garfo servido de cabeça d'achar, de salame e pasteis de camarões. A phrase é boa para significar as esperanças mallogradas de um glotão; mas não acerta com o pensamento nobre de um philosopho magoado em seus melindres scientificos. Esse forçado jejum procedeu justamente da sinceridade da minha opinião a respeito dos contornos geraes do seu livro. Se eu devesse e soubesse critical-os, o snr. Seixas, em vez de jejuado, ficaria farto. Por tanto, não houve ironia. Pareceu-me, na candura da

II

Eu não affirmei que philosophia e advocacia eram incompativeis; mas figurou-se-me caso estranho que um jurisconsulto fundasse em Lisboa uma philosophia nova. Exprimi a minha admiração com um sorriso socraticamente moderado, porque, no meu imperfeito estudo da philosophia, tenho encontrado os systemas encadeados uns nos outros como fusís de duas correntes que vão prender, uma ao espirito, outra á materia. D'ahi, no pendor dos seculos, vi que derivavam duas genealogias de pensadores, fecundando-se, reproduzindo-se, ataviados, cada qual, á moda do seu tempo, de phrases novas e fórmulas diversas — edificios reconstruidos sobre os mesmos cimentos: a eterna incerteza e a impalpavel treva. Eis-aqui ingenuamente a razão por que desconfiei da originalidade do snr. Seixas. Isto a meu vêr não é um ataque á benemerita classe dos advogados. Creio ser-me licito duvidar que Manoel Alvares Pegas podesse eclipsar Aristoteles, e que o snr. Seixas nos torne a philosophia mais lucida e positiva do que Augusto Comte.

Quanto a Bunsen (sem z) não lhe contesto que elle seja apenas um theorista, visto que o snr. Seixas lhe disputa menos judiciosamente a authoridade de innovador. Mas eu, a fallar verdade, tambem o não fiz crear cousa nenhuma. Disse simplesmente que elle era o author de Deus na Historia.

Diz o snr. Seixas: «A theoria de Bunsen não tem alguma cousa nova». Ha pessoas doutas que dissentem d'esta formal negativa. Por exemplo, Henri Martin, o prefaciador da obra de Bunsen,

«É Bunsen com certeza o continuador de Lessing na sua *Educação da humanidade*, e de Herder nas suas *Idéas d'uma philosophia da historia do genero humano;* mas vivifica as primicias que recebeu d'elles com a idéa da consciencia de Deus no mundo, isto é, da consciencia que o genero humano tem da presença de Deus no mundo e na alma humana, principio de toda a religião e de todo o progresso. *Esta idéa é exclusivamente sua* [1]».

Como historiador é Bunsen apoucado a proporções acanhadissimas pelo snr. Seixas quando o reputa *apenas um escriptor de historia, e nem ainda de historia geral nas suas diversas relações, mas principalmente sob o ponto de vista religioso.* Não o reduzem tanto Laboulaye e Henri Martin. Escreveu Bunsen um tratado de historia universal antiga, tomando o Egypto por centro, d'onde radiou a todas as nacionalidades a luz projectada da historia egypciaca. Tem a obra cinco tomos, é escripta em allemão e inglez, e intitula-se: *O que é o Egypto na historia universal.*

Parece por tanto que o professor Bunsen, em opposição a Hegel no que é philosophia da historia, pondo a idéa de Deus onde Hegel negava toda e qualquer individualidade divina e humana, tem, quando menos, igual jus á consideração que o snr. Seixas requer como contradictor deista de Comte e Darwins. Tratal-o de mero theologo e historiador religioso é encurtal-o sem necessidade, nem direito, nem consentimento dos doutos que o nacionalisaram em França, e se authorisam com elle nas universidades allemãs e inglezas. Não obstante, estou convicto de que o systema philosophico do snr. Seixas já agora nada tem que vêr com as theorias de Bunsen, que não foi creador de systemas.

Nota o author da *Galeria* que eu denominasse o seu livro o *que quer que seja,* como quem dá do livro idéa pouco lisongeira. Não tem razão. A sua suspeita procede da insufficiente lição que demonstra das locuções adverbiaes da lingua portugueza. *O que quer que seja* é expressão que não lisongeia nem desdoura. Se eu escrevesse que o livro do snr. Seixas é « um que quer que não seja » poderia o philosopho mais perspicazmente desconfiar da minha maneira abstrusa de apreciar systemas.

[1] *Dieu dans l'Histoire*, Paris, 1868, pag. XVI.

III

Pelo que respeita á *Reforma do curso superior* em quinze cadeiras em vez de sete e cinco annos de lição em vez de tres, nenhum reparo fiz na disposição das sciencias que alvitrou; reparei apenas — e foi bastante — no ensino das linguas allemã e ingleza, como accessorio do terceiro anno promiscuamente com varios ramos de philosophia. Pareceu-me inexequivel a posse de duas linguas difficultosas no curto espaço de mezes que lhes destina o snr. Seixas. A isto não responde. Pois merecia a pena, como prodigio, a justificação do absurdo.

A respeito de *hymeneu* e do *nada lhe escapa* demora-se prolixamente o snr. Seixas. Diz que *não tolero o hymeneu.* Não só o tolero; mas até não desgosto d'elle nas trovas do *Belmiro, pastor do Douro.* Achei-o burlesco no enlace da philosophia com a historia; mas isso não impede que o snr. Seixas continue a cultivar o prestimo do filho de Venus e irmão de Cupido para o fim honesto de casar as suas sciencias. Quanto ao *nada lhe escapa,* como figura admirativa do vasto engenho do cantor de Ignez, ainda agora insisto em não achar a phrase assás definitiva dos realces epicos dos Lusiadas. Escusa-se o author allegando que o *seu livro não é uma obra d'arte, mas uma obra de sciencia.* Sou de parecer que os livros de sciencia sejam bem escriptos; e que o sabio, antes de compôr livros de sciencia, se componha com a prosodia do idioma em que escreve, e tambem com a syntaxe para não escrever: *somos atacados de não dizer o ultimo estado da sciencia.*

Como se eu tivesse menoscabado Camões, diz o snr. Seixas que o insigne poeta *não teve modêlos a imitar e que os Lusiadas são uma obra perfeita a todos os respeitos sem comparação com as do tempo.*

O snr. Seixas ou desconhece ou não confrontou os modêlos que serviram a Camões. Para o não incommodar com a minha obscura authoridade, offereço-lhe a do mais encomiasta e illustrado biographo de Luiz de Camões. Modifique ou tempere as suas idéas, se quizer, com as do bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo.

Depois de lhe apontar as imitações de Homero, Ovidio e Horacio, acrescenta o doutissimo litterato: « Não ha que fallar em Virgilio: que sem duvida foi o seu modêlo principal nos Lusiadas e ainda

nas Eclogas; e que imita nas maiores e menores cousas tão frequentes vezes que bem se lhe póde suppôr sempre á cabeceira... A marcha, os pensamentos e rasgos de Petrarcha, Bembo, Sannazzaro, Bernardo Tasso, e tantos outros, são a cada momento imitados, parafraseados, reproduzidos...»

N'outra passagem: «Admiravelmente imitou em grande parte os seus modêlos, contendendo menos pela igualdade que pela victoria; mas algumas vezes imitou o que não merecia a sua imitação, e outras seguiu com passos timidos de bisonho quem podia emparelhar na marcha com a resolução e desembaraço de competidor. Não faço já caso de pequenas incoherencias, de certas prolixidades, de alguns versos prosaicos ou duros e mal affeiçoados, de uma ou outra rima que acode com violencia, e que é chamada pela mera razão de ser consoante».

Coteja as imitações de Horacio, e reconhece a inferioridade do nosso poeta. «São ramos transplantados que sem murcharem de todo, padeceram muito no mimo e frescura que tinham na planta nativa; e fazem lembrar o licôr generoso que na passagem para outro vaso, sem perder totalmente o espirito, evaporou com tudo a sua porção mais delicada».

E finalmente, a respeito dos Lusiadas, o bispo de Vizeu diz ao snr. Seixas que: «Camões foi um grande poeta e cantor digno do glorioso descobrimento da India, mas *será sempre opinião infatuada e absurda a que o suppozer sem defeitos, e o quizer collocar na dianteira dos mais engenhos poeticos, e particularmente dos authores de epopêas*. Nos Lusiadas o nosso poeta acertou na escolha da acção, e tem eminencia no estylo; mas peccou na conformação das partes, na impropriedade ou ociosidade de alguns episodios, e mais ainda na qualidade e emprego do maravilhoso. Mostra este poema uma ousadia que pretende arremedar a de Homero; mas na riqueza inexhaurivel fica muito distante da Illiada; tem n'alguns casos, repito, mais originalidade que a Eneida; mas em nenhum a sua igualdade e perfeição; excede o poema de Tasso no puro gosto do estylo; mas é elle excedido na regularidade do todo, e na copia das ficções; não tem tamanhas extravagancias como são as de Milton, mas tambem não tem tamanha sublimidade».

Até aqui o sabio admirador de Camões. Mas o snr. Seixas quer que o cantor do Gama não tivesse modêlos que imitar, e que os Lusiadas sejam *obra perfeita a todos os respeitos sem comparação com as do tempo*. Ha cousas que o snr. Seixas ignora. Podem-se inventar philosophias; mas as litteraturas comparadas não se inventam, estudam-se.

IV

Ácerca dos *Lazaristas* do snr. Ennes tenho pouco que lhe dizer. Citou o snr. Seixas como *modêlo no genero*, o drama do snr. Ennes, no seu artigo *Esthetica*. Eu por mim não posso qualificar de bom genero — mas deixo-lhe a categoria de *modêlo* — uma calumnia dialogada, bem escripta, mal pensada, com grande farragem de adjectivos fortes, e acepilhados torneios de phrase. Tal drama é uma armadilha funesta á ignorancia das massas, e deve captar medianamente a admiração dos intelligentes.

V

Respondendo ás mais reflexões sobre antipathias hespanhola e portugueza, diz o snr. Seixas: «Depois dos 60 annos da oppressão e sobre tudo depois de 1640 a nossa distancia *moral* ficou sendo completa: os dous povos ficaram muito mais distantes um do outro a ponto de as litteraturas se não corresponderem *tão sensivelmente* como até então».

Quanto á separação *moral* — se por *moral* quer significar a sympathia intellectiva, a consonancia da idéa e da fórma litteraria — Garrett que lhe responda. Referindo-se ao tempo em que os Philippes dominaram, o author da *Historia da lingua e da poesia portugueza* diz: «Em castelhano escreviam já esses degenerados portuguezes; mas pouco importava que o fizessem; que n'isso fraca perda tivemos nós...»

E depois de 1640: «E todavia já nós tinhamos recobrado tão gloriosamente nossa independencia, já o nome portuguez tornára a ser honra e nobreza, e ainda essa lepra castelhana lavrava».

Não lhe cito authoridades de menor vulto para o não fatigar. Lembro-lhe apenas que o padre Antonio Vieira e Jacintho Freire de Andrade, e outros de menos porte sepultados na *Fenix renascida*, se não escreviam em castelhano, gongorisavam em portuguez. É que a mudança de corrente litteraria não se deve a odios internacionaes, mas sim ao conhecimento e infiltração da litteratura franceza ensaiada deploravelmente em

Portugal pelo conde da Ericeira e por Francisco de Pina e Mello. O divorcio das letras de Castella fez-se com caracterisação genuina e nacional mais tarde, pela arcadia e pelas academias, nos reinados de D. João v e D. José.

N'este lanço da sua resposta, repara solertemente o snr. Seixas que eu empregasse a palavra *berros* no seguinte trecho: «... Não sabe nada de Val-de-Vez, de Toro, de Aljubarrota, Valverde, Trancoso, e outros sitios mencionados a berros nos dramas do velho theatro normal».

E acrescenta magnanimamente; «Sem fazermos caso da palavra — berros — empregada por quem é tão exigente em linguagem (se isso não é erro typographico)...»

O snr. Seixas quer deixar-me generosamente uma aberta para que eu me salve pelo postigo d'um erro typographico; e eu, aproveitando o favor, poderia dizer que escrevi outra cousa que o ignaro ou perfido typographo mudou para *berros;* poderia dizer que os actores fallavam de Trancoso, Aljubarrota, etc. *mencionados aos bôrras* — aos bôrras da platéa — o que não seria disparate; ou *mencionados aos burros,* o que seria até verosimil; mas, ah, não! Probidade litteraria, custe o que custar. Eu, confesso, escrevi *berros,* e não escrevi *bôrras* nem *burros.* Mas que a palavra, segundo m'o adverte o snr. Seixas, não é boa, isso hei de eu dizel-o a berros até ao ultimo alento.

Accusa-me a snr. Seixas — isto é que me afflige deveras — de eu ter feito o melhor elogio de Philippe II. Esta denuncia feita no 1.º de dezembro, quando esfervilham a eloquencia e a genebra, podia custar-me a minha melhor vertebra lombar. Elogiei o rei intruso porque, pondo a mão sobre o evangelho da historia, jurei que os mercadores chatinavam, os fidalgos bandarreavam, os frades garganteavam os seus psalmos quando tinham as guelas desempedidas, o povo acanalhava-se rojando-se hoje a Miguel de Vasconcellos para ámanhã o arrastar no Terreiro do Paço. Eu não posso no curto espaço d'estas paginas dar ao snr. Seixas toda a latitude d'umas idéas que lhe sobresaltam o patriotismo convencional. O snr. Seixas não lê historia portugueza nas chronicas. Deixa isso ás crianças. Se precisa conhecer a organisação medieval da Lusitania wisigothica ou a formação dos municipios nos primeiros reinados, não folhêa os foraes, nem os chronicões, nem as constituições dos bispados: consulta as obras de Lennormann sobre o Oriente. Se quer saber alguma cousa da lucta sanguinaria de D. João II com a fidalguia, vai ler a *Physica Social,* de Quetelet; se lhe convem averiguar os processos infames do nosso breve dominio no Oriente, lê a *Historia do desenvolvimento intellectual da Europa,* de Draper. Elle aconselha-me estas leituras, e que deixe as *pequenas cousas mencionadas nas chronicas.* Infelizmente não sou muito lido em chronicas, pela mesma razão que leio poucas novellas. Se conversassemos a respeito de historia patria, e eu contasse com a benevolencia do snr. Seixas, dir-lhe-hia o que sei e penso dos nossos heroes, sem lhes buscar as biographias nos Barros e nos Coutos.

Vê-se que me leu mais que levianamente o snr. Seixas, quando me culpa de exhibir as fraquezas do bispo de Silves. Eu disse que Jeronymo Osorio tivera a insolita coragem de perpetuar as cruas barbaridades de Affonso de Albuquerque. Converteu-me em affronta ao bispo o que era elogio. Antes quero attribuir a precipitação de leitura o que seria difficil nomear, se fosse cavillação de pessimo gosto e nenhum effeito.

Defende, procurador officioso, com igual leviandade o snr. Theophilo Braga, por causa do *Ruiz* desfigurado em *Rodrigues.* Diz que o snr. T. Braga andou bem copiando a pag. 214 da *Historia da litteratura portugueza,* as *collações que escreveu* João Rodrigues. Mas não se trata do redactor das collações. O *Ruiz* que o snr. Theophilo estendeu em *Rodrigues* está a pag. 8 do tom. 3.º da citada *Historia de litteratura.* Mas, se o doutor se não queixa, a defeza do snr. Seixas, sobre pueril, é um tanto rasteira. É o caso de Tolentino:

> Apostolo impertinente,
> Para que has-de tu suar,
> Se não sua o padecente?

Ensina-me o snr. Seixas o que seja christianismo. Tendo eu dito que Francisco Manoel do Nascimento, perseguido em nome do catholicismo, não devia sentir-se inspirado, na pobreza do exilio, a cantal-o como o snr. Seixas deseja, inferiu com logica ruim, que a minha idéa de christianismo era a de Molina e de Torquemada. Toda a gente tem logica; mas a d'um philosopho professo deve ser mais nitida e menos tenebrosa que a do diabo que tambem declarou sabía logica, se-

gundo consta do Inferno de Dante: *Ed io son logico.* D'esta logica e da, por nenhum modo, angelica do snr. Seixas, nos defendam os deuses.

Volta ás *Cartas de Ecco e Narciso, que nós não podemos tolerar,* diz cheio de fastio o snr. Seixas; e quizera que Castilho, traductor das *Palavras de um crente,* publicadas em 1836, se inspirasse d'este livro quando escrevia, dez annos antes, as *Cartas de Ecco e Narciso.* É exigir muito, a fallar verdade. Castilho não teve o dom da previdencia para vêr em 1826 o livro que veio á luz dez annos depois. Accusa o grande escriptor de escrever fabulas antigas nos *Quadros historicos;* ao passo que exalta Herculano como hostil ás côrtes de Lamego *e outras velharias ridiculas.* Parece pois ignorar que Alexandre Herculano collaborou nos *Quadros historicos.*

O leitor está aborrecido. Vou concluir enviando ao snr. Seixas umas palavras ditas em nome de Thomaz Carlyle, um dos mais egregios cultores da moderna litteratura europêa. Tive vontade de lh'as recordar, quando fiz um esboço perfunctorio do seu livro grávido de sciencias. Ficar-me-hia agora uma secreta mágoa, se me faltasse a audacia de dizer o que muita gente pensa das sciencias que carregam o cerebro abrindo mais profundo o vacuo da alma. Carlyle, escrevendo o elogio de um poeta operario, diz: «O que monta a sciencia sem poder nem proveito, sciencia de letra morta, sciencia de fórmas e palavrorio, que ahi apregoaes tão alto, e que não abrange, nem penetra, nem aprofunda a natureza; que não desvenda um mysterio da vida; e que, todavia, ó temerarios e pedantescos embaidores, ousaes chamar exclusiva e enfaticamente a *sciencia?* Ha mais sciencia em uma machina de fiar algodão, resultante de combinações e descobertas necessarias. O verdadeiro mestre é a pratica, e o saber é de todos... Graças aos vossos systemas, o que auferis são impossibilidades, chimeras, aquillo que um algebrico chamaria *a raiz quadrada d'uma quantidade negativa.* Tratai, pois, de extrahir a raiz, reconhecei a base solida da vossa argumentação, se é que a tendes, ou o vacuo sobre o qual ella impende».

Não sei se os ideologos inglezes responderam a Carlyle. Bom ensejo se abre ao snr. Seixas para confundir este obscurantista que ousa atacar a inanidade das sciencias que se penduram em galerias como os apparelhos de Nostradamus e de Cagliostro.

Camillo Castello Branco.

JESUITAS!

Impressões ao terminar a leitura do magnifico livro de Paulo Féval

N'um dia em que lavrava por todo o mundo um vastissimo e abrazador incendio, que calcinava e reduzia a um montão de cinzas os principios salutares, que regiam as sociedades; n'esse dia, em que á authoridade se antepoz a feroz licença, ás firmes crenças christãs succedeu o livre exame, ao governo prudente e sensato das republicas se seguiu uma desenfreada demagogia; n'esse dia creou-se uma *sociedade* de homens, que se votaram á segurança dos governos e á salvação da humanidade, que adormecia embalada ao som de cantares lubricos, que menos pareciam canticos de alegria, do que *nenias* entoadas na sepultura dos estados, cavada pelo seu pensar desordenado e sua desregrada vida!

Foi na madrugada do dia 15 de agosto de 1534.

A essa hora matinal, em que todos dormiam o somno da indifferença, agrupou-se em Montmartre um pequeno numero de homens, cuja vida foi e será sempre o assombro dos seculos passados e por vir, e cuja memoria repercutirá por todos os cantos do mundo no eterno bronze da historia!

Esses homens eram Ignacio de Loyola, Francisco Xavier, Pedro Lefevre, Diogo Laynez, Salmeron, Bobadilha e Rodrigues d'Azevedo!

Que queriam estes homens? para que se reuniram elles? d'onde vinham? para onde iam? quem eram? É larga e grandiosa a historia d'estes valentes campeões da Igreja catholica!

Eram elles sete famosos corypheos do pensamento e da palavra, sete athletas em acção, que, reunidos em nome e sob a bandeira de Jesus, crearam uma sociedade, que pôde e ainda póde tudo para o bem; porque, renunciando a todos os prazeres, riquezas e gloria propria, dedicaram-se exclusivamente á gloria de Deus, ao melhor serviço das almas e á santificação de seus irmãos!

Por seculos a **Companhia de Jesus**, com a cruz da nossa santa religião estadeada na frente das suas famosas fileiras de missionarios, avassallou os povos do novo e velho mundo, prégando-lhes a religião do Crucificado e projectando sobre as escurentadas sombras da barbarie e da ignorancia as fulgurantissimas luzes do christianismo!

Da Europa até á Asia e da Africa até ás plagas inhospitas da America, todos os povos, ainda os mais selvagens, escutaram, reverentes, as ondas da eloquencia inspirada e arrebatadora dos jesuitas, que os traziam mansos cordeiros ao redil da Santa Igreja e os conservavam vassallos submissos dos imperios, que os mandavam evangelisar n'aquellas remotas paragens!

Entre nós grandiosa e heroica foi a sua missão!

Cada padre valia um esquadrão de soldados! Cada jesuita era um baluarte, uma fortaleza inexpugnavel; vencia sempre, mas nunca se deixava render!

As suas armas eram a cruz e a palavra! Hasteada a cruz, — signal perpetuo da nossa redempção, — a palavra desatava-se de seus labios, melodiosa e fascinadora, em caudaes de eloquencia!

Se pelejas havia, eram só no rasgar das trevas, que obscureciam aquellas negras sombras de rudes intelligencias!

Se corria sangue, era sómente o d'esses dedicados martyres, votados á salvação das almas!

Que o digam ainda os povos da India, do Japão e da China, que, desde S. Francisco Xavier, viram succeder-se uns aos outros os pobres missionarios, a quem as letras, as sciencias, as artes, as industrias, a agricultura, a religião tanto devem!

Cavemos fundo no cemiterio da historia, e n'elle encontraremos, embora carcomidos e desfeitos em pó, os ossos de tantos martyres, que ainda bem alto pregão levantarão em favor do que affirmamos! Essa vida, porém, de abnegação, de pobreza e, ao mesmo tempo, de suaves consolações e de solida instruc-

ção para a juventude, de luz e vida para as trevas da ignorancia, de riqueza e prosperidade para as nações, de firme sustentaculo dos thronos e dos templos, de paz e abundancia para os povos, essa vida tão gloriosa como amargurada foi um dia cortada, cruelmente decepada pelos despotas da impiedade!

Pombal, Aranda, Choiseul, Tanucci e tantos outros, levados por odios mesquinhos e vis intrigas, arrastados pela febre de obter gloria (triste gloria!) para os seus nomes, mancharam a pagina mais brilhante das suas nações com a prisão, desterro e morte de milhares de cidadãos inoffensivos, antes, pelo contrario, sinceros e efficazes defensores do bem-estar dos povos, e com a proscripção da Sociedade de Jesus envolveram-se na vergonhosa e execranda mortalha da sua justa condemnação na historia da humanidade!

Mal haja quem tão mal avisado procedeu! As nossas possessões vão decahindo a olhos vistos, as perturbações são n'ellas continuas, as desordens sem numero; e — ai! — mais cedo ou mais tarde, o pequeno reino, que ensinou ás grandes nações o caminho do oriente *por mares nunca d'antes navegados,* vêr-se-ha privado dos mais ricos festões e dos mais viçosos louros da sua gloria passada!

Triste cegueira a dos homens, que deixam estadear para ahi infrene e sem peias a libertinagem e a demagogia tresloucada; e não vêem, ou não querem vêr que hão-de ser estes vicios outros tantos cancros, que irão corroendo e gangrenando a sociedade, o throno e o paiz, até que elles caiam com estrepito no meio das mil nuvens de pó, levantado na sua queda desastrosa, preparada ha tanto pela injusta proscripção das *ordens religiosas!*

Onde estão, em Portugal, esses homens, que eram o firme sustentaculo e o solido apoio dos thronos e das monarchias?!

Onde existe essa Sociedade, que tinha em vista a educação scientifica e religiosa da mocidade, a direcção prudente das consciencias dos povos e a prosperidade da agricultura e da industria das nações?!

Onde?!...

Um dia pompeava no centro das sociedades com toda a pujança e com as mais viçosas forças da vida um secular e magestoso roble a cuja sombra se aninhavam os povos e os reis.

Os seus frondosos ramos cobriam todas as nações da terra, e as suas raizes estendiam-se até mesmo aos corações das hordas selvagens do novo mundo, que não só dos povos civilisados!

Estados e reis viviam descançados, porque aquelles tinham no presente asseguradas a sua autonomia e as suas propriedades, e estes firmes os seus thronos; e a ambos sorria-lhes no futuro a confiança na felicidade e na opulencia!

O céo, porém, de tantas prosperidades turvou-se; a tempestade rugiu nos escuros horisontes da sociedade; e, após o ribombo da impiedade, veio o raio do odio, que lascou e derrubou a pomposa *arvore da vida social!*

Cahida por terra esta arvore e feita pedaços, cada nação accendeu uma fogueira com os seus toros, acalentou-se a um fogo tão agradavel, e arremessou para longe de si as cinzas, que foram espalhadas e depreciadas por todos!...

Essa arvore gigante, frondosa e vital era a Sociedade de Jesus; o raio fulminador a louca impiedade, que se sentava no poder; e os troncos ardidos foram os membros d'aquella Sociedade reduzidos á prisão, levados em desterro e queimados nas fogueiras da inquisição, victimas do machiavelismo de seus ferozes inimigos!

Desde Thomaz Munzer, *o furioso nivelador,* e João Leyde, *o propheta histrião,* paes do socialismo desenfreado, até Nobiling, Hœdel, Moncasi e Passavanti, os desvairados regicidas, todos elles são mais pacientemente tolerados e soffridos com mais valor do que os corajosos e prestadios jesuitas!

Oh! odio infernal e tenebrosissima cegueira!! Vêde e apreciai bem quaes são os melhores fructos, que resultam para a civilisação dos povos: se os que proveem da dedicada abnegação e da doutrina prégada pelos jesuitas, se os dos crimes e perversa propaganda dos socialistas!!...

....

Acaba de ser publicado pelo príncipe dos nossos editores um magnifico livro, que torna bem patentes ao sol da verdade as grandes virtudes dos jesuitas, que foram sempre calumniados e mal vistos pelos encyclopedistas, pelos jansenistas, pelos ignorantes e pelos impios!

Esse livro é uma perola engastada na corôa do seu author, que mostra mais esta vez as altezas do seu peregrino talento, a firmeza das suas convicções e a sinceridade da sua conversão!

Paulo Féval é hoje um bom christão,

e, sobre tudo, um grande coração, que se votou á defeza da causa mais sympathica das instituições mais generosas, que os homens teem creado para bem da humanidade!

A fé admiravel d'este escriptor não vacillou; tinha de fazer justiça á Sociedade de Jesus; cumpria-lhe o imperioso dever de apagar nos seus romances a intenção ironica e sempre desfavoravel com que algumas vezes n'elles tinha empregado a palavra *jesuita!* E fel-o! e tanto mais brilhantemente, quanto é certo que este seu livro é um precioso thesouro de linguagem e de doutrina, digno de occupar o mais honroso lugar em todas as bibliothecas.

O snr. padre Senna Freitas, talento vigoroso, grande orador e versado na lingua de CAMÕES, VIEIRA, GARRETT e CASTILHO, interpretou muito bem o pensamento do author, vestindo-o elegantemente da mais correcta linguagem, do mais aprimorado estylo, como a obra o estava pedindo.

Dirigimos, finalmente, ao editor, o snr. Chardron, as nossas humildes felicitações e damos-lhe sinceros parabens, porque tem sido sempre solicito, tanto quanto cabe nas suas forças, em promover e derramar a instrucção pela classe ecclesiastica, mandando traduzir as melhores obras e tratados religiosos pelos mais conspicuos escriptores da nossa terra.

Braga, 12 de fevereiro de 1879.

Egydio Azevedo.

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Galeria de figuras portuguezas

São difficeis de escrever os livros d'este genero. Envelhecem, os typos populares, muito mais depressa do que se julga: vivos, verdadeiros hontem, é logo facil parecer hoje que haja passado um seculo por cima d'elles, porque se muda, em prodigios de excentricidade e de inverosimilhança, o que quinze annos antes havia parecido pintura da realidade.

Fazer com que se lhe reconheçam as feições, os costumes, os sentimentos, a linguagem, e não nos pareçam figuras de sonho, que se apaguem ao contacto da vida positiva, é o *quid*.

Palmeirim sabe vencer a difficuldade d'essas pinturas, o estudo minucioso de pequeninos feitos da vida do povo, não empregando colorido senão quando não possa deixar de ser, representando-o tal qual é, a verdade, e só a verdade; verdade de mais na arte é logo mentira. Apanha o modêlo e copia-o; ainda que algum dos modêlos seja velho, como é copiado por mestre, a cópia esmaga tanto o original que não se trata mais de saber se elle existiu. Alguns dos typos que figuram n'esta galeria, como que convidam pela sua feição caracteristica a serem tratados; n'outros a difficuldade cresce de ponto, e é preciso verdadeiro engenho artistico para lhes dar relevo. Pintar gente mediocre, espiritos apagados, d'aquelles que o caracter que teem é não terem caracter, physionomias que só se distinguem por não terem physionomia, barão aqui, conselheiro alli, visconde acolá, gente como toda a gente, rostos sem expressão, conversações sem côr, — e fazer tocar com o dedo as acções d'elles; dar contorno e côres a figuras que parecem não terem côres nem contornos e confundirem-se com a multidão como os insectos que escapam á vista, revestindo a côr da tepe em que vivem; animar os quadros em que figurem; tornal-os susceptiveis de nos captivarem por nos divertirem; é mais do que estudo, é capricho de arte, quando, como no livro da **Galeria**, tudo isso se consegue com chiste e pureza de linguagem, sem incommodar inutilmente uma quantidade de palavras que estejam a dormir a sésta no diccionario, porém expressando-se em lingua portugueza, sadia e agradavel, de umas vezes por malicia no tom de estudo historico, de outras n'um tom de phantasia.

Palmeirim tem sabido sempre conciliar o bom senso pratico, os habitos methodicos, o amor da familia e da casa, o que se chama tratar um homem das suas cousas, o agenciar a vida, com o gosto e cultivo da flôr mimosa a que se chama poesia, — mas não é de voto, pelo que se vê, de que o espirito possa matal-a. Deixa os classicos estarem sérios sem interrupção, os lyricos chorarem até morrerem, e elle que tem sido sério, que tem chorado e rido, em verso, ri em prosa n'este livro perfeitamente portuguez, pedindo á imaginação o chiste do estylo, a concepção geral do personagem — e o resto á observação.

Chegou de ha muito á notoriedade, que não tem que temer; aliás este livro poderia ter para a sua carreira o grave contra de ter espirito, rir e fazer rir. O espirito e a alegria em França conduzem a tudo, alcançam tudo; entre nós a experiencia mostra serem prejudiciaes essas duas qualidades; é pelas qualidades *contrarias* a essas que em Portugal se conquistam as altas posições, d'onde depois se desafia a satyra e o bom humor. Um aprendiz a deputado, a quem os miolos não pesavam muito, mas que depois fez carreira, pediu d'uma occasião a Rodrigo da Fonseca Magalhães alguns con-

selhos para se adiantar e fazer na camara boa figura.

— Olhe, disse-lhe o Rodrigo; primeiro que tudo, não se ria.

— Obrigado a v. exc.ª, e depois?

— E depois, nunca se ria.

Está tudo n'isso! O Amorim, coitado, ainda tem desculpa por ser doente... Mas o Palmeirim, um homem com força e saude, ter graça! É fazer gosto de não querer o poder de acção, a influencia, o prestigio do talento nacional!...

Julio Cesar Machado.

Entre as mais recentes publicações torna-se muito notavel a que tem por titulo o que serve de epigraphe a esta nossa noticia.

O distincto poeta L. A. Palmeirim acaba de firmar o seu nome, já bastante conhecido, em uma obra que o individualisou. Tentando fazer um estudo sobre os nossos costumes mais populares fêl-o tão bem que não podemos evitar o emprego do adverbio magistralmente.

De ha muito admiradores do grande talento do snr. Palmeirim não estranhamos mais esta sua brilhante prova, que esperavamos logo que vimos annunciado o proximo apparecimento d'este seu trabalho.

Nas 321 paginas que o illustre escriptor emprega optimamente no seu estudo, e que se lêem como se fossem duas linhas vê-se a descripção exactissima dos nossos personagens mais excentricos desde os do *visconde* e *barão* até aos do *sapateiro de escada* e *gaiteiro*. Mas não se limita aqui o esplendido livro do snr. Palmeirim. Assim ficaria por completar o seu estudo, e, a um observador de costumes não podia, nem devia, escapar o lugar onde elles em maior grau se apresentam no campo.

Por isso acompanha-o um notavel artigo intitulado *A poesia popular nos campos,* habilmente desenvolvido em 47 paginas, e que o author dedica a um vulto tambem eminente na nossa poesia, o snr. Mendes Leal.

Não ha ninguem que desconheça a innocente vida do campo e as scenas admiraveis que ahi se passam. Pois bem: esses numerosos episodios em que a linguagem usada é a poesia, mas a poesia campezina, a dos interessantissimos descantes acha-se primorosamente tratada n'este esplendido artigo.

Queriamos dar uma amostra d'este livro aos nossos leitores, transcrevendo um dos seus muitos artigos, mas o pequeno espaço de que podemos dispôr, não o permitte hoje. Guardamo-nos para quando o tivermos.

Terminando por enviar os nossos parabens ao snr. L. A. Palmeirim, agradecemos ao snr. Ernesto Chardron a remessa que nos fez d'esta sua edição.

(Do *Tribuno Popular*).

Entre as innumeras publicações que diariamente, póde dizer-se, está lançando ao mercado litterario o incansavel editor portuense o snr. Ernesto Chardron, occupa um lugar distincto, e digna se torna de menção especial a **Galeria de figuras portuguezas** do snr. Luiz Augusto Palmeirim, ainda ha pouco vinda á luz.

Bem escolhido titulo foi o que o popular e festejado cancionista das glorias patrias pôz á sua obra, que em verdade é ella uma galeria bem desenhada e colorida por mão de mestre, de muitos dos typos populares do nosso paiz.

E não pareça facil e ao alcance de qualquer o debuxar assim na tela com meia duzia de traços caracteristicos e fazer d'ella resaltar cheios de vida e naturalidade esses typos tão nossos conhecidos, que realmente o não é e ao contrario, pois em cada leitor se levanta um critico e critico competentissimo pelo trato de todos os dias com as figuras sobre que foi chamado a dar o seu parecer.

Pois, não obstante essa grande difficuldade de sua obra, do desempenho d'ella sahiu-se o snr. Palmeirim primorosa e acabadamente, que não ha nem uma das figuras que entraram na sua galeria que se não possa dizer photographia acabada e completa do typo que tem a reproduzir, com a vida que a acção material da luz não póde dar, mas o pincel do artista a mais do que elle a penna do escriptor, quando verdadeiramente conscientes de si, sabem insufflar em suas producções.

Fructo de fina e perspicaz observação a **Galeria de figuras portuguezas** é para nós uma obra de subido merito, e das fadadas para larga existencia, e póde-se bem dizer uma pagina da historia sobre os costumes populares portuguezes no seculo XIX.

Não é dos predicados menos felizes e estimaveis do livro o estylo ameno e facil e naturalissimo, e em tudo portuguez de lei, em que todo elle é escripto.

Se o espaço nos chegára, mais de longo nos demorariamos na analyse da **Galeria de figuras portuguezas**, de que nos custa a despegar-nos, e especialisariamos alguns dos estudos que mais completos e melhor acabados nos pareceram, se é que na excellencia de uns para os outros póde haver primazias. Infelizmente chamam-nos a attenção outras publicações.

O appendice sobre a **Poesia popular nos campos**, com que o snr. PALMEIRIM fecha o seu apreciado livro, não é joia das menos valiosas d'elle, que ahi compendiou muitos dos formosissimos descantes da aldêa, repassados de poesia de lei, e ora rescendendo a suavissimos perfumes, ora repassados do amargo fel.

Ao snr. Ernesto Chardron damos os parabens e ao mesmo tempo agradecimentos por haver editado a **Galeria de figuras portuguezas.**

RODRIGO VELLOSO.

(Da *Aurora do Cavado*).

Um amigo meu proporcionou-me, ha dias, o agradavel ensejo de apreciar um livro interessante, um livro de portuguez vernaculo, um bom livro finalmente, a **Galeria de figuras portuguezas**, do snr. LUIZ AUGUSTO PALMEIRIM, publicado pela casa editora Chardron.

É um excellente livro, cuja leitura não enfastia, e que se lê, apesar do seu volume, com o mais vivo interesse desde o artigo *A lareira* até *O mercieiro*.

N'esta mimosa obra revela-se perfeitamente o quanto é eminente observador o seu author, pois bem claramente se vê que profundou tudo, homens e cousas, para poder desenhar com uma inexcedivel precisão as figuras, com que formou uma linda e verdadeira galeria.

Quem, como eu, conhece de perto muitos dos typos desenhados, acha n'este livro um duplo merecimento, um apreço superior.

A linguagem tão correcta, como cheia de sal attico, tão pouco vulgar nas publicações hodiernas, é uma bella recommendação para a venda rapida d'essa mimosa obra, que encanta e não offende o espirito.

O snr. E. Chardron é innegavelmente um editor incansavel, que muito ennobrece a litteratura patria e as sciencias, que muito lhe devem, porque elle, arrojado e zeloso, não se poupa a esforços para enriquecer as nossas bibliothecas de obras de reconhecido merito.

A Galeria de figuras portuguezas é um bello volume, que bem merece logar distincto nas estantes dos bibliophilos.

Obras assim honram o author e o editor. Parabens a ambos.

Guimarães, 6 de março de 1879.

G. P.

Raccolta romana

1 vol... 600 reis

A livraria Chardron acaba de pôr á venda um livro excellente, que muito e muito recommendamos ás pessoas devotas.

Intitula-se **A Raccolta, ou collecção de orações e obras pias ás quaes os summos pontifices tem annexo indulgencias — publicada por ordem de S. S. Pio IX. Traduzida por Francisco Luiz de Seabra. Com licença do exc.^{mo} e rev.^{mo} snr. Bispo do Porto.**

Constitue um volume de 446 paginas, que custa apenas 600 reis.

(Do *Commercio do Minho*).

O Confessor da infancia e da mocidade

1 vol........................ 600 reis

Esta obra é destinada principalmente a combater a perigosissima doutrina do *jansenismo*, que sob uma apparencia de rigorismo e exacta observancia dos preceitos da Igreja pretende introduzir nas almas fieis perigosos escrupulos.

O fim principal a que mira o *jansenismo* é afastar os fieis da frequencia dos sacramentos da penitencia, e mui especialmente da *Sagrada Communhão*.

Para isto excogitou um meio ardiloso e habilissimo, que é — elevar, pensadamente a dignidade d'este augusto Sacramento, abaixar e abater a dignidade humana, para d'ahi concluir que o homem rarissimas vezes se deve aproximar da Sagrada Mesa Eucharistica, porque se expõe ao perigo de commetter um sacrilegio!

Representam os *jansenistas* sempre Deus soberanamente *justo;* mas nunca fallam de Deus como soberanamente *amoroso* e cheio de misericordia.

É sobre estes fundamentos que o jansenismo combate a communhão frequente. E estes meios capciosos que empregam os jansenistas produziram tão funestos resultados, que vimos até não poucos bispos deixarem-se eivar de tão

perniciosa doutrina, que tinha como consequencia proxima o esfriamento dos sentimentos religiosos no coração das almas fieis, que chegavam até a possuir-se de um estranho terror pela recepção da Sagrada Eucharistia!

Pois bem: o padre Cros, douto jesuita, combate admiravelmente esta doutrina em face dos principios da doutrina catholica, oppondo a cada principio jansenista a opinião dos mais sabios doutores e theologos catholicos.

Antes de refutar os rigorismos jansenistas, apresenta o author uma resenha dos estragos que tal doutrina ou systema causou em França. É realmente uma obra de profundo e sólido saber.

Livros como este, são sempre uteis; havendo tambem a maxima conveniencia de que o seu preço seja o mais modico possivel, para que, vulgarisando-se, possam servir de barreira á epidemia de livros irreligiosos e impios que hoje grassa por toda a parte.

Agradecemos ao snr. Chardron a offerta do exemplar; e nunca cessaremos de louval-o, quando o vejamos editar obras como esta.

Não vão ainda agora accusadas mais obras que temos em nosso poder, por falta d'espaço.

(Da *Ordem*).

A Civilisação Catholica

Por anno 1$600 reis

Da importancia d'esta publicação, unica no seu genero entre nós, nada diremos; porque não fariamos mais que repetir os lisonjeiros encomios com que tem sido recebida. Os assumptos são tratados á altura verdadeiramente scientifica.

A proposito, lembramos a um jornal d'esta terra que passe pela vista o notavel trabalho que esta revista está publicando sobre —**A Historia de Galileu**— para não avançar affirmações menos exactas e pensadas.

(*Idem*).

O Direito ao alcance de todos

1 vol.......... 2$000 reis

O acreditadissimo editor o snr. Ernesto Chardron, que tão assignalados serviços tem prestado á instrucção e á litteratura, acaba de dar á estampa uma obra sob todos os pontos de vista recommendavel.

Denomina-se **O direito ao alcance de todos, ou O advogado de si mesmo**, diccionario de direito usual contendo as noções praticas do direito e modêlos e formulas sobre materia civil, commercial, administrativa, criminal, ecclesiastica e do processo, traçada pelo snr. Dr. Francisco Antonio Veiga, integerrimo juiz de direito de primeira instancia.

É um bello volume de 540 paginas nitidamente impresso. Vende-se no estabelecimento do seu editor e custa brochado 2$000 reis e encadernado 2$400.

Este livro é de altissima conveniencia para os snrs. administradores de concelho, juizes de direito, juizes de paz e juizes ordinarios, advogados, escrivães de direito, escrivães do juizo ordinario e escrivães do juizo de paz, presidentes das camaras municipaes e das juntas de parochia, solicitadores, governadores civis e seus secretarios, tabelliães, conservadores do registo predial, delegados do procurador regio e bem assim a todas as pessoas que desejarem possuir noções de direito.

Felicitamos sinceramente o snr. Dr. F. Antonio Veiga, e bem assim felicitamos o snr. Ernesto Chardron. O serviço que se prestou á instrucção e á magistratura com a publicação d'esta obra é importantissimo e digno de justo louvor.

Livros assim são raros e é nossa convicção de que a edição se esgotará em breve.

De boa e sincera vontade o recommendamos, posto reconheçamos que o nome do seu author e do seu editor lhe sejam segura garantia para o interesse que em todas as pessoas que estimam e sabem avaliar os bons livros despertará.

(Do *Campeão das Provincias*).

Julgamos que esta obra é um auxiliar indispensavel que todos devem possuir, por isso que alli se acham resumidas debaixo da fórma de diccionario, as multiplices e variadas disposições da lei sobre assumptos de interesse diario e commum a todas as classes de pessoas, que por bagatellas e em materia que não seja duvidosa, bem podem dispensar a consulta do advogado, lançando mão d'esta obra. Como não apresenta doutrina propria do author, mas sómente reune debaixo de certas epigraphes, toda a legislação que lhes diz respeito, é uma recopilação de direito positivo, que na

maioria dos casos não offerece duvida ao consultor intelligente. Recebemos o 1.º volume do editor, que foi o snr. Chardron.

(Da *Civilisação*).

Curso de lingua franceza pelo methodo de Ahn

1 vol... 500 reis

Pareceu-nos muito pratico este methodo, por isso que, consistindo em exercicios, acostuma o alumno a gradualmente conhecer as regras grammaticaes e a construcção particular das locuções francezas, ficando no fim perfeitamente habilitado a fallar e escrever correctamente, sem ter tido o enfadonho e abstruso trabalho de reter de memoria uma infinidade de regras e excepções que rarissimas applicações tem, e que mais facilmente se aprendem pela pratica do que pela theoria. Recommendamol-o aos que precisam aprender a lingua, que hoje se considera universal. Foi tambem editado pelo snr. Chardron.

(*Idem*).

Curso de philosophia elementar

2 vol.................. 1$200 reis

Não recebemos o 1.º volume d'esta versão, mas pelo conhecimento que tinhamos da obra no idioma original, pelos creditos do author, conhecidissimo de todos os que apreciam os bons estudos e que ainda lamentam a perda irreparavel d'aquelle genio admiravel que deixou após si um rasto luminoso de tantos escriptos monumentaes, fazemos um perfeito juizo da utilidade d'esta publicação.

Se em vez de tantos compendios de philosophia, eivados de erros perigosos, superficiaes e sem methodo, desprezando as boas regras de argumentação sob pretexto de serem *escolasticas*, que todos os os nossos philosophastas se julgam habilitados a escrever, vissemos adoptado este curso, onde os estudantes de philosophia fossem beber os sólidos principios, as verdades fundamentaes e aprender a refutar o sophisma e o erro, por certo que não sahiriam das escólas uns *positivistasinhos*, que se gabam de descender do macaco, nem uns nebulosos pseudo-discipulos da *inintelligibilidade* de Hegel e Fichte. Alli ha a clareza, a profundidade e a elevação, o criterio verdadeiro, a variedade dos assumptos unida com a concisão da exposição, propria de um curso elementar. Não só os estudantes o devem lêr; os litteratos, os publicistas, os jornalistas, todos deveriam e poderiam aprender d'elle como se profundam essas questões palpitantes do dia, em que todos se julgam habilitados a discretear.

Felizmente vão-se hoje conhecendo e apreciando mais as obras do illustre Balmes e estas edições na lingua patria concorrerão certamente para ainda mais se divulgarem.

Bem haja o illustrado traductor que por este segundo volume que lêmos, bem avaliamos como desempenhou perfeitamente a tarefa aliás ingrata e espinhosa, de pôr ao alcance dos nossos compatriotas a obra do author hespanhol, e felicitamos igualmente o editor o snr. Ernesto Chardron pela boa acceitação que deve obter do publico este livro sahido dos seus typos.

(*Idem*).

O Agricultor do norte de Portugal

Jornal de agricultura pratica dedicado ás provincias do norte e publicado sob a direcção e auspicios do conselho de agricultura do districto do Porto, com a collaboração dos principaes agronomos e lavradores do paiz.

Custa por anno 2$000 reis

Volume 2.º, n.º 5.

Contém, além da tabella de preços correntes de cereaes, no estrangeiro e no paiz, e de gados: Os bagaços de purgueira e mendobim para adubo de terras e engorda de gados, por *Ferreira Lapa*. — Hereditariedade dos sexos; Veterinaria para lavradores, por *D. J. Salgado*. — A conservação das vinhas no Douro, por *Batalha Reis*. — Gallinicultura, por *M. T. O. Coutinho*. — Revista da exposição de aves no Palacio de Crystal, por *Pero Gil*. — Chronica, por *A. C. Le Cocq*.

Entre os muitos e importantes serviços que tem feito ao paiz, com as suas constantes e escolhidas publicações, o snr. Ernesto Chardron, não póde deixar de avivar-se o resultado da obra que annunciamos. Um paiz, tão rico em sólo e em clima, e que poderia centuplicar a sua fortuna, se bem aprendesse os processos de cultivar para produzir e recolher para aproveitar e conservar os pro-

fructos, precisa de entrar no ensino dos conhecimentos agricolas. Aos nossos lavradores falta principalmente lição de bons livros, e observação de boas experiencias. Aquella e esta haviam de estimulal-o. O snr. Chardron, com a publicação do Agricultor do Norte, fornece um meio de leccionação facil, e os exemplos que são ahi apontados e explicados, bem podem, se não equivaler, pelo menos supprir a observação.

Leiam essa publicação os que mais directamente se dedicam á agricultura; leiam-n'a para aprenderem, e para applicarem os dados que o livro lhes dér.

Leiam tudo o que poderem sobre os modernos conhecimentos da lavoura, e grangeio e recolhença de fructos. O bem é para elles e é tambem para o paiz que enriquecerá.

Somos pobres principalmente de juizo prudencial: parecemos apostados em fugir á luz, que outros povos nos fornecem. D'aqui o nosso atrazo, que é a causal de nossa má posição como productores agricolas — nós, que tanto capital temos e tão mal nos sabemos servir dos dons da Providencia.

(Do *Jornal de Vizeu*).

Galeria de figuras portuguezas

O afamado editor portuense o snr. Ernesto Chardron publicou mais um livro notavel a **Galeria de figuras portuguezas**, do snr. Luiz Augusto Palmeirim. É um livro portuguez ás direitas e tão bom como portuguez.

É realmente uma galeria de figuras nossas, desenhadas por mão de mestre, com profunda observação de homens e cousas, com todo o colorido necessario, o que dá o tom da verdade.

O livro é grande, mas lê-se tão bem que parece pequeno ao chegar-se-lhe á ultima pagina.

Tem esse bom sabor portuguez tão difficil de encontrar nas leituras de hoje; é um livro nosso a valer, um livro sadio, forte que faz rir e não faz mal.

O editor Chardron é realmente um editor milagroso. Tem a habilidade de encher o nosso mercado com livros seus. Não recua ante perigos e receios: todos os dias lança para as livrarias obras importantissimas, tanto de litteratura como de sciencia, tanto originaes como traducções e póde-se dizer afoutamente que é o editor que mais estimulo está dando ás letras nacionaes.

O volume **Galeria de figuras portuguezas** ha-de desapparecer depressa das *vitrines* dos livreiros e ter repetidas edições ou então de nada servem os bons livros em Portugal.

(Do *Diario da Manhã*).

Poesias de Faustino Xavier de Novaes

Desde muito que se achavam esgotadas as primeiras **Poesias** do illustre emulo de Nicolau Tolentino, e que difficilimo se tornára o obter um exemplar mesmo em segunda mão, tal a procura que d'ellas havia.

Ainda bem que o benemerito editor portuense, o snr. Ernesto Chardron, que ainda ha pouco dera á luz as **Poesias** posthumas de Xavier de Novaes, um livro precioso, e que no prélo tem a 2.ª edição das **Novas poesias** do mesmo author, comprehendendo a necessidade e opportunidade de se fazer uma outra edição das suas primeiras **Poesias**, e accedendo ás reiteradas instancias que lhe foram feitas para isso, acaba de realisar esse commettimento.

É um formoso volume em 4.º, sahido dos prélos da typographia **Occidental**, um dos primeiros estabelecimentos typographicos do paiz, e contando 352 pag.

Com relação á valia da obra diremos apenas com o illustre ornamento da imprensa periodica o snr. Joaquim Martins de Carvalho, no *Conimbricense*: — Para outro escriptor pouco conhecido seria necessario encarecer a publicação. Este não carece d'isso.

As poesias sahidas nas primeiras edições, acrescem quarenta e duas ineditas, que em muito augmentam o valor do livro.

R. Velloso.

(Da *Aurora do Cavado*).

PUBLICATIONS FRANÇAISES

Aldrich. La Reine de Saba. 1 vol. in-12 700

Almanach de Gotha, 1879. 1 vol. cart .... 1$600

Amicis. L'Espagne. 1 volume in-12 700

Augé. Voyage aux sept merveilles du monde. 1 vol. in-12 450
Cart 700

Aziyadé. 1 vol. in-12 700

Baudrillart. Histoire du luxe privé et public depuis l'antiquité jusq'a nos jours. 1 vol. in-8°. 1$500

Bentzon. L'Obstacle. 1 volume in-12 700

Berlioz. Correspondance inédite. 1 vol. in-12 700

Bernard. La ferme des moines. 1 vol. in-12 600

Benniot. Les malheurs de la philosophie. 1 vol. in-8° .... 1$500

Boisgobey. L'epingle rose. 2 vol. in-12 .... 1$200

Bouvier. Monsieur Trumeau. 1 vol. in-12 200

Buchon. Le Matachin, le Gouffre Gourmand. 1 vol. in-12 250

Burat. Traité du gisement et de la recherche des minéraux utiles. 2 vol. in-8° .... 5$000

Cahun. Les pilotes d'Ango. 1 vol. reliure riche .... 1$600

Chéruel. Histoire de France pendant la minorité de Louis XIV. 2 vol. in-8° .... 3$000

Chevallier. Les secrets de l'industrie et de l'économie domestique. 1 vol .... 1$000

Clément. Histoire des Beaux-arts. 1 vol. reliure riche .... 4$500

Colomb. La musique. 1 volume in-12 450

Constantin. L'Homme de glace. 1 vol. in-12 400

Cornelius. Vies de grands capitaines. 1 vol. in-12 450

Cortambert. Mœurs et caractères des peuples. 1 vol. reliure riche. 1$600

Craix. Deux mariages. 1 volume in-12 250

Daudet. Zahra Marsy. 1 vol. in-12 600

Decharme. Mythologie de la Grèce antique. 1 vol. in-8° .... 3$200

Deltour. Les ennemis de racine. 1 vol. in-12 700

Desportes. Les Bucoliques et les Géorgiques de Virgile. 1 volume in-12 200

Dœndliker. Histoire du peuple suisse. 1 vol. in-8° .... 1$000

Deulin. Les contes de Mad. Mère l'Oye. 1 vol. in-12 600

Van Drival. De l'origine de l'écriture. 1 vol. in-8° .... 1$200

Duruy. Histoire des romains. 1 vol. in-8° .... 1$500

Fergusson. L'école du vice. 1 vol. in-12 250

Figuier. Connais-toi toi-même. 1 vol. relieure riche .... 3$000
Broché .... 2$000

Fleuriot. Grand cœur. 1 volume reliure riche .... 1$600

Fleury. Posthumes et revenants. 1 vol. in-12 700

Fontaines. Deux touristes en Algérie. 1 vol. in-12 700

Fournel. Les rues du vieux Paris. Galerie populaire et pittoresque. 1 vol. in-8° .... 2$000

Fournier. L'esprit des autres. 1 vol. in-12 700

Franck. Philosophes modernes, étrangers et français. 1 v. in-12. 700

Garnier. Dictionnaire annuel des progrès des sciences et institutions medicales. 1 vol. in-12 .... 1$400

Gasparin. L'Eglise selon l'Evangile. 1 vol. in-12 250

Gourdon. Chacun la sienne. 1 vol. in-12 250

Guéroult. La bourgeoise d'Anvers. 1 vol. in-12 200

Guizot. Histoire de France de 1789 a 1848. 1 vol. reliure riche... 6$500

Haussonville. Études biographiques et littéraires. 1 vol. in-12. 700

Jacolliot. Voyage au pays des brahmes. 1 vol. in-12 800

Jules Simon. Le gouvernement de M. Thiers. 8 février 1871.—24 mai 1873. I—Troisième édition. 1 vol. in-12 700

Justin. Histoires philippiques. 2 v. in-12 .... 1$000

Justini. Historiæ philippicæ. 1 vol. in-12. cart 300

Labiche. Théâtre complet. 1 vol. in-12........................ 700
Lamarre. Le Portugal et l'exposition de 1878. 1 vol. in-12...... 400
— Camoens et les Lusiades. 1 volume in-8º........................ 1$600
Legouvé. Nos filles e nos fils. 1 vol. in-12.................... 600
Leneveux. Paris municipal. 1 volume........................ 120
Levoisin. Aventures et mésaventures du baron de Münchhausen. 1 vol. relié........................ 2$400
Liard. La science positive et la métaphysique. 1 vol. in-8º....... 1$500
Littré. Dante. L'Enfer. 1 volume in-12........................ 800
Livingstone. Dernier journal. 1 vol. in-12.................... 450
Loménie. La comtesse de Rochefort. 1 vol. in-12............... 700
Louize d'Alq. Les ouvrages de Main en famille. 1 vol. cart. 1$400
Broch........................ 1$000
— La science du monde. 1 volume cart........................ 1$400
— Le maitre et la maî-tresse de maison. 1 vol. cart............. 1$400
— Les secrets du cabinet et toilette. 1 vol. in-8º................ 1$000
— Le savoir-vivre. 1 vol. cart. 1$400
Broch........................ 1$000
Louvenjoul. Histoire des œuvres de H. de Balzac. 1 vol. in-8º. 1$500
Lubbock. Les origines de la civilisation. 1 vol. relié......... 3$800
— L'homme préhistorique. 1 vol. relié........................ 3$600
Maillard. Le livre de ma sœur Anne. 1 vol. in-12............ 600
Mannoir. L'année géographique. 1 vol. in-12.................... 700
Marcel. Histoire d'une grand' mère et de son petit-fils. 1 vol. in-12. 450
Marray. Ce que peut l'amour. 1 v. in-12........................ 700
Martignat. Les vacances d'Elisabeth. 1 vol. in-12............. 450
Masoch. Le nouveau Job. 1. vol. in-12........................ 250
Maudsley. Physiologie de l'esprit. 1 vol. in-8º cart............ 2$200
Memor. L'Allemagne nouvelle, 1863-1867. 1 vol. in-12............ 700
Montalivet. Dix-huit années de gouvernement parlementaire. 1 vol. in-12........................ 250
Montépin. Le médecin des folles. 1 vol. in-12.................. 600
Moret. L'ingénue de province. 2 v. in-12........................ 1$200
Muller. La machine a vapeur. 1 vol. in-12........................ 250
Musset. Une vie du diable. 1 vol. in-12........................ 200
Noriac. Journal d'un flaneur. 1 v. in-12........................ 250
Pitray. Le fils du maquignon. 1 v. in-12........................ 450
Rissé. Les amis de madame Didier. 1 vol. in-12..................... 600
Rothschild. Histoire de la poste aux lettres. 1 vol. in-fol..... 4$000
Rousselet. Le charmeur de serpents. 1 vol. reliure riche.... 1$600
Saporth. Le monde des plantes avant l'apparition de l'homme. 1 vol. relieure riche.............. 4$500
Segrave. Marmorne. 1 volume in-12........................ 250
Ségur. Le poëme de Saint François. 1 vol. in-12. 500
Solles. Études de clinique interne. 1 vol. in-fol.................. 600
Sommer. Ciceronis epistolæ selectæ, 1 vol. in-12.................. 160
— Commentaires de César sur la guerre des gaules. 1 volume in-12 500
Souvoroff. Histoire de Russie. 1 vol. in-8º................. 1$400
Sophocle. Les tragédies. 1 vol. in-12........................ 700
Spencer. Essai de politique. 1 vol. in-8º........................ 1$500
Stahl. Maroussia. 1 vol. in-12. 600
Stapleaux. Le roman d'un père. 1 vol. in-12..................... 600
Stendhal. Mémoires d'un touriste. 1 vol. in-12.................. 250
Stolz. Le secret de Laurent. 1 vol. in-12........................ 450
Touzin. La fille des étudiants. 1 v. in-12........................ 600
Tributien. Cours élémentaire de droit criminel. 1 vol. in-8º.... 1$600
Ulbach. Les buveurs de poison. La fée verte. 1 vol. in-12......... 700
— Les buveurs de poison. Noële. 1 vol. in-12........................ 700
Valroger. Études sur le rationalisme contemporaine. 1 v. in-8º. 1$000
Vasselon. Carnet du conducteur de travaux. 1 vol. in-12........ 1$200
Vast. Le cardinal Bessarion (1403-1472). 1 vol. in-8º.......... 1$500
Virgile. L'Enéide. 1 v. in-12. 800
Wehrmann. Étude sur les chemins de fer anglais. 1 vol. in-8º. 600
Witt. En quarantaine. 1 volume in-12........................ 450
Wood. La gloire des Verner. 1 vol. in-12........................ 250

OBRAS EDITADAS POR CAMPOS JUNIOR

E ALGUMAS DE QUE POSSUE O RESTO DAS EDIÇÕES

ROMANCES DE CAMILLO CASTELLO BRANCO

Annos de prosa.............. 500
Bem (O) e o mal.............. 500
Brilhantes (Os) do brazileiro, 2.ª edição.................... 500
Bruxa (A) de Monte-Cordova. 500
Cavar em ruinas.............. 500
Doida (A) do Candal, 2.ª edição 500
Engeitada (A)............ 500
Esqueleto (O)............. 500
Estrellas propicias......... 500
Filha (A) do Doutor Negro, 2.ª edição.......................... 500
Lucta de gigantes........... 500
Memorias de Guilherme do Amaral, 2.ª edição................ 500
Mulher (A) fatal, 2.ª edição, com o retrato do author............. 600
Mysterios de Fafe......... 500
Olho (O) de vidro, 2.ª edição.. 500
Quatro horas innocentes..... 500
Queda (A) d'um anjo, 2.ª edição 500
Retrato (O) de Ricardina.... 500
Sangue (O)................. 500
Santo (O) da montanha....... 500
Senhor (O) do paço de Ninães 500
Vinte horas de liteira......... 500
Virtudes (As) antigas: a freira que fazia chagas e o frade que fazia reis 50

LEITURA PARA CAMINHO DE FERRO

Contos a vapor, por *Julio Cesar Machado*.................... 200
Contos electricos, por *Miguel Cobellos*....................... 200
Contos e descripções, por *Pinheiro Chagas*................. 200
Primaveras de Cintra, por *Leite Bastos*................... 200
Scenas e phantasias portuguezas, por *Pinheiro Chagas* 200
Trechos de folhetim, por *Julio Cesar Machado*............ 200
Letras e tretas, por *Leite Bastos*......................... 200

CASADA E VIRGEM

Romance por *D. Manuel Fernandez e Gonzalez,* traducção do hespanhol por *Prophyro José Pereira.* 2 vol.................................. 700

MARAVILHAS DO GENIO DO HOMEM

Descobrimentos e invenções, descripções historicas, divertidas e instructivas sobre a origem e estado actual dos descobrimentos e invenções mais celebres, por *Amédée de Bast,* versão portugueza de *Matheus Luiz Coelho de Magalhães,* annotada por *Innocencio Francisco da Silva.* 2. grossos vol.......................... 1$000

LENDAS, TRADIÇÕES E CONTOS HESPANHOES

Colligidos e trasladados por *Pedro Wenceslau de Brito Aranha,* e revistos por *Antonio da Silva Tullio* — Lendas e balladas vasconças — Contos e tradições. 2 vol.................................. 1$000

O CAVALHEIRO DA CASA VERMELHA

Romance por *Alexandre Dumas* (episodio de 1793), com numerosas estampas.................................. 800

Porto: 1879 — Typographia de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º ANNO · 1879 N.º 5

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

CANCIONEIRO ALEGRE

DE

POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um volume de 560 pag., 1$200 reis

Para se fazer idéa da importancia d'este *Cancioneiro,* publicamos em seguida varios trechos do prefacio, alguns commentarios que precedem as poesias de cada um dos authores, e o indice dos mesmos.

Esta idéa de um **Cancioneiro alegre** suggeriu-a ao commentador um formoso livro escocez intitulado *The book of humorous poetry,* impresso recente e primorosamente em Edinburgh. É leitura variada, deliciosa, ridentissima sempre, não das casquinadas que nos distinguem tristemente entre os animaes, mas do sentir intimo de contentamento quando vemos bem solfejada nos versos a prosa ridicula das nossas esquipações.

Ambicionei patrioticamente vêr assim um livro de poetas portuguezes e brazileiros; mas logo me assaltou a contrariedade de que o poeta, em Portugal principalmente, por via de regra, desabrocha os seus botões de flôr ás lagrimas da aurora — nasce a chorar; e, se chega a adulto e seccou os prantos, é porque foi despachado — *arranjou-se;* e, em quanto o não arranjam melhor, chora em prosa no seio do deputado amigo, em memoriaes plangentes, que entram como sudarios na pasta do ministro. Se o ministro já trovou como Serpa, ou Andrade Corvo, Mendes Leal, Thomaz Ribeiro, ou Couto Monteiro, o poeta mais hoje ou mais ámanhã, se fôr de pouco sustento, póde contar que sobreviverá ao seu despacho, e enxugará as perolas dos seus olhos ao plastron do ministro, como Horacio limpava as suas ramellas ás tapeçarias do monopodium de Mecenas.

Entrei a inventariar na minha estan-

te de poetas, uns que tinham perecido de amores fulminantes e outros de anemia, antes de chegarem ao capitolio de verificadores de alfandega, de escripturarios da fazenda e ministros da corôa. Esses pouco me deram. Pertenciam á quadra ominosa do sentimentalismo. Estavam mortos para todos os effeitos.

*

A poesia sentimental acabou. Devia naturalmente acabar assim que o amor se julgou superfluo no casamento do vate. Eram, n'outro tempo, os poetas uns amadores vitalicios que cantavam e amavam todas as meninas de uma ou duas freguezias; mas não casavam com ellas. Enfeitavam-nas de flôres para maridos maganões que sorriam d'elles com uma piedade quasi benevola, e os tratavam com excessos de delicadeza, até ao requinte de os pôrem na rua com poucas bengaladas. Os maridos, ás vezes, quando os poetas bisavam os seus cantares, faziam no espinhaço das esposas o compasso. Isto soube-se; a desordem da familia constou cá fóra, e o lyrismo começou a cahir como immoral.

Cahido o lyrismo, o poeta foi comprehendido nas regras geraes do genero humano. Entrou a casar sem versos. Em vez de perguntar á visinha quantas estrellas tinha predilectas no azul, indagava quantos predios tinha o papá; e, se era orphã e herdeira, não lhe azedava saudades do progenitor com necrologías: ia ao cartorio do escrivão do inventario examinar o formal de partilhas; e, recolhido ao silencio do seu gabinete com os apontamentos, em vez de:

Mulher amada, que o meu peito abrazas,

escrevia:

Por metade do predio da rua das Cangostas..................	2:750$000 reis.

Acabou assim a poesia amorosa. Não foi Charles Baudelaire, nem a devassidão dissolvente do segundo imperio, nem os progressos da ethnographia e da chimica, como pretende o snr. Guerra Junqueiro. A poesia sentimental acabou porque poetas que exercitem a arte por amor da arte já não ha nenhum, nem tão pouco ha mulheres que sintam no peito o vacuo dos sonetos; e, se acontece inda alguma experimentar vágados intimos e palpitações estranhas — cousas que outr'ora se chamavam

Vago aspirar de virginaes enlêvos,

come uma sandwiche, um bife de grelha, e fica melhor. Ellas, quando sahiram do collegio, não traziam geographia e ancias de ideal: traziam chlorose e fome.

Desfibradas as cordas da cythara, era, não obstante, necessario e fatal que alguem cantasse. O genio é rebelde: se o espesinham, resalta. Alguns poetas, quaes vasos de porcelana fragil, não puderam conter as raizes da flôr do sentimento que se lhes radicaram profundas e largas até os estourar em poemas, nem romanticos nem classicos. Semelhantes cousas são uns extractos sulphydricos necessarios ao riso moderno como o estrume á seiva das finas flôres aromaticas. Como não podiam cantar com applauso a violeta rôxa, cantam a alporca rubra.

Que eu, a fallar verdade, não creio em Goethe. Elle diz que não ha litteratura classica nem romantica: ha litteratura sã e litteratura pôdre. E renovar o feio e a podridão — acrescenta Philarète Chasles — o falso e o trivial, o phrenesi e a obscenidade, o immenso e o exagerado, pela enfermidade e pela demencia, é facilima empresa [1]. Digam lá o que disserem os oraculos. A litteratura não é Aristoteles, nem Horacio, nem Boileau, nem Goethe. A poesia, essencia fétida ou aromatica da litteratura, é a expressão de uma época. «O feio é o bello, e o bello é o feio». *Fair is foul, and foul is fair,* diz Shakespeare. Hontem cantava-se a sociedade dyspeptica em uso de figados de bacalhau; hoje canta-se a sociedade pôdre em uso de proto-iodureto de mercurio.

*

Se a tranquillidade publica perdeu ou ganhou com o desuso do sentimentalismo é outra questão. Creio que a sociedade lucrou em peso e perdeu em feitio. A mulher, amada do poeta e conhecida como tal, tinha certo prestigio, uns aromas particulares das grinaldas de rimas que lhe ajardinavam o salão, a alcôva, a igreja, o theatro, o passeio, a praia e os sonhos — sobretudo os sonhos quando não procediam das cêas copiosas. Estes aromas adelgaçavam-lhe o espirito; ellas

1 *Psychologie sociale,* obra posthuma.

viam as cousas da vida a uma luz electrica; tinham a pallidez eburnea das Ophelias cuidadosas dos seus doudos contrafeitos, ás vezes sandeus legitimos; sabiam traduzir *Telemacho* e os segredos da lua; mas não conheciam o processo de fazer bons caldos e marmeladas. Depois, as que entraram pela infiltração do matrimonio na substancia do poeta, cahiram em si pasmadas e scepticas, quando viram os maridos preferirem a uma *Meditação* de Lamartine um prato de esperregado. Elles é que as despoetisaram, os maridos, pedindo-lhes caldo substancial em vez de um

riso
liso,

como diz a trova.

E as esposas, com o espirito engordurado da gula dos maridos, ensinam ás filhas o desprezo da velha poesia; e quando as colhem de assalto embebidas no extase d'um moço magro e macilento, dizem-lhes: «Vosso pai tambem assim era delgado e pallido antes de casar; mas depois, com os caldos fortes, engordou». Estas palavras são o epitaphio do lyrismo escripto no seio da geração nova. Toda a menina que prevê a poesia fluctuante do esposo consolidada em tecido cellular, prefere as fórmas finas e flexiveis de um marido sem exame de instrucção primaria.

*

Tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio da misericordia divina....

....

A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio refugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia do eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo.

N'estes ramilhetes de poesias não ha flôres para jarras de altares nem de jazigos. Umas, são a facecia antiga portugueza, sinceramente lôrpa e bôa; outras, são a ironia moderna, o riso amargo da decadencia que espuma fel pelos labios lividos. *On ne rit plus aujourd'hui, on ricane* (diz Léon la Forêt). *Si l'on fait parfois de l'esprit, c'est de l'esprit facile, au dépens du prochain. On ne rit plus que pour mordre, et le plus grands poëte de notre triste temps pourrait lui appliquer ce vers, où il ne voit dans le rire qu'une menace:*

D'une bouche qui rit on voit toutes les dents.

O leitor tem entre mãos o livro mais consolador que se lhe poderia offerecer no mais triste periodo das artes, das letras e das industrias honestas em Portugal.

....

FAGUNDES VARELLA

Os apreciadores portuguezes da lyra brazileira distinguem com especial louvor Fagundes. É bastantemente citado este paulista, e tão lido, cá, ao que parece, que a especulação o reimprimiu no Porto em 1875, reproduzindo-lhe o prefacio de 1861. O author, querendo bem graduar a futilidade da poesia e attenuar a ousadia de a dar á estampa, a instancias de amigos, pergunta: «Qual é o estadista, o homem de negocios que não se sentiu alguma vez na vida poeta, que aos ouvidos de uma pallida Magdalena ou Julieta, esquecendo-se dos algarismos e da estatistica, não se lembrou que *haviam* brizas e passarinhos, illusões e devaneios?» E grammatica. Tambem seria bom lembrar-se, *aos ouvidos* das Magdalenas e Julietas, que *havia* regras para o verbo *haver*, além de brizas para refrigerio da epiderme, e passarinhos para deleite dos ouvidos. Em poesia, um sabiá não substitue a syntaxe, e as flôres do ingá que rescendem no jequitibá não disfarçam a corcova d'um solecismo.

Justificando a gente de juizo são que ri dos poetas, Fagundes não reputa individuos escorreitos os fabricantes de rimas, e applaude os que lhes *cospem sarcasmos*. «Porque o poeta — diz elle com toda a razão — desconhece as leis da hu-

manidade, e em vez de contentar-se com o socego da familia, a calma da mediocridade, a paz do coração, verdadeiras e unicas felicidades na terra, sonha uma vida a seu modo, e não podendo realisal-a, maldiz-se e se consome». E que fartum á rua da Quitanda! mas tem razão. Quem desconhece as leis da humanidade; e, em vez do socego da familia quer a reinação e o banzé; em vez da calma da mediocridade quer deitar carruagem *huit ressorts* ou vestir-se de Preste João das Indias, e não acha demasiados quatro botões na luva côr de canario, consumase e maldiga-se. Por taes e quejandos motivos, Fagundes apostrópha os poetas, e vocifera com os labios espumantes de ironias finas: «Querem que os honestos paes de familia; os homens incumbidos de dirigir o Estado e felicitar o paiz; os commerciantes e lavradores; o mercenario occupado em ganhar o seu pão quotidiano, abandonem os seus trabalhos, deixem seus filhos com fome para applaudir-lhes as loucuras e tecer-lhes corôas de ouro! Não querem (os poetas) que se riam, quando o povo dizendo — nossas searas são arrazadas, nossos filhos precisam de instrucção, elles respondem:

Mimoso passarinho que vagueias,

ou

Minha bella, eu te amo,

e outras iguaes?»

Até aqui Fagundes.

Aguenta-te, Victor Hugo! Açula-lhe os teus ursos nostalgicos, Guerra Junqueiro! Mercieiros, enchei-me este vosso interprete de ceiras de figos de comadre.

A final, este sujeito hybrido dos Brazis conclue d'est'arte o seu prefacio original:

«Escrevendo estas linhas e dando á publicidade este volume, o author pede e espera que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia de sua divina inspiração», etc.

Eu tambem faço votos por que as musas *lhe* favoreçam com a ausencia da sua divina inspiração. Por estes dizeres parece que foi divinamente inspirado Fagundes. Não o faz por menos, e prova-o n'estas duas canções que denotam paiz novo e arvore nova de muita seiva um pouco atacada de pulgão e lagarto.

. . . .

GOMES LEAL

Ultimamente a litteratura realista deu em apresilhar á Morte nomes sobremaneira offensivos, que andam cotados com cadeia, multa e custas no Codigo penal portuguez. A litteratura romantica chamava-lhe *cega, pallida, impia, cruel, dura, tyranna* — adjectivos consagrados á Parca por todos os vocabularios de epithetos. Ella, porém, afeita a ouvil-os desde os canticos orphicos até Horacio, e desde Lycophron até ao snr. Viale, desde Sapho até á exc.ma Pusich, estava dando aos adjectivos e ás interjeições a importancia que muita gente dá a isso e ao resto da grammatica. Urgia, pois, feril-a no vivo; dar-lhe nomes que chamassem sobre ella a attenção da policia medica, a prevenção dos hospitaes e o asco das pessoas castas — expulsal-a, emfim, da visinhança das familias honestas e arrual-a na travessa de Liceiras ou na rua dos Calafates.

O snr. Gervasio Lobato, escriptor moderno e brilhante, começou por chamar á Morte *idiota invencivel,* a pag. 129 da Comedia de Lisboa, e a pag. 165 já lhe chama, com menos recato, *cocotte sinistra.* O snr. Gomes Leal, poeta moderno tambem, amplifica, refina e desbragase mais vantajosamente nos epithetos que dirige á Morte. Chama-lhe:

Trapeira,
Ladra impura,
Descarada,
Rameira secular,
Velha ceifeira eterna,

e pergunta-lhe com a catadura marcial de um policia se ella vai entregar-se a alguem n'alguma escada.

Tudo isto consta da poesia que vai lerse. Parece impossivel que em um Cancioneiro alegre frize um poema intitulado *A Morte.* Friza. Tudo que faz rir e de certo não foi feito para chorar, pertence á farça. Eu quizera demorar-me n'este commentario, defendendo os bons costumes da Morte, filha segunda de Deus, immediata á primogenita que é a Vida. Eu allegaria contra Gomes Leal que sobre a Morte pesam iniquamente responsabilidades que são da medicina, e pediria ao poeta que dirija as suas injurias aos snrs. Alvarenga e Magalhães Coutinho, quando os encontrar.

O snr. Gervasio Lobato póde, se quizer, invocar em seu favor a authoridade de Barbier que escreveu os Iambes et poëmes ha 44 annos. Elle tambem lhe

chama pouco mais ou menos *cocotte* (courtisane), e Gautier na **Comedia da morte** chama-lhe *coquette* e *carcassa*. Mas Barbier disfarça a injuria com uma soberba allegoria. Diz que

La Mort a rencontré sur terre un amoureux,
Un être qui l'adore, un amant vigoureux
Qui la serre en ses bras d'une étreinte profane,
L'asseoit sur ses genoux comme une courtisane,
L'entraîne avec ivresse à sa table, à son lit,
Et comme un chaud satyre avec elle s'unit!
Hideux accouplement!...

Este amante da Morte é Paris onde os suicidas e os duellistas se atiravam aos braços d'ella com o ardor que não tinham para repulsar o estrangeiro que

Passe à travers nos champs comme un dieu de [l'enfer,
Foulant d'un pied sanglant l'herbe de nos cam- [pagnes,
Et chargeant sur son dos les fils de nos compa- [gnes,
Etc.

Estas invectivas á Morte não fazem rir; mas bem se vê que não são muito modernas. A *courtisane* de Barbier, e a *cocotte* de Gautier, ao chegar com mais 40 annos ao snr. Gomes Leal, não admira que fosse *rameira;* mas, a fallar verdade, o snr. Gomes Leal não inventou os epithetos. Gautier, na **Comedia da morte**, chama-lhe *vieille infame* e *courtisane éternelle;* o snr. Leal — *velha ceifeira eterna;* Gautier — *prostituée commune;* o snr. Leal — *rameira secular*. Henri Blaze, ha quarenta annos, chamou-lhe «velha decrepita».

Quand la vieille décrépite
Viendra me faire visite
Je mourrai sans sourciller.

O snr. Gomes Leal, emfim, seria original chamando-lhe *rameira,* se Jules Vallée, o petroleiro que morreu espingardeado em Paris, lhe não chamasse *coureuse* (marafona) no livro intitulado **La Rue.**

PEDRO DINIZ

Este poeta ridente, mordaz e vernaculo de mão cheia não respeita imperadores; e mais é monarchista de velha rocha; come-se de saudades dos frades e já escreveu um livro a pedil-os [1]. Quando Garrett, ao lusco-fusco da vida, fez um ramilhete de flôres, que pareciam borrifadas pelo orvalho de dezoito primaveras, mas em verdade traziam crystallisadas as lagrimas dos cincoenta annos — Pedro Diniz, com o pseudonymo e as crueis ousadias que a mascara permitte, pegou das **Folhas cahidas** do author de **Fr. Luiz de Sousa,** como quem péga de tres estancias de Martins Rua, author da **Pedreida,** e atirou com ellas transvertidas e, como quer que seja, parodiadas á irrisão publica [2]. Os primeiros a rirem foram os amigos do visconde de Almeida Garrett — os seus pares, quero dizer, os conselheiros de Estado, os ministros honorarios, os marquezes, os pennachos, os gran-cruzes, os seus commensaes, os seus confidentes, os intimos. Eu e mais a arraia miuda e verde da bohemia rimos tambem, porque o pontifice das letras não velára as fragilidades proprias e as alheias na idade veneranda em que todo poeta sensato ou dessalga a historia da patria em oitava rima como o snr. conselheiro Viale, ou metrifica em redondilha maior a **Vida de Santo Antonio de Lisboa** como Antonio Lopes, ou faz o poema heroico de **S. Gil de Santarem** como o medico João Pedro Xavier do Monte, que havia sido tão femeeiro como o medico Gil antes de ser santo, e por isso lhe dizia ao heroe no remate do poema:

Faze pois, que te imite convertido;
Medico e peccador pois tenho sido [3].

A gente não queria que o author do **Retrato de Venus** se convertesse; mas magoava-nos vêr que a marrafa brunida e oleosa do author de **Camões,** não lhe defendia as cans dos apódos de quem quer que fosse. Queriamos que a respeitabilidade do mestre estivesse hombro a hombro do poeta gigante. Queriamol-o irresponsavel, endeusado, olympico, em fim invulneravel ás fréchadas do snr. Pedro Diniz, guarda-livros de José Isidoro Guedes.

Deploravel! Todo o paiz e as colonias e o Brazil se riram das **Folhas cahidas** de Garrett, desde que a satyra de Pedro Diniz as abaixou ao raso da mordacida-

1 *Das ordens religiosas em Portugal.* Lisboa, 1835. 8.º
2 *As Folhas cahidas apanhadas a dente e pescadas no Porto,* por Amaro Mendes Gaveta, etc. Porto, 1855. (Ediç. trasladada da de Lisboa).
3 *A Egidea,* etc. Lisboa, 1788.

de que escancara sempre uma gargalhada quando topa um amor senil a carpir-se com lastimas de criança amada. Eu não sei se algumas fibras do coração de GARRETT se dilataram de dôr até se partirem, quando teve a intuspecção da zombaria publica. Pensar n'isto faz vergonha de ser homem, e dá-nos vontade de pedir anciosamente ao céo que nos encha a alma de pensamentos de burro e que nos fortaleça o estomago até á prova da cabeça de porco com feijão branco. Nada de pensamentos tristes; que este livro é todo alegrias.

Imputam ao iconoclasta de GARRETT a satyra a D. Pedro II, imperador do Brazil, intitulada o **Rei Lhano**. Em Portugal as artes e as letras, o lapis, a poesia e a prosa chasquearam o tio de el-rei nosso senhor em variados feitios e estylos. Acolheram o filho do Libertador com tamanha urbanidade que nem pareciam portuguezes na cortezia, nos finos primores, no mimo e galanteria de mesuras ao nosso hospede. De não parecer-se a gente em extremos de civilidade com os outros paizes é que provavelmente os brazileiros para nos irem delendo do preconceito de malcriados nos vão chamando «gallegos», por excellencia.

O poemeto de PEDRO DINIZ, que dizem ser miguelista, sobre ser a mais decente é a cousa mais patusca que se escreveu. Vendia-se a meio tostão, e tem versos que só uma grande e isenta devoção de honrar a patria em materia de hospedagem os podia fazer tão baratos. Um talento d'este porte devia de sahir-se com um folheto digno de tostão, se tomasse a peito reprehender os gaiatos que param no Terreiro do Paço diante dos estrangeiros e lhes fazem tregeitos com o dedo grande da mão direita na ponta do nariz e o minimo no polex da esquerda. Custa a conciliar como couberam no mesmo refego cerebral este levantado poema do **Rei Lhano** e aquellas quadrinhas que os nossos pequenos recitam devidas a este poeta que ás vezes distilla dos seios o leite da instrucção primaria n'esta apojadura copiosa:

> Palram pega e papagaio
> E cacareja a gallinha,
> Os ternos pombos arrulham,
> Geme a rola innocentinha.
>
> Relincha o nobre cavallo;
> Os elephantes dão urros;
> A timida ovella bala;
> Zurrar é proprio de burros.
>
> *Et cætera.*

Tudo lhe sahe de molde e é para tudo. Castiga com a satyra os deuses do genio que se incarnam nas deusas do *cold-cream* e do carmim. Verbera os imperadores que não passeiam coroados a rua do Ouro com a capa de escarlate e arminho. E d'estas eminencias chama a si as criancinhas, para dizer que o burro zurra. É quasi inutil ensinar n'este paiz ás crianças uma cousa que a maior parte d'ellas aprende pela ouvir aos paes.

INDICE DOS AUTHORES

ERNESTO CHARDRON, EDITOR — PORTO

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

CONTENDO

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros que escreveram obras relativas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras

II — Diccionario dos traductores estrangeiros que verteram para os seus idiomas obras portuguezas

III — Noticia dos portuguezes que nas letras e nas sciencias se distinguiram no estrangeiro, e resenha das obras de authores portuguezes publicadas em Portugal e reimpressas repetidas vezes em paizes estrangeiros

IV — Noticia das recordações e monumentos ainda existentes em differentes partes do mundo feitos pelos portuguezes ou erigidos em honra d'elles

Lisboa, A. M. Pereira, editor, 1879, 2 gr. vol. in-4.º

O snr. Manoel Bernardes Branco mal respirou as fragrantes atmospheras da mocidade. A vida tem-lhe sido dura, e bem modelada pelo preceito originalmente divino do trabalho áquelle calaceiro Adão que, se não transgredisse a prescripção ácerca do pomar edenico, daria de si uma posteridade de mandriões ditosos. Conheço ha muitos annos o snr. Bernardes Branco nas lides do professorado e nas jornalisticas, sem intercadencia de desalento. Nunca o encontrei em botiquins e theatros. Achava-o ás vezes extraordinariamente jubiloso com o encontro propicio de algum livro roído, lustroso do sebo de dez gerações, cheio de seculos e locuções castiças. As orgias da sua mocidade não passaram d'estes afagos usurpados a Tito Livio, a Fénélon, a Thucidedes, a Goldsmith. Creio que o snr. Bernardes Branco ensinava no Porto, ha vinte annos, os quatro idiomas; e, no latino, deu por esse tempo uma versão litteral muito estimavel de alguns livros do historiador de Roma.

Não me espantou a empresa nem a grossura dos volumes quando vi que era o snr. Bernardes Branco o author de *Portugal e os Estrangeiros*. O que me assombrou foi o cabedal de fadigas que esta obra representa; e, ao mesmo tempo, a engenhosa alliança que se dá entre o impertinente mister de trasladar titulos de livros e a critica esclarecida que nos desenfada de semelhante leitura.

Não sei de nacionalidade alguma que possua um monumento litterario d'esta especie. As grandes nações não teem vagar para se informarem do que a seu respeito escrevem as outras, ou descuram desdenhosas tanto a injuria como a lisonja. Nós, porém, os portuguezes, como velhos fidalgos pobres que se assentam no escabello duro e armoreado a lêr cartapacios genealogicos, sentimos remoçar-se-nos o sangue quando nos fallam do passado e nos bafeja a viração da Africa e do Oriente um pouquinho impregnada do acre bafio do sangue. Consola-nos saber o que pensam de nós os viajantes que fumam londrés nas janellas do Hotel Central. Imaginamos que elles, olhando lá em baixo a barra franjada de ouro, fantasiam que vem entrando as naus dos quintos, lá onde alvejam e arfam os panos da rasca *Santo Antonio e Almas* com carga de sal. E, se acaso nos beliscam a prosapia com epigrammas e petulancias de Byron, de Harrison, de Amador de los Rios, de John Latouche, erguemo-nos do escabello compellidos pelo brio luso, e sentamo-nos outra vez obrigados pela preguiça portugueza. Eu por mim sahi ha pouco d'estes habitos nacionaes, traduzindo e commentando a *Fair Lusitania* de lady Jackson. Como

annotei com um sorriso benevolo as ligeirices da illustre escriptora a respeito de crendices e costumes portuguezes, houve ahi um artifice de litteratagem na imprensa do Porto que me arguiu de indelicado com a senhora estrangeira. No conceito d'este jornaleiro de gazetilha fiquei para com as damas de Inglaterra, em primores cavalleirosos, muito abaixo do grão Magriço.

O meu exemplo com certeza não moveria o snr. M. B. Branco a publicar o seu *Portugal e os Estrangeiros*, se elle não tivesse empenhado n'esse lavor um empate de dez annos de vida, como conta ao senhor D. Luiz I, a quem dedica a sua obra.

O mais persuasivo testemunho que posso dar ao operoso escriptor de que li os seus livros com deleitoso estudo e grande attenção, é trasladar para aqui as notas com que lhes marginei as paginas. Obras d'esta natureza jámais se completam. Podem aperfeiçoar-se; mas nunca são perfeitas. Ellas mesmas de si, quando orçam pelo merito de *Portugal e os Estrangeiros*, incitam pessoas de grande e até de mediana erudição a quererem dar o seu subsidio para futuros aperfeiçoamentos. Eu sou dos segundos — perdoe-se-me a immodestia. Vivo em aldeia; estou preso á galé dos livros pela corrente do rheumatismo; acôlho com muito affecto os bons exemplares que compro, e sinto-me mais rico a par e passo que as obras do quilate d'esta do snr. Bernardes Branco me levam em prata o que me deixam em luz.

Conceda-me pois o benemerito collega uns ligeiros retoques, uma collaboração affectuosa na segunda edição da sua obra digna de paiz mais premiador do trabalho.

Pag. 21:

17) A... J... *A Compleat Account of the Portugueze Language*, etc. London, 1701, fol.

O author d'este diccionario é o padre Raphael Bluteau, que então estava em França; e, regressando a Portugal em 1704, foi como desterrado para Alcobaça, d'onde mandou publicar em Lisboa em 1705, na officina de Miguel Manescal, a *Grammatica Anglo-Lusitanica* de que o snr. B. Branco se lembra nos *ultimos additamentos*, pag. 567, do 2.º vol. É a primeira d'esta especie que se imprimiu em Portugal, desconhecida a Innocencio.

Pag. 148. Traslada a carta mal vertida do francez que Boileau escreveu ao conde da Ericeira, traductor da *Arte poetica*. Parece ser a versão que acompanha a edição da *Arte poetica* de 1818. Seria bom que o snr. B. Branco tambem transcrevesse os periodos das cartas que Boileau escreveu a Brossette, zombando dos versos e do francez do conde da Ericeira. (Vej. *Œuvres complètes de Boileau Despréaux*, Paris, 1819).

Pag. 376. Traslada do *Magasin Pittoresque de 1843* uma poesia de Fernando de Herrera. Dá-nos a versão franceza, pouco menos de deploravel, em versos deslavados. A não poder copial-a do original, parecia-me preferivel não dar nenhuma poesia nem afrancezar em *Ferdinand* o hespanhol Fernando.

Quem não possue alguma das raras edições do divino Herrera, encontra a *Cancion* III, *A la perdida del Rey Don Sebastian* no *Tesoro del Parnaso Español* de Quintana, Paris, 1861, pag. 73.

Pag. 387. *Histoire secrète de D.* (aliás *Dom*) *Antoine, roy de Portugal, tirée des memoires de D. Gomes de Vasconcellos Figueiredo* (aliás *de Figueredo*). Paris, 1696.

A authora é M.^me *Gillop de Sainctonge*. Torna o snr. B. Branco a catalogar a mesma obra com o nome da authora no n.º 1234 do 2.º tomo.

Pag. 402. Holland (*James*) *The tourist en Portugal illustrated from printings*. London, 1839. Esta obra é de W. H. Harrison. As gravuras é que são copiadas das pinturas de *James Holland*. Lá está no frontispicio o nome do author anteposto ao do famigerado pintor. A paginas 432 do 2.º tomo repete-se a mesma obra em portuguez inintelligivel: *O Torista em Portugal*, attribuida justamente a *Harrison*.

Pag. 617. Diz o snr. B. Branco que Hughes, no poema *The Ocean Flower*, «não se mostra muito admirador» de Castilho. Ou leu com pouca attenção as prosas do poema, ou se fiou no que leu do snr. Pereira Caldas a pag. 43 do opusculo que editou em 1871, chamado *Favores do céo a Portugal*. Ahi diz o snr. Pereira Caldas que o *blasphemo anglicano* desfavorecera injustamente o nosso primeiro prosador e poeta; e depois cita a blasphemia de Hughes que é a seguinte: *The second living writer of Portugal, who appears to deserve the name of Poeta, is Antonio Feliciano de Castilho*. Traducção litteral: *Dos escriptores vivos de Portugal é Antonio Feliciano de Castilho o que parece digno do nome de poeta*. Desconfio que o insigne professor bracharense traduziu o verbo *to deserve*

pára *desmerecer*. Se alguem blasphema, não é o *anglicano*. Aqui andou mais falta de diccionario que de religião.

Pag. 413. Jackson (Lady) *Fair Lusitania! A Portuguese sketch Book. By —. With twenty very beautiful full-page Illustrations from photographs*. Está alterado o titulo do livro, que é este: *Fair Lusitania. By Catherine Charlotte Lady Jackson. With twenty illustrations from photographs*. O snr. Bernardes Branco leu provavelmente um annuncio de periodico inglez.

Pag. 419. Jure (*de*) *successionis regis in regno Lusitania, etc. Middelburgi*, 1591.

Esta obra de propaganda a favor de D. Antonio é uma das muitas que escreveu frei José Teixeira, confessor d'aquelle pretendente á corôa. Adiante fallarei d'este celebre dominicano. Como obra de author portuguez é incompetente n'este livro.

Pag. 435. Latouche (*John*) *Travels in Portugal, etc. London*, 1875.

É pseudonymo de *Oswald Crawflurd*, consul actual de Inglaterra no Porto. É o mesmo viajante que o snr. Bernardes Branco menciona a pag. 524 do 1.º tomo escrevendo *Notes of Travel in Portugal* no *The new Quarterly Review* (aliás *Magasine*). Traslada o author expressões do viajante em louvor de A. Herculano. Esses louvores desappareceram do livro que Latouche ampliou e denominou *Travels*, etc. Latouche, n'esta 2.ª edição, restringe as suas admirações, e considera Barros e Herculano pouco longe do perfeito estylo historico, *nearly perfecty*; e, pelo que resta de litteratura portugueza, diz que estamos todos influenciados pelo «culteranismo», pelo sentimentalismo e pela rhetorica. Depois conta historias picarescas do Fajardo, e observa maravilhado que os portuguezes não escrevem *cão* sem pôrem uma estrella adiante do *c*. D'ahi procede ter elle lido em uma esquina de Lisboa o seguinte letreiro: «Travessa do olho do c*». Deve-se isto á superabundancia do nosso sentimentalismo. Vivemos muito das estrellas; e, se necessitamos dizer *cão*, dizemos só *c*, e apontamos para o céo.

Pag. 533. Owen (*Hugh*) *Here and there in Portugal* etc. London, 1856, 8.º

Este livro, que o snr. M. Bernardes Branco reputa muito interessante, foi escripto por um cavalheiro domiciliado e titular em Portugal: o snr. barão de Pero Palha.

Entremos no tomo 2.º

Pag. 31. Portugalliæ, *sive de regis Portugalliæ regnis et opibus commentarius*. Lugd. Batav. 1741. (Commentarios ácerca dos reinos e riquezas de Portugal).

Cumpre emendar o titulo, o anno da impressão do livro, e a interpretação portugueza: — *Portugallia, sive de regis Portugalliæ regnis et opibus commentarius*. Lugd. *Batav*. *Ex officina Elzeveriana*, CIↃ IↃC XLI (1641). (Portugal, *ou commentario dos dominios e poderio do rei de Portugal*).

Este livro devia estar na secção dos traductores porque é uma reproducção latina do escripto *De antiquitatibus* de A. de Rezende, e uma versão litteral de Duarte N. de Leão, de Nicolao de Oliveira, do padre Antonio de Vasconcellos, Pedro de Mariz, Damião de Goes, e outros.

Pag. 148. Robinson (I. C.)

Este consultor de bellas-artes do Museu de South Kensington veio a Portugal examinar a antiga escóla de pintura, e escreveu um opusculo, vertido e annotado pelo marquez de Sousa Holstein, notavel conhecedor em bellas-artes. Descobriu Robinson que os quadros da escóla de Vizeu não eram todos de Vasco; porque em alguns descobriu a assignatura *Velasco*. Descobriu tambem que o author do painel de Christo apresentado ao povo, pertencente a Santa Cruz de Coimbra, se chamava Ovia, porque leu na flammula de uma lança ou que quer que seja — OVIA. O marquez de Sousa aceitou o *Velasco* e — o que mais é — o *Ovia*, como se em paiz algum da Europa podesse haver um pintor chamado *Ovia*. Quanto a *Velasco* (aliás *Velascus*, porque a syllaba final, como se acha escripta, designa para os que tem alguma prática de paleographia *us* e não *o* [1]) é o nome *Vasco* alatinado; e, se fosse *Velasco* seria latinamente *Velasquius*, como se lê no epitaphio do famoso *Diogo Velasco da Silva*, pintor de Filippe IV:

D. Didacus Velasquius de Silva
Hispalensis,
pictor eximius, etc. [2]

Pelo que respeita a OVIA, eu, algum tempo, scismei que as quatro letras fossem as iniciaes de uma dedicatoria, a uso romano, como lá se faziam de estatuas, quadros, mosaicos, etc. Poderiam significar Optimo Viro Incompatibile Amico; mas, quando soube que as letras, á primeira luz do quadro, se liam n'uma

1 Veja-se o opusculo do marquez de Sousa Holstein *A antiga escóla portugueza de pintura*, etc.
2 Moreri, tom. 8.º

tarja de um dos esbirros do Christo, quiz-me parecer que Ovia fosse uma exclamação como «ó rua da amargura...» E note-se que o que eu possuo, o mais antigo peregrino á Terra Santa, fr. Antonio d'Aranda, que imprimiu em 1563 em Alcala a viagem que fizera em 1530, chama ao espaço, que medeia entre a casa de Pilato e a casa de Kaipha, a *via* santa, que nós cá ampliando a toda a tragedia da Paixão de Christo chamamos a *via* sacra.

Por nenhum modo offereço estas considerações ao snr. Manoel Bernardes Branco para que as aproveite. São presumpções que por emquanto me dispensam de reconhecer o Velasco e mais o Ovia do snr. Robinson.

Pag. 227. Além das obras de *Robert Sowthey* que o author aponta, conheço um prefacio d'elle ao *Amadis de Gaula*, impresso em Londres, em 1803. Sowthey erradamente attribue ao prior do Crato um soneto em honra de Vasco de Lobeira. Este soneto é o 33 dos *Poemas lusitanos* de Antonio Ferreira, impressos em 1598. Veja Ticknor, *Hist. da litt. hesp.*, versão de Magnabal, tom. 1.º, pag. 207, nota 3.ª

Pag. 264. Twiss (*Richard*). O snr. Bernardes Branco conhece o livro da versão franceza: *Voyage en Portugal et en Espagne*, etc. O titulo original é: *Travels through Portugal and Spain, in 1772 and 1773. By Richard Twiss, Esq. F. R. S. With copper-plates* (seis magnificas estampas), etc. *London, 1775, 4.º gr.*

A versão franceza está inçada de inexactidões. O traductor, quando não percebia, saltava. Tem trechos curiosissimos o original. Twiss apenas encontrou em Coimbra, digno de nota, uns copos e umas caixas curiosas de corno, feitas ao torno, *cups and boxes of turned horn*. O traductor francez omittiu estas galanterias. Não sei como elle traduz uma aldeia da Beira Alta que o inglez chamou *Barilhe*. O snr. B. Branco escreve *Baricho;* mas o seu nome portuguez é *Barril*. Parece-me bom corrigir os estrangeiros que adulteram a nossa geographia, senão elles são capazes de nol-a inventarem toda. Eu fiz o que pude, n'este sentido, nas notas da *Formosa Lusitania*.

Pag. 206. Vie (la) *de Dom Barthelemy des Martyrs... etc. Tirée de son histoire écrite en Espagnol et en Portugais par cinq Auteurs*, etc. A Paris, 1664, 8.º (aliás 1663).

O author ou traductor d'este livro é *Isaac Le Maitre de Saci*. O cap. xvi é uma admiravel descripção da batalha de Alcaçarquebir com bastantes traços de outra identica de Luiz Cabrera de Cordoba, impressa em 1619. Menciona o snr. B. Branco uma edição resumida por Caittot (Caillot) de 1825, e outra de 1834. Ora, tendo eu outra edição de 1826, figura-se-me impraticavel tamanha devoção em França pelo nosso arcebispo. N'esta balburdia de versões dá-se a singularidade de um hespanhol, em 1737, traduzir do francez a mesma versão feita do hespanhol, e veio depois o portuguez padre Francisco Alvares Victorio e publicou em 1748 uma traducção de todos os outros. E não pára aqui. O actual arcebispo de Braga encommendou uma nova biographia do seu antecessor a um habil escriptor de Vianna do Castello. Fr. Luiz de Sousa já não serve: está fóra dos processos modernos.

Estamos no

Supplemento e additamentos

Precede-os em italiano uma epigraphe de *João Baptista Marin*. Eu escreveria *Giambattista Marino* que era o nome do poeta napolitano. D'aquelle modo, fica bocado francez, bocado portuguez, e lá se lhe vai a autonomia do nome.

Pag. 389. Marche (*Olivier*). *Palavras do exc.mo snr. Theophilo Braga*—diz o snr. M. B. Branco: «As *Memorias* d'es-« te escriptor francez, organisadas entre « 1435 e 1488, são a fonte mais preciosa « que se póde encontrar sobre as origens « tradicionaes das *Quinas portuguezas*. « Podem-se consultar na *Collection com-« plète des Memoires relatifs à l'Histoire « de France, par Petitot*, tom. ix, 2.ª se-« rie, pag. 107. É para admirar que na « celebre polemica sobre o milagre de Ou-« rique nenhum dos contendores se lem-« brasse de interpretar um texto tão im-« portante». Até aqui o professor.

O que muito é para admirar é que o snr. Theophilo Braga não visse largamente interpretado o importante texto por Alexandre Herculano em um dos seus opusculos de polemica intitulado Solemnia verba (ii), por causa do milagre de Ourique. Veja o tomo 3.º dos *Opusculos* do grande historiador desde pag. 150 até 154. Além d'isso, o texto já estava d'outro modo interpretado pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo desde 1786. Veja *Novos testemunhos da milagrosa apparição de Christo Senhor Nosso a el-rei D. Affonso Henriques*, etc. Diz o snr. Theophilo que Olivier de la Marche organisou as

suas *Memorias* entre 1435 e 1488. Ora, Olivier de la Marche nasceu em 1426, segundo Petitot. Começou pois, segundo Theophilo, a organisar *Memorias* aos nove annos. Seria um prodigio; mas é apenas uma leviandade do senhor doutor. O proprio de la Marche diz: «Começo a escrever aos 66 annos de minha vida». Era em 1492, e morreu passados dez annos. Se o famoso professor e reformador dos estudos historicos lêsse A. Herculano, de certo não desacertaria em tantas cousas simultaneamente. O snr. Braga escreve por palpite. E por estas e por outras, quando o snr. Cunha Seixas me diz que o snr. Theophilo é *um dos nossos mais conspicuos escriptores e uma das mais elevadas e robustas intelligencias da Peninsula,* desconfio que o snr. Seixas está a desfrutar-me. Mau gosto. No entanto, parece-me que o snr. Branco, na 2.ª edição da sua obra, deve expungir o bilhetinho do snr. Theophilo.

Pag. 400. Entra o snr. Bernardes Branco apoiado no snr. Theophilo, e com desusada acrimonia na nacionalidade do Amadis de Gaula contra a opinião do snr. Amador de los Rios e Pascoal Gayangos que duvidam da existencia do original de Vasco de Lobeira na bibliotheca do duque de Aveiro. Não entro n'esta questão, e tomo para mim o conselho que o snr. Bernardes Branco dá com bastante energia ao snr. Amador de los Rios: «Quem não está habilitado para tratar de certos assumptos não se metta n'elles». E é assim.

Pag. 402. Mestschherski (*le prince Elim*). Dá o snr. Bernardes noticia d'um drama intitulado *Camões,* e escripto em francez por aquelle principe russo. Informaram-no de que um dos personagens que figuram na agonia de Camões no hospital se chamava D. José Quebedo Castel-Branco. O personagem diz primeiro que é José Castel-Branco de Viade, e é pai de *Peres,* author do *Affonso Africano,* poema de Quevedo. Tinha direito á rectificação esta tolice russa de origem germanica.

Pag. 403. Monsieur M***. *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France et ailleurs. Por —. Amsterdam, chez George Gallet, 1699, 8.º, 595 pag. com estampas.*

Este titulo contém duas inexactidões. Foi impresso o livro em 1700, e tem 295 pag. Lapsos typographicos, de certo. O snr. Branco traduz alguma cousa sobre igrejas, casas, costumes maus das mulheres, e termina dizendo «que esta viagem póde dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Isabel». Pois é isso justamente o que eu traduziria. A impressão banal que lhe causaram as casas e a falsa escravidão e velhaca perfidia das mulheres casadas importa menos que as alegrias da rainha nas touradas e nos bailes quando o rei, seu primeiro marido, estava preso no castello da ilha Terceira. O viajante esteve em Lisboa em 1670.

Pag. 436. Alarcon (*D. Antonio Soares de*). *Relaciones genealogicas de la casa dos marquezes de Trocifal, condes de Torres Vedras.* Madrid, 1586, fol.

O livro foi impresso em 1656. O author portuguez, e primogenito da casa cuja genealogia escreve, é por tantó incompetente n'esta obra. Aquelles titulos de Trocifal e Torres Vedras estão hoje em Hespanha no duque da Victoria. Tem este livro curiosas noticias a respeito do prior do Crato.

Pag. 471. Barault (*Sulpice Gaubier*). *La mort d'Inez de Castro pour servir d'essai a une traduction française en vers et complète de ce fameux poème portugais. Ouvrage dedié et presenté au roi le 6 de juin 1735, jour de la naissance de Sa Magesté, par — Major de la Place de Lisbonne. De l'Imprimerie Royale, 1752.*

Não era regular que se imprimisse em 1752 um livro para ser offerecido ao rei em 1735. O titulo está adulterado. Innocencio transcreve-o um pouco mais correcto, e inculca a raridade do opusculo; mas faz nascer D. José I em 1872, e faz que *Barault* se proponha traduzir em verso *La mort d'Inez de Castro et Adamastor,* ellipsando um ponto e virgula entre Adamastor e Castro. A obra foi apresentada a D. José em 6 de junho de 1772. Não tem data de impressão.

Pag. 491. Dando a lista das edições das *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise écrites au chevalier de C.,* etc., conclue o snr. B. Branco: «Hoje está provado até á evidencia ser esta obra originalmente portugueza». Eu por mim inclino-me um tanto á evidencia do contrario. Reproduzo a opinião que já escrevi a este respeito: «J. Jacques Rousseau apostava que as cartas da religiosa haviam sido escriptas por um homem, e nós tambem apostamos por diversas causas das do philosopho das *Confissões.* Elle refuta que mulheres escrevam d'amor assim tão sentidamente; nós impugnamos que, em 1663, no periodo de D. Bernarda Ferreira de Lacerda e soror Violante do

Céo, uma senhora escrevesse n'aquelle estylo parco, natural, desenfeitado, desluzido do ouropel do tempo. As nossas duvidas assentam na formação e não tem que vêr com a esthetica das amorosas suavidades, da entranhada saudade que chora n'essas cartas. O torneio, a indole, a contextura da phrase recende as olorosas meiguices do genero epistolar francez. Se o morgado de Matheus e Francisco Manuel do Nascimento deram ás cinco cartas chamadas authenticas um boleio de sabor classico, ainda mais lhe prejudicaram a contrafeita origem, porque na segunda metade do seculo XVII aquellas fórmas estavam esquecidas».

Eu devêra ter aspado estas linhas e dar a opinião de A. Herculano que, consultado por Lopes de Mendonça, foi de parecer que *as cartas são originalmente escriptas em francez e dava pouco credito á tradição que as attribue a uma religiosa portugueza.*

Como quer que seja, o snr. Bernardes deve ter assentado a sua opinião contraria em argumentos fortes.

Segue a noticia das obras de portuguezes traduzidas. Devem incluir-se todos ou alguns volumes dos sermões de *Diogo de Paiva de Andrade,* traduzidos em hespanhol por Benito de Alarcon. Em francez está traduzido e impresso em Lião em 1565 um dos X livros que elle publicou em Colonia em 1564, com o titulo *Orthodoxarum Explicationum Libri* X. O livro traduzido é uma defeza da Companhia de Jesus. Diogo de Paiva grangeou grande sympathia entre os protestantes por ter escripto nas *Explicationes orthodoxæ*... que *os philosophos que se esforçaram por conhecer o Deus verdadeiro, e honral-o religiosamente tiveram a fé que aviventa o Justo... E que seria a maxima crueldade condemnar ás penas eternas homens porque não tiveram uma fé que lhes era inaccessivel.*

Leibnitz em contenda com Pellisson cita com frequencia Diogo de Paiva de Andrade.

De *Pedro Nunes* escreve largamente *Millet Decharles* no prefacio de *L'Art de naviger,* dando as theorias do celebre mathematico portuguez na sua *De Arte navigandi.*

Pag. 522. R. R. *Delivrance (la) et le retablissement du royaume de Portugal, traduit du latin de l'illustrissime archevêque de Lisbonne par —. Rouen,* 1648, 12.

Segue depois como obra do mesmo traductor *Lusitania vindicata.* Aqui ha confusão. *Lusitania vindicata* é a obra do arcebispo D. Manoel da Cunha traduzida para *La Delivrance,* etc. e citada pelo snr. Branco a pag. 530. É manifesto erro de imprensa a data de 1863.

Pag. 537. ALMADA (*Francisco de*). *Gesta proxime per Portugalenses in India, Ætheopia, et aliis orientalibus terris ab Emanuel Portugaliæ rege ad Episcopum Portuensem cardinalem Portugaliæ missa. Norembergæ, 1507.*

O snr. Bernardes Branco não reparou que Francisco de Almada é aqui o traductor de uma noticia *enviada por D. Manoel rei de Portugal ao Bispo Portuense cardeal de Portugal das façanhas* (gesta) *praticadas pelos portuguezes,* etc. O cardeal de Portugal era o chamado de Alpedrinha D. Jorge da Costa. Chamalhe bispo portuense, não porque elle fosse bispo do Porto, em Portugal; mas porque ha ou havia uns bispados em Italia em que eram providos os cardeaes: taes eram o Albanense, o Tusculano, o *Portuense* e o de Santa Rufina. (Veja-se *Jorge Cardoso, Agiol. Lusit.* tom. 2.º, pag. 116, e *Mem. da Acad. das sciencias de Lisboa* T. VIII (1823), p. I, pag. 157). Este artigo é tambem incompetente na obra, porque o livro é d'um portuguez, e o traductor portuguez é tambem.

Existe uma versão italiana de um rarissimo opusculo de *Antonio Barbosa* BACELLAR, intitulado *Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife,* etc., Lisboa, 1654, 4.º A versão italiana é: *Relazione dell'insigne vitoria ch'i Portughesi riportarono degl' Olandesi nello stato del Brasile, etc.*

Pag. 564. *Fuora velhaco. C'est a dire la liberté de Portugal,* etc. *Traduit de la langue castellane en langue française. Imprimé nouvellement,* 1641.

O snr. Branco diz, informado pelo snr. Tullio, que o author d'esta obra foi o padre fr. José Teixeira, o qual n'esta versão franceza apparece debaixo do pseudonymo *Le pelerin Espaignol, persecuté du temps et de la fortune.*

Não são perfeitamente exactas as informações do snr. Tullio, se as deu assim — o que me parece duvidoso em sujeito versadissimo n'estes assumptos. Deter-me-hei, a pezar do leitor, com o padre dominicano José Teixeira. Seguiu D. Antonio, prior do Crato, para França, e aqui foi esmoler, e prégador do rei, confessor do principe de Condé e da princeza sua mãi. Publicou em 1582 um *Compendium de Portugalliæ ortu, regni ini-*

tiis, rebusque á regibus gestis[1]. Refutou-lhe o escripto, por ordem de Filippe II, Duarte Nunes de Leão, hebreu portuguez a quem o monarcha intruso galardoou generosamente. Replicou fr. José Teixeira em 1592 com um livro: *Confutatio nugarum Duardi Nonii Leonis et aliorum qui Portugalliæ regnum Philippo Castellæ Regi jure hæreditario obvenisse contendunt, et Antonii veri Portugalliæ Regis jus vellicare*[2].

Escreveu tambem ácerca da genealogia de Henrique IV em 1594, e do principe de Condé em 1596; e n'esta segunda obra reimpressa em 1598 conta o frade as ceremonias observadas quando a princeza de Condé abjurou o calvinismo. Bayle, no seu *Dictionnaire historique et critique*, exhibe o texto latino e a versão de uma engraçada passagem que então se deu e fez rir os protestantes e os scepticos como elle[3]. Escreveu em 1602 um livro chamado *Adventure admirable*, etc. em que tenta demonstrar que o calabrez preso em Veneza dous annos e vinte e dous dias era Dom Sebastião. O seu livro, porém, mais hostil a Filippe II é um que, sem nome, appareceu em 1597, com o titulo francez de *Traité parenetique par un Pelerin Espagnol battu du temps e persecuté de la fortune*, fol. Ou n'este livro ou no pulpito dizia o padre que «devemos amar os crentes de todas as religiões, seitas e nações, sem excepção dos hespanhoes». Dralymont põe notas de sua lavra ao livro, e mostra-se grande admirador de fr. José Teixeira de quem diz: *personnage aujourd'huy fort rennomé en l'Europe, et conu de tous les Princes d'icelle, tant ecclesiastiques que seculiers, et singulierement en France, ou les plus grans du royaume et tous hommes d'honneur l'aiment et voyent volontiers, a cause de son honneste conversation, bonnes mœurs et singuliere doctrine, comme l'un des plus accomplis en la connaissance de l'Histoire et prosapie des Grands, que se puisse trouver, etc.*

O livro commentado por Dralymont foi reimpresso em 1641 com o titulo que nunca tivera de *Fuora villaco, C'est a dire, La liberté de Portugal*. Não é, pois, exactamente perfeita a supposição de que *Fuora villaco* haja sido o titulo primordial da objurgatoria do frade.

Diz Bayle que fr. José Teixeira morrêra em 1602; mas Pierre de l'Estoile dá-o fallecido em Paris no convento dominicano em 1604. O confessor de D. Antonio tinha nascido em 1543, professára em 1565, e em 1578 era prior do convento de Santarem. Bandeou-se com os sectarios de D. Antonio, buscou-o em França em 1582, ficou prisioneiro no desbarate da ilha Terceira em 26 de julho do mesmo anno, e carregado de ferros foi mandado a Lisboa. Pôde fugir para França, onde o prior do Crato o nomeou seu confessor e capellão. Em 1586 estava em Inglaterra com D. Antonio, e em 1588 demorava outra vez em França, e n'este anno foi enviado pela rainha a Lyão, onde os da Liga o maltrataram queimando-lhe os livros. Dedicou-se a Henrique IV que o fez seu capellão. (Veja BAYLE, *loc. cit.*; MORERI, *El gran Diccionario historico*, tom. VIII, pag. 149; NICOLAO ANTONIO, *Bibliot. Hisp.*; ECHARD, *Scriptores ord. pred.* T. 2.º)

E, visto que citei *Bayle* e *Moreri*, nomes que faltam n'este catalogo dos estrangeiros que escreveram largamente de cousas e pessoas de Portugal, indicarei ao snr. M. Bernardes Branco mais outros livros que devem substituir alguns que indevidamente se inscreveram na sua obra.

Quando nos falla de M.elle *Flaugergues*, collaboradora do periodico francez *L'Abeille*, que se publicava em Lisboa por 1836, esqueceu-se de que a maviosa poetisa traduziu *L'Antre de Viriate* de Garrett a quem endereçou os elogios que o mesmo Garrett, com a costumada modestia, reproduziu a pag. 232 das *Flôres sem fructo*, edição de 1858. Nas *Excavações poeticas* de Castilho leem-se bons pormenores e bons versos d'esta senhora que desde 1836 até 1839 esteve em Lisboa. Não sei o que ella, além dos versos, fazia em Portugal. George Sand n'um livro impresso em 1877 e intitulado *Dernières pages*, diz que Pauline Flaugergues fôra para Lisboa no mesmo anno em que o pai lhe morrêra, sem lhe deixar recursos. *Pourquoi est-elle ainsi exi-*

[1] Encontra-se trasladada para francez esta justificação dos direitos de D. Antonio no livro *Excellent et livre discours du droit de la succession etc.*, impresso em 1607, desde pag. 1 até pag. 115.

[2] Em seguida á transcripção d'este livro (pag. 286, T. 1.º) o snr. M. B. Branco acrescenta: «Que pena o não possuirmos um trabalho perfeito ácerca da biographia d'este varão (D. Antonio) um dos vultos europeus mais notaveis do seu tempo!» Se o admirador de D. Antonio lhe quizer escrever a biographia, e lhe estudar com pausa e sem paixão as aventuras de certo voltará do avêsso a sua opinião actual. Portuguezes maiores, incomparavelmente maiores que o prior do Crato são todos os que o symbolisaram na patria e por elle e por amor d'ella morreram, desde D. Francisco de Portugal impropriamente chamado *conde de Vimioso*, até ao mais baixo petintal de Alcantara.

[3] Na edição de Amsterdam, 1734, fol. Tom. v, pag. 319.

lle? — pergunta Sand. — *Probablement elle cherche dans le travail des moyens d'existence. Peut-être a-t-elle songé a se faire religieuse.* Quanto a religiosa, não me parece, quando o snr. Castilho nos conta nas *Excavações* que ella se dava a uma alegre convivencia de salão com Garrett, Herculano, Mendes Leal, Manoel Passos, Fonseca Magalhães, Seabra, Mareco, Silva Tullio, etc. Não quero dizer que estes convivas a desafervorassem dos projectos seraphicos; mas, em 1839, não se faziam freiras em Portugal: as que estavam feitas desfaziam-se. Voltou para França a laureada authora de *Clemence Izaura,* e obteve do Estado uma pensão vitalicia. Em 1850, já em annos decadentes, vivia amorosamente com o escriptor Henri de Latouche, que morreu em 27 de fevereiro de 1851 e lhe legou *son ermitage et tout ce qu'il contenait.* E George Sand acrescenta: *Elle vá vivre là silencieuse et calme, car tout lui rapelle celui qu'elle a tant aimé.*

Quando a celebre romancista escrevia estas notas em 1872, M.elle Flaugergues, com mais de sessenta annos, ainda vivia no herdado eremiterio de Henri de Latouche.

Está o snr. Bernardes Branco enfastiado d'estas bugiarias litterarias que tresandam ao *demi-monde.* Vamos entrar pelos livros ponderosos e de cunho.

Montaigne, por exemplo. Aqui tem um que merecia ser lembrado no seu catalogo. No meu exemplar, edição de Genebra, de 1779, tenho notadas as seguintes passagens: No 2.º tomo a pag. 125, dá-me noticias de *André de Gouvea.* A pag. 303 explica-me um caso que ha dias me referiu um vigoroso collaborador do *Diario Illustrado,* o snr. Fernandes Costa, creio eu, a quem dedico, sem sombra de lisonja, uma sincera admiração pelos seus provados talentos. Como eu tivesse maculado a memoria de Affonso de Albuquerque, agramente arguido de barbaro pelo bispo Osorio (*De rebus Emanuelis,* versão do padre Francisco Manoel do Nascimento, tom. 2.º, pag. 100), o redactor referido remetteu-me a João de Barros, Decada 2.ª, liv. 7.º, cap. 1.º, onde se lê este successo em favor da piedade do vicerei da India n'um naufragio: «Affonso de Albuquerque... sómente salvou uma menina filha de uma escrava sua, que lhe veio ter á mão dizendo que pois aquella innocente se viera pegar a elle por se salvar, que elle tomava a innocencia d'ella por salvação: e estando sempre em pé, elle a teve nos braços sem salvar outra cousa do quanto despojo das riquezas de Malaca vinham n'aquella nau».

Miguel Montaigne responde a isto do seguinte theor: «*Albuquerque, Viceroy en l'Inde, pour Emmanoel Roy de Portugal: en un extreme peril de fortune de mer, print sur ses épaules un jeune garçon* (errou-lhe o sexo), *pour cette seule fin qu'en la societé de leur peril, son innocence luy servist de garant et de recommandation envers la faveur divine, pour le mettre à bord.* Parece pois que Albuquerque, não sentindo em si contra as coleras do céo o rijo arnez da consciencia, lançou mão da criança inculpada. A superstição dos que se escondem de Deus atraz da innocencia das crianças.

Tornando aos *Essais* de Montaigne, no tomo 3.º, falla de D. João 2.º, de D. Manoel, dos judeus, e da Companhia de Jesus. No tomo 4.º da expedição franceza aos Açores a favor de D. Antonio, e do assalto dos portuguezes a uma cidade, de cujos baluartes fugiram mordidos pelas vespas. No tomo 6.º diz cousas sabidas, mas bem contadas da batalha de Alcaçarquebir.

É ao proposito d'esta batalha, e dos factos anteriores e posteriores, até á fuga do prior para França, é dignissima de nota o 3.º tomo de *La Historia Pontifical,* por Luiz de Bavia, impresso em 1609; e, com referencia á restauração de 1640, é igualmente instructiva, e pouquissimo apaixonada, a 6.ª parte da mesma *Historia Pontifical* escripta por D. Juan Banos de Velasco, impressa em 1678.

É outro sim digno de menção *D. Luiz de Salazar y Castro* no *Indice de las glorias de la casa Farnese,* etc. Madrid, 1716, fol. Desde pag. 397 até 433 pretende e consegue, sem grande esforço, destruir a tradição das côrtes de Lamego, e principia d'este theor para demonstrar os direitos violados da casa Farnese a Portugal: *Yo entendo... que no huvo cortes de Lamego, y que el fragmento que del Archivo del Monasterio de Alcobaza llegó a las manos de Fr. Antonio Brandão es supuesto y fabricado quando la infelis muerte delRey D. Sebastian empezó la disputa de la succession... etc.*

Fr. Antonio Brandão acreditava tanto no documento das côrtes de Lamego como Salazar y Castro. Veja o que diz Fr. Antonio Brandão, no 3.º tom. da *Mon. port.,* L. 10, C. xiii. Todos os demais livros genealogicos de Salazar y Castro intendem com negocios de Portugal.

É raro e curioso um livro de *Juan Luis*

de Rojas, impresso em 1613, 8.º, intitulado *Relaciones de algunos sucessos postreros de Berberia. Salida de los Mouriscos de España e entrega de Alarache. Dirigidos a Don Fernando Mascarenhas Cavalleiro de la orden militar de Christo.* Trata largamente de Ceuta e das façanhas do marquez de Villa Real, de D. Affonso de Noronha e outros sustentaculos da gloria portugueza de Africa «onde até mais tarde luziu o astro do puro, nobre e desinteressado esforço portuguez, convertido na Asia em cubiça sanguinaria de mercadores». *A. Herc. Advert. preliminar aos Annaes de D. João III.*

Deve entrar na lista dos estrangeiros que escreveram de Portugal La Harpe, que fez o *Abrégé de l'Histoire générale des voyages*, em 24 tom. in-8.º, Paris, 1816. No 1.º tom. trata da primeira expedição dos portuguezes á India e Africa; do descobrimento de Cabo Verde; e do commercio com os arabes; no 3.º da entrada e estabelecimento dos portuguezes na China, e no 6.º volta largamente ao mesmo assumpto.

Mas sobre a India portugueza ainda não vi mais interessante expositor que *The history of Christianity in India from the commencement of the christian era. By the Rev. James* Hough. London, 1839, 2 tom. em 8.º gr. O author é protestante; mas curva-se respeitosamente diante do apostolo Francisco Xavier, e horrorisa-se da inquisição de Goa, sem se demasiar em exclamações injuriosas a D. João III nem aos papas.

A respeito de D. Sebastião e das reformas que elle fez na ordem benedictina repondo-a no antigo esplendor, convém que se conheça a *Historia monastica di D. Pietro* Ricordati dedicada *Al Serenissimo, e Potentissimo Re di Portogallo* (D. Sebastião), impressa em Veneza em 1575, 4.º

Por varias razões o monge dedica ao neto de D. João III o seu livro; e, citando a primeira: *havendo io per ispazio di forse venti anni, che ho consumati in comporre questa mia opera, letto, e riletto molte historie universali, e croniche di diversi paesi, ho trovato in esse molte segnalate, gran vittorie, ottenute per favor divino contra o nemici del nome di Christo, in Affrica, nell'Etiopia, nell'Indie, et in molte Isole del mondo nuovo, non solo da V. M. ma ancora da gl'antenati suoi, e particolarmente difendendo la parte nostra contra l'empia setta di Maoemetani*, etc.

Este frade era melhor escriptor que propheta e não me parece que Deus lhe désse grande importancia aos rogos. No remate da dedicatoria dizia elle ao rei acutilado tres annos depois em Africa: *baciãdo gli riverentemente la Regia mano, faro fine; pregãdo Iddio che si come gl'ha concesso d'agguagliare la grãdezza, e felicita de' maggior Re del mõdo: cosi gli cõservi il Regno quieto, e pacifico in molti secoli, e accresca gl'anni suoi in lunga eta.*

É igualmente apreciavel a *Historia delle guerre civili d'Inghilterra, Catalugna, Portogalle, Palermo*, etc. pelo conde *Majodim Buaccioni*, Veneza, 1655, 4.º

Nas *Memoires historiques*, etc. do Cavalheiro de Oliveira vem inscriptas as seguintes obras anonymas de estrangeiros ácerca de Portugal:

— *De successione Regni Portugalliæ Dissertatio Jundico Authore* R. H. Juris civilis Doctores Anglo.

— *Del' origine des Rois de Portugal.* Paris, 1612, 1614, 4.º

— *Le Prince vendu, ou Contract de Vent de la Persone du Prince libre e innocent D. Edouard infant de Portugal.* Paris 1643, 4.º

— *Manifeste du Royaume de Portugal, Delf*, 1641, 4.º

Devem ser muito curiosas as *Lettres de Monsieur de Voiture* (o celebre poeta) impressas em *Bruxellas* em 1677, 8.º Chama elle a Lisboa aonde esteve — o *paiz da Marmelada*, e diz que tem uma *maitresse* mais dôce que a marmelada; e não obstante, apesar de tanta doçura, suspira por fugir de Lisboa como se estivesse na Noruega. Isto foi escripto ha uns 250 annos. Voiture que Moreri, Bayle e Bouillet diziam ter vindo a Hespanha enviado diplomaticamente ao conde-duque de Olivares, estava, em 1634, em Lisboa, na qualidade de agente secreto de Luiz XIII para instigar o duque de Bragança a fazer-se acclamar rei.

São dignas tambem de notar-se as *Negociations relatives à la succession d'Espagne*, por Mignet, citadas com frequencia pelo visconde de Santarem no *Quadro Elementar*, T. 4.º, 2.ª P. E bem assim: *Don Antoine, Roi du Portugal. Son histoire et ses monnaies. Bruxelles*, 1868.

Merecem nota:

— Testamento politico del marchese de Pombal o sieno ultimi istruzioni al conte d'Oeiras suo figlio trovate tra i suoi manoscritto. Italia, 1782, 8.º

— Al nostro S. Padre Alessandro Settimo in torno al provedimento de' vescodavi vacanti nella corona di Portogallo. Il dottor D. Francesco Ramo del Manzano. In Madrid, 1661, fol.

— Memorial ajustado entre D. Carlos de Borbon e D. João VI Rey de Portugal. Madrid, 1821. fol.

The Lisbon Guide or an Historical and descriptive view of the city of Lisbon and its environs, etc. Second edition. Lisbon, 1853, 8.º Com 7 estampas e muitas tolices. No artigo «litteratura» especialisa na mystica frei Alexandre de Gusmão, e na poesia lyrica frei Manoel de S. José, que o leitor e eu conhecemos tanto como a frei Alexandre. Não tem noticia de Herculano; mas sabe que um dos primeiros historiadores portuguezes é Paes Veigas (*Viegas*, talvez). Ouvi dizer que era padre o author do livro; conheceu Castilho e escreve-lhe largamente a biographia. Nas descripções é exacto e noticioso.

Pufendorf escreveu em allemão e publicou em 1686 a *Introducção á historia dos principaes Estados da Europa*. Está vertida em francez. No tom. 1.º, liv. 3, trata da lucta do prior do Crato com Castella, e especialmente da conquista dos Açores pelo marquez de Santa Cruz, cujos triumphos desconsidera por não ter soffrido resistencia o general hespanhol.

Direi agora, e por ultimo, que livros devem ser excluidos da obra do snr. Manoel Bernardes Branco por serem alheios a todas as quatro secções em que a dividiu.

Pag. 354, tom. 1.º *Giov. Gioseppe di Santa Thereza:* era portuguez, e escreveu em italiano. Diz o snr. Branco que este nome é a unica excepção á regra estabelecida de não tratar senão de obras compostas por estrangeiros.

Aqui está outra excepção:

Tom. 2.º, pag. 454. Morelli. É pseudonymo de fr. Fulgencio Leitão, que escreveu em hespanhol.

Outra excepção, Tom. 2.º, pag. 436: Alarcão (*D. Suares de*). Era portuguez, que escreveu em hespanhol.

Em traductores. Tomo 2.º, pag. 493: Deve ser tambem excluido dos *Traductores*, pag. 458, T. 2.º A Costa *Christoval* como traductor do *Tratado de las drogas*, etc. *Christovão da Costa* era portuguez, e escreveu em hespanhol.

Figuier (*Bernardo*). Era portuguez, e traduziu para francez as *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto.

Almada (*Francisco*) de que já fallei diffusamente.

Não se nos depára a razão de se acharem na lista dos escriptores que trataram de Portugal *Antonio de Guevara*, pag. 360, e *Talassi*, a pag. 429 do 2.º tomo. O primeiro offereceu a D. João III o seu *Libro llamado de privados y doctrina de cortisanos;* o segundo dedicou a D. João, principe do Brazil, o seu poema *L'olmo abbatuto* que não vi; mas penso estar no caso de *Guevara*.

A dedicatoria dos dous livros aos soberanos portuguezes não me parece que seja razão bastante para que Portugal se considere bem ou mal tratado pelos dous authores.

A franceza Elisa Loeve Weimar, citada a pag. 312 do 2.º tomo, nada escreveu a respeito de Portugal. Publicou 3 ou 4 numeros de um jornal francez, no Porto, 1849; mas, tirante noticias de theatro lyrico, os restantes assumptos eram apreciações de livros inglezes e francezes.

Deve tambem ser excluido o n.º 392 da pag. 549 dos Traductores: Menezes (*Diogo de Mello y*), *Rebelion de Zelian*, y progressos de su conquista en el goberno de D. Constantino de Sáa e Noronha, 1648.

Aqui ha tres inconveniencias: 1.ª o titulo alterado; 2.ª o anno da impressão em 1648, devendo ser 1681; 3.ª ser o author portuguez que escreveu em castelhano, e não deve por tanto entrar na lista dos traduzidos.

Parei finalmente, e felicito a paciencia de quem me acompanhou até aqui. Resta-me asseverar ás pessoas estudiosas que *Portugal e os Estrangeiros* é uma obra de incomparavel utilidade, ainda mesmo para os possuidores de variadas riquezas bibliographicas. Ninguem possue conjuntamente as raridades noticiadas n'estes abundantes catalogos. Aqui se nos depararam versões completas de livros estranhos, umas do snr. Bernardes Branco, outras de Meira e outros traductores que as malbarataram no jornalismo; e estas por lá se iriam á voragem das mercearias, se o laborioso collector as não perpetuasse em livro. Fez o snr. Manoel Bernardes Branco um notavel serviço ás letras nacionaes. Não me capacito que da opinião de estranhos nos advenha grande gloria; mas com estes livros poderemos responder aos que lá fóra nos perguntam se somos hespanhoes quando lhes dizemos cheios de rubor que somos portuguezes. E, se ainda assim, nos não derem a autonomica importancia assás assignalada nos dous tomos da excellente obra, digam-se-lhes, para os aviltarmos, as proezas dos doze de Inglaterra e as façanhas de Lopo Barriga.

Camillo Castello Branco.

OBRAS COMPLETAS

DE

D. JAYME BALMES

O CRITERIO, 1 vol. — CARTAS A UM SEPTICO EM MATERIA DE RELIGIÃO, 1 vol. — PHILOSOPHIA FUNDAMENTAL, 4 vol. — O PROTESTANTISMO COMPARADO COM O CATHOLICISMO, 4 vol. — MISCELLANEA RELIGIOSA E LITTERARIA, 2 vol. — CURSO DE PHILOSOPHIA ELEMENTAR, 2 vol.

14 VOLUMES in-12, 8$400 reis. Estas obras vendem-se separadamente a 600 reis o volume

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON, PORTO

Esclarece BALMES nas **Cartas a um sceptico** os pontos menos aluminiados da theologia catholica. Das intrincadas questões, destecidas em miudos fios, vem descendo á pratica da vida positiva — á humanidade que labora dentro das balizas do mero racionalismo — e harmonisa o dogma com a moral, a lei da razão com os preceitos revelados, o senso intimo com as difficuldades do septicismo. Não se lhe olvidou alguma das evasivas por onde a incredulidade se esquiva á controversia, acastellando-se no seu baluarte da negação. Concedeu o philosopho christão ao seu impugnador bastos conhecimentos positivos, grande cabedal de sciencias naturaes para que elle aggredisse e se defendesse com todas as armas; e tão modestamente sahiu do combate que não se gaba de vencedor dos erros inveterados pela educação do seculo. Não costumam assim terminar as suas controversias os infallibilistas dos systemas adversos ao dogmatismo.

Não é sómente uma apologia do christianismo a serie das 25 **Cartas a um sceptico.** O racionalista extremo, se reagir aos argumentos do philosopho christão, ha de, a seu pezar, adherir aos salutares preceitos socialistas que promanam da religião, cuja apologia rejeita, pelo que é da divindade d'ella. Esse espontaneo consentimento é já uma victoria do christianismo; e, se a razão do sceptico se der ao confronto das differentes religiões radicaes da fé humana, ha de ir subindo na apreciação da moral de todas até encontrar a origem supernatural da unica em que se póde repousar o coração destroçado pelas angustias da vida.

Trata BALMES assumptos de perigoso melindre em algumas d'estas **Cartas**; por exemplo: as penas eternas, a condemnação irreparavel, as expiações irremissiveis e inaccessiveis á misericordia do Juiz que tambem é Creador.

Comprehende-se este assumpto indeclinavel em tal livro quando esse dogma se faz mister á harmonia do credo catholico. Todavia, a obra de BALMES, sem este tratado, seria ainda sublime, e por igual proveitosa.

Derivemos a uma das mais importantes obras de BALMES: **O protestantismo comparado com o catholicismo.** Não seria o nosso philosopho mais ambicioso que GUIZOT se intitulasse esta obra **Historia da civilisação na Europa.** Talvez que, adornada com este titulo convidativo, acareasse mais leitores, e, com artificio honesto, os levasse captivos da eloquencia da razão, através dos quatro tomos, nunca enfadonhos nem superfluos, até os reconciliar com a verdade. Todavia, o titulo escolhido esfria a curiosidade do maior numero dos esmerilhadores de sciencia pelos titulos das obras. Para estes a comparação de protestantismo e catholicismo está feita e decidida d'este LUTHERO. É questão anachronica. COMTE e LITTRÉ não querem saber d'isso. Para a formação dos systemas que derivam do seculo XVII até ao anthropomorphismo de DARWIN tanto monta CALVINO como LACORDAIRE. São estorvos que impecem a marcha desassombrada... não se sabe para onde. O protestantismo impõe obrigações que a razão absoluta refuga. Não se querem jugos de natureza nenhuma. Tanto importa a letra da *Biblia* como a letra do *Syllabus*. Já LESSING o dizia: «authoridade por authoridade antes a do Papa que a da Biblia». Desligar do pontifice

para reatar o espirito a um livro é apenas mudar de servidão. Por tanto, aquelles para quem BALMES escreveu o confronto do protestantismo com o christianismo não o consultam, e até se admiram de que no seculo XIX, um philosopho catalão com idéas tão obsoletas se fizesse traduzir e conhecer em França ainda mais que no seu paiz!

É, com effeito, a historia da civilisação na Europa que BALMES motiva e desenvolve de par com os momentosos assumptos das prelecções de GUIZOT. Faz ao sabio protestante a justiça que elle fez ao catholicismo; e, separando com imparcialissima equidade, os erros do clero que provocaram a reforma, salva e resguarda a instituição invulneravel e divina — que deixaria de o ser se estivesse sujeita a periclitar nos conflictos dos homens. O pensamento dominante da obra, diz o author, é demonstrar que «antes do protestantismo, a civilisação européa attingira o possivel desenvolvimento; que o protestantismo lhe desviou o progresso, e surtiu infinitos males nas sociedades modernas; e que os melhoramentos posteriores ao protestantismo não os fez elle, antes pelo contrario os contrariou». E as demonstrações de BALMES são feitas á face da historia, porque repete elle com o texto sagrado que *Deus não precisa da nossa mentira.*

Camillo Castello Branco.

GALERIA DE SCIENCIAS CONTEMPORANEAS

E

PRINCIPIOS GERAES DE PHILOSOPHIA DA HISTORIA

PELO

DR. JOSÉ MARIA DA CUNHA SEIXAS

Advogado em Lisboa

Assás conhecido e acatado era já entre nós, tanto na qualidade de eximio jurisconsulto como na de erudito e facundo editor de varias obras muito apreciaveis, esse advogado não menos laborioso e desvelado das causas forenses que da sobre todas importante e magestosa causa da instrucção e civilisação nacional.

Acaba elle de justificar mais authenticamente este ultimo titulo, apresentando a publico, já no corrente anno, as duas notaveis producções litterarias que servem de epigraphe a este humilde artigo bibliographico, destinado pura e simplesmente a recommendal-as á séria attenção e judiciosa apreciação dos que devéras se interessam pela sorte e prosperidade de uma causa tão nobre e sympathica — os conscienciosos amadores do progressivo augmento e aperfeiçoamento das sciencias e da verdadeira illustração. E na verdade bem recommendaveis nos parecem ellas e dignas de ser perscrutadas com pausada reflexão, especialmente pelas seguintes razões, que nos parece sobresahirem entre varias outras que omittimos pela brevidade:

1.ª Pela analyse profunda e mui judiciosa dos diversos systemas philosophicos, antigos e modernos, com as respectivas theorias, importando uma esmerada e minuciosa revista critica das vigorosas e indefesas tentativas ensaiadas pelos philosophos dos diversos paizes para resolver os grandes problemas que constituem a base de todas as sciencias humanas: 2.ª Pela prudente reserva, admiravel e nunca desmentido bom senso que emprega em aquilatar o merito d'esses differentes systemas comparados entre si, o que tudo revela não só um estudo profundo e altamente prestimoso, mas um zelo ingenito e afincado pelos progressos das sciencias e da litteratura entre nós, além d'uma critica aprimorada e imparcial, tão rara e difficil de attingir em escripta d'esta ordem.

Proclama finalmente e sustenta com mui valiosos argumentos a insufficiencia das nossas escólas superiores, e a necessidade de as augmentar e completar, especialmente *curso superior de letras*, com a creação de novas cadeiras que designa, distribuidas sob certa ordem, a fim de não desmerecerem a consideração e apreço das nações mais avançadas em sciencia e illustração, concluindo por arvorar em fórma de mappa o programma da projectada combinação. Tambem não é nosso proposito entrar na apreciação critica de tão engenhoso e bem elaborado plano, nem ella poderia ter cabimento em um succinto artigo meramente noticioso, limitando-nos igualmente a recommendal-o ao conveniente exame e pausada meditação tanto dos poderes publicos e das corporações scientificas, como de todos os competentes na materia.

Com quanto porém nos pareça mui sensato e plausivel, é nossa aventurosa opinião que difficilmente verá o illustradissimo author realisados, por emquanto, os seus e nossos desejos, pela manifesta incompatibilidade que uma tão avançada reforma offereceria não só com a organisação vigente da nossa instrucção, mas muito especialmente com a constante e progressiva escassez de recursos financeiros, que mal permitte sustentar condignamente essa mesma organisação, quanto mais modifical-a e amplial-a tão avantajadamente, em harmonia com o plano proposto, o que demandaria um consideravel augmento de despeza. Ha muito se espera pela promettida e tão desejada reforma de instrucção secundaria, cujo estado, em grande parte provisorio, a tem consideravelmente prejudicado, e facil é de vêr que, sem a conveniente e definiti-

va organisação d'esta, mal póde assentar-se solida e adequadamente a da instrucção superior, a que aquella serve de base essencial. Comtudo, não nos parece haver motivo para desanimar: muito se tem já avançado n'este ultimo seculo, especialmente desde 1836 por diante, devido, sem duvida, aos constantes e patrioticos esforços de muitos e successivos obreiros das sciencias e das artes, que se teem tão gloriosamente empenhado em levantar este pequeno paiz até ao nivel das nações mais adiantadas em illustração.

Comparado o estado presente da nossa instrucção com o anterior áquella época, não póde deixar de reconhecer-se que a differença é mui notavel; e muito mais o seria ella, em nosso humilde entender, se as reformas realisadas até o presente tivessem sido sempre acompanhadas do methodo mais conveniente e apropriado para as tornar proveitosas quanto possivel. É porém certo que o vasto campo se acha já roteado até certo ponto, e as maiores difficuldades vencidas: pouco e pouco se irão seguindo os desejados melhoramentos, e os trabalhos de tão subido quilate como os do snr. dr. Seixas parecem-nos um valioso subsidio para serem levados a effeito.

Para que elles sejam bem conhecidos e apreciados, como muito merecem, rogo-lhe, snr. redactor, se digne publicar no seu illustrado jornal esse artigo bibliographico, no que muito obsequiará o seu constante leitor

Manoel Pinheiro d'Almeida e Azevedo,
professor jubilado de philosophia.

Braga, 18 de março de 1879.

(Do *Jornal do Porto*).

CURSO THEORICO E PRATICO DE PEDAGOGIA

POR

MICHEL CHARBONNEAU

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

OFFICIAL DO EXERCITO

PORTO—LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON. 1 VOL. IN-8.º

Em vez de *pedagogia* podiamos dizer *magisterio* ou *professorado*. A interpretação que se dá áquella palavra é violenta: *conduzir meninos* é o que se deduz dos dous vocabulos gregos que a formam. *Pedagogos* na Grecia antiga eram os modernos escudeiros dos meninos abastados. Ainda agora, a palavra *pedagogia* não permitte que se lhe derive um adjectivo para qualificar o professor.

Se lhe chamarmos pedagogo ao mestre de meninos não o temos em conceito bastante serio: ou o ridiculisamos pela profissão modesta ou pelo pedantismo burlesco.

Mas o termo *Pedagogia* tem hoje o consenso universal, e exprime *a sciencia da educação*.

Matter, escriptor francez devotado á missão nobilissima de regenerar o professorado, escrevia ha annos: «Ha progressos sensiveis na sciencia da educação actualmente? Avançou muito? Rica e ambiciosa é ella; mas não é boa nem completa porque carece de harmonia: é mixta como o estado social que se reflecte n'ella. «A pedagogia espera de nós as suas ultimas reformas; mas reformas sérias e principios harmonicos com as nossas instituições e costumes. E mister é que se lhe dêem, porque debalde tentariamos actuar sobre gerações encanecidas em toda a especie de preconceitos e hostilidades. Nas intelligencias juvenis poderemos ainda depositar os embryões da união moral que é a grande necessidade da época».

Esta grande necessidade produziu o livro mais util, mais serio, mais generoso que dos prelos francezes tem vindo collaborar na educação da juventude. Mr. Michel Charbonneau escreveu o *Curso theorico e pratico de Pedagogia;* o snr. José Nicolau Raposo Botelho traduziu-o da 3.ª edição; e o snr. E. Chardron deu o mais difficil e indispensavel impulso á divulgação da obra benemerita. Pelo que respeita ao traslado a portuguez, não me limito ao elogio da vernaculidade, que já em si não é pouco nem vulgar; a esse louvavel empenho satisfeito habilmente, ajuntou o snr. Raposo Botelho as alterações judiciosas que se requeriam na obra applicada ao curso de pedagogia nacional, modificando o methodo rudimentar da aprendizagem do idioma portuguez, e indicando os compendios adoptados no subsequente ensino. É um trabalho de consciencia e de intelligencia.

N'este curso se nos deparam largamente tratadas a educação do coração e a educação de espirito.

A religião é chamada a germinar nos animos infantis a arvore bemdita cuja sombra será abrigo ás flôres do espirito que mais tarde, expostas ao calor das paixões, podem degenerar em perfumes deleterios. A suavidade, a lhaneza convidativa, a dôce unção com que os preceitos da moral de Jesus se insinuam no entendimento das crianças é n'este livro um dos seus mais bemfazejos e formosos intuitos. Claro é que deve ser muito attenta a vigilancia que Charbonneau recommenda na escolha dos preceptores. N'este ponto, se explana o livro em conselhos aos paes e preceitos aos mestres; para os primeiros é um guia, para os segundos um instructor moral com elevadissimas idéas que engrandecem a digni-

dade do professorado alteando-o ás grandes responsabilidades das grandes missões. Para os paes de familia ha ahi admoestações que lhes devem parecer estranhas novidades, em vista da despreoccupação com que costumam confiar indistinctamente seus filhos a mestres de costumes exemplares ou de suspeita moralidade. O mais commum é perguntar-se se os alumnos de um determinado collegio são melhormente qualificados nos exames que os alumnos d'outros collegios. Averiguada a prova dos bons costumes dos preceptores pelo exito animador dos exames, não se investiga se o discipulo esqueceu ou desprezou no collegio a iniciação religiosa que recebeu de sua mãi. Não me quer parecer que os professores portuguezes expendam theses atheistas aos seus discipulos como Alphonse Karr fazia aos d'elle; mas não escrupuliso em acreditar que a educação religiosa de um menino é tão indifferente á maioria dos mestres quanto no acto da prova está provado que o é aos examinadores.

Charbonneau insiste com discreto fervor n'este momentoso assumpto do seu curso; e dos sentimentos religiosos deriva para a educação physica sob o ponto de vista hygienico, harmonisando as condições do desenvolvimento corporal com o do espirito, sem mutuamente se sacrificarem pelo desequilibrio. N'esta parte, teem ahi muito que aproveitar os directores dos gymnasios onde o exercicio das forças ou transcende o que podem dar orgãos debeis, ou são empiricamente applicados por systemas de velha rotina.

Sob a epigraphe de *Educação intellectual,* desenvolve um tratado de moral philosophica ao alcance dos meninos sem que o preceptor haja de simplificar a expressão para se fazer entender. Todos os assumptos ventilados no antigo ramo de philosophia que se chamava «ethica» aqui se esclarecem em termos e raciocinios tão modelados para comprehensões infantis que o transcurso d'estes prolegomenos á logica e á theodicea será facillimo para os educandos e gratissimo para os professores.

Passa depois á parte mais positiva da educação; aos methodos das diversas disciplinas desde a leitura e escripta até á historia, através das prendas que constituem a educação esmerada. Sobre o desenvolvimento das faculdades intellectuaes e moraes alvitra conselhos que não tem contra si o damno das theorias: nenhumas nebulosidades que desanimem até á indolencia o preceptor, nem obriguem o cerebro do discipulo a um esforço incompativel. O exercicio a que a sua razão é brandamente convidada faz-lhe mais claro, mais intelligivel o tirocinio das disciplinas que vai confiando á memoria.

Segundo a «organisação das escólas» d'este *Curso de Pedagogia,* ha muito que modificar nos collegios portuguezes em proveito dos proprios professores e vantagem dos alumnos. N'um breve esboço dos traços geraes do livro, a um tempo complicado e singelo, não se póde dar por menor o complexo de reformas alvitradas. O que mais em favor dos educandos se póde fazer é estimular os preceptores dignos d'esta honrosa qualificação a que leiam o *Curso de Pedagogia,* se, afóra isto, nos não é levado a mal que roguemos aos que dirigem a educação publica que dêem a este livro uma intervenção legal nos collegios. Como quer que seja, sabemos que alguns professores já de antemão almejavam algum escripto d'esta especie. Esses já tinham em si a luz que lhes mostrava a necessidade de outra mais esplendida; e elles, os dignos formadores da geração que vai occupar a porção mais activa da humanidade, serão por ventura os primeiros a dar o exemplo, e a colherem as bençãos dos paes de familia.

É certo que as idéas de Charbonneau, respectivas ás qualidades que se requerem nos preceptores, já vem de longe preconisadas, mas, n'estes ultimos cincoenta annos, pareciam obliteradas da previdencia dos paes e da consciencia dos educadores. Excellentes maximas se nos offerecem nos que exercitaram o professorado no nosso paiz. Ha mais de seculo e meio que um mestre-escóla portuguez, Manoel de Andrade e Figueiredo, publicára *A nova escóla,* offerecida a D. João v, e no capitulo *Eleição dos mestres* preluziram-lhe os excellentes preceitos que Charbonneau explana. O que é novo é a organisação das escólas, o methodo do ensino, a systematisação dos mappas, e tudo que coopera em haurir do tempo o maximo proveito. Este livro não foi sómente escripto para os que ensinam; a maior parte d'elle é um compendio de moral para os que aprendem, e um conselheiro que confidenceia aos paes cousas sublimes que elles hão de comprehender e agradecer, se as virem á luz do amor que tem aos filhos.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

MIGUEL CHARBONNEAU

Director da Escóla Normal de Melun

CURSO THEORICO E PRATICO DE PEDAGOGIA

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

INDICE

PRIMEIRA PARTE

CONSELHOS PRELIMINARES E DIRECÇÕES GERAES

Dignidade das funcções de preceptor. — Qualidades e condições necessarias para exercer dignamente as funcções de preceptor. — Vocação. — Qualidades do preceptor relativas á sua vida exterior. — A modestia. — A prudencia. — A delicadeza. — O amor da solidão e do estudo. — A piedade, os bons costumes. — Qualidades do preceptor relativas á disciplina da escóla. — Bondade, affeição pelas crianças. — Firmeza. — A paciencia. — A pontualidade e o zelo.

SEGUNDA PARTE

EDUCAÇÃO OU DESENVOLVIMENTO DAS FACULDADES

Definições e divisões. — Educação physica. — Objecto e importancia da educação physica. — Precauções a tomar e conselhos a dar, sob o ponto de vista hygienico. — Desenvolvimento das forças e direcções para os exercicios corporaes das crianças. — Educação dos orgãos dos sentidos. — Educação intellectual. — Da alma e das faculdades intellectuaes. — A percepção. — A attenção. — O juizo. — O raciocinio. — A memoria. — A imaginação. — Modêlo d'uma lição de cousas. — Educação moral. — O campo da moral. — A vontade e os phenomenos que a acompanham. — Os phenomenos que acompanham a vontade: a consciencia. — A vontade. — A sensibilidade. — Os sentimentos em geral: inclinações ou tendencias. — Tendencia pessoal, ou amor de si. — Conservação, ou amor da vida. — Bem estar. — Previdencia. — Desejo d'estima. — Sentimento da Verdade. — Sentimento do Bello. — Sentimento do Bem. — Tendencia social, ou amor pelos nossos semelhantes. — Amor da familia. — Amor da patria. — Amor para com os homens. — Bom trato para com os animaes. — Tendencia religiosa, amor de Deus, piedade. — Dos motores em educação ou dos meios disciplinares. — A affeição, mobil principal. — Meios accessorios. — Das diversas especies de recompensas e dos seus caracteres. — Diversos castigos e seus caracteres.

TERCEIRA PARTE

INSTRUCÇÃO E ENSINO

Principios geraes. — Triplice fim do ensino. — Definições. — Modos. — Modo individual. — Modo simultaneo. — Modo mutuo. — Modo mixto. — Methodos e ensino das principaes disciplinas. — Dos methodos em geral. — Diversas especies de methodos. — Methodo socratico ou interrogativo. — Modêlo do emprego do methodo socratico. — Ensino das principaes disciplinas. — Instrucção religiosa. — Leitura. — Explicações preliminares. — Definições. — Differentes especies de methodos de leitura. — Exposição do methodo de leitura. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Escripta. — Direcções especiaes para o ensino de leitura corrente. — Ordem das partes do

curso. — Meios a empregar. — Principios diversos. — Arithmetica. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Lingua portugueza. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Desenho linear. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Canto. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Geographia. — Ordem das partes do curso. — Meios a empregar. — Historia de Portugal. — Ordem do curso. — Meios a empregar.

QUARTA PARTE

ORGANISAÇÃO DAS ESCÓLAS

Bases da organisação. — Organisação do mappa do emprego quotidiano do tempo. — Explicações preliminares. — Emprego quotidiano do tempo. — Aula da manhã. — Aula da tarde. — Lições sobre materias facultativas. — Diario das lições. — Organisação do curso: programma. — Organisação da disciplina. — Organisação da mobilia. — Instrucções de 20 de julho de 1866. — Portaria de 7 de julho de 1871.

MAPPAS

Mappa do emprego quotidiano do tempo. — Diario das lições. — Segundo modêlo do diario das lições. — Divisão annual do programma. — Divisão do programma por trimestres. — Modêlo para o livro da matricula. — Modêlo do registo das faltas. — Modêlo do registo das notas e bons pontos. — Modêlo do livrete de correspondencia. — Mappa do movimento annual da escóla. — Mappa da frequencia mensal.

1 volume com 11 mappas 1$000 reis

EDUCAÇÃO E ENSINO

Ahn

Methodo de francez. 1 vol........ 500
Methodo de inglez. 1 vol......... 700
Methodo de italiano. 1 vol...... . 500

Raposo Botelho e Silva Dias

Elementos de desenho linear geometrico.
1.ª parte. 1 vol. brochado 600
Cartonado 800
2.ª parte. 1 vol. brochado...... 900
Cartonado.................. 1$100

Saigey

Problemas d'arithmetica e exercicios de calculo sobre questões ordinarias da vida, contendo 921 problemas com as resoluções, geometria mecanica, astronomia, geographia, physica, chimica, metrologia antiga e moderna, principios de escripturação commercial, etc. 6.ª edição, traduzida por *J. C. L. de Carvalho.* 1 vol............ 600

José Augusto Vieira da Cruz

Nova grammatica elementar da lingua franceza. 3.ª edição. 1 vol..... 600

Silva Dias

Arithmetica elementar e systema metrico, com um quadro de pesos e medidas metricas, conformes com o programma para os exames d'admissão aos lyceus nacionaes. 1 vol. brochado..... 200
Encadernado................ 300

Quadro dos pesos e medidas

1 folha em papel cartão........ 400
Envernizado e com paus........ 1$200

Diogo Nunes

Exames e composições de mathematicas elementares ou collecção de theoremas e problemas, demonstrados e resolvidos, para servirem de modêlo aos alumnos dos lyceus e collegios. 1 vol. 400

Raposo Botelho

Arithmetica pratica, contendo as materias exigidas pelo novo regulamento dos lyceus, para o 1.º e 2.º annos de mathematicas. 1 vol. cart..... 600
Theoremas introduzidos no terceiro anno do curso de mathematicas, pelo ultimo programma, para o ensino nos lyceus nacionaes.................. 240
Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o ultimo programma official, para o ensino nos lyceus nacionaes. 2.ª edição. 1 vol...... 600

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Chateaubriand

Atala, traducção de *Guilherme Braga*, com desenhos de *Gustavo Doré*, gravados por *João Pedroso*. 1 vol. 1$500

Perez Escrich

O manuscripto materno, traducção do *J. D. Mattos Moreira*, illustrações de *Manoel Macedo*. 6 vol .... 3$000

Sousa Duarte

O Peticionario rural, collecção copiosa de formulas para petições ao governo e supremos tribunaes; nas repartições administrativas, ecclesiasticas e de fazenda, etc. etc. 1 vol........ 400

Alberto Pimentel

Album de ensino universal, livro de instrucção popular. 1 vol......... 600

Shakespeare

Hamlet, tragedia em 5 actos, traducção de *Bulhão Pato*. 1 vol......... 800

M. Bernardes Branco

Portugal e os estrangeiros, obra adornada de nove retratos. 2 grossos volumes..................... 6$000

Xavier d'Almeida

Principios de chronologia, approvados pela junta consultiva de instrucção publica para uso dos lyceus. 1 volume..................... 500

Simões Dias

A Hespanha moderna. 1 vol...... 500

Mgr. Segur

Conversas sobre o protestantismo hodierno, traducção do *Padre Senna Freitas*. 1 vol.................... 200

Padre Felix

Conferencias sobre o socialismo, traduzidas em portuguez por *Francisco Luiz de Seabra*. 1 vol............... 500

Padre Cros

O Confessor da infancia e da mocidade, 3.ª edição, traduzida pelo *Padre M. F. Marnoco e Sousa*. 1 vol..... 600

Palmeirim

Galeria de figuras portuguezas. — *A poesia popular nos campos*. 1 vol... 800

José Blum

Vida do Santo Papa Pio IX, obra popular vertida da 3.ª edição allemã, annotada e additada por *Francisco de Azeredo Teixeira d'Aguilar* (conde de Samodães). 1 vol. br.......... 800
Cart........................ 1$000

Cunha Seixas

Galeria de sciencias contemporaneas. 1 vol......................... 1$500

F. Xavier de Novaes

Poesias. 1 vol................ 1$000

Barros Gomes

Cartas elementares de Portugal, para uso das escólas, approvadas pela junta consultiva de instrucção publica, etc. etc. Contendo as seguintes cartas: I — *Carta concelhia*. II — *Carta de relevo, orographica e regional*. III — *Carta dos arvoredos* (carta xylographica). IV — *Carta agronomica*. V — *Carta de povoação concelhia*. VI — *Lista especial dos concelhos*... 1$200

Condições florestaes de Portugal, illustradas com as cartas orographica, xylographica e regional.......... 400

Notice sur les arbres forestiers du Portugal. Avec une carte xylographique chromo-lithographie............ 250

F. Barata

Os jesuitas na côrte, romance historico. 1 vol...................... 500

M. da Cunha e Sá

O ultimo cavalleiro, romance historico. Edição illustrada. 1 vol........ 600

Paulo Janet

Philosophia da felicidade, versão da 5.ª edição franceza. 1 vol....... 1$000

Padre F. Lacerda

De Lisboa a Roma. Noticia historica da peregrinação portugueza ao Vaticano. 1 vol...................... 700

Affonso Daudet

O Nababo, romance de costumes parisienses, versão brazileira. 1 vol. 600

Napoleão Chernoviz

Diccionario de medicina popular para uso das familias. 5.ª edição. 2 grossos volumes encadernados......... 9$000
Formulario e guia medica. 10.ª edição. 1 grosso volume encadernado. 3$600

Chrysostomo portuguez

Ou o Padre Antonio Vieira. 2.º vol. Sermões do tempo paschal, SS. Sacramento, Advento, Natal e outros dias infra annum. Preço......... 1$800

Da Imitação de Christo

Quatro livros traduzidos do original latino em linguagem portugueza pelo *Bacharel Ernesto Adolpho de Freitas.* 1 vol........................ 800

A Raccolta

Ou collecção de orações e obras pias, traduzidas por *Francisco Luiz de Seabra.* 1 vol........................ 600

PUBLICAÇÕES HESPANHOLAS

OBRAS DE EMILIO CASTELLAR

Discursos politicos. 1 grosso vol........................ 1$930
Recuerdos de Italia. 2 volumes.................... 2$640
La redencion del esclavo. 4 volumes.................... 2$880
Estudos historicos sobre la edad media, y otros fragmentos. 1 vol........................ 600
La Civilisacion en los cinco primeros siglos del christianismo. 5 vol..................... 3$600
La Hermana de la Caridad. 2 vol........................ 960
Cuestiones politicas e sociales. 3 vol................. 1$440
Discursos parlamentarios. 3 volumes.................... 1$440
Defensa de la fórmula del progreso. 1 vol........................ 480
La formula del progreso. 1 volume........................ 480
Cartas sobre politica europêa. 2 volumes.................... 1$440
Perfiles de personajes y bocetos de ideas. 1 vol................. 720
Semblanzas contemporaneas. 1 folheto........................ 300

COLLECCION DE LOS MEJORES AUTORES ESPAÑOLES ANTIGUOS Y MODERNOS

Colleccion de poesias castellanas, anteriores al siglo xv, por *A. Sanchez,* con notas y un vocabulario. 1 grosso volume..................... 2$400
Tesoro del teatro español desde su origen (1356) hasta nuestros dias: origenes del teatro español, *Lope de Vega,* — *Calderon* — teatro escogito desdé Calderon hasta nuestros dias. 5 volumes.................... 10$000
Comedias de Morantin. 1 volume con retrato.................... 1$200
Colleccion de piezas escogidas de Lope de Vega, Calderon, Tirso, Moreto, Rojas, Alarcon, Solis, etc. etc. 1 volume.................... 2$000
Tesoro de novelistas españoles antiguos y modernos. 3 vol............. 4$500
Obras de Cervantes: Don Quijote, Novelas ejemplares, La Galatea, El viage al Parnaso, Obras dramaticas, Persiles y Sigismunda. 4 vol..... 6$000
Novelas ejemplares y amorosas (120 novelas) de *D. Maria de Zayas y Sotomayor.* 1 vol................ 1$500
Alleman, Vida y hechos de Gusman de Alfarache. 1 vol. gr........ 1$800
El Bachiller de Salamanca; el observador nocturno, por *Le Sage, El diablo Cojuelo,* etc. 1 vol.......... 1$500
Guerras civiles de Granada, por *G. Perez de Hita.* 1 vol............ 1$500
Tesoro de historiadores españoles. 1 vol. con retratos................ 1$800
Tesoro de los prosadores españoles. 1 gr. vol..................... 2$000

Apuntes para una biblioteca de escritores españoles contemporaneos en prosa y verso, por *Ochoa*. 2 gr. vol... 4$400
Obras completas de Martinez de la Rosa: obras poeticas y dramaticas, novelas historicas, Espiritu del siglo. 5 volumes..................... 9$000
Obras completas de Don José Zorilla. 3 vol...................... 6$000
Obras poeticas de Don José de Espronceda. 1 vol................ 1$200
Obras completas de Figaro (D. Marianno de Larra). 2 vol........... 4$000
Obras dramaticas de Gil y Zarate. 1 volume...................... 2$000
Obras escogidas de Breton de los Herreros. 2 vol................. 4$000
Rimas ineditas de Don Iñigo Lopez de Mendoza, de *Fernan Perez de Guzman.* 1 vol...................... 1$800
Historia de Granada de las sus cuatro provincias —*Almeria, Jaen, Granada y Malaga,* —por *Lafuente Alcantara.* 2 vol..................... 3$600
Gil Blas de Santillana. 1 vol... 1$200

OBRAS DIVERSAS

Fernan Caballero.—Deudas pagadas. Cuadro de costumbres populares. 1 vol... 720
—Cosa cumplida... Solo en la otra vida.—Dialogos entre la juventud y la edade madura. 1 vol.. 720
—Clemencia, novela de costumbres. 2 vol.......................... 1$440
—Elia, ó la España treinta años ha. 1 vol......................... 720
—Un servilon y un liberalito, ó tres almas de Dios, novela. 1 vol........... 720
Gabriel Alonso de Herrera.—Agricultura general. 4 vol... 4$800
D. José M. Pantoja e D. Antonio M. Floret.—Ley hipotecaria comentada y explicada. 3 vol............................ 4$200
Ramon de Campoamor.—Nuevos pequeños poemas y doloras. 1 v. 960
—El drama universal. Poema em ocho jornadas. 3.ª edição. 1 vol........... 720
Dr. D. R. M. G.—Curso de filosofia del derecho, y del derecho internacional, general y particular de España. 1 vol........................ 840
Perry y Companìa. —El discreto amigo. 1 vol....................... 480
D. José Zorrilla. —Lecturas hechas en el ateneo cientifico y literario de Madrid en 1877. 1 vol.. 720
D. Juan Alonso y Eguilaz.—Teoria de la inmortalidad del alma y de las penas y recompensas em la vida futura. 1 vol................... 480
Ubaldo R. Quiñones.—La fórmula social. 1 vol................... 720
D. Ramon Barros Sivélo.—Antigüedades de Galicia. 1 vol... 2$400
D. Bartolomé José Gallardo.—Ensayo de una biblioteca española de livros raros y curiosos. 2 vol.................................... 4$800
Francisco de Milizia. —Arte de ver en las bellas artes del diseño, traducido al castellano con notas e ilustraciones, por *D. Juan Agustin Cean Bermudez.* 1 vol.. 840
D. José Maria Antequera. —Historia de la legislacion romana, desde los tiempos más remotos hasta nuestros dias. 3.ª edição. 1 vol............ 840
D. Joaquim Maria Lopez.—Lecciones de elocuencia general y forense. 2 vol... 4$200
D. Buenaventura de Cordoba.—Vida militar y politica de Cabrera. 4 vol... 5$000
D. Vicente del Serejo.—El hombre en la agonia y ultimos momentos de la vida. 1 vol 160
D. Antonio Flores.—Ayer, hoy y mañana. Cuadros sociales de 1800, 1850 y 1899. 7 vol.. 4$200
Abaldo R. Quiñones.—La religion de la ciencia. (Filosofia racional). 1 vol... 1$800
D. Juan Rico y Amat.—Historia politica y parlamentaria de España. 2 vol... 3$600

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Viagens em Marrocos

Por Ruy da Camara, com illustrações por M. de Macedo, C. Alberto e Pastor. Ernesto Chardron, editor. Typ. de Antonio José da Silva Teixeira. Porto, 1879.

Recebemos só a primeira folha. Mas é leitura interessante, que recommendamos muito sinceramente.

O estylo, facil e insinuante, agrada nas descripções, que prendem por um grande interesse de curiosidade.

E colhe-se bom resultado porque se fica com conhecimento dos costumes d'aquelle imperio, que estando tão proximo de nós, tão longe nos fica pelo caracter da sua civilisação.

Do livro conheciamos alguns trechos, que foram publicados no *Occidente*, excellente revista litteraria de Lisboa, tão notavelmente dirigida pelo nosso amigo Guilherme de Azevedo.

As gravuras que alli tem apparecido e que se hão-de intercalar no texto do livro, são excellentes, nitidas, perfeitas, completando a descripção e dando-lhe vida.

(*Correspondencia de Coimbra*).

Cancioneiro Alegre

De poetas portuguezes e brazileiros, commentado por Camillo Castello Branco. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor. Typ. de Antonio José da Silva Teixeira. Porto, 1879.

1 volume, 1$200 reis

É uma publicação que está destinada a uma grande notoriedade.

O *commentador* é o mais talhado de feição para lhe imprimir caracter. Não conhecemos entre nós quem tivesse tanta força para investir com a especialidade.

Ha-de desentranhar perolas.

Cavará em ruinas para encontrar thesouros. E muito occultos, muito escondidos, muitissimo ignorados, ha-os do valor e do merecimento mais subido.

Para agricultar em tamanha aridez, ninguem por ahi ha que possa medir competencias com Camillo Castello Branco.

O snr. Chardron vai dar uma novidade á litteratura portugueza; e se o commentador puzer todo o seu cuidado na obra, parece-nos que ella, pela sua natureza, está destinada a ser um dos seus primeiros titulos de gloria, em que mais se póde affirmar a individualidade do author.

Só recebemos a primeira folha.

(*Idem*).

Galeria de figuras portuguezas

1 volume, 800 reis

O infatigavel editor portuense Ernesto Chardron, a quem a litteratura portugueza deve um auxilio poderoso, acaba de obsequiar-nos com um exemplar do ultimo livro do snr. Palmeirim, o poeta mais popular da geração passada.

É um livro de bellissima prosa, correcta e portugueza legitima, que fornece uma sã leitura aos espiritos que sabem ainda apreciar nos luctadores da geração que vai desapparecendo a pouco e pouco, as qualidades que tanto os distinguiram.

Cada um d'elles preencheu no seu tempo, com mais ou menos exito, a lacuna que n'elle havia; é por isso n'esta época em que a adoração fanatica pelos idolos

de hoje, na maior parte idolos de barro, leva os nossos contemporaneos a menosprezar tudo que á sua época não pertence, constituindo assim um convencionalismo de falsa escóla, que nos incommoda, é por isso, dizemos, que em nós encontram sempre o devido apreço, mesmo a despeito da certidão de idade, os trabalhos d'esses artistas e trabalhadores convictos que teem a coragem de luctar e progredir n'uma época tão avessa aos seus principios.

É essa uma das grandes provas da sua superioridade.

O livro do snr. Palmeirim tem paginas de muito interesse, descripções curiosas, retratos fieis, recordações saudosissimas de tempos melhores que não volveremos a conhecer.

Não é um museu archeologico; mas póde bem chamar-se-lhe uma chronica curiosa de bons tempos preteritos.

Os processos litterarios são porém fracos, ás vezes destituidos do colorido real das cousas e dos factos.

Mas por essa razão o interesse dos assumptos não é menor; pois que sobra no sentimento que anima os quadros, a arte que os podia tornar mais perfeitos.

O poeta é superior ao artista. Já nos versos do snr. Palmeirim se notava esta differença.

Como todos os paizes que tem uma nacionalidade distincta, Portugal possue typos e costumes que em parte nenhuma se observam. Estudal-os, caracterisal-os devidamente, fazel-os resaltar cada um de per si, ou todos n'um conjunto animado, foi o intuito louvavel que estimulou o snr. Palmeirim na factura do seu ultimo livro.

A sua reconhecida intelligencia, e o conhecimento bastante dos assumptos que tratou, deram á sua **Galeria** um subido merito, que apesar dos senões que lhe podiamos notar, se nos propozessemos fazer uma critica severa, não podemos deixar de reconhecer.

No livro — **Galeria de figuras portuguezas** — ha assumptos curiosos, como os seguintes que os titulos indicam:

O trapeiro, A lavadeira d'Alfama, As hortas, O sapateiro de escada, O fadista, O broeiro, A inculcadeira, O barbeiro de aldêa, O namoro da janella abaixo (que o snr. Palmeirim podia ter chamado com o seu nome usual: *O gargarejo*), *Um casamento nos saloios, O gallego,* e outros que, como vêem, são nacionalissimos e interessantes.

A **Galeria** addicionou o snr. Palmeirim um estudo (se assim lhe podemos chamar) sobre a poesia popular portugueza.

A nossa duvida na classificação d'esse trabalho está por ventura em sermos muito exigentes em obras d'este genero, n'uma época em que ellas merecem a mais profunda attenção dos sabios.

Estudar a poesia popular não é sómente ramilhetar as quadras do nosso conhecimento, attribuidas ao povo. É necessario estudar-lhes a origem, a paternidade, o berço; é necessario sujeital-as a uma analyse scientifica rigorosa.

Não temos competencia no assumpto; quer-nos porém parecer que algumas das quadras aproveitadas pelo snr. Palmeirim, e na maior parte conhecidas, não teem o cunho popular caracteristico.

Teem, para nós, um sabor mais culto. — Isto é importante investigar n'um trabalho d'esta ordem.

Mas é possivel que o snr. Palmeirim não mirasse a um resultado scientifico; o caracter ameno do seu livro perderia muito com a addição pesada d'umas paginas recheadas de investigações e conjecturas.

Os versos que ouvira nos certamens populares, ou avulsos na bocca d'uma camponeza, encaixilhou-os n'uma prosa poetica e romanesca, attribuindo a cada estrophe uma historia triste ou alegre de amores trahidos ou bem fadados; — lagrimas da mãi sobre o esquife d'um filho que adorava, ou lagrimas de commoção feliz pela acquisição d'um bem desejado.

De tudo isto o snr. Palmeirim formou umas historietas curiosas, e no seu ponto de vista fez uma obra de interesse e de valor.

Por isso não hesitamos em dizer que o livro do snr. Augusto Palmeirim é dos mais importantes que o benemerito Chardron tem publicado ultimamente.

Christovão Ayres.

(Do *Jornal do Commercio*).

Curso da lingua franceza

1 volume, 500 reis

O incansavel editor o snr. Ernesto Chardron, que pouco tem que invejar na multiplicidade das obras que edita, os celebrados Hachette e Michel Levy, acaba de publicar um **Curso da lingua franceza**, segundo o methodo de Ahn, adequado ao uso dos portuguezes pelo professor H. Brunswick.

(Da *Ordem*).

NOVO RESUMO DA HISTORIA MODERNA DE PORTUGAL

(ILLUSTRADO)

Recopilado em conformidade com o programma official
para uso
dos que pretendem habilitar-se para o exame de admissão nos lyceus do reino

POR

JOÃO DINIZ

UM VOLUME COM 31 RETRATOS, 240 reis

Este resumo avulta entre todos os que teem visto a publicidade com identico fim. Apresenta uma physionomia moderna e verdadeiramente sympathica; as definições primordiaes que dá nas *noções preambulares,* são novas e coherentes com o corpo da materia; abrangem todo o definido; nada teem de superfluo nem cou-

D. SANCHO I

sa alguma omittem do original: resumem o proloquio latino *pauca sed bona,* o pouco, mas o bom e necessario.

Antes de enumerar os factos principaes occorridos no reinado de cada principe, colloca o author o retrato, as datas do nascimento, acclamação, o fallecimento e os annos que governou, como para logo os recommendar á retentiva da criança; repete á frente de cada dynastia as datas do seu principio e fim.

Os factos capitaes de cada governação acham-se expostos na sua rigorosa ordem chronologica, com clareza, em linguagem portugueza e simples, sem ostentação de datas para não sobrecarregar a memoria do alumno, que deve aprender suavemente, sem grande esforço intellectual e que póde prejudicar tanto desenvolvimento da sua educação physica como mental: é isto mesmo o que teem posto em pratica lá fóra os pedagogos de melhor nome, e os que applicam a sua actividade a estudar o melhor meio de instruir bem e depressa a infancia.

Os criticos inadvertidamente costumam dar pouca importancia aos escriptos d'esta natureza. Um livrinho de historia patria afeiçoada ao entendimento de alumnos de instrucção primaria parece-lhes objecto somenos da sua attenção. D'este desdem se aproveitaram pessoas insufficientes, publicando compendios, que favorecidos pela indulgencia, se não pela ignorancia, dos qualificadores da instrucção publica, ahi correm muito ufanos e lucrativos das suas dezenas de edições. Não se póde dizer que uns são peores que os outros; porque reciprocamente se copiam com homogenea fidelidade as mesmas futilidades, os mesmos preconceitos, uns hauridos no La Clède, outros na Historia de Portugal, *composta em inglez por uma sociedade de litteratos,* e muitos em Ferdinand Denis. Resumos escriptos já depois que Schœffer, Herculano e Rebello da Silva diluciaram as obscuridades e corrigiram os desacertos, continuam gafados dos antigos vicios. Os fabricantes d'estes livros de mercantilismo desculpam-se com a evasiva de que a historia escripta para rapazes os dispensa a elles, historiadores, de a estudarem.

Á venda nas Livrarias Chardron — Porto e Braga.

1.º ANNO 1879 N.º 6

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

CANCIONEIRO ALEGRE

DE

POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

COMMENTADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um volume de 560 pag., 1$200 reis

O espirito do mais brilhante e fecundo romancista que Portugal tem tido e terá talvez por muitos seculos, parece que remoçou n'estes ultimos tempos.

O snr. CAMILLO CASTELLO BRANCO, em cujos labios não tanto a idade como os acerbos padecimentos physicos de que tem sido victima haviam apagado o riso — aquelle riso brincalhão e zombeteiro do antigo folhetinista dos jornaes do Porto — reapparece-nos hoje, no Cancioneiro alegre, desatando-se em caudaes de finissima graça, de modo a fazer-nos acreditar que por sobre o author do *Amor de perdição* não passaram os ultimos trinta annos.

É verdade que o snr. CAMILLO CASTELLO BRANCO tem por vezes no Cancioneiro alegre um riso nervoso, sarcastico, que arripia e faz mal, e que tanto póde ser o protesto de uma alma indignada como a manifestação de um espirito irritado pelo soffrimento.

Todavia, n'essas occasiões, apesar de desapiedado, o snr. CAMILLO CASTELLO BRANCO não é injusto.

Os seus commentarios alliam á fina graça e aos esplendores de um inimitavel estylo, uma critica tão sensata e tão justa, que os mesmos sobre quem o grande romancista dispára os seus sorrisos mais ironicos devem ficar-lhe agradecidos.

(Do *Sorvete*).

É mais uma edição do incansavel e prestante editor Ernesto Chardron.

O commentador compila poesias de 59 authores, especialmente modernos, precedendo-as de graciosos e ligeiros remoques, em geral apoiados pela critica quasi mordaz de que tão vantajosamente sabe usar CAMILLO. No prefacio diz-nos este que — «quando se reformar o Curso superior de letras com todas as disciplinas indicadas urgentemente pelas necessidades da sciencia moderna, e se crear uma cadeira de Poesia patusca, este Cancioneiro será a selecta do curso». — O Cancioneiro é isto: um repositorio de

versos chistosos, mas que se podem lêr sem perigo das almas puras.

De Gonçalves Crespo, por exemplo, cita-nos um soneto garoto, que é um *bijou*:

> Quando canta a Maldonado
> E os quadris saracoteia,
> Não é mulher, é sereia,
> Não é mulher, é o peccado.
>
> Etc.

Até entre os poetas serios pôde encontrar o que quer que fosse para adornar a galeria! e, á maneira que apresenta aquelles fructos de varios authores, não se esquece de lhes ir fazendo uns retoques, á grammatica umas vezes, ao absurdo da idéa outras. Até nem esqueceu aquella celeberrima traducção do verbo *to deserve* com que um erudito glossologo (o qualificativo é do commentador do Cancioneiro) obrigou Hughes a desmerecer o nosso poeta Castilho (vid. o artigo correspondente).

A proposito de João Penha diz-nos que «deu ao soneto um *cachet* nacional, que elle nunca tivera desde a languidez petrarchista de Camões até ao *rufo de zabumba e caixa* dos sonetos bocagianos». — Os sectarios enthusiastas dos sonetos de Bocage vão ficar horrorisados! sonetos de zabumba é a qualificação mais estrondosa que se tem feito ás producções do author da *Pavorosa !*

Camillo só não encontrou em Herculano metrificação azada para entrar no Cancioneiro. D'este grande vulto diz de passagem, no artigo Garrett, estas desconsoladoras palavras: — «Alexandre Herculano era de uma insulsez além da permittida ao escriptor publico». — Effeitos do mau humor, de certo. Tambem Garrett não passa incolume: do cantor de Camões diz que elle trouxe do exilio — «o anglicismo castiçado com a francezia, e colorido á portugueza com tintas sediças de Filinto».

Que nos venham agora chamar restaurador da litteratura patria ao author do **Frei Luiz de Sousa !**

Mas, a parte mais typica do livro é quando se refere aos obreiros da *Idéa nova*.

Haja vista o capitulo referente a Guerra Junqueiro. Até descobre que um *improviso* publicado em 1867 sob o nome do creador da **Morte de D. João** apparecera, tambem como improviso, com suas variantes em 1862 sob o nome de Luiz Carlos (que se diz ser o bacharel Luiz Carlos Simões Ferreira). Lapsos da *improvisação !*

Finalmente o **Cancioneiro alegre** é um livro que justifica perfeitamente o titulo, e revela os vastos conhecimentos litterarios do compilador. Muitos dos commentados é que certamente lhe não hão-de ficar agradecidos.

Em quanto á edição é esplendida.

(Do *Jornal da Manhã*).

O livro que sahiu agora, editado pela livraria Chardron, é notavel por muitos titulos, mas especialmente pelos esplendidos commentarios que Camillo Castello Branco faz a cada poeta de quem transcreve versos. Não discutiremos as suas criticas, mas o que poremos em relevo é o chiste mordente das apreciações, o vigor de um estylo satyrico, que não tem nem terá rival entre nós. O livro compõe-se especialmente de poesias que fazem rir, e tem muitas dos melhores authores n'esse genero, mas o que deveras nos faz rir a bandeiras despregadas são as prosas de Camillo Castello Branco. Já démos em folhetim dous dos seus adoraveis commentarios. O artigo que elle consagra a um poeta extraordinario, Donnas Boto, é impagavel. Respigaremos aqui e além no livro folheado ao acaso, algumas phrases deliciosas.

. . . .

A melhor analyse que podiamos fazer do Cancioneiro alegre é a que resulta d'estes extractos. Por elles verá o leitor como são interessantissimos os artigos de Camillo Castello Branco. Juntando-se a isto o serem excellentes algumas das poesias escolhidas, e curiosissimas outras, ineditas ou esquecidas, que o colleccionador, com a paciencia investigadora que o distingue, e que já tem sido proveitosissima á archeologia e á historia patria, conseguiu descobrir, vêr-se-ha que o livro é um dos mais agradaveis de lêr que ultimamente se teem publicado.

(Do *Diario da Manhã*).

Sem possuir o dom prophetico, facil era assegurar, como em tempo assegurei ao editor, que o Cancioneiro alegre havia de ter successo ruidoso e produzir outras consequencias, por igual, ao mesmo senhor, assás jucundas.

Com sofreguidão identica á anciedade que mantive na espectativa do livro, venho de lêl-o de um folego; e, por tal modo agradavel me impressionou, que

não posso deixar de registar a sympathica e substanciosa publicação, com que o editor vem enriquecer o peculio dos amadores de bons livros.

Não haverá paladar exigente que não encontre plena saciedade em tão opiparo festim.

Este livro não deixa nada a desejar, quer nos deliciemos com a prosa vernacula e correcta do eminente critico e estylista, quer nos deixemos inebriar nos variados especimens da mais aquilatada poesia.

Fazer acquisição do Cancioneiro alegre é mais do que rememorar os poetas que com prazer temos lido desde a infancia, nossos contemporaneos, ou de épocas não remotas; é tambem obter conhecimento de outros notabilissimos cultores das musas, geralmente desconhecidos, por que as obras d'estes constituem um thesouro, usufruido apenas por quem possue inestimaveis bibliothecas.

Diz o notavel commentador, a paginas 165:

«... quando no seculo XXI se restaurarem os mosteiros, a «Carta de Guia» de Theodoro de Sá Coutinho e Azevedo dará a este Cancioneiro uma extracção exorbitante».

Exorbitante assevero eu que será a extracção da actual e das que immediatamente lhe sobrevierem: e mais ainda me parece que não seria superflua a continuação de outros livros sob este mesmo plano, que além do fim a que alludo como bem preenchido, visam ao duplo intuito de propagar quanto ha de mais primoroso em inspiração de vates, e de tornar frisante o facto de não ser a linguagem de Camões a que menos contribue para a gloria litteraria do orbe civilisado.

A 1.ª edição do Cancioneiro já bem avolumada com 560 paginas, reserva sem duvida lugar na que proximamente se lhe seguirá, para outros poetas inspirados, posto não conhecidos por alegres, e tambem para alguns que mal despontam agora no horisonte litterario.

(Do *Commercio do Porto*).

Annunciámos já, e festivamente o fizemos, o apparecimento d'este livro notabilissimo, em que perpassem os que mais brilharam sob qualquer conceito, serio ou grotesco, no firmamento constellado de poetas portuguezes e brazileiros. Encarrega-se de apresental-os, a rir, sem dispensar-se por isso de ir dizendo cousas amarissimas, a penna douta e vernacula de Camillo Castello Branco.

É pensamento do illustre commentador que tudo o que nos alegra, poema ou tolice, é um raio de misericordia divina. E dá a razão do seu pensar em dizeres genuinamente portuguezes em que a elegancia de phrase ajuda a lima dos conceitos. Ouçamol-o:

«A seriedade é uma doença, e o mais serio dos animaes é o burro. Ninguem lhe tira, nem com afagos nem com a chibata aquelle semblante cahido de mágoas reconditas que o ralam no seu peito. Ha n'elle a linha, o perfil do sabio refugado no concurso ao magisterio, do candidato á camara baixa bigodeado pela perfidia de eleitores que, saturados de genebra e Carta constitucional, desde a taberna até á urna, fermentaram a chrysalida de consciencias novas. O burro é assim triste por fóra; mas é feliz por dentro, e riria dos seus homonymos, se pudesse igualal-os na faculdade de rir, que é exclusiva do homem e da hyena, a qual se ri com umas exultações ferozes tão authenticas como as lagrimas insidiosas do crocodilo».

Lagrimas d'estas ou sorrisos d'aquelles não os ha n'um livro que seu author procreou para ser texto n'uma cadeira de Poetica pastusca, em o Curso superior de letras chegando á devida perfeição. Certo que nem tudo o que lhe luz o toma a sua critica por ouro de lei, e nem sequer por pechisbeque, mas aos que lhe apresentam a droga prefere mostrar-lhes, em vez d'um sorriso amoravel, candidamente satisfeito, um arripiar dos musculos faciaes acompanhado por uma phrase não menos arripiada.

Uma cousa que lhe faz perder a paciencia é a Idéa nova, e não por ser nova, que já não encontrava d'isso no seu tempo Salomão, e mais era sabio, mas por lhe revelar os instinctos menos aceiados e nobres dos corvos e dos cães esfomeados, cevando-se em podridões. Bem sabemos que as modernas sociedades não são sociedades, são Lazaros putrefactos. Ha muito que sarjar, retalhar e cauterisar, mas, por Deus! tambem o medico sarja, retalha e cauterisa, mas faz uso copioso do sabonete antes de entrar á convivencia de senhoras polidas e de homens de gravata lavada.

A poesia, como a comprehenderam os mais gentis espiritos que as idades teem produzido, póde alar-se aos céos com Milton, sumir-se no inferno com Dante, ser crente e piedosa com Lamartine, descri-

*

da com Voltaire e Byron, trovejar indignações na grande voz de Victor Hugo, ou rir-se maciamente dos ridiculos da humanidade, castigando-os, no estro de Molière. O que ella em maneira nenhuma póde, no sentir dos taes, é metter-se em atoleiros e vir de lá com perfumes que não são precisamente os d'agua de rosas, mas d'outras cousas, como o advertira Socrates.

Nem todos, como este philosopho, são senhores dos seus nervos, e CAMILLO CASTELLO BRANCO, esse então é de uma susceptibilidade incxcedivel em topando cousa que o meliudre. No trabalho a que nos vimos referindo por vezes põe de parte o estylete da critica, que belisca sem arranhar, para lançar mão do estadulho a varrer feira sem guardar testa nem olhos. A intenção applaudimol-a por excellente, mas permittimo-nos observar que nem sempre a justiça estará da sua parte. Ha ahi homens novos a quem não se póde recusar merecimento relevantissimo, embora não escolhessem o melhor caminho, ou o caminho que nos parece melhor. GUERRA JUNQUEIRO, por exemplo, que não ha-de ser apreciado por umas quadras que subscreveu, antes de ser o cantor da Morte de D. João, um poema em que lampejam, mais que os fogos fatuos dos cemiterios e dos esgotos, as deslumbrantes scintillações d'um talento superior. Deixal-os. Elles o lêem, elles o entendem, e lá lhe acharão o erro em lhes nascendo o dente do siso artistico. Se preferirem morrer impenitentes, não será com a espada que se convertam á lei do propheta.

Depois, não faltam motivos para alacridades legitimas. Os Donnas Bottos formigam. Quando um pobre diabo, que não ousou nunca fazer declarações de guerra ás deidades terrenas, e que

> Por isso de nymphas o parvo jejuava;

quando esse tal alteia o seu atrevido pensamento a enamorar-se das musas, a gente não se esquiva, por mais benigno que se seja, a aceitar as confissões favoraveis e a fazer-lhe o acolhimento d'Apollo ao novo rival de Camões:

> Póde entrar, que não o empurro,
> Nem me vem causar abalo;
> Já cá sustento um cavallo,
> Sustentarei mais um burro.

Pelo demais, ha nas prosas do Cancioneiro alegre lição de muito proveito. Humanisam-se os semi-deuses, tirando-lhes as aureolas postiças com que um fetichismo desarrazoado os divinisou. Apeiam-se os heroes dos seus pedestaes, para se lhes medir a palmos a estatura, e perfilam-se alguns talentos modestos que ahi andam derreados, levantando-os á altura em que devem mostrar-se quaes são, isto é, gente, e gente boa. Entre as reivindicações que lá se fazem, nenhuma nos parece mais justa nem mais devida do que a de dous nomes gloriosos, Claudio José Nunes e João de Deus. «Para assomos de razão e raptos d'alta philosophia o maximo poeta foi Claudio José Nunes; para os do coração é elle (João de Deus), o mestre de meninos que devia começar por onde acabou: primeiro ensinar a lêr o paiz; depois, publicar os seus deliciosos poemas».

Para muitos outros, para Anthero de Quental, Castilho, Manoel Duarte d'Almeida, Sousa Viterbo, Fernando Caldeira, Girão, Vidal, Palmeirim, Simões Dias, Gonçalves Crespo, etc., tem uma palavra e um sorriso acariciador. Aos demais, não lhes aconselha resignação, que não é homem para isso, mas insere a formula que lhes póde ser lenitivo se não encontrarem em si a consciencia do que valem. É de Paulino Cabral:

> Se ás vezes traz a verdade
> Algum dissabor comsigo,
> Aquelle, que das que digo
> Não mostrar nunca vontade,
> Tenha ao menos por prudencia
> Paciencia.

A edição é nitida quanto póde sel-o, e das melhores que teem sahido da casa editora Chardron.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

O Cancioneiro alegre é uma collecção de versos, em que collaboram não só os nossos poetas modernos, mas alguns antigos e até do reinado de D. João II. A collecção é feita desordenadamente, sem rigor historico, sem a classificação, tantas vezes absurda e despotica, das escólas. CAMILLO CASTELLO BRANCO foi-se ao jardim do nosso Parnaso e apanhou aqui e acolá as flôres com que formou o seu ramilhete e misturou as flôres d'estufa com as flôres do ar livre, e não só juntou folhas ás flôres, mas tambem hervas e urtigas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO não é o amador curioso, apaixonado, paciente, que vai pouco e pouco, socegadamente, formando o seu peculio. O Cancioneiro alegre não passa d'um pretexto para pôr ao sol o seu humorismo, umas vezes bri-

lhante, outras vezes sarcastico, injusto, despedaçador. Elle não lhe importa que o leitor fique fazendo desagradavel conceito da penuria da nossa poesia juvenalesca e aristophanica; essa penuria compensa-a elle com os epigrammas mordentes, com as phrases picarescas da sua apreciação chistosa, do seu estylo nervoso e viril.

Chegado ao apogeu da sua grandeza litteraria, CAMILLO CASTELLO BRANCO poderia ser um critico sereno, corrigindo com benevolencia os erros da mocidade impetuosa e os desvarios d'uma litteratura que procura fascinar sem lhe importar com os meios. A sua indole, porém, não lhe permittia este apostolado. Seria sacrificar o seu caracter litterario, se modificasse o seu espirito epigrammatico, tão rebelde a si proprio. Elle não anima, fere — e o sangue das victimas augmenta-lhe a ferocidade dos golpes.

As opiniões litterarias de CAMILLO não provém do exame reflectido, mas resaltam impetuosas como a chispa do ferro malhado. Muitas vezes essas apreciações apesar da vivacidade que nos deslumbra, são d'uma justeza irreprehensivel, mas outras vezes não passam do reflexo da paixão dominante.

CAMILLO CASTELLO BRANCO deixou no esquecimento muitos poetas, que bem explorados dariam adoraveis paginas para o seu livro, e incluiu outros que deveram para sempre ficar no esquecimento, justo castigo dos ineptos que julgam subir ao altar das musas pela escada de corda d'uns versos impossiveis. CAMILLO CASTELLO BRANCO fez como o snr. Sampaio, em vez de atirar com o habito de Christo a qualquer moço de fretes do Terreiro do Paço, atirou com o titulo de poeta a uns versistas indignos e obrigou assim CASTILHO e GARRETT a darem o braço a meia duzia de refinados patetas. O soneto descriptivo a paginas 70 é uma cousa tão nauseabunda, que nem vale a pena dizer-se o uso que o leitor deveria fazer d'elle.

Pondo, porém, de parte os defeitos da classificação, pondo de parte o exagero de mordacidade critica que se nota em algumas apreciações, o **Cancioneiro alegre** é ainda assim um livro cheio de pujança, cheio d'uma *verve* inesgotavel. O espirito de CAMILLO sente-se remoçado n'esta lucta original. Dir-se-hia que escrevia nos impetos d'uma indomavel mocidade. A cada passo resaltam phrases d'uma graça ignorada na nossa lingua. O que fórma a parte verdadeiramente alegre do **Cancioneiro** não são os versos dos variados trovadores: é a prosa endiabrada, scintillante de CAMILLO, que vibra com a maxima facilidade todas as cordas da satyra.

Em Lisboa o livro tem feito sensação e citam-se com frequencia os ditos que mais provocam a hilaridade. Poderia citar-lhes muitos, a difficuldade está apenas na escolha.

Por ultimo, não deixarei de elogiar a edição, que tanto pela impressão como pelo papel é um verdadeiro primor.

O **Cancioneiro alegre** por todos os motivos, não será um livro que morra nas estantes dos livreiros, na mortalha pulverulenta da sua primeira edição.

(Do *Commercio Portuguez*).

Publicamos hoje alguns trechos e phrases das que mais salientam na prosa admiravel com que CAMILLO CASTELLO BRANCO commenta e condimenta os versos humoristicos dos nossos poetas. Arrancamos as pedras que mais facilmente se podiam destacar sem partir o formosissimo collar. Todo o livro de CAMILLO está escripto n'esse estylo, que o proprio HENRI HEINE invejaria nos seus momentos de mais nervosismo.

(*Idem*).

O **Cancioneiro alegre** por CAMILLO CASTELLO BRANCO, e a **Musa em férias**, por GUERRA JUNQUEIRO, são ainda dous novos livros que n'este momento se apregoam. O primeiro encerra paginas d'uma aggressão deliciosa, cheias de conceitos pitorescos e inesperados como as sabe escrever uma das organisações litterarias mais poderosas e mais individuaes das letras portuguezas; o segundo encerra versos como na verdade se não tinham ainda escripto em Portugal nos tempos modernos, e como raros se escrevem hoje, não na *peninsula,* mas na Europa.

É exactamente contra esta affirmação que o **Cancioneiro alegre** se ha-de revoltar: todavia a posteridade que é um supremo tribunal, muito mais recto que o da justiça, absolverá CAMILLO CASTELLO BRANCO por ter escripto este livro em parte injusto, embora divertido, pela circumstancia attenuante de ter escripto umas dezenas d'elles manifestamente deliciosos e verdadeiros.

(Do *Occidente*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

MANUAL DO RECORRENTE

EM

CAUSAS CIVEIS

OU

Deducção systematica das disposições do Codigo de Processo Civil, attinentes aos Embargos, ás Sentenças e Accordãos, ás Appellações, aos Aggravos, ás Cartas testemunhaveis, ás Revistas e aos Recursos á Corôa

PARA UTILIDADE E USO DOS QUE FREQUENTAM O FORO

POR

GASPAR LOUREIRO D'ALMEIDA CARDOSO PAÚL

COM UM APPENDICE

Contendo a tabella dos emolumentos e salarios judiciaes, nos processos civeis e orphanologicos, approvada por lei de 12 de abril de 1877

1 VOLUME — 600 REIS

CODIGO CIVIL ANNOTADO

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

APPROVADO POR CARTA DE LEI DE 1 DE JULHO DE 1867

ANNOTADO

Com referencias, em seguida a cada artigo, aos artigos do mesmo codigo, aos do codigo de processo civil, aos da lei hypothecaria de 1 de julho de 1863 e aos publicados na Revista de Legislação e Jurisprudencia e O Direito

POR

GASPAR LOUREIRO D'ALMEIDA CARDOSO PAÚL

COM UM

APPENDICE AO MESMO CODIGO

Contendo a legislação vigente e correlativa, o regulamento do registo predial e legislação respectiva, a lei da extincção dos juizes eleitos e creação dos juizes ordinarios, a lei e regulamento da caixa geral dos depositos, com os respectivos modêlos, etc.

E UM MINUCIOSO REPORTORIO ALPHABETICO

COORDENADO PELO ANNOTADOR

1 grosso volume brochado...... 1$600
Pelo correio............... 1$700
Encadernado................. 2$000
Pelo correio............... 2$100

CONDE DE CASAL RIBEIRO

DISCURSOS NA CAMARA DOS PARES

1 volume...... 200 reis

JOSÉ GODINHO DE MENDONÇA

REGRAS DA EQUITAÇÃO

PELO

METHODO BANCHEZ

1 volume........................ 1$200 reis

J. NUNES GONÇALVES

NA PROVINCIA

1 volume — 500 reis

HENRIQUE PERES ESCRICH

O MARTYR DO GOLGOTHA

TRADIÇÕES DO ORIENTE

2 volume.................. 1$200 reis

BERNARDO GUIMARÃES

A ILHA MALDITA

O PÃO DE OURO

1 volume.............. 600 reis

DR. L. M. DA SILVA RAMOS

A SOBERANIA SOCIAL DE JESUS CHRISTO

(CONFERENCIA)

1 folheto.............. 200 reis

JOÃO FERNANDES VALDEZ

2.ª edição

NOVISSIMO DICCIONARIO

INGLEZ-PORTUGUEZ

E VICE-VERSA

2 volumes encadernados...... 3$200 reis

Á venda na Livraria CHARDRON.

A RESPEITO DA VIDA DO ARCEBISPO

Snr. Camillo Castello Branco.

Meu amigo.

Mandou-me hontem o snr. Ernesto Chardron o quinto numero d'uma interessante publicação bibliographica, que aquelle editor emprehendeu ha tempos, e na qual V. collabora...

No estudo com que V. retoca o ultimo trabalho litterario do snr. Manoel Bernardes Branco (**Portugal e os Estrangeiros**) está uma referencia feita por V. á minha obscuridade, e vem ella architectada com tal favor e delicadeza, que não resistirei, agora e nunca, ao impulso de a agradecer e sinceramente estimar.

Não anda o meu nome por livreiros, nem por catalogos; não traduzo novellas, não sou politico, não faço comedias, nem escrevo artigos nas gazetas; sou homem quasi absurdo no modo por que trabalho e na affirmação que faço da minha individualidade litteraria. N'estas condições, uma honrosa referencia ao meu nome é mais que um favor: é uma distincção.

V. não ignora por que estranhas veredas cheguei um dia a vêr-me empenhado no alto commettimento de fallar em publico a respeito de frei Bartholomeu dos Martyres!

Vieram tentar-me á minha vida de escrevente; e a tentação teve para mim encantos... Encantos?... Olhe que teve encantos!... E sabe V. porque? Porque coincidia o estranho convite com uma das provações mais vivas a que póde levar-nos a dignidade, quando villões canalhissimos, como o que eu encontrei aqui a meio caminho da minha vida official, nol-a vem assaltar e ferir. Eu procurava vivamente sahir do lugar, onde havia mais de dezeseis annos que trabalhava, no intuito de furtar-me ás rudezas selvagens, ás bestialidades sórdidas d'um homem que a politica baldeou um dia no brejo onde se mendigam os empregos, e que a cegueira dos destinos insondaveis soube altear, mais tarde, ao posto de meu superior.

Trabalhei.

O meu amigo teve a benevolente cortezia de me ouvir lêr, ha mais d'um anno, uns dous capitulos meramente biographicos do meu **D. frei Bartholomeu dos Martyres e a sociedade portugueza do seu tempo.**

Para continuar no trabalho encommendado, tornava-se preciso que o illustre successor de D. Gaspar me protegesse com o seu baculo primacial, contra as ordens superiores que me arrastavam brutamente para as cavas officiaes, onde, além da sympathica qualidade de imbecil se exige, para quem é funccionario, a sórdida malleabilidade das consciencias pôdres. Porque não sei eu bem no que sirva mais vantajosamente o meu paiz: se procurando escrever a historia d'um prelado illustre, livre e serenamente, sem preoccupações monasticas, nem hypotheticas a futuras decisões de Roma, ou copiando as discretas bernardices, que a magnanimidade dos meus chefes ordenar que passem em triplicado ás gerações por vir. Creio bem que os governos da minha querida patria preferindo-me nos bancos d'uma repartição, procedem com aquella legitimissima philosophia, que eu, como homem respeitador da Carta, hei-de acatar e cumprir.

N'estas e semelhantes cogitações — se cogitações são — foram passando dezoito mezes. Ao cabo dos primeiros doze, e já quando, em vez de traçar com a melhor da minha calligraphia aquelles longos e saudosos officios sem verbo, tratava eu de explicar as reticencias quasi infantis com que fr. Luiz de Sousa soube acompanhar aquella carta «cheia de atrevimentos» que fizeram chegar «ás mãos do Cardeal-Infante»; e na qual se calumnía ousadissimamente o apontado successor de fr. Balthazar Limpo; — facto que o arrependido esposo de D. Magdalena de Vilhena tomava como providencial, consagrando-lhe apenas estas singelissimas palavras — «que os principes são

paredes brancas, em que até os mais tristes negrinhos lançam suas riscas, e Deus o permitte para que se lembrem que são homens» (L. I, cap. IX); ao tempo, em fim, em que eu procurava entrever alli a mão do orgulhoso descendente do infante D. Jorge de Lencastre, através da escuridade palaciana que os escriptores cortezãos se obstinaram em conservar e manter, esforçando-me ao mesmo tempo por determinar até que ponto lhe eram cumplices no facto, os dissidentes da côrte de D. Catharina, velhos parciaes do infante,—recebia de Braga a singular intimação de que houvesse por bem «terminar dentro em seis mezes os meus estudos «ou então, que os publicasse pela imprensa (?)» para serem julgados, creio eu.

Respondi como pude ao illustre primaz.

Entre outras cousas, disse-lhe que as pesadas obrigações pastoraes de que sua excellencia reverendissima se achava cercado, lhe tinham feito perder já toda a idéa do trabalho que me commettera. Atrevi-me a fazer vêr a sua excellencia reverendissima que não estava eu escrevendo um santoral, nem collaborando em algum agiologio dominico. Ponderei-lhe as asperissimas obrigações que o moderno methodo de escrever a historia impõe a todo aquelle que tem de entregar-se á vastissima investigação dos phenomenos sociaes d'um seculo, a respeito do qual é irronea e falsissima, na maior parte das historias, principalmente nas monasticas, a opinião dos escriptores; dizendo-lhe por fim, que para comparar e computar com uma dada evolução historica, a physionomia moral do ascetico arcebispo de Braga D. frei Bartholomeu dos Martyres; e para julgar os homens e as instituições do seu tempo, era mister lêr e estudar no original, documentos e escriptos, meditar e medir palavras e acções, por meio de cujo exame tenhamos de recompôr quanto caiba na largueza do nosso entendimento, o meio em que esses vultos, real ou convencionalmente grandes, affirmaram a razão da sua existencia religiosa ou politica; e que, para tudo isso, sem attender ao limitadissimo alcance das minhas forças, não me concedia sua excellencia reverendissima nem tempo, nem descanço.

Em razão d'isto achava eu que o melhor era dar por concluido o meu encargo, pelo menos na parte em que elle tinha relação com sua excellencia reverendissima, recolhendo ás obrigações do meu officio, em nome dos 600 reis diarios com que o Estado aluga a consciencia e o trabalho dos homens da minha classe.

Cá fóra, não sei eu o que, a esse tempo, se pensava de mim. No santuario da minha consciencia tinha eu achado plenissima approvação para estas resoluções.

N'estas alturas, e já quando me via ameaçado com o regresso, não á repartição de Vianna, mas a outra qualquer da mesma indole, coube ao snr. Manoel Pinheiro Chagas a, não com certeza, gloriosa lembrança de em uma reunião da Academia real das sciencias de Lisboa, propôr uma protecção para o meu escripto.

Esta protecção, como a do senhor arcebispo, consiste apenas na dispensa legitima das minhas obrigações officiaes, durante o tempo que consagrar aos estudos historicos.

Quando tive conhecimento da approvação de semelhante proposta, a qual, se bem que vaga é honrosissima para quem tão pouco vale e merece, apressei-me em agradecer semelhante distincção, declarando ao mesmo tempo, que só queria a effectividade do protectorado, quando o meu trabalho fosse estudado e lido pela Academia.

N'estas circumstancias remetti para Lisboa tudo quanto tinha feito, para ser presente ao sabio congresso. São uns dez capitulos, que alcançam até á entrada do prelado em Braga (1514-1560). Fiz acompanhar esses trabalhos d'um plano geral da obra, bem como das bases do estudo preliminar que a deve preceder; concluindo por declarar que queria ser julgado com severa e desapaixonada critica.

Está nomeada para o exame requerido uma commissão de academicos pertencentes á classe de historia. Elles que decidam o merecimento do escripto, em quanto eu serenamente espero que me mandem proseguir ou suspender a empresa.

Em homenagem á verdade, convém referir que o senhor arcebispo instado de Lisboa sobre se continuava a facilitar-me o ingresso aos archivos da mitra, foi prompto em affirmar que por nenhum modo queria tolher o melhor proseguimento das minhas investigações.

Não sei agora, meu amigo, o que se passará de tudo isto. O que ha é o que lhe deixo contado n'estas extensas revelações,—das quaes V. no todo ou em parte, fará o uso que melhor entender.

Lucrei porém eu muito com ellas, porque além d'outras vantagens, deram-me o agradavel ensejo de, d'aqui mesmo, lhe apertar a mão como

Vianna do Castello,
26 d'abril de 1879.

De V. amigo, etc.,

José Caldas.

*

Deprehende-se d'esta obsequiadora e eloquente carta que o snr. José Caldas se propõe escrever a biographia do famoso arcebispo com elementos humanos, racionaes, accessiveis á comprehensão vulgar, sem o intermedio do prodigio. É pois natural que um dos seus mais interessantes capitulos se preencha com a politica de D. frei Bartholomeu dos Martyres em 1580 por occasião das alterações promovidas pelos pretensores á corôa, mormente D. Antonio e Filippe II de Castella.

Ahi veremos a parcialidade, nem censuravel, nem singular, do prelado pelo rei estrangeiro. Elle que era virtuoso não transigiria de certo com a libertinagem do seu discipulo prior do Crato que a esse tempo tinha dez filhos de diversas mulheres; mas por outro lado os vicios de Filippe, adultero e parricida, tambem não explicam a sympathia do austero campeador do Concilio Tridentino. Como quer que fosse, deve o snr. Caldas, para bem nos dar o relevo da facciosidade um tanto amarga do prelado, pedir ao seu actual successor bracharense que lhe mande dar traslado dos seguintes documentos do archivo da mitra:

1.º *Provisão por que o arcebispo D. frei Bartholomeu mandou despejar para fóra da cidade algumas pessoas em 1580.*

2.º *Provisão por que o mesmo arcebispo mandou ao doutor ouvidor que fizesse ir perante si todos os tabelliães e escrivães que tivessem culpas do doutor Francisco de Caldas Pereira em que fosse culpado nas revoltas de D. Antonio. 1580.*

3.º *Provisão por que o mesmo bispo mandou supprimir e tirar as armas aos christãos novos que havia n'esta cidade por lhe constar que tinham levantado motins em algumas partes do reino. 1580.*

4.º *Cópia de uma carta do arcebispo pedindo artilheria para defender a cidade. Remessa d'ella e recibo em 1580.*

5.º *Provisão do arcebispo D. frei Bartholomeu para um escrever nos autos de querellas, devassas, e cousas tocantes aos amotinados: em 1580.*

Póde o snr. Caldas allegar requerendo que os tres primeiros documentos, segundo se lê no **Mostrador geral do archivo da mitra primaz,** *dirigido pelo desembargador provisor geral Ignacio José Peixoto, no anno de 1787,* estão na *gaveta 1.ª, masso 5.º*, n.ºs 1, 2 e 3.

E que o documento 4.º está na mesma *gaveta, masso 9,* n.º 2; e o documento 5.º está no *masso 12,* n.º 10.

Note porém, o illustre escriptor que, ha quatorze annos, para esclarecimentos historicos se pediram á mitra copia d'estes documentos, e o *archivista* cheio de pia discrição respondeu que não existiam. A imprensa religiosa duvidou que eu possuisse o Mostrador irrefutavel. Mandei-o expôr em Braga á contemplação dos que duvidavam por má fé ou por ignorancia. Viram o Mostrador de 320 paginas, e não sei se disseram que fui eu que o forjei fraudulosamente para menoscabar o patriotismo do santo prelado.

Duvido que se possa escrever cabalmente a historia patria em quanto os codices estiverem em poder d'um clero imperfeitamente illustrado. Que importava á divina religião de Jesus que frei Bartholomeu seguisse o partido do filho de Violante Gomes ou o do amante da mulher de Ruy Gomes da Silva?

No entanto, inste o meu amigo José Caldas pelo subsidio dos documentos citados, e praza aos céos que seja mais feliz do que eu.

Camillo Castello Branco.

A RESPEITO
DA
CAVEIRA DA MARTYR

No *Relatorio da directoria do* **Gabinete portuguez de leitura** *no Rio de Janeiro, em 1878,* lê-se o seguinte:

«Como veio a ponto assignalar a dadi-«va d'um rei [1], anticipando sobre o fu-«turo relatorio, para proporcionar aos «snrs. accionistas um alto regosijo, as-«sim se nos depara ensejo de memorar «a dadiva d'um principe das letras pa-«trias, o snr. Camillo Castello Branco, «que distinguiu a nossa instituição con-«sagrando-lhe uma das suas admiraveis «obras: a que se intitula **A caveira da «martyr**, romance historico, em tres vo-«lumes, continuação da **Filha do regi-«cida.**

«Deu-se o livro á estampa em 1875 e, «apenas posto á venda, foi toda a edi-«ção comprada, ou talvez retirada, se-«gundo nos informaram, de modo que «vieram para o Rio de Janeiro raros «exemplares, de que nenhum pudemos «obter, sendo tambem infructiferos os es-«forços que n'este sentido empregou em «Lisboa o nosso digno correspondente.

«Só em abril d'este anno conseguimos «o exemplar que hoje está em nossa es-«tante de honra.

«A dedicatoria impressa no alto da «primeira pagina do texto diz assim:

«**Preito á virtude do trabalho, «realçada pela grande moralidade «da instrucção voluntaria.**

«AO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA
«NO RIO DE JANEIRO
«OFFERECE
«CAMILLO CASTELLO BRANCO

«Sobre tão interessante assumpto diri-«gimos em 23 d'abril ao nosso corres-«pondente a seguinte carta que comple-«ta a presente informação:

«Obtivemos finalmente para a nossa «bibliotheca um exemplar do romance «do snr. CAMILLO CASTELLO BRANCO, inti-«tulado **A caveira da martyr**, raro por «se ter recolhido a edição apenas foi ex-«posta á venda, conforme V. nos com-«municou em tempo.

«Com esta obra do eminente litterato «occorreram realmente casos curiosos em «relação ao **Gabinete**, desde a difficul-«dade em obtel-a, que durou tres annos «até á ignorancia (da qual força é ter «pejo) de ser dedicada á nossa institui-«ção, dedicatoria concebida em termos «que sobrelevam, se é possivel, a honra-«ria do facto.

«No proximo relatorio havemos de «agradecer tamanha distincção com a «singeleza que convém quando se falla «a um homem como CAMILLO CASTELLO «BRANCO.

«É o que n'este lugar fazemos com «abundancia de coração».

*

A caveira da martyr foi tirada das livrarias não por conter peçonha de impiedade que derrancasse as profundas idéas religiosas que lavram no espirito publico, nem tão pouco por ataque ao pudor virginal, que é ainda uma cousa que conserva a virgindade até muito tarde. O romance foi retirado pelo seu proprietario, pessoa honrada, mas escrupulosa até ao extremo de suspeitar que seria irreligioso um livro onde se pintavam no mosteiro de Odivellas algumas freiras frageis em amor e uma d'ellas amante de el-rei D. João v. A historia contára isto; e o romancista cuidou que lhe não corria o dever de guardar aos maus costumes das bernardas de Odivellas acatamento mais reverencioso que o dos historiadores. O editor expoz os seus escrupulos ao author, que lh'os respeitou e consentiu que os tres tomos fossem queimados, tirando a salvo que o não queimassem a elle. O romance mereceu providencialmente o destino ardente que teve, não porque fosse impio, mas porque era uma composição ordinaria, com alguns adjectivos velhos dos antigos processos.

[1] Referencia ao offerecimento do Hamlet, versão do senhor D. Luiz I, ao Gabinete portuguez de leitura.

PUBLICAÇÕES RECENTES

I

CITANIA, *por* Emilio Hubner, *professor da universidade de Berlim. Traducção de* J. de V. Porto, 1879. In-4.º

O professor Hübner está áquem dos investigadores portuguezes que escreveram ácerca da **Citania** desde que o snr. Francisco Martins de Moraes Sarmento submetteu á opinião dos doutos as suas investigações. A novidade unica que encontrei no opusculo é a interpretação hypothetica d'uma inscripção que não tinha sido ainda lida, e ficou, segundo a analyse allemã, ainda mais confusa. Escreve Hübner, consoante a versão do snr. J. de V.: «Não ha duvida que são letras, mas de que era? É possivel que da capella de S. Romão, ou de qualquer localidade proxima se extraviasse para a Citania alguma pedra tumular ou milliaria ou cousa semelhante, ficando misturada com as antiguidades celticas. Confesso que não consegui ir mais longe na decifração do que aquelles que até hoje a tem tentado. O aspecto da letra não denuncía grande idade, alguns poucos seculos quando muito; eu leio o quer que seja de *broltruan de Dozo* (ou *Pozo*). Os peritos dirão se é possivel que isto seja um nome».

Como appella para os peritos, acode o snr. J. de V. em nota, e diz: «*Podia occorrer o nome* Beltrão, *se a sua feição moderna* ão *não fosse tão evidente*». Isto é tão claro como a interpretação de Hübner, acho eu.

Emilio Hübner nas **Noticias archeologicas de Portugal**, annotadas por A. Soromenho, tem uma interpretação menos desculpavel. Foi a Vianna e viu a grosseira estatua que está no *pateo* chamado *da morte,* na rua da Bandeira. N'esta figura está esculpido da cintura até aos joelhos sobre o saial da armadura o escudo dos *Rochas* que é uma aspa com cinco vieiras (conchas) em sautor. Hübner olhou para este ornato, que se lhe figurou uma cruz, *com que o povo pretendeu christianisar o mouro — que assim* (acrescenta) denominam *geralmente em Portugal e na Hespanha qualquer estatua antiga.* Sim, nós, os portuguezes, ás estatuas antigas chamamos mouros. Quanto ás conchas heraldicas do escudo dos Rochas, escreve: *A applicação das conchas para enfeite do escudo n'estas costas banhadas pelo oceano não tem nada de surprehendente. Na murça dos peregrinos de S. Thiago, situado um pouco mais para o norte, repete-se o mesmo uso por outro modo.* (Pag. 104). É para estranhar que A. Soromenho não elucidasse o sabio de viva voz, ou o não corrigisse quando lhe annotou o livro! Identica ignorancia do brazão em ambos não me parece curial.

De passagem direi duas palavras ácerca d'esta estatua que alli está sustentando uma velha fabula que o snr. Luiz de Figueiredo da Guerra reproduz no seu interessante livro **Vianna do Castello**, impresso em 1878, n'estes termos: «É tradição que um antigo senhor d'aquella casa, Rocha, fôra ferido mortalmente no ventre quando entrava no pateo; mas, animoso com o escudo, segura as visceras, e com a dextra prostra aos pés o inimigo, e que n'esse lugar jaziam ambos». Não duvido que um Rocha fosse assassinado n'aquelle *Pateo da morte;* mas a estatua não tem que vêr com o successo. O caso verdadeiro, com quanto seja sandeu, é de todo incruento. O solar dos Rochas era, desde o seculo xiv, em S. Payo de Monxedo, no termo de Vianna, entre o monte d'Arga e a serra de Geraz, em uma antiquissima quinta chamada Portella, onde havia vestigios celtas e musulmanos, cisternas e estatuas romanas ou godas.

Um clerigo d'esta casa, D. Affonso da Rocha, abbade de duas freguezias contiguas, d'uma das quaes andava o padroado na familia, foi quem mandou abrir o seu escudo no ventre da estatua com uma perfeição relativa que muito destaca das brutescas fórmas da figura. Em 1622 era senhor d'aquella casa solarenga Francisco da Rocha, possuidor da estatua que só decorridos muitos annos veio para Vianna quando alli os Rochas estabeleceram residencia.

Um frei Manoel Correto, genealogico citado por frei Manoel de Santo Antonio no seu Thesouro da Nobreza, conheceu o fidalgo que vivia fragueiramente *n'aquella terra asperissima e de grandes mattos*. Nunca elle sonhou que, passados duzentos e cincoenta annos, viria lá do norte um sabio dizer aos portuguezes que os Rochas punham vieiras na barriga da sua estatua romana porque *S. Thiago e as costas banhadas pelo oceano* explicam as conchas.

Quanto á versão do snr. J. de V. devemos presumir que Hübner não é responsavel pelos erros de syntaxe do seu traductor, que principia d'este feitio: «Na região mais formosa do norte de Portugal, que se chama na divisão antiga, provincia de Entre Douro e Minho, parecem os antigos emigrantes celticos da peninsula iberica, os *Callaicos, terem* estabelecido suas vivendas, etc.» *Parecem terem* estabelecido?! Não sejamos todos... *callaicos!*

II

MARGARIDA. Scenas da vida contemporanea, por JULIO LOURENÇO PINTO. Porto, 1879.

Admiro esta formosa estreia. É um romance de observação, luminoso de realidades, de positivismo, sem as cruas analyses que materialisam e desgostam. Tem o sentimento do bello em que ainda se comprazem os bons e poeticos espiritos. É uma novella realista urdida com as locuções modernas, um pouco arbitrarias, mas sem desaire notavel de idioma, porque as palavras são quasi sempre portuguezas. O enfado não vence as graças do descriptivo quando se demoram em pormenores.

Affeiçoado pela escóla já adulta e quasi a envelhecer em França, este romance do snr. JULIO L. PINTO tem ainda entre nós o encanto da novidade; posto que as paixões enquadradas em molduras de feitios novos sejam d'uma antiguidade coeva dos vicios. A Bovary de FLAUBERT, a Renée de ZOLA, a Luiza de EÇA DE QUEIROZ, e a Adelina do snr. JULIO L. PINTO, parecem contemporaneas d'umas a quem Jesus dizia com santa ironia que apedrejassem a outra, se estavam innocentes a Armanda de BENTO MORENO.

Observa-se n'estas peccadoras, segundo a escóla naturalista, um processo commum no peccado — uma coincidencia que tem certa moral. Solteiras e casadas tratam de occultar o seu vicio aos olhares implacavelmente accusadores da mobilia da casa; evitam conspurcar o recinto sagrado das mães e dos maridos. A *Bovary* vai esconder a sua lubricidade na *Hachette;* a *Albina* da Faute de l'abbé Mouret no *Paradou;* a *Renée* de La Curée na estufa do jardim; a *Amelia* do Padre Amaro na possilga do sineiro; a *Luiza* do Primo Bazilio no *Paraiso* ahi perto de Arroios; e a *Adelina* da Margarida no *Trianon,* em S. João da Foz.

Felicito estes authores, se o seu intuito é resalvarem a honra da casa propriamente dita. É muito louvavel este respeito lareiro.

O que ha porém, com certeza, extraordinario n'este romance, são os panoramas do céo, da terra e do mar — descripções miudas e veridicas, photographias ora lucidissimas, ora tenebrosas, que seguem passo a passo os personagens de modo que as variantes do pensamento parecem dependencias das variantes da atmosphera. Depois os sonhos. São tambem uma novidade os sonhos — esta insanavel inverosimilhança que expõe um author ao desgosto de o não acreditarem por não ser natural que elle saiba pelo miudo uns sonhos atrapalhados que se esvaecem na memoria de quem sonha logo que desperta. N'esta especialidade me quer parecer que o author da Margarida sacrifica alguma parte do seu claro discernimento aos caprichos da escóla, porque sonha seis vezes. Em um romance recentissimo de TEIXEIRA DE QUEIROZ, Os noivos, não ha sonhos. Ao eminente romancista urgia-lhe cingir-se a este canon que elle estabelece no prologo do livro: *O romance moderno deseja a formação de sentir verdadeiro e desaffectado; por isso trata desapiedadamente tudo que é postiço e banal.*

No entanto, o snr. J. L. PINTO fez uma brilhantissima apresentação do seu talento; foi applaudido, e bem póde ser que, no segundo apparecimento novo triumpho lhe seja feito como galardão de progresso. E este, conforme os meus votos, será a frugalidade do colorido, menos tintas fortes das que os bons entendedores de quadros chamam *espinafres*. O imaginoso escriptor para ser perfeito romancista e vantajosamente eclectico, não tem que fazer senão tirar d'entre os diamantes as pedras falsas que se conhecem por serem mais crystal-

linas e menos consistentes que as verdadeiras.

O snr. J. Lourenço Pinto, em folhetim do *Commercio do Porto,* disse ha dias, pouco mais ou menos, que eu atacava com *estadulho* a escóla realista. Não lhe gabo a delicadeza da imagem nem a rectidão da justiça. Se eu, carreteiro brutal, arremettesse de estadulho contra a escóla em que se alistou o snr. J. L. Pinto, a sua **Margarida** a esta hora devia estar abeberada em compressas de arnica. Desconfio que o agradabilissimo escriptor não exorbita em primores de cortezia e imparcialidade. Se lhe parece, conservemos as luvas, a badine, e nada de estadulhos.

III

PAGINAS HUMORISTICAS (*excerptos de* Alfonse Karr), *versão portugueza de* Thomé das Chagas. Porto, 1878. In-12.

Thomé das Chagas bem se deixa vêr que é um pseudonymo seraphico, mais frizante em um in-folio consagrado á destruição dos sete peccados mortaes e dos tres inimigos da alma. Seja quem fôr, o pseudonymo é como o habito: não faz o monge. O que elle de certo é não lh'o póde esconder a modestia. Sabe a valer a sua lingua e aventurou-se a trasladar o francez de A. Karr sem lhe quebrar a trama dos rendilhados, nem desluzir as scintillações gaulezas que individualisam um dos principaes estylistas de França.

São as **Paginas humoristicas** uma selecta de paradoxos — chame-se-lhes assim — que obrigam a scismar e nos deixam na alma impressões mais prestadias que os axiomas banaes. Karr faz crêr o absurdo como se fosse um dogma de duvidosa origem divina; e assim como os dogmas, que se discutem, consolam indiscutivelmente aquelles que os aceitam, por igual modo Karr com os seus paradoxos occasiona conselhos salutares e alegrias sãs a quem lh'os observa.

Thomé das Chagas está ainda entre os raros admiradores do author das Guêpes. Denota que não é moderno quanto se faz mister para antepôr á philosophia amavelmente humoristica de Karr os espectaculos latrinarios das infecções humanas. Lê-se este livro com intima saudade dos grandes escriptores de ha vinte annos, se o leitor é velho, e a correcção da linguagem lhe sobredoura o prazer da leitura.

Camillo Castello Branco.

Livros Recebidos

Estamos na agradavel posse das seguintes publicações:

Os noivos, por Teixeira de Queiroz (Bento Moreno), edição de David Corazzi. Um vol. elegante in-8.º, com 455 pag.

Historia da civilisação iberica, por J. P. Oliveira Martins. Edição da casa Bertrand, 1.º tomo da *Bibliotheca das sciencias sociaes,* in-8.º, 288 pag.

A Hespanha moderna. Revista litteraria, por J. Simões Dias. Porto, Imprensa Portugueza, editora.

Collecção de estudos e documentos a favor da reforma da orthographia em sentido sónido, publicada pelo dr. José Barbosa Leão, cirurgião de brigada do exercito. Lisboa. 1878, in-8.º

Da importancia da historia universal philosophica na esphera dos conhecimentos humanos, por Alberto Pimentel. Livraria Internacional de E. Chardron. Porto, 1878.

These para o concurso da cadeira de rhetorica, poetica e litteratura nacional do externato do collegio Pedro II, por Franklin Doria. Rio de Janeiro, 1878, in-8.º

Quando se nos proporcionar o tempo e o prazer da leitura d'estes livros, daremos d'elles mais ampla noticia.

HENRIQUE PERES ESCRICH

E

SUAS OBRAS

Propondo-nos a fallar de um romancista estrangeiro e de suas obras vertidas para o nosso idioma, permitta-se-nos a declaração preliminar de que detestamos a importação do romance estrangeiro para o nosso mercado litterario.

Depois que se tratou de explorar a litteratura romantica franceza e hespanhola, tem sido rarissimos os originaes portuguezes. Os poucos que apparecem são ornados do gosto que accentua a litteratura dos dous paizes; e apenas dous grandes escriptores nossos resistiram á perniciosa influencia: Gomes Coelho e Camillo Castello Branco. Este, experimentado já e com a justa reputação de primeiro romancista portuguez, foi insensivel áquella invasão, e continuou a dar-nos o romance genuinamente portuguez; Gomes Coelho, desabrochando no momento em que o romance francez começava de conspurcar os dominios do romance nacional, desenhou com inexcedivel correcção costumes nossos, deixando descripto em paginas brilhantes o nosso viver singelo.

Mas áparte esses dous vultos, e um ou outro escriptor que se aventurou *a ser portuguez,* e que, desanimado pela indifferença com que foi acolhida a primeira tentativa, «viveu o que vivem as rosas», o gosto predominante é o francez, e depois o hespanhol, para a vulgarisação do qual até se estabeleceram empresas.

É pois evidente, inquestionavel, que ao abuso da traducção de romances estrangeiros se deve este desprezo aviltante pela novella genuinamente portugueza.

Outro perigo, e não menor, trazem comsigo as traducções: é a corrupção do nosso idioma, pois que nem sempre os traductores são tão escrupulosos, que dêem ao seu trabalho o cunho de vernaculidade que devem ter.

Traducções temos lido que nos envergonham.

Além de conservarem a fórma do original que, perante as leis da nossa syntaxe, ficam ordinariamente de uma atroz deselegancia, estão semeadas de barbarismos imperdoaveis e termos que não tem significação em idioma algum. Ao que unicamente parece attender-se é ao enredo. Se este é intrincado, se descreve paixões violentas, crimes espantosos, personagens extraordinarios, se emfim transporta o leitor á fascinadora sociedade de Paris e lhe alevanta o véo que encobre as monumentaes orgias das classes equivocas, o romance é bom. Que seja inverosimil e immoral, pouco importa; que a linguagem seja viciada, importa ainda menos. O indispensavel é que desperte os sentidos, e não os sentimentos, que determine vibrações sensuaes, embora não alimente o coração nem o espirito.

É este o maior attractivo de quasi todos os romances que tem sido explorados pelas empresas romanticas, e a cujo abuso devemos indubitavelmente a decadencia da nossa litteratura romantica.

Por isso dissemos e repetimos que detestamos as traducções.

Cumpre-nos todavia confessar que fóra do numero dos romancistas estrangeiros cuja influencia julgamos perigosa para a nossa litteratura, está Henrique Peres Escrich.

Poucos escriptores estrangeiros tem sido tão explorados entre nós, como este. E semelhante preferencia é justa, porque as suas obras são de elevado merecimento.

Ha n'ellas o profundo estudo do coração humano, e em todas se manifesta um admiravel condão de analysta.

A acção dos seus romances deslisa-se naturalmente, logicamente, sem peripecias extravagantes, nem o desvendar impudico de chagas horripilantes. É a historia da vida, narrada fielmente, em linguagem amena e harmoniosa; é a familia analysada e estudada á luz da virtude; é a sociedade escalpellisada, com o premio das boas acções, e a punição do crime; é, finalmente, o romance que deleita, moralisa, e instrue ao mesmo tem-

po, prendendo-nos agradavelmente o espirito sem o desvairar, commovendo-nos o coração sem o polluir.

Fallemos ligeiramente de algumas das suas obras.

*
* *

Os anjos da terra, romance em 5 volumes. É incontestavelmente uma das suas melhores producções.

É o seu enredo admiravelmente combinado, prendendo a attenção de capitulo para capitulo. Desde a primeira pagina trava-se uma lucta gigantesca entre a virtude e o crime; este, com as suas armas traiçoeiras, e guiado pelos numerosos expedientes que o genio do mal póde inspirar aos perversos, consegue supplantar por muitas vezes aquella, e obscurecel-a. Mas, em quanto que os facinoras e os scelerados, impellidos pela ambição, maquinam na sombra, os anjos da terra, escudados com a virtude e inspirados pelo amor do bem, da verdade e da justiça, combatem resignada e serenamente, alentados pela fé e pela esperança, até que sahem victoriosos da grande pugna, em que campearam as mais encontradas paixões, os affectos mais puros e os mais miseraveis sentimentos.

Os personagens são desenhados com irreprehensivel correcção.

Assim, é Samuel Navarro o martyr grandioso do dever e do amor de familia;

Horacio e Virginia, dous anjos de bondade, modêlos de virtude, amor e gratidão. Aquelle dotado de uma alma generosa e boa, maravilhoso genio de artista; sua irmã Virginia, a mais brilhante concepção da candura e da virtude;

Sir Carlos Holt, o austero campeão da honra, coração nobre, dotado de um inabalavel sentimento de dignidade;

Carlota, a victima innocente de um crime, martyr inconsciente do amor maternal;

Anninhas de Balbôa, a violeta mimosa, vegetando, immaculada, entre as sarças do crime, um verdadeiro prodigio de virtude;

E como contraste d'estes anjos da terra, Alexandre de Balbôa, o fratricida infame, e depois o remorso vivo, que encontra a maior punição na recordação dos proprios crimes;

Baptista, o temivel scelarado, actor consummado na comedia do crime, alma despida de todo o sentimento generoso e digno, creatura afeita ao crime, encarando-o com verdadeiro cynismo.

E se esses typos, principaes personagens do bello romance de que fallamos, estão magistralmente descriptos, não lhes são inferiores em correcção e verdade todos os outros que os acompanham na acção, embora não passem dos planos inferiores.

Os anjos da terra — é um dos mais bellos romances que temos lido.

Quanto á traducção pediremos simplesmente licença para citar aqui a opinião de alguns jornaes que se dignaram fallar d'ella, e que temos presentes.

O *Jornal do Porto* (n.º 164 do XVIII anno) diz que o romance foi «trasladado muito conscienciosamente para vernaculo».

Fallando do mesmo romance, e de outro do mesmo author e traductor, diz o *Commercio do Lima:*

«E se o nome do author os recommenda, não deixa tambem de merecer consideração o illustrado traductor — JULIO GAMA — cuja correcção de phrase, propriedade de dicção e vernaculidade de linguagem, lhe teem grangeado bem fundados creditos de traductor consciencioso, e muito considerado por todos os que amam as bellas letras».

Accusando a recepção do segundo volume do citado romance, diz a *Correspondencia de Leiria* que «o seu amigo o está vertendo da lingua de Cervantes para a de Camões com aquella sciencia e consciencia que todos lhe reconhecem». E acrescenta: «Se de todos os traductores se pudesse dizer o mesmo com verdade, não seria por certo para lastimar a notavel falta de romances originaes».

*
* *

Depois dos **Anjos da terra** temos a fallar dos lindissimos contos que sob o titulo geral de **Noites amenas** publicou o snr. Ernesto Chardron.

O violino do diabo — Um volume de 210 paginas; é uma preciosa novella, recheada de scenas admiravelmente combinadas. É um ramo de violetas, que se aspira com indizivel prazer, deixando-nos a mais agradavel impressão.

Um marquez descobre casualmente o mysterio em que se envolve uma candida rapariga que se disfarça em rapaz para fugir aos perigos mundanos, e poder grangear os meios de subsistencia para seu velho pai. O marquez arma-lhe uma

cilada, mas o feitiço volta-se contra o feiticeiro, e é elle proprio que cahe n'ella. Casa com a rapariga, que é adoravel, e lhe dá a mais invejavel felicidade.

Esta aventura singela e galante é revestida de peripecias tão bem preparadas e descriptas, que o leitor sente-se naturalmente preso á narração.

Quanto á traducção diz ainda o *Jornal do Porto* (n.º 109 do XVIII anno) que o romance está «elegantemente trasladado para portuguez pelo snr. JULIO GAMA».

Tal arvore tal fructo — é um conto da mesma collecção, cujo fim é provar que os filhos herdam naturalmente os predicados, os defeitos e tendencias dos paes. É muito bonito, e a traducção, devida á penna elegante de Cunha Vianna, primorosa.

Seguem-se-lhe:

Um filho do povo — indubitavelmente a melhor novella da collecção.

Ao lerem-se aquellas paginas repletas de sentimento, raros serão os olhos que não se marejem de lagrimas. É uma historia triste, singela e naturalissima, contada com palavras nascidas no coração.

Para traduzirmos as impressões que em nós produziu a leitura do **Filho do povo** seria pequeno o espaço que nos concedem n'esta revista bibliographica.

Afoutamente podemos dizel-o: **O filho do povo** é um dos romances mais commoventes que se tem publicado em portuguez. Tudo n'elle é perfeito: enredo, caracterisco de personagens, e linguagem.

Quem tudo quer tudo perde, e **A verdade nua e crua** — são duas novellas que formam o 4.º volume da collecção, e constitue um verdadeiro contraste com **O filho do povo**. A primeira é uma novella graciosissima que a cada pagina nos provoca riso, e cuja moralidade se deprehende do titulo.

A segunda é não menos fina e tende a provar a grande verdade... de que nem todas as verdades se devem dizer.

Quanto á traducção d'este volume limitar-nos-hemos a transcrever a opinião d'um critico tão austero como justo, o snr. Alexandre da Conceição:

«A traducção, diz o illustre escriptor, pareceu-nos boa, porque nem tem o maneirismo classico d'uns certos traductores de erudição quinhentista barata, cuja sciencia da nossa lingua consiste no emprego d'uns termos bolorentos, nem tem as irreverencias demagogicas dos *communistas* da litteratura, que escrevem n'um vasconso repugnante, onde ha tanta ou mais falta de senso commum do que de grammatica». (*A Evolução*, n.º 8).

Por bem fazer mal haver e **Um hospital de doudos** — são dous contos que formam o 5.º volume da collecção, e que, se não são os melhores, merecem comtudo ser lidos. A traducção, do snr. Gomes de Sousa, é acurada.

As culpas dos paes — é o ultimo volume publicado da serie **Noites amenas**, e se terminou ahi quasi poderiamos dizer que fechou com chave de ouro, porque é realmente uma novella interessante, e prova exhuberantemente que os desvarios da mocidade recahem muitas vezes sobre os filhos, anuviando-lhes o futuro.

Finalmente:

Os romances de PERES ESCRHICH são dignos de um lugar nas mais selectas livrarias, e a collecção **Noites amenas** deve ter n'ellas o mais distincto.

H. C.

O Medico de Casa. — Assim se intitula uma publicação que a acreditada e incansavel *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron acaba de publicar, e de que recebemos já o primeiro fasciculo.

Esta obra é original do celebre medico francez Constantin-Guillaume, e traduzida e ampliada pelo distincto medico Antonio Vieira Lopes.

Por meio da sua leitura se póde reconhecer qualquer molestia e indicação do melhor tratamento a seguir para a curar.

O *Medico de casa* vem, pois, preencher uma grande lacuna que ha muito se sentia entre nós, pois que por meio d'elle muitos individuos, que não estiverem nos casos de fazer grandes despezas, podem poupar muito dinheiro receitando-se a si proprios e não desprezando muitas vezes uma enfermidade, insignificante a principio, mas que pelo correr do tempo se póde tornar fatal, só pela impossibilidade de occorrer a despezas superiores ás suas forças.

Além d'isso o *Medico de casa* é escripto n'uma linguagem clara e ao alcance de todas as intelligencias, mesmo as menos cultas.

Para que o publico avalie melhor a importancia d'esta publicação, passamos a transcrever as seguintes linhas, que precedem a obra e que são dirigidas *a quem lêr*.

«Ha muito que se sentia a necessidade de um livro de medicina, escripto em linguagem despretenciosa e bem popular, para uso de toda a gente que não estivesse iniciada nos imperscrutaveis segredos da sciencia de curar; d'um livro, finalmente, que tivesse uma feição puramente pratica, e sem os atavios e a linguagem empolada e *quasi sibyllica*, que só póde ser comprehendida por aquelles que dedicaram o melhor tempo da sua existencia ao estudo das theorias e dos preceitos, que unicamente podem ser do dominio d'aquelles que se têem entregado á parte especulativa d'esta sciencia.

«É *Mr. Constantin-Guillaume,* a quem se deve o apreciavel trabalho, que trasladamos para o nosso idioma, e que tão

bem recebido foi no seu paiz, onde mereceu a honra de algumas edições.

«Este livro tem incontestavel merito, o de indicar aos seus leitores os meios, com o auxilio dos quaes o proprio doente poderá, elle mesmo, conseguir, com segurança e promptidão, o conhecimento da molestia com que está luctando, e isto não lhe era permittido fazer até agora, porque, qualquer livro que consultasse anteriormente, não lhe dava mais do que a parte descriptiva das doenças, e a enumeração dos melhores remedios.

«Eis, pois, um livro util, que poderá ser consultado sem risco por qualquer pessoa, principalmente nas differentes localidades, onde, n'este reino, se não encontrar um medico, ou a bordo d'um navio que, por não possuir o numero legal de toneladas, não tem um individuo legalmente habilitado, que possa soccorrer os nautas, em occasião de doença.

«Julgamos ter feito um tal ou qual serviço á humanidade; o publico, lendo este livro, melhor poderá decidir o valor que elle tem, e se é digno de merecer a sua approvação».

(*Jornal da Manhã,* de 28 de outubro).

Com o frontispicio que precede, recebemos um livro de 346 paginas in-8.º É o primeiro tomo d'uma obra que consta de dous.

Em linguagem popular, tracta-se n'este livro d'ensinar ao povo a conhecer as doenças e os melhores meios de as curar.

Os assumptos acham-se divididos em duas secções, e em cada secção estão dispostos pela ordem alphabetica. É, pois, formada a obra de dous diccionarios, no primeiro dos quaes se ensina a conhecer as doenças, e no segundo o meio de as curar.

O systema seguido é commodo e facil; os artigos são bem tratados, sufficientemente desenvolvidos e escriptos com clareza.

É portanto uma obra que devem possuir os bons chefes de familia, os directores de collegios, e os mestres de fabricas, para prestarem os primeiros soccorros, em caso de doença repentina, em quanto não chega o medico. Nas terras em que não ha facultativo ou nos navios desprovidos de medico, é até indispensavel a acquisição d'uma obra d'estas.

(*Revista de Pharmacia e sciencias accessorias do Porto,* caderno de dezembro passado).

Empresa de Ernesto Chardron, Porto e Braga. Este editor, que é, inquestionavelmente, o mais incansavel e emprehendedor, que temos em Portugal, acaba de publicar dous livros que honram muito o seu zelo e o interesse, que toma pela instrucção d'este paiz. O 1.º tomo da obra do dr. Constantin-Guillaume, *O Medico de casa,* «systema simples de reconhecer qualquer molestia, e indicação do melhor tratamento a seguir para a curar», traduzido pelo distincto facultativo portuguez Antonio Vieira Lopes, e por este ampliado, parece-nos um livro de indispensavel acquisição para todos os que queiram ser um pouco — *medicos de si mesmos.*

Nem sempre ha a possibilidade de recorrer á medicina, principalmente para os que vivem longe dos grandes centros de população, e por isso é muito conveniente ter á mão uma especie de elucidario, que possa prestar as primeiras indicações dos primeiros auxilios.

Não somos competentes para avaliarmos do merecimento da obra quanto á parte theorica e pratica. O nome do author, o do traductor e do editor fallam em perfeito abono d'essa publicação.

O tomo 1.º tem 345 paginas. O livro 1.º intitula-se *Diccionario dos signaes:* abre pelas palavras *Ancas,* etc., e fecha pela *Zunidos d'ouvidos.*

O livro 2.º intitula-se *Diccionario das doenças:* abre pela palavra *Abscesso* e fecha, n'este volume, por *Cystite chronica.*

A obra custa apenas 1$000 reis.

(O *Jornal de Vizeu,* de 10 de dezembro).

O Medico de casa ou Medicina pratica. — Publicou-se ha pouco tempo o primeiro volume d'esta obra, traduzida do francez, ampliada pelo snr. dr. Antonio Vieira Lopes, e editada pela *Livraria Internacional* de Ernesto Chardron.

Recommendamos a todos os nossos assignantes esta boa obra, que em muitas occasiões lhe poderá ser de grande utilidade, e mui principalmente n'aquellas localidades aonde não ha, senão a grandes distancias um facultativo, que não póde soccorrer de prompto os doentes.

(O *Direito,* de 9 de janeiro).

NOUVELLES PUBLICATIONS

Thiers. — Discours parlementaires. 3 gr. vol. in-8º.............. 4$500

H. Maudsley. — Le crime et la folie. 3e édition. 1 vol. in-8º cartonné........................ 1$200

P. A. Secchi. — Les étoiles. Essai d'astronomie sidérale. 1 vôlume in-8º........................ 1$200

Ledru-Rollin. — Discours politiques et écrits divers. 2 volumes in-8º........................ 2$400

Victor Hugo. — La pitié suprême. 3e édition. 1 vol. in-8º..... 800

Henri de Kock. — Un drôle de voleur. 1 vol. in-12......... 200

Ribot. — La psychologie allemande contemporaine. 1 vol. in-8º... 1$500

Isoard. — Prières. 1 vol. in-12. 600

Sophie Germain. — *Philosophie moderne.* Œuvres philosophiques. 1 vol. in-12.................. 800

Manuel du jubilé de 1879. 1 folheto..................... 120

Élie Sorin. — Jules Grévy. Sa vie, son role politique. 1 v. in-18. 200

F. B. Gallon. — Lectures extraites de divers auteurs. 1 vol. in-8º. 800

André Daniel. — L'année politique, 1878. 1 vol. in-12....... 700

Abbé Vidieu. — Le pape Léon XIII, sa vie, son avénement, ses écrits. 1 vol. in-12.................. 600

Pierre Giffar. — Le phonographe expliqué a tout le monde. 1 volume in-18........................ 200

Dr. Téan. — Leçons de clinique chirurgicale. 2 vol........... 4$000

F. de Castro Freire. — Novo diccionario francez-portuguez com a pronuncia franceza figurada. Cadern. n.º 14....................... 300

Victor Hugo. — La légende des siècles. Nouvelles séries. 2 volumes in-12...................... 1$400

A. de Tréverret. — L'Italie au XVI siècle. Études littéraires, morales et politiques. 1 vol. in-12...... 700

Fortuné du Boisgobey. — Une affaire mystérieuse. 1 volume in-12.......................... 200

Ernest Renan. — Saint Paul. 1 gr. vol. in-8º............... 1$500

M.me Laure D. F. — De Marseille a Shanghaï et Yedo. 1 volume in-12........................ 700

Alfred de Musset. — Premières poésies. 1 vol. in-12....... 700

Jean Mirval. — Théatre scientifique, avec une préface par *Louis Figuier*. 1 vol. in-12............. 700

C. Conte d'Hausonville. — Souvenirs et mélanges. 1 volume in-12.......................... 700

Adolphe Adan. — Lectures militaires à l'usage des écoles régimentaires et des écoles primaires. 1 vol. in-12 cart.................. 500

Arsène Houssaye. — Les femmes du diable. 1 vol. in-12..... 250

J. Michelet. — Introduction à l'histoire universelle. 1 vol. in-12. 700

S. Maire. — Problèmes d'arithmetique à l'usage des écoles primaires. 1 vol. in-12. cart.............. 900

Émile Richebourg. — Deux mères. 2 vol. in-12........... 1$200

Vilmorin, Poiteau, Bailly, etc. — Le bon jardinier pour 1879. 1 gr. vol. in-12............. 1$400

Gravures du bon jardinier. 1 vol. in-12......... 1$400

Charles de la Rounat. — Le vicomte de Chamilly. 1 vol. 700

A. de Pontmartin. — Nouveaux samedis. 1 vol. in-12.......... 700

Charles d'Osson. — La comtesse Metella. — 1 vol. in-12...... 700

Gabriel Compayré. — Histoire critique des doctrines de l'éducation en France, depuis le seizième siècle. 2 vol. in-8º........... 3$000

Guyau. — La morale anglaise contemporaine. 1 vol. in-8º...... 1$500

J. Michelet. — Le Banquet. Papiers intimes. 1 vol. in-8º.... 1$200

Wurtz. — Théorie atomique. 10e édition. 1 vol. in-8º cart........ 1$200

Wayner et Gautier. — Nouveau traité de chimie industrielle. 10e fascicule de la 2e édition... 500
Prix de l'ouvrage complet. 2 vol. gr. in-8º...................... 6$000

E. Dramars. — Bibliographie raisonnée du Droit civil. 1 v. in-8º. 2$400

Robert H. Scott, M. A. F. R. S. — Cartes du temps et avertissements de tempêtes. 1 v. in-8º. 900

G. Rothan. — La politique française en 1866. 1 vol. in-8º... 1$500

Édouard André. — Traité général de la composition des *Parcs et jardins.* 1 gr. vol. in-folio... 7$000

*

PUBLICAÇÕES HESPANHOLAS

Enrique Perez Escrich

Los desgraciados (obra illustrada). 2 volumes..................... 3$000
La madre de los desamparados (obra illustrada). 2 vol............. 3$000
Los que rien y los que lloran (obra illustrada). 2 vol.............. 3$000
La envidia. Historia de los pequeños (obra illustrada). 2 vol...... 2$880
Los matrimonios del diablo (obra illustrada). 2 vol.............. 3$000
El pan de los pobres. 4 vol..... 2$600
La mujer adúltera. 4 vol. enc... 2$600
La madre de los desamparados. 4 volumes enc.................. 2$500
La perdicion de la mujer. 4 v. enc. 2$600
El amor de los amores. 4 v. enc. 2$600
La calumnia. 4 vol. enc........ 2$600
La caridad christiana. 4 v. enc. 2$600
El infierno de los cielos. 4 v. enc. 2$600
El cura de aldea. 3 vol. enc.... 2$000
Las obras de misericordia. 6 volumes encadernados.................. 3$600
Los matrimonios del diablo. 4 volumes enc..................... 2$600
El frac azul (obra illustrada). 1 v. 1$500

D. José Ferrer de Couto

Manual de veterinaria y equitacion. 1 vol......................... 720

* * *

Nuevo manual epistolar ó arte de escribir todo género de cartas. 1 volume encadernado.................. 400

D. Manuel F. y Gonzalez

La buena madre (obra illustrada). 2 gr. vol...................... 4$800
Lucrecia Borgia (memorias de Satanaz. Obra illustrada). 2 vol....... 3$000

Camões

Los Lusiadas. 1 vol. enc......... 600

D. Antonio A. y Guijarro

Obras. Estão publicados 4 vol. Cada volume..................... 1$400

* * *

El ministerio de iniquidade ó conjuracion satanico-humana contra Jesu-Cristo. 1 vol..................... 1$500

D. José Maria Antequera

La doctrina católica y la escuela liberal. 1 folheto..................... 240

D. Juan Bautista Say

Tratado de economia politica. 2 v. 2$400

* * *

Historia de los Sacramentos. 8 v. 5$400

D. Alvaro F. Estrada

Curso de economia politica. 2 vol. 3$000

D. José Maria de Pando

Elementos del derecho internacional. 2.ª edição. 1 vol................ 2$400

* * *

Dios, Patria y Rei. Manifiesto del general carlista D. Francisco Saballs a todos os hespañoles. 1 folheto.... 240

Sanchez de Bustamante

Curso elemental de geografia general y particular de España. 1 vol... 1$200

D. José S. de M. Blanco

El derecho civil español (en forma de código). 1 vol................ 3$600

P. Santiago Bridaine

Sermões. 5 vol............... 4$800

HENRIQUE PERES ESCRICH

A calumnia. 5 vol........................ 2$500
A esposa martyr. 5 vol..................... 2$500
Os anjos da terra. 5 vol.................... 2$500
Os desgraçados. 2 vol..................... 1$200
O anjo da guarda. 3 vol.................... 1$800
Rico e pobre. 1 vol....................... 500
O violino do diabo. 1 vol.................. 400
Tal arvore tal fructo. 1 vol................ 400
Um filho do povo. 1 vol.................... 300
Quem tudo quer tudo perde. 1 vol.......... 400
Por bem fazer mal haver. 1 vol............ 500
As culpas dos paes. 1 vol.................. 300

NOVO DICCIONARIO
PORTUGUEZ-LATINO

Acaba de vêr a luz da publicidade o **Novo diccionario portuguez-latino,** composto pelo snr. Manuel Bernardes Branco, distincto e conhecido professor das linguas latina e grega.

Este novo trabalho do snr. Bernardes Branco veio justificar mais uma vez os creditos de erudição e saber que desde ha muito colhêra o seu author em varias outras composições do mesmo genero, com que prestára já não pequenos serviços á mocidade estudiosa portugueza.

Entre esses trabalhos citaremos a publicação de uma grammatica elementar da lingua latina, baseada no antigo compendio do padre Pereira de Figueiredo, e notavel não só pela clareza e excellente methodo de exposição, como tambem pela abundancia de apropriados exemplos, e de phrases bem escolhidas, que muito concorrem para facilitar o estudo da lingua de Cicero e de Horacio ás tenras intelligencias não habituadas ainda ás bellezas e difficuldades, que par a par se encontram na interpretação dos authores latinos. Este **Novo methodo de grammatica latina** tem tido já rapidas e successivas edições.

Ultimamente ainda fôra o snr. Bernardes Branco encarregado de traduzir e dirigir uma nova edição da **Historia universal** de Cesar Cantù. Incansavel n'estas lides litterarias e philologicas, acaba agora de publicar o **Novo diccionario portuguez-latino.**

Sentia-se ha muito a falta de um livro que como este reunisse á modicidade do preço as condições indispensaveis de consciencioa e correcta composição, que nem sempre se encontravam em trabalhos do mesmo genero, anteriormente publicados, e que ainda, apesar d'isso, á falta d'outros melhores, escasseavam no mercado.

O author entre outros elementos de valioso auxilio para a composição do seu diccionario, e que por brevidade não mencionaremos, soccorreu-se do **Grand dictionnaire de la langue latine** de Quell. Freund, do **Dictionnaire français-latino** de Quicherat, do **English Latin Dictionary** de Eutick; os quaes são geralmente reputados como dos melhores na especialidade, e garantia por isso mesmo de que de tão boas fontes não podia deixar de colher um excellente cabedal de conhecimentos quem como o snr. Bernardes Branco tanto a fundo conhece, por aturado estudo, e prolongada pratica de ensino, as linguas grega e latina.

A parte relativa á geographia antiga, a terminologia especial dos usos, costumes, vestuarios, etc., foi attenta e cuidadosamente estudada, tendo sido um dos bons auxiliares o estimado **Dictionnaire des antiquités grecques et romaines,** editado pela casa Hachette de Paris.

A grande abundancia de exemplos em que claramente se mostrem as diversas accepções em que uma palavra póde ser empregada; as differentes locuções que com ella se podem compôr; as suas explicações derivadas e figuradas; eis o que um diccionario bem elaborado deve conter para satisfazer cabalmente ao seu fim; eis tambem o que se encontra no **Novo diccionario portuguez-latino** do snr. Bernardes Branco.

Não hesitaremos portanto em recommendal-o como um livro util e indispensavel no estudo, elementar ou não, da lingua latina, e indical-o-hemos, finalmente, senão como o melhor trabalho, que entre nós se possa elaborar n'este genero, pelo menos como o mais completo, o mais claro, e o mais racional dos que na actualidade possuimos.

Joaquim José Annaya,
Vice-director da Escóla Academica.

O DIREITO AO ALCANCE DE TODOS

OU

O ADVOGADO DE SI MESMO

Havemos examinado esta obra ha pouco publicada pela casa Chardron, e escripta pelo snr. dr. Francisco Antonio Veiga.

Tem este trabalho por fim facilitar a todos os que não fazem profissão do estudo e applicação das leis, o conhecimento do que mais importa saber na legislação em vigor, e parece-nos que preenche cabalmente o seu scopo.

O estudo aprofundado da jurisprudencia absorve, como o de outra qualquer sciencia, a vida d'um homem, e por isso poucos podem ser jurisconsultos.

Por mais modesto, porém, que seja o lugar que na sociedade signalou a Providencia a cada um de nós, ninguem fica isento de, uma vez ou outra, desempenhar deveres que a lei lhe impõe, ou defender direitos que a mesma lei lhe garante; e o primeiro passo que dá o interessado para saber como ha-de proceder é procurar conhecer de fonte limpa, e de modo que lhe não restem duvidas, a legislação que regula para o caso occorrente.

Até agora os que de per si não podiam ou não sabiam consultar e interpretar essa legislação iam ouvir um advogado, e, quando a opinião d'um só os não satisfazia, ouviam dous ou mais. Agora quem tiver á mão este livro e não carecer completamente dos pouquissimos conhecimentos juridicos que demanda a intelligencia d'elle, poupará muitos passos e dinheiro, porque elle elucidará sufficientemente os que necessitarem de esclarecer-se sobre qualquer d'esses casos da vida pratica.

É um claro e bem ordenado resumo de tudo o que está contido em numerosos livros. É um conselheiro fiel para os negocios do fôro, e um guia seguro no labyrintho da nossa legislação.

Tal publicação era uma necessidade; e seu author e editor são dignos de muito louvor.

Aos rev.dos parochos, que na maior parte das aldêas são, ainda mesmo n'estas materias, as pessoas que com razão mais confiança inspiram a seus freguezes, julgamos nós este livro muito util, pois com elle na mão melhor que ninguem os podem aconselhar e dirigir.

Lembramos por ultimo ao editor que, ao menos de dous em dous annos, deve publicar em supplemento ou appendice as modificações que forem occorrendo na legislação.

UM ALDEÃO CURIOSO.

(Do *Commercio do Minho*).

1.º Anno — 1879 — Numero 7

BIBLIOGRAPHIA PORT… A E ESTRANGEIRA

Doze numeros, 500 reis

N. B. N'esta Bibliographia annunciam-se as obras de que se receba um exemplar.

SUMMARIO

ERNESTO CHARDRON, Editor

1.º ANNO 1879 N.º 7

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

OS CONTRAFACTORES DO BRAZIL

Alexandre Herculano tratou excentricamente a questão controvertida da propriedade litteraria. Acepilhou sophismas que parecem incompossiveis com um juizo tão recto como esclarecido. Attinge a conclusão de que a propriedade litteraria é um paradoxo, e assenta que o escriptor é tão proprietario das suas idéas como o marceneiro o é d'uma cadeira que inventou. Escreve o doutissimo historiador: «Um marceneiro inventou uma cadeira elegante e commoda; deu depois existencia e vulto á sua concepção, fabricando uma duzia ou um cento de cadeiras, em que essa concepção se manifestou, e vendeu-as com um lucro mais ou menos avultado. Os que crêem na propriedade das idéas devem invocar o direito de propriedade para a concepção do marceneiro porque o marceneiro é tão cidadão como o escriptor: devem declarar contrafactor outro qualquer individuo da mesma profissão, que, vendo a procura no mercado d'aquella fórma de moveis, os imitou sem licença do inventor, sem lhe pagar o preço da idéa, o preço da sua propriedade intellectual [1]». Ahi está o argumento de analogia. O lavor material do inventor de cadeiras compara-o Alexandre Herculano á elaboração intellectiva de um livro. Reproduzir os moldes do espaldar d'uma poltrona é o mesmo que contrafazer um livro e vendel-o sem repartir os lucros com o productor das idéas.

1 Veja *Opusculos*, tom. II, pag. 55-148.

Do arrazoado do eminente sabio transluz uma idéa impertinente de aversão aos romancistas seus coevos a quem a propriedade litteraria proporcionava meios abundantissimos, ao passo que os escriptores de livros graves, scientificos, uteis nada tinham que aproveitar da propriedade litteraria porque ninguem lhe contrafazia as obras. Entendeu Alexandre Herculano que a maneira de castigar os romancistas é esbulhal-os da propriedade dos seus productos, apoucal-os e reduzil-os pelas contrafacções á urgencia de mudarem de vida.

Reproduzirei os relanços em que esta idéa rude e amarga se manifesta repetidamente nos dous escriptos do primeiro homem de letras do Portugal contemporaneo. Mencionando Kock, Balzac, Sue, Arlincourt, Dickens, acrescenta: «Estes homens, cujos estudos se reduzem a correr os theatros, os bailes, as tabernas, os lupanares, a viajar commodamente de cidade para cidade, de paiz para paiz, a gozar os deleites que cada um d'elles lhes offerece, a adornar os vicios, a exagerar as paixões, a trajar ridiculamente os affectos mais puros, a corromper a mocidade e as mulheres; estes homens que só buscam produzir effeitos que subjugam as multidões; que espreitam as inclinações do povo para as lisonjearem, os seus gostos depravados para os satisfazerem; a estes operarios da dissolução e não da civilisação, a estes sim, aproveitam as doutrinas da propriedade litteraria! Para elles a recompensa do merca-

do; para elles os grossos proventos do industrialismo litterario que é o grande incitamento dos seus fecundos trabalhos. A litteratura-mercadoria, a litteratura-agiotagem tem na verdade progredido espantosamente á sombra de tão deploraveis doutrinas».

Com que desamor Alexandre Herculano invectiva, promiscuamente contra Sue e Kock, Balzac e Dickens! Parece que está fallando do marquez de Sade e de Aretino! O romancista inglez a *corromper* a *mocidade* e as *mulheres!* Dickens é um amigo dulcissimo e zeloso do genero humano. A caridade com os desherdados é o factor do maior numero dos seus livros. Não exalta as soberbias da razão em detrimento dos preceitos que se santificam na divindade da sua origem. Respeita as religiões todas, e todas as ordens constituidas. Abstem-se de escalpellar as carnes onde poreja o pus das enfermidades mortaes. Cobre de crepe os cadaveres e faz á volta d'elles o asco das ulceras e o terror do vicio. A Inglaterra considera Dickens um bemfeitor, e em Portugal admira-se Julio Diniz que lhe seguiu a escóla. Não poderá a França dizer o mesmo do seu Balzac, o pantheista, e historiador prolixo das doenças dos individuos pela primeira vez diagnosticadas por processos scientificos nem sempre verdadeiros; mas, se a França o não relê como consolador, nem já o admira na sua iniciativa de naturalismo, Balzac ficará na perpetuidade de Rabelais, de Montagne, de Labruyère, de Molière, de Voltaire á volta das retortas em que se operaram lentas, mas profundas evoluções. Não é pois sobremodo airoso para Portugal que o seu mais acatado escriptor, em pleno seculo XIX, escrevesse de Balzac e Dickens phrases que estão revendo a zanga algum tanto caturra de um admirador sertanejo do *Feliz independente* e da *Virgem da Polonia*.

Repisando no mesmo terreno da argumentação sempre apontada a desfalcar a propriedade dos romancistas, insiste o grande historiador: «Em vez da anarchia deleteria e repugnante que o regimen da propriedade litteraria produz e em que o homem de talento, mas immoral, envenena as multidões para se locupletar, em quanto o genio da sciencia e consciencia morre de fome, um systema de recompensas publicas prudentemente organisado, traria a ordem e a justiça, e substituiria o verdadeiro progresso ás orgias intellectuaes, á veniaga da corrupção moral, resultado infallivel da conversão das idéas em capital productivo».

É tão exacto o *envenenamento nas multidões* pelo romance como a *morte do genio da sciencia e consciencia* pela fome. Os sabios n'este paiz, se perecem de fome, tão obscuramente o fazem que nem os localistas da imprensa diaria tem occasião de fulminar os governos que deixam vasquejar a sciencia á mingoa de pão; e pelo que respeita ás *multidões envenenadas* pelas novellas de Balzac, Dickens e outros, é isso um pompear de phrases que denota quanto Alexandre Herculano estava sequestrado da sociedade pratica em que os vicios tem uma inveterada antiguidade mais coeva do Livro 5.º das *Ordenações* que dos romances de Paulo de Kock.

O sonoro author do *Eurico*, n'isto de fulminações aos maus costumes, deixava-se levar das harmonias musicaes do seu estylo cadencioso de phrases rijas e brunidas como o aço das panoplias, e parecia estar-se sempre enlevado nos arrobos visionarios do heretico Lamennais. Ficou-lhe aquelle geito grande, largo e estrondoso da *Voz do Propheta*.

Impugna o tratado de propriedade litteraria com a França — pelo qual o ingresso das edições belgas foi defezo — porque d'ahi resultava *grangearem os romancistas, os poetas, os especuladores litterarios da França mais uma noite de orgias ou os meios de dar mais uma vez por anno verniz nas suas carruagens.*

Este odio aos romancistas felizes é incongruente no author do *Monge de Cister*, das *Lendas e narrativas*, das romanticas phantasmagorias que proporcionaram o suave repouso do fatigado lidador na quinta de Val de Lobos. Dado ainda que Herculano não provasse a mão com singular pericia na novella historica, ainda como historiador lhe competia acamaradar-se de boas avenças com os romancistas, porque, no dizer profundamente conceituoso de Thiers, «um grande historiador é um romancista da verdade, e um grande romancista é um historiador que inventa».

Em conclusão dos seus articulados contra a propriedade litteraria, quer Alexandre Herculano que *os livros frivolos ou deleterios, que o direito absoluto de propriedade protege tanto como os bons e uteis, e que infelizmente o mercado protege sem comparação, mais, ficassem expostos sem defeza á especulação dos contrafactores, e na propria procura do*

mercado achassem para seus authores o instrumento do castigo.

Sim, a contrafacção, apoucando os lucros, seria um castigo para o escriptor, mas com certeza não seria emenda nem triaga ao «envenenamento das multidões»; por quanto o romancista continuaria a produzir ganhando 20 em vez de ganhar 100, o publico continuaria a lêr e a envenenar-se, indifferente á questão da propriedade, e o contrafactor — para quem Herculano não pede castigo nem sequer censura, continuaria a locupletar-se. A final, quem colhe as fructuosas consequencias das primicias do grande escriptor são os ladrões, com a mais desbragada impunidade.

As idéas de Alexandre Herculano agradaram infinitamente no imperio brazileiro, quero dizer, adivinharam-as com rara intuição os contrafactores do Brazil, porque eu não imagino que elles antes de nos reproduzirem os livros se dobrassem meditabundos, á lampada nocturna, sobre os *Opusculos* do celebre historiador, assim como nunca me constou que lá os seus salteadores da *Ilha da Caqueirada* lessem com espirito hostil as invectivas de Proudhon contra a propriedade quando a procuravam nas algibeiras dos honrados burguezes da rua do Ouvidor.

Tambem não posso accusar os contrafactores de nos quererem infligir, roubando-nos, o castigo alvitrado pelo Mestre, que votou pela dieta dos discipulos logo que elles não locubrassem as suas vigilias em livros d'uma conspicuidade assás unctuosa. Não.

Os livreiros do Brazil operam as suas contrafacções movidos d'um pensamento chão, correntío e singelo: roubar-nos. Elles não desejam definitivamente que os escriptores portuguezes desanimem e vão para o Brazil alistar-se em maltas que medram no latrocinio; pelo contrario, ambicionam que a pobreza nos aguilhôe e force a escrever muito, para que elles, como pregoeiros da nossa fecundidade, possam continuar a roubar-nos e encher-nos de edições e glorias transatlanticas. A gloria! que mais queremos nós? Alexandre Herculano aconselha com eloquencia commovente os escriptores a darem-se por pagos com a *consideração, respeitos e distincções com que a sociedade trata o homem que perante o seu tribunal deu provas indubitaveis de talento ou de genio;* e ao mesmo tempo nos vai contando, no mesmo escripto, e quasi na mesma pagina que *o genio da sciencia e da consciencia morre de fome,* e que *Luiz de Camões morrera entre as angustias da miseria e do abandono na pobre enxerga de um hospital;* como se isto fosse verdade.

Como quer que seja, os contrafactores é que não escorregam n'estas incoherencias.

Com uma seriedade harmonica, systematica e impávida não só reproduzem a milhares os livros que em Portugal ainda encontram editores ousados e temerarios; mas até com um desvergonhamento que deslumbra o nitido descaro da ladroeira, contrafizeram um livro que não se vendeu em Portugal, e que fôra enviado ao Rio de Janeiro com uma veneravel resalva que os piratas não respeitaram. Traduziu o snr. D. Luiz I, como é notorio e até glorioso, o *Hamlet* de Shakspeare. Distribuiu S. M. os exemplares da sua versão pelos monarchas, pelas bibliothecas publicas, pelos diplomatas, pelos seus amigos, e por escriptores notaveis. Logo que escrevi *escriptores notaveis* seria pleonasmo acrescentar que fui excluido; mas não me despeço de deleitar-me na leitura d'esta versão d'el-rei, quando eu puder haver um dos exemplares contrafeitos no Rio de Janeiro, e vendidos a irrisorios pregões no peristilo dos theatros. Apregoavam os gaiatos subalternos a *traducção do Hameleto,* feita por *D. Luiz, rei dos ilhéos.* E aquellas gentes variegadas, de beiços grossos e rubros, olhares mortiços do quebranto langoroso da mulataria, davam casquinadas de riso, compravam o livro com a boçal presumpção de o perceberem, e associavam-se em alegrias biltres á proterva satisfação do contrafactor. Vai n'isto tudo uma porcaria infame, o *cachet* d'um paiz de mercantilagem pelintra.

Que fazer? É o titulo moderno de um romance do russiano Tchenischefski, em que se dá o relevo de insanaveis aleijões da sua sociedade. Que fazer contra o crime de roubo perpetrado pelos contrafactores do Brazil aos escriptores e editores portuguezes? A idéa mais obvia — na impossibilidade do tribunal e da grilheta — é a celebração de um tratado de propriedade litteraria com o Brazil.

Quando esteve em Portugal, pela primeira vez, o snr. D. Pedro II, os litteratos e editores de Lisboa projectavam ir em corporação pedir ao doutissimo imperador que preponderasse com a sua benigna e poderosa e efficacissima influencia na celebração do tratado. Esperavam os supplicantes que S. M. I.

aproveitaria a occasião para fazer enforcar ou pelo menos suspender temporariamente os ladrões que lhe manchavam o imperio e passeavam triumphalmente os seus chapéos do Chili em Petropolis e no Corcovado. Constando, porém, que Alexandre Herculano, ainda vivo, era avêsso ao requerimento dos espoliados, e que o imperador abundava nas idéas do seu illustre amigo em materia de propriedade, a junta dos queixosos desanimou, debandou; parte foi jantar á taberna ingleza, outros ao Penim, e os verdadeiramente sabios, segundo o funereo threno do Mestre, morreriam de fome.

Conta o snr. Ramalho Ortigão, no seu estylo de conceituosa graça, que já foi conviva em um jantar no *Hotel Universal,* onde se congregaram os escriptores para comer o boi e discutir o espirito da propriedade litteraria. Como o boi tympanisou, ao que parece, a glandula depositaria da idéa em discussão, nada discutiram; e o insigne critico, roubado em Pernambuco, pede que se torne a jantar a fim de se obter com o Brazil um tratado de propriedade litteraria.

Eu não confio nada no segundo jantar no *Hotel Universal*. Discussões sérias são incompativeis com digestões pesadas. De mais a mais, ss. exc.as os escriptores, com os ventres repletos, desbotariam a côr local do assumpto, sendo o seu intuito reclamarem como escriptores famintos.

A mim me quer parecer que incumbe ao governo attender a uma necessidade que não carece de ser discutida e formulada em assembléas. Alexandre Herculano alvitra que seja o Estado quem dê os meios de subsistencia aos escriptores prejudicados ou não prejudicados pelas contrafacções. Se o governo portuguez não quer ou não póde celebrar com o governo brazileiro uma lei que caucione os meus direitos á remuneração do trabalho, e os direitos sagrados dos editores a quem vendo os meus livros, diga-me a que repartição hei de ir mensalmente receber a pensão indemnisadora do roubo irremediavel. Em geral, n'este paiz, ha um só escriptor que sem prejuizo sensivel na algibeira póde ser reproduzido no Brazil: é o snr. D. Luiz I. Felicito o augusto litterato; e peço-lhe curvadamente que influa no seu governo sentimentos benignos a favor dos seus collegas pobres e subditos humildes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Cancioneiro Alegre

O **Cancioneiro alegre** é um commentario que passa em revista as galerias da litteratura moderna: a proposito de colher e ageitar um ramilhete de poesias faz-se uma obra de critica, e á medida que folheavamos o volumoso livro afigurava-se-nos que transparecia a idéa de erigir o **Cancioneiro** no campo da litteratura patria em pantheon, onde se enfileirassem, guiando-as a pedestaes de gradativas alturas, os vultos litterarios da geração contemporanea, e fechando-se a porta a outros.

Ao terminar a leitura do livro, a idéa que a principio transluzia incerta, accentuava-se em uma convicção.

Como trabalho de critica quer-nos parecer que o livro, pelo modo como está concebido e delineado, não póde inspirar a confiança que devia impôr a authoridade do nome que o firma. Por fim o pretendido pantheon descamba em um bazar indefinivel e desordenado, onde as joias de finos quilates se atropellam com frandulagens, que nada ficam a invejar áquella litteratura pôdre, alvo das mais epigrammaticas flechas do aristophanico carcaz do commentador.

Quando se péga d'um estadulho em auxilio da propria opinião, maximè não havendo prévia aggressão, corre-se o risco de ficar a esgrimir quixotescamente no ar o grotesco instrumento, ou então o aggredido arma-se d'outro fueiro e o publico encarrapita-se para gozar humoristica e regaladamente o espectaculo do prelio ingente, que descahe dos pincaros homericos na comica lucta entre dous sujeitos que se desorelham com appetite no meio da rua.

JULIO LOURENÇO PINTO.

(Do *Commercio do Porto*).

OS CRITICOS

DO

CANCIONEIRO ALEGRE

I

O snr. Sergio de Castro

É estylista bilioso, explica-se azedamente, diz com afouteza grosseira o que sabe; mas acontece ás vezes não saber o que diz. Logo lh'ó mostrarei.

Acha que eu «não tive habilidade nem paciencia para os apanhar no seu meio», os poetas, «para lhes reconhecer o merito, para lhes fazer justiça».

Se não os apanhei, foi realmente por ignorancia dos processos de apanhar poetas no seu meio. Se quer dizer que fiz uma cousa á tôa, sem classificações, sem jerarchias, sem a urdidura ideologica, philologica, scientifica em fim, com que os sabios compiladores costumam tecer os Cancioneiros, convenho e sustento que fiz o que devia para não destoar da adjectivação ligeira, popular e folgazã do livro. Grandes empolas de erudição reflexa e banal assopradas em um **Cancioneiro alegre,** seriam motivo para pôr nos olhos do leitor prantos inconsolaveis pelo seu quartinho. Queria talvez que eu me detivesse a esmiuçar o meio do provençalesco snr. Fagundes, como se elle, em seus dizeres cyclicos, se escondesse nas brumas de cinco seculos como o João Zorro do *Cancioneiro de D. Diniz;* achou por ventura que eu não averiguei se o carme erotico de Junqueiro é evolutivo da *tençom* de Nuno Porco, coevo do rei lavrador. Não encontrou nos meus magros commentarios um lardo unctuoso dos Raynouard, de Bouterwek, de Bellermann, de Paulin-Paris, Sanches, Wolf, de Diez, de Duran, dos Sagas, das Niebelungen, do Arthur e do Saint Graal, de mosarabismo, de lingua d'Oc e lingua d'Oil. Não que eu tenho uma grande consideração pelos homens ousados que editam livros em Portugal. Faça o snr. Sergio de Castro um recheio d'essas cabedellas, de cousas e pessoas, de futilidades ôcas, de espalhafatos fôfos como instrucção, e soporosos como recreio; e arranje depois editor que é o mesmo que arranjar um propinador de chloroformio e um bode expiatorio da vindicta publica. Ha ahi uns Cancioneiros enfronhados e abarrotados d'isso, que cahiram do tedio universal ao *rabais* de alguns incautos particulares, e finalmente... triumpharam nas mercearias.

Arguiu-me de injusto.

Cuidava eu que escrevera o louvor da escóla nova elogiando Anthero do Quental, João de Deus, Fernando Caldeira, Duarte de Almeida, G. Crespo, Macedo Papança, quasi todos. Refugára apenas umas cousas,

> *Besuntadas de porca modernice,*

como diz o padre Francisco Manuel ao seu amigo Brito.

Allega o snr. Sergio que o descobrir *imitações* como a do snr. Guerra Junqueiro, é *denuncia torpe.* Este queixume denuncía tambem um secreto receio. Os confederados são uma jolda de salteadores de peregrinos francezes. Chamados á autoria, soccorrem-se com desfaçada indulgencia reciprocamente, e em beneficio dos réos testemunham que elles eram menores quando plagiavam, que tinham quatorze annos, e outras maravalhas.

A Idéa Nova não tem direitos a ser mais ladra que a velha. No Cancioneiro alegre não ha denuncia nem torpeza. Ha um *memento,* um «lembra-te que és homem» do escravo ao cesar, um estorvo á philaucia insolente do *enfant-gâté* que fizera dos seus alexandrinos um latego com que andava destroçando poetas e prosadores dos seus dominios da Peninsula.

Denuncia torpe! Forte tolice!

O grammatico Aristophanes colligiu os roubos de Menandro;

Philostrato accusou os roubos de Sophocles;

Bayle aponta com infamia a *Historia dos Godos* de Procopio roubada por Aretino Bruni;

Horacio delatou os plagiatos de Celso;

Os academicos de Paris accusaram Furetière de lhes roubar os seus trabalhos;

Cajot argue J. J. Rousseau de ter plagiado o livro *Da Educação;*

Charles du Rosoir accusa de larapios Voltaire, Montagne e Charron;

La Harpe fulminou os plagiatos de Corneille;

O bispo Cenaculo accusa fr. Manoel dos Santos e Manoel de Faria e Sousa de plagiarios de fr. Bernardo da Cruz;

José Feliciano de Castilho diz que o padre João de Lucena se apropriou fraudulentamente do manuscripto das *Peregrinações* de Fernão Mendes Pinto;

Alexandre Herculano accusa Galvão, e Ruy de Pina, e Acenheiro de terem espoliado as primitivas chronicas manuscriptas de Fernão Lopes.

Alguem sahiu contra estes doutos malsins de ladrões chamando-lhes *torpes denunciantes?*

O plagiato é que é torpeza; e o doesto que me atira o snr. Sergio deixa de ser um convicio para se affirmar em mera parvoice.

Repugna-lhe, outro sim, que eu me referisse ao snr. Oliveira Martins chamando-lhe *um,* com desdem, e conclue ou que eu não lhe entendi os livros, ou que o meu desdem assenta em cousa peor. E diz: *Como o snr. Theophilo Braga e o snr. Adolpho Coelho e o snr. Joaquim* dos Musicos, *e outros muitos fallam bem do author do* Hellenismo, *o snr. Camillo considerou-se constituido na obrigação de dizer mal.*

Não soube o que disse o snr. Sergio de Castro.

Vou lembrar-lhe uma duzia de amabilidades que o snr. Theophilo Braga envia ao snr. Oliveira Martins, author de um livro chamado *Os Lusiadas,* etc. [1].

1.ª

O livro do snr. Oliveira Martins divide-se em cinco capitulos... escriptos n'aquelle estylo apopletico usado por Victor Hugo no estudo de Shakespeare... n'esse tom vacillante de quem se encosta aos adjectivos para dar fórma grammatical a um periodo que não tem idéa.

2.ª

O snr. Oliveira Martins nem pelo estudo nem pelo seu desenvolvimento intellectual estava ainda apto para escrever Os Lusiadas.

3.ª

Depois d'isto falla-nos o snr. Oliveira Martins nas epopêas da India e prorompe com este monumental disparate historico, etc.

4.ª

Sem idéas definidas sobre historia ou sobre origens litterarias, o snr. Oliveira Martins atropella as descobertas da sciencia, etc.

5.ª

Faltam-lhe as minimas noções de historia litteraria.

6.ª

Podemos concluir que este primeiro capitulo é mal escripto sobre não ter sido pensado; é um pastel de idéas de Taine e de Lavelleye com aproximações de Quinet e lugares communs.

7.ª

Passemos um traço sobre estas palavras injustas dictadas pela ignorancia.

8.ª

Não contente com estas opiniões cerebrinas, diz-nos para cumulo de pasmo, que «Camões tinha o typo das mulheres de Ovar!» Céos, bem haja a tua magnificencia que sem adubos crias tão espontaneas vegetações!

9.ª

Levado pela imaginação atirou-se de encontro a um sedeiro; a intenção era boa; mas (empregando uma locução popular) querendo benzer-se, quebrou o nariz.

10.ª

Nunca um principio insensato foi mais espremido a dar as ultimas consequencias.

11.ª

Um livro que offerece estas qualidades póde-se dizer francamente que não presta.

[1] Veja *Bibliographia critica da historia e litteratura.* Porto 1875, pag. 76-84.

12.ª

E isto o que dá a litteratura do folhetim e da academia, quando pretende participar da elaboração scientifica cujo espirito não comprehende.

Até aqui Theophilo. Agora uma só amabilidade de Adolpho Coelho que vale por todas do seu confrade.

1.ª E UNICA

O snr. Martins toma o mythico Esculapio, a concepção anthropomorphica das forças vivas da natureza sã (Preller) por um personagem historico como Hypocrates e Galeno, cujos escriptos chegaram até nós, mostrando assim uma ignorancia maior que a de qualquer estudante de latim que lê o seu Chompré. Vê-se que é absolutamente impossivel tomar a serio o seu livro, onde o author mostra que nem sequer aspirou a seguir o bom caminho. Se não fosse a incapacidade do publico em julgar estas obras, pediriamos ao snr. Theophilo Braga que reduzisse este seu artigo a um quarto para não gastarmos tantas paginas da nossa revista com ruins obras [1].

Não sei o que disse do snr. Oliveira Martins o snr. Joaquim dos Musicos, idiota irresponsavel e tolerado em letras e artes. Se elle arreatou com Joaquim Theophilo e com o outro n'estas admirações, a glorificação do author do *Hellenismo* é perfeita.

Dir-me-ha agora o snr. Sergio e quem isto leu qual é mais aggravante para o snr. Oliveira Martins — esse estendal de detracções rusticas que ahi fica, ou eu chamar-lhe *um?* Eu por mim preferia que me chamassem *um*, e talvez antes quizesse que me chamassem *nenhum*.

Já vê pois o critico do **Cancioneiro alegre** que eu não desfavoreci o snr. Martins porque os snrs. Theophilo e Adolpho Coelho o favoreceram. Achei estolida a comparação do snr. Junqueiro com Jesus Christo, posto que a percebi nitidamente, se não me engana a vaidade. O snr. Martins compara o snr. G. Junqueiro a Christo na evolução ideologica do progresso: Jesus como emissario da lei nova, Junqueiro como installador da nova poesia — ambos Messias. E o snr. Junqueiro, tão enaltecido na comparação, nem por amor de si mesmo hesitou em comparar materialmente o Christo a um cão:

E o rafeiro sublime, impassivel, sereno,
Lançava o grande olhar ás negras trevas mudas,
Com aquella amargura ideal do Nazareno
Recebendo na face o osculo de Judas [1].

Quiz o snr. Sergio inculcar que a minha critica não era um acto de justiça espontanea, mas sim o artificio violento de odios pessoaes. Semelhante insinuação é uma brejeirice aggravada por ignorancia impia dos evangelhos do philisteu snr. Theophilo & C.ª

Mas em que maculei eu a virgindade litteraria do snr. Oliveira Martins antepondo-lhe o adjectivo numeral UM? Camões, cantando de Nuno Alvares, de Egas Moniz, de Fuas Roupinho, e de Duarte Pacheco Pereira, disse:

Por estes vos darei *um* Nuno fero
Que fez ao rei e ao reino tal serviço;
Um Egas e *um* Dom Fuas, que de Homero
A cithara para elles só cubiço:
. . . .
Um Pacheco fortissimo, etc. [2]

E por causa d'este *um*, o snr. Sergio, parvoeirão como tres, chama-me *pedante*.

Não conheço palavra assás aguçada com que possa despicar-me d'este sujeito. Se eu confiasse na desforra da lei, chamava-o á policia correccional. Mas o melhor de tudo, snr. Sergio, é a receita de Garrett:

Em paz e ás moscas.

Camillo Castello Branco.

1 Obra cit., pag. 77, nota.

1 *A musa em férias*, pag. 157.
2 *Lus.*, cant. I, est. XII e XIV.

DE REMISSA

Coimbra, em quanto não exporta melões de pataco, vai exportando criticas de 30 reis. No *Tribuno Popular*, de 24 de maio (mez fatidico!), começou o snr. Luiz Silva Gaio a sua critica mordaz do **Cancioneiro alegre**, ao qual chama «arroto». Se lhe chama *ar roto*, era peor. Recommendo-a á curiosidade do meu paiz, abalado pelas grandes convulsões litterarias do *Cancioneiro* e do *Almanach das senhoras*. O snr. Gaio ha-de ter a bondade de esperar. Nas ultimas vassouradas d'esta cavalhariça de Augias, a sua critica ha-de ter o lugar competente no monturo.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

CODIGO CIVIL ANNOTADO

CODIGO CIVIL PORTUGUEZ

APPROVADO POR CARTA DE LEI DE 1 DE JULHO DE 1867

ANNOTADO

com referencias, em seguida a cada artigo, aos artigos do mesmo codigo, aos do codigo de processo civil, aos da lei hypothecaria de 1 de julho de 1863 e aos publicados na *Revista de Legislação e Jurisprudencia* e *O Direito*

POR

GASPAR LOUREIRO D'ALMEIDA CARDOSO PAÚL

COM UM

APPENDICE AO MESMO CODIGO

Contendo a legislação vigente e correlativa, o regulamento do registo predial e legislação respectiva, a lei da extincção dos juizes eleitos e creação dos juizes ordinarios, a lei e regulamento da caixa geral dos depositos, com os respectivos modêlos, etc.

E UM

MINUCIOSO REPORTORIO ALPHABETICO

COORDENADO PELO ANNOTADOR

Para se apreciar o merito d'esta edição, basta lêr attentamente o seu titulo, pelo qual se vê quanta importancia e utilidade teem as annotações indicadas, que facilitarão muitissimo o estudo do Codigo Civil.

Além da legislação referida, como a contida no **Appendice,** tem mais o REGULAMENTO DO REGISTO CIVIL, e, no texto, a LEGISLAÇÃO, que modificou, alterou, corroborou ou interpretou muitas disposições do mesmo Codigo.

Todos os que vivem do fôro sabem de sobejo quantas difficuldades lhes embargam o passo muitas vezes na applicação do direito civil, pela discordancia ou antinomia que se encontra entre muitos artigos do Codigo Civil. Explanar parte d'essas difficuldades, eis o fim que teve em vista o annotador, ao dar-se ao improbo trabalho de annotar e coordenar esta edição.

É de todos reconhecido o merecimento das doutas opiniões das illustres redacções da *Revista de Legislação e Jurisprudencia,* de Coimbra, e do *Direito,* de Lisboa, e o peso que essas opiniões teem perante os tribunaes; e facilitar, portanto, a busca d'essas opiniões, com cujo estudo se aproveita muito, eis o porquê o annotador fez em cada artigo as respectivas referencias.

Esta edição, preferivel ás que se teem publicado até hoje, é d'uma incontrastavel utilidade, não só para todos os funccionarios publicos e pessoas que lidam no fôro, mas tambem para as pessoas das demais classes sociaes, que devem saber o direito civil patrio, visto que o *pretexto da ignorancia da lei a ninguem exime do cumprimento das obrigações, que ella lhe impõe.*

Dizendo que esta edição é de proveito commum, ainda assim chamamos para ella a attenção dos reverendos parochos, a quem interessa saber a legislação que lhes respeita, tanto ácerca de suas congruas, como do registo ecclesiastico, legislação que encontrarão em notas nos artigos respectivos.

1 vol. de 800 pag. br. 1$600 — Pelo correio. . 1$700
Encadernado. . . . . . 2$000 — Pelo correio. . 2$100

A CIVILISAÇÃO CATHOLICA

PUBLICAÇÃO MENSAL

PELO

Dr. Luiz Maria da Silva Ramos

LENTE CATHEDRATICO DA FACULDADE DE THEOLOGICA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Que poderemos nós dizer em abono de uma publicação que defende uma bandeira, sob a qual militamos tambem, embora entre os obscuros soldados das ultimas fileiras? Que causa tão bella é essa que attrahe irresistivelmente, não só os talentos privilegiados, as realezas da sciencia, mas os humildes peões, que só tem um coração para amar e um peito para offerecer em defeza do seu ideal — o bem? Sim, o bem social, o bem individual, a harmonia e a paz dentro da esphera da verdade: eis a meta para que caminham todos os *loucos* d'esta cruzada impossivel; eis o iman que attrahe as dedicações desinteressadas dos voluntarios do exercito de Deus e da Igreja.

Para ser lida pela mocidade sedenta de saber, mas eivada de preconceitos, que frequenta a nossa universidade, foi que o illustre lente de theologia fundou a sua revista, o que equivale a atacar o inimigo nos seus mais temiveis entrincheiramentos. Todos os problemas de socialogia, todas as arguições pseudo-scientificas que se fazem á Igreja; a geologia, a anthropologia, a cosmogonia e entographia, as sciencias antigas e as sciencias modernas, todas tem cabimento n'aquellas paginas, todas auxiliam com as suas descobertas, com os seus principios estabelecidos, com as suas deducções, com os seus proprios absurdos e sophismas, a demonstração evidente, irrecusavel, da divindade do catholicismo e por consequencia da sua missão essencialmente benefica e civilisadora no mundo social. Como as suas irmãs *Civiltà Cattolica,* de Florença, a celebre revista dos padres jesuitas e *La Civilisacion Catolica,* de Madrid, tem em vista defender a Igreja no campo scientifico em que a atacam as publicações do genero da *Revue des deuxs mondes* e similares. Bem haja o valente campeão da civilisação, unica verdadeira e boa — a civilisação catholica. D'aqui lhe apertamos a mão, nós que nos honramos de ser admiradores sinceros dos seus triumphos e provado talento.

Aos homens de instrucção, que estão na altura de apreciar a importancia d'estas discussões, apertadas estreitamente no campo theorico, recommendamos a leitura dos numeros que estão publicados para se convencerem de que não exageramos no que escrevemos.

(Da *Civilisação,* de Ponta Delgada).

MANOEL FELIPPE COELHO

Refutação das principaes objecções d'alguns protestantes contra a instrucção pastoral do exc.^mo^ snr. D. Americo, bispo do Porto, sobre o Protestantismo.

Preço 200 reis

Os amores de D. Juan

Extracto do immortal poema de lord Byron, por João Vieira. 1 vol..... 400

Amores do Diabo

Romance por J. Cazotte, precedido de sua vida, processo, prophecias, e re velações por Gerard de Nerval, vertido em linguagem por Camillo Castello Branco. 1 vol................ 500

Anthero de Quental

Odes modernas. 2.ª edição, contendo varias composições ineditas. 1 vol. 400

Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza (a proposito d'alguns livros recentes). 200

Augusto Luso da Silva

Impressões da natureza. 1 vol.... 500

Benjamin Constant

Aprender na desgraça alheia, traducção de Lopo de Sousa, precedida d'um juizo critico por Gustave Planche. 1 vol......................... 400

Camillo Castello Branco

A freira no subterraneo, romance historico, 2.ª edição. 1 vol......... 500

Mosaico e silva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas. 1 volume........................ 500

Bibliotheca d'algibeira. Noites de insomnia. 12 vol................ 2$400

Carta de guia de casados

Para que pelo caminho da prudencia se acerte com a casa do descanço, a um amigo por D. Francisco Manoel. Nova edição com um prefacio biographico, enriquecido de documentos ineditos por Camillo Castello Branco. 1 volume........................ 360

Casimiro J. M. d'Abreu

Obras completas, colligidas e annotadas, precedidas d'um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e d'uma noticia sobre o author e seus escriptos por J. Norberto de Sousa e Silva. Nova edição, ornada com o retrato do author. 1 vol.......... 500

Castilho (Visconde)

Theatro de Shakespeare. 1.ª tentativa. Sonho d'uma noite de S. João, drama em 5 actos e em verso. 1 vol... 600

Amédée Achard

Como as mulheres se perdem, traducção de Lopo de Sousa. 1 vol....... 500

A vergonha que mata, traducção de Lopo de Sousa. 1 vol.......... 500

Clemence Robert

O tribunal secreto. 2 volumes com estampas..................... 1$000

Cunha Vianna

Relampagos, com um prologo por João Penha. 1 vol................. 400

A. Debay

Physiologia do matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados, traduzida da 62.ª edição franceza por A. J. F. Reis. 2.ª edição. 1 vol...................... 1$000

Ditos da Freira

(D. JOANNA DA GAMA)

Conforme a edição quinhentista, revistos por Tito de Noronha. 1 vol. 400

E. Castellar e B. Pato

A capella sixtina. — O cemiterio de Pisa. 1 vol........................ 300

Episodio da guerra civil

A Maria da Fonte, por Miguel J. C. Mascarenhas. 1 vol............ 500

Ernesto Pinto d'Almeida

Olympia. 1 vol................. 400

F. Xavier de Novaes

Poesias. 1 vol................ 1$000

Poesias posthumas. 1 vol...... 1$000

F. Gomes d'Amorim

Versos. — Cantos matutinos. 3.ª edição. 1 vol........................ 800

A. Gonçalves Dias

Poesias. 5.ª edição, augmentada com muitas poesias, inclusivè os Tymbiras, e cuidadosamente revista pelo dr. J. M., precedida da biographia do author, pelo conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro. 2 vol.............. 2$000

A. Debay

Arte de conservar a belleza e a saude, traducção de A. A. Leal. 1 v.. 500

João M. F. de Magalhães

Arte de descobrir as aguas em toda a qualidade de terreno, sem auxilio dos vedores. 3.ª edição............ 120

Joaquim de Vasconcellos

Os musicos portuguezes. Biographia — Bibliographia. 2 vol. in-8.º gr. 2$400

J. Agostinho de Macedo

Obras poeticas, contendo: A natureza, poema.—A meditação, poema.—Newton, poema. — Viagem extatica ao templo da sabedoria. — Biographia, por J. L. Carreira de Mello, seguidas d'um catalogo alphabetico de todas as suas obras. 6 vol. in-8.º...... 1$440

Julia de Fertiault

A felicidade na familia, cartas de uma mãi a sua filha, traducção de Alfredo Pimenta. 1 vol............... 500

Julio Cesar Machado e Pinheiro Chagas

Fóra da terra. Caldas da Rainha — Festas da Nazareth — Leiria e Marinha Grande — Cintra — Bussaco — Bom Successo — Paço d'Arcos — Espinho. 1 vol...................... 500

Julio Lermina

Os lobos de Paris, versão de Luiz Botelho. 3 vol................. 1$500

Memorias

De frei João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão-Pará, com uma introducção e muitas notas illustrativas, por Camillo Castello Branco. 1 v. 500

Octave Feuillet

Os amores de Philippe, traducção de Pinheiro Chagas. 1 vol.......... 500
Julia de Trecœur, traducção de G. Borges d'Avellar. 1 vol........... 300

Poesias e prosas ineditas

De Fernão Rodrigues Lobo Soropita, com uma prefação e notas por Camillo Castello Branco. 1 vol....... 500

Ponson du Terrail

O sem-ventura, romance primorosamente illustrado. 2 vol............ 1$200

Henri Murger

Scenas da vida de bohemia. 1 vol. 600

O Prodigio nas salas

Manual de prestidigitação, ornado de numerosas estampas, o mais curioso e completo que se tem publicado n'este genero, por David de Castro. 1 volume........................ 600

Ramalho Ortigão

As Farpas, chronica mensal da politica, das letras e dos costumes. Cada numero.......................... 200
Em Paris. 1 vol................ 500

Soares Romeu Junior

Recordações litterarias. 1 vol..... 500

Theophilo Braga

Visão dos tempos. 2.ª edição. 1 v.. 500
Torrentes. 1 vol.............. 600
Folhas verdes. 2.ª edição. 1 vol. 600
Historia da poesia popular portugueza............. }
Cancioneiro popular....... } 4 v. 2$000
Romanceiro geral......... }
Floresta de varios romances. }
Estudos da idade média. 1 vol... 500

Tito de Noronha

Passeios e digressões. 1 vol...... 400

Vida de D. Affonso V

Escripta no anno de 1684, com um prefacio, por Camillo Castello Branco. 1 vol........................ 400

Guerra Junqueiro

O crime (a proposito do assassinato do alferes Brito). 1 vol........... 200
Victoria da França. 4 de setembro de 1870. 1 Folheto.............. 100

J. d'Alencar

O sertanejo. 2 vol............. 1$200
As minas de prata, romance. 3 v. 3$000

M. A. Alvares d'Azevedo

Obras poeticas, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros e d'uma noticia sobre o author e suas obras, por J. Norberto de Sousa Silva. 4.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 volumes in-8.º......................... 2$000

Porto: 1879 — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º ANNO 1879 NUMERO 8

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

12 NUMEROS, 500 REIS

SUMMARIO

Os contrafactores do Brazil, por M. Pinheiro Chagas. — **Da propriedade litteraria,** por Vicente Machado de Faria e Maya. — **Os criticos do Cancioneiro Alegre,** por Camillo Castello Branco. — **Sentimentalismo,** pelo mesmo.

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

1.º ANNO 1879 N.º 8

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

O folhetim que hontem publicámos, extrahido do jornal bibliographico publicado pelo snr. Chardron, e devido á penna brilhante de Camillo Castello Branco, enceta uma campanha a favor dos direitos da propriedade litteraria dos escriptores portuguezes odiosamente violada no Brazil. Acompanhamos o nosso grande escriptor na lucta justissima que enceta, e por isso reproduzimos um artigo que ha sete annos publicámos no *Echo Americano* e que trata do mesmo assumpto.

O facto a que nos referiamos n'esse artigo aggravou-se depois. Hoje a *Morgadinha* tem sido representada não setenta mas setecentas vezes no Brazil, sem que o author tivesse d'essa gloria outras informações que não fossem os annuncios e noticias dos jornaes brazileiros. Por isso elle em tempo disse, referindo-se ao snr. Furtado Coelho, não sabemos já em que jornal: «*Coelho* será elle, mas *Furtado* sou eu».

(Do *Diario da Manhã*).

OS CONTRAFACTORES DO BRAZIL

Lisboa 22 de setembro de 1872. — Ha em Portugal uma publicação, que teve o dom ultimamente de excitar no mais alto grau a cólera brazileira. Refiro-me ás *Farpas*, publicação humoristica no genero e no estylo das *Guêpes* de Alphonse Karr, escripta por dous dos mais vigorosos talentos da nossa terra. Motejaram elles, usando livremente do seu direito folhetinistico, mas conservando na phrase e no epigramma o tom delicado da boa sociedade, dos *faits et gestes* de sua magestade o imperador do Brazil durante a sua viagem na Europa. Caricaturaram-no sem o offender. Parece que em Pernambuco se respondeu a esta aggressão cortez, espancando alguns portuguezes. O facto é novo e digno da mais severa censura. O lapis de Cham e de Bertall tem caricaturado os soberanos do mundo inteiro, sem que por isso corram perigo de ser aggredidos os francezes dispersos por esse mundo, ri-se o *Punch* com o seu pesado riso britannico dos chefes de todas as nações, sem que isso redunde em desproveito das costellas dos viajantes inglezes. Saber supportar a censura é uma das primeiras qualidades dos governos que aspiram a ser democraticos e dos povos que se prezam de ser livres. Sua magestade imperial, que se não inebriou com os elogios que lhe foram feitos na Europa, não podia magoar-se de certo com a fina satyra de dous escriptores portuguezes. Invulneravel aos tiros da lisonja, não podia o imperador mostrar-se fe-

rido pelos golpes da critica. Os pernambucanos, respondendo com a sova brutal ao delicado raspão das *Farpas*, deram prova de um mal entendido fetichismo monarchico.

A desaffeição com que os nossos irmãos de além-mar olham para os desafogos humoristicos das *Farpas*, não os deve impedir de apreciar os argumentos que o ultimo numero d'essas *Nemesis à deux* emprega a proposito da tão debatida questão da propriedade litteraria das obras portuguezas no Brazil.

Junto a minha voz humilde á dos dous distinctos escriptores; ha n'isto empenhada uma alta questão moral. O tratado de propriedade litteraria no Brazil não póde ser discutido debaixo do ponto de vista diplomatico dos interesses dos contractantes, mas sim debaixo do ponto de vista muito mais elevado da probidade a que todos os povos devem prestar homenagem.

Alphonse Karr, n'uma das suas sahidas em fórma paradoxal mas que tantas verdades encobrem, pediu uma vez espirituosamente que a lei de propriedade litteraria constasse de um artigo unico: «A propriedade litteraria é uma propriedade». Essa é que é effectivamente a verdadeira formula.

A propriedade litteraria é uma propriedade, tanto pelo menos como uma propriedade artistica. Um pintor tem direito incontestavel ao quadro que pintou; porque não ha-de ter um escriptor plenissimo direito ao livro que escreveu?

O quadro tem a vantagem de não poder ser roubado senão violentamente ou industriosamente. A cópia, que se tira, tem um valor muito inferior ao quadro original, a reproducção de um exemplar de qualquer obra litteraria tem tanto valor como o exemplar primitivo. Torna isto mais facil o roubo, não o torna de certo mais justo. Se o quadro tem um valor artistico, independente do preço material da téla e das tintas, valor que todos reconhecem, e cotam n'um alto preço, claro é que o livro tem tambem um valor independente do preço do papel e da impressão, e que não é de certo pago pelo dinheiro da compra d'um exemplar. Se um sujeito brazileiro chegar ao *atelier* do snr. Annunciação, pegar n'um quadro que elle tenha acabado de pintar, e o levar tranquillamente para o seu paiz, mandando ao nosso distincto pintor o preço das tintas, o snr. Annunciação chama o larapio aos tribunaes brazileiros, os tribunaes brazileiros condemnam o larapio. Se o mesmo sujeito me roubar o fructo do meu trabalho, do meu talento, das minhas vigilias, das minhas noites de febre, mandando-me os 500 reis correspondentes ao valor de um exemplar, eu se o fôr perseguir perante os tribunaes brazileiros recebo nas bochechas uma sonora gargalhada americana!

Note-se mais uma extravagancia; se o snr. Furtado Coelho, por exemplo, distincto proprietario do theatro S. Luiz no Rio de Janeiro, que me fez a honra de me dizer em Lisboa, apertando-me a mão, e enchendo-me de elogios, que representára talvez quarenta vezes a *Morgadinha de Val-Flôr*, que eu escrevera, sem me pagar o meu trabalho, e que depois de me ter dito isso com extremos de cortezia, representou de novo a peça quasi trinta vezes, ainda sem me pagar, se o snr. Furtado Coelho pois, que me defraudou pelo menos de 1:000$000 reis, commettesse a leviandade de levar de Lisboa um exemplar da *Morgadinha* sem pagar os 400 reis que elle custava, podia eu levar o snr. Furtado Coelho ao banco dos réos, o que devem confessar que não deixa de ser singularissimo.

É pois incontestavel que todas as outras propriedades congeneres da propriedade litteraria são reconhecidas: que o pintor é reconhecido como proprietario do seu quadro, o actor como proprietario da sua voz e do seu jogo de scena, o rebequista como proprietario do seu segredo de arrancar á rebeca sons melodiosos, só o escriptor é que não é reconhecido como proprietario do seu talento. A questão não é de direito, mas de facilidade de roubo. Não se paga ao actor porque se lhe reconheça o direito de se não caracterisar e de não fallar em scena se lhe não pagarem, mas porque é impossivel roubarem-se as lagrimas ao actor dramatico, e as caretas ao actor comico. É uma propriedade inalienavel, que não se fragmenta em exemplares, e que está por tanto a abrigo da pirataria. Parece-me pois que não se trata de discutir se é ou não a propriedade litteraria digna de ser respeitada. Logo que se reconhece a propriedade artistica, a propriedade litteraria está implicitamente reconhecida, é «uma propriedade», como diz Alphonse Karr. Eu por mim acho completamente inutil, e até pouco digno entabolar com o Brazil relações diplomaticas para se fazer um tratado de propriedade litteraria. Não somos nós n'isso os mais interessados. Se padecemos nos nossos lucros legitimos, o Brazil padece mais

porque padece na sua honra. Eu por mim diria simplesmente: «A violação da propriedade litteraria, sendo violação de uma propriedade, é um roubo». E, dizendo isto, Portugal nada mais tem a dizer. O Brazil que proceda livremente, que elimine ou não das suas leis a sancção da pirataria, que proteja ou não com a sua bandeira os corsarios que nos salteiam, e que, digamol-o para vergonha nossa, são quasi sempre portuguezes abrigados á sombra da bandeira auri-verde. E' uma questão de pundonor e não de diplomacia.

PINHEIRO CHAGAS.

PUBLICAÇÕES RECENTES

Revista de Coimbra. Director, dr. Corrêa Barata. É um periodico todo amenidades, redigido por escriptores novos, mas já distinctissimos.

Boletim de bibliographia portugueza. É dirigido pelo snr. Annibal Fernandes Thomaz, versadissimo n'estas materias de archeologia litteraria. Estão publicados cinco numeros.

O ultimo cavalleiro, romance historico, original do snr. A. M. da Cunha e Sá. Ediç. illustrada. 1879. Empresa Horas Romanticas. É uma historia portugueza do seculo XV; denota vasto estudo da época e da lingua; enreda com muita habilidade, e parece um anachronismo, uma resurreição espantosa n'estes nossos dias da natureza núa.

Les colonies portugaises, court exposé de leur situation actuelle, par M. de B. Lisbonne, 1878, 8.º As iniciaes pertencem ao snr. M. de Bulhões, escriptor proficientissimo n'estes assumptos e já muito conhecido em outros de mais suave leitura.

Os brazões portuguezes (Jornal heraldico), por A. M. Seabra d'Albuquerque. Coimbra 1879. Contém o brazão de appellido de *Cacheiro* e o de appellido de *Machado*. Pelo que respeita ao primeiro, notam-se incorrecções com referencia a *Thomé Cacheiro* que é *Thomaz*. O snr. Seabra nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real*, testamento de D. Antonio, e peças subsequentes encontra, se quizer, noticias de *Thomaz Cacheiro*, vedor da casa do principe D. Christovão, filho de D. Antonio. No que respeita á historia do Prior do Crato, D. Sancho d'Avila não era o commandante na batalha de Alcantara. Sancho d'Avila era subalterno. O general era o duque d'Alba ou d'Alva. D. Antonio não passou do rio Lima para França. Embarcou em Setubal. Estas sombras não desbrilham a muita luz que dão estes estudos do snr. Seabra.

Phototypias do Minho, por José Augusto Vieira. Porto, 1879. *As arrecadas de Rosinha*, primeiro romance e unico que ainda lêmos, tem merecimento não vulgar. É da escóla naturalista, e naturalissimamente pinta os quadros da vida campesina do Minho.

Historia do marechal Saldanha, por D. Antonio da Costa. Tomo primeiro. Com um excellente retrato, Lisboa, 1879. Apenas por emquanto accusamos a recepção d'este livro. O nome que o authorisa é de um dos melhores entre os mais distinctos e proveitosos escriptores portuguezes. É um assumpto de melindre; e por isso mesmo de molde para a nobreza de um espirito que se allia a uma poderosa intelligencia.

Farpas. T. III da terceira serie. Sempre na altura do culto e faceto espirito do snr. Ramalho Ortigão. Prova que os cardeaes são caranguejos crús, contra a definição do Moraes que os dá, os caranguejos, como vermelhos antes de cozidos. Tem paginas de verdade incontestavel pregadas como causticos na memoria de D. João V — aquelle asno real, colossal, com as colossaes lascivias do onagro que enviezasse o beiço ás auras olorosas de maio pelas charnecas de Odivellas. O snr. Ramalho podia acrescentar á lista das miserias d'aquelle reinado que em Portugal, no tempo de D. João V, não houve um pintor, um retratista. Elle quiz possuir a vera effigie de uns personagens da sé patriarchal e não teve quem lhe immortalisasse na tela a cambada. Teve de recorrer a um abbade Apparicio, curioso que estivera em Roma, e ainda assim só os pôde apanhar em pastel. Não sei se ainda existem estes pasteis. É provavel que os engulisse o terramoto de 1755 para vingar a arte. O snr. Ramalho Ortigão tambem não deixa de ser um terramoto vingador. O tosão d'ouro, o chapéo cardinalicio, a casa de hospedes em familia, tudo a terra! *L'assommoir!*

*

DA PROPRIEDADE LITTERARIA

O *Instituto* de Coimbra é o primeiro periodico do reino, em sciencia e litteratura. Fóra do meio em que tem florecido, em estufa, pela dedicação extremosa de alguns filhos da Universidade, aquelle precioso archivo de conhecimentos é pouquissimo conhecido. Nas terras provinciaes onde chegam noções de litteratura, grassa o preconceito de que os mananciaes da moderna sabedoria, ou se abrem no Chiado ou alli por perto. Periodicos litterarios que não venham carimbados da côrte como os chapéos de M.me Aline ou da snr.a Marcos Fernandes, da travessa de Santa Justa, não penetram nas toilettes intellectuaes da gente que faz nas provincias algum exercicio cerebral. De Coimbra então não se lê nada que tenha odor dos geraes e da Minerva, aquelle escandalo de pedra, para lhe não chamarmos pedra de escandalo. Propriamente os bachareis que d'alli golfam annualmente como varejeiras de bogalho para se pascerem na res publica avariada e com bafio, esses mesmos sahem tão enjoados das cousas, das letras, da tia Maria Camêla, do Instituto, da cabra, dos lentes, da capoeira enorme da ponte, de tudo aquillo que reçuma troça, cólicas, pandega, latas, fados, canalhismos de arruaças, conflictos de futricas com vadios de batina e calças rotas que valem menos — tudo isto, que o bacharel deixa após si, é uma recordação que o envergonha. E, passando a esponja por sobre os perfis grotescos do seu passado, o filho da Universidade nem sequer traz comsigo uma collecção do *Instituto* cuja leitura intelligente vale mais que um capêllo. Raros exemplares se deparam d'aquelle magnifico periodico nas provincias, apesar de offerecidos por baixo preço nos armazens da assembléa litteraria por conta da qual se publicam. No volume XIII escreveu o snr. Vicente Machado de Faria e Maia ácerca *da propriedade intellectual.* É um vasto estudo condensado em tres artigos que não deviam para alli ficar inuteis, esquecidos. Faz tristeza pensar na curta vida dos esforços de estudos representados por escriptos valiosissimos que ninguem conhece! Tantos moços applicados a enriquecerem aquelle repositorio que para alli jaz em rimas de mau papel desafiando a traça, e resistindo corajosamente ás seducções das mercearias do Bairo-Alto! Pois esses artigos do snr. Faria e Maia vamos nós, em parte, trasladal-os para esta «Bibliographia» pedindo á imprensa lida, aos jornaes que orientam a opinião publica, que os leiam e reproduzam afim de insinuarem na consciencia dos legisladores que o trabalho da intelligencia é uma propriedade.

Camillo Castello Branco.

O snr. Maia expende o que seja o direito de possuir, em geral, e derivando á especialidade dos seus artigos, escreve:

Entre as questões sociaes mais controversas avulta a da propriedade intellectual. Os mais peregrinos engenhos tem esgrimido argumentos mui contradictorios ácerca d'esse momentoso assumpto, que captiva as attenções dos primeiros vultos litterarios do nosso seculo.

....

Não é esta uma d'essas questões historicas, que nos apparece coberta pelo gelo dos tumulos e envolvida pelas trevas mysteriosas do passado; anima-a o calor da vida, o ardor das paixões, o amor da justiça, da sciencia, das letras e das artes, e aviventam-na as mais nobres aspirações dos espiritos, que illustram este seculo, e hão-de esclarecer o futuro vicejante de esperanças.

E como tôe bem dentro no coração do poeta e do artista, tambem não sôa mal á intelligencia do sabio ou á curiosidade do erudito; nem perde do seu valor, fóra do pó das bibliothecas ou das discussões das academias.

....

Seguem uns a opinião de que a propriedade intellectual é a mais sagrada das propriedades, alguns de que é uma propriedade *sui generis*, que deve ser restricta em relação ao tempo da sua duração, e outros, finalmente, de que é apenas um privilegio, concedido pela lei, para animar os trabalhos intellectuaes.

Para tomar na devida consideração opiniões tão encontradas, releva-nos cavar mais fundo com o discurso, para descobrir as bases em que se funda a propriedade.

Theorias mui contrarias se tem aventurado para justificar a propriedade. A primeira, pela ordem chronologica e pela fraqueza dos argumentos, em que se estriba, é a que a fundamenta na occupação.

A occupação é um facto material, dependente do acaso, e que por isso não póde justificar a propriedade. Invocar a occupação, para basear n'ella a propriedade, é concordar em que, se uns poucos de individuos occupassem todo o globo, deveriam ficar sendo seus unicos proprietarios, com exclusão odiosa dos outros. Demais, se ella fosse a unica razão de ser da propriedade, actualmente, que se não conhecem mais terrenos a occupar de novo, cessaria sua justificação.

Essa theoria, que logra fóros de antiga, com o volver dos annos foi substituida por outra, que fixou no trabalho a origem do direito de propriedade.

A' luz esplendida do christianismo surgiu essa theoria, filha das idéas espargidas pelo Evangelho. O trabalho, que as doutrinas christãs nobilitaram, tornou-se, aos olhos dos philosophos modernos, essencial para a occupação constituir o direito de propriedade. A força bruta dos seculos passados succedeu a do espirito, e com ella a necessidade de forrar os direitos do homem do poder, do acaso e do dominio da materia, e de os assentar n'uma lei constante e racional.

Essa theoria, porém, a nosso vêr, não apresenta as razões justificativas da propriedade; por isso que por ella se provaria que um só individuo, que transformasse um contiuente, estava no seu direito de tornar a vida dos outros homens dependente da sua vontade, e não se explicariam os motivos por que as crianças, os velhos, os enfermos e os invalidos possuem aquelle direito.

O trabalho, pelo qual o homem transforma os objectos, e lhe imprime o cunho da sua personalidade, é sobre maneira respeitavel; mas não passa de um meio de adquirir a propriedade, e carece para se effectuar que o individuo que o exerce seja já proprietario.

Após essas theorias succederam as que fundamentaram a propriedade na lei ou na convenção. Alguns escriptores, convencidos de que um acto individual não era sufficiente para constituir da parte dos outros a obrigação de respeitar a propriedade, entenderam que o seu fundamento só se podia encontrar em actos, que tivessem a força de crear obrigações geraes.

A lei ou a convenção, porém, não podem ser um principio de direito; porque ellas variam com o tempo, as nações, os paizes, os costumes, a civilisação, os caprichos dos principes ou dos povos, e a justiça é absoluta, superior ao tempo e ás vicissitudes politicas, e independente da vontade de um maior ou menor numero de individuos, quer esta se revele por um contracto, quer por um outro meio. As leis, pois, que regem a propriedade, longe de serem o seu fundamento, devem moldar-se pelas razões que a abonam, a fim de serem justas e conformes com a philosophia.

A razão de ser da propriedade não está na occupação, no trabalho, na lei ou na convenção; mas na natureza limitada do homem, que necessita para cumprir a sua missão de lançar mão das cousas exteriores, que o podem auxiliar. A essa causa geral, que tanto justifica a propriedade commum como a particular, acresce uma outra, que é o titulo defensivo d'esta ultima.

A personalidade humana manifesta-se desde o alvorecer da vida social. Nas suas primeiras épocas, porém, jaz em

grande parte esmagada pelo despotismo das castas ou das dynastias; mas tanto que a aurora da civilisação assoma, e as luzes se vão diffundindo, ella brilha com mais vivo esplendor. É então que a propriedade se começa a considerar como uma parte integrante do individuo, indispensavel para elle se desenvolver como sêr livre, e tão sagrada como a sua personalidade, de que ella é complemento. É que o respeito pela liberdade só nasce em corações abertos para o amor pela poesia, pela sciencia, pela religião e pelos costumes pacificos das sociedades illustradas.

A propriedade individual e a liberdade são duas cousas correlativas, e que se auxiliam mutuamente. Sem a propriedade o homem escravisa-se pela força das necessidades, e pela acção lenta e irresistivel da miseria, e as suas faculdades annullam-se pelo habito da dependencia, e pela falta de iniciativa. É que para crear sêres livres, em quem só impere a razão e que obedeçam aos seus dictames, é mister dar-lhes o direito de grangear pelo trabalho ou por outro qualquer meio licito o complexo de cousas necessarias, para satisfazer ás exigencias sempre crescentes da vida social, e ás aspirações mais nobres do coração e do entendimento. Negar-lhes esse direito é condemnal-os a serem escravos da ignorancia, da indolencia e dos caprichos dos mais fortes, ou dos que possuem uma vontade mais imperiosa.

A propriedade tem, portanto, a sua base nas necessidades do homem e no direito que lhe assiste para se não invadir a esphera juridica, dentro da qual lhe deve ser dado obrar á lei da sua vontade, para alcançar o seu fim social.

Dadas essas razões justificativas do direito de propriedade, vem a ponto examinar se ellas valem para defender a propriedade intellectual.

Como levamos dito, é o trabalho o titulo mais nobre de adquirir fortuna e o meio mais proprio para colher flôres primorosas e fructos sazonados.

O negociante, que moureja riquezas, o industrial, que se afana nos trafegos da sua arte, e o agricultor, que abre o seio á terra, para lhe lançar o grão, de que ha-de brotar vegetação florescente e fructifera, tem direito incontestavel a que, em premio dos serviços que prestam, se lhes garanta a propriedade das suas producções; mas o homem de genio, que enriquece as artes com uma nova descoberta, o sabio, que, encanecendo na investigação das leis da natureza, descortina os seus segredos, e o poeta, que canta os sentimentos mais nobres do coração humano e os feitos historicos dos heroes da sua patria, por ventura merecerão menos que se lhes conceda a propriedade das suas obras?

Por ventura o poeta, o artista, o sabio, com serem espiritos mais altos, deixam de ser homens, e de terem as necessidades que lhes são inherentes? Acaso a altivez, a isenção e a hombridade, que é natural ao genio e ao talento afeito ás mais altas concepções, torna-os mais proprios para soffrerem as privações da pobreza e as humilhações da miseria?

A propriedade intellectual, como acabamos de vêr, apresenta os dous caracteres principaes de toda a propriedade; e por isso não é nem se póde considerar um privilegio. Para que ella subsista, ha a necessidade da parte do productor das obras intellectuaes e a sua personalidade, que reclama o respeito pelos actos que elle pratíca dentro da sua esphera juridica.

O privilegio não é mais do que uma concessão arbitraria e abusiva da propriedade alheia; ora a mais leve reflexão mostra-nos que, por se permittir a um artista ou escriptor o direito de gozar os lucros da sua obra, não se lhe concede um privilegio; visto que elle grangeou esse direito, por um titulo tão justo como aquelle por que o agricultor alcançou a propriedade da sua producção.

Comtudo escriptores de grande nota consideram que as producções da intelligencia differem em muito das outras. Dizem elles que não ha propriedade intellectual, porque as idéas e as verdades são do dominio publico, como o ar que se respira. Verdade é que as idéas que servem, porque assim o digamos, de materia prima das obras intellectuaes, pertencem a todos; todavia, não são ellas que constituem essas obras, que se formam pela combinação das ideaes, e pelo desenvolvimento das verdades e dos principios das sciencias e das artes. Demais esse argumento, se fosse attendivel, alcançaria aniquilar todo e qualquer genero de propriedade, filha do trabalho; pois o industrial, nos seus lavores, não deixou de lançar mão das forças da natureza, para formar as maiores maravilhas da sua arte, e o agricultor nas lidas da lavoura, nada mais faz do que aproveitar-se das mysteriosas

combinações que se operam á flôr da terra, ou nos mais profundos abysmos do seu laboratorio, tão vasto como prodigioso. Vistas, portanto, as cousas a esta luz, poder-se-ha avançar que existe grande differença entre a propriedade material e a intellectual?

De certo que sim. Entre esta e aquella propriedade vai grande differença; que o mechanico toma em mão dos elementos naturaes, para lhes dar uma nova feição, e d'est'arte projectar o cunho da sua personalidade no dominio das cousas exteriores, mas não identifica comsigo esses elementos, não os torna uma parte intima do seu sêr, como o artista, o sabio e o poeta, que antes de dar uma fórma aos seus trabalhos, tem de assimilar idéas e sentimentos, e de afeiçoar o seu espirito por um modo proprio para poder produzir as obras, cuja propriedade se lhes contesta.

Como se poderá, portanto, duvidar da propriedade intellectual? Como suppôr que as producções do espirito, d'esta parte divina do nosso sêr, d'esta substancia imperecivel, que nos anima, são menos nossas do que o artefacto que fabricámos, do que a flôr que creámos, do que a perola que colhemos no fundo do oceano? Por ventura Camões, phantasiando as suas obras nos sonhos magicos do amor, na solidão melancolica dos vastos mares, nas paragens loginquas que percorreu, nas horas saudosas do crepusculo, e nos momentos em que se achava mais isolado do mundo exterior, não completou trabalhos tão seus como a mão que os traçou, o sentimento que os inspirou, e a imaginação que os idealisou?!

Acaso os seus *Lusiadas,* em que elle revelou os mais puros sentimentos de amor patrio, em que gravou em letras de ouro os mais altos commettimentos de nossos maiores, e immortalisou os seus feitos heroicos, traçando, com mão de mestre, o quadro maravilhoso das suas victorias, não valem mais do que as obras mais primas da industria, as flôres mais exoticas e mimosas e as mais raras preciosidades do rico Oriente?

Por ventura a poesia, que eleva a alma para as mais altas regiões do mundo moral, e para as aspirações infinitas do amor ideal, não presta serviços immateriaes tão superiores aos materiaes, como a alma ao corpo, o sentimento á sensação?

Negar, pois, a propriedade intellectual é commetter um anachronismo imperdoavel, é cahir no erro dos antigos economistas, que consideravam sem valor os serviços immateriaes.

Alguns escriptores, reconhecendo a grandeza d'esses serviços, notam que elles são impagaveis, e que, portanto, não podem dar a quem os presta direito de adquirir uma propriedade. Dizem mais que colher fructos dos trabalhos intellectuaes é aviltar o talento e degradar as mais mimosas flôres da alma.

Estamos de accordo com esses escriptores sobre a relevancia de tamanhos serviços, mas temos para nós que é estranha cousa concluir que elles, por mui valiosos, devam ser gratuitos. Serviços como os de Camões não se pagam. Thesouros e mercês honorificas não valem para os premiar. A gloria, essa immortalidade do homem sobre a terra, essa corôa de estrellas, que brilha através dos seculos, com as mais vivas côres, essa divinisação do homem na memoria das gerações vindouras, é o unico premio que póde galardoar o genio: comtudo será isso motivo para o reduzir á miseria, negando-lhe a propriedade do seu trabalho?! Por ventura, não ha conquistar uma corôa de louros sem se lhe enlaçar uma corôa de martyrios?!

A missão do poeta, do artista e do sabio é mais nobre e mui outra da do homem de negocios, do industrial e do simples mecanico; mas nem por isso é razoavel suppôr que elles mareiam a sua dignidade, por procurarem viver pelo seu trabalho.

Outr'ora viam-se homens como Mozart entrarem no serviço de um arcebispo como seus criados; hoje, mercê de Deus, o trabalho forra-os d'essas humilhações, e nobilita-lhes o caracter, elevando-os aos olhos do mundo. Ainda mal, porém, actualmente, espiritos tão esclarecidos como Louis Blanc dizem «que não só é absurdo declarar o escriptor proprietario da sua obra, mas tambem é absurdo propôr-lhe como recompensa uma retribuição material. Rousseau copiava musica para viver, e compunha livros para instruir os homens. Tal deve ser a existencia de todo o homem de letras, digno d'esse nome. Se elle é rico, que se dê á cultura do seu espirito, que bem o póde; se é pobre, saiba combinar os seus trabalhos litterarios com o exercicio de uma profissão, que lhe sirva para acudir ás suas necessidades».

Na verdade, estranha linguagem é essa! Quer-se que o homem de letras exerça o seu culto por puro amor, sem

a mais leve idéa de interesse e sem a mais ligeira preoccupação do futuro. O militar, o magistrado e o sacerdote hão-de receber uma renda, pelas funcções que desempenham, e o escriptor publico ha-de trabalhar só pelo progresso das sciencias e pelo amor das artes!! Que utopia!! Se todos, que se dão ás lides da intelligencia, possuissem uma boa fortuna, facil seria realisar-se esse sonho dourado, mas, por mal nosso, os homens de talento nem sempre são Cresos, nem sempre tem arcas atulhadas de ouro. Como, pois, hão-de elles satisfazer ás necessidades da vida?! Como Rousseau, diz o illustre escriptor. Quem não preferirá, porém, vêr um author afanar-se como Béranger, para ganhar com que alimentar a sua familia, a vêl-o como Rousseau envilecer-se, lançando os seus filhos na roda, por não ter com que os crear?

Quem deixará de respeitar Béranger, o caracter honesto, o poeta nacional e o cantor popular da França, e de olhar com certo desprezo para o coração desnatural de Rousseau, o romancista philosopho, o philosopho democrata e o democrata eloquente? Por ventura a dignidade de Rousseau não se elevaria mais, se elle se não aviltasse a engeitar os filhos, e os alimentasse com o producto dos seus trabalhos litterarios?

Do que levamos dito é de vêr que a propriedade intellectual, para nós, é a mais sagrada das propriedades. Deverá, porém, ella ser perpetua e transmittir-se como herança?

Para nós não ha hesitar um momento que se deve responder a essa interrogação pela affirmativa, pois não deparamos com razões que valham para se tratar aquella propriedade com menos favor do que qualquer outra. Comtudo, como philosophos tão abalisados como os snrs. Seabra e Ahrens tem conhecido a propriedade intellectual, sem admittirem a sua hereditariedade, por isso nos deteremos a apresentar os argumentos em que estribamos a nossa opinião.

Em verdade, enleia-nos sobremaneira ter de contrastar as idéas de um espirito tão alto como o snr. Seabra. Vendo que a opinião de um dos nossos primeiros jurisconsultos differe da nossa, receamos que as idéas, que emittimos, sejam recebidas como utopias de mancebo assás presumido de si para contrariar as idéas dos homens encanecidos nas lides do fôro, da sciencia e da politica. Ousamos, porém, fazel-o, porque entendemos que, n'um paiz livre, corre a todos mui estreita obrigação de pugnar pela imprensa contra os projectos de lei, que se lhe antolham injustos.

Veneramos os homens, que, como o snr. Seabra, se tem coberto de gloria, levando ao cabo trabalhos tão momentosos, como o seu projecto do Codigo civil; mas tambem entendemos que a grandeza de uma obra d'essas não póde vedar a critica de apontar uma ou outra disposição, em que ella julga divisar doutrinas sociaes pouco orthodoxas.

Anima-nos tambem a combater o artigo 668 do projecto do Codigo civil a opinião de outros escriptores de primeira plana, em cuja authoridade nos podemos escudar.

Levados por essas considerações, esforçar-nos-hemos por provar que a limitação, feita á duração da propriedade intellectual pelo artigo 668 do projecto do citado Codigo, é injusta e anti-economica.

Os escriptores que tem defendido a limitação da propriedade intellectual dão as seguintes razões:

As invenções do artista, as theorias do sabio e as phantasias do poeta, notam elles, não nasceram só da sua intelligencia ou imaginação; antes d'ellas surgirem no seu espirito, já existiam em germen no meio social, em que elles beberam os principios com que as crearam e as inspirações com que se engrandeceram, e por isso devem as suas producções volver ao dominio da sociedade, que é a sua mãi commum. Valendo, porém, esta argumentação, toda a propriedade, filha do trabalho, deveria igualmente passar para o poder da sociedade; porque não ha encontrar uma só, cujos elementos constitutivos, mais ou menos remotamente, se não originem da vida social.

Dizem, tambem, que conceder á propriedade intellectual uma duração illimitada é instituir morgados litterarios, cujos effeitos serão tanto mais nocivos que os dos outros, quanto são mais para se temer os monopolios das riquezas que formam o espirito, do que os das que alimentam o corpo.

Esses authores receiam que os filhos ou netos dos homens de letras levantem em extremo o preço das suas obras, ou as furtem á circulação; privando d'est'arte a sociedade das luzes, que ellas devem projectar no mundo intellectual.

A primeira das razões, que acabamos de apontar, é realmente esdruxula; pois o capitalista, o senhor do sólo não póde obrigar-se a ceder direitos, de que o poe-

ta, o sabio e o artista devem ser desapossados pela lei?!

Pois o homem de estudo, que carece de uma longa aprendizagem, que tem de consumir annos e cabedaes avultados, para desenvolver as suas faculdades, hade ter menos direito a transmittir aos seus filhos a sua propriedade, do que o proprietario da mais vil mercadoria?!

Pois as obras primas de uma nação, que são a sua primeira riqueza, o mais notorio indicio da sua civilisação, o monumento que a torna mais veneravel, o symbolo das idéas que ella representa e dos sentimentos que a animam, hão-de grangear aos seus authores menos direitos á consideração da sua patria do que os serviços prestados pelo ultimo dos seus concidadãos nos trabalhos mechanicos da lavoura ou da industria?!

Invocam-se os interesses da instrucção publica, a fim de se justificar essa injustiça. Mas por ventura haverá interesses que valham para se desprezarem direitos sagrados? E esses mesmos interesses realmente subirão de ponto com a limitação da propriedade intellectual? Não o acreditamos, que temos para nós que toda a limitação d'esse direito no tempo ou no espaço dá em resultado abaixar-se ou restringir-se a qualidade ou quantidade das obras intellectuaes.

As obras mais distinctas, aquellas que mais primam pela idéa, pelo sentimento e pelas mais mimosas flôres da poesia e do estylo, não se compozeram em breve tempo ou com leve trabalho. Levaram annos e annos da vida do seu author, fizeram-no compulsar bastantes volumes, e foram o fructo de muitas vigilias. A inspiração, que as animou, não nasceu n'um só instante; com os esforços do estudo e as emoções da vida penetrou pouco a pouco no seu animo, e d'ahi se filtrou para as suas obras, imprimindo n'ellas o pensar e o sentir intimo do seu author, e deixando ahi espalhadas imagens mui vivas da sua existencia passada.

Esses trabalhos, que mais do que nenhuns outros formam parte do espirito do seu author, que lhe custaram tantas fadigas, que o trouxeram por largo tempo indeciso ácerca da gloria que lhe grangeariam, hão-de offerecer-lhe, com a limitação da propriedade intellectual, lucros menores do que aquelles que poderia alcançar, escrevendo com menos desvelos e dando-se maior pressa.

As obras primas nem sempre são bem acolhidas por todos. Ás vezes a maioria dos homens não as entende, e o circulo intellectual, que as saboreia, é assás limitado. É mister que os annos volvam, para ellas deixarem lucros aos seus authores.

Os livros de sciencia, que mais brilham por novas luzes, os poemas, cujos cantos mais se sublimam, nem sempre deparam com tamanho numero de leitores, como muitas obras mais vulgares pela idéa e mais baixas pelo sentimento, e por isso é-lhes indispensavel um espaço de tempo mais longo ou um mercado mais vasto, para darem lucros aos seus authores.

Abrir pois novos mercados ás obras intellectuaes, e perpetuar a sua propriedade é concorrer para a prosperidade das letras patrias, animando a feitura de obras primas. D'outra sorte os melhores engenhos dar-se-hão a misteres, que não são tão conformes com as suas inclinações, e perder-se-hão muitas riquezas naturaes, ou entregar-se-hão a trabalhos futeis, com que nem as sciencias se esclareçam, nem as artes se elevem.

Aqui vem a ponto citar Jobard, a fim de corroborar o que levamos dito com os factos que elle refere.

«A historia da contrafacção, diz Jobard, uma das grandes explorações da Belgica, nos servirá para demonstrar a marcha que seguem, ou que devem seguir certas industrias, entregues á livre concorrencia.

Nos primeiros tempos da fundação do reino dos Paizes Baixos, o ardor da reimpressão (alcunha honesta da contrafacção, inventada pelo maior contrafactor belga) era tão vivo, que todo o mundo se queria metter a reimprimir. Criados, operarios, camponezes, que apenas sabiam soletrar, largavam os seus trabalhos, para manejarem o componedor ou a imprensa. Era um espectaculo digno de se vêr! reimprimia-se tudo, até a grande obra do Egypto, e tudo de graça.

As fabricas de papel e fundição dobravam e triplicavam o seu pessoal. Um volume de medicina, de direito ou de litteratura chegava de Paris, e logo um editor se apoderava d'elle; o seu calculo fazia-se depressa, mil volumes serão para a Belgica, e mil para os outros paizes, depois tratava de os reimprimir. A sua operação seria excellente, se elle fosse só; mas vinte e cinco concorrentes faziam no mesmo dia e á mesma hora o mesmo calculo; assim offereciam cincoenta mil exemplares a um publico, que não podia consumir senão dous mil; as consequencias d'uma offerta tão supe-

rior á procura eram quebras sobre quebras, ficando muitos empresarios arruinados, fugindo outros e despedindo os seus operarios. Tanto é certo que até o roubo carece de organisar-se para dar bons resultados».

Todos esses factos que acabamos de citar provam exuberantemente que a falta de respeito pela propriedade intellectual torna os livros relativamente mais caros e peores.

Falla-se em instrucção publica, deseja-se que ella se desenvolva, anhela-se por levar ás ultimas camadas sociaes os seus influxos beneficos, e nega-se aos authores a garantia da sua propriedade!!! Realmente, isto é uma contradicção flagrante; pois, por ventura, espera-se fazer baixar o preço dos livros, tornando os lucros dos seus editores mais duvidosos? Não é, pelo contrario, mais natural que o seu preço suba com estes riscos, como os juros dos capitaes mutuados, que são tanto mais caros quanto menos seguras são as hypothecas que os garantem? Não é isto mesmo o que tem succedido em França, onde as obras de Balzac, de Alexandre Dumas e de outros authores diminuiram de preço, porque os seus editores possuem a sua propriedade, por um largo espaço de tempo, e podem obter uma tiragem de maior numero de exemplares, sem temerem a contrafacção, e sem recearem que ella lhe cause os prejuizos que se verificaram na Belgica?

A injustiça de se não admittir a hereditariedade das obras intellectuaes torna-se mais palpavel, reflectindo-se na sorte da maior parte dos grandes inventores. Muitos d'estes espiritos de eleição sacrificam á realisação de uma idéa, que enriquece milhares de individuos, saude, vida, fortuna e esperanças para suas affeições mais caras.

Que dôres pungentes não dilaceraram o coração de Thomaz Grey, o inventor immortal dos caminhos de ferro, que opulentam os povos civilisados, que estreitam as suas relações, que apertam os laços de amizade, e que os esclarecem pela communicação de idéas e sentimentos!

Esse espirito soberano pelo genio e pelos infortunios luctou vinte annos com as maiores adversidades, despendeu em experiencias a sua fortuna e o dote de sua mulher, e só viu realisar a sua idéa, depois de estar completamente arruinado, e de haver perdido o direito que tinha sobre essa descoberta, cujos effeitos são incalculaveis.

Viu-se esse homem, tão illustre como infeliz, fazer-se vidreiro, e com um taboleiro de vidros ás costas contemplar o fructo do seu genio, que encerrava em si o principio de tantas riquezas, e que para elle fôra a causa de perder a sua fortuna e a de sua mulher e filhos, e ouviu-se-lhe dizer com mui singular accento de exaltação e melancolia: — Eu tinha razão.

Infortunios como os de Grey não são raros, que as descobertas, que mais se avantajam pelos serviços que prestam á humanidade, encontram quasi sempre maiores estorvos. Os interesses creados, o espirito da rotina, o aferro ás velhas usanças são outros tantos motivos, que obstam ao seu triumpho e levantam montes de difficuldades ante os homens de genio. Em geral os inventores vulgares correm por um mar de rosas, em quanto os mais altos espiritos da humanidade se vêem engolfados nas ondas temerosas de um oceano de horrendas procellas.

O author de um botão de luvas ganhou 60:000 francos, o de um alfinete de gancho 70:000, o de uma mola de fechar *porte-monnaies* 50:000, em dous annos, em quanto Grey e muitos outros homens da sua esphera empobreceram por causa das suas descobertas, e só as viram dar bons resultados, quando já não tinham direitos sobre ellas.

Não fallarão, portanto, bem alto esses exemplos para calar no animo de todos a necessidade de se reconhecer a hereditariedade da propriedade intellectual, como uma indemnisação do trabalho do homem de genio, ou antes como um direito sagrado?

O reconhecimento d'esse direito não será, tambem, um meio de animar os trabalhos de maior vulto, e de evitar que o premio da producção seja em razão inversa da sua utilidade?

A experiencia dos povos falla igualmente em nosso favor, com bastante eloquencia. As nações progridem na razão directa da protecção, com que se tratam os productores das obras intellectuaes. Assim na Inglaterra, em que se lhes concede por mais tempo a sua propriedade, a industria caminha na vanguarda da civilisação, em quanto na Turquia, em que as leis só os livram de serem empalados, não ha progresso industrial ou artistico, e os seus habitantes vivem na indolencia e debaixo do imperio da miseria.

Do que ahi deixamos dito se vê a admiravel conveniencia, com que os interesses humanos se casam com a justiça,

e a maravilhosa harmonia, com que a sciencia economica se enlaça intimamente com a philosophia do direito.

Em face d'essas idéas, não podemos acabar de entender como o snr. Seabra, espirito tão afeito á justiça como dado aos estudos sociaes, não considera a limitação da propriedade intellectual como uma verdadeira violação dos direitos mais sagrados.

Pois ao mimoso da fortuna, que viu a luz do dia entre sêdas e damascos, e a quem os gozos da riqueza sorriam desde o berço, ha-de permittir-se legar a seus filhos os seus cabedaes; em quanto ao homem de genio, que desde o alvorecer da sua vida se afanou por uma idéa, que por ella sacrificou haveres, estado, vaidades do mundo, prazeres da mocidade, e remanso de uma vida descuidada, não se ha-de conceder deixar aos seus filhos os seus trabalhos, que foram o fructo de grandes lides, e lhe pungiram o coração com espinhos dilacerantes?!

Realmente admira-nos que o snr. Seabra não reconheça que os serviços immateriaes devem ter as mesmas garantias de serem recompensados que os materiaes, por isso que sendo s. exc.ª author de uma obra de tanta monta, como é o seu projecto do Codigo civil, melhor do que ninguem deve saber as difficuldades com que o genio lucta, para levar ao cabo uma obra d'essas, as adversidades que lhe estorvam o trabalho, as duvidas e incertezas que o amarguram, e as contrariedades com que se acha a braços, para realisar as suas idéas.

N'este nosso seculo, em que tanto se accusa a presente geração de se curvar ante o vello d'ouro, e de se ir após ella, como se só ahi deparasse com a felicidade, não seria muito para desejar a creação de um novo poder attractivo, para onde os espiritos se inclinassem, e ante quem se dobrassem, como diante de uma outra potencia mais nobre e elevada? Não seria este alvitre um excellente meio de refrear o desejo ardente de enriquecer depressa, que devora tantas almas e as despenha na voragem das paixões ruins, nas commoções violentas dos jogos do azar, nas empresas arriscadas e perigosas, e nas explorações litterarias de obras immoraes, que só fallam aos sentidos, revestindo o vicio com as côres da virtude, e cobrindo as suas chagas asquerosas com as flôres da poesia e do estylo?

Se em lugar de se dizer F. é rico, porque seu avô era um grande morgado, um negociante opulento, um usurario repellente, ou um falsario infame, se disser F. é rico, porque seu avô era um homem de genio, que nobilitou o seu nome e engrandeceu a sua fortuna pelas suas obras, muitos que, actualmente, olham com desprezo para o talento, hão-de respeitar esses homens imaginarios, visionarios sublimes, que hoje só lhes inspiram compaixão.

Os antagonistas da perpetuidade da propriedade intellectual recordam que não ha nada mais facil do que uma obra de nota cahir nas mãos de um proprietario, que seja inimigo das idéas propagadas n'ella, e cujos principios o levem a intentar a sua aniquilação. N'um jornal francez, *o Seculo,* Mr. Texier, defendendo a opinião que combatemos, aventou a reflexão seguinte: «Imaginai os setenta volumes de Voltaire nas mãos de um proprietario, que os cedesse aos jesuitas, e dizei-me se Voltaire não seria expulso do mundo, reduzido a cinzas e sepultado para sempre». Mais abaixo, n'esse mesmo artigo, acrescenta Texier: «Com que direito se ha-de obrigar o proprietario das obras de Voltaire a reimprimir uma nova edição, quando a antiga estiver esgotada?»

O illustre escriptor, que acabamos de citar, não sabe o direito com que a sociedade fará reimprimir uma obra! Facil, porém, lhe seria deparar com esse direito. Na propria cidade, que habita, em Paris, n'esse emporio das sciencias e das artes, está elle em prática contínua, e se tem exercido milhares de vezes para tornar essa cidade, tão de encantos, ainda mais convidativa e seductora. A razão, que abona as expropriações, por utilidade publica, não se poderá applicar á propriedade intellectual, a fim de se alcançar, por meio de expropriação e mediante a competente indemnisação, uma nova edição de uma obra, cuja reimpressão se deseja?! Que motivo haverá para usar da expropriação, para com as outras propriedades, e não a pôr em prática com esta?! Nenhum de certo. Porque não se substituirá, pois, a disposição do art. 668 do projecto do Codigo civil, por uma outra, que determine a expropriação das obras intellectuaes, cujos proprietarios deixassem de as publicar, sendo ellas de reconhecida necessidade? Assim conciliavam-se os principios da justiça com as exigencias sociaes, e não se privavam os individuos de direitos sagrados, sem previamente se indemnisarem.

Muitos, porém, dirão que é tolher o desenvolvimento de um povo aguardar a expropriação, por utilidade publica, para se reimprimir uma obra. Temer-se-ha, por ventura, que, dominando uma facção politica inimiga de certas obras, ella as condemne á aniquilação, não decretando a utilidade da sua publicação, e negando-lhe d'esta arte a publicidade, por que anhelam os seus adversarios? Não suppômos que entre um povo de homens livres, que as luzes da civilisação alumiam, se pratiquem factos d'esses. N'um paiz constitucional a tolerancia deve tornar-se um habito inveterado, um costume diario, e o temor de publicações adversas a um ou outro grupo politico não os deve intimidar, mas animar; pois lhe dá azo de se acharem face a face com os argumentos dos seus contrarios, e de os combater com conhecimento mais intimo, e sem que elles estejam protegidos pelo mysterio, que engrandece todas as cousas, e as torna mais poderosas sobre a imaginação dos povos.

Concedendo, comtudo, que esses receios sejam attendiveis, haverá, por isso, motivo de privar dos seus direitos os herdeiros da propriedade intellectual? Não o julgamos, pois concebemos outro alvitre, pelo qual se podem debellar esses inconvenientes, sem haver necessidade de ferir direitos sagrados. Permitta-se, passado algum tempo, depois da morte de um author, a publicação das suas obras aos editores, que pagarem uma certa quantia aos herdeiros d'aquelle. D'este modo harmonisam-se todos os interesses, e respeitam-se todos os direitos.

Adopte-se, pois, um d'esses alvitres, seja elle qual fôr; que nenhum d'elles offende direitos; mas torne-se a propriedade intellectual tão sagrada como todas as outras.

Como á authoridade desejamos contrapôr a authoridade, não só a força dos argumentos, cerraremos este trabalho, citando a ultima parte do discurso de Waleski, presidente da commissão encarregada, em 1862, por S. M. o imperador dos francezes de apresentar um projecto de lei sobre a propriedade litteraria.

«Quando, diz o nobre ministro, ha mais de dous seculos as obras dos grandes mestres honram a França, quando ellas enriquecem os editores que as publicam e os theatros que as representam, não ha explicar por que ellas não alimentam os herdeiros dos seus illustres authores! O tempo leva comsigo depressa as obras más, mas as boas parece justo que sejam tão productivas como são duradouras, que logrem fortuna igual ao seu valor.

«Tem-se fallado muito e com razão dos herdeiros de Corneille e Racine, e de tantos outros, que vivem na miseria, e cuja riqueza patrimonial se sacrificou ao que se chama o dominio publico. Sem duvida alguma o interesse geral da sociedade, que comtudo é facil conciliar com o interesse particular do escriptor reclama a attenção do legislador, mas é mister, tambem, tomar cuidado de não sacrificar a essa lei do dominio publico os direitos sagrados da propriedade.

«Se nos reportamos á definição ácerca da propriedade litteraria pelos homens mais eminentes, e cuja authoridade é incontestavel, não se póde deixar de reconhecer que essa propriedade tem direito a ser tratada com a maior protecção.

«Assim segundo o edito redigido por Turgot: Essa propriedade é a primeira, a mais sagrada e imprescriptivel de todas.

«Segundo Diderot: O author é senhor da sua obra, ou ninguem o é.

«De todas as propriedades, dizia Lakanal em 1793—a menos susceptivel de contestações é, sem contestação, a das producções do genio.

«Segundo o snr. conde de Portalis (camara dos pares de França 1839): É uma propriedade por natureza, por essencia, e por indivisibilidade do objecto e do sujeito.

«Finalmente, o principe Luiz Napoleão escrevia ao snr. Jobard, de Bruxellas, em 1844: A obra intellectual é uma propriedade como uma casa, como uma terra, e deve gozar os mesmos direitos, e não poder alienar-se senão por causa de utilidade publica.

«As commissões de 1825 a 1836 tem comtudo declarado nos seus relatorios que eram favoraveis á perpetuidade da propriedade intellectual, e que só recuavam em vista das difficuldades que ella encontraria na prática. Já antes d'ellas nomes illustres se tinham pronunciado n'este sentido: Diderot, Voltaire, Seguier, mais tarde, os snrs. de Montalembert, de Ségur, conde de Portalis, Victor Hugo e, em 1841, o relator da lei apresentada á camara, para estender a 30 annos o direito da propriedade intellectual.

«Eis o que diz o snr. de Lamartine, n'um ultimo esforço em favor da perpetuidade: Eu peço 50 annos para os direitos da intelligencia, porque eu sinto

que, por ventura, ainda não chegou a occasião de se lhe conceder mais; mas tambem, vos digo que no dia, em que proclamardes a perpetuidade da propriedade litteraria, tereis emancipado o pensamento humano.

«Esse dia, senhores, chegou já? Por ventura as objecções que se apresentaram contra a applicação dos principios de direito commum á propriedade intellectual deixaram de ter valor? No estado da nossa legislação não será permittido consagrar o direito que deveriam ter os authores de obras litterarias e artisticas, como os authores de todas as producções, de dispôr livremente e para sempre do fructo do seu trabalho?

«É a vós, senhores, já vos disse no principio, e digo-vos ainda, que pertence resolver essas momentosas questões.

«O imperador aguarda o resultado dos vossos trabalhos. Confiando nas vossas luzes, sua magestade não póde entrar em duvida que da discussão que se vai encetar sahirá a solução mais favoravel aos verdadeiros interesses das letras e das artes».

Para alguns será este nosso argumentar um lançar palavras ao vento, ou um esgrimir no ar e dar golpes em vão, como dizia o nosso bom frei Luiz de Sousa, pois terão em pouca conta essa questão; visto que em paiz pobre, pequeno e que, como o nosso, marcha a passos lentos no caminho da civilisação, fraca seara poderão ceifar os senhores da propriedade intellectual. Comtudo, por pequena que seja a extensão do campo, em que se exerce um direito, este nem por isso deixa de dever respeitar-se, e de merecer que, em sua defeza, se levantem vozes. Realmente seria cousa muito para rir limitar os lucros dos nossos authores e não se soltar uma só palavra em sua defeza; porque elles tem um mercado mais acanhado, e rendas mais cerceadas do que os outros productores.

Demais, se os proventos auferidos em Portugal pelas artes, pelas letras e pelas sciencias são actualmente de pouca monta, quem nos diz que elles não subirão de ponto com o volver dos annos, o incremento da instrucção primaria, a divulgação das luzes, o desenvolvimento das nossas vastas colonias e a confecção de tratados, que garantam a nossa propriedade intellectual, nos extensos dominios do imperio do Brazil?

V. M. DE FARIA E MAIA.

OS CRITICOS
DO
CANCIONEIRO ALEGRE

II

O snr. Carlos Lobo d'Avila [1]

A critica d'este litterato vem gravida de duas idéas superiores, boas e tão resolutivas que parecem de Taine. A primeira é chamar-me *velho* o snr. Lobo d'Avila. Este argumento fulmina—é um triumpho. A sua exactidão é tão impenetravel que eu só poderia questional-a com o sophisma da Agua Circassiana usada pelas familias principaes da Europa. A segunda formula é chamar-me *caturra*. Não exalçarei os gabos d'esta idéa até a considerar um raio luminoso do grande ôlho da primeira. Como accessorio de ôlho, parece-me secreção. Eu realmente não sou caturra. Estou ás avessas do que devia estar n'esta idade senil. Tenho vinte annos para sentir o que faz nervosismos e insomnias com o remoçar das bellas cousas da alma. Rejeito infelizmente tudo que poderia encher-me as noites de somnos sadíos. Leio com avidez o snr. Lobo d'Avila que me espertina, e não posso lêr com iguaes delicias Manoel Alvares Pêgas que me anesthesia o cerebro com as letargias dos justos que dormem. Foi iniquo o snr. Avila.

Mas estão agora a pruir-me uns desejos de caturrar um pouco com o juvenil academico. Vou fazel-o para que s. exc.ª não se arrependa de ter adjectivado aos commentos do **Cancioneiro alegre** um epitheto que não lhes quadra.

N'este primeiro numero da *Revista de Coimbra* está um artigo intitulado—*O assassinato individual e o assassinato collectivo*. É assignado pelo snr. Carlos Lobo d'Avila. Acho aqui duas linhas crespas de erudição que, pelo grosso cabedal de estudos velhos que representam, não parecem elaboradas n'um espirito juvenil. É isto: «*Panem et circenses*—bradavam os romanos da decadencia—*pan y toros*—exclamam os hespanhoes d'agora».

Aqui ha conhecimentos não vulgares; a citação tem tal qual novidade, a romana principalmente; mas o que não ha é exactidão. Em qual dos historiadores leu o snr. Lobo d'Avila que os romanos da decadencia *bradassem* «panem et circenses»? Nenhum historiador o disse. Foi um poeta satyrico, Juvenal, (está o snr. Avila recordando-se) que, deplorando na satyra x a decadencia do povo, exclama: «Este povo que outr'ora dava imperios, fasces, legiões, tudo, eil-o impassivel, e só duas cousas com ardor deseja, *anxius optat*, pão e espectaculos».

> .... *nam, qui dabit olim*
> *Imperium, fasces, legiones, omnia, nunc se*
> *Continet, atque duas tantum res anxius optat*
> *Panem et circenses.*

Preferir, desejar, querer não é *bradar*. O snr. Avila dá ao simples reparo critico do poeta o vulto d'um successo social e historico, tendo em pouco a joeira exegetica por onde Michelet faz passar as tradições romanas quer sejam do visionario Livio, quer do austero Tacito. A escóla positiva impõe o dever de não dar fôro de historia a textos transtornados dos poetas.

O snr. Avila póde allegar que repetiu um erro muitas vezes reproduzido. Isso não é razão. Quem veio repurgar as sciencias historicas da bilis viciosa dos caturras, tem obrigação de corrigir erros que os caturras lhe communicam. Em summa, o povo romano o que mais queria (*anxius optat*) era pão e circo; mas não bradava por essas cousas.

Adiante.

Trata depois s. exc.ª de historiar as ultimas horas de Juan Oliva y Moncusi que tentou matar Affonso XII, e escreve:

«Ha vinte e quatro horas que esse ho-«mem, que ahi passa, foi prevenido que,

[1] *Revista de Coimbra*, n.º 1.

«minuto por minuto, só lhe restava esse «espaço de tempo para viver. E durante «estas horas tremendas, que seriam para «essa consciencia como que *os cyclos terriveis do inferno dantesco,* a sociedade «representada pelos seus cérberos mais «solicitos, espiou com uma curiosidade «ferina os transes dolorosos d'aquelle «*martyrologio*».

Vá de caturrice.

Que intelligencia deu o snr. Lobo d'Avila áquelles *cyclos terriveis do inferno dantesco?* Será este *cyclo* o *kiklos* grego? Não me parece que s. exc.ª traduzisse o *cerchio* de Dante em *cyclo*. Todas as linguas neo-latinas e teutonicas tem o *cyclo* como synonymo figurado de *periodo, espaço;* ao mesmo tempo que as velhas sciencias astronomicas tem o «cyclo dos gregos», o «das gerações», o «lunar», o «solar», o «dionysiano», etc., no seu genial significado. Figuradamente, dizemos *poetas cyclicos,* e *poemas cyclicos,* etc. O *cyclo dantesco* é determinado pela influencia que exerceu o grande poeta florentino com a reconstrucção da poesia amorosa pelo elemento da philosophia platonica, associando o amor do bello absoluto á poesia religiosa e galanteadora dos trovadores provençaes, catalães e sicilianos.

Tem o snr. Avila um bom exemplo do termo que lhe dá no *Preambulo* da *Revista* o snr. dr. Corrêa Barata: «*Os heroes* d'este cyclo anacreontico *foram* os redactores da *Folha*». Outro exemplo de um adoravel e já extincto redactor do *Instituto,* o dr. Vieira de Meirelles: *Ha na longa vida dos povos um* cyclo, *cujos historiadores se rastreiam pelo cunho de originalidade que os avulta.*

Se o snr. Avila, hellenisando, escrevesse *cyclo* como *circulo* alludindo á topographia do inferno de Dante, seria mais grego que o proprio snr. Viale que é grego até á medulla dos ossos—medulla feita do mel do Hymetto condensado á temperatura de borracha—um favo colossal, todo elle, como é notorio. Pois o snr. conselheiro Viale, quando traduz Dante, diz *circulos,* e não *cyclos* [1].

[1] Assim desci do *circulo* primeiro
Ao segundo, etc.

Cant. v, nos *Annaes das sciencias e letras,* t. I.

A meu juizo, se me permitte exhibil-o, o snr. Lobo d'Avila defrontando *as horas tremendas* do justiçado de Madrid com os *cyclos terriveis do inferno dantesco,* queria sopesar as angustias do padecente com as que soffrem os condemnados nos cyclos (periodos, prasos) da expiação infernal? Parece-me que estou ouvindo responder-me s. exc.ª:

—É isso mesmo, seu velho caturra!

Então, se é isso, não conhece s. exc.ª perfeitamente a legislação do inferno do Dante. Alli não ha cyclos, não ha periodos, porque o tempo não entra na eternidade. As dôres são eternas:

Per me si va nell' *eterno dolore.*

Não ha esperança; quem a leva despoja-se d'ella á porta:

.... ed io eterno duro;
Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate.

Recorde s. exc.ª os primeiros tercetos do canto III.

*

Outra caturrice no mesmo periodo:

«Os trances dolorosos d'aquelle *martyrologio*», escreve s. exc.ª

O snr. Avila sabe que *martyrologio* decompõe-se em *martyr* e *tractado, historia,* ou *discurso* (*logos*). Quem diz *Martyrologio* diz *Historia dos martyres.* Ora, s. exc.ª com certeza não queria chamar a Juan Oliva *historia dos martyres;* aliás destoaria da seriedade melancolica dos seus dizeres n'esta phrase: «a sociedade espiou com uma curiosidade ferina os trances dolorosos d'aquella historia dos martyres». Logo, em vez de *martyrologio,* devia escrever *martyrio,* menos euphonico, mas incomparavelmente mais correcto.

Aqui tem o snr. Carlos Lobo d'Avila uma das vantagens da velhice secca sobre a litteratura verde. Quando s. exc.ª tiver os meus annos, não escreve d'aquillo. Jupiter lh'os prospere longos com Minerva propicia.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

SENTIMENTALISMO

O romance que vai apparecer com o titulo EUSEBIO MACARIO (*Historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes*), tem a seguinte NOTA: *Pede-se á critica de escada abaixo o favor de não decidir já que o author plagiou Emile Zola.* EUSEBIO MACARIO não é ROUGON-MACQUART; *nem* «uma familia no tempo dos Cabraes» é «une famille sous le second empire». *Sim, elles, os Cabraes, não são perfeitamente o segundo imperio.*

O romance é precedido da seguinte ADVERTENCIA: *A Historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes dá fôlego para dezesete volumes compactos, bons, d'uma profunda comprehensão da sociedade decadente. Os capitulos inclusos n'este volume são preludios, uma symphonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas guelas concavas, metallicas. Os processos do author são, já se vê, os scientificos, o estudo dos meios, a orientação das idéas pela fatalidade geographica, as incoerciveis leis physiologicas e climatericas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tyrannia dos nervos, a questão das raças, a ethologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de familia, tudo, o diabo!*

O author trabalha desde antes de hontem no encadeamento logico e ideologico dos dezesete tomos da sua obra de reconstrucção, e já tem promptos dez volumes para a publicidade. Mas é necessario a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ella quer ser desabada a ponta-pés de estylo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e adverbios rutilantes. Para isso, o primeiro avanço é pôl-a núa, escrutar-lhe as lepras, lavrar grandes actas das chagas encontradas, esvurmar as bostellas que cicatrizaram em falso, excorial-as, muito cauterio de phrases em braza. É o que se faz nas folhas preliminares d'esta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sahir pelas merciarias fóra.

S. Miguel de Seide,
junho, 1879.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

EDUCAÇÃO E ENSINO

Lamé Fleury

Historia antiga. 1 vol....... 400

Adolpho Coelho

Questão do ensino. 1 vol.... 200

Bensabat

Methodo de leitura sem soletração. 1 vol.................... 80
Methodo de leitura e traducção ingleza. 1 vol. cart........ 500

Tito de Noronha

Cartas escolhidas do padre Vieira. 1 vol.................... 400

Charbonneau

Curso de pedagogia. 1 vol... 1$000

LIVROS RELIGIOSOS E PHILOSOPHICOS

Francisco Hettinger

Apologia do Christianismo. Obra completa. 5 vol.......... 6$000

Padre Rivaux

Tratado de historia ecclesiastica. 3 vol.................. 3$600

Padre Schouppe

Curso abreviado de religião. 1 gr. vol..................... 1$200

Padre Mach

Thesouro do sacerdote. 2 vol. 2$400

Um catholico brazileiro

Ensaio de programma para o partido catholico no Brazil. 1 v. 300

Francisco Luiz de Seabra

A Flôr dos Prégadores. 7 v. 5$600

Roger

O fim da vida. 1 gr. vol.... 1$000

Padre Gautrelet

A franc-maçonaria e a revolução. 3 vol.................... 1$500

Debreyne

Estudos de theologia moral. 1 volume.................... 800

Henrich Reusch

A Biblia e a natureza. 2 vol. 2$000

Abbade Martin

Theologia moral em quadros. 2 vol. in-8.º gr.............. 3$000

Abbade Guillois

Explicação litteral e moral das Epistolas e Evangelhos. 2 volumes.................. 1$500
Explicação historica, dogmatica, moral, liturgica e canonica do Catecismo. 4 vol......... 4$000

D. João M. P. d'Amaral e Pimentel

A sciencia da civilisação. 1 grosso vol...................... 1$000

Bispo d'Orleans

Estudo ácerca da franc-maçonaria. 1 vol.................. 400

Abbade Dubois

O padre santificado. 1 gr. v. 1$000

Luiz Moreira Maya da Silva

Sermões escolhidos. 2 vol... 2$000

Abbade Tounissoux

Os diffamadores do clero catholico. 1 vol.................... 200

Fr. F. de J. Maria Sarmento

Escriptura Sagrada. 42 vol. 12$000

Tractatus de Censuris

Juxta Gury. 1 vol.......... 300

Bispo do Pará

Direito contra o direito. 1 v. 800

Dr. Luiz M. da Silva Ramos

Oração gratulatoria........ 120
Sermão da Immaculada Conceição.................... 200
Sermão sobre a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo..... 200
A liberdade de consciencia.. 200
Pio IX, oração funebre...... 200
A soberania social de Jesus Christo..................... 200

A Civilisação Catholica

Publicação mensal. Preço por anno..................... 1$600

Monsenhor Bourret

Resposta ás imputações que se fazem á Igreja. 1 vol....... 120

Roberto Guilherme Woodhouse

A sciencia hodierna e o dogma christão. 1 vol........... 200
O naturalismo. 1 vol....... 200

Cardeal Wiseman

Fabiola ou a igreja das catacumbas. 1 vol. com gravuras. 1$500
Com uma rica cartonagem.. 2$000

P. Paulo Perny

Dous mezes de prisão sob a communa. 1 vol............ 400

Padre Martinho

Sermões selectos. 3 vol..... 3$600

Padre Chrispim C. F. Tavares

Revista catholica.......... 500

Padre Felix

Conferencias sobre o Socialismo. 1 vol...................... 600

R. P. Mach

Ancora de salvação. 1 grosso vol. cartonado.............. 600
Maná do sacerdote. 1 grosso vol. cartonado............... 600
Catecismo exemplificado. 1 volume br.................. 800
Cartonado................ 1$100

Monsenhor Gaume

A agua benta no seculo XIX. 1 vol.................... 400
O cemiterio no seculo XIX. 1 volume................... 400
A vida é depois da morte. 1 volume.................. 400
O signal da cruz no seculo XIX. 1 vol................. 400
O Angelus no seculo XIX. 1 v. 400
A Europa em 1848. 1 vol.... 200
Para que serve o Papa? 1 v. 100
Onde estamos? 1 vol........ 500

Henri Conscience

Heroes catholicos. 2 vol.... 1$000

Inferno e Paraiso

Resposta ao snr. Camillo Castello Branco. 1 vol........... 500

D. Jaymes Balmes

Cartas a um sceptico em materia de religião. 1 vol......... 600
O Criterio, philosophia pratica. 1 vol.................... 600
Miscellanea. 2 vol.......... 1$200
Philosophia fundamental. 4 volumes................. 2$400
O Protestantismo comparado com o Catholicismo. 4 vol....... 2$400
Curso de philosophia elementar. 2 vol.................. 1$200

Vozes propheticas

Ou apparições e predicções. 1 volume.................. 250

LIVROS RELIGIOSOS E PHILOSOPHICOS

Visconde d'Azevedo

Contra-resposta dada ao velho liberal. 1 vol............. 300

Monsenhor Landriot

A mulher forte. 1 vol....... 600

Condessa de Ségur

A Hospedaria do Anjo da Guarda. 1 vol.................... 500

Padre Marchal

A mulher como deveria sel-o, 2.ª edição. 1 vol............. 400

Padre Cros

O Confessor da infancia e da mocidade. 1 vol............ 600

D. M. do P. Sinués de Marco

A Lei de Deus. Collecção de lendas. 2.ª edição. 1 vol...... 500

Pouchet

Só Deus é grande.......... 50

Segur

O concilio................. 150
Conselhos praticos sobre a oração...................... 80
A desobriga................ 40
O descanço do domingo..... 100
Os franc-maçons, o que são.. 80
O Papa é infallivel......... 40
Póde-se ser catholico liberal? 120

Antonio Fernandes Cardoso

Sentido dos ritos e ceremonias da missa. 1 vol............. 600

Padre Quadrupani

Direcção para socegar as almas. 2.ª edição................ 100
Direcção para viver christãmente. 2.ª edição................ 100

Thomaz Vitale

O pontificado romano...... 100

Paulo Féval

Jesuitas! traducção e notas do padre Senna Freitas. 2 vol.. 1$000

Padre Senna Freitas

A tenda de mestre Lucas, romance religioso 1 vol........... 400
No Presbyterio e no templo. 2 volumes..................... 1$200
Pio IX. 1 vol................ 200

M. Ferreira Marnoco e Sousa

Como se ha-de fazer uma boa confissão..................... 60

Abbade Marquy

Certeza proxima do fim do mundo....................... 200

R. P. Blot

No céo nos reconheceremos. 200

Raccolta Romana

Collecção de orações e obras pias. 1 vol..................... 600

José Blum

Vida do Santo Padre o Papa Pio IX. 1 vol. illustrado. Cart..... 1$000

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Camillo Castello Branco

Cancioneiro Alegre. 1 vol... 1$200
Sentimentalismo e Historia (a sahir do prelo). 1 vol....... 600

Luiz Augusto Palmeirim

Galeria de figuras portuguezas. 1 vol...................... 800

Gervasio Lobato

Comedia de Lisboa. 1 vol... 600

Ruy da Camara

Viagens em Marrocos. 1 vol. illustrado .... 1$000

Balzac

Physiologia do matrimonio ou meditações sobre a felicidade e infelicidade conjugal. 2 vol. 1$000
La Vendetta. 1 vol......... 400

Henrique Peres Escrich

A calumnia. 5 vol......... 2$500
Os anjos da terra. 5 vol.... 2$500
A promessa sagrada. 4 vol.. 1$600
O anjo da guarda. 3 vol.... 1$800
O pão dos pobres. 3 vol..... 1$500
Os desgraçados. 2 vol...... 1$200
Rico e pobre. 1 vol......... 500
O piano de Clara. 1 vol..... 500
O amigo intimo. 1 vol...... 400
A prosa da gloria. 1 vol..... 500
O violino do Diabo. 1 vol... 400
Tal arvore tal fructo. 1 vol. 400
Um filho do povo. 1 vol..... 300
Quem tudo quer, tudo perde. 1 volume 400
Por bem fazer, mal haver. 1 volume 400
A culpa dos paes. 1 vol..... 300
O martyr do Golgotha, edição illustrada. 3 vol........... 1$500
O martyr do Golgotha, edição illustrada. 2 vol........... 1$200

João de Lemos

Serões d'aldêa. 1 vol....... 600
Impressões e recordações. 1 volume.................... 600

Visconde de Benalcanfôr

Na Italia. 1 vol............ 500
De Lisboa ao Cairo. 1 vol... 600

Fernandez y Gonzalez

O rei do punhal, romance historico, illustrado. 5 vol.......... 3$000

Camillo Bias

Os dramas da inquisição. 2 volumes..................... 1$000

José de Sousa Bandeira

Escriptos humoristicos, em prosa e verso. 2 vol.............. 1$200

Porto: 1879 — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º ANNO 1879 NUMERO 9

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

Livraria de Ernesto Chardron — Porto e Braga

DOZE NUMEROS, 500 REIS

SUMMARIO

DOZE NUMEROS, 500 REIS

Livraria de Ernesto Chardron — Porto e Braga

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

Ernesto Chardron — Editor

1.º ANNO 1879 N.º 9

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

OS CRITICOS

DO

CANCIONEIRO ALEGRE

III

O snr. Mariano Pina [1]

Devo ao *Cancioneiro alegre* a satisfação de conhecer o snr. Mariano Pina entre os escriptores modernos. Eu não sabia nada das suas letras e pessoa. Se me não falla á mão, eu, com toda a certeza, sahiria d'este planeta sem conhecer as artes e manhas de um sujeito que é molecula do mesmo planeta — bem boa molecula, o snr. Pina.

Elle não é dos que mais ladram ao *Cancioneiro alegre*. Vem á minha testada, acha o terreno trilhado, liso, calcado pelos seus congeneres; fareja, espoja-se á pressa, e, como Pina que é, vai pinotando pelas savanas do folhetim, como poldro indomito, sem rebenque nem chilenas, pelos pampas da America.

Diz que «*vergalhei* os modernos poetas». É mais nada que desafie o uso do instrumento de que se faz o azorrague que lhe serviu para aquelle verbo de cavalhariça. Eu nunca vi tal palavra fóra dos diccionarios, nem sei se o calão dos bordeis a usa. O snr. Pina, quanto a linguagem, sobre ser ignorante, é pôrco.

Mas ha mais extraordinarias anomalias n'este enxovêdo. Dá a noticia de ter apparecido um livro meu chamado *Sentimentalismo;* e diz que é «um absurdo litterario, uma cousa que não se esperava de mim; que fiz uma parodia ao realismo; que quiz ter graça; que fiquei derrotado; que fiz mal ao publico que principia a bestialisar-se; que o *Sentimentalismo* produziu o effeito contrario; que devo estar arrependido». Até aqui Pina.

Tudo isto era possivel; mas seria necessario que o livro existisse.

Effectivamente, ha de apparecer um livro intitulado *Historia e sentimentalismo;* mas ainda está em composição de escripta e do prelo; vai-se compondo á medida que o vou escrevendo; são conhecidas d'elle duas paginas distribuidas pelo editor — o exordio da novella, uma cousa que não é parodia nem o intuito do futil escripto. Ora, como é que este lindo marôto fez a critica d'um livro inedito?

Explica-se; parece impossivel; mas explica-se.

Pina leu que sahiria o *Sentimentalismo* em alguma folha que inadvertidamente trasladou o titulo das paginas que recebeu. Entendendo que o romance estava publicado, julgou-se no direito de o de-

[1] *Diario do Commercio* n.º 1283.

primir sem o lêr. Não procurou vêl-o nem consultou quem o lesse. Existia o livro? logo — devia ser parodia desengraçada, acção má, bestialisadora. Aqui está a consciencia, a probidade litteraria do critico snr. Pina — do desgraçado. Se lhe disserem: «Deixe cá vêr o *Sentimentalismo* que a sua critica esfolou», Pina responde que não o viu, que não conhece quem o visse, nem póde saber como foi que o leu; mas do que se lembra é que o *Sentimentalismo* appareceu, e que é um aborto litterario, etc. E o publico: — «Dá cá o *Sentimentalismo,* ó Pina!»

Esta originalidade canalha faria rir, se não exprimisse uma escassez de vergonha que roça pelo absurdo.

Este snr. Pina tem lesão cerebral. Deve haver com elle a indulgencia que se tem com os bebedos.

IV

Mariano (bis) Pina

O semsaborão respingou. Cada vez mais charro. É perfeitamente um sapateiro de mascara a dizer pilherias que tresandam ao cerol. Eu não o largo; porque a Providencia dos tristes, quando nos manda Pinas, abre-nos o thesouro das suas creações burlescas; mas, se eu tivesse o meu peculio de idiotas mais sortido, este Pina punha-o fóra com dous pontapés por associar a uma estupidez pre-historica uma indigencia de graça que faz hypocondrias.

Diz *que os meus livros vão ser vendidos a 80 reis o kilo; que estou velho e doente; que tenho bostellas, crôstas, pustulas, pus; que sou patriarcha d'uma escóla que desappareceu como ha 46 annos o governo despotico; que a escóla realista assistiu serena ao encovamento das meninas dos meus olhos.*

Conta historias infantis de familia. Que quando tinha dez annos, lia os meus romances sentado no collo de umas tias. Como era precoce o gaiato! Aos dez annos já lia romances sentado no collo das tias! Eram umas tias, diz elle, que se alumiavam com candieiro de tres bicos, porque os meus livros são anteriores ao petroleo e ao gaz.

Pobres velhas tias com um mariola de dez annos no regaço! Como não havia de sahir palerma um madraço que aos dez annos cavalgava as pernas sovadas das boas das velhas!

A respeito das serêsmas das suas tias temos conversado. Estes Pinas, tanto os machos como as femeas, acho que eram uma curiosa familia de idiotas.

Diz que os meus romances são do tempo em *que as constipações se curavam com cozimentos de passas e chá de flôres de borragem e herva cidreira.* Este synchronismo tem uma profunda critica dysentherica. Para as constipações do snr. Mariano Pina, a veterinaria não tem adiantado nada: é o velho sedenho, exhalações de enxofre e pó do mesmo na maquia da fava.

Diz que me lastíma *porque a sciencia augmentou, reformou-se,* e eu não sou da roda dos reformadores Eça de Queiroz, T. Braga, R. Ortigão, G. Junqueiro, B. Moreno. Alguns d'estes nomes, representativos de talento extraordinario, devem responder ao incenso de Pina como Horacio aos philtros de Canidia. Se tem olfacto latino, fareje o verso:

> ... *displosa sonat quantum vesica, pepedit*
> *Diffissa nate ficas.*

Quanto ao «vergalhar», escreve: *Advirto-o, snr. Camillo, não lhe tolero nem lhe admitto que V. de uma fórma capciosa ponha em duvida a decencia das minhas palavras.* Se elle me tem fallado com esta intimativa no primeiro folhetim, se me dissesse positivamente que *não tolerava nem admittia* que eu lhe chamasse porco, póde ser que eu então hesitasse; mas já agora o desafôro não se remedeia; e em resposta á sua peremptoria admoestação chamar-lhe-hei dous porcos n'um só Pina; e, para não enxovalhar o nome de um jornalista e orador notavel, nunca lhe chamarei snr. Mariano: ha de ser *senhora Mariana.*

Tambem me dá um quináo em linguagem. Diz que eu, onde quer que fosse,

escrevi — *bimbalhadas dos sinos;* e acrescenta: *Isto sim, que é decente, que é moral, que é delicado!*

Vou responder, mas não á snr.ª Mariana: é ao snr. Pinheiro Chagas, que em um folhetim antigo me malsinou aquella phrase, porque a considerou derivativa d'um vocabulo chulo que não estava na mente dos velhos escriptores portuguezes que a usaram. A phrase encontra-se na *Choix de phrases metaphoriques, élégances, idiotismes, proverbes,* etc., *extrait des classiques portugais les plus estimés* por José da Fonseca, professor da lingua portugueza. Paris, 1857.

Constancio: *bimbalhada de sinos,* «o toque e estridor de muitos soando ao mesmo tempo».

Fr. Domingos Vieira: *bimbalhada de sinos,* «o toque de muitos sinos ao mesmo tempo».

Roquette: *bimbalhada de sinos,* «som de muitos».

Não procede do termo vil que se figurou ao meu erudito amigo Pinheiro Chagas: é transplantação onomatopaica do francez: *Brimbaler, secouer des cloches.*

A phrase é precisa. Quando se quer dar uma idéa remota dos folhetins de Pina, é preciso chamar-lhes uma *bimbalhada de asneiras.*

Mas, a final, quem me assevera a mim que existe este papa-fina de Pina que refina e se empina e apepina? Se não é um burro transcendente que faz metamorphose na chrysalida de garoto, então é um Pina que cultiva miseravelmente o primeiro anno de instrucção primaria e escreve: «É por tudo isto que eu tenho muito dó *de si*». *De si,* ó alarve! É incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias supra mencionadas sahisse tão adulta e descompassada besta!

V

Gaspar da Silva [1]

Elle enviou-me a carta impressa [2] que vende no imperio por cinco tostões, 15 paginas, uma ladroeira.

Diz que, lendo o *Cancioneiro:*

está ameaçado d'uma indigestão;

que antes queria comer duas orelheiras de cerdo, com feijão branco e rodellas de paio, e beber uma canada do rascante de S. Miguel de Seide; (Quanto a beber eu lhe direi no fim).

que está repleto de gorduras nauseabundas;

que lhe dei um guisado de banhas suinas já rançosas;

que o «Cancioneiro» é o livro mais indigesto que, nos ultimos dez annos, tem apparecido;

que eu sou collega do Rosalino Candido de Sampaio e Brito;

que o «Cancioneiro» é uma feijoada; e mais sordido que as frigideiras de Braga.

Depois, diz de si mesmo:

que escreve com uma correcção que muitos bachareis formados de cá e de lá invejam;

que os snrs. João de Deus, Anthero de Quental e Eça de Queiroz me serviram d'alvo a umas graçolas lorpas.

Finalmente, quando se lhe acabaram as imagens dos feijões, da cabeça de porco e do paio, começou a elogiar-me, o patife!

É um talento portuguez emigrado. Não quer que a patria lhe possua os ossos e a cascaria. Que pena se este Gaspar se estraga com a cachaça brazileira! O' nosso irmão d'além-mar, Gaspar! venha, repatrie-se, recolha-se ao lar. Se aqui lhe não derem a posição que as suas letras reclamam, entretenha-se a cavar, no torrão natal, pés de burro: não precisa sahir da sua pessoa; cave-se nos pés como o pelicano no peito; e escusa de incommodar o Pina para excavações. Quanto á indigestão que lhe fez o *Cancioneiro,* snr. Gaspar, tome um vomitorio d'aquillo que Jehovah mandou comer a Ezequiel. Consulte a Biblia (Ezeq. c. IV, v. 12), e depois misture e beba.

[1] Por um sentimento de caridade não direi os motivos que levaram um certo *Boaventura da Costa,* em Portugal, a chamar-se *Gaspar da Silva,* no Brazil. Quando se enfastiar d'esta crisma deve chamar-se *Lazarillo de Tormes,* e depois *Gusman de Alfarache.*

[2] *Carta d'um emigrado ao snr. Camillo Castello Branco, a proposito do* **Cancioneiro alegre.** Rio de Janeiro, 1879. 8.º 15 pag.

DA PROPRIEDADE LITTERARIA

(VERTIDO DE ALPHONSE KARR)

Ha occasiões em que me domina bastante o receio de succeder, com os progressos da humanidade, o mesmo que se dá com os cascos dos cavallos que crescem, é certo, mas unicamente na proporção em que se desgastam com o uso.

Os progressos da industria criam necessidades novas, e não vejo que, na actualidade, a condição humana seja, para a maioria da gente, menos desgraçada do que outr'ora.

Algumas vezes acérto de responder triumphantemente, em favor do progresso, a estes desanimadores pensamentos; outras, porém, não consigo sequer desvanecel-os.

Levantou-se nos ultimos annos uma questão singular.

O inventor, o escriptor, o musico, o pintor serão proprietarios das suas idéas, assim como Antonio e Pedro o são da casa que mandaram edificar, do terreno que compraram?

Se, como imagino nos meus dias felizes, o progresso é verdadeiro; se as idéas penetram na ignorancia como o saca-rolhas na cortiça, — em espiral, e encontrando força na resistencia que lhe serve de apoio; — se a garrafa do bom senso se desarrolhar um dia, é fóra de duvida que esta questão absurda será, n'esse dia, classificada, empalhada e exposta no museu conservador das tolices humanas a par das seguintes que, em tempo, foram propostas perante os concilios:

«*Os indios serão verdadeiros homens e deveremos consideral-os como taes?*»

«*As mulheres terão alma?*»

E admiraes-vos, indignaes-vos, se apparece um escriptor que, como Proudhon, se entretem atacando a propriedade das vossas casas e dos vossos campos!

Em 1848, declarei-me contra Proudhon pela manutenção da propriedade; aceitei a ficção, socialmente necessaria no meu entender, de que a propriedade deve ser respeitada como o trabalho, como o salario, — porque representa o trabalho e o salario accumulados. É forçoso, porém, reconhecer-se que esta these se presta á discussão, e indicar imparcialmente os lados vulneraveis para depois demonstrar, que a propriedade litteraria não tem esses lados fracos — e que, por consequencia, sob pena de revelar completa falta de senso commum, não póde contestar-se esta sem negar aquella.

Compraes — ou mandaes edificar uma casa; — esta casa é edificada n'um terreno; pagaes a casa e o terreno com o producto do vosso trabalho, ou do trabalho anterior de vosso pai ou de vossos antepassados.

Attendei a que córto por largo, não exceptuando o caso de terdes adquirido os vossos haveres como Judas obteve os trinta dinheiros, — quero dizer, trahindo uma causa ou um amigo, — ou vendendo generos adulterados e roubados no peso — ou jogando na bolsa o dinheiro alheio, — ou por um casamento indecoroso, desproporcionado, — meios estes que eu, por agora, considerarei como trabalho.

Mas a quem comprastes este terreno? A alguem que o tinha tambem comprado, — e esse comprára-o igualmente a outrem.

Subindo sempre na escala ascendente, chegaremos ao primeiro que disse: «Este terreno pertence-me».

Admitto que esse homem conquistasse o terreno, cultivando-o.

Não haverá, porém, exemplos de diversa origem da propriedade?

Não teem algumas terras sido conquistadas pelas armas, isto é, esmagando a cabeça dos que as tinham cultivado e enterrando-os n'ellas para servirem de adubo á sementeira do conquistador?

Prescindamos d'esta circumstancia, — apesar de ser a mais trivial nas origens da propriedade, — e supponhamos que toda a propriedade teve por origem o trabalho, — o primeiro labor, a primeira sementeira.

Mas o homem que nasce na época actual, e encontra a terra já dividida, não terá razão para observar: «*Venho ao mundo com direitos iguaes aos vossos, quero cultivar a terra e conquistar pelo trabalho a parte que me toca; dai-me lugar*»?

A casa que edificaes n'esse terreno é construida com pedras, madeira e cal, compradas por vós; porém a pedreira d'onde tirastes a pedra de alvenaria, a floresta onde cortastes as traves, estão nas mesmas condições do terreno; procurando a origem da propriedade, chegareis ao resultado que ainda agora encontramos com relação ao sólo.

E, todavia, na minha opinião, é de justiça que se mantenha e respeite a propriedade material, e que os recem-chegados se resignem a adquirir a parte que lhes pertence á custa de um trabalho maior, mais demorado, mais rude e, sobretudo, mais incerto, do que aquelle pelo qual se tornaram proprietarios os que vieram primeiro.

Examinemos a propriedade intellectual.

Se Virgilio não tivesse nascido, não existiria a *Eneida;* se Victor Hugo morresse aos vinte annos, não se imprimiriam as *Folhas do Outono;* se Lamartine quizesse viver na opulencia e na ociosidade, onde estariam as *Meditações* e *Os Girondinos?* Se Sauvage não tivesse a força e a pertinacia de realisar a sua idéa, arrostando com a miseria e a prisão, não se descobriria o helice.

A que terreno, a que propriedade commum foram Virgilio, Hugo, Lamartine, Sauvage, buscar o material para as suas obras? Ás proprias veias, aos nervos, ao coração, — ao genio que Deus lhes concedeu.

Portanto, a propriedade intellectual não tem os pontos fracos, por onde póde atacar-se a propriedade material; em vez de ser uma propriedade contestada, deve, pelo contrario, ser o prototypo da propriedade.

Parece-me, pois, não haver objecção possivel a uma lei concebida nos seguintes termos:

«É considerada como propriedade:

«Primeiro. *Em primeiro lugar,* a creação tirada da propria essencia, aquella que mais se assemelha ao modo de crear do Ente Supremo: *«Fez do nada o céo e a terra».*

«Segundo. A quasi creação pelo trabalho ou a transformação d'um sólo bravio em fertil, — a conversão em casas das pedras arrancadas á terra.

«Terceiro. A compra por dinheiro, isto é, a troca do producto d'um determinado trabalho pelo producto d'outro trabalho differente».

E são os mais exaltados partidarios da propriedade material os que se levantam contra a propriedade intellectual, sem repararem que os seus proprios argumentos, insignificantes contra esta, são muito aceitaveis e talvez optimos contra aquella.

São elles que se vangloriam de, n'esta guerra, terem por alliado M. Proudhon, e não comprehendem que M. Proudhon, se não é sempre justo e sensato, é quasi sempre logico, e, quando admitte qualquer principio, aceita-o até ás ultimas deducções.

Exactamente por M. Proudhon entender que a propriedade intellectual é uma propriedade como outra qualquer, é que não a reconhece.

Se a admittisse, ver-se-hia na necessidade de admittir a propriedade em geral; por isso, não é elle que se allia comvosco, sois vós que vos associaes a elle, sois vós os *partidarios da communidade de bens* — com a differença de dizerdes:

«O nosso é nosso; o vosso pertence-nos».

Como assim! meus senhores, os vossos casacos são uma propriedade, os vossos oculos são uma propriedade, a vossa cabelleira é uma propriedade, e não são uma propriedade as tolices que borbulham debaixo da vossa cabelleira?

Examinemos agora alguns d'esses admiraveis argumentos que triumpharam do direito da propriedade litteraria:

«As obras do espirito são como a luz do sol; carece d'ellas a humanidade; logo, pertencem-lhe. Seria vergonha sujeital-as ao vil mercantilismo».

Tambem o pão é necessario á humanidade, e comtudo os padeiros exigem dinheiro por elle á humanidade; as casas são tambem necessarias á humanidade — especialmente em tempo de chuva e frio — e a humanidade, se não pagar o aluguer, tem de dormir ao ar livre.

....

Ha só um argumento contra a propriedade littéraria: — é que os homens de genio e de talento são uma pequenissima minoria e estão á mercê dos outros.

....

Com a actual legislação sobre propriedade litteraria, as obras do homem de talento não pertencem a seus descendentes, não constituem uma propriedade; emquanto que os cartuchos, feitos pelo mercieiro com as folhas d'um dos livros do homem de talento, são uma propriedade que pertencerá, de geração em geração, aos descendentes do mercieiro até á consummação dos seculos.

Mais ainda: apesar da lei, apesar dos

argumentos que adduzem, não é verdade que as obras d'um escriptor sejam, durante a sua vida, uma propriedade; se quizer, por exemplo, alienal-as, difficilmente poderá fazel-o em condições tão vantajosas, como se lhe fosse permittido afiançar ao comprador a posse perpetua das suas obras; — por consequencia, até emquanto vivo, uma tacha, um prego da loja do mercieiro é uma propriedade mais segura e mais positiva do que *o Cid, o Misanthropo, As Meditações, Nossa Senhora de Paris,* etc.

....

Algumas pessoas, n'um congresso reunido ultimamente em Bruxellas para tratar da propriedade litteraria e artistica, e tambem na imprensa franceza, alistaram-se debaixo da bandeira que eu arvorei, ha vinte annos, com o seguinte lemma simples e claro, contra o qual só se tem proferido banalidades e absurdos:

A PROPRIEDADE INTELLECTUAL É UMA PROPRIEDADE

....

Limitar-me-hei por agora a responder a duas das objecções que oppõem á propriedade litteraria.

É a primeira — *o interesse que a sociedade tem em evitar que um herdeiro mau, fanatico ou insensato aniquile a obra do seu antepassado.*

N'este caso, como não é possivel aniquilar clandestinamente um livro e ficam existindo sempre os exemplares das bibliothecas, as leis sobre propriedade material indicam, para remediar o mal, um meio simplicissimo: — *a expropriação por utilidade publica.*

A segunda objecção é a seguinte:

A execução d'este projecto apresentaria grandes difficuldades.

Não o creio: todavia parece-me que as leis sobre propriedade material as teem apresentado; teem-se escripto e escrevem-se ainda centenares de volumes sobre o assumpto; e, apesar de todos esses volumes, enxames de advogados de toda a qualidade e de toda a especie, — desde o grande Berryer de Paris até ao pequeno Trabaud de Niza, — vivem d'estas difficuldades tão frequentemente resolvidas e sempre renascentes.

Não basta, para deixar de fazer justiça a quem a merece, dizer-lhe que a sua causa é ardua e, por emquanto, bastante embrulhada.

Depois da resolução do congresso de Bruxellas, a qual de modo algum posso aceitar, peço — provisoriamente — o seguinte corollario que julgo indispensavel: «Seja qualquer que fôr a época em que passem ao dominio publico as obras de um escriptor, seus filhos ou descendentes, seus herdeiros de ahi em diante sem herança, passarão igualmente ao dito dominio publico e serão alimentados pelo Estado».

É de toda a justiça que os herdeiros sigam a herança.

F. Ferraz.

BIBLIOTHECA MODELOS DE ELOQUENCIA

PUBLICADA POR

J. M. PRADO DE AZEVEDO

LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON. PORTO — 2 VOL. IN-8.º

Não é vulgar apégarem em Portugal as publicações d'aquelle genero. Aqui o que mais fructifica é a bibliotheca de cordel, que principia a ser supplantada pela bibliotheca, aliás interessantissima, do repertorio litterario. *Ceci tuera cela,* como diria Victor Hugo. Ha repertorios de todas as castas e de todos os tamanhos, como n'outros tempos havia testamentos de todos os bichos. D'estes specimens de litteratura barata, o que mais consumo tinha era *o Testamento do porco;* o indigena lia-o e relia-o com a sofreguidão com que comia depois os lombos do testador, e no fim da leitura admirava-se de não ter sido contemplado! Era pasmosamente ingenuo o indigena d'aquellas eras, mas e em compensação tinha a grande virtude de não ser socialista nem philosopho. O indigena de hoje em dia é menos tolo e mais perigoso. Tem o juizo bastante para não dar ouvidos ás jeremiadas do cevado condemnado á pena ultima, mas saboreia com delicia as empadas demagogicas que Baçam e os seus consocios de obra feita lhe fornecem annualmente em almanachs, de que a communa sahiria triumphante, se a grammatica, de parceria com o bom senso, consentisse que a marafona construisse o seu throno de lama sobre os destroços da syntaxe e da razão. Que para mim é de todo em todo indifferente o destino da humanidade. Não cuidem meticulosos que estou fazendo profissão de fé politica. Não, senhores. Eu, como o outro que diz, deixo zoar a carvalheira, e com o que menos me importo é com a *evolução* e quejandos phenomenos sociaes.

Do que eu curo é dos meus achaques que são muitos; não tenho tempo para a interpretação de philosophias grotescas nem dos enfados da doença me sobeja paciencia para tão complicado lavor. Nos raros intervallos de socego que as tisanas me concedem, contemplo. Não digo bem. A contemplação é apanagio exclusivo das almas inundadas da luz da graça; eu não contemplo, ólho; ólho para o céo que se veste d'azul e ouro, para a terra que se cobre de flôres e fructos, para os meus ossos que se esborôam, pulverisando-se, e... chóro; que o riso em mim é tão artificial como as lagrimas com que vossas esposas vos atraiçoam e infamam. Pouco leio ou nada; não que os livros sejam um mal, mas porque me seria maior instrucção um inferno. Não sejas sabio a teus proprios olhos, diz Salomão nos *Proverbios;* eu nem aos olhos dos outros o quero ser; Deus me livre de que se illumine mais o meu espirito; se á luz mortiça da candêa que me alumia não ha ahi miseria humana que os meus olhos não descubram, que enchentes de nojo e asco não me invadiriam a alma, se eu visse o mundo e os homens ao clarão electrico d'um globo Jablockoff [1]!

D'estas amargas verdades e não menos amargas resoluções hão-de rir os espiritos frivolos, que m'as impugnarão perguntando-me se a critica moderna dispensa a leitura dos livros que louva ou condemna, e se o melhor meio de se impôr o critico á credulidade alheia é confessar d'antemão que vai fallar do que não conhece! Gracioso e ao mesmo tempo irrespondivel argumento seria aquelle, se me propuzesse tratar d'um livro novo; mas as duvidas dissipar-se-hão e restabelecer-se-ha a coherencia, sabendo-se que os dous livros em questão me são, desde muito, familiares. Lidos e meditados em melhores épocas, nada importa relel-os hoje; o corajoso editor quando m'os offereceu já sabia que de maravilha

1 Sem embargo, li ha pouco Fialho n'um jornal de Lisboa e quasi que o lia reproduzido n'um cartaz de Penafiel. Operou a maravilha o prestigio do appellido: Fialho é bom, tão bom como Fagundes, melhor ainda que Rabilhas. Hei-de dar-lhe fóros de appellativo, e enfileiral-o na lista dos neologismos, entre dous dos mais patuscos. Ha-de ficar entre os araujos e os fajardos, se não preferir ficar entre dous jaymes.

Por informações particulares, sei que Fialho é boticario, além de critico; melhor; applaudo a dupla aptidão de Fialho e prometto aproveital-a; eu não padeço só do corpo; de quando em quando a alma tambem carece d'um purgante, e nada mais purgativo que o decocto critico de Fialho & C.ª

releio um livro; o seu offerecimento significou apenas um testemunho de amizade; o snr. Prado de Azevedo não me faria a injustiça de suppôr que tendo eu tido a paciencia de lêr a epopêa de Martins Rua, não houvesse tido a curiosidade de compulsar os discursos de Fernandes Thomaz e Castellar.

E são justamente de Castellar, Fernandes Thomaz, Borges Carneiro etc., os discursos que o snr. Prado de Azevedo, espirito amestrado nas lides da imprensa periodica, reuniu n'estes dous primeiros tomos da sua *Bibliotheca* prestimosa. Todos conhecemos Castellar como escriptor e philosopho, como orador e artista. Não o encareçamos, portanto; em taes casos é redundancia insupportavel o louvor. Leiam-o os que não logram ouvil-o; sigam-lhe o vôo audacioso através das gerações que passaram ou sobre as civilisações de hoje em dia; vejam que discernir, que profundidade de vistas, que intuição maravilhosa, e, sobre tudo, que linguagem, que colorido, que torneio de periodo n'aquelles sete admiraveis discursos, que tantos são os que o snr. Prado de Azevedo recolheu, correctamente traduzidos por s. s.ª em vernaculo, no 1.º volume da sua prestante publicação!

Ahi vai, ao acaso, um exemplo:

«A sciencia é uma idéa abstracta, e, «sem embargo, a sciencia é uma idéa «real, uma idéa mais real que todos os «factos. Pois que! quando Raphael en«controu a nova fórma na arte; quando «Luthero encontrou a nova consciencia «na religião; quando Colombo encontrou «a nova terra no mundo, aquelles tres «grandes factos não trouxeram grandes «transformações politicas? Pois que! no «seculo XVII, que era o seculo da philo«sophia, Descartes, o philosopho do es«pirito, Locke, o philosopho da experien«cia, Spinosa, o philosopho do ser, Lei«bnitz, o philosopho da synthesis, não fo«ram acaso derramando idéas pelo mun«do, e, ao scintillar d'aquellas idéas, não «se ajustou a paz de Westphalia, que «transtornou o direito internacional an«tigo, e estabeleceu o direito internacio«nal moderno, devendo-se talvez ao es«tampido d'aquellas idéas que cahisse a «cabeça de Carlos I e com a cabeça de «Carlos I a sua corôa, com o que come«çou na Europa o principio da grande «revolução contra todos os thronos? Pois «que, snr. Mata, no seculo XVIII, quem «fez a revolução? Quem? Por ventura «os factos? Não, snr. Mata, fizeram-na «as idéas, que um professor da Univer«sidade não devia desconhecer d'essa ma«neira.

«Veio Voltaire, e rectificou o senso «commum da humanidade. Veio Montes«quieu e trouxe de Inglaterra a idéa da «liberdade. Veio Rousseau, e trouxe da «Suissa a idéa da igualdade. Vieram de«pois com elles os que formaram a gran«de democracia, os que iniciaram a re«volução franceza: Condorcet, o homem «da idéa. Mirabeau, o homem da pala«vra; Danton, o homem d'acção: e, em «quanto os encyclopedistas mettiam a «saco as velhas crenças, os revolucio«narios entravam vencedores na Basti«lha e nas Tulherias. Aquella explosão «de idéas e de sentimentos assombrou o «mundo, que viu attonito o magestoso «desenvolvimento d'uma revolução, des«tinada a derreter a argola no pé dos es«cravos e a corôa de ouro na fronte dos «reis [1]».

Ouvi-o agora sobre a liberdade de consciencia:

«Grande é Deus no Sinay; o trovão «precede-o, o raio acompanha-o, a luz «envolve-o, a terra treme, os montes fen«dem-se; mas ha um Deus maior, maior «ainda, que não é o magestoso Deus do «Sinay, senão o humilde Deus do Calva«rio, cravado em uma cruz, ferido, hir«to, coroado de espinhos, com o fel nos «labios, e todavia, dizendo: «Meu pai, «perdôa-lhes, perdôa aos meus algozes, «perdôa aos meus perseguidores, porque «não sabem o que fazem!» Grande é a «religião do poder, mas é maior a reli«gião do amor; grande é a religião da «justiça implacavel, mas é maior a reli«gião do perdão misericordioso; e eu, «em nome d'essa religião, em nome do «Evangelho, venho aqui pedir-vos que «escrevaes á frente do vosso codigo fun«damental a liberdade religiosa, quer di«zer, liberdade, fraternidade, igualdade «entre todos os homens [2]».

Outro exemplo? Mas n'este andar, eu teria de transcrever o livro inteiro, que em Castellar não ha pagina que em cada periodo nos não offereça iguaes ou superiores excerptos.

Prosigamos.

Com alguns discursos de Borges Carneiro, Fernandes Thomaz, Pereira do Carmo e Agostinho Freire organisou o meu amigo o 2.º volume, posto á venda

[1] Discurso contra o projecto da Constituição, pronunciado no dia 7 de março de 1869.

[2] Discurso pronunciado no dia 12 de abril de 1869.

ha poucos dias. Orça por 40 o numero dos discursos recolhidos. São perolas de inestimavel valor aquellas paginas escriptas ao calor do mais acrisolado amor da patria, n'um tempo em que aquellas palavras ainda tinham sentido serio. Ao amor da patria de então chama-se agora em Portugal — patriotismo. Patriotismo e amor da patria dizem os diccionarios que é a mesma cousa. Não é assim. O antigo amor da patria era um fidalgo e alevantado sentimento que se expandia em viagens e conquistas, que nos enchiam de glorias e dinheiro; o patriotismo de hoje em dia é um leicenço ou, como quer que seja, um entumecimento intestinal que se resolve em luminarias e foguetes de tres respostas.

Bem avisado andou, portanto, o snr. Prado de Azevedo, humilhando os manequins do presente com o confronto dos gigantes de outr'ora. É já de si recommendavel o livro pelos nomes d'aquelles patriotas illustres, mas o meu amigo duplicou-lhe o valor, precedendo os discursos que insere do bosquejo biographico de cada um dos oradores, pagando assim uma divida de gratidão nacional á memoria d'aquelles homens verdadeiramente superiores, que deram a vida e a fazenda pela liberdade, que desfrutamos e conspurcamos a todo o instante.

Não se accommoda dentro dos limites d'uma desambiciosa noticia a historia da época memoravel [1] em que se pronunciaram taes discursos; mas o que os lêr e meditar verá o muito que então se fez, e o muito mais que pudera ter-se feito se os elementos de que se compunham aquellas camaras fossem completamente homogeneos.

Alli perdeu-se muito tempo e muita vida em combinações estereis [2]. Entraram no campo das transigencias, e em politica e n'aquellas épocas a intransigencia é tudo. Porque se infamou a revolução franceza?

Voltando ao livro, o que mais me espanta é a brevidade com que Borges Carneiro, Fernandes Thomaz e os seus collegas trataram as mais momentosas questões do tempo. Os seus discursos são curtos e concisos. Nada de rhetoricas balofas; nada de redundancias inuteis; tudo claro, util, preciso e rapido. E ainda assim perderam tempo! Confrontem-se aquelles discursos com as estopadas de hoje em dia. Borges Carneiro pede a abolição da inquisição em seis palavras; isto em 1821; em 1879, o parlamento portuguez gasta tres semanas em discutir a reles eleição da Carrazeda! É o predicado que mais recommenda a leitura dos celeberrimos discursos: a brevidade. Se o leitor imagina que elles teem o comprimento e a rhetorica d'um sermão varatojano, engana-se: aquillo lê-se sem fadiga e sem custo; não vão os ingenuos suppôr que já n'aquelle tempo havia Arrobas. Não havia; isso veio mais tarde com o phylloxera e com a communa. Em 1821, aquelles trastes só se encontravam nos armazens dos negociantes de grosso trato; no parlamento ninguem os viu senão depois que o systema metrico os expulsou das tendas.

E afóra a brevidade, com que admiravel coragem não se fallava n'aquelle augusto congresso? Alli dizia-se a verdade sem rebuço, não se empregavam reticencias, e ninguem se espantava de que os menos ousados constituintes passassem como passavam a cada passo, diploma de parvo ao snr. D. João VI, ameaçando-o com a deposição. Hoje levanta-se um clamor de ensurdecer, se um moço inodoro e incolor, o snr. Rodrigues de Freitas, por exemplo, mette, a medo, uma farpa no cachaço do snr. D. Luiz, ou commenta menos palacianamente os heroismos da real consorte. O que diriam Baracho e mais Karrilhos se actualmente se fallasse assim no parlamento:

«Nós somos necessariamente mandata-«rios da nação; somos representantes da «nação; e se isto não é assim, digam-n'o «os illustres preopinantes e escolham um «termo proprio para o exprimir.

«Insisto em que vá n'este artigo a pa-«lavra *legalmente eleitos*, porque estou «muito convencido de que os represen-«tantes, ou mandatarios da nação (que «para mim são synonymos) são todos elei-«tos pela nação que os nomeia mediata «ou immediatamente.

«Quando ella declarou no dia 24 de «agosto e consecutivamente até ao dia 15 «de setembro que o governo que ia a es-«tabelecer-se era conservando a dynastia «de Bragança, elegeu a casa de Bragan-«ça para succeder no throno portuguez e «governar os portuguezes; e isto quer di-«zer, que quando esta dynastia não cum-«prir com as condições debaixo das quaes «é eleita para governar, então a nação, «reassumindo os seus imprescriptiveis di-

[1] 1821.

[2] «Diz-se: *fique isto para as côrtes que veem;* é o que eu acho uma indignidade». Estas palavras de F. Thomaz justificam o que se affirma no texto.

«reitos, tem authoridade de a tirar do «governo e pôr á testa d'elle quem bem «lhe parecer. Estes são os nossos princi«pios e foram os dos nossos maiores; e «por essa razão é que eu quero que vão «aqui declarados [1]».

N'estas singelas palavras ha sinceridade e energia a que os nossos reis não andavam muito afeitos desde Sancho II e Affonso IV. Mais «feliz» que os dous velhos monarchas affonsinos, o senhor rei D. João VI não se afadigou, como o segundo, em campanhas em pró da patria e da familia, nem chorou, como o primeiro, no exilio, os erros e as cobardias do seu reinado. O *clemente* desfructou em paz e socego o seu throno e o seu simonte, cantou pachorrentamente os seus psalmos, e se não logrou herdar-nos um nome limpo e glorioso, deu-nos pelo menos um typo que ficou eterno nos dominios da sandice inoffensiva.

Não concluirei sem lembrar ao snr. Prado de Azevedo a conveniencia de preferir sempre o que é de casa ao que é de fóra. Não louvo ter o meu illustre amigo dedicado todo o 1.º volume a Castellar com prejuizo dos nossos oradores benemeritos. Castellar é um prodigio, não ha duvida; mas a sua dedicação para comnosco não vai além da dedicação que os redactores da *Epoca* teem pelos portuguezes fuzilados em Granada. Dê-se ao talento o lugar a que tem jús, mas nada de extremos de cortezia para quem os não agradece nem é capaz de os retribuir.

Cumpre-me por igual aconselhal-o a dar maior amplitude á lista dos oradores nacionaes, com cujos discursos tenciona enriquecer o seu thesouro de eloquencia universal. Não vejo a par de José Estevão, Rodrigo da Fonseca, Passos, Ferreira Borges, etc., os nomes de Rebello da Silva, o Vergniaud da tribuna parlamentar portugueza, nem de Vieira de Castro, o assombroso athleta, tão admiravel nos impetos do verbo inspirado, como na excruciante desaffronta da sua honra manchada, como no heroismo da expiação, como no transe afflictivo da morte, que lhe deu com o repouso ambicionado a consagração dos martyres e a veneração dos vindouros.

Concluo, com a certeza de que a *Bibliotheca Modelos de Eloquencia* ha-de conquistar o lugar que compete ás obras sérias e ás empresas de utilidade [1].

ALFREDO CARVALHAES.

[1] *F. Thomaz. Discurso sobre o art. 26 da Constituição.*

[1] Este artigo, publicado ha dias no *Boletim critico do Porto*, foi agora revisto e consideravelmente augmentado pelo author.

PUBLICAÇÕES RECENTES

Viagens em Marrocos, por Ruy da Camara, com illustrações por Manoel Macedo, C. Alberto e Pastor. Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto, 1879. 8.º — 301 pag., edição nitida.

A apreciação judiciosa e eloquente que o snr. visconde de Benalcanfôr fez d'este livro no *Commercio do Porto* dispensa-nos de encarecimentos que se não achem nos periodos do insigne critico. Transcrevemol-a, como modêlo de linguagem e de justiça:

«Sentimos sempre verdadeira alegria em annunciar aos nossos leitores a apparição de uma obra litteraria nova, principalmente quando essa obra significa as primicias do talento de um escriptor.

«Estão n'este caso as *Viagens em Marrocos,* pelo snr. Ruy da Camara, que nas trezentas paginas do seu formoso livro evidenciou com muita felicidade e notavel luzimento as qualidades distinctas do seu talento. Ha grande naturalidade no seu estylo, fina observação nas suas descripções. Conhece de perto, quanto é possivel ao viajante, as terras, os costumes e as raças d'essa região, que, começando a tres ou quatro horas da Hespanha, além do estreito de Gibraltar, prolongando-se pelas costas do Mediterraneo n'uma extensão de mais de cem leguas do litoral, e que se dilata por mais de duzentas leguas sobre o oceano, é ainda hoje mais inaccessivel em toda a sua extensão ao viajante do que qualquer outra do antigo e do novo mundo. O traço mais caracteristico do genio dos povos que habitam os Estados de Marrocos, e, no dizer unanime dos viajantes, a sua attitude de leão irritado e ameaçador no seu antro, d'onde ruge contra todas e quaesquer tentativas de reforma e de progresso, que as descortine lá ao longe a invadirem-o pelas cordilheiras do Atlas, quer a surprehendel-o pelas planuras abrasadas do deserto.

«Beduinos, berbéres, mouros e arabes do Rif, sua origem, filiação e differenças, judeus e abids, harens, santos e renegados, todas as particularidades etnographicas sem fim, todas as minucias da vida marroquina e do estado social d'aquelles povos por tantos seculos sequestrados do influxo da civilisação europêa, apparecem resumidos no interessante livro do snr. Ruy da Camara, sem se prejudicarem nem atropellarem, com toda a clareza e individuação.

«A parte anecdotica não é um dos menores encantos d'este livro, em que a despretensão singela, com que está escripta, abona o gosto delicado do seu author, o qual — sinceramente lh'o dizemos — teve a boa fortuna de fazer a sua estreia por um livro facil, ameno, attrahente. Acabamos de o lêr, e não nos despedimos de o relêr, o que não succede com demasiada frequencia pelos tempos que correm».

As missões ultramarinas. — Discursos pronunciados na camara dos senhores deputados nas sessões de 14, 15 e 16 de maio de 1879 por Miguel Augusto de Sousa Pires de Lima, deputado pelo circulo 42 (Feira). Livraria Internacional de Ernesto Chardron. 1879, 8.º — 78 pag.

No primeiro discurso advoga-se o clero parochial na mesquinharia da sua gratificação. O illustre patrono descreve-o sobrecarregado de trabalhos pouco menos de alheios da sua missão, e sovinamente remunerados, com um menospreço que data de quarenta annos, menospreço que os diversos ministerios teem recebido como legado e traspassado aos successores como encargo de nenhuma ponderação. É justissimo, se esses lavores não são um pouco phantasistas. Não podemos dar como exemplo justificativo do trabalho mal recompensado o clero parochial do Minho. Aqui, as occupações dos pastores de almas são tão moderadas que lhes concedem tempo para os seus negocios de compra e venda de gado, para a sua agricultura em que muitos se não estremam dos jornaleiros senão pela corôa. Ha d'elles que ainda teem umas sobras de tempo para a sua jogatina d'azar nas feiras, ou em guritas de botiquins, onde, por via de regra, raros se absteem de tentar a fortuna com um ou dous micos. Ninguem aqui dirá que os parochos teem que fazer, tirante o ministerio da

missa e o dos sacramentos, maximè o da penitencia na quaresma, porque então os camponios vão ao tribunal da confissão com o fim louvavel de lograrem o diabo, com quem andaram de boas avenças durante um anno. Ninquem dirá tambem que a lei de 6 de maio de 1878 exclue os padres da actividade politica. Os do Minho esfervilham tanto n'esse lamaçal que mais parecem uns agentes estipendiados das facções. Não quer, todavia, o snr. Pires de Lima que ao padre seja cassado o direito de cidadão. Raciocina bem e com graça quando diz: «Eu sei que ha muitos que dizem e affirmam que o padre tendo uma missão especial a cumprir no mundo, deve ser completamente estranho ás cousas publicas. *Trate das cousas de seu ministerio, mas não trate das cousas da terra.* Acho bom o principio; mas o que peço é que se applique a todos e com todo o rigor logico. Quem tiver uma occupação especial n'este mundo, abstenha-se de politica. O medico que trate só dos seus enfermos, o advogado dos seus clientes, o engenheiro das suas estradas, o lavrador dos seus campos, o industrial das suas fabricas; e a politica virá assim a ser a occupação dos que não teem occupação, a occupação dos vadios, que o codigo penal manda para a cadeia, e que por esta singular theoria deve mandar para os cargos mais eminentes da republica». A camara riu e apoiou. *De te fabula narratur,* poderia dizer o orador ao que ria.

Sobre o desleixo e penuria a que desceram as possessões da Asia portugueza e as africanas, sem clero, sem seminarios, sem pastores, sem educação religiosa, discorre o snr. Pires de Lima com irrespondiveis argumentos e provas. Como os assumptos d'esta natureza raro teem occupado as camaras desde 1834, ou muito pela rama teem sido aventados, o energico parlamentar, que os conhece e discute com sciencia e consciencia, dános novidades que seriam vergonhosas, se não fossem a cachexia de um paiz que se esphacela, porque não ha moral sem religião, nem sociedade sem moral.

São excellentes e benemeritos de meditada applicação os discursos do snr. Pires de Lima, um dos sacerdotes mais celebrados entre os poucos que nobilitam o paiz. As colonias portuguezas actuaes não podem ser comprehendidas sem o subsidio d'esta dolorosa exposição. O mallogrado orador de certo clamou no deserto; mas lavrou um protesto que no dia funesto da desmembração ha de ser lembrado.

Boletim critico do Porto.—Sahiu o primeiro numero. É redigido pelos snrs. Silva Pinto e Alfredo Carvalhaes. É pena que o snr. Carvalhaes seja influenciado por uns excentricos preconceitos da vida que o exorbitam da esphera em que a gente se oscúla e morde, se abraça e se descadeira. Anda como perdido e suspenso nos inter-mundos, no nervosismo, nas allucinações do opio, por alturas em que a respiração é difficil; e até das dôres nevralgicas tira como Heine umas ironias que o não dispensam de se ungir com oleó de meimendro. Repare o escriptor vivamente colorista que é preciso confiarmos a alma doente á clinica trivial da sociedade, assim como entregamos os ossos á botica. Entre no mundo com o chapéo na mão, reconheça-o como cousa bem feita, porte-se cortezmente, faça sonetos aos annos das senhoras cançadas de os fazer e desfazer, tome rapé, e verá que longo estadio de felicidade separa Pangloss do infeliz Jocelin, e o seu dilecto sir John Falstaff de Timão d'Athenas. O seu collega da redacção, o snr. Silva Pinto, é uma intelligencia cultivada á moderna, com poderosas energias de fórma. Diz-se que tem muitos inimigos fraternaes na sociedade meiga dos seus irmãos em letras. Os mais implacaveis não lhe podem negar engenho, sem lavrarem a si proprios alvará de mentecaptos ou facciosos. O snr. Silva Pinto, ha cinco annos, sabia pouco e era mau, da maldade do *meio.* Hoje não me parece que tenha muito melhor genio; mas sabe incomparavelmente mais. Parece-me todavia que lucta com o colosso da sociedade: vem a quebrar os braços. Que se constranja, que se amolde, veja se toma rapé, e monte uns oculos que lhe ponham a conspicuidade plastica á altura da intelligencia. Aconselho o rapé aos dous nervosos redactores do *Boletim,* porque lhe devo a elle—*ao reserva do mestre* (não confundir com o *vinagrinho*) a bondade angelical com que me deixo mortificar. O rapé, emfim, é um vesicatorio dos cerebros plethoricos, e um titulo sujo, mas serio, que dá direito á consideração das gentes.

Impressões. — Poesias, com uma carta-apreciação do snr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, por L. A. Gonçalves de Freitas. Coimbra, imp. da Univ. 1878, 8.º A carta do saudoso e notabilissimo escriptor Teixeira de Vasconcellos encerra justos louvores da obra e reflexões que sôam como conselhos de intelligente e experimentado. O snr. Gonçalves de Freitas está na média entre as duas escólas de poesia que se digladiam, e que promettem cahir extenuadas simultaneamente. A poesia está por um fio, e acabará com a geração actual.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Cancioneiro Alegre

COMMENTADO

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

1 volume, 1$200 reis

Emquanto no theatro o desastre do *Hernani* traduz uma tentativa generosa e nobre, Camillo Castello Branco, Teixeira de Queiroz, Bento Moreno, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, affirmam no livro as suas poderosas qualidades de artistas, de poetas, de pensadores e de criticos.

N'esta resenha rapida das novas publicações, cabe por muitos motivos, o lugar de honra a Camillo Castello Branco: o grande romancista, o mais nacional e o mais original dos escriptores portuguezes.

Não podemos acrescentar infelizmente que entre os livros de Camillo seja o ultimo, — intitulado o *Cancioneiro Alegre* — dos mais sympathicos para nós.

Um homem como Camillo Castello Branco não se julga, todavia, por um dos seus livros.

Tem de partir de mais alto, tem de penetrar mais fundo a critica que houver de aquilatar o creador poderoso de tantos typos que ficaram immortalisados por um sôpro de genio.

Camillo pertence á familia rara de escriptores que sabem fazer vibrar com indizivel mestria as duas cordas predominantes do organismo humano. A corda do riso e a corda das lagrimas.

Como Dickens, com o qual o romancista portuguez tem mais de um ponto de contacto, Camillo sabe fazer chorar e fazer rir.

É este o seu triumpho, é esta a qualidade principal do seu talento, da qual derivam naturalmente todas as suas outras qualidades de estylo e de execução.

Camillo Castello Branco tem na voz todas as notas que vão da ineffavel melancolia das esperanças frustradas, ou das desoladoras saudades, até ao soluço ardente do desespero, e todos os risos, desde o bom riso jovial que os espectaculos burlescos nos desafiam, até a gargalhada sardonica em que se fundem todas as ironias, todas as reprovações e todos os castigos sociaes.

Esta serie de gradações, estes contrastes violentos dão á sua linguagem castigada e vernacula, á sua opulenta linguagem portugueza, um cunho individual e tão poderoso que em mais nenhum escriptor do nosso paiz se encontra.

Os seus livros tem um relevo, um calor, um pitoresco que é só d'elles.

Sabe desencantar palavras que rasgam as carnes como punhaes acerados, que azorragam como chicotes de fogo, que produzem um effeito hilariante como um frasco de protoxydo de azote subitamente destapado.

Ha n'elle a communicativa alegria de Rabelais, a ironia pungente e mordaz de Voltaire, e ao mesmo tempo uma tristeza tão funda, tão cheia de lagrimas, tão sem esperança, uma como que saudade intraduzivel de um paraiso que para sempre perdeu, o paraiso da sua fé, da sua mocidade, da sua alegria, do seu amor!

Sente e faz sentir! Deus deu-lhe uma alma capaz de todos os ardores, de todas as coleras, de todos os odios, de todas as paixões devoradoras, e ao mesmo tempo de todas as dôces tristezas, de todos os infinitos cambiantes do soffrimento! É um instrumento que resume uma orches-

tra, e que elle faz vibrar como grande artista que é.

Essa alma que a vida tem ulcerado, que na solidão e na doença se tem obumbrado de nuvens espessas, teve ha dias uma especie de desafogo, no livro chamado *Cancioneiro Alegre*.

Camillo respigou aqui e alli, na enorme seára dos poetas nacionaes, algum verso que mais de molde lhe pareceu para o fim a que visava, colleccionou estas producções de engenhos diversissimos, e commentou-as com a sua prosa admiravel, que é só por si uma maravilha artistica.

Sendo tristissima a Musa que inspira habitualmente os nossos vates, elles nunca fazem versos alegres senão por desfastio, um desfastio que os torna mais do que mediocres. D'aqui proveio o não serem bons os versos *alegres* que Camillo colleccionou, e poderem ser *alegrissimos* os commentarios que os acompanham.

A alegria, porém, d'esses commentarios, a *verve* que os illumina, a malicia excepcional que n'elles scintilla, o comico chiste com que estão torneados não os salva de serem muitas vezes injustos.

Da parte do nervoso e apaixonado escriptor, a quem instinctivamente repugna a feição impessoal da litteratura moderna, não deve isto parecer estranho.

É um producto natural da sua indole litteraria e da sua organisação physica.

Sentimos, porém, como admiradora sincera que somos do grande *humorista* portuguez, que elle se deixasse levar tão irresistivelmente pelo declive escorregadio das suas antipathias e sympathias pessoaes.

Não especialisamos porque nos falta o espaço e o tempo.

Lembramos sómente que Camillo Castello Branco foi sempre soberanamente bondoso e parcial para os homens da sua geração, e só excepcionalmente é que foi justo ou benevolo para os poetas da geração moderna.

Trata por exemplo com a mais graciosa amabilidade a Francisco Palha, e no entanto, quem não sabe que Francisco Palha corrompeu, com a consciencia do que fazia, o gosto do nosso publico em cousas de theatro, e trouxe para a vida social do nosso paiz mais um elemento de desmoralisação e de desordem?

A musa offenbachiana, decotada e semi-nua, foi elle quem a naturalisou portugueza.

Vinha importada lá de fóra, dir-me-hão, e nem por isso lá fóra se é mais immoral do que por cá se está sendo e se tem sido.

Mas os que apresentam estes sophismas nunca pensam que lá fóra ha bom e mau, e só do mau é que nós temos a curiosidade e a admiração. Lá fóra ha alimento para todos os paladares, os corruptos vão naturalmente para a corrupção, os honestos vão para a honestidade e para o bem.

Em quanto que nós, um publico de *senhoras visinhas* e de imitadores servis, acolhemos tudo sem criterio, e somos unanimes em aceitar para todos a mesma inspiração e a mesma lei.

Se a *moda* levar para um genero pernicioso, funesto, avariado o nosso gosto, para lá vamos todos como um rebanho estupido e insconsciente, atraz do pastor, quer elle seja mau quer elle seja bom.

Para nós, Francisco Palha, pertence ao numero dos primeiros, e Camillo Castello Branco, que tinha authoridade para lh'o dizer, não lh'o disse, obedecendo á sua amizade e calando a voz da sua consciencia.

Que nos perdôe o illustre romancista estas observações que respeitosamente lhe fazemos.

Ninguem mais do que nós o considera e o respeita, ninguem presta mais sincera homenagem ao seu talento em tanta maneira singular!

M. Amalia Vaz de Carvalho.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro).

Eusebio Macario

1 volume, 800 reis

Deve ser publicado por estes dias o já celebre **Eusebio Macario,** primeiro romance da longa collecção faceta que, sob o titulo geral de **Sentimentalismo e historia,** o nosso grande litterato Camillo Castello Branco se propõe dar á estampa em curto prazo.

Não duvidamos da realisação de um tal commettimento que, pesadissimo para hombros menos pujantes que os de Camillo, de modo algum surprehende quando firmado nos talentos do illustre romancista.

Já estamos d'aqui antevendo os destroços que vão resultar nas pequenas fileiras realistas, que entre nós militam no campo do romance sob o commando superior do respectivo quartel-general fran-

cez, — que vão resultar, dizemos, da explosão da formidavel bateria **Sentimentalismo e historia**, que seu author está carregando com um denodo e um arreganho marciaes á altura da situação.

Ou muito nos enganamos, ou esta nova serie de publicações vai ser para certos romances realistas portuguezes (realistas excepto no que toca á syntaxe e á grammatica, em summa), especialmente para a fórma, o que foi o **D. Quixote** para os estultos cartapacios da cavallaria andante. Como se sabe, a obra prima de Cervantes varreu completamente a feira, não havendo mais quem se atrevesse a manejar a penna em celebração d'aquelles grandes figurões estafados e decrepitos.

Ficamos aguardando com anciedade o apparecimento do risonho **Eusebio.**

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura.

Preço, 100 reis

É um folheto de 40 paginas em que o snr. A. M. Lopes de Carvalho, depois de nos dar algumas noções geraes a respeito dos insectos, faz fundamentada selecção dos que são reputados uteis á agricultura, secundando pela guerra declarada a outros insectos ou por qualquer outra fórma o trabalho do homem. O snr. Lopes de Carvalho presta n'este livrinho um grande auxilio aos nossos lavradores, muitos dos quaes são atreitos em perseguir animaes, que tão proveitosos lhes podem ser.

(Do *Penafidelense*).

As missões ultramarinas

1 volume, 200 reis

São tres formosos e eloquentes discursos proferidos nas camaras dos deputados na ultima sessão legislativa, pelo esclarecido deputado pela Feira, o reverendo dr. Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima, os quaes o snr. Ernesto Chardron compendiou em folheto de 78 paginas. Encontra alli lição variada e abundante sobre a importancia das missões nas nossas possessões ultramarinas o leitor, para quem o prestigio do nome portuguez, nas nossas antigas conquistas, seja objecto d'alguma veneração. Encarecer os meritos da obra é superfluo, quando o author se chama Pires de Lima.

(*Idem*).

Curso de lingua italiana

1 volume, 500 reis

Methodo de Ahn, adequado ao uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswich. — O author d'este livro, que se tem applicado com especial dedicação a facilitar o estudo das linguas estrangeiras, tem logrado o seu intento por meio do methodo Ahn, que consiste em aprender uma lingua estrangeira do mesmo modo por que se tem aprendido a propria, e as suas obras tem sido bem acolhidas pelos seus excellentes resultados praticos. Crêmos que igual acolhida terá o *Curso da lingua italiana,* por meio do qual tão facil se torna o estudo da melodiosa e euphonica lingua de Dante e Petrarcha.

(*Idem*).

Viagens em Marrocos

1 volume, 1$000 reis

É um interessantissimo volume em 8.º de 300 paginas, em que seu author, o snr. Ruy da Camara, nos conta com vivacidade e graça as impressões das suas viagens com mil episodios, incidentes e descripções e minudencias, que nos proporcionam uma leitura deveras agradavel em estylo ameno e simples. É illustrado com primorosas gravuras, o papel superior e a edição nitida.

(*Idem*).

Cartas a um sceptico em materia de religião

1 volume, 600 reis

Traducção do hespanhol por A. A. Leal — 2.ª edição. E' sobejamente conhecido o eminente philosopho do visinho reino, ha poucos annos ainda roubado ao mundo, D. Jayme Balmes. N'elle teve sempre a divina religião do crucificado um fervoroso apostolo, e a philoso-

phia um cultor illustradissimo. Quem sentir a sua fé esmorecer ante as conclusões da sciencia, encontra n'este livro com que a reaccender e roborar. É de Balmes o livro, tanto basta. A traducção é esmerada.

(*Idem*).

Codigo civil portuguez

1 volume, 1$600 reis

É annotado, com referencias, em seguida a cada artigo, aos artigos do mesmo codigo, aos do codigo de processo civil, aos da lei hypothecaria de 1 de julho de 1863, e aos publicados na *Revista de legislação e jurisprudencia*, de Coimbra e *O Direito*, de Lisboa, com um appendice contendo a legislação vigente e correlativa, o regulamento do registo predial e legislação respectiva, a lei da extincção dos juizes eleitos e creação dos ordinarios, a lei e regulamento da caixa geral dos depositos com os respectivos modelos, e um minucioso reportorio alphabetico. — Pelo que fica mencionado, se avalia o grande merecimento do trabalho do snr. Gaspar Loureiro d'Almeida Cardoso Paúl.

(*Idem*).

Manuscripto em folio com 581 paginas, além de 32 numeradas separadamente, tendo o frontispicio colorido, com brazão, figuras, etc., e o titulo seguinte:

«Apparato genearchico em que se expõem as ARMAS DE TODOS OS REINOS E POTENTADOS DA EUROPA E DOS IMPERIOS DA ASIA E AFRICA, e ultimamente os brazões das familias portuguezas e de muitas de Hespanha, offerecido a João Antonio Pereira e Castro Gomes e Abreu Quesado, fidalgo da casa real, por Manoel Pinto do Rego, da villa de Vianna, 1747».

Esta obra está dividida em duas partes e estas dividem-se em capitulos, tratando da materia segundo a ordem que o titulo indica. Traz o retrato colorido do author, diversas poesias dedicadas ao mesmo, varios indices das materias, uma carta de Antonio Alexandre Pereira Bacellar e resposta do author, depois segue-se o texto, onde véem intercaladas para cima de 2:000 pinturas, representando corôas, cruzes, bandeiras, brazões e outros emblemas de heraldica, e entre os quaes se contam mais 1:200 escudos de armas de reinos, provincias, cidades e familias, contendo além d'isso as vistas de Vianna e dos Arcos de Val-de-Vez, cercadas dos escudos de armas e appellidos dos seus principaes povoadores, terminando finalmente por cento e tantas paginas de arvores genealogicas.

Tem encadernação antiga e está bem conservada menos nas duas ultimas folhas que estão manchadas.

Todos os trabalhos são feitos á penna e com perfeição, estando bem conservadas as côres das tintas em quasi todas as pinturas.

Esclarecimentos na livraria Chardron.

CONSELHEIRO ANTONIO JOSÉ TEIXEIRA

CONSELHO GERAL DAS ALFANDEGAS

RELATORIO DOS TRABALHOS DESEMPENHADOS NOS ANNOS DE 1877 E 1879

1 GROS. VOL. COM NUMEROSOS MAPPAS ESTATISTICOS

Tendo já 12 annos de existencia no paiz o codigo civil, representando difficilima compilação de tantas leis desde as romanas até ás ecclesiasticas e barbaras e desde a idade média até ás successivas *ordenações* d'este reino, além de muitas outras leis, é um verdadeiro monumento, elevado á sciencia juridica no extremo occidente, um padrão de gloria de um povo, que se affirma.

O nosso codigo civil não é uma obra abstracta, porque é verdadeiramente nacional sem deixar de representar o movimento do seculo até os mais remotos horisontes.

Merece pois ser examinado em trabalhos, como os de que se honram os francezes, cujo codigo civil tem sido e continua a ser explorado em analyses e commentarios de alta sciencia.

No meio da desordem judicial do nosso paiz, pois ainda não foi a organisação judiciaria verdadeiramente desafogada das praticas e atmosphera do antigo regimen, é grato ao menos termos este movimento em face da Europa, mostrando que Portugal sabe conceber o direito e amoldal-o aos multiplices misteres da vida pratica.

É pelo lado mais pratico que o codigo civil foi encarado pelo snr. Cardoso Paúl, que escreveu por fórma tal, que não deve haver mesa de advogado e de juiz, em que não esteja o seu precioso volume.

As referencias do codigo aos seus proprios artigos, trabalho embaraçoso para quem estuda e altamente util, trabalho indispensavel para quem lida na pratica da lei, estão bem apresentadas, e facilitam por extremo a boa intelligencia do codigo portuguez.

O snr. Cardoso Paúl foi porém mais longe, porque além de todas as mais referencias a outras leis, exhibe as referencias aos dous jornaes juridicos de mais authoridade, o *Direito* e a *Revista de legislação e jurisprudencia*. Por este modo e com relação a cada uma das questões de pratica e interpretativas, este livro abre um excellente caminho e mostra logo ao homem pratico os primeiros materiaes e elementos para o estudo.

Não sendo facil, senão com o uso do livro, o vêr se todas as referencias estão devidamente coordenadas, não podemos afiançar, que não haja incorrecções ou faltas: o que porém asseguramos é a enorme collecção de referencias apropriadas proxima ou remotamente, de modo que este livro é um excellente guia para o estudo pratico e para o uso diario de todas as pessoas do fôro.

É pois muito digno de louvor o snr. Cardoso Paúl pelo seu laborioso livro, que, sem duvida, não carece de recommendações de favor, pois é patente a sua grande utilidade.

Agradecemos por tanto ao snr. Chardron, illustrado editor de tantas obras, o exemplar com que nos brindou e juntamente o do *Manual do recorrente nas causas civeis* (todos os recursos legaes) do mesmo snr. Cardoso Paúl, livro de menos pulso, feito sobre o nosso *Codigo de processo civil,* onde expõe com muita clareza os objectos de que se occupa e que não deixa de ser tambem um livro muito util.

J. M. DA CUNHA SEIXAS,
advogado.

(Do *Commercio de Lisboa*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

Ahn. Curso de lingua italiana. Methodo de Ahn, adequado ao uso dos portuguezes pelo professor H. Brunswich. 1 vol................ 500

Lopes de Carvalho. Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura. Opusculo illustrado com gravuras. 1 vol................. 100

D. Antonio da Costa. Historia do marechal Saldanha. 1 vol. 1$200

Camillo Castello Branco. Sentimentalismo e historia. 1 volume..................... 800

—Cancioneiro alegre. 1 vol.... 1$200

Castro Freire. Novo diccionario francez-portuguez. 1 grosso vol. com encadernação de Paris....... 4$800

Chateaubriand. Atala. 1 vol. broch..................... 1$500

Com uma rica cartonagem vinda de Paris...................... 2$000

Gaspar Paúl. Manual do recorrente. 1 vol............... 600

—Codigo civil annotado. 1 vol... 1$600

Guerra Junqueiro. A musa em ferias. 1 vol............ 600

Herculano. Opusculos. 4.º volume..................... 600

Julio Lourenço Pinto. Margarida. 1 vol.............. 1$000

Luiz Garrido. Estudos de historia e de litteratura. 1 vol..... 600

Julio Verne. Viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos. Volumes publicados e em brochura:

Da terra á lua............. 900
Á roda da lua.............. 900
A volta do mundo em 80 dias. 1$000
Os inglezes no polo norte..... 1$100
O deserto de gelo.......... 1$100
Cinco semanas em balão..... 1$100
Aventuras de tres russos e tres inglezes.................... 900
Viagem ao centro da terra... 1$000
America do sul............. 1$100
Australia meridional......... 1$100
Oceano Pacifico............. 1$100
O homem das aguas......... 1$000
O fundo do mar............. 1$100
Os naufragos do ar.......... 1$100
O abandonado.............. 1$100
O segredo da ilha........... 1$100
O correio do czar........... 1$000
A invasão................. 1$000
O eclipse de 1860.......... 1$000
A ilha errante............. 1$000
A cidade fluctuante.......... 1$000
As Indias negras............ 1$000
O cataclysmo cosmico........ 1$100
Os habitantes do cometa..... 1$100
O doutor Ox............... 1$100
A viagem fatal............. 900
Na Africa................. 1$000
A galera Chancellor......... 1$100
A descoberta da terra (1.ª parte) 1$100
A descoberta da terra (2.ª parte) 1$100

Cada volume tem numerosas gravuras e custa mais 300 reis encadernado em percalina dourada.

Manual do gallinheiro. Indicações indispensaveis aos que se dedicam á gallinicultura. 1 vol. 150

O Agricultor do Norte de Portugal. Jornal illustrado de agricultura pratica dedicado ás provincias do Norte e publicado sob a direcção e auspicios do conselho d'agricultura do districto do Porto. 2.º anno...................... 3$000

Publicou-se o n.º 9 do 2.º anno.

Peixoto Amaral. Selecta classica de prosadores portuguezes, elaborada segundo o programma official, para as cadeiras de portuguez dos lyceus, conforme a portaria de 5 d'outubro de 1872 e augmentada com mais trechos classicos, e notas. 1 vol...... 600

Pires de Lima. As missões ultramarinas. Discursos pronunciados na camara dos senhores deputados nas sessões de 14, 15 e 16 de maio de 1879. 1 vol...................... 200

Ruy da Camara. Viagens em Marrocos, com illustrações por Manoel Macedo, C. Alberto e Pastor. 1 vol...................... 1$000

O Antonio Maria. Folha humoristica illustrada por Bordallo Pinheiro. 6 numeros............. 300
Avulso, cada numero........ 60

Mattos Moreira & C.ª — editores.

Seabra. A Flôr dos prégadores ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos para todas as domingas e principaes festas do anno. 7.º vol........... 800
Volumes 1 a 7.............. 5$600

Teixeira de Queiroz (Bento Moreno). Os noivos. 1 vol.... 1$000

Theophilo Braga. Historia Universal. 1 vol............ 1$000

—Philosophia positiva. 1 vol... 700

PUBLICATIONS FRANÇAISES DE 1879

Assollant. Le vieux juge. 600

Bain. La science de l'education. 1 vol. cart.................... 1$200

Brédif. Demosthène. 1 vol. 1$600

Broglie. Le libre échange et l'impot. 1 vol. in-8.º............... 1$500

B. Saint-Hilaire. Métaphysique d'Aristote. 3 vol. in-4.º... 6$000

Busch. Le comte de Bismarck et sa suite pendant la guerre de France 1870-71. 1 vol................ 700

Cadol. La grand vie. 1 vol... 700

Cariel. Descartes. 1 vol...... 700

Chavette. Nous marions Virginie. 1 vol......................... 600

Clebsch. Leçons sur la géométrie. Tome 1er. Sections coniques et formes algébriques................ 2$400

Compayré. Histoire critique des doctrines de l'éducation en France depuis le 16e siècle. 2 v. in-8º. 3$000

Dantier. Les femmes dans la société chrétienne. 2 gros volumes illustrés et reliés.................... 13$000

Dauriac. Des notions de matière et de force. 1 vol............. 1$000

Dos. Algèbre. 1 vol......... 1$000

Dubois. Cours de navigation. 1 gr. vol...................... 3$000

Dumas. L'inconsolée. 1 vol. 700

Figuier. Connais-toi toi même, notions de physiologie à l'usage de la jeunesse et des gens du monde. 1 vol. illustré..................... 2$000
Relié...................... 3$000

Fleuriot (Melle). Raoul Daubry, chef de famille. 1 vol. illustré... 1$000

Follin. Pathologie externe. Tome 6e, fasc. 1er.................... 800

Garnier. Le mariage dans ses devoirs, ses rapports et ses effets conjugaux. 1 vol.................. 700

Girardin. Petits contes alsaciens.. 1 vol. broc................... 300
Cart....................... 500

Guyau. La morale anglaise contemporaine. 1 vol. in-8º......... 1$500

Haussonville. L'enfance à Paris. 1 vol...................... 1$500

Houel. Catalogue des pièces du Musée Dupuytren. Tome IV et atlas. 3$000

Houssaye. Des destinées de l'âme. 1 vol...................... 1$200

James. Toilette d'une romaine au temps d'Auguste. 1 vol......... 700

Joly. L'homme avant les métaux. 1 vol. cart................... 1$200

Lamartine. Saul — tragédie. 800

Lange. Histoire du matérialisme. 2 gros vol. cart............... 4$000

Lefèvre. La philosophie (bibliothèque des sciences contemporaines). 1 vol. in-12.................. 1$000

Leyraud. Le mariage et les mœurs en France. 1 vol............ 1$200

Livingstone. Voyages d'exploration. 1 vol. cart............... 500

Lubbock. Insectes et fleurs sauvages. 1 vol. illustré cart......... 800

Lunge et Naville. Fabrication de la soude. Tome 1er. Acide sulfurique. 1 vol. cart.............. 4$000

Madame et Monsieur Cardinal. 1 vol................... 700

Martineau. Traité clinique des affections de l'utérus et de ses annexes. 2e partie. Pathologie speciale. 1 vol. in-8º.................... 1$600

Maudsley. Physiologie de l'esprit. 1 vol. cart................. 2$200

Maxime du Camp. Les convulsions de Paris. 1 vol..... 1$500

Monnier. Scènes populaires dessinées à la plume. 2 gros volumes illustrés..................... 4$000

Monsabré. Exposition du dogme catholique. 1 vol............. 800

Nélaton. Pathologie chirurgicale. Tome 4e. 2e partie.......... 1$400

Paquier. Histoire de l'unité politique et territoriale de la France. 1er vol....................... 1$500

Pichot. Complément de geométrie descriptive. 1 vol............ 400

Quicherat. Mélanges de philologie. 1 vol.................. 1$200
— Rodrigue de Villandrando. 1 volume in-8º.................... 1$500

Ribot. La psychologie allemande contemporaine. 1 vol. in-8º... 1$500

Rothan. La politique française en 1866. 1 vol. in-8º........... 1$500

Schliemann. Mycènes, recherches et découvertes. 1 vol. illustré 7$000

Sichel. Ophthalmologie. Tome 1er — Maladie du globe oculaire. 1 vol. illustré. .... 3$600

Spencer. Essais scientifiques. 1 vol. in-8º...................... 1$500
— De l'éducation intellectuelle, morale et physique. 1 vol. 2e édition. 1$000

Wallon. Histoire de l'esclavage. 1 vol........................ 1$500

Vambéry. Voyages dans l'Asie Centrale. 1 vol. cart.............. 500

Vattemare. Arminius Vambéry. 1 vol. cart................... 600

Vintéjour. Formules. 1 v. 1$200

EDUCAÇÃO E ENSINO

M. do Nascimento e Nobrega

Methodo da lingua franceza. 1 vol. 1$000

Ahn

Methodo de francez. 1 vol. 500
Methodo d'inglez. 1 vol. 800
Methodo de italiano. 1 vol. 500

Raposo Botelho

Geographia geral. 1 vol. 600
Arithmetica pratica. 1 vol. cartonado 600
Theoremas. 1 vol. 240
Chorographia portugueza. 1 volume 200
Com mappas 320
100 problemas com as resoluções. 1 vol. 200

Silva Dias

Arithmetica e systema metrico, para uso das escólas 200
Quadro colorido dos pesos e medidas 400
Envernizado e com paus 1$200

Saigey

921 problemas resolvidos. 1 v. 600

L. de Sousa Gomes

Enunciados de 1:500 problemas. 1 vol. 300

Raposo e Dias

Desenho linear geometrico. Primeira parte 600
Segunda parte 900

Diogo Nunes

Theoremas e problemas. 1 v. 400
Trigonometria rectilinea. 1 volume 300

João Diniz

Historia de Portugal. 1 vol. 240

Peixoto Amaral

Selecta classica. 1 vol. 600

Vilhena Barbosa

Virtudes civicas. 1 vol. 400

Bensabat

Methodo de leitura sem soletração. 1 vol. 80
Methodo de leitura e traducção ingleza. 1 vol. cart. 500

M. J. P.

Pontos para o curso de portuguez. 1 vol. 240

A. Vieira Lopes

Conversação portugueza-italiana. 1 vol. cart. 500

*** * ***

Noções d'agricultura. 1 vol. 250
Projecto para a reforma do ensino. 1 vol. 400

M. Bernardes Branco

Diccionario portuguez e latino. 1 vol. encadernado 2$500

Tito de Noronha

Cartas escolhidas do padre Vieira. 1 vol. 400

Charbonneau

Curso de pedagogia. 1 vol. 1$000

Lamé Fleury

Historia antiga. 1 vol. 400

Adolpho Coelho

Questão do ensino. 1 vol. 200

LIVROS RELIGIOSOS E PHILOSOPHICOS

Francisco Hettinger

Apologia do Christianismo. Obra completa. 5 vol. 6$000

Padre Rivaux

Tratado de historia ecclesiastica. 3 vol. 3$600

Padre Schouppe

Curso abreviado de religião. 1 gr. vol. 1$200

Padre Mach

Thesouro do sacerdote. 2 vol. 2$400

Um catholico brazileiro

Ensaio de programma para o partido catholico no Brazil. 1 v. 300

Francisco Luiz de Seabra

A Flôr dos Prégadores. 7 v. 5$600

Roger

O fim da vida. 1 gr. vol. 1$000

Padre Gautrelet

A franc-maçonaria e a revolução. 3 vol. 1$500

Henrich Reusch

A Biblia e a natureza. 2 vol. 2$000

Debreyne

Estudos de theologia moral. 1 volume 800

Abbade Martin

Theologia moral em quadros. 2 vol. in-8.º gr. 3$000

Abbade Guillois

Explicação litteral e moral das Epistolas e Evangelhos. 2 volumes 1$500
Explicação historica, dogmatica, moral, liturgica e canonica do Catecismo. 4 vol. 4$000

D. João M. P d'Amaral e Pimentel

A sciencia da civilisação. 1 grosso vol. 1$000

Bispo d'Orleans

Estudo ácerca da franc-maçonaria. 1 vol. 400

Abbade Tounissoux

Os diffamadores do clero catholico. 1 vol. 200

Luiz Moreira Maya da Silva

Sermões escolhidos. 2 vol. 2$000

Abbade Dubois

O padre santificado. 1 gr. v. 1$000

Fr. F. de J. Maria Sarmento

Escriptura Sagrada. 42 vol. 12$000

Tractatus de Censuris

Juxta Gury. 1 vol. 300

Bispo do Pará

Direito contra o direito. 1 v. 800

Dr. Luiz M. da Silva Ramos

Oração gratulatoria 120
Sermão da Immaculada Conceição 200
Sermão sobre a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo 200
A liberdade de consciencia 200
Pio IX, oração funebre 200
A soberania social de Jesus Christo 200

Pires de Lima

Missões ultramarinas 200

A Civilisação Catholica

Publicação mensal. Preço por anno 1$600

LIVROS RELIGIOSOS E PHILOSOPHICOS

Conego Borges

Discurso e sermão.......... 200

Monsenhor Bourret

Resposta ás imputações que se fazem á Igreja. 1 vol....... 120

Roberto Guilherme Woodhouse

A sciencia hodierna e o dogma christão. 1 vol........... 200
O naturalismo. 1 vol....... 200

Cardeal Wiseman

Fabiola ou a igreja das catacumbas. 1 vol. com gravuras. 1$500
Com uma rica cartonagem.. 2$000

P. Paulo Perny

Dous mezes de prisão sob a communa. 1 vol............. 400

Padre Chrispim C. F. Tavares

Revista catholica.......... 500

Padre Senna Freitas

A tenda de mestre Lucas, romance religioso. 1 vol........... 400
No Presbyterio e no templo. 2 volumes.................... 1$200
Pio IX. 1 vol................ 200

M. Ferreira Marnoco e Sousa

Como se ha-de fazer uma boa confissão.................... 60

Abbade Marquy

Certeza proxima do fim do mundo...................... 200

R. P. Blot

No céo nos reconheceremos. 200

Raccolta Romana

Collecção de orações e obras pias. 1 vol.................... 600

José Blum

Vida do Santo Padre o Papa Pio IX. 1 vol. illustrado. Cart..... 1$000

Padre Felix

Conferencias sobre o Socialismo. 1 vol....................... 600

R. P. Mach

Ancora de salvação. 1 grosso vol. cartonado............... 600
Maná do sacerdote. 1 grosso vol. cartonado............... 600
Catecismo exemplificado. 1 volume br.................... 800
Cartonado................. 1$100

Monsenhor Gaume

A agua benta no seculo XIX. 1 vol..................... 400
O cemiterio no seculo XIX. 1 volume..................... 400
A vida é depois da morte. 1 volume.................... 400
O signal da cruz no seculo XIX. 1 vol.................... 400
O Angelus no seculo XIX. 1 v. 400
A Europa em 1848. 1 vol.... 200
Para que serve o Papa? 1 v. 100
Onde estamos? 1 vol........ 500

Segur

O concilio................ 150
Conselhos praticos sobre a oração..................... 80
A desobriga................ 40
O descanço do domingo..... 100
Os franc-maçons, o que são.. 80
O Papa é infallivel......... 40
Póde-se ser catholico liberal? 120
Conversas sobre o protestantismo. 1 vol.................. 200

Antonio Fernandes Cardoso

Sentido dos ritos e ceremonias da missa. 1 vol............. 600

Padre Quadrupani

Direcção para socegar as almas. 2.ª edição................ 100
Direcção para viver christãmente. 2.ª edição................ 100

Thomaz Vitale

O pontificado romano...... 100

Paulo Féval

Jesuitas! traducção e notas do padre Senna Freitas. 2 vol.. 1$000

Henri Conscience

Heroes catholicos. 2 vol.... 1$000

Inferno e Paraiso

Resposta ao snr. Camillo Castello Branco. 1 vol............ 500

D. Jaymes Balmes

Cartas a um sceptico em materia de religião. 1 vol.......... 600
O Criterio, philosophia pratica. 1 vol...................... 600
Miscellanea. 2 vol.......... 1$200
Philosophia fundamental. 4 volumes................. 2$400
O Protestantismo comparado com o Catholicismo. 4 vol........ 2$400
Curso de philosophia elementar. 2 vol...................... 1$200

Vozes propheticas

Ou apparições e predicções. 1 volume................... 250

Padre Martinho

Sermões selectos. 3 vol..... 3$600

Visconde d'Azevedo

Contra-resposta dada ao velho liberal. 1 vol.............. 300

Monsenhor Landriot

A mulher forte. 1 vol....... 600

Condessa de Ségur

A Hospedaria do Anjo da Guarda. 1 vol................... 500

Padre Marchal

A mulher como deveria sel-o, 2.ª edição. 1 vol............ 400

Padre Cros

O Confessor da infancia e da mocidade. 1 vol............ 600

D. M. do P. Sinués de Marco

A Lei de Deus. Collecção de lendas. 2.ª edição. 1 vol...... 500

Pouchet

Só Deus é grande.......... 50

Porto: 1879 — Typographia do A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.º ANNO 1879 NUMERO 10.

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DOZE NUMEROS, 500 REIS

SUMMARIO

Ernesto Chardron, Editor

1.º ANNO 1879 N.º 10

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

OS CRITICOS
DO
CANCIONEIRO ALEGRE

VI

Arthur Barreiros [1]

Este sujeito escreve-me que tem uma excellente bengala de Petropolis com a qual me baterá, se eu fôr ao Brazil admirar os cerebros de tapioca. O mulato estava a brincar; elles teem a debilidade escangalhada do sangue espurio, escorrido das podridões das velhas colonias que de lá trouxeram á Europa a gafaria corrosiva; ás vezes excitam-se bastantemente com cerveja ordinaria, teem então impetos immoderados, dão guinchos, fazem caretas, coçam as barrigas, exigem banana, cabriolam se lhes atiram ananaz, e não fazem mal á gente branca.

Eu lá vou brevemente, resolvido a dar-lhe nozes e caçal-o no cabaço. Se me sahir um mono vulgar, pacifico, o *simia satyrus* de Cuvier, com o focinho proeminente, sem nadegas, sem unhas nos pollegares dos pés, tenciono trazel-o commigo para me desforrar das despezas da viagem. Ha de chamar-se Simão Arthur, seu pandego! Hei de mostral-o na feira de Belem a pataco; para soldados e crianças vinte reis. Se me sahir feroz, de bochechas papudas, focinho longo e crista nas sobrancelhas, emfim, um cynocephalo, então faço-o rebentar com tres pontapés d'um pujante carroceiro do Minho, e mando-o empalhar ao Justino de Jesus Caxias, da rua dos Invalidos. Ouvirei a opinião dos doutores Pereira Neves e Sousa Lemos, medicos da policia. Se elles me disserem que o macaco, apesar de empalhado, fede em viagem, limitar-me-hei a esfolal-o e trago a pelle. Se o snr. Paiva Raposo, que faz collecção de folles de quadrumanos mamaes, não tiver a especie, dou-lh'a. Elle tem o macaco longimano (o *simia lar*); tem o cinzento (*simia cinera*); tem o chimpanzé (*simia troglodytes*); tem o saitaia do Pará, o mico, o mariquinha do Maranhão, tem os variados monos patazes de nadegas callosas e cabeça chata; possue com grande estima o papião, o mandril, o bugio pongo, os diversos macacões guaribas de rugido medonho e tambor osseo na guela: falta-lhe o gorilha-Arthur, o *simia-azinus* de Buffon.

*

Eu, antes de conhecer este mestiço, era da opinião de de Candolle, de Flourens,

[1] O *Cancioneiro alegre* de C. Castello Branco. Rio de Janeiro. 1879. Carta — 8 pag.

de Blainville, de Milne Edwards a respeito da immutabilidade de cada especie e da unidade objectiva. Não podia admittir Lamarck resuscitado em Darwin, nem a theoria das gerações espontaneas do americano Hudson Tuttle, no *Arcana of nature or the history and laws of creation*. Figurava-se-me um paradoxo scientifico que o homem fosse um macaco aperfeiçoado. Parecia-me isso tão absurdo como poder sahir o boi da rã, e a aguia dos Alpes d'um badejo que se transformou em ave por se ver embaraçado nos arbustos da praia. Hoje abundo nas theorias que refuguei; creio que o homem é o macaco aperfeiçoado, excepto quando é a imperfeição do macaco. Esta segunda hypothese verifica-se quando Arthur faz esgares de bugio com bengala de Petropolis através do Atlantico; porque n'esse caso a sua imperfeição de mono está na tolice; e o macaco — sejamos justos — póde fazer acções deshonestas, lascivas; mas não é tolo. Arthur como macaco é imperfeito: está no penultimo avatar: ainda lhe falta uma ou duas transformações que o limpem. Como homem selvagem, Arthur, á parte o nome romantico que lhe deram na pia, devendo chamar-se Tujucane ou Jararáca, é um tapuia caápora degenerado. Elle já sente as mãos a fazerem-se-lhe pés, e os pollegares a separarem-se; o focinho vai gradualmente retrahindo-se, e o carão faz-se-lhe mais vertical; os sorrisos ainda não são caretas bem accentuadas; custa-lhe a ter-se verticalmente; faz dyspepsias de mandioca, sente impetos de trepar aos cajueiros, e faz tregeitos de querer enroscar o rabo em bengalas de Petropolis. Tal é elle.

Se o fulo mulato ainda tem algumas tradições glossologas dos velhos guinchos articulados dos seus antepassados, deve perceber a lingua tapuia. Eu preciso de lhe dizer duas cousas em resposta á sua carta; mas corre-me o dever de lh'as communicar em linguagem pouco sabida na Europa. Veja se entende: — *Indê gpé saravaia tapirá, turusu maranhave busapu. Taiassé, nhamim nhapunguará xenaxatupê.* Assim se exprimia o seu decimo avô, o botocudo, pintado com rajas de urucú e genipapo, e tinha botoque de pau no beiço e nas orelhas, e comia o tapy e os primos, nas pessoas dos macacos, mettido, com sua decima avó, nas folhudas choupanas da patioba.

Traduza, e espere-me lá com a bengala de Petropolis, seu capoeira! Então o senhor realmente faz uso do pau? Isto, no Arthur, é chalaça: elle e os seus patricios usam do pau, mas é em farinha. Não batem com elle: comem-no. Farinha de pau é que elles teem no cerebro e nos ossos.

VII

A snr.ª Mariana (Tri) Pina [1]

Pina safa-se ganindo.

Eu tinha dito a este pobre homem de letras — affronta dos litteratiços de cutiliquê, uns que em Lisboa fazem folhetins por meias solas — tinha-lhe dito que não se escreve correctamente: «Tenho muito dó *de si*». E, no requinte da minha indulgencia com os inimigos miseraveis, chamei-lhe simplesmente alarve, e acrescentei com ingenua commiseração: «é incrivel que um pequeno que aos dez annos lia romances no collo das tias, sahisse tão adulta e descompassada besta». Pina, replicando, empraza-me para que lhe prove que errou escrevendo: «Tenho muito dó *de si*». D'esta pertinacia infere-se que o velho adagio: *Não dar já* por si, *nem pela albarda,* fez hyposthase n'este litterato. Andam pelo ar, durante seculos, umas idéas abstrusas, uns proverbios disparatados, á espera da personalisação. Apparece um dia um homem e o adagio incarna-se n'elle: a providencia dos anexins faz um Pina para justificar a asneira. É elle. Não dá por *si* nem pela albarda.

E quer que eu lhe prove a ignorancia dos pronomes! Se eu ainda dava o escandalo de tomar a serio este gavroche com quem me divirto por necessidade das con-

[1] *Diario do Commercio,* n.º 1:308.

dições ruraes em que vivo e onde todo me preoccupo em estrumes e n'elle e nos seus homogeneos da *Critica* do *Cancioneiro alegre!* Parece ou fingem que me não perceberam ainda. Eu brinco com elles como Hoffmann com as figuras cartonadas dos seus personagens meio burlescos meio tragicos; com uma differença capital, que o author dos *Contos* bebia uma garrafa de Johannisberg para dar vida aos bonecos, embebedava-se; e eu aceito os bonecos que a natureza, o realismo, já me envia bebados.

Pina, o titanico sandeu, esfarrapado nas idéas e nas locuções, a cheirar ao Torres do Collete-encarnado, e ao pat-chouli dos boudoirs da Salgadeira, esperaria que eu o tomasse a serio? É a maior injuria que elle poderia desfechar ao peito magnanimo com que me curvei sobre o barril dos impressos para o sacudir na ponta da badine. É uma indiscrição mexer no que fede, bem sei; mas o que me tem valido foi encontrar um publico afeito a uma litteratura sulphydrica, exhalações d'uns cerebros que, postos em comparação, deram ás sargêtas o conceito de perfumarias.

Propuz-me o vestir a cabeça de Pina com um resplendor de ridiculo; passar-lhe uma brocha de tinta immortal pela cara, encarvoiçal-o para longo tempo, mas de modo que se riam commigo os leitores; senão, quem me perdoaria a deshonra e a immundicie de sacudir estes sujeitos latrinarios?

Laugh when I laugh, I sick no other fame,
... And scribblers are my game

dizia um genio olympico descendo a escorchar os Pinas de Inglaterra e Escocia.

Insiste pela prova do erro do pronome *si.* Que vá á escóla do visinho mestre de instrucção primaria, e pergunte-lhe se um pronome pessoal da terceira pessoa póde empregar-se como pronome da segunda. O mestre, naturalmente, responde-lhe cavalgando-o; e, debaixo da influencia do velho Lobato e do acicate, leva-o á porta dos 6:500 assignantes do *Diario do Commercio,* e obriga-o a ornear uma satisfação pelas asneiras impressas e miasmaticas que lhes tem mettido em casa pelo cano do folhetim; e depois obriga-o outrosim a declinar os pronomes pessoaes a compasso de patas-toadas. (Não se póde dizer *palmas-toadas* com referencia a Pina). E elle resbunando resbunará:

N. SINGULAR	N. PLURAL
eu me mim migo	nós nos nosco

N. SINGULAR	N. PLURAL
tu te tigo	vós vos vosco

N. SINGULAR	N. PLURAL
elle, ella, lhe	elles, ellas, lhes.

N. SINGULAR E PLURAL

se
si
sigo

Feito isto, duas esporadas, e fazel-o lêr em voz alta no Martinho e na Casa Havaneza, o seguinte trecho do seu folhetim:

«No seu tempo, os romances tinham nos capitulos inscripções como a que segue: *Onde o mestre sapateiro João Rodrigues Cambado apparece a conversar com sua mulher Jacintha Rosa e do mais que a seu respeito se disser.* Ora, actualmente já não servem estes epitaphios». Como Pina chama ás *epigraphes* epitaphios, ameace sepultal-o com epigraphe de vilipendio eterno que diga: *Elle não sabia os pronomes. A terra lhe seja leve como os miolos.* Se Pina, ainda assim não atirar aos quatro ventos do azul o seu ullular de vergonha, convença-se o mestre-escóla que Desiderio Erasmo tinha razão quando escreveu no *Elogio da loucura:* «Não ha burro que se entristeça pelo facto de ignorar a grammatica».

Depois d'isto, desalbarde-o; e, inspirado do seu Tolentino, mande-o

Pastar longas campinas livremente.

---

*

VIII

O snr. Thomaz Filho [1]

Thomaz Filho! Começa logo por mentir no appellido. *Filho!* Quer-me parecer que elle não tem pai. E, se o teve anonymo e hypothetico, Gil Vicente, Antonio Prestes e Jorge Ferreira são quem a miude lhe dizem o nome da mãi. Este brazileiro, em nome dos escriptores brazileiros que eu não offendi, cheio de Fagundes e de cóleras de bebado turbulento, envia-me as suas melhores injurias, escreve immortaes infamias, chasqueando com a inexoravel enfermidade que me acompanha desde a juventude, e vai ás gafarias dos hospitaes buscar termos demonstrativos da minha incapacidade litteraria. Eis a critica de Thomaz Filho.

Diz, com tal qual razão, que eu não tenho estylo, porque não sou creador; ousa affirmar que eu não inventei a lingua portugueza; manda-me estudar. Diz que trato a todos *de burros*, e evade-se sagazmente áquelle tratamento universal, atirando-me couces ás parelhas. Depois, para me ensinar a escrever, exhibe uns pedaços de estylo com idéas brancas em locuções de preto escorridas de assucar e mamona. Pergunta-me se nunca acordei cedo, e depois diz: *Pois eu tenho por costume lavar-me* (parece que não é vulgar nos indigenas o lavaremse), *vestir-me para comprimentar o sol, e si por essas horas V. aqui nos Brasis subisse a montanha e olhasse para o Oriente sorprenderia a natureza na lucta epica da luz... a côr avermelhada do amanhecer accentua-se n'uma linha horisontal e sobe, alarga-se como si na maré crescente uma onda de roseo-claro com o movimento do rolar calmo viesse invadindo a zona pallida do luar.*

Isto pareceria obscuro a Calixto Eloy; mas elle, o doutor Liborio carioca, explica no periodo immediato:

A natureza estala n'uma fertilidade san e communicativa; percebe-se que a luz do sol vence e alarga-se n'uma obesidade rubra e satisfeita; que aquella symphonia monotona tem os claros e agudos de um clarim tocando a rebate no pateo de um quartel; a lua muita branca como um pedaço (d'asno, digo) *de pano crivado como que pára ou dissolve-se, e o sol rindo contempla-as com um olhar protector e amigo.*

Perceberam-no? Isto é claro como um mulato.

Ó snr. Thomaz, vossemecê sabe como se chama em Portugal uma fritada de farinha delgada, esponjosa, fôfa, feita com azeite e uns fios de mel? É uma *filhô*. O seu estylo é farinha de mandioca frita em filhó; e vossemecê em vez de chamar-se Thomaz Filho, deve chamar-se Thomaz Filhó; e assim crismado, já ninguem lhe pergunta se tem pai, nem acrescenta ao appellido o genitivo da qualidade materna.

Pergunta-me elle o que tenho creado, o que descobri com os meus livros.

Com o *Cancioneiro alegre* descobri-o a elle. Pedro Alvares Cabral encontrou o Brazil; eu estou descobrindo os tolos de lá. Elle achou o selvagem nú, estreme, sinceramente boçal; eu descubro o caboclo Thomaz besuntado de litteratices francezas que lhe não modificam plasticamente a proeminencia dos ossos temporaes, a estreiteza da testa, os angulos faciaes, o canto externo do olho convergindo para o nariz chato, a amplidão das ventas, a espessura carnuda dos beiços, a finura das pantorrilhas, a lucidez da pelle cobreada que esvurma catinga, uns longes de carapinha, e a indigencia da barba. A litteratura n'este tupinambá abriu-lhe valvulas por onde golfa a velha selvageria em ejaculações de quartel, cujos clarins lhe servem para descrever o apontar da aurora, e cujo calão lhe opulenta a lingua. Pedro Alvares Cabral, quando encontrou o avô de Thomaz Filho, não passou pelo dissabor de lhe ouvir a descripção da *luz do sol em obesidade rubra e satisfeita*. O botocudo seu predecessor appareceu na cabilda com um cocar de pennas amarellas, o acanguape, e uma tanga na cintura de plumagens de ema, e cascaveis nos artelhos. Tinha no pescoço o collar dos dentes arrancados aos inimigos, o horrendo *ayucará*. Thomaz Filho falla-me com ardores canibaes dos meus *dentes de porcelana*. É o sangue tapuia a estuar-lhe nas arterias, a pedir dentes. O scelerado quer os meus dentes para um collar. Não, facinora, eu lhe juro pela carapinha da mocamba sua avó, que não possuirá os meus dentes.

Depois d'isto, Thomaz Filho deputa e delega na bengala de Arthur a sua desforra. É dar para baixo, seus mármeladas! Avança, minhás géntes!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

[1] O *Cancioneiro alegre* de Camillo Castello Branco. Rio de Janeiro, 1879. 8 pag. in-4.º

OS CONTRAFACTORES

DAS

OBRAS LITTERARIAS DE PORTUGAL

A guerra que começaram de fazer alguns escriptores portuguezes contra os contrafactores de livros, tem encontrado aqui mesmo no Brazil sympathicos echos na consciencia de muitos homens de letras.

Com effeito é para censurar o nenhum escrupulo com que lança-se mão do producto mental alheio, mandando-o imprimir n'um livro e se põe á venda como se fosse propriedade propria.

A criminalidade, que resalta d'este acto, augmenta de gravidade, quando o resultado da alheia intelligencia já corre todas as vias da publicidade na fórma de livro, com o consentimento do author, porquanto o acto redunda em dous prejuizos: um contra o author do livro; o outro contra a pessoa que o editou.

Para prevenir este crime pensamos que deve haver um accordo entre todas as nações, do qual resulte uma lei que puna o contrafactor.

Os productos litterarios e scientificos para nós constituem uma propriedade tão respeitavel como os productos da industria, da agricultura, do commercio, etc.

A industria, a agricultura, o commercio formam profissões reconhecidas pelo estado porque no seu exercicio encontram os homens os recursos de subsistencia, os meios de vida, os elementos de riqueza.

Pois bem: pela litteratura e pela sciencia igualmente se mantém muitos homens, a parte, por ventura, mais illustrada de todos os paizes.

Somos de opinião que o pensamento deve ser universal, que a idéa que nos irrompe do cerebro, se é uma idéa de progresso, deve irradiar sobre todas as frontes, incutir-se em todas as almas...

Mas para que a idéa percorra o vasto dominio da publicidade são necessarios os meios materiaes, sem os quaes não é possivel fazer o livro.

Depois o que resta ao author de um livro?

A gloria?... os applausos?... as homenagens?... Essas só não bastam, porque o homem não é unicamente entidade moral. É tambem entidade physica, tem necessidades materiaes que só se satisfazem com recursos materiaes.

Ora, na concepção de uma obra litteraria ou scientifica o homem emprega tempo, paciencia, estudo, meditação, trabalho emfim.

É justo, portanto, que obtenha o resultado do seu trabalho.

Não se remunera o artista? o operario? o commerciante? o agricultor?

Porque pois o homem do pensamento não ha-de ter direito á remuneração?

Parece-nos que é mais difficil compôr um livro do que architectar um edificio; que mais util do que um palacio é a idéa á humanidade!...

Estes raciocinios sobem de valia quando lembramo-nos que o contrafactor não lança mão do alheio trabalho litterario ou scientifico para dal-o gratuitamente a quem deseja lêl-o.

Reimprime o livro para vendel-o, saciar a sua ambição de ganho, alcançar proventos...

Desde, por consequencia, que sua mira está no lucro, é de equidade que o lucro corra a favor de quem concebeu a idéa e corporificou-a na palavra e de aquelle a quem o author encarregou de propagar a idéa na fórma do livro.

Suggeriu-nos estas observações um magnifico artigo de C. Castello Branco inserto em um dos numeros da esplendida *Bibliographia portugueza e estrangeira* de Ernesto Chardron, o livreiro de Portugal mais conhecido no Brazil pela modicidade, pela nitidez e pela elegancia das importantes obras com que abastece o mercado portuguez e brazileiro.

N'este artigo ha, porém, um ponto que nos merece reparo.

É preciso que em nome da verdade e da justiça o romancista portuguez mais popular no Brazil diga nas mesmas paginas, em que verberou as contrafacções de livros portuguezes, e bem alto o proclame, que os authores de tão criminosas contrafacções não são brazileiros, são infelizmente alguns compatriotas nossos.

Não devemos, por consequencia, levar

á conta do innocente aquillo que o verdadeiro criminoso praticou.

Ainda mais o fecundo romancista portuguez póde-se convencer de que até mesmo na compra do livro os brazileiros preferem as impressões portuguezas por mais perfeitas e bem acabadas.

Eis o que é de justiça; eis a verdade que, estamos certo, não deixará de ser rectificada pelo escriptor de nossa patria que na America portugueza conta maior numero de enthusiastas.

(Da *Nação Portugueza*, do Rio de Janeiro).

CONSELHO GERAL DAS ALFANDEGAS

RELATORIO DOS TRABALHOS DESEMPENHADOS NOS ANNOS DE 1876-1877

LISBOA. IMPRENSA NACIONAL. 1879. 1 VOLUME IN-4.º DE 218 PAGINAS

Com este modestissimo titulo acaba de sahir da imprensa nacional um livro de grande merito. Seu author, o snr. conselheiro Antonio José Teixeira, ornamento da universidade, onde por muitos annos regeu, com a mais notavel distincção, uma das difficeis cadeiras da faculdade de mathematica, fez com este trabalho um importante serviço á administração publica e á litteratura portugueza, cuja linguagem enriqueceu em um ponto onde ella, em virtude do nosso deploravel atrazo scientifico, é vergonhosamente pobre.

A larga e justa apreciação da obra a que nos referimos, como ella merece, e com a qual por certo folgaria o author, que conscio da sua superioridade, não se lisonjeia, seguramente, com elogios banaes, assim como se não irrita com censuras parvoas, não póde caber nos estreitos limites d'uma simples noticia bibliographica. Deixando aos criticos essa empresa, tão util como ardua, pela variedade das materias a que teria de applicar-se o exame, restringir-nos-hemos á humilde tarefa de informar os leitores d'este *Boletim* do prestimo do livro, podendo elles inferir d'ahi o seu valor.

Sabe toda a gente que as alfandegas nos paizes, como o nosso, em que além de serem um meio fiscal, são tambem uma instituição economica, offerecem graves difficuldades na applicação do imposto, em virtude da muita variedade e grande differença das taxas, e o continuo e assombroso progresso das industrias, não só pela creação de novos productos, como pelas transformações provenientes da introducção de novos instrumentos de trabalho, novos processos de fabríco e novas materias primas. O author do relatorio, condensando em poucas paginas muita doutrina, com sobriedade de palavras e lucidez de exposição, habilitou os *verificadores,* pelos preciosos esclarecimentos que lhe forneceu, a evitarem muitos erros de classificação, dos quaes sempre resulta prejuizo, ás vezes consideravel, para os interesses do thesouro ou do commercio.

Referindo os negocios de que o conselho tomou conhecimento no decurso de dous annos, e dividindo-os em differentes grupos, segundo a natureza do assumpto a que diziam respeito, o relator aproveitou o ensejo, em beneficio do commercio, que é o mais directamente interessado n'este ponto, de precisar as attribuições d'este tribunal de excepção em contencioso final, e de definir o caracter das suas decisões.

Na exposição dos motivos de muitas das suas resoluções (a parte mais importante do livro, e a que já nos referimos), tratando do valioso subsidio que elle offerece aos *verificadores,* teve o relator de explicar os processos de fabrico de varios productos industriaes; não perdeu essa occasião de prestar um bom serviço á nossa lingua, imprimindo o cunho portuguez a muitos termos, que só em livros estrangeiros apparecem, pois que não ha escripto em linguagem nossa um unico tratado technologico-industrial, resultando d'essa falta, filha do nosso immenso atrazo, introduzir-se abundantemente na circulação litteraria a moeda falsa dos barbarismos.

Vê-se do que fica dito que o livro de que nos occupamos não é, como o seu titulo faz suppôr, um simples relatorio, mas verdadeiramente uma obra didactica, a qual, pela multiplicidade de materias que abrange, não poderia ser cabalmente desempenhada, como é, senão por quem reunisse um conjunto feliz de circumstancias, que raro se dá. Além de um talento vigoroso e provadissimo, pôde o author do livro adquirir vasta e solida instrucção como cathedratico, por longo tempo, no primeiro estabelecimento litterario do paiz; no exercicio de differentes cargos administrativos, já em corporação, já como magistrado superior; e no corpo legislativo, a que ha muitos annos pertence, e em cujos archivos tem memoraveis trabalhos, relativos á organisação da instrucção superior, á construcção de caminhos de ferro e a leis tributarias.

Concluiremos esta breve noticia affir-

mando aos leitores, que supposto a aridez do assumpto de que trata o livro não permitta arabescos e galas de estylo, tem comtudo as qualidades que o podem recommendar como obra litteraria: taes são, pureza de linguagem, propriedade de termos e a mais correcta e portugueza construcção dos periodos.

A.

BIBLIOGRAPHIA

Da importancia da historia universal philosophica na esphera dos conhecimentos humanos. — Foi-nos offerecida, assim como todas as obras que mencionamos n'esta secção, a dissertação para o concurso da primeira cadeira (Historia universal e patria) do curso superior de letras, apresentada pelo candidato Alberto Pimentel e publicada em volume de 72 paginas. Levar-nos-hia longe e requereria meditado e detido estudo a analyse de uma these de tal ordem. Furtando-nos a encargo, por ventura superior ás nossas forças, registraremos no entanto as boas impressões que tirámos da leitura. A dissertação do snr. Alberto Pimentel, que tem por base a applicação das sciencias positivas, inspira-se na philosophia da historia e subordina-se á theoria de João Baptista Vico, que o distincto candidato reputa o primeiro de todos os philosophos. As notas que a cada passo chamam a attenção do leitor, demonstram cabalmente a larga e variada applicação que o snr. Alberto Pimentel, espirito sério e reflexivo, dá ás suas faculdades mentaes. São curiosos e reveladores de não vulgar erudição os periodos que se referem á critica philologica comparada e á ethnologia. Citando o grau de desenvolvimento das sciencias biologicas o candidato chama a terreiro, como é de rigor, a doutrina da mutabilidade e da evolução morphologica, de que Darwin é. em nossos dias, principal iniciador. Alberto Pimentel, relatando, de passagem, as formulas scientificas e os processos analyticos de Muller, Darwin, Comte, Lefevre, Hovelacque e outros, abstem-se de extrahir o corollario resultante da critica subjectiva. Como que procura o seu pensamento a cada instante estranhas influencias, quando é certo que podia voar livremente. A fórma litteraria d'este novo trabalho do snr. Alberto Pimentel tem a sobria correcção que o assumpto demanda e confirma plenamente os creditos do distincto escriptor portuense.

Bibliographia portugueza e estrangeira. — O snr. Ernesto Chardron, conhecido e infatigavel editor portuense, encetou ha pouco uma publicação mensal destinada a fazer a analyse critica, em especial das edições da sua casa e em geral de qualquer obra de superior alcance. Subscreve a maioria dos artigos bibliographicos o nome brilhante de Camillo Castello Branco, e tanto basta para que a *Bibliographia,* que nos traz rebates de *vita nuova,* litteraria e scientifica, alcance de golpe o lugar culminante de mestre e juiz na alçada em que lhe é dado sentenciar. Entre os mais notaveis artigos destaca o que expunge, em breves dez ou doze paginas, frequentes lapsos de uma obra, pacientemente e sabiamente architectada no longo periodo de dez annos, o *Portugal e os Estrangeiros* do snr. Manoel Bernardes Branco. Impõe-se tambem ao apreço de todos que lidam na santa cruzada da instrucção a critica do *Curso theorico e pratico de Pedagogia* de Charbonneau. N'outro lugar d'esta ligeira revista transcrevemos a apreciação da notavel obra de Paulo Féval, *Jesuitas!* que igualmente illustra a *Bibliographia portugueza e estrangeira.* Ernesto Chardron, assim como se pratíca nos paizes mais cultos e adiantados, remette á imprensa e a alguns escriptores, juntamente com os fascicules da *Bibliographia,* uma carta-circular em que pede a transcripção de muitos dos artigos de mais immediata importancia. Como tal, figura na primeira plana o brado eloquente, *Os contrafactores do Brazil* (n.º 7, pag. 125), que protesta, por meio da ironia, um dos mais poderosos argumentos, contra o roubo descaroavel, contra o dólo impune e impenitente, mediante o qual o mercado brazileiro largamente se locupleta á custa do nosso cabedal litterario! Em boa hora vibrasse até onde deveria encontrar echo a voz convicta e authorisada de Camillo, que, com o seu inimitavel estylo e admiravel bom senso, conceituosamente termina assim: « A mim me quer parecer que incumbe ao governo attender a uma ne-

cessidade que não carece de ser discutida e formulada em assembléas. Alexandre Herculano alvitra que seja o estado quem dê os meios de subsistencia aos escriptores prejudicados ou não prejudicados pelas contrafacções. Se o governo portuguez não quer ou não póde celebrar com o governo brazileiro uma lei que caucione os meus direitos á remuneração do trabalho, e os direitos sagrados dos editores a quem vendo os meus livros, diga-me a que repartição hei-de ir mensalmente receber a pensão indemnisadora do roubo irremediavel. Em geral, n'este paiz, ha um só escriptor que sem prejuizo sensivel na algibeira póde ser reproduzido no Brazil: — Camillo Castello Branco allude ao *Hamlet* de Shakspeare, vertido para portuguez por S. M. o snr. D. Luiz, que só nas altas regiões desvelou o bioco, que raros escriptores portuguezes avistaram, e que no entanto foi impudentemente contrafeito no Rio e apregoado, em grande celeuma, pelos *gavroches* fluminenses: *Traducção do Hameleto, feita por D. Luiz, rei dos ilhéos* (!!!) — é o snr. D. Luiz I. Felicito o augusto litterato; e peço-lhe curvadamente que influa no seu governo sentimentos benignos a favor dos seus collegas pobres e subditos humildes ».

Infelizmente, não me consente o espaço satisfazer o meu e o empenho do editor trasladando para aqui este e outros artigos, reveladores de assombrosa erudição e de um talento cada vez mais opulento e flexivel. Encerramos esta succinta noticia indicando o preço da assignatura da *Bibliographia portugueza e estrangeira,* que é resumidissimo: — 12 fasciculos, que formam 1 volume, custam apenas 500 reis!

Cancioneiro alegre. — Ha gloriolas ephemeras e escriptores de invejavel fama, que, á semelhança do arbusto exotico, não resistiriam á transplantação para outro meio. O nome de Camillo Castello Branco, pelo contrario, faria a gloria de qualquer nação. Os processos litterarios, eminentemente modernos, a que subordina o thesouro inesgotavel da sua erudição, as opulencias ignoradas que elle arranca ao idioma portuguez, sempre renovado no laboratorio do seu robusto e fecundo engenho, a possante vitalidade, a serpentina elegancia do seu incomparavel estylo, illuminam um cyclo litterario e impõem-se á veneração dos posteros. Como o Anteo da fabula, o espirito de Camillo parece emplumar de novo sempre que pousa na terra. Ás vezes, no seu olhar de aguia accende-se o fulgor metallico da ironia, colhe as azas, e com o riso de Heine e de Byron na bocca satyrica, mostra as garras... Então... *sauve qui peut!* D'esse hilariante periodo, d'essa irrupção de mordentes epigrammas, nasceu a obra notavel que se intitula *Cancioneiro alegre,* que, salvo raras excepções, applica cauterios violentos, embora matizados com fina grangeia de uma *verve* scintillante! O empenho de dar ao livro a ridente vibração do bom humor fez com que o illustre commentador negasse entrada a muitos poetas melancolicos notaveis, e abrisse praça a outros, farçantes, funambulescos e desenxabidos como uma ostra crua! O valor, porém, o raro e transcendente valor do *Cancioneiro,* reside n'estes deliciosos commentarios, adjectivados com desusado brilhantismo, penetrados de ironia, que escalpellisam com buido estylete ou atiram braçadas de flôres, *sans rancune* e sem apotheoses fetichistas. A edição do *Cancioneiro alegre* é de Ernesto Chardron, o laborioso editor que tem já um credito insoluvel para com as letras portuguezas.

Traços biographicos de Custodio José Vieira. — O conhecido editor Ernesto Chardron, publicou em folheto de 32 paginas os principaes artigos que se escreveram na imprensa por occasião do fallecimento d'esse homem eminente, que se chamou Custodio José Vieira. O primeiro, tanto na ordem numerica como no valor litterario, é devido á penna fluente e conceituosa de Luiz Augusto Palmeirim, poeta de grandes creditos e prosador vernaculo dos mais festejados.

GUIOMAR TORREZÃO.

(Do *Almanach das Senhoras*).

EUSEBIO MACARIO

É sempre com intimo jubilo que notamos a progressiva animação da nossa vida litteraria, que innegavelmente entrou n'um periodo de renovação e actividade.

O Porto, essa cidade em tanta maneira notavel, concorre poderosamente para que cada vez mais se desatem em copiosos fructos os nossos prelos e se opulentem as nossas estantes.

Entre os trabalhadores de maior folego e de mais fecunda e larga concepção, que a todos sobreleva não só pelos donaires do estylo, eminentemente moderno a par de lustrado nas puras e dessedentadoras fontes da lingua portugueza, como pela rara erudição, destaca o nome de Camillo Castello Branco.

Ainda não se extinguira de todo o arruido levantado em toda a linha pelo *Cancioneiro,* e já do Porto nos communica o seu editor, esse prodigioso Chardron que não conhece nenhuma das pechas, fadiga, receio, desalento, falta de estimulo, etc., etc., que entibiam os outros editores, e, *par cause,* os litteratos, já elle nos affirma com a authoridade de quem não sabe faltar ás suas promessas, que no proximo dia 5 de agosto deverá ser exposto á venda o novo livro de Camillo, *Sentimentalismo e Historia.*

Camillo, como que propondo um repto a si proprio e como se precisasse exemplificar-nos em novas provas que o seu potente e flexivel talento não conhece difficuldades e que docilmente se dobra a todas as fórmas, reflectindo os mais oppostos cambiantes, Camillo traz a publico pela vez primeira no seu novo livro um romance *realista,* escripto d'accordo com a technologia da escóla nova e consoante os processos modernos.

É o *Roberto Macario,* cujos primeiros capitulos, que temos sobre a nossa banca de trabalho, nos deixam entrever a opulencia e variedade de tintas em que o author vai embeber o pincel descriptivo e a adjectivação brilhante e originalissima com que Camillo sabe de ponto em branco á estacada.

O *Sentimentalismo e Historia,* que se nos afigura destinado a um grande e explosivo exito, é dedicado a uma das nossas individualidades litterarias, que resalta do estalão vulgar pela séria e util applicação das suas faculdades excepcionaes e pelo conceituoso da sua prosa, sempre inspirada por uma idéa elevada e didactica. É Fernandes Costa, que com justiça deve orgulhar-se da dedicatoria que elle em tanta maneira merece.

Além d'esta dedicatoria, ha ainda uma outra, que não resistimos ao desejo de trasladar para o nosso jornal. Eil-a:

« *Minha querida amiga.*

« Perguntaste-me se um velho escriptor de antigas novellas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os *tics* do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi».

(Do *Diario Illustrado*).

Sob o titulo generico de *Historia e Sentimentalismo,* começou o editor Chardron, do Porto, a publicar uma nova serie de escriptos do infatigavel Camillo Castello Branco.

Dizem que elle está cançado, que já está inteiramente gasto, e todos os dias a remoçar este verdadeiro Protheu da litteratura portugueza!

Do volume que temos presente, o principal attractivo, a extraordinaria surpreza é o romance *Eusebio Macario.*

A intenção de Camillo, n'esta obra, foi de certo lançar o ridiculo sobre os chamados processos da escóla realista. Por vezes, a intenção clareia por tal fórma que a gente solta a gargalhada da ironia sobre a phraseologia e sobre os processos do romancismo á Zola.

No entanto, o espirito potente de Camillo incarnou-se por tal fórma na *maneira,* que elle quer ridicularisar, deu-lhe tal pujança, que se diria que o *Eusebio Macario* não é um adversario, mas um ardente corypheu que se vem alistar triumphante ao lado do *Primo Basilio* e dos *Noivos.*

Os defensores da idéa nova esfregam as mãos de contentes, dizendo que o *Eusebio Macario* é um triumpho para os seus processos, que, manejados por Camillo, deram um magnifico romance rea-

lista, prova de que esses processos são verdadeiros e dignos de ser aceites por todos.

É uma consolação que não tentaremos amargurar.

O que se vê no *Eusebio Macario* é a grande scintillação do talento de Camillo, os seus poderosos recursos d'estylo, o seu conhecimento profundo da linguagem, o seu estudo constante da sociedade minhota, aonde o elemento brazileiro predomina com uma feição tão grotesca.

Todos os typos do *Eusebio Macario* são desenhados ao natural e por mão de mestre. Sente-se-lhes a realidade da vida. Não são estatuas n'uma galeria, não são manequins tregeiteando, são entidades physiologicas e psychologicas, com mais carnes do que espirito. O espirito está na observação do romancista.

A par do desenho acabado dos typos, ha descripções d'uma perfeição admiravel. A morte do lobo pelo egresso, n'uma noite gelada de novembro, a festiva toilette á camponeza de Custodia, o jantar em casa do abbade, são trechos admiraveis. No nosso numero de domingo, apresentaremos aos nossos leitores algumas d'essas invejaveis paginas.

Esperava-se, esperavam alguns, que Camillo cahisse n'esta que elles chamavam desgraçada tentativa, mas, se Camillo cahiu, foi para esmagar os que já se estavam regosijando com a sua phantasiada queda.

(Do *Commercio de Lisboa*).

Chegou-me hontem ás mãos o novo livro do snr. Camillo, *Historia* e *Sentimentalismo*.

Da primeira parte, a *Historia*, os tres capitulos mais notaveis teem por epigraphe os nomes dos principaes partidarios do prior do Crato; o 4.º capitulo refere-se á lenda de *Machin*, supposta origem do nome *Machico*, na ilha da Madeira.

O snr. Camillo com a competencia investigadora das verdades historicas, que o torna o flagello dos historiographos da escóla improvisadora á A. Dumas, descobre quanto ha de genuino nos topicos do grande episodio, que constitue a vida de D. Antonio, filho de Violante Gomes, por antonomasia a *Pelicana*, que fôra recolhida no mosteiro de Vairão e professa em Almoster, inquinada de judaismo e mancebia.

Ao escrupuloso historiographo não escapam os pontos tenebrosos da vida de Philippe II, Catharina de Medicis, duques de Bragança e outras notabilidades contemporaneas do pretensor á corôa de Portugal.

Concluindo a parte *Historia*, diz o grande escriptor, que, depois de 50 annos de trabalhos, para a expurgação das entranhas da historia, dos Laimundos, dos Ortegas, e dos Pedros Alfardes, ha que refugar dos estudos serios o historiador Valentim Fernandos e mais o historiador Francisco Alcoforado.

E é assim; a verdade na historia, como em tudo, não póde ser senão uma, ou temos que lêr a verdadeira ou nenhuma.

A segunda parte, *Sentimentalismo, Eusebio Macario*, é um romance de costumes, da escóla *ultra-realista* em que o author esbandalha a pontapés uma sociedade aldeã e cheia de torpezas, que eram velhas em 1815, e que o Progresso não tem logrado extirpar; — e são — a boçalidade do boticario da aldêa, a devassidão do abbade, o cynismo da respectiva amasia, a villania do brazileiro enriquecido com o suor e o sangue dos escravos, etc. etc. E é para admirar o vigor, a fluencia, a exuberancia da phrase descriptiva que o author cada vez mais accentua nas suas producções, como se estivera no começo da carreira litteraria.

Do pouco tempo que tive para lêr alguns capitulos, são estas impressões as que recebi.

(Das *Novidades*).

Appareceu á venda no dia 14 em Lisboa o novo livro de Camillo Castello Branco, *Eusebio Macario*, primeiro da serie que este notavel romancista se propõe publicar com o titulo geral *Historia e Sentimentalismo*.

Eusebio Macario é um romance realista, isto é, uma imitação admiravel, uma *charge* á actual *maneira* do romance portuguez, filiado na escola de Flaubert e Zola.

O novo romance de Camillo, engraçadissimo na fórma, e muito conceituoso na idéa epigrammatica que levou o author a escrevel-o, é um dos melhores livros do creador das *Novellas do Minho*, e prova a malleabilidade prodigiosa d'aquelle talento.

Acompanha o *Eusebio Macario* um outro estudo intitulado *D. Antonio, prior do Crato*, e a edição é elegante e nitida.

(Do *Diario Popular*).

Um volume de 302 paginas, nitidamente impresso e subordinado ao titulo *Historia e Sentimentalismo*. É firmado por Camillo Castello Branco.

A parte historica refere-se á vida accidentada e aventurosa de D. Antonio, prior do Crato; a parte sentimental respeita á historia de uma familia no tempo dos Cabraes, em que o illustre romancista mette incessantemente a ridiculo, com aquella opulencia tão peculiar do seu magico estylo, a moderna escóla realista ou naturalista.

(Do *Jornal do Porto*).

Tem tido extraordinaria procura e tem causado grande sensação o novo livro de Camillo Castello Branco, *Historia e Sentimentalismo*.

A parte do livro que era anciosamente esperada e que tem sido lida com avidez, é o romance *Eusebio Macario*.

Camillo teve indubitavelmente a intenção de ridicularisar a nova escóla romantica chamada realista, mas não sei se conseguiu cabalmente o seu intento.

Camillo põe sem duvida em relevo o que ha de ridiculo nos taes chamados processos, mas apossou-se d'elles de tal maneira, deu-lhes tanto relevo, bateu-lhes tanto em cheio com a luz do seu talento, que escreveu um dos seus melhores romances.

Eusebio Macario demonstra a malleabilidade litteraria de Camillo, a sua pujança inextinguivel. Elle não terá vencido os seguidores da escóla de Zola, mas sahiu-se vencedor de si mesmo. O seu esforço não foi uma queda, como prognosticavam por ahi os que não podem admirar senão os talentos liliputianos.

Todos os personagens estão admiravelmente estampados. São além d'isso figuras portuguezas, não recortadas nos figurinos de Paris.

Por mais que Camillo quizesse reproduzir o estylo petulante dos fazedores á Zola, a sua linguagem exuberante cobre de esplendores essas phrases arrebicadas e sacudidas.

A familia Macario dá tres typos esplendidos. A Felicia, o brazileiro e o abbade completam essa sociedade tão cheia de originalidade, tão verdadeiramente minhota.

O romance não tem paixões violentas, mas tem paixões succulentamente carnaes, paixões que não foram alimentadas com marmelada d'Odivellas, mas com o bello pão de milho, que faz as delicias dos habitantes do norte.

(Do *Commercio Portuguez*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

Manoel Ignacio da Silveira Borges

Discurso recitado na abertura solemne das aulas do seminario diocesano do Porto, no dia 6 d'outubro de 1878, e sermão, recitado na sé cathedral da mesma cidade na quinta-feira santa de 1879, pelo conego da mesma sé, professor e vice-reitor do seminario.

Preço.............. 200 reis

Simão José da Luz Soriano

Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica d'este reino desde 1777 até 1834. Primeira época.

Tomo III......... 1$500 reis

Francisco de Azeredo Teixeira d'Aguilar

Conde de Samodães

As tres rosas dos escolhidos por Monsenhor Ségur. Traducção da segunda edição franceza.

1 volume........... 200 reis

Henrique Peres Escrich

O martyr do Golgotha. Tradições do Oriente. Obra illustrada.

2 volumes........ 1$200 reis

D. Antonio da Costa

Historia do marechal Saldanha. Está publicado o primeiro volume.

Preço.......... 1$200 reis

A ITALIA

PELO CONEGO ALVES MENDES

ROMA, NAPOLES, LORETO, ASSIS, FLORENÇA, PIZA, PADUA, VENEZA, MILÃO, GENOVA, TURIM

Um volume...... 1$500 reis

LIVRARIA CHARDRON

É um livro esplendido.

O author definiu mal, chamando-lhe um *Elucidario;* a verdade da critica póde vir fazer uma errata á modestia, que é a verdade da virtude; e chamar antes a esse livro uma *Luz.* Dupla luz, porque demonstrou mais uma vez que a inspiração do idealismo é infinitamente superior á do realismo desolador, e porque é uma formosissima irradiação que parte das fileiras do clero portuguez, falsamente tido por um eunucho da litteratura, por um ilota das letras e das artes, por um inhabil que não sabe manejar uma penna, e por um ente gothico para quem o saber resume na escolastica de Aristoteles, galvanisada por S. Thomaz...

Não é a primeira luz que entre nós jorra do altar n'estes ultimos tempos, nem a primeira que se accende á alampada do incomparavel ideal christão, mas funde-se com as que a precederam n'um fagueiro prenuncio de novos e flammantes clarões, que partirão d'ora ávante do nosso clero, o qual mais e mais se rehabilita, e decupla o horisonte dos seus conhecimentos, para provar ao seculo que, se elle é sol, tambem o padre sabe ser raio, mas raio que vivifica...

Era a reflexão que faziamos ao percorrer as douradas paginas da *Italia.* Sem conta são as obras que sobre aquelle sublunar firmamento do bello se tem escripto, ainda simplesmente desde Dupaty até Castelar e Theophilo Gautier: não obstante, a *Italia* do snr. conego Alves Mendes, não as repete, tem uma entidade propria, um colorido, uma fórma, um reverbero que a faz resaltar da plana dos livros que o assumpto e o estylo confundem sob a mesma superficie uniforme, e a eleva ao glorioso isolamento dos lavores distinctissimos.

A indole intellectual do author da *Italia* é profundamente esthetica, innegavelmente plastica; um astro como a patria de Raphael, e Leonardo de Vinci, refractando-se através d'aquelle prisma tão para elle adequado, não podia deixar de nos seduzir com o completo espectro solar de uma luz suavissima, variegada, e primorosamente esbatida.

A opulenta erudição ethnographica e historica, o fino senso critico, e as louçanias do estylo, este *verbo* da linguagem humana, são como outros tantos hombros vigorosos que se adunam para conduzir mais uma vez ao repositorio da apotheose essa unica Italia, em cujo céo os pinceis se impregnam de luz, em cujo sólo os cinzeis se tornam de ouro, e ao sopro inspirador da qual a penna do escriptor vôa aos arrobos do sublime.

O author estadeia-nos á vista a Italia que não passa e a que não passou ainda; a que Deus fez, e a que o tempo tem por ora deixado de pé; quando, porém, é necessario fazer reviver a de outr'ora, evoca-a do pó das ruinas, e do ossuario da historia.

Não trepida ante o ardimento do seu plano; interroga as lapides e respondem-lhe; entranha-se pelo hypogeo dos povos sotopostos na morte, e fal-os reapparecer, revestidos a caracter, no acto, e na scena precisa do grande drama social; fere o marmore dos monumentos meio derrocados, com a vara de intelligente archeologo, e dos monumentos irrompe caudal a luz reveladora do seu genesis e da sua significação na arte e na historia.

As descripções topographicas são em geral exactissimas, como o posso affirmar por experiencia, mas o paizagista soube dar-lhes um relevo encantador, e a Italia com as suas alfombras, com os seus lagos de esmeralda, com os seus panoramas desbalisados e soberbos, com as suas serpentes de limpidissima agua, com as suas planicies bojadas de espessos tu-

fos de arvoredo, com o seu leque sempre aberto e desenhado de myriadas de flôres, com as suas montanhas, e abysmos, e golfos, e crateras, e aspecto, e viço, e vida, e amor, foi para o author do *Elucidario* um immenso teclado que accordou, sob seus dedos de artista, em brilhante rhythmo repassado d'aquellas mysteriosas melodias que nos segredam as immortaes phrases musicaes de Beethoven ou Meyerbeer.

Poucos dos sumptuosos monumentos da Italia escapam á sua penna; a technologia architectonica é sempre rigorosa, a observação minudente é geralmente verdadeira, por tal arte que eu que vi o Vaticano, S. Pedro, Santo Ambrosio de Milão, o palacio dos Doges, Santo Antonio de Padua, o museu Pitti, S. Januario de Napoles, etc., revendo agora, através do cosmorama graphico do *Elucidario,* essa Italia de marmore e de genio, posso dizer com a consciencia de Miguel Angelo, e com mais ousadia que Alves Mendes: — *Ecco-la,* eil-a alli está.

É outrosim o livro um livro de estylo. O estylo está ás ordens do author; não ha negal-o. Quando uma das glorias naturaes ou artisticas da Italia fere a scentelha do seu pensamento, desce esta em toda a sua incandescencia ao talisman da penna, inundando de luz o que jaz na penumbra para a observação do torista vulgar. Uma vez elevada a mente a uma idéa esthetica, a fórma ou o estylo tradul-a com o alto relevo dos artesões medievaes, soletra-a por assim dizer letra por letra, desdobra-a, prolonga-a, mallêa-a, encara-a sob todas as faces, destaca-lhe todos os cambiantes, illumina-a com todo o iris das multiplas bellezas que ella reveste, rompe-lhe todos os seios, e o leitor encontra enlevos onde o viajante muitas vezes só encontra o vacuo, que o seu olhar vidrado para o bello povôa de uma admiração convencional.

Leia o leitor esse livro, e diga-me depois se ha aqui o minimo vislumbre de hyperbole, e se nas paginas da *Italia,* escriptas com um raio de sol, se nos não deparam magnificencias que lembram a Ellora indiana, e mimos que entremostram dentiformes rendilhados de Alhambra. Mas ha mais e muito mais do que isso: ha o ideal; o sentimento christão a reçumar por toda a parte, e a rasar, por que assim o diga, até á borda cada uma das paginas do livro.

A *Italia* é bella, porque é bello o christianismo; bella, porque quando se tem o infinito na alma, e no coração o vaso mysterioso dos perfumes e das harmonias christãs, não é muito difficil ser-se bello, sobretudo quando na intelligencia arde o fogo sagrado do talento.

Eis o que eu sei escrever com a convicção, alheio aos ignobeis impulsos da lisonja.

O meu presupposto é um unico: affirmar o merito de um bom livro e contrastar este elogio meritissimo á grasnada restrugidora de apostados e nescios encomios que uma critica realista prostitue a uma litteratura tão realista como ella.

....

PADRE SENNA FREITAS.

(Do *Commercio do Minho*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

José Antonio dos Santos

Monumentos das ordens militares do Templo e de Christo em Thomar. Memoria historico-descriptiva, seguida de uma noticia sobre alguns artistas das respectivas obras.

1 volume........... 400 reis

A. M. da Cunha e Sá

O ultimo cavalleiro, romance historico original. Edição illustrada.

1 volume........... 600 reis

M. M. Ramos Chaves

Grammatica ingleza

1 volume....... 400 reis

Candido José Ayres de Madureira

Abbade de Arcozello

O amigo da infancia. Noções elementares de doutrina christã, deveres do homem em geral, physiologia, hygiene, chorographia, historia, grammatica e economia domestica.

1 volume........... 300 reis

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ESNESTO CHARDRON

Viagens em Marrocos

1 volume, 1$000 reis

É o titulo d'um volume escripto pelo snr. Ruy da Camara, *touriste* que um bello dia se deu ao prazer de visitar a Barbaria, levando assim a cabo um commettimento que me persuado não ter sido praticado por nenhum portuguez depois d'Alcacer-Kibir.

Os que se orgulham com os feitos nacionaes devem lêr este livro, da mesma fórma que o devem lêr os que ainda almejam pela desforra d'aquelle memorando desastre. Nas suas *Viagens* o snr. Ruy da Camara descreve-nos Marrocos tal como existe hoje, triste, vivendo em plena selvageria, tyrannisado pelos sultões e n'um estado financeiro ainda mais lastimoso do que o nosso!

Estamos vingados da Mauritania!

É certo que com um bocado de paciencia, e alguns adjectivos apropriados se compõe, a respeito de Marrocos ou de qualquer paiz, o capitulo mais interessantemente mentiroso de que é susceptivel o engenho humano.

Este livro, porém, não é assim. Vê-se bem que é escripto por quem, para proporcionar estas trezentas paginas ao infatigavel editor o snr. Chardron, não trepidou em arriscar o seu pescoço aos golpes da cimitarra musulmana!

(Do *Occidente*).

Não me lembra agora bem se foi Victor Hugo que disse que viajar era viver e morrer ao mesmo tempo, porque se viam pela primeira vez cousas em que talvez nunca mais se tornasse a pôr os olhos; para o nosso caso, porém, não importa muito precisar a paternidade d'essa asseveração que se nos afigura razoavel.

Para nós, viajar tem toda a seducção que a revelação do desconhecido inspira; e foi sob o imperioso dominio d'este prurido intellectual que nós lêmos sofregamente um formoso livro que entrou n'esta redacção — *Viagens em Marrocos,* por Ruy da Camara, editado por Ernesto Chardron.

Internando-se por aquellas paragens romanticas, onde démos e levamos a final tanta bordoada de mouro, graças aos impetos indomitos dos nossos antepassados, o elegante *touriste* conta fluentemente, n'uma linguagem despretenciosa de bom cavaqueador, e, a nosso vêr, sem se soccorrer ao recheio de patranhas a que muitos viajantes e exploradores mesmo illustres não teem podido resistir.

Ruy da Camara relata simplesmente as impressões que lhe causaram os usos e costumes dos beduinos que parecem mesmo umas trouxas de roupa suja, quando estão sentados; e dá-nos a conhecer a vida d'essa raça côr de azeitona, cujo espirito guerreiro e avassallador d'outr'ora ficou para sempre gravado no bronze da nossa historia e na de toda a peninsula; raça que inspirou a Alexandre Herculano o seu assombroso poema *Eurico;* que nos deu que fazer em Tarifa ou Salado, em Navas de Tolosa e em Alcaçar-Quebir; que produziu entre nós tantos heroes e em Hespanha o Cid campeador; raça que deixou na patria das castanholas os soberbos productos architecturaes de Sevilha, de Granada e de Toledo; e que, com o cruzamento do seu

sangue vivo e ardente, deixou tambem aquelles olhos profundos e cabellos negros que fazem o orgulho da Andaluzia, nas suas admiraveis mulheres que possuem o temperamento e tem toda a fina elegancia d'um cavallo arabe, fogoso e... caro, especialmente para nós os portuguezes, pobres diabos lympathicos que nos deixamos prender pelo beiço, com as allucinações d'esses demonios de saias.

Salero!

As *Viagens em Marrocos*, livro nitidamente composto e impresso em precioso papel, com gravuras de Pastor e Alberto, é singularmente interessante e tem o encanto de todos os livros de viagens, hoje preferidos aos romances terralhescos e que taes frandulagens que derrancam os sentimentos e não divertem, antes pervertem.

Diz a seguidilha hespanhola:

Sali de España
Con rumbo á Africa
En un cascaron de nuez...

Nós, querendo hoje conhecer esse paiz adusto, não necessitamos de nos arriscarmos ao mar n'uma casquita de noz; ficamos plenamente inteirados, lendo as *Viagens em Marrocos* do snr. Ruy da Camara a quem enviamos um *shake-hand*, por fazer tão brilhantemente n'este volume as suas primeiras armas litterarias.

(Do *Sorvete*).

Curso da lingua italiana

1 volume, 800 reis

O eminente philologo Ahn, com o seu inspirado methodo, vem varrer da feira todo o grammatico caturra e rotineiro que com os seus pesados calhamaços grammaticaes entenebrecia a memoria da criança que queria aprender, não já uma lingua estranha, mas o proprio idioma patrio.

Acerca de qualquer parte da grammatica escreveram-se volumes da grossura de missaes romanos; os trabalhos do Madureira, a prosodia do Pereira, a grammatica do Giraldes derreiam carros e puzeram obtusa muita intelligencia limpida.

Por esses monumentos d'uma paciencia benedictina se entrava no conhecimento das linguas, vivas e mortas.

O mestre-escóla era então um sabio, um oraculo,

Sisudo grammaticão
Que, com a pitada nos dedos
E o Madureira na mão,
Revelava altos segredos
Do adverbio e conjuncção!

como o retratou um poeta satyrico e pedincha.

Os nossos paes andavam longos annos nas aulas de rhetorica para comprehenderem todos os artificios do gerundio, todas as cavillações do supino. Encalvecia-se.

Isso, felizmente, passou.

Ahn reduziu, amenisou, venceu.

Aprendei uma lingua estrangeira do mesmo modo por que tendes aprendido a vossa — tal foi o principio em que elle fundou o seu novo methodo de aprender os idiomas: e o certo é que essa revolução está hoje applicada ás linguas mais cultas.

O sur. Brunswich que já adequára o curso da lingua franceza do mesmo methodo, ao uso dos portuguezes, acaba de prestar mais um serviço ao ensino, trasladando o curso da lingua italiana. O methodo é racional e pratico.

(*Idem*).

Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura.

Preço, 100 reis

São sempre de estimar estes livrinhos de propaganda scientifica.

Animamos o reductor a que prosiga. Tem muitos e valiosos expositores especialistas, cujas investigações póde revelar aos nossos lavradores, espancando-lhes a treva da ignorancia em que vivem, e d'um modo ameno.

Como, pelo presente opusculo, mostra que sabe fazel-o, deve dizer n'um outro quaes os passaros nocivos e uteis á agricultura, bem como os serviços prestados por muitos animaes que são victimas da malvadez e da estupidez dos habitantes ruraes.

(*Idem*).

Nunca serão de mais as obras publicadas sobre a agricultura pratica, pela benefica influencia que podem e devem ter sobre o futuro do nosso paiz, cujas principaes esperanças de prosperidade se devem esteiar no aproveitamento bem or-

denado da feracidade do nosso sólo, unica quasi e verdadeira e inalteravel fonte de nossa riqueza.

Por isso é que com todas as veras applaudimos a publicação que a Livraria Internacional do snr. Ernesto Chardron acaba de fazer da *Noticia sobre alguns insectos uteis á agricultura,* escripta pelo snr. A. M. Lopes de Carvalho. É um pequeno folheto de 40 paginas, mas cuja utilidade se não deve nem póde medir por seu circumscripto tomo, pois que n'elle se contém proveitosa e larga lição aos nossos agricultores, em quasi sua totalidade guiados no amanho e aproveitamento das terras, só pela velha, inconsciente e por vezes, além de retrograda e remissa, prejudicial rotina, que lhes ensina elle a distinguir entre os innumeros insectos que o nosso sólo e clima produzem, os que são uteis e proveitosos á agricultura, e cuja raça e propagação, por tanto, o lavrador em seu proprio interesse deve proteger em vez de destruir.

Numerosas vinhetas intercaladas no texto illustram este, reproduzindo os mesmos insectos.

RODRIGO VELLOSO.

(Da *Aurora do Cavado*).

O Agricultor do Norte de Portugal

Preço por anno, 3$000 reis

Desde que annunciámos o primeiro numero d'esta publicação agricola, incitámos os nossos lavradores a assignal-a, por serem muito uteis as informações e os conselhos que ella dá aos cultivadores. Temos sempre apontado aqui um grande erro, que parece fatidicamente arraigado no espirito dos agricultores portuguezes — a falta de leitura de livros proprios da sua profissão, e o nenhum, ou quasi nenhum cuidado que empregam em estar informados dos notaveis progressos que n'outros paizes faz a arte de cultivar bem e bem recolher.

As consequencias são visiveis, mas nem ellas podem combater o demonio da preguiça ou o diabolico habito da infructifera rotina. Os outros paizes avantajam-se-nos e tanto, que muito difficil nos será hoje acompanhal-os.

Não temos pão para as nossas necessidades. Não temos?! É muito peor: falta-nos uma tal porção d'esse genero, que a importação dos outros paizes levanos centos e centos de contos de reis.

E, comtudo, se quizessemos aprender a cultivar e dessemos ao arroteamento de novos terrenos — de tantos que temos improductivos — mais algum cuidado, mudariamos de posição quanto á balança do commercio: de importadores passariamos a exportadores.

Prégaremos em vão?

Embora, façamos o nosso dever, accusando a inercia nacional, e louvando os editores, que, como o snr. Chardron, fornecem á agricultura nacional bons elementos para o seu progresso.

(Do *Jornal de Viseu*).

A flôr dos prégadores

Cada volume, 800 reis

Sob o titulo de *Bibliotheca do clero illustrado,* emprehendeu o snr. Ernesto Chardron, como editor, a publicação das melhores obras vindas a lume em França, em Hespanha, e na Allemanha e de muitas de escriptores nacionaes sobre assumptos religiosos, e larga é já a collecção assim formada, fazendo d'ella parte livros de tão subido merecimento, como o são a *Apologia do Christianismo,* de Hettinger, o *Tratado de historia ecclesiastica* do padre Rivaux, e as obras de Jayme Balmes, alguns escriptos do rev.do Senna Freitas, o eminente polemico e estylista, do dr. Pires de Lima, D. Fr. Vital, etc.

Tambem d'essa *Bibliotheca* faz parte a *selecta dos sermões dos mais celebres oradores contemporaneos para todas as domingas e principaes festas do anno,* colleccionada pelo rev.do Francisco Luiz de Seabra, illustrado parocho de Cácia, de que acaba vir a lume o 7.º tomo, contando 41 sermões, todos escolhidos, e colhidos dos mais eminentes prégadores da França e da Hespanha (a mais contribuida de todas), e ainda do grande orador brazileiro, o admiravel Mont'Alverne.

(Da *Aurora do Cavado*).

Selecta classica dos prosadores portuguezes

Um volume, 600 reis

Um apreciavel serviço acaba de prestar á causa da instrucção o snr. Antonio Peixoto do Amaral, professor de ensino livre e escrivão interprete da Estação de Saude do Porto, elaborando, segundo o programma official para as cadeiras de

portuguez dos lyceus, em conformidade com a portaria de 5 de outubro de 1872, uma *Selecta classica de prosadores portuguezes*. É um volume de 349 paginas compactas, impresso em excellente papel e bom typo, na *Imprensa Commercial* da rua dos Lavadouros, e editado pela Livraria Internacional do snr. Ernesto Chardron.

Além dos trechos recommendados na citada portaria traz o volume alguns outros escolhidos e respigados, com todo o cuidado, pelo colleccionador da *Selecta* nos escriptores classicos.

(*Idem*).

A Civilisação Catholica

Preço por anno, 1$600 reis

Sahiu a lume o n.º 10 correspondente a julho, d'esta publicação religiosa mensal, redigida pelo snr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, e editada pelo snr. Ernesto Chardron. Em cousa alguma é *A Civilisação Catholica* inferior aos primeiros periodicos religiosos do estrangeiro. As mais levantadas questões religiosas e sociaes são n'ella tratadas em toda a sua altura e com a maior proficiencia. Applaudindo, pois, tão notavel periodico, fazemos votos para que larga lhe seja a existencia, e para que assim seja, certos do zelo e solicitude christãos do snr. dr. Silva Ramos, mais não será preciso do que a protecção do clero a quem mais que a ninguem incumbe o sustentar na liça paladino tão formidavel do catholicismo.

O custo da assignatura é de 1$600 rs. por anno. Sahe mensalmente em fasciculos de 32 paginas em 4.º grande.

(*Idem*).

As missões ultramarinas

Um volume, 200 reis

Nas sessões de 14, 15 e 16 de maio ultimo, pronunciou na camara dos deputados, o exc.^mo^ snr. Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima, doutor em theologia, de que regeu uma cadeira na Universidade, conego da Sé de Evora, governador do bispado d'Aveiro, e deputado pelo circulo da Feira, tres magnificos discursos sobre as *Missões ultramarinas*, e o estado da igreja n'estas, que se podem e devem haver como modêlos de eloquencia no seu genero, e como taes desde logo os consagrou a camara com seus applausos e a opinião publica com o mais extraordinario acolhimento.

Com profundo conhecimento da materia, bebida nas melhores fontes, com uma deducção logica notavel, com uma elevação de phrase sempre sustentada e fluente, com uma isenção de caracter, que nem sempre e antes mui raro se manifesta nos discursos parlamentares, pronunciados e influenciados mais ou menos pelas paixões politicas e partidarias, desenhou o snr. dr. Pires de Lima em ampla tela o desgraçado e lastimoso quadro das nossas parochias e missões ultramarinas, quadro de todo o ponto verdadeiro, e que é um testemunho eloquente, irrefutavel e accusador do desleixo e incuria com que os diversos ministerios que se hão succedido no governo do nosso paiz tem olhado para as nossas colonias, expoliando-as do meio mais seguro e mais facil e mais apropriado (como o testemunham os seculos passados) de iniciar a civilisação entre os povos selvagens ou barbaros.

Quando no parlamento são tratadas, como assim o foi pelo snr. dr. Pires de Lima a das *Missões ultramarinas*, questões que interessam ao futuro do paiz e de que principalmente este depende, eleva-se a representação nacional á sua verdadeira altura, e compenetra-se dos deveres que lhe impõe a missão que lhe é destinada no jogo do systema representativo.

(*Idem*).

Viagens em Marrocos

Um volume, 1$000 reis

Entre as muitas publicações que diariamente a *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron está lançando no mercado litterario é uma das ultimas na ordem chronologica, mas uma das primeiras na excellencia as *Viagens em Marrocos* do snr. Ruy da Camara.

Constituem ellas um volume em 8.º francez de 301 paginas nitidamente impressas em excellente papel, illustradas com tres gravuras, desenho do snr. Manoel Macedo.

Já desde muito que se nos não deparou livro de viagens que tanto nos prendesse e captivasse a attenção, deixando-nos o espirito illustrado e contente.

Pois não são poucas as obras que n'es-

se genero havemos lido e sobre o norte da Africa conhecemos, entre outros escriptos, os de Julio de Gérard, general E. Daumis, Felix Mornand, Du Couret, Quiviéres, Henri Béchade, Hugounet e o *Marrocos* do italiano Edmundo de Amicis, que está sahindo, com excellentes illustrações, no *El mundo illustrado* de Barcelona, em traducção de D. Caetano Vidal de Valenciano.

É que para nós valem muito, e não tem preço em obras da indole da de que nos occupamos, a singeleza e a naturalidade alliadas á verdade da narrativa, e temos estas qualidades em maior apreço do que as invenções e phantasias do escriptor, embora estas armem mais ao effeito e melhor prendam e captivem de momento o leitor.

E dizemos de momento porque passado o prazer da primeira impressão, voltado o espirito a si da commoção ou surpreza que o abalou, conhece-se o vacuo e inanidade d'ella, e quasi que saudades vêm do tempo perdido, sem a minima utilidade, e antes com falseamento das idéas, na leitura que fizemos.

Acresce no caso presente que de atavios não precisa a verdade para que captive o leitor, pois que tudo é novo para elle n'uma *Viagem em Marrocos* e tudo n'esta lhe desperta o interesse, pois que, como Edmundo de Amicis diz no começo da obra que d'elle já citamos: «Difficilmente poderão encontrar-se dous paizes mais distinctos entre os que um simples estreito separa, do que os existentes de uma e outra parte do de Gibraltar. E essa differença muito mais saliente se torna quando o viajante que se destina a Tanger, toma por ponto de partida a cidade ingleza. N'esta sente-se a vida agitada, buliçosa e esplendida das cidades da Europa... tres horas depois tudo se acha transformado... No breve espaço de tres horas verificou-se, em quanto nos rodeia, uma das mais surprehendentes transformações que a mente humana póde conceber».

É um formoso livro as *Viagens em Marrocos* do snr. Ruy da Camara, e sobre isso um livro patriotico tambem que n'elle condignamente se commemoram as nossas passadas glorias no norte da Africa, e o lamentoso desastre de que Alcacerquibir foi theatro.

Com saudades largamos mão d'esta obra, obrigados pela necessidade de nos occuparmos d'outras.

RODRIGO VELLOSO.

(*Idem*).

LIVROS RELIGIOSOS E PHILOSOPHICOS

Abbade Tounissoux

Os diffamadores do clero catholico. 1 vol.................... 200

Luiz Moreira Maya da Silva

Sermões escolhidos. 2 vol... 2$000

Fr. F. de J. Maria Sarmento

Escriptura Sagrada. 42 vol. 12$000

Tractatus de Censuris

Juxta Gury. 1 vol.......... 800

Bispo do Pará

Direito contra o direito. 1 v. 800

Dr. Luiz M. da Silva Ramos

Oração gratulatoria......... 120
Sermão da Immaculada Conceição.......................... 200
Sermão sobre a divindade de Nosso Senhor Jesus Christo..... 200
A liberdade de consciencia.. 200
Pio IX, oração funebre...... 200
A soberania social de Jesus Christo...................... 200

Pires de Lima

Missões ultramarinas....... 200

A Civilisação Catholica

Publicação mensal. Preço por anno...................... 1$600

Conego Borges

Discurso e sermão.......... 200

Monsenhor Bourret

Resposta ás imputações que se fazem á Igreja. 1 vol....... 120

Roberto Guilherme Woodhouse

A sciencia hodierna e o dogma christão. 1 vol........... 200
O naturalismo. 1 vol....... 200

Cardeal Wiseman

Fabiola ou a igreja das catacumbas. 1 vol. com gravuras. 1$500
Com uma rica cartonagem.. 2$000

P. Paulo Perny

Dous mezes de prisão sob a communa. 1 vol............. 400

Padre Chrispim C. F. Tavares

Revista catholica.......... 500

R. P. Blot

No céo nos reconheceremos. 200

Padre Senna Freitas

A tenda de mestre Lucas, romance religioso. 1 vol........... 400
No Presbyterio e no templo. 2 volumes.................... 1$200
Pio IX. 1 vol................ 200

M. Ferreira Marnoco e Sousa

Como se ha-de fazer uma boa confissão................... 60

Abbade Marquy

Certeza proxima do fim do mundo...................... 200

Raccolta Romana

Collecção de orações e obras pias. 1 vol................... 600

José Blum

Vida do Santo Padre o Papa Pio IX. 1 vol. illustrado. Cart.... 1$000

Padre Felix

Conferencias sobre o Socialismo. 1 vol...................... 600

R. P. Mach

Ancora de salvação. 1 grosso vol. cartonado................ 600
Maná do sacerdote. 1 grosso vol. cartonado................ 600
Catecismo exemplificado. 1 volume br.................. 800
Cartonado................ 1$100

Monsenhor Gaume

A agua benta no seculo XIX. 1 vol..................... 400
O cemiterio no seculo XIX. 1 volume................... 400
A vida é depois da morte. 1 volume................... 400
O signal da cruz no seculo XIX. 1 vol................... 400
O Angelus no seculo XIX. 1 v. 400
A Europa em 1848. 1 vol.... 200
Para que serve o Papa? 1 v. 100
Onde estamos? 1 vol........ 500

Segur

O concilio................ 150
Conselhos praticos sobre a oração................... 80
A desobriga............... 40
O descanço do domingo..... 100
Os franc-maçons, o que são.. 80
O Papa é infallivel......... 40
Póde-se ser catholico liberal? 120
Conversas sobre o protestantismo. 1 vol.................. 200

Antonio Fernandes Cardoso

Sentido dos ritos e ceremonias da missa. 1 vol............ 600

Padre Quadrupani

Direcção para socegar as almas 2.ª edição................ 100
Direcção para viver christãmente. 2.ª edição............... 100

Thomaz Vitale

O pontificado romano...... 100

Paulo Féval

Jesuitas! traducção e notas do padre Senna Freitas. 2 vol.. 1$000

Henri Conscience

Heroes catholicos. 2 vol.... 1$000

Inferno e Paraiso

Resposta ao snr. Camillo Castello Branco. 1 vol............ 500

D. Jaymes Balmes

Cartas a um sceptico em materia de religião. 1 vol......... 600
O Criterio, philosophia pratica. 1 vol.................... 600
Miscellanea. 2 vol.......... 1$200
Philosophia fundamental. 4 volumes.................. 2$400
O Protestantismo comparado com o Catholicismo. 4 vol....... 2$400
Curso de philosophia elementr. 2 vol..................... 1$200

Vozes propheticas

Ou apparições e predicções. 1 volume.................. 250

Padre Martinho

Sermões selectos. 3 vol..... 3$600

Visconde d'Azevedo

Contra-resposta dada ao velho liberal. 1 vol.............. 300

Monsenhor Landriot

A mulher forte. 1 vol....... 600

Condessa de Ségur

A Hospedaria do Anjo da Guarda. 1 vol.................. 500

Padre Marchal

A mulher como deveria sel-o, 2.ª edição. 1 vol............. 400

Padre Cros

O Confessor da infancia e da mocidade. 1 vol............ 600

D. M. do P. Sinués de Marco

A Lei de Deus. Collecção de lendas. 2.ª edição. 1 vol...... 500

Pouchet

Só Deus é grande.......... 50

1.º Anno 1879 Numero 11

Á VENDA:

CAMILLO CASTELLO BRANCO

OS CRITICOS DO CANCIONEIRO ALEGRE

Um volume, 200 reis

VIRTUDES CIVICAS

QUINTA EDIÇÃO

Um volume, 400 reis

NO PRELO:

PINHEIRO CHAGAS

A PROPRIEDADE LITTERARIA

Carta ao Imperador do Brazil

THOMAZ RIBEIRO

VESPERAS

VERSOS INEDITOS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O ULTIMO MORGADO DO PAÇO DE CARUDE

ROMANCE REALISTA

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

SUMMARIO

Ernesto Chardron — Editor

ERNESTO CHARDRON—EDITOR

PORTO E BRAGA

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Ponson du Terrail

A segunda mocidade do rei Henrique. 2 vol............. 900
Os dramas da aldêa. 3 vol. 900
Um crime da mocidade. 1 volume.................... 500
Os mascaras vermelhas. 3 v. 1$500
O rei dos bohemios. 2 vol.. 1$000
A justiça dos bohemios. 2 volumes.................... 1$000
Memorias d'uma viuva. 2 volumes.................... 1$000
A vingança da baroneza. 1 volume.................... 500
O armeiro de Milão. 1 vol. 500
O terror prussiano. 1 vol... 500
Os bastidores do mundo. 2 volumes.................... 1$140
A ramilheteira do Tivoli. 1 volume.................... 600
A mulher immortal. 2 vol. 1$000
O ferreiro da abbadia da Côrte de Deus. 2 vol......... 1$000
Os amores d'Aurora. 2 vol. 1$000
A corda do enforcado. 2 v. 1$000
Rocambole. 95 vol......... 9$500
O Sem-Ventura. 2 vol.... 1$200

Soropita

Poesias e prosas inéditas. 1 volume.................... 500

* * *

Mata-a ou ella te matará. Ou homem-mulher ou mulher-homem. 1 folheto................ 200

Julio Roquette

Os dramas dá mocidade pobre. 1 vol..................... 320

J. du Boys

A condessa de Monte-Christo. 2 vol..................... 960

Eugenio Deligny

O talisman de Roberto Nels. 1 vol..................... 400

A. Scholl

Os novos mysterios de Paris. 1 vol..................... 600

Ernesto Legouvé

Historia moral das mulheres. 1 vol..................... 800

Emilio Souvestre

O rei do mundo. 2 vol... 1$000

Tourpin de Sausay

Os canalhas de Paris. 1 vol. 440

A. Varella

Um episodio do reinado de D. João v. 1 vol.......... 500

J. Noberto Sousa e Silva

Historia da conjuração mineira. Estudos sobre as primeiras tentativas para a independencia nacional. 1 vol.......... 2$000

A. Villas-Boas

Os Papas dos tempos modernos, grandeza e decadencia do papado nos tres ultimos seculos. 1 vol................... 600

Frederico Bastiat

Sophismas economicos. 1 v. 600

Laurindo Rabello

Obras poeticas. 1 vol...... 600

Alvares de Azevedo

Obras. 3 vol.............. 2$000

Esquiros

Historia dos martyres da liberdade. 2 vol............... 3$000

Mery

O degredado. 1 vol......... 500

Gabriel Ferry

O mateiro ou os bandeirantes. 3 vol..................... 1$800

Emilio Gaboriau

Desmoronamento. 5 vol.... 3$600
O processo Lerouge. 2 vol. 800

Padre Bresciani

Olderico ou o zuavo pontificio. 2 vol..................... 500

Dr. Henrique Leal

Pantheon maranhense. 4 v. 6$000

Camille Bias

Os dramas da inquisição. 2 volumes.................... 1$000

Julie de Fertiault

A felicidade na familia. Cartas d'uma mãi a sua filha. 1 volume...................... 500

Joaquim de Vasconcellos

Os musicos portuguezes. 2 volumes.................... 2$400
O consummado germanista (vulgò o snr. José Gomes Monteiro). 1 vol.................. 500

Duque de Saldanha

A voz da natureza. 2 vol. 1$200

Faustino de Novaes

Poesias. 2 vol............. 2$000

D. Francisco Manoel

Carta de guia de casados. 1 volume..................... 360

Frederico Soulié

Memorias do Diabo. 1 vol. 500

Soares Romeo Junior

Recordações litterarias. 1 v. 500

J. Manoel de Macedo

A baroneza de Amor. 2 v. 1$600
O moço louro. 2 vol...... 1$200

Theophilo Gautier

O rei Candaule. Fortunio. 1 volume.................... 600
Mademoiselle de Maupin. 1 volume.................... 600

1.º ANNO 1879 N.º 11

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

REPAROS AO LIVRO
HISTORIA E SENTIMENTALISMO

No *Districto de Aveiro* n.º 784, publíca o snr. Marques Gomes um folhetim allusivo a um periodo da parte historica do livro *Historia e Sentimentalismo*. Emenda umas datas mal verificadas, datas que eu copiára do seu livro intitulado *Memorias de Aveiro,* cuidando que o estudioso escriptor, tendo á mão os documentos, não lhes erraria as datas por insufficiencia de attenção.

Dissera o snr. Marques Gomes: *D. Filippe I por provisão passada em Thomar a 15 de agosto de 1582 concedeu á villa de Aveiro o titulo de nobre.* Corrigi o anno, pondo 1581; mas devia tambem, segundo escreve o snr. Marques Gomes, corrigir o mez e o dia. Transcreve agora o documento existente no archivo municipal; mas a data do documento é *treze dias do anno do nascimento de* Nosso Senhor Jesus Christo de 1581. Parece, pois, que a provisão é de 13 de janeiro e não de maio, como reconsidera o snr. Gomes; mas isto não póde ser porque as côrtes se abriram em 20 de abril.

Escreve o snr. Gomes: *D. Filippe tambem não restabeleceu em 1585 nenhuns privilegios concedidos a Aveiro por D. Manoel, como diz o snr. Camillo Castello Branco.* Ora, o snr. Gomes, nas suas *Memorias,* tinha escripto: *O mesmo D. Filippe, por carta passada em Lisboa a 22 de dezembro de 1585, confirmou todos os privilegios que tinham sido concedidos a Aveiro pelos reis passados.* Tal qual o que eu dissera atido á supposição de que o curioso investigador, escrevendo em Aveiro, tivesse presentes os documentos originaes que, pelos modos, só consultou um pouco tardiamente, depois de ter publicado o seu interessante livro. Notei, na *Historia e Sentimentalismo,* alguns lapsos de datas; mas eu não podia imaginar que todas estivessem erradas: aceitei as que julguei immediata cópia do archivo municipal. Agradeço entretanto ao snr. Marques Gomes a modestia rara de se corrigir para que eu, alguma vez, aproveite na reimpressão do meu livro as correcções que s. exc.ª fez ao seu.

Escrevi que os Alpoins influiram em Aveiro para que as portas da villa rebelde se abrissem a D. Antonio. E a este respeito diz o snr. Marques Gomes:

«Os Alpoins, esses podiam ter bastante influencia em Aveiro, onde é mais que provavel que tivessem parentes proximos, não obstante o padre Carvalho e Costa não fazer a minima referencia á familia d'este appellido quando trata da nobreza de Aveiro, nem se encontrarem hoje aqui vestigios d'ella, como epitaphios tumulares ou brazões d'armas. No entanto Pedro d'Alpoim, um dos mais dedicados partidarios de D. Antonio, em prol de cuja causa perdeu a vida, era segundo neto de Affonso Domingues d'Aveiro, e administrador da capella de Santo Ildefonso, na igreja de S. Thiago de Coimbra, que o mesmo instituira.

«Por mais diligencias que fizessemos, não nos foi possivel encontrar, pelo me-

nos agora, no archivo municipal qualquer documento que nos pudesse elucidar sobre o ponto em questão».

O padre Carvalho da Costa não encontrou em Aveiro a familia *Alpoim;* podia já não existir ahi descendencia no seculo XVIII; nem tão pouco o snr. Marques Gomes achou epitaphios ou brazões de Alpoins. A razão é obvia. Os Alpoins, conhecidos desde o seculo XIII, nunca tiveram casa em Aveiro; mas sim, meia legua distante, em Esgueira, cujos senhores foram. Tiveram o seu jazigo na capella-mór do mosteiro de S. Jorge, perto de Coimbra. O primeiro da familia alli sepultado foi Diniz d'Alpoim, senhor das terras de Esgueira e embaixador d'Aragão [1]. Tambem tiveram jazigo na capella de Santo Ildefonso em S. Thiago de Coimbra, mandado construir pelo avô de Pedro d'Alpoim, que morreu degolado por ordem de Filippe II de Castella. Em tempo d'el-rei D. Diniz tinha sido assassinado em Coimbra um valente cavalleiro d'esta familia, Manfredo de Alpoim, que alguns genealogicos dizem ser neto de Martim de Freitas.

Os Alpoins de Esgueira ligaram-se a familias de Aveiro pelo casamento do jurisconsulto Pero de Alpoim com a filha de Affonso Domingues, de Aveiro, que viveu na primeira metade do seculo XV. Este Affonso Domingues tem uma historia lendaria que prende com o convento de S. Domingos, fundado pelo infante D. Pedro, filho de D. João I, em 1423 e concluido em 1464. A lenda que está recheada de milagres lê-se no *Agiologio Lusitano,* por Jorge Cardoso, tom. I, pag. 199, e no *Santuario Marianno,* tom. IV, pag. 383 e seg. Affonso Domingues passou ao jazigo dos Alpoins em S. Thiago de Coimbra, se é que não acompanhou a filha quando a casou com o celebrado doutor e cavalleiro de quem o author da *Malaca conquistada* cantou epicamente:

> *Alpoim, que nas margens do Mondego,*
> *Desde a primeira idade ás letras dado*
> *Tambem nas artes fez illustre emprego*
> *Já de illustres avós valor herdado,*
> *Segue Albuquerque pelo falso pego*
> *Hora jurisconsulto, hora soldado,*
> *Que das armas prudente se adornava,*
> *Como das justas leis forte se armava.*
>
> Cant. I, est. CI.

O padre Carvalho e frei Agostinho de Santa Maria para ungirem a lenda com o maravilhoso bem tirado pela fieira dizem que Affonso Domingues era um *pobre entrevado* a quem a Princeza dos Anjos fez embaixador ao filho de D. João I para a fundação do mosteiro. Jorge Cardoso, mais fiel á tradição, dá-o como doente de paralysia; mas não o empobrece. As genealogias que eu consultei consideram-o abastado, muito bom christão, e casado fidalgamente com uma dama de appellido *Caldeira.*

O seu bisneto Pedro de Alpoim, que floreceu em letras e funestas exagerações d'amor patrio por 1580, devia ser o administrador dos haveres de seus avoengos em Esgueira e Aveiro, assim como o era dos vinculos e capellanias dos Alpoins em Coimbra. D'ahi se deriva naturalmente a influencia que elle empregou para que a villa do memoravel Affonso Domingues, embaixador de Nossa Senhora, se prestasse a receber D. Antonio, prior do Crato com um affecto igual ao das monjas do convento de Jesus.

Como quer que fosse, aproveito o ensejo de louvar os trabalhos pacientemente investigadores do snr. Marques Gomes.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

[1] D. Nicolau de Santa Maria, *Chronica dos conegos regrantes,* tom. II, pag. 156.
Os estrangeiros no Lima, tom. II, pag. 211.

AO SNR. MARGARIDA

O snr. Manoel de Almeida Coelho Margarida, poeta lusitano, residente no Rio de Janeiro, disparou-me uma poesia bem arranjada, no *Cruzeiro*. (Parece-me que fiz quasi verso. O contagio!)

Elle antepõe ao poema a prosa seguinte:

«**Traducção do Hamleto**

«Á vista de um artigo transcripto na *Gazeta de Noticias*, de 6 do corrente, tratando da fórma por que foi aqui vendido o *Hamleto*, traducção de Sua Magestade D. Luiz I.

«Eis o artigo:

«Apregoavam os gaiatos subalternos a *traducção do Hamleto*, feita por *D. Luiz, rei dos ilheus*. E aquellas gentes variegadas, de beiços grossos e rubros, olhares mortiços do quebranto langoroso da mulataria, davam casquinadas de riso, compravam o livro com a boçal presumpção de o perceberem, e associavam-se em alegrias biltres á proterva satisfação do contrafactor. Vai n'isto tudo uma porcaria infame, o *cachet* de um paiz de mercantilagem pelintra».

O extracto que inspirou o snr. Margarida é do artigo que escrevi a respeito da *Contrafacção litteraria*. Depois, o poemêto reza assim:

Illustre e senhor Camillo
Peço a vossa excellencia,
Que ao meu grosseiro estylo
Dispense benevolencia.

Artigo tão offensor
Contra o povo brazileiro,
Não é proprio do author
Do — Alegre Cancioneiro.

O *Hamleto*, traducção
Do nosso rei D. Luiz,
Não foi apregoado, não,
Com esse epitheto que diz.

Ou algum calumniador
Deu-lhe essa falsa noticia,
Ou, em tal caso, o escriptor
Mostra total impericia.

Quem censura esta expressão:
«D. Luiz, rei dos ilheus?!...»
Se tantas ilhas estão
Sob os dominios seus?!...

Sou portuguez, aldeão,
Rustico homem do povo;
Aqui adoptivo irmão
Dos filhos do — mundo novo.

Por isso, ninguem (eu o sei!)
Por tal fórma apregoou,
O livro com que o rei
As letras mimoseou.

Parece mesmo impossivel,
Que o illustre romancista,
Faça idéa tão horrivel
D'um povo que não avista.

Como fez o S. Thomé,
Veja primeiro para crêr;
Como tudo inverso é,
Do que pensa, venha vêr.

Ha-de ser bem recebido
Como são escriptos seus;
Das *mulatinhas* querido
E adorado, como um Deus!

Déste, pois, um golpe fundo
No pessoal brazileiro,
Qu'é n'este sólo fecundo,
Em extremo hospitaleiro.

Como o povo fluminense
Recebe aqui o estrangeiro,
Agora dizer pertence
Ao Luciano Cordeiro.

N'esta côrte é protegida
A illustrada commissão,
Que os brazileiros convida
A virem á exposição.

Fez nascer Moysés, no monte,
Com a vara virtuosa,
Agua crystallina, em fonte,
Para a gente sequiosa;

E quiz Deus n'ella mostrar
A clara e lympha — sciencia,
Onde bebeu a fartar,
Com outros, vossa excellencia.

*

Mas vossa excellencia bebeu
Em tamanha profusão
Que, orgulhoso, entendeu
Insultar uma nação.

Rio de Janeiro, 20 de julho de 1879.

MANOEL DE ALMEIDA COELHO MARGARIDA.

N'esta poesia, rutilante como um látego de estrellas, ha bastantes imitações dos *Iambes* de Barbier e dos *Chatiments* de Victor Hugo; mas os pensamentos inflammados acham-se tão bem traduzidos que se devem aceitar como nacionalisação. É assim que as litteraturas se consubstanciam, e as fronteiras das raças e das indoles se derrubam de modo que para o talento sejam abolidas as pautas das alfandegas internacionaes. A ultima copla do snr. Margarida tem malicias de Byron e de Musset:

Mas vossa excellencia bebeu
Em tamanha profusão,
Que orgulhoso entendeu
Insultar uma nação.

Que eu bebi com tamanha profusão, diz o maganão á minha excellencia. Quando me dizem chalaças saturadas de sal attico, de modo que pareçam de Swift ou Rabelais, respeito o genio. Tal é esta do snr. Margarida; e muito me ufano de que ella seja portugueza, de um patricio, que está no mundo novo. Realmente o seu espirito não cabia no mundo velho. Deixe-se ahi estar, porque o seu paiz é pequeno. Esta sua chalaça da bebida profusa, escripta em Portugal, creava-lhe os inimigos invejosos que Aristophanes grangeou em Athenas e o José Daniel em Lisboa. Aqui, snr. Margarida, quem sente nas arterias da fronte as ferroadas do sangue peninsular, depura-o com a salsaparrilha das semsaborias nacionaes, que as temos, como os senhores lá tem a caroba para defecar o morbus do systema sanguineo.

Eu, se não offendo o poeta, desejava defender-me da injusta, embora eloquentissima arguição d'esta quadra amarga:

Parece mesmo impossivel,
Que o illustre romancista,
Faça idéa tão horrivel
D'um povo que não avista.

Não posso effectivamente avistar esse povo quanto o meu coração anhela; mas, á mingoa de vista, não fórmo d'elle a idéa horrivel que o snr. Margarida imaginou com as suas explosões de liberdade de poeta em braza, que estoura em versos de dynamite. Não, senhor. Eu fórmo d'esse povo uma idéa boa, quanto é possivel, sem o avistar; e, se achei burlesco chamarem lá ao meu soberano *rei dos ilheus*, foi por me não occorrer que

... tantas ilhas estão
sob os dominios seus,

como o snr. Margarida épica e geographicamente explica d'um jacto até dous.

Diz-me que vá vêr,

como fez o S. Thomé.

Pois não foste! N'essa é que eu não cáio, excellentissimo senhor, a menos que o meu patricio me não prometta adormecer com a sua lyra de David esses selvagens, o Barreiros, o Filho, e o Phasio Junior [1], aos quaes o meu amigo se dignará mandar pentear macacos (é um serviço feito em familia, entre parentes). Se, porém, me garantir das marradas dos capoeiras, irei explicar aos brazileiros sensatos que eu não lhes offendo a sua philaucia litteraria em quanto não detrahir escriptores como os **Franklins, Carlos Montoro, Gonçalves Dias, Macedo, Norberto, Velho da Silva, Machado de Assis, Felgueiras, Pinto de Campos, Andrade, Henriques Leal, Pereira da Silva, Junqueira Freire, Alvares d'Azevedo** e tantissimos outros iniciadores de uma litteratura que seria Hercules no berço, se não fosse já envelhecida de Portugal.

Mas em quanto o snr. Margarida me não cauciona a inviolabilidade dos meus dentes n'essa terra onde ha romances e tragedias de «Tira-Dentes», sirva-se o arrojado poeta pôr em verso realista estas minhas idéas, e communical-as a esses borrachões.

De resto, lamento que o snr. Margarida seja sexo feminino sómente no appellido. Se o fosse em toda a sua pessoa, eu pediria ao diabo que me rejuvenecesse para ter o gaudio de ser o Fausto de uma Margarida tão poeticamente organisada.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

1 Este *Phasio* é um tal Luiz Antonio da Silva Neves que se espoja no folhetim do *Progressista*, n.º 55, em um longo aranzel garoto que trescala a gaiato de baixissima ralé brazileira. Todo o folhetim é um borbotão de asneiras na apreciação hostil do *Hamlet*, versão do Snr. D. Luiz I; os chascos são perfeitamente marujos. O imperio, em letras de condição reles, é um alfobre de tunantes a pedirem a vergasta que lhes retalhava as espádoas dos avós.

A PROPOSITO

DOS

CRITICOS DO CANCIONEIRO ALEGRE

Publicamos hoje em folhetim dous excerptos do 10.º fasciculo da *Bibliographia portugueza e estrangeira,* publicação mensal do benemerito editor portuense Ernesto Chardron.

Subscreve esses excerptos o nome laureado do nosso primoroso escriptor o snr. Camillo Castello Branco, e é muito para vêr a resposta formidavel que n'elles se encerra e que vai bater em cheio na pedanteria de dous escripores brazileiros que ninguem conhece, mas que se julgam com forças para atacar o vulto gigantesco do illustre litterato que ahi nos está assombrando todos os dias com a pujança de seu esplendido talento.

Não nos admiram os lampejos de justa indignação que, a espaços, resaltam da brilhante resposta do snr. Camillo.

Ha provocações a que se não resiste. Quando um homem que se ennobrece com tão valiosos titulos, um trabalhador infatigavel, que occupa uma posição proeminente na litteratura do seu paiz, alcançada á custa do estudo mais perseverante, da ininterrupta applicação de largos annos, e d'um talento sempre malleavel e prodigioso, quando um escriptor assim se vê atacado por uma nuvem de litteratiços pretenciosos, póde rir-se por muito tempo do vozear asnatico da matula, mas sente por fim o impeto irresistivel de lhes estatelar a vaidade no lameiro, de os erguer como titeres grotescos, apontando-os ás gargalhadas inextinguiveis de todas as pessoas de bom senso.

É o que o nosso grande romancista está fazendo.

Ri-se com elles a principio, criva-os de epigrammas scintillantes, fal-os dançar na corda bamba como cynocephalos amestrados, enterra-lhes até ás orelhas a cabelleira multicor dos histriões, obriga-os a deitarem a lingua de fóra e a sapatearem ridiculamente no tablado, mas a paciencia esgota-se a breve trecho, e um repellão applicado por mão de mestre vem derrubar para sempre a turba multa funambulesca na valla do perpetuo esquecimento.

Um d'esses *criticos* brazileiros a quem Camillo inutilisa com uma *charge* admiravel, responde-lhe, entre um sem numero de enormes parvoiçadas, que o ha-de deslombar com uma boa bengala de Petropolis !

É a incuravel mania dos taes sujeitos. Já em tempo o mesmo critico, ou outro qualquer da sua estofa, entendeu que devia replicar a um artigo das *Farpas,* ameaçando Ramalho Ortigão com uma grande sova de cipó!

Felizmente que a farinha de mandioca não dá alentos a estes *scelerados* para realisarem os seus propositos ruins, aliás teriamos hoje todos os nossos primeiros homens de letras descadeirados com pancada.

Outro critico diz a Camillo que tem pena d'elle porque *está velho e está cachetico,* como se isto, a ser verdade, não redundasse em maior gloria do grande mestre, que, apesar de senil e enfermo, como elles o acham, tem ainda o vigor preciso para ir espostejando a cada instante quanto malandrim enfatuado lhe vai sahindo, atrevidamente, ao seu caminho.

Provoquem-n'o e aguardem depois a justa pena. Apesar dos seus grandes trabalhos, dos seus prodigios de imaginação e de estylo, Camillo Castello Branco dispõe ainda de alguns curtissimos instantes para afogar á nascença a vaidade estulta dos seus desafórtunados adversarios.

SILVA CAMPOS.

(Da *Aurora do Lima*).

EUSEBIO MACARIO

E affirmam os valentes adeptos da *Idéa Nova,* que o velho romancista está gasto, que a época não corre de feição para o talento-robusto, que ha-de morrer, legando aos seus concidadãos fructos de sazonado e pacientissimo estudo, e modêlos de admiravel realismo e soberba e tersa linguagem! Se o desventurado nunca soube o que eram *suspiros brancos, amarellos* e *azues!*

Um dia sahiu a lume o *Crime do Padre Amaro,* e pouco depois surgiu tambem o *Primo Bazilio,* — um sujeito cheio de escrofulas e de vicios. A *Idéa Nova* bateu as palmas, os admiradores de Zola soltaram gritos de enthusiasmo, pois que na phraseologia e nos processos de Eça de Queiroz viam a incarnação vivida e palpitante do pujante escriptor francez.

Escrever o *Primo Bazilio* com semelhante adjectivação, em linguagem tão pitoresca, tão recamada de extravagantes imagens; dar ao dialogo e ao descriptivo aquelles *tics* deshonestos e crus, era, na opinião de um publico afeito a leituras sulphydricas, tocar com o dedo nas fimbrias do ideal da arte moderna; era vencer difficuldades espantosas; era finalmente operar verdadeiros prodigios, que o author das *Novellas do Minho* nem sequer poderia conceber.

Camillo ouviu o disparate e sorriu. Á sombra dos castanheiros de S. Miguel de Seide, onde medita a enfermidade que o atormenta, resolveu Camillo provar aos rapazes que, a rir e a brincar, era muito capaz de impingir-lhes romance á Eça, de um realismo cru, com a vantagem de ser escripto em linguagem mais vernacula, mais portugueza. Em poucos dias escreveu **Eusebio Macario**; e de tal modo se houve no colorido das imagens, na construcção dos periodos, no bombastico dos adjectivos, na exposição do dialogo, que o leitor illustrado chegou a suppôr que tinha ante si uma nova producção de Eça de Queiroz; mais correcta, porém, mais brilhante e mais sensata.

É necessario ter-se muitissimo talento, poderosissimos recursos de estylo, serio e profundo conhecimento da lingua para se escrever aquillo. Caracteres esplendida e perfeitamente desenhados, descripções cheias de luz, de relevo, de vida, de verdade, eis **Eusebio Macario** — o guante feito de gargalhadas e ironias que o velho romancista arremessou aos pés dos adversarios.

E, todavia, cumpre confessal-o, não nos surprehendeu o **Eusebio.** O realismo, que taes paginas irradiam, é já muito nosso conhecido. O viver minhoto e o elemento *brazileiro* tão nitida e grotescamente photographados no **Eusebio,** encontra-os o leitor desenhados com a mesma perfeição em muitos romances de Camillo e mormente em diversas paginas das *Novellas do Minho.* É que Camillo foi sempre — e a posteridade fará essa justiça, quando lêr o mestre — um dos nossos, primeiros e mais poderosos realistas. Á sua faculdade observadora nada passa despercebido. O que vê, o que ouve, offerece-nol-o elle depois escripto com tanta verdade, com tanta arte, que não sabemos de pintor de pulso que melhor o reproduza.

Quiz Camillo ridicularisar a nova escóla portugueza, que foi beber os seus processos scientificos á fonte dos dous grandes athletas — Zola e Flaubert, e conseguiu-o, com uma differença apenas: os rapazes dão-nos linguagem bunda ou cousa pouco melhor; Camillo offerece-nos portuguez de lei e typos verdadeiramente nossos, não recortados nos figurinos parisienses. Os outros dão-nos estylo arrebicado e petulante: ao de Camillo, queira embora trahir a idéa estimulante do author, reveste-o linguagem opulenta e exuberante. Os *ultra-realistas* collocaram entre os seus adjectivos calouros o busto do pedantismo — d'entre as paginas admiraveis do **Eusebio** ri perdidamente o genio do Cervantes.

Moço ainda saudamos o mestre, e pediremos a Deus que nol-o conserve por muitos e longos annos para flagello dos Filhos e dos Barreiros, que medram a sua bestilidade charra e casmurra á sombra dos cajueiros, mastigando araçás e bebendo copos de cachaça.

CUNHA VIANNA.

(Do *Amigo do Povo*).

O **Eusebio Macario,** *historia natural e social d'uma familia no tempo dos Cabraes,* veio apregoado como um golpe de misericordia na escóla realista, havendo corações romanticos que passaram a Camillo Castello Branco diploma de Cervantes para o effeito dos golpes quixotescos que elle houvesse por bem de vibrar em cima dos iconoclastas dos *velhos* deuses de 1830. Ora Camillo Castello Branco é uma natureza impressionavel e apaixonada de mais para usar pacientemente dos processos criticos de que se costumam servir os demolidores. E assim, vêmol-o, de quando em quando, no **Eusebio Macario,** apaixonar-se pela nova *maneira* litteraria, identificar-se com ella, assimilal-a nas suas poderosissimas qualidades de estylista e concorrer, sem pensar em tal, levado na corrente impetuosa da sua phantasia arrebatada, para o triumpho ridente da nova cavallaria litteraria.

O mesmo que aconteceria a Cervantes, se elle não tivesse o cuidado de conservar o cavalleiro de la Mancha n'aquelle justo meio moral que fica tão distante de Sancho como de Cid.

É certo que, uma vez por outra, Camillo Castello Branco *pratica* conscientemente o realismo, *de fito feito e caso mui pensado,* assignalando-se distinctamente as passagens em que é movido por semelhante preoccupação. Mas d'ahi a pouco esquece-se do papel que se propunha representar, e é manifestamente trahido por aquella linguagem viril e sólida em que palpitam e vivem todos os elementos que oito seculos de laboração litteraria podem assimilar na palavra d'um povo.

Tem o pitoresco nacional e exclusivo, e não o pitoresco cosmopolita e canalha que se adquire pelo commercio desbragado com tudo quanto o mundo produz de mau e de bom, e que é certamente a primeira phase da evolução em virtude da qual um dia — d'aqui a doze ou quinze seculos — se ha-de constituir a linguagem em que hão-de ser escriptas todas as portarias e lavrados todos os romances.

Entretanto, como obra de bom *humour* e de graça, nada mais completo! O **Eusebio Macario** chega a ser uma obra de desespero! Comprehende-se perfeitamente como qualquer dos amaveis inimigos de Camillo Castello Branco póde pegar no **Eusebio Macario,** possuido de raiva, lendo, livido de cólera, a dedicatoria ao snr. Fernandes Costa, e espumante, contorcendo-se em ancias de possesso, morrer ás gargalhadas sobre o discurso que Eusebio, cavalleiro de Christo, pronuncia no jantar dos noivos!

Na arte, por fim de contas, a questão não é tanto d'escóla como de talento. Ha um ponto culminante em que os artistas poderosos se encontram, havendo por exemplo muito menos differença entre Dumas e Zola, que partem de extremos oppostos, do que entre Chateaubriand e a snr.ª Canuto que pertencem ambos á mesma escóla mystica.

Podemos, uma vez por outra, contestar as opiniões criticas de Camillo Castello Branco. Deixar de admirar as suas poderosas faculdades, só é dado fazel-o em duas circumstancias — quando se é teimoso ou quando se é tolo.

GUILHERME D'AZEVEDO.

(Do *Occidente*).

Subdivide-se o livro que temos presente, uma das multiplices manifestações de tão peregrino talento, em duas partes distinctas, como do seu titulo se deprehende. Na **Historia** desenham-se em breve escorço, com temperança de phrase, as biographias dos principaes vultos que ajudaram a perder a causa de D. Antonio, prior do Crato, o pretensor á corôa do reino que mais a disputou á cubiça de Filippe II, por morte do cardeal-rei. É que, se á volta do neto de D. Manoel houve corações devéras devotados, a historia não nos deixa acreditar, na phrase do biographo, que estivesse alli um homem sensato.

D. Francisco de Portugal, descendente do condestavel Nuno Alvares, um dos personagens que figuram mais distinctamente na resistencia ao estrangeiro, era, segundo o define Camillo Castello Branco, «um rapaz cheio de quimeras, leviandades, altos conceitos da sua pessoa, e valentia, umas vezes prudente como em Alcaçar e Alcantara, e a final cega e decisiva, como na batalha naval dos Açores».

Outros tempos, outras idéas. Os dous condestaveis, este e o avô, com o prior do Crato e o mestre d'Aviz, symbolisavam duas épocas. Ia longe a fé intemerata do de Aljubarrota, revendo-se no seu montante com a intenção que lhe attribue Camões:

Eu só com meus vassallos e com esta
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta
A terra nunca d'outrem subjugada.

«Póde ser que D. Francisco — commenta o primoroso escriptor — ao *pôr a mão na espada,* se lembrasse do santo condestavel, segundo Camões. Os heroismos do seculo XVII eram d'um postiço romano e imitativo que não se sustentava nos lances apertados. As duras e asperas originalidades da idade média só tinham d'arte e polidez a que os alfagemes davam ao aço das boas laminas de Toledo».

O livro, n'esta parte, não tem pretensões a modêlo de processo historico. É um como assentar de mão para o livro que o author intenta escrever ácerca do filho do infante D. Luiz e seus descendentes.

A outra parte do livro, a sentimental, subordinada ao sub-titulo de **Eusebio Macario,** opina o proprio author que póde ser uma enorme impostura. E em verdade por mais que a gente prema bem premidas as glandulas lacrimaes, o que rebenta, e com frequencia, é a franca hilaridade.

Camillo Castello Branco, avesso a modernices injustificadas, tomou á sua conta ser o D. Quixote d'esta Dulcinêa do realismo, que se apresenta sem ceremonia a mais das vezes na sociedade, em habitos menores e fazendo gala de pouco limpa. Deu com o seu homem. A extrema flexibilidade de que é susceptivel este grande artista da palavra, apanhou os *tics* da escóla em paginas inexcediveis de galhofa trocista. E continuou.

Importa comtudo fazer aqui uma resalva. Esta **Historia natural e social de uma familia no tempo dos Cabraes,** apesar de cotada e *fresca,* não se arregaça a ponto de fazer córar de pejo um porta-machado, como seria de rigor n'uma composição estreme do genero. A narração, descripção e o dialogo, absteem-se, ou por amor á moral publica, ou por dignidade de quem escreve e de quem lê, de dar a sensação morna e palpitante dos factos, que ainda teem a precaução de esconder-se.

Se o insigne escriptor perdeu ou ganhou a aposta que diz, não somos chamados a julgal-o. Parece-nos entretanto que o seu **Eusebio Macario** é d'um realismo sufficientemente lingua de trapos. Que não seria se dissesse tudo!

(Do *Primeiro de Janeiro*).

O snr. Ernesto Chardron, do Porto, é por certo o editor mais activo de Portugal. É rara a semana que a sua casa não annuncia novos livros por ella editados, presidindo boa escolha ás obras que aceita e imprimindo-as com esmero. Além d'isso publica umas cadernetas cheias de interesse a respeito de bibliographia portugueza e estrangeira, redigidas pelo insigne romancista o snr. Camillo Castello Branco.

É d'este notabilissimo escriptor um dos ultimos livros sahidos das officinas typographicas do snr. Ernesto Chardron, o qual se intitula **Historia e Sentimentalismo.** Tem o elegante volume 300 paginas, em 8.º, com typo excellente. Divide-se em duas partes, conforme o titulo: a primeira occupa-se das biographias de algumas notabilidades historicas da parcialidade do famoso D. Antonio, prior do Crato, e de refutar a lenda de Roberto Machin; a segunda é a demonstração evidente de como o snr. Camillo Castello Branco tambem é capaz, e muito, de escrever romances no tom *realista,* de que, talvez, haja excesso de abuso em certa escóla moderna.

O espirituoso author apostou comsigo em como havia de desbancar o *realismo* portuguez já conhecido. Ganhou a aposta, e o caso é que nos fez rir a bandeiras despregadas com o seu **Sentimentalismo.**

Na parte historica, apoiado em authoridades incontestaveis, restabelece a verdade, adulterada por varios historiadores, e tira mais de uma illusão a ufanados com a sua antiquissima pureza de sangue; na parte romantica photographa o melhor da escóla realista.

Um boticario d'aldêa, Eusebio Macario e seus filhos, um abbade, a ama d'este, um irmão da ama enriquecido em Vassouras, commendador primeiramente e depois barão do Rabaçal, varios amigos do ennobrecido e respectivas esposas, constituem uma santa sociedade, conservando cada um o seu caracter, perfeitamente sustentado de principio a fim, e dando occasião a episodios cheios de verdade, relatados sem excesso de escrupulos de linguagem, á *realista* moderna.

O **Sentimentalismo** do snr. Camillo Castello Branco era esperado, com anciedade, por todos os amadores das boas letras, e principalmente pelos admiradores do fino espirito critico do author. Ligado o **Sentimentalismo á Historia**, e vindo depois d'ella, parece-nos podermos assegurar, sem perigo de erro, que toda a gente haverá começado a leitura do volume a paginas 157. Com razão. Nós assim o fizemos.

Felicitamos o snr. Camillo Castello Branco por mais esta prova do seu elevado talento e da sua boa critica, e o editor pelo grande exito que tem tido a obra.

(Da *Correspondencia de Portugal*).

Fez exame do primeiro anno da *escóla realista,* o snr. Camillo Castello Branco, ficando plenamente approvado.

Eusebio Macario foi o *ponto* tirado á sorte pelo inimitavel romancista d'entre a grande variedade de *pontos* que a modernissima *escóla* lhe offerecia.

Não podia ser mais brilhante o *exame!*

Eusebio Macario é um romance portuguez, como portuguez é tambem, dos pés até *á cabeça,* o personagem cujo nome serve de titulo ao livro.

Estylo, entrecho, e analyse dos typos — é tudo realista — tudo.

Lêr o **Eusebio Macario** é vêr reflectirem-se no aço polido de um espelho riquissimo algumas d'essas figuras grotescas que ás vezes nos surprehendem e nos divertem em meio da *boa* sociedade portugueza.

Não lhe escapou nada! Apanhou-as em todos os seus gestos, em todos os seus movimentos, nas suas mais insignificantes manifestações com uma rigorosa exactidão, com uma fidelidade pasmosa.

O brazileiro, José Fistula e o abbade, são typos completos, acabados. Camillo Castello Branco descreve por um processo novo os seus typos velhos, porque de ha muito que em Portugal se não conhece escriptor mais escrupuloso de verdade, mais fino de observação nas suas novellas.

Ha ainda uma particularidade a notar:

Para fazer um romance realista o fecundo escriptor não teve necessidade de nos pintar scenas de bordel.

Ainda bem — por amor da moralidade!

SÁ D'ALBERGARIA.

(Do *Sorvete*).

Consoante o indica o titulo, consta este livro de duas partes perfeitamente distinctas, cada uma das quaes poderia e deveria talvez constituir um volume separadamente da outra.

«A parte historica, diz o author, relativa a personagens da parcialidade de D. Antonio, prior do Crato, é apenas um bosquejo de biographias estudadas com o fim de me ir familiarisando com os individuos mais notaveis do partido do pretensor, a quem faltava legitimidade e dignidade para rei em época tão perigosa e mingoada de amor patrio, de força e de virtudes. As outras peças historicas incluidas no volume são ainda menos pretenciosas e não visam a formar nem a firmar opinião alguma sobre cousas nem pessoas. O que o author pretende é que se leiam sem ambições de aprender, nem tregeitos de enfado. Desvanecimentos de ensinar são direitos adquiridos ao fastio».

Isto o que o author diz com rara modestia; o certo é que n'estes estudos se contém grande cópia de indagações e affirmações filhas de arduos e aturados labores em assumptos que o primoroso talento de Camillo Castello Branco consegue tornar de aridos em amenos e apraziveis ainda aos mais refractarios a leituras aliás de tamanho tomo e circumspecção.

As minuciosas e abundantes noticias ácerca de Duarte de Castro, de Manoel da Silva Coutinho e de D. Francisco de Portugal, todos tres de tragico fim, denotam um acrisolado estudo d'aquelle infausto periodo da nossa historia e o muito que ha a esperar do futuro — D. Antonio, prior do Crato e seus descendentes, que o grande escriptor tenciona dar mais tarde á estampa.

A parte historica contém ainda *A lenda do Machin* — controversia suscitada entre o illustre romancista e o snr. Pinheiro Chagas — a proposito da versão da monographia *The life of prince Henry of Portugal,* etc. É interessantissima como trabalho de averiguação e um ver-

dadeiro modêlo de polemica leal e cortez, cousa já agora rara n'estes tempos em que um homem não póde pegar na penna sem grande risco de ter de largar a penna para empunhar um marmeleiro.

Todavia não é a esta parte que o fecundo escriptor tem de attribuir o extraordinario exito d'este livro cuja apparição, esperada com anciedade foi acolhida com sobresalto entre Guelfos e Gibelinos.

Victor Hugo apostou aos quinze annos que seria capaz de escrever um romance em quinze dias; escreveu o Burg Jargal.

Camillo Castello Branco annunciaa-nos, embora em annos avançados, um milagre não somenos, e realisa-o.

O milagre tem por titulo: — **Eusebio Macario — Historia natural e social d'uma familia no tempo dos Cabraes.**

«Nota preambular.

«Pede-se á critica de escada abaixo o favor de não decidir já que o author plagiou Emilio Zola. **Eusebio Macario** *não é Rougon Macquart;* nem **Uma familia no tempo dos Cabraes** é *une famille sous le second empire.* Sim, elles, os Cabraes, não são perfeitamente o segundo imperio.

«DEDICATORIA

«*Minha querida amiga.*

«Perguntaste-me se um velho escriptor de antigas novellas poderia escrever, segundo os processos novos, um romance com todos os *tics* do estylo realista. Respondi temerariamente que sim, e tu apostaste que não. Venho depositar no teu regaço o romance, e na tua mão o beijo da aposta que perdi».

Não perdeu.

Haja vista a advertencia que não podemos resistir ao desejo de antepôr ás nossas considerações.

«**A historia natural e social d'uma familia no tempo dos Cabraes** dá folego para dezesete volumes compactos, bons, de uma profunda comprehensão da sociedade decadente. Os capitulos inclusos n'este volume são preludios, uma symphonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas guelas concavas, metallicas. Os processos do author são, já se vê, os scientificos, o estudo dos meios, a orientação das idéas pela fatalidade geographica, as incoerciveis leis physiologicas e climatericas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a tyrannia dos nervos, a questão das raças, a ethologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de familia, tudo, o diabo!

«O author trabalha desde antes de hontem no encadeamento logico e ideologico dos dezesete tomos da sua obra de reconstrucção, e já tem promptos dez volumes para a publicidade. Mas é necessario a quem reedifica a sociedade saber primeiro se ella quer ser desabada a pontapés de estylo para depois ser reedificada com adjectivos pomposos e adverbios rutilantes. Para isso o primeiro avanço é pôl-a nua, escrutar-lhe as lepras, esvurmar as bostellas que cicatrizaram em falso, excorial-as, muito cauterio de phrases em braza. É o que se faz nas folhas preliminares d'esta obra violenta, de combate, destinada a entrar pelos corações dentro e a sahir pelas mercearias fóra».

Nem uma nem outra cousa.

O romancista portuguez não desprezou nenhum dos processos dos sequazes de Zola, e, apesar de neophyto, é forçoso confessar que deitou a barra adiante dos escriptores que entre nós tem seguido a piugada do author da *Thereza Raquin* e da *Curée,* de que por ahi corre com o nosso nome uma versão mascava.

Não morremos de amores pela moderna seita realista de E. Zola e ainda menos pelos seus imitadores em Portugal, no numero dos quaes se contam robustos talentos, mas cujos processos se nos afiguram tão falsos como os dos *rhetoricos* e *romanticos* que esses senhores acrimoniosamente invectivam.

Não comprehendemos bem o exclusivismo litterario, nem podemos admittir de boa sombra a supremacia de uma escóla que a subitas pretende arvorar-se em dictadura restringindo a concepção á reproducção dos quadros e das paixões mais aviltantes, descompondo a linguagem em esgares e cabriolas truanescas, torcendo a logica e natural derivação ao discurso, alardeando estrangeirismos, procurando surprehender com imagens e figuras não raro incongruentes e disparatadas, enchendo o melhor das suas paginas com descripções fastidiosas, e compactas e massudas como annuncios de leilões de *bric à brac* ou *menus* de banquetes á franceza, exclusivamente preoccupada com as

torpezas mais hediondas, não nos deixando vêr uma só nesga de céo azul nos páramos escuros a que nos arrasta, como se a sociedade só fosse composta de devassos como o padre Mouret e o padre Amaro, como Aristides Saccard e o primo Bazilio.

A inanidade de tudo isso, a relativa facilidade com que se obtem o realismo, não o realismo de Balzac, mas este a que especialmente nos referimos, — provou-a que farte o nosso querido mestre e amigo: — Personagens, uma cáfila de pulhas, de *mulheres de saias engomadas que rugem, esfervilham, de penteados altos, untados, com muita caspa e fitas azues, arrastando chinelos de ligas, com os calcanhares de fóra a esbeiçarem, com claviculas esqueleticas mordidas das herpes e dos vampiros das noites vinolentas,* cheias de delirios devassos e indigestões de iscas de cebolada;

Filhos prodigos e libertinos *que voltam para os paes com grande humildade faminta, de lazaros maltrapilhos, com as camisas roidas de immundicie e a cara chupada de deboches e bebedeiras;*

Um abbade, *patusco, com chalaça, egresso dominico, muito gasto e poido dos attritos sensuaes, comido de vicios, com os fluidos nervosos* degenerados *e as articulações pêrras de rheumatismo e outros ataques contingentes de sangue depauperado. — Este, ás vezes, inflammavam-se-lhe os olhos, tinha purgações purulentas, sustentadas pelo uso da genebra e humores viciados de velhas contaminações.*

«Tratava-o uma criada. Mas a criada era uma sôstra, não sabia fazer caldo de franga, deitava-lhe azeite, e comia metade, lavando pouco as tripas da ave. Elle atirava-lhe com a malga cheia d'aquella agua gordurosa, chamando-lhe borrachona, porca e estupôr maligno. Ninguem o queria servir».

Et cœtera.

Mas a par d'estes *tics* demasiadamente realistas, que esplendidas e magestosas descripções, que primores de fina linguagem portugueza não desbaratou o nosso dilecto escriptor pelas paginas d'esta obra deleteria?

Ora vejam:

«O arrebol da tarde franjava de purpura as agulhas da montanha; espinhaços dos ultimos horisontes de serra recortavam-se como sentinellas nocturnas de um baluarte de cyclopes; espigões enormes pareciam braços hirtos dos legendarios titans a escalarem o olympo; filas cerradas de pinheiros lá em cima nas cumiadas lembravam esquadrões de gigantes, pasmados, a olharem para nós, burlescos pygmeus, que andamos cá em baixo a esfervilhar como bichinhos revoltos nas enormes podridões do planeta. Elle olhava para tudo aquillo com cara d'asno, não percebia mythos, nem ideaes, e pensava na cêa. Raparigas desciam das encostas hervecidas com rebanhos a dessedentarem-se nos ribeiros; cabritos alcandoravam-se em rochedos com balidos crebros e gymnasticas elegantes; bois escornavam-se com pancadas sonoras de uma dureza cava. E o Justino, o estudante, saltava dos vallados sombrios á laia de satyro, como tigre faminto do palmar, e enviava-se fremente ás pastoras, dando-lhes abraços bestiaes, herculeos, e ferradellas cupidineas, dissolventes, nos cachaços sensuaes pennugentos.

«Ellas casquinavam risadas innocentes, fugiam, deixavam-se agarrar, botavam-se a elle, ás tres e ás quatro, deitavam-no ao chão, cahiam de embrulho, e espojavam-se todos, qual por baixo qual por cima, escouceando-se, com uma candura bucolica digna de Rodrigues Lobo e de muito chicote».

São estas e outras não poucas paginas de igual jaez que justificam o grande exito do livro em que o nosso querido mestre e amigo affirmou mais uma vez as soberbias do seu talento e o raro poder de assimilar com incontestavel vantagem senão a concepção pelo menos a fórma do realismo moderno.

PEDRO DOS REIS.

(Do *Diario Illustrado*).

M. PINHEIRO CHAGAS

HISTORIA DE PORTUGAL

NOS SECULOS XVIII E XIX

1707 a 1853

Reinados de D. João V, D. José I, D. Maria I, D. João VI, D. Pedro IV e D. Maria II

Extracto d'alguns factos narrados n'esta obra

A côrte de D. João v. A familia. Os ministros. Caracter e vida intima do soberano.
Actos de fanatica e pueril devoção d'el-rei D. João v. Edificações sagradas e profanas. Letras, sciencias e artes.
Liberalidades de D. João v. Luxo e pompa da sua côrte. Os rendimentos das minas. Estado da fazenda publica. Situação economica do reino durante o seu governo. Agricultura, commercio, industria e legislação.
Reinado de D. José. Entrada no poder de Sebastião José de Carvalho e Mello. Incendio do hospital de Todos os Santos. Principio da omnipotencia do novo ministro. Exportação da moeda. Liberdade dos indios. Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Monopolio do commercio da India e China.
Terramoto de Lisboa.
Reconstrucção da cidade.
Governo despotico de Sebastião José de Carvalho. Demissão e deportação de Diogo de Mendonça Côrte-Real.
Conspiração dos Tavoras. O duque d'Aveiro. Attentado contra a vida d'el-rei D. José. Longa dissimulação de Sebastião de Carvalho. Prisão e processo dos accusados. Execução dos fidalgos e dos seus cumplices.
Expulsão dos jesuitas. A Companhia de Jesus em Portugal. As missões e a guerra do Paraguay. Negociações do conde d'Oeiras com a côrte de Roma. Breve de Benedicto xiv. Confisco dos bens dos jesuitas. São postos fóra do reino e das suas possessões todos os membros d'esta Ordem.
Reinado de D. Maria i. Reacção contra as medidas do antecedente governo. Sahida dos presos. Demissão e desterro do marquez de Pombal. Os novos ministros. Perseguição aos parentes do grande marquez. Ingratidão de muitos dos seus antigos protegidos. Partida do marquez para a sua quinta de Pombal. Insultos do povo.
Reacção e tentativas dos jesuitas para recuperarem o poder. Ceremonia da acclamação de D. Maria i. Processo do marquez de Pombal. Longos e crueis interrogatorios. Desapontamento dos seus accusadores. Morte do grande estadista.
Decadencia immediata que se segue á queda do marquez de Pombal. Observações de um estrangeiro ácerca de alguns homens influentes da côrte portugueza.
Caso da sentença revisoria da condemnação dos marquezes de Tavora. Difficuldades do processo. Pronuncia-se mas não se publíca, a rehabilitação dos condemnados. Tentativa dos jesuitas para regressarem a Portugal.
Resumo da historia portugueza desde a revolução de 1820 até á actualidade.

2 volumes, 2$000 reis

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Camillo C. Branco

Cancioneiro alegre. 1 vol.................. 1$200
Eusebio Macario. 1 vol.................... 800
Os criticos do Cancioneiro alegre. 1 vol.... 200

Palmeirim

Galeria de figuras portuguezas. 1 vol..... 800

P. Chagas e J. Cesar Machado

Fóra da terra. 1 vol...................... 500

Octavio Feuillet

Os amores de Filippe. 1 vol............... 500

Eça de Queiroz

O Primo Basilio, episodio domestico. 2.ª edição. 1 vol.................................. 1$000

F. y Gonzalez

O Rei do punhal. 5 vol. illustrados........ 3$000

João Diniz

Thesouro do trovador. 1 vol.............. 600

Ruy da Camara

Viagens em Marrocos, com illustrações por M. de Macedo, Alberto e Pastor. 1 vol.... 1$000

Peres Escrich

Os anjos da terra. 5 vol................. 2$500

Faustino de Novaes

Poesias. 1 vol........................... 1$000
Poesias posthumas. 1 vol................. 1$000

Romeu Junior

D. João II. 1 vol......................... 300

Alberto Pimentel

O Porto por fóra e por dentro. 1 vol...... 500

Julio Lermina

Os Lobos de Paris. 3 vol................. 1$500

Gervasio Lobato

Comedia de Lisboa. Com um prologo por Pinheiro Chagas. 1 vol................... 600

Ernesto Chardron, editor

BIBLIOTHÈQUE DE PHILOSOPHIE CONTEMPORAINE

Rivot (Th.) — La psychologie allemande contemporaine. 1 vol. in-8°... 1$500
— La psychologie anglaise contemporaine. 1 vol. in-8°.................. 1$500
Guyau (M.) — La morale anglaise contemporaine. 1 vol. in-8°......... 1$500
Liard (Louis) — La science positive et la métaphysique. 1 vol. in-8°.... 1$500
Stuart Mill (J.) — La philosophie de Hamilton. 1 vol. in-8°......... 2$000
— Mes mémoires — Histoire de ma vie et de mes idées. 1 vol. in-8°........ 1$000
— Essais sur la religion. 1 vol. in-8°................................. 1$000
Agassiz (L.) — De l'espèce et de la classification en zoologie. 1 v. in-8° 1$000
Espinas (Alfred) — Sociétés animales. 1 vol. in-8°.................. 1$000
Laugel (Auguste) — Les problèmes. 1 vol. in-8°....................... 1$500
Saigey (Émile) — Les sciences au XVIII^e siècle. 1 vol. in-8°............ 1$500
Spencer (Herbert) — Essais scientifiques. 1 vol. in-8°............... 1$500
— Principes de biologie. 2 vol. in-8°.................................. 4$000
— Principes de sociologie. 2 vol. in-8°................................ 4$000
Auguste Comte — Cours de philosophie positive. 6 gr. vol. in-8°.. 9$600
Jacques, Simon et Saisset — Manuel de philosophie. 1 v. in-8° 1$600
Lamennais (F.) — Esquisse d'une philosophie. 2 vol. in-8°........... 1$400
Véra (A.) — Philosophie de la religion. 2 vol. in-8°................. 2$000
Sophie Germain — Œuvres philosophiques. 1 vol. in-12............ 800
Huet (F.) — La science de l'esprit. 2 vol. in-8°..................... 2$000
M^me Roger — Origines de l'homme et des sociétés. 1 vol. in-8°....... 1$500
Maugras (J. B.) — Cours de philosophie. 1 gr. vol. in-8°............ 2$000
Tiberghien — *Logique* — La science de la connaissance. 2 vol. in-8° 3$000

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Francis Trolopp

Os mysterios de Londres. 6 volumes.................. 2$400

Anthero de Quental

Odes modernas. 1 vol..... 400

J. Garibaldi

Os mil de Garibaldi. Narração historica, politica e romantica da expedição á Sicilia em 1860. 1 vol.................... 500

Almeida Braga

O prestigio das palavras. 1 volume....................... 500

J. de Alencar

Os jesuitas. Drama em quatro actos. 1 vol............. 600
Diva. Perfil de mulher. 1 volume....................... 600
O sertanejo. Romance brazileiro. 2 vol.................... 1$200
Ubirajará. Lenda tupy. 1 volume...................... 600
As minas de prata. 3 vol. 3$000

Cunha Vianna

Relampagos. 1 vol......... 400

A. Gonçalves Dias

Poesias. 3 vol............. 2$000

Edmundo Franck

Mariposas. 2 vol........... 1$200

Bernardo Guimarães

Novas poesias. 1 vol....... 600
Mauricio ou os paulistas em S. João d'El-Rei. 2 vol .... 1$200

Vieira de Castro

Discursos parlamentares de 1865 a 1866. Com o retrato. 1 volume.................... 1$000

Ramalho Ortigão

Em Paris. 1 vol........... 500

Urbano Loureiro

Os hypocritas. A infamia de frei Quintino. Romance d'uma familia. Com uma carta prefacio pelo abbade Sant'Anna. 1 volume.................... 500

Tito de Noronha

Ditos da freira. 1 vol.... 400
Passeios e digressões. 1 vol. 400

Machado d'Assis

Helena. 1 vol.............. 600
Americanas. 1 vol......... 600

Magalhães Lima

A senhora viscondessa. 1 v. 600

Candido de Figueiredo

Os companheiros de Vasco da Gama. 1 vol............ 600

Guiomar Torrezão

A familia Albergaria. 1 v. 500

J. C. Machado e P. Chagas

Fóra da terra. Caldas da Rainha, Festas da Nazareth, Leiria e Marinha Grande, Cintra, Bussaco, Bom Successo, Paço d'Arcos, Espinho. 1 vol...... 500

José Augusto Vieira

Phototypias do Minho. 1 v. 500

M. Pereira Lobato

A queda d'um gigante. 1 volume....................... 500
O estandarte real. 1 vol... 500
A baroneza de la Puebla. 1 volume.................... 500
Os fidalgos do Coração de Ouro. 4 vol...................... 800

D. J. G. de Magalhães

Urania. 1 vol............. 900
Factos do espirito humano. 1 volume.................... 900
Opusculos historicos e litterarios. 1 vol.................... 900
Tragedias, Antonio José, Olgiato, e Othello. 1 vol......... 900
Canticos funebres. 1 vol... 900
A confederação dos tamoyos. 1 vol 900
Poesias avulsas. 1 vol...... 900

Julio de Castilho

D. Ignez de Castro, drama em 5 actos em verso. 1 vol. 600

Visconde de Castilho

Sonho d'uma noite de S. João. 1 vol..................... 600

Augusto Luso da Silva

Impressões da natureza. 1 volume 500

Gomes d'Amorim

Cantos matutinos. 1 vol... 800

David de Castro

Vislumbres. 1 vol.......... 500

Henri Conscience

O andarilho das praias. 1 volume 600

Tavares Bastos

O valle do Amazonas. Estudo sobre a livre navegação do Amazonas, estatistica, producções, commercio, questões fiscaes do valle do Amazonas. 1 vol. 1$500

Odorico Mendes

Virgilio brazileiro. 1 vol. 3$000
Iliada de Homero em verso portuguez. 1 vol............ 1$000

Dr. Gaspar Fructuoso

As saudades da terra. Historia das ilhas do Porto-Santo, Madeira, Desertas e Selvagens. Manuscripto do seculo XVI annotado por Alvaro Rodrigues d'Azevedo. 1 vol........ 4$500

Julio Rocha

A vingança de Raul. Romance original. 2 vol........... 900

Teixeira de Vasconcellos

Lição ao mestre. Romance original. 2 vol............ 1$200

Reis Damaso

O anjo da caridade. Scenas da vida provinciana, romance original. 1 vol.............. 500

Carlos Pinto d'Almeida

Seis annos na India. 1 vol. 500

Gomes Percheiro

Questões do Pará. 1 vol... 500

Mascarenhas

Episodio da guerra civil. A Maria da Fonte. 1 vol..... 600

Cherbuliez

Feitiços da mulher feia. 1 volume 500
O noivo da menina Saint-Maur. 1 vol 600

Clemence Robert

O tribunal secreto. 2 vol. 1$000
Os mendigos de Paris. 1 v. 800
A fonte maldita. 1 vol.... 600

Ernesto Capendu

Dolores. Scenas da guerra carlista. 1 vol............... 800

Alberto Pimentel

Da importancia da historia universal philosophica na esphera dos conhecimentos humanos. 1 vol....................... 300
Nervosos, lymphaticos e sanguineos. 1 vol............. 300

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Julio Cauvain

O usurpador d'uma corôa ou os fenianos no seculo VII, romance historico. 2 vol...... 1$000

Fenimore Cooper

O corsario vermelho. 1 vol. 600

A. Belot e J. Dautin

Memorias d'um caixeiro ou um drama da vida commercial. 1 vol.................... 600

Adolpho Belot

Duas mulheres. O habito e a recordação. 1 vol.......... 500
A mulher de fogo. 2 vol... 600
O matricida. 2 vol........ 600
Dacolarde Lubin. 2 vol... 600

Simões Dias

As peninsulares. 2 vol.... 1$000
As mães. 1 vol.......... 500

Emilio Castelar

Discursos parlamentares. — Discursos parlamentares dos principaes oradores portuguezes das constituintes de 1821. 2 volumes..................... 1$200
A formula do progresso. 1 volume..................... 600

Benjamin Constant

Aprender na desgraça alheia. 1 vol.................... 400

Ayguals d'Izco

Maria hespanhola ou a victima d'um frade. Com importantes revelações relativas á sociedade do Anjo Exterminador. 2 volumes.................... 1$000
Marqueza de Bella-flôr ou o menino engeitado. Com importantes revelações relativas á sociedade do Anjo Exterminador. 2 vol..................... 1$000

Xavier de Montepin

O amante de Alice. 2 vol. 600
A condessa de Nancey. 2 v. 600
O marido de Margarida. 2 volumes.................... 600
O bigamo. 4 vol.......... 1$200

Paulo de Kock

Friquete. 1 vol........... 300
Memorias de Paulo de Kock. 2 vol.................... 600
Casa Perdaillon & C.ª 2 volumes................... 600

Fernandes y Gonzales

O rei do punhal. 5 vol. com gravuras................... 3$000
O collar do Diabo. 6 vol. 3$000
Os filhos perdidos. 5 vol. illustrados.................. 2$500
Lucrecia Borgia. Memorias de Satanaz. 2 vol............ 1$280
D. Ramiro 1.º d'Aragão, romance historico. 2 vol....... 800

Custodio Velloso

Brados d'alma. 1 vol...... 500

Octavio Feuillet

Casamentos fidalgos. 1 vol. 500
Os amores de Filippe. 1 v. 500
A mesma obra. 1 vol...... 600
Julia de Trécœur. 1 vol... 300

Visconde de Benalcanfôr

Phantasias e escriptores contemporaneos. 1 vol......... 500

Manoel Maria Rodrigues

O que faz a ambição, romance original. 1 vol.......... 500
Estudantes e costureiras. 1 volume..................... 400

Dr. J. C. F. Pinheiro

Resumo da historia litteraria. 2 vol.................... 4$500
Estudos historicos. 2 vol... 1$800

Augusto Callet

O Inferno. Trasladado para portuguez e precedido d'uma advertencia por Camillo Castello Branco. 1 vol........... 500

Gagneur

O calvario das mulheres. 4 volumes................... 1$600

Paulo de Kock Junior

Contos jocosos. 1 vol...... 300
O pandego. 1 vol.......... 300
O bom do snr. Leitão. 1 v. 300

Fausto

Um casamento de tirar o chapéo. 1 vol................. 300
Um provinciano ladino. 1 volume..................... 300
Scenas da vida republicana. 1 vol.................... 300
Dous dias de felicidade no campo. 1 vol............... 300
A caça d'um baronato. 1 volume.................... 300

Henry Murger

Scenas da vida de bohemia. 1 vol.................... 600

Hector Malot

A estalagem do mundo. O coronel Chamberlain. 1 vol. 400

Alfredo Musset

Novellas. 1 vol.......... 1$000
O segredo de Jovotte. 1 v. 300

Barão General Ambert

O heroismo de sotaina. Baseado sobre a campanha franco-prussiana do 1870. 1 vol.... 600

Samuel Similes

O caracter. 1 vol......... 1$000

T. Gautier

Novellas. 1 vol............ 600
Avatar. 1 vol............. 300

M.me Lafarge

Memorias. 2 vol........... 1$000

Victor Hugo

Noventa e tres. A guerra civil. 1 vol................. 1$200

Lord Byron

Os amores de D. João. 1 volume.................... 400

Ernesto Pinto d'Almeida

Olympia. 1 vol............ 400

Victoria Colonna

As manhãs da avó. Leitura para a infancia. 1 vol....... 600

A. de Goudrecourt

Os invejosos. 2 vol........ 1$200

Max Valrey

Martha. 3 vol............. 900

Arsene Houssaye

Lucia. Historia d'uma mulher perdida. 2 vol............... 600

Edmond About

O nariz d'um tabellião. 1 volume.................... 300

Jorge Velho

Folhas silvestres. 1 vol.... 300

Porto: 1879 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

1.° ANNO 1879 N.° 12

Bibliographia portugueza e estrangeira — 12 numeros, 500 reis

Á VENDA:

PINHEIRO CHAGAS

A PROPRIEDADE LITTERARIA

Carta ao Imperador do Brazil

200 reis

NO PRELO:

THOMAZ RIBEIRO

VESPERAS

POESIAS

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EUSEBIO MACARIO

SEGUNDA EDIÇÃO

SUMMARIO

EUSEBIO MACARIO : criticas litterarias. — PUBLICAÇÕES RECENTES, por ***Camillo Castello Branco*** **— Publicações francezas e portuguezas, etc. etc.**

AVISO

Com este fasciculo (n.° 12) termina a 1.ª serie da **BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA.** Os snrs. assignantes que desejem continuar a receber outra serie de DOZE NUMEROS enviarão **500 REIS** *em estampilhas* ao editor

ERNESTO CHARDRON

PORTO

Bibliographia portugueza e estrangeira — 12 numeros, 500 reis

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

Porto e Braga

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Julio Verne

Vinte mil leguas submarinas. 2 vol.................... 1$200
Aventuras de tres russos e tres inglezes na Africa austral. 1 vol.................... 600
Viagem ao centro da terra. 1 vol.................... 600
Viagem ao redor do mundo em oitenta dias. 1 vol....... 600
Heitor Servadac. Viagens e aventuras através do mundo solar. 2 vol.................... 1$200
A terra das pelles. 2 vol.. 1$200
O Chancellor. 1 vol....... 600
A ilha mysteriosa. O abandonado. 1 vol.................... 600
Uma cidade fluctuante. 1 volume.................... 600
Miguel Strogoff ou o correio do czar. Um drama no Mexico. 2 vol.................... 1$200
Cinco semanas em balão. 1 volume.................... 600
Os filhos do capitão Grant. America do Sul. 1 vol....... 600
Australia meridional. 1 vol. 600
O Oceano Pacifico. 1 vol... 600
O descobrimento prodigioso e suas incalculaveis consequencias para o futuro da humanidade. 1 vome.................... 600
Viagens e aventuras do capitão Hatteras. Os inglezes no polo do norte. O deserto de gelo. 1 vol.................... 1$000
Da terra á lua. 1 vol..... 600
O segredo da ilha. 1 vol.. 600
Ao redor da lua. 1 vol... 600
Os naufragos do ar. 1 vol. 600
As Indias Negras. 1 vol... 600
O abandonado. 1 vol...... 600
America do Sul. 1 vol..... 600
Descoberta da terra. Grandes viagens e grandes viajantes. 1 volume.................... 600
O doutor Ox. Mestre Zacharias. Uma invernada no gelo. Um drama nos ares. 1 vol.. 600

Alencar

As azas d'um anjo, comedia em um prologo, 4 actos e um epilogo. 1 vol.............. 500
Iracema, lenda do Ceará. 1 volume.................... 600
Cinco minutos. A viuvinha. 1 vol.................... 600

Dr. Macedo

Lições de historia do Brazil para uso das escólas de instrucção primaria. 1 vol.......... 1$000
Moreninha. 1 vol........... 600

Raphael Machado

Diccionario musical, contendo: 1.° todos os vocabulos e phrases de escripturação musical; 2.° todos os termos technicos da musica desde a sua maior antiguidade; 3.° uma táboa com todas as abreviaturas usadas na escripturação musical, suas palavras e correspondentes; 4.° a etymologia dos termos menos vulgares e os synonymos em geral. 1 volume.................... 1$400

Bernardo Guimarães

A ilha maldita. O pão d'ouro. 1 vol.................... 600

Casimiro d'Abreu

Obras completas, colligidas, annotadas, e precedidas d'um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e d'uma noticia sobre o author e seus escriptos, por J. Norberto Sousa e Silva. 1 vol.................... 600

Dr. Americo Braziliense

Lições de historia patria. 1 volume.................... 1$400

Dr. Gama Lobo

Direitos e deveres dos estrangeiros no Brazil. 1 vol.... 1$200
Indice alphabetico das leis, decretos e avisos relativos a incompatibilidade na accumulação dos cargos e empregos publicos. 1 vol.................... 600

Affonso Daudet

O Nababo, romance de costumes parisienses. 1 vol....... 600

Dumas Filho

O Homem-mulher. Livro especialmente escripto para os homens e que as mulheres não devem lêr. 2 vol................ 600

D. Junior

A lei do recrutamento de 26 de setembro de 1874, annotada com decretos, avisos e circulares que lhe dizem respeito, seguida dos regulamentos que baixaram com os decretos n.° 5881 de 27 de fevereiro de 1875 e n.° 591 do 1.° de maio do mesmo anno, e d'um indice alphabetico para facilitar a consulta. 1 vol. 1$600

Ao Imperador

Cartas politicas de Erasmo. 1 vol.................... 300

Dr. Moreira de Sá

O zuavo da liberdade. 1 vol. 1$200

Consolidação

Das leis civis, publicação authorisada pelo governo. 1 grosso vol.................... 6$000

Prisca

Narração historica do reinado de Claudio, primeiro seculo da era christã. 1 vol............ 800

Constituição politica

Do imperio do Brazil, seguida do Acto addicional. 1 vol... 300

Dr. Fernandes Pinheiro

Grammatica da infancia, dedicada aos snrs. professores de instrucção primaria. 1 vol..... 300
Grammatica theorica e prática da lingua portugueza. 1 volume.................... 400

Pereira da Silva

Escriptos politicos e discursos parlamentares. 1 vol......... 1$500

Tiberghien

Diccionario de marinha portuguez-francez-inglez e vice-versa, dando alphabeticamente e nas tres linguas os termos technicos das marinhas de vela e a vapor. Obra composta com a collaboração de distinctos officiaes da armada. 1 vol......... 2$000

1.º ANNO 1879 N.º 12

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÕES RECENTES

I

A PROPRIEDADE LITTERARIA. *Carta a sua magestade o imperador do Brazil*, por M. PINHEIRO CHAGAS. Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1879. In-8.º — 70 pag.

Brilhantemente! Não sabemos de que preste a rhetorica, e o grande cadoz das phrases arranjadas para mover os affectos, quando Pinheiro Chagas, n'uma linguagem sobria, fluente, senhoril, sem atavios muito pintalgados, demonstra que o doutissimo A. Herculano, em assumpto de propriedade litteraria, deixou de ser justo quando foi rhetorico.

O illustre publicista dirige-se epistolarmente a sua magestade imperial o snr. D. Pedro II. Tendo de gritar contra ladrões, achou que era mais moderno e litterario escrever ao imperante como quem brada *aqui d'imperador!* visto que, n'um imperio, seria impropriedade gritar *aqui d'el-rei!*

A carta é uma rija corrente de fusis de bronze, inflexiveis como a velha logica dos dialecticos que não deixavam respirar o adversario. As consequencias travam-se rigorosamente com as premissas. O paradoxo do grande historiador — eclipse passageiro da sua rectissima razão — desfez-se apertado entre os argumentos de P. Chagas. Nunca se escreveu tão luminosamente ácerca de propriedade litteraria, e tão discretamente ácerca d'uns salteadores que abriram as suas bem trastejadas e luxuosas cavernas no Rio de Janeiro.

Temos visto muito repetido A. Karr n'este pleito da propriedade do escriptor. Tambem P. Chagas lhe invoca o testemunho; mas para A. Herculano aquelle humorista francez tão judicioso em seus simulados paradoxos *pertencia a uma certa escóla litteraria, vulgar sobre tudo em França, que se não faz grande consumo de idéas, vive sempre com grande opulencia de phrases*. E, notando a phrase applaudida de Karr: — «*é evidente que a propriedade litteraria é uma propriedade*» — acrescenta: *Em consciencia, a agudeza não tinha jus a grandes admirações. Nas aulas de logica a uma agudeza d'estas chamam os rapazes* «petição de principio»; *entre os homens feitos chama-se-lhe puerilidade* [1]. Ora, se no animo superciliosо do eminente sabio era pueril a affirmação de A. Karr, não nos parece que os circumspectos argumentos de A. Garrett e P. Chagas o demovessem da sua isenção byroniana a respeito dos dinheiros grangeados pela lavra do pensamento nas paginas do livro. Chama-se-lhe *isenção byroniana* porque o lord immortal tambem assim pensava quando rejeitou os primeiros cinco centos de libras que lhe offereceram pela 2.ª edição da *Satyra contra os bardos inglezes e escocezes*. Deu gratuitos os dous primeiros cantos de *Child-Harold* quando lhe enviaram 1:000 libras st. por cada um, e mais confessa que lhe não sobrava o dinheiro, o *idolo universal,* diz elle. Precisava assim sustentar na pratica a desabrida arguição de interesseiro que fizera, na *Satyra,* a Walter Scott. Depois, melhor avisado, recebeu de seu editor, por vezes, proximamente setenta cóntos.

Manter em Portugal um desinteresse analogo ao do mallogrado restaurador da Grecia seria um pouco menos heroico em quanto os nossos editores, meu caro P. Chagas, nos não offerecerem umas insignificantes 1:000 libras por cada volume. Porém, quando os editores chegarem a esse acto de justiça, sou de parecer que rejeitemos o ouro de Xerxes, e nos alimentemos de um succulento *menu* de gloria, e nos vistamos de louros e de trepadeiras, não por causa do pudor, mas por necessidade das condições climatericas. Se, todavia, sua magestade o imperador resistir obcecadamente á luz da carta primorosa de P. Chagas, é quasi seguro que morreremos plethoricos de gloria, emquanto os contrafactores residentes no Rio hão de morrer mirrados, chupadinhos de remorsos e de penitencias austeras de ladrões contritos.

Sua magestade imperial, se se compenetrar das eloquentes instancias do grande prosador que lhe escreve, póde obstar, áquem e além-mar, a estes dous tragicos acabamentos de vida. Mas, se nada se conseguir, a litteratura portugueza ganhará a carta esplendida de Pinheiro Chagas.

Ernesto Chardron dedica ao conselheiro Mendes Leal a Carta. Os escriptores

[1] *Opusculos*, tom. II, pag. 124.

portuguezes é que deveriam tributar a Ernesto Chardron um voto de gratidão pelos seus esforços, embora improductivos.

II

OBSERVAÇÕES Á «CITANIA» *do snr. doutor* Emilio Hubner, *por* Francisco Martins Sarmento. Porto, 1879. In-8.º

Explica o snr. Francisco Martins Sarmento a motivação do seu opusculo, attribuindo parte dos erros do dr. Hübner ás desleixadas incorrecções dos periodicos peninsulares que trataram, pela rama, as cousas da *Citania* com uma descuriosidade essencialmente portugueza e hespanhola. Transcrevemos alguns periodos do explorador das celebres ruinas:

« Sendo obrigado a fallar do escripto do snr. dr. Emilio Hübner, desejára tão sómente ter de agradecer as palavras de benevolencia e incitamento que me endereça o douto archeologo de Berlim; mas as inexactidões ácerca das cousas da Citania são taes e tantas no seu trabalho, que julgo do meu dever apontal-as e emendal-as. Para um sabio consciencioso, e que tanto se empenha no esclarecimento das antiguidades da peninsula iberica, não é este, por fim, o peior modo de exprimir-lhe o meu reconhecimento.

« Escusado advertir que o snr. dr. Hübner não é responsavel pelas inexactidões de que fallo. As suas noticias foram todas colhidas em jornaes portuguezes, e no jornal madrileno, a *Academia;* e, a instaurar-se processo contra os verdadeiros culpados, não faltaria quem me pozesse na cabeceira do rol, como quem, estando mais no caso de corrigir os erros, os deixou correr e medrar.

« A minha desculpa é esta: Quasi todas as noticias, respectivas á Citania, appareceram dispersas por jornaes politicos. De algumas nem tive conhecimento. Quando os seus authores se dignavam enviar-me o numero dos jornaes, em que escreviam, apressava-me a agradecer a fineza e a indicar as faltas em que cahiram. Corria, parece, aos vulgarisadores do erro a obrigação de vulgarisar a errata. Nunca vi erratas, como tambem me não lembra — diga-se de passagem — que ninguem me pedisse esclarecimentos.

« Entendiam certamente estes cavalheiros que não valia a pena gastar tempo com a emenda de noticias, que esqueciam, mal se pousava a folha, em que vinham, e que pouco importava ao commum dos leitores que, por exemplo, a «pedra formosa» tivesse seis metros de comprido, como se dizia n'um jornal do Porto, ou apenas menos de metade.

« Acabei por me convencer de que tambem perdia o tempo com os meus reparos, e voltei-me para occupações menos infructiferas.

« As pessoas, a quem mandei collecções photographicas, entendendo que as deviam examinar com interesse, mandei igualmente explicações e medidas exactas dos objectos que as necessitavam, para serem melhor comprehendidos. Assim succedeu com a collecção enviada ao snr. D. Francisco Tubino, director da *Academia,* que, em vista das inexactidões que publicou, entendeu mal o meu autographo.

« Ao director da *Renascença,* o snr. Joaquim d'Araujo, offereci algumas photographias escolhidas, sem explicações nenhumas, declarando-lhe ser-me impossivel dar-lh'as, quando mais tarde m'as pediu, por não ter deixado nota da numeração dos cartões.

« Pelo que fica dito, se vê que não deixei correr o erro tanto á revelia, como parece; fiz o que pude por sustel-o na carreira.

« Agora que o snr. dr. Hübner, em virtude dos falsos materiaes de que dispoz, condensou nas vinte e cinco paginas do seu opusculo quantas inexactidões foram semeadas pelas publicações que se occuparam da Citania, vou levantar este longo *erratum* — o que já haveria feito, ha mais tempo, se se me deparasse tão boa occasião, como esta, e — diga-se tudo — se não fosse o receio de ter de fallar ao echo».

Seguem-se os unicos esclarecimentos topographicos que possuimos authenticos da Citania, e explanados por quem conhece a technologia peculiar d'este ramo de sciencias. As estampas, corrigindo as incurias das lithographias divulgadas, prestam-se ao estudo das pessoas praticas em interrogar os vestigios delidos do passado; mas será bom que os interpretes não se empenhem em decifrar os enigmas que o snr. Francisco Martins Sarmento não houver lido. Este versadissimo archeologo é tão moderado em expôr opiniões suas que nunca cerra as portas ás hypotheses alheias; e tem-as ouvido curiosissimas com o seu sorriso ceremo-

*

nioso. Um ou outro antiquario, d'um relance d'olhos e por palpite, lhe tem querido elucidar obscuridades que elle, entre incertezas, estuda ha dez annos com a inspecção immediata e o estudo comparativo procurado no que mais selecto lhe tem vindo do estrangeiro. Sobre archeologia é prudencia confessar que em Portugal nunca semelhante sciencia chegou a ser adulta e emancipada das verduras e balbuciações dos Estacios e Rezendes. A epigraphia teve uns cultores ex-officio que não chegaram a despir as faixas da arte infantil. Hoje começam os lavores reflectidos, á luz dos modêlos peregrinos, mas tão desajudados sequer de leitores curiosos que apenas os trabalhadores independentes e um tanto apaixonados como Francisco Martins Sarmento poderão exercital-os.

III

VIAGENS Á RODA DO CODIGO ADMINISTRATIVO, *por* ALBERTO PIMENTEL. *Empresa litteraria de Lisboa,* 1879. In-12.

Graça, *humour,* ironia cortez, rara correcção, noticias chorographicas e historicas, lendas romantisadas, escavações archeologicas, factos, scenas da comedia administrativa — que vai descahindo em farça politica de cordel — phenomenos sociologicos tambem a pedirem entremez, e varias outras cousas grandes, dignas de epithetos coloridos, tudo se trava de mão n'este livro espirituoso de Alberto Pimentel. Em alguns relanços das *Viagens* resaltam uns gracejos desfechados á escóla realista — uma cousa em que se falla muito a vêr se se desperta o gosto da escóla de primeiras letras. Todavia, a evolução, como anda no ar, está-se operando fatalmente no escriptor. Alberto Pimentel, que possue os thesouros da linguagem, d'aqui a pouco será um dos propugnadores da nova escóla — porque é novo, e sabe vêr. Não se demore; porque d'aqui a meia duzia de annos, o naturalismo terá cedido o passo ao ultra-naturalismo; e depois passaremos todos a praticar acções, a escrever palavras e a fazer obras segundo a natureza; e apenas vestiremos as idéas e os corpos com folhas de parreira. Por em quanto vamos indo com a nova escóla que, para se fingir nova em Portugal, tinge as cãs que trouxe de França onde se gastou na convivencia de Balzac e Champfleury. Póde ser que sejamos mau propheta, quanto á conversão do illustre author das *Viagens,* mas não receamos asseverar que Alberto Pimentel, em qualquer escóla, será sempre optimo escriptor.

IV

NOITES DO PORTO, *por* SÁ D'ALBERGARIA. Porto, 1879. In-12

Este livro é a engraçadissima conversação de uma noite de inverno entre quatro rapazes á volta de uma mesa de café bem servida de ponche flammante, kirsch, carvajales, e sobretudo do espirito alegre e sadio dos annos juvenis. O snr. Sá de Albergaria não esmerilha as facetas diamantinas das suas phrases; a jovialidade resalta espontanea, sem grandes enfeites de adjectivos respigados na vinha abandonada de Gil Vicente; não é realista, segundo a arte nova; mas é naturalissimo, segundo a arte velha — a dos nunca envelhecidos conversadores dos saraus de Charles Nodier e Prosper Merimée. Relembram as *Noites do Porto* as horas que na mocidade nos aligeiravam as alegrias do amavel Paul de Kock, o homem triste que tão cheia de sãs risadas tinha a phantasia. Não tem sido muito cultivado aquelle genero na nossa terra. Nós, os portuguezes, pelo ordinario, temos uma graça que em vez de cocegas ao sorriso faz arranhaduras no amor-proprio dos visinhos — porque vivemos todos em visinhança. Não é d'esta especie o livro do snr. Albergaria. Quem o comprar póde ter a certeza de que não comprou o seu retrato — é o do visinho.

V

RAINHAS DE PORTUGAL, *estudo historico, com muitos documentos, por* FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES, *da Academia real das sciencias. Retratos e numerosas illustrações no texto sobre cobre, aço e madeira. Desenhos e gravuras,* etc. Lisboa, 1878-1879, 2 tom. in-8.º gr.

D'esta notabilissima obra não se póde aventurar de afogadilho uma opinião per-

functoria. Seria indecoroso tratal-a com as phrases feitas e consagradas á critica benigna de livros que não tem direito a grandes estudos. Avaliar escripto de tamanho trabalho em termos convencionaes de favor, deve ser uma desagradavel benevolencia para o escriptor operosissimo que, em tempos tão avêssos a lavores historicos, executou um dos mais serios estudos da historia portugueza, desde que Alexandre Herculano iniciou esta sciencia, em desaccordo dos maus habitos dos nossos historiadores. Faz-se preciso vagar, tempo, férias de espirito fatigado em miserias pequenas, para conversar serenamente com o passado, por intervenção de um interprete que de lá nos veio com dous optimos volumes noticiosos e escriptos entre a riqueza dos documentos menos conhecidos. Estamos ha dias empenhados n'este estudo; brevemente daremos o nosso parecer que terá em lisura o que lhe faltar em credito e authoridade.

VI

O TAM-TAM, *folha burlesca*

São diversos em pseudonymos de guerra os collaboradores; mas *Belisario* é o que vibra o tagante de pita embreada. Como o verso está a esticar, faz poesia disfarçada em prosa, com o fim provavelmente de manter as antigas liberdades das musas. Chama-se talvez *Belisario* o poeta, não porque seja cego como o infeliz general do baixo-imperio; mas porque dá bordoada de cego. É o que o outro devia ter feito no imperador Justiniano, o ingrato, e em sua mulher Antonina, a bebeda. O Belisario do *Tam-tam* não tem predilecções especiaes para bater; distribue bolachas por «burlões deputados, insulsos legistas, famosos cambistas, dez vezes quebrados, porém sempre inteiros; bojudos banqueiros de rubros narizes e grossos tamancos, marotos, brejeiros», etc. Tem que fazer, mas não remediará nada, nem conseguirá que o leiam os felizões. Elles não obedecem a instrumento chinez. Escreva o *Chocalho*, que é instrumento nacional.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

EUSEBIO MACARIO

O facto mais notavel do nosso movimento litterario nos ultimos mezes decorridos, foi, sem duvida, a publicação d'este novo livro de Camillo Castello Branco, editado pela importante e acreditada casa de Ernesto Chardron.

É elle o primeiro de uma serie que o author tenciona publicar sob o titulo geral de *Historia e Sentimentalismo.*

Na parte historica d'este primeiro volume contêem-se tres estudos biographicos de tres dos principaes caudilhos e apaniguados d'aquelle desafortunado e inepto filho da *Pelicana,* os quaes estudos, no dizer do proprio author, foram intentados com o fim de se familiarisar com os individuos mais notaveis do partido do pretensor cuja monographia tenciona dar á estampa. Simples estudos, ou bosquejo de biographias, como lhes elle chama, encontra-se n'elles larga copia de noticias historicas muito interessantes e ignoradas, que constituem um precioso peculio de subsidios muito valiosos para o estudo da época e *façanhas* do preclaro filho do infante D. Luiz e de Violante Gomes.

A vulgar acidia para os trabalhos d'esta ordem entre nós, faz com que se tornem de subido apreço e valor os raros que apparecem, sobretudo quando um nome illustre como o de Camillo os authorisa. É mister n'estes trabalhos de investigação muito rebuscar e discernir, muito esmerilhar de documentos, muito apurar da realidade, joeirando seculares mentiras a que os annos deram fóros de verdades, e que o vulgo se compraz em aceitar e venerar como taes.

É improba a tarefa, e por isso poucos se sentem com alentos para a affrontar. O pó dos archivos não seduz, e o bafio que trescala dos papeis velhos e bolorentos não tem para o olfacto as delicias dos aromas delicados dos camarins elegantes, nem as glorias que alli se conquistam são tão apregoadas e tão gratas á vaidade como as que aqui se obteem, e as chronicas das salas e dos botiquins galardôam.

Segue-se ás tres biographias de Duarte de Castro, Manoel da Silva Coutinho e D. Francisco de Portugal, a polemica em tempo travada entre Camillo Castello Branco e Manoel Pinheiro Chagas, a proposito da lenda do Machin, polemica agora acrescentada com novas e importantes noticias que o author adduz em favor da sua opinião, e contra a de Major.

É na segunda parte do livro, intitulada — *Sentimentalismo* — que vamos encontrar *Eusebio Macario.*

Todos sabem com que ancia é sempre aguardada a publicação de um novo livro de Camillo, e como os primeiros exemplares vôam das mãos dos livreiros, phenomeno que é um verdadeiro milagre n'esta terra abençoada onde a instrucção primaria falta, e os *homens de letras* abundam. Esse phenomeno ou milagre que só no extraordinario talento do notavel escriptor encontra explicação, attingiu d'esta vez enormes proporções. Os jornaes haviam annunciado que o illustre romancista seguiria no *Eusebio Macario* a escóla e processos de Zola, e por isso, emquanto uns se preparavam para rir ás gargalhadas com a engraçada critica de Camillo, celebravam outros a conversão do compositor de *velhas novellas sentimentaes* ás modernas doutrinas de um realismo nauseativo e asqueroso. Outros havia ainda, ávidos de torpezas, que já pensavam regalar-se com a leitura de scenas sensuaes e desbragadas como as do *Crime do Padre Amaro,* e do *Primo Bazilio.*

Appareceu, finalmente, o livro, e os da conversão, assim como os do *Bazilio,* ficaram corridos e houveram-se por ludibriados. É que o *Eusebio Macario* é um sarcasmo vehemente mas delicadamente atirado a esse realismo ignobil que por ahi nos querem impingir como espelho da sociedade, como se todos vivessemos atolados no lodaçal infecto, aonde esses neo-realistas vão buscar o sudario de chagas e miserias nojentas de que os seus livros são estendal. Ficaram ludibriados e corridos, dissemos, e é verdade. Ninguem lhes déra ainda tão severa lição.

Entendem elles que só nos hospitaes, nos lupanares, e nos esgotos, existe o verdadeiro realismo, e por isso se não

fartam de remexer e chafurdar em todas essas *podridões verdes*. É lá que vão copiar os seus quadros, é de lá que trazem os ignobeis personagens que n'elles figuram. A arte, o engenho, a esthetica, são para elles palavras vazias de sentido. A materia é tudo: os temperamentos tudo explicam e tudo determinam. Entre o homem e a besta, a differença, segundo elles, é unicamente de fórma. Não é na vida dos campos, das aldêas, ou das cidades que vão estudar o seu realismo, como Julio Diniz, Camillo Castello Branco e outros que nunca se subordinaram á sandice de uns processos disparatados, que o senso commum condemna, e os verdadeiros engenhos rejeitam. Não é lá que vão copiar os seus quadros, como não é na grammatica que estudam a arte de fallar e escrever correctamente, porque a grammatica para elles é a mais supina e incomprehensivel de todas as tolices.

Apesar de tudo, porém, era já atroadora a grita com que nos seus arraiaes elles mesmos se exaltavam e glorificavam pelos altos serviços que com as suas algaravias prestavam ás letras patrias, que sem o seu concurso salvador morreriam de inanição e decrepitude. Foi então que Camillo lhes arremessou *Eusebio Macario* que é o apódo, a mofa, a apupada faceta, a gargalhada zombeteira mais estrondosa e opportuna que lhes tem estourado aos ouvidos.

Bem haja elle.

A. DE SOUSA E VASCONCELLOS.

(Da *Arte*).

O volume escripto sob este titulo pelo snr. Camillo Castello Branco, e editado por Ernesto Chardron, sahido ha pouco á luz, póde dizer-se e ter-se por um verdadeiro acontecimento litterario, e mais uma prova e testemunho indubitavel, aonde elles já sobravam, tornando-se escusado mais um, das poderosas faculdades intellectuaes do grande romancista, por certo o primeiro da peninsula iberica, e um dos seus mais brilhantes e esclarecidos escriptores e criticos.

Divide-se este livro em duas partes: uma historica, é a que se intitula *D. Antonio, prior do Crato*; outra romantica, *Eusebio Macario*.

Na primeira congrega o illustre author, que incumbido fôra, segundo ouvimos, pelo ministerio transacto, de escrever a historia de *D. Antonio, prior do Crato*, elementos valiosos para esta que, na prefação com que abre o livro, declara ser intento seu dar completa, e reune diversos escriptos seus, do snr. Pinheiro Chagas e de Mr. Richard Henry Major, relativos á polemica litteraria levantada a respeito da *Lenda do Machin*, a apanaphora amorosa de D. Francisco Manoel de Mello, a proposito da reproducção d'ella e sua defeza na *Vida do Infante D. Henrique* escripta pelo mesmo Mr. Richard Henry Major e vertida do inglez pelo snr. José Antonio Ferreira Brandão.

Na segunda, intitulada *Eusebio Macario* dá completa noticia a formosa dedicatoria com que o snr. Camillo Castello Branco a precede.

Como romance realista é um trabalho acabado, e esta justiça a fazem ao eminente escriptor os proprios corypheus do *realismo*. Assim não perdeu elle a aposta que fizera com a sua *querida amiga*, que o vencimento d'ella lhe é consagrado por voto unanime de todos os entendidos.

Sendo, porém, como a ninguem é escuro, o snr. Camillo Castello Branco um dos inimigos mais declarados e decididos e poderosos da escóla realista, pelas demasias em que as mais das vezes cahe, bem de vêr é que no *Eusebio Macario* não levou elle em vista um simples *tour de force*, para mostrar a seus adversarios mais uma vez a pujante malleabilidade de seu vigoroso talento, e que a este não eram estranhos nem difficeis, quanto mais impossiveis como alguns o diziam, os processos praticos do realismo, mas que mirou mais alto e mais longe, e por certo a fazer a critica severa d'este, frisando e levando ao extremo limite esses processos, e tornando assim bem patentes e irrecusaveis os seus defeitos. Conseguiu-o o snr. Camillo Castello Branco, se tal seu intento?

Entendemos que não, e por duas razões. A primeira fornece-nol-a o snr. Guilherme d'Azevedo, um alevantado talento, na *chronica occidental* do n.º 41 do *Occidente*, onde a proposito do *Eusebio Macario* escreve: « Veio (este) apregoado como um golpe de misericordia na escóla realista... Ora Camillo Castello Branco é uma natureza impressionavel e apaixonada de mais para usar pacientemente dos processos criticos de que se costumam servir os demolidores. E assim, vemol-o, de quando em quando, no *Eusebio Macario*, apaixonar-se pela nova *ma-*

neira litteraria, identificar-se com ella, assimilal-a nas suas poderosissimas qualidades de estylista e concorrer, sem pensar em tal, levado na corrente impetuosa da sua phantasia arrebatada, para o triumpho ridente da nova cavallaria litteraria... É certo que, uma vez por outra, Camillo Castello Branco *pratica* conscientemente o realismo, *de fito feito e caso mui pensado,* assignalando-se distinctamente as passagens em que é movido por semelhante preoccupação. Mas d'ahi a pouco esquece-se do papel que se propunha representar, e é manifestamente trahido por aquella linguagem viril e sólida em que palpitam e vivem todos os elementos que oito seculos de laboração litteraria podem assimilar na palavra d'um povo». A segunda razão deu-nol-a Guerra Junqueiro, fallando do *Eusebio Macario:* «É uma loucura em Camillo Castello Branco pretender com o *Eusebio Macario* contrariar a corrente litteraria da época. Apesar de seu muito talento ha-de ser vencido, que não ha luctador, por mais valente, que possa fazer recuar ou parar um movimento tal...»

Seja, porém, o que fôr, *Eusebio Macario* ficará e durará por qualquer lado que se encare, como uma obra de subidos quilates e grande valor.

(Da *Aurora do Cavado*).

Recebemos este elegante volume, a que nos lançamos avidamente com o afôgo da curiosidade. Contém a primeira parte uns trechos historicos de muita valia, pois que o eminente escriptor não se prende a copiar dos livros impressos o que a pouca sisuda critica dos nossos antigos historiadores compendiaram ou romancearam. Revolve os manuscriptos, que afugentam os que folgam de vencer trabalho com pouca diligencia, e d'elles tem desentranhado muita nota preciosa, muito ensinamento proficuo, diluido por uma critica sempre sagaz, e quasi sempre segura. No bosquejo de biographias dos parciaes de D. Antonio, prior do Crato, abundam os factos, as dilucidações, as apreciações elevadas, cruas um pouco ás vezes, e lardeadas d'aquelles tons levemente sarcasticos que tão galantemente devolve a sua penna. Duarte de Castro, Manoel da Silva, conde de Torres-Vedras, e D. Francisco de Portugal são os tres personagens que o snr. Camillo retrata, embora incidentemente desfira por alguns outros. Parece-nos que o desejo de rehabititar a memoria do conde de Torres-Vedras lhe velou um tanto os seus grandes defeitos e erros, ao passo que o levou a exagerar um pouco os do conde de Vimioso, cuja figura cavalleirosa nos parece por demais apoucada.

Na *lenda do Machin,* reflexões á vida do infante D. Henrique, de Major, combate o snr. Camillo, o romance, que não devia ter sido mencionado na grande obra do escriptor inglez, apesar dos motivos que para isso invoca. Os snrs. Pinheiro Chagas e Rodrigues d'Azevedo haviam já tocado o ponto, o segundo com melhor força de argumentos, mas ainda assim o problema ficou insoluvel por emquanto, sendo porém muito possivel que, quando menos se julgue, se ache a origem do nome de Machico, que apesar da muita consideração pelo illustre romancista, não podemos aceitar como a elle entende. Major tem sido um tanto pertinaz em manter as suas opiniões. Com relação á posição da villa do Infante, sustentou contra Varnhagen, uma polemica, quanto a nós muito lastimavel, não só em vista do documento e razões que o illustre brazileiro apresentou, mas em vista de outros documentos que reforçam a sua justissima opinião. N'esta questão de Machico, voltou a quebrar lanças pela lenda de Machin, não obstante desde os descobrimentos se chamar aquelle sitio Machico e não Machin, como succederia se do supposto inglez se derivasse o nome.

Aproveitando o ensejo diremos que na parte a que o snr. Camillo se refere está a traducção da obra de Major, regular, mas pontos ha onde transtorna o sentido do original, fazendo commetter erros a Major, que elle não disse, e outras vezes omitte cousas que lá estão; por tanto é sempre mais seguro vêr o original, cujos descuidos ou equivocos puderam ter sido resalvados n'uma traducção mais cuidadosamente trabalhada.

Sabemos que alguem prepara umas annotações á obra de Major, elucidando a Vida do Infante, e factos relativos com uma grande quantidade de documentos, a maior parte ineditos, e esperamos que muitos pontos controvertidos sejam então deslindados.

Da segunda parte do livro do snr. Camillo — **Eusebio Macario** — romance segundo os novos processos da escóla realista, e com todos os — tics — do seu estylo, ou antes critica ás demasias d'ella e d'elle, já na chronica do nosso ultimo numero disse o seu redactor o

bastante, que seria pleonasmo repetir aqui. Mas fica-nos o dever de agradecermos o valioso regalo.

(Do *Occidente*).

É o ultimo livro do grande romancista Camillo Castello Branco, que acaba de ser editado pelo snr. Ernesto Chardron, do Porto.

Camillo Castello Branco, é sempre grande, sempre o mesmo. Sempre elevação de linguagem, sempre primor de estylo.

Camillo é d'esses escriptores que se lêem sem que nos fatiguemos, tendo-nos preso da sua primeira até á ultima linha, desde a scena mais interessante, á mais insignificante. É devéras notavel o modo triumphante como elle responde no *Boletim de Bibliographia portugueza*, ás criticas feitas ao seu *Cancioneiro alegre*. Cada phrase que escreve, cada golpe profundo que descarrega nos seus adversarios. Sempre a mesma agudeza de phrase desde o principio até ao fim do artigo.

É porque Camillo é um talento de primeira ordem, e todos os talentos se manifestam.

Fundado na escóla realista, *O Eusebio Macario*, segunda parte d'este livro, tem as bellezas dos romances de Zola e dos primeiros realistas francezes.

Este livro é mais uma corôa de louros para juntar ás muitas que tem adquirido na sua brilhante carreira litteraria.

Ao author as nossas felicitações, ao editor o nosso profundo reconhecimento.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

Eleições liberrimas á antiga portugueza. Fafe e um governo progressista em 1879. Manifesto eleitoral ao circulo 15.º e cartas politicas ao presidente do conselho de ministros, Anselmo José Braamcamp, pelo *Visconde de Moreira de Rey*. 1 vol.......... 200

Regras da equitação, pelo methodo Baucher, colligidas por *José Godinho de Mendonça*. 1 vol.......... 1$200

Historia universal, esboço de sociologia descriptiva, por *Theophilo Braga*. Noção positiva de historia e civilisações fundadas sobre o empirismo das artes industriaes: Egypto, Chaldêa, Babylonia e Assyria. 1 vol.......... 1$000

Observações á Citania do snr. dr. Emilio Hübner, por *F. Martins Sarmento*. 1 vol.......... 200

Manual da contabilidade municipal ou coordenação da legislação vigente com respeito a orçamentos e contas municipaes, por *Joaquim de Almeida e Cunha*. 1 vol.......... 1$000

Estudo para a solução das questões do cambio e do papel-moeda no Brazil, por *Julio Roberto Dunlop*. 1 vol.......... 500

Morte ao clericalismo ou resurreição do sacrificio humano, por monsenhor Gaume, traduzido da edição franceza, por *José Gonçalves de Aguiar*. 1 volume.......... 400

Estudos de historia e de litteratura, por *Luiz Garrido*. 1 volume.......... 600

Rattazzi e sua época. I. Victor Manoel e Carlos Alberto, pela princeza Rattazzi, traducção de *Guiomar Torrezão*. 1 vol.......... 600

A prosa da gloria, por *Henrique Peres Escrich*. 1 vol.......... 500

Phototypias do Minho, por *José Augusto Vieira*. 1 vol.......... 500

O ultimo cavalleiro, romance historico original, por *A. M. da Cunha Sá*. 1 vol.......... 600

Margarida. Scenas da vida contemporanea, por *Julio Lourenço Pinto*. 1 volume.......... 1$000

Principios de chronologia approvados pela junta consultiva de instrucção publica para uso dos lyceus, por *Francisco Augusto Xavier de Almeida*. 1 vol.......... 500

A musa em férias — idyllios e satyras — por *Guerra Junqueiro*. 1 volume.......... 600

Os noivos, por *Teixeira Queiroz*. 1 vol.......... 1$000

A empreza do *Archivo Pitoresco,* a cuja testa se acha o snr. Castro Irmão, proprietario d'uma das melhores typographias do paiz e cujas obras pela sua nitidez e esplendor facilmente não encontrarão rivaes, acaba de lançar no mercado litterario uma formosa edição do *Hyssope,* a 8.ª d'este immortal poema de Antonio Diniz da Cruz e Silva.

Póde bem dizer-se um verdadeiro monumento litterario levantado ao nosso primeiro poema comico e a seu illustrado author, esta edição em que pleiteiam preferencias e primazias entre si o acurado cuidado que houve em tornal-a uma edição *princeps,* não só pela magnifica introducção que lhe escreveu o snr. Ramos Coelho sobre a vida e escriptos de Diniz, como pelas innumeras variantes e copiosas notas com que fecha, e o esmero e primores typographicos com que é impressa em excellente papel, com muitas estampas representando as principaes scenas do poema, excellente invenção do lapis engenhoso e facil de Manoel Macedo, e não menos excellente gravura de Alberto, Hildbrand, Pedroso e Severini.

Constitue o poema um tomo de 461 paginas em 4.º grande, e o seu custo é de 4$500 reis, em verdade modico para o trabalho e despezas que demandou tão magnifica edição.

Recommendando-a aos nossos leitores apenas fazemos acto de pura justiça, sem o minimo favor.

(Da *Aurora do Cavado*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

Noites do Porto — Historias e lérias, por *Sá d'Albergaria,* com o retrato e uma noticia biographica do author, escripta por elle mesmo. 1 vol........ 500

No Brazil — Notas de viagem, por *Silva Pinto.* 1 vol............... 500

Manual do gallinheiro. 1 vol............................... 150

Almanach das senhoras para 1880, publicado sob a protecção de S. M. a Rainha a Snr.ª D. Maria Pia, contendo 206 artigos e o esboço biographico de Miss Maria Carpenter, enriquecido com differentes tabellas e noticias de interesse publico e uma secção de annuncios, por *Guiomar Torrezão.* 1 vol... 240

Censo de 1878 — Relação das freguezias do continente e ilhas. — População, sexos, fogos, circumscripção administrativa e ecclesiastica, judiciaria, politica, militar, maritima, postal, telegraphica e aduaneira, por *João da Costa Brandão e Albuquerque.* 1 vol.. 800

Ainda ha alguns exemplares do **Censo de 1864.** 1 vol............ 500

OUVRAGES ILLUSTRÉS

LITTERATURE, ROMANS, POÉSIES, VOYAGES, ETC.

Album de la galerie de Rubens, dite du Luxembourg, composé des vingt cinq tableaux du musée du Louvre, gravés sur acier par les premiers artistes, avec un beau portrait de Rubens, dessiné et gravé par Leclerc, accompagné de l'explication allégorique de chaque sujet et d'un résumé de la vie de Rubens. 1 volume in-folio relié........................ 7$000

Ampère (J. J.) — Promenade en Amérique, précédée d'une étude sur J. J. Ampère par C. A. Sainte-Beuve. 1 vol. in-8º relié......... 2$800

Andersen — Nouveaux contes danois. 1 vol. in-8º relié....... 2$400

Arioste — Roland furieux, poëme heroïque, traduit par A. J. du Pays. 1 vol. in-fol. relié........... 30$000

— Roland furieux, traduction nouvelle et en prose, par M. N. Philippon de la Madelaine, précédée d'une introduction par M. Jules Janin. 1 volume in-8º relié................. 3$000

Armengaud (M. J. G. D.) — Les galeries publiques de l'Europe: Rome — Gênes — Turin — Milan — Parme — Mantoue — Venise — Bologne — — Pise — Florence — Naples — Pompéï. 3 vol. in-fol. relié...... 24$000

Beaumarchais — Œuvres complètes, précédées d'une notice biographique par M. Louis Moland. 1 vol. in-8º relié.................. 4$000

Bédollière (Émille de la) — Londres et les anglaises. 1 volume in-8º relié........................ 2$250

Berquin — Sandford et Merton, suivi de — Le petit grandisson — Le retour de Croisière — Les sœurs de lait — Les joueurs — Le page — L'honnête fermier. 1 vol. in-8º relié.. 3$200

Bertall — La vie hors de chez soi (comédie de notre temps) L'hiver — Le printemps — L'été — L'automne, études au crayon et à la plume. 1 vol. in-8º relié................. 5$500

— Comédie de notre temps — La civilité — Les habitudes — Les mœurs — Les custumes — Les manières et les manies de notre époque, études au crayon et a la plume — 1 volume in-4º relié..................... 5$500

Biard (F.) — Deux années au Brésil. 1 vol. in-8º relié......... 4$500

Blanchère (H. de la) — La pêche aux bains de mer. 1 volume in-8º reliè......................... 1$500

Boccace — Contes, traductions de Sabatier de Castres. 1 volume in-8º relié......................... 5$000

Boileau (N.) — Œuvres complètes, précedées de la vie de l'auteur d'après documents nouveaux et inédits par Edouard Fournier. 1 volume in-8º relié......................... 5$000

Boileau - Despréaux — Œuvres complètes — conforme au texte donné par Berriat-Saint Prix, avec les notes de tous les commentateurs, publiées par M. Paul Chéron, précédées d'une notice sur la vie et les ouvrages de Boileau, par C. A. Sainte-Beuve. 1 vol. in-8º relié.............. 4$000

Bossuet — Discours sur l'histoire universelle, pour expliquer la suite de la réligion et les changements des empires. 1 vol. in-8º relié...... 5$400

Brehm (A. E.) — La vie des animaux, illustrée, description populaire du règne animal, édition française, revue par Z. Gebre. 2 volume in-8º relié......................... 7$200

Brum, Hamilton & Heumann — Le vocabulaire illustré des mots usuels français, anglais, allemands. 1 vol. in-8º relié.... 2$400

Cahier (P. Ch.) — Nouveaux mélanges d'archeologie, d'histoire et de la littérature sur la moyen-âge — curiosités mysterieuses. 1 volume in-folio relié........................ 12$500

Cahours & Riche — Chimie des demoiselles, leçons professées a la Sorbonne. 1 vol. in-8º relié ..... 2$200

Cahun (Léon) — Les aventures du capitaine Magon ou une exploration phénicienne mille ans avant l'ère chré-

tienne. 1 vol. in-8º relié..... 4$200

Carrey (Émile).— Les aventures de Robin Jouet — Guyane française. 1 vol. in-8º relié.............. 3$600

Cervantes — Don Quichotte de la jeunesse. 1 vol. in-8º relié.... 3$200

Chasles (Émile) — Nouveaux contes de tous pays. 1 volume in-8º relié........................ 3$200

Chun (Léon) — La bannière bleue, aventures d'un musulman, d'un chrétien et d'un païen à l'époque des croisades et da la conquête mongole. 1 vol. in-8º relié.............. 3$200

Clément (Felix) — Histoire abrégée des beaux-arts chez tous les peuples et à toutes les époques. 1 vol. in-8º relié.................. 4$500

Corneille — (Œuvres de Pierre et Thomas) précédées de la vie de Pierre Corneille par Fontenelle. 1 volume in-8º relié.................. 4$000

Cortambert (Richard) — Mœurs et caractères des peuples (Europe — Afrique), morceaux extraits de divers auteurs. 1 vol. in-8º relié.... 1$600

Cuendias & Fénéal — L'Espagne pittoresque, artistique et monumentale, mœurs, usages et costumes. 1 vol. in-8º relié............. 4$500

Dantier (Alphonse) — Les femmes dans la société chrétienne. 2 volumes in-8º relié.................. 13$000

Delavigne (Casimir) — Œuvres complètes — Théâtre — Messéniennes — Poésies populaires et diverses — Derniers chants — Poëmes et ballades sur l'Italie. 1 v. in-8º relié... 4$000

Delvau (Alfred) — Les murailles révolutionnaires de 1848, collections des decrets, bulletins de la république, adhésions, affiches, fac-simile de signatures, professions de foi, etc. 2 v. em 1 in-4º relié............. 4$000

Desnoyers (Louis) — Aventures de Robert-Robert et de son fidèle compagnon Toussaint Lavenette. 1 vol. in-8º relié.................. 2$800

Dixon (Hepworth) — La conquête blanche, voyage aux États-Unis d'Amerique. 1 vol. in-8º relié...... 3$000

Dupanloup (Mgr.) — Histoire de Notre-Seigneur Jésus-Christ. 1 volume in-8º relié.................. 5$400

Duruy (Victor) — Histoire des romains depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'invasion des barbares. 1 vol. in-8º relié.............. 7$000

Enault (Louis) — Dans les bois. 1 vol. in-8º relié.............. 1$500

Farine (M. Charles) — A travers la Kabylie, orné de 45 compositions dessinées d'après nature. 1 volume in-8º relié.................... 2$500

Fath (Georges) — Perdus au milieu de Paris, histoire de trois orphelins. 1 vol. in-8º relié.............. 2$500

Faure (Amédée le) — Histoire de la guerre franco-allemande 1870-71. 1 vol. in-8º relié.............. 5$000

— Procès du marechal Bazaine, rapports, audiences du premier conseil de guerre, compte rendu rédigé avec l'adjonction de notes explicatives. 1 vol. in-8º relié............. 4$000

Fénélon — Aventures de Télémaque, suivies des Aventures d'Aristonoüs. 1 vol. in-8º relié....... 7$200

Figueiredo (Antonio Pereira de) — A Biblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, seguida de notas pelo reverendo conego Delaunay e d'um diccionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e d'um diccionario geographico-historico, e approvada por mandamento de s. exc.ª rev.ᵐᵃ o arcebispo da Bahia. 2 vol. in-8.º encadernados......... 13$500

Fournier (M. Édouard) — Œuvres complètes de Regnard, nouvelle édition augmentée de deux pièces inédites, précédée d'une introduction d'après des documents entièrement nouveaux. 1 vol. in-8º relié.. 5$000

Fuentes (Manuel A.) — Chine, esquisses historiques-statistiques, administratives, commerciales et morales. 1 vol. in-8º relié............ 5$000

Gabourd (Amédée) — Histoire de Louis XIV. 1 vol. in-8º relié.. 1$200

— Galeries historiques du palais de Versailles. 1 vol. in-fol. relié.... 12$000

Galland — Les mille et une nuits, contes arabes, traduits par Galland, précédés d'une introduction par M. Jules Janin. 1 vol. in-8º relié 4$800

— Les mille et une nuits, contes arabes, traduits par Galland, revus et corrigés sur l'édition de 1714, augmentés d'une dissertations sur Les mille et une nuits, par M. le baron Sylvestre de Sacy. 1 vol. in-8º relié 4$800

Gautier, Saint Victor, Arsène Houssaye — Les dieux et les demi-dieux de la peinture. 1 vol. in-8º relié.............. 4$200

Gautier (Théophile) — Voyage en Espagne — Tras los Montes. 1 volume in-8º relié.................. 5$000

Gavarni — Œuvres choisies, revues, corrigées et nouvellement clas-

sées par l'auteur; études de mœurs contemporaines — Le carnaval à Paris — Paris le matin — Les étudiants de Paris — La vie de jeune homme — Les débardeurs. 2 v. in-8º rel. 4$500

— Œuvres choisies, revues, corrigées et nouvellement classées par l'auteur — études contemporaines. 1 volume in-8º relié.................... 6$000

Godefroy (Frédérique) — Le livre d'or français — La mission de Jeanne d'Arc. 1 vol. in-8º relié...... 13$500

Gouffés (Jules) — Le livre de patisserie. 1 vol. in-8º relié..... 5$500

Goldsmith — Le vicaire de Wakefield. 1 vol. in-8º reliè...... 2$400

Gourand (Melle Julie) — Cousine Marie. 1 vol. in-8º relié..... 1$800

Gournerie (Eugène de la) — Histoire de Paris et des ses monuments. 1 vol. in-8º relié............ 3$600

Grandville — Les métamorphoses du jour, précédées d'une notice sur Grandville, par M. Charles Blanc. 1 vol. in-8º relié.............. 4$800

Grassi (R. P. Pascal) — Litanies de la Très-Sainte-Vierge, expliquées et commentées. 1 vol. in 8º relié 2$500

Guéranger — Sainte Cécile et la société romaine aux deux premiers siècles. 1 vol. in-8º relié....... 8$000

Guizot (M.) — L'histoire d'Angleterre depuis les temps les plus reculés jusqu'à l'avénement de la reine Victoria, racontée a mes petits-enfants, et recuillie par Mme Witt, née Guizot. 2 vol. in-8º relié..... 12$000

Hayes (Dr. J. J.) — La mer libre du pôle, voyage de découvertes dans les mers arctiques, exécuté en 1860-1861. 1 vol. in-8º relié...... 3$000

— La terre de désolation, excursion d'été au Groënland. 1 v. in-8º relié 3$200

Héricault (Charles d') — La reine sauvage. 1 vol. in-8º relié... 3$000

Hœffer (Ferdinand) — Le monde des bois — plantes et animaux. 1 vol. in-8º relié.................. 6$500

Hoffmann — Contes fantastiques, précédés de souvenirs intimes sur la vie de l'auteur par P. Chrispin. 1 v. in-8º relié.................. 3$200

Houssaye (M. Arsène) — Les femmes du temps passé. 1 v. in-8º 5$000

— Les légendes de la jeunesse. 1 vol. in-8º relié................. 4$800

Hussenot (Ernest) — Album des deux sièges de Paris 1870-1871. 1 vol. in-8º relié................. 3$500

Jacolliot (Louis) — L'Afrique mysterieuse — L'homme des déserts — La côte d'Ébéne — La côte d'Ivoire — La cité des sables. 1 v. in-8º. rel. 2$800

Jacquet (l'abbé) — Vie des saints les plus populaires et les plus intéressants, recuillies et précédées d'une introduction. 1 vol. in-8º relié. 3$200

Jacquemart (Albert) — Histoire du mobilier, recherches et notes sur les objects d'art qui peuvent composer l'ameublement et les collections de l'homme du monde et du curieux. 1 vol. in-8º relié.............. 7$600

Jozierski (Louis) — Combats et batailles du siège de Paris. Septembre 1870 à janvier 1871. 1 volume in-8º relié.................... 2$000

Lacroix (Paul) — XVIIIme siècle, lettres, sciences et arts en France, 1700-1789. 1 vol. in-8º relié.. 8$000

— Les arts au moyen-âge et à l'époque de la renaissance. 1 volume in-8º relié......................... 8$000

— Mœurs, usages et costumes au moyen-âge et à l'époque de la renaissance. 1 vol. in-8º relié.............. 9$000

— Sciences et lettres au moyen-âge et à l'époque de la renaissance. 1 volume in-8º relié................. 8$000

— Vie militaire et religieuse au moyen-âge et à l'époque de la renaissance. 1 vol. in-8º relié............. 8$000

Lafond (Capitaine G.el) — Voyages autour du monde et naufrages célèbres. La Polynésie orientale, le Chili, Ayacucho, fin de la guerre de l'Independence, suite de la Chine, la Malasie, Singapore, les Moluques, le Tripan, les nids d'oiseau, l'Afrique oriental, les boers. 3 vol. in-8º relié 6$000

La Fontaine — Fables, précédées d'une notice sur sa vie et son œuvre, par A. Morel. 1 vol. in-8º rel. 3$600

Larousse (M. P.) — Fleurs historiques des dames et des gens du monde, clef des allusions aux faits et aux mots célèbres que l'on rencontre fréquemment dans les ouvrages des écrivains français. 1 vol. in-8º rel. 2$400

— Fleurs latines des dames et des gens du monde ou clef des citations latines que l'on rencontre fréquemment dans les ouvrages des écrivains français, avec une préface de M. Jules Janin. 1 vol. in-8º relié............ 2$400

Lasserre (Henri) — Notre-Dame de Lourdes, ouvrage honoré d'un bref spécial adressé à l'auteur par sa sainteté le pape Pie IX. 1 volume in-8º relié......................... 3$000

Lauture (le comte d'Escayrac de) — La Chine et les chinois, histoire, reli-

gion, gouvernement, costume. 1 volume in-8º relié.............. 6$000

Lenoir (l'abbé) — L'Évangile pour la jeunesse. 1 vol. in-8º relié.. 5$000

Lubbock (Sir John) — Les origines de la civilisation, état primitif de l'homme et mœurs des sauvages modernes. 1 vol. in-8º relié..... 3$800

Malot (Hector) — Romain Kalbris. 1 vol. in-8º relié............ 2$000

Mangin (Arthur) — L'homme et la bête. 1 vol. in-8º relié....... 2$500

— Nos ennemis et nos alliés, études zoologiques. 1 vol. in-8º relié 3$600

— Voyages et découvertes outre-mer au XIX siècle. 1 vol. in-8º relié... 3$200

Mantz (Paul) — Les chefs-d'œuvre de la pinture italienne. 1 volume in-fol. relié................... 20$000

Martigny (M. l'abbé) — Dictionnaire des antiquités chrétiennes contenant le résumé de tout ce qu'il est essentiel de connaître sur les origines chrétiennes jusqu'au moyen-âge exclusivement. 1 vol. in-8º relié 5$000

Maurice, Bast, etc. — Le livre rouge, histoire de l'échafaud en France. 1 vol. in-folio relié...... 4$000

Mayne-Reyd — Aventures de terre et de mer — Les deux filles du Squatter. 1 vol. in-8º relié... 2$500

Milton et **Cheadle** — Voyage de l'Atlantique au Pacific à travers le Canada, les montagnes rocheuses et la Colombie anglaise. 1 volume in-8º relié......................... 3$000

Molière — Œuvres complètes imprimées sur celles de 1679 et 1882 avec des notes explicatives sur les mots qui on vieilli, ornées de portraits en pied, coloriés, réprésentant les principaux personnages de chaque pièce. 1 vol. in-8º relié............ 5$000

Poitou (M. Eugène) — Un hiver en Égypte. 1 vol. in-8º relié.... 3$600

Racine (J.) — Œuvres complètes, précédés d'une essai sur sa vie et ses ouvrages par Louis Racine. 1 vol. in-8º relié.................. 4$000

Racine (Louis) — Œuvres de Jean Racine, précédées des mémoires sur sa vie par Louis Racine. 1 vol. in-8º relié.................. 4$600

Rendu (Victor) — Les animaux de la France. 1 vol. in-8º relié. 3$200

Rousseau (J. J.) — Julie ou la nouvelle Héloïse. 1 volume in-8º relié........................ 4$500

Rousseilet (Louis) — Le charmeur de serpente. 1 volume in-8º relié......................... 1$600

Saavedra (Miguel de Cervantes) — L'ingénieux hidalgo Don Quichotte de la Mancha. 1 vol. in-8º relié. 4$800

Sacy (Lemaistre de) — La Sainte Bible, traduite en français, acompagnée du texte latine de la vulgate. Nouvelle édition, revue par M. l'abbé Jacquet. 6 vol. in-8º relié............ 28$000

— Les Saints Évangiles, revus d'après les meilleurs textes, par M. l'abbé Jacquet. 1 vol. in-8º relié....... 5$000

Le Sage — Histoire de Gil Blas de Santillane, précédée d'une introduction par M. Jules Janin. 1 volume in-8º relié................. 5$000

Sainte-Beuve (M.) — Galerie de femmes célèbres, tirée des Causeries du lundi. 1 vol. in-8º relié... 6$000

— Les moralistes français, pensées de Pascal, maximes et réflexions de la Rochefoucald, caractères de la Bruyère, œuvres de Vauvenargues, textes soigneusement révisés, complètes et annotés à l'aide des travaux les plus récents de l'érudition et de la critique, précédés d'une notice sur chacun des ces écrivains. 1 volume in-8º relié.................... 4$000

Saintine (X. B.) — Le chemin des écoliers, promenade de Paris a Marly-le-Roy en suivant les bords du Rhin, avec 450 vignettes de G. Doré, Foster, etc. 1 vol. in-8º relié.... 5$000

Sand (Maurice) — Masques et bouffons (comédie italienne), preface par George Sand. 2 vol. in-8º rel. 12$000

Savarin (Brillat) — Physiologie du goût, précédée d'une notice biographique par Alphonse Karr. 1 vol. in-8º relié.................. 2$400

Schmid — Contes. 1 volume in-8º in-8º relié................. 3$200

— Contes, traduction de A. Cerfbew de Médelsheim. 2 vol. in-8º relié 5$000

Sévigné (Mme de) — Lettres choisies précédées d'une notice par Grouvelle, d'observations litteraires par Suards, acompagnées de notes explicatives sur les faits et sur les personnages du temps, ornées d'une galerie de portraits historiques. 1 volume in-8º relié.................. 6$000

Shakespeare — Œuvres complètes, traduites par Émile Montegut. 3 vol in-8º relié.............. 7$800

Staël (Mme la baronne de) — Corine ou l'Italie. 1 vol. in-8º relié.. 4$000

Tasso (Torquato) — La Gerusalemme liberata, colla vita dell'autore e note storiche ad ogni canto per Giuseppe Bertinatti. 1 volume in-8º re-

lié .... 3$000
— La Jérusalem délivrée, traduction nouvelle et en prose par M. V. Philipon de la Madelaine, précédée d'une introduction par M. Jules Janin. 1 v. in-8º relié .... 3$000
Tastu (Mme Amable) — Voyage en France. 1 vol. in-8º relié.... 3$200
Thomson (C. Wyville) — Les abîmes de la mer, récits des expéditions de draguage des vaisseaux de S. M. le Porenpines et le Lighlming pendant les étés de 1868, 1869 et 1870. 1 vol. in-8º relié .... 4$500
Todière (M.) — La Fronde et Mazarin. 1 vol. in-8º relié........ 1$200
— Philippe-Auguste. 1 volume in-8º relié .... 1$200
Töpffer (R.) — Nouvelles genevoises. 1 vol. in-8º relié......... 3$400
Valentim (F.) — Les ducs de Bourgogne, histoire de XIV e XV siècles. 1 vol. in-8º relié .... 1$200
Veuillot (Louis) — Jesus-Christ, avec une étude sur l'art chrétienne par E. Cartier. 1 v. in-8º rel. 8$000
Vie (la) de N. S. Jésus-Christ, écrite par les quatre évangélistes, coordonnée, expliquée et devoloppée par les saints pères, les docteurs et les orateurs les plus célèbres et les hommes les plus éminents qui aient paru dans l'église depuis les temps apostoliques jusqu'à nos jours. 2 volumes in-fol. relié .... 12$000
Voltaire — Lettres choisies, précédées d'une notice et accompagnées de notes explicatives sur les faits et sur les personnages du temps, par Louis Moland. 1 vol. in-8º relié... 6$000
— Théâtre complet, précédé d'une introduction par M. Edourd Fournier. 1 vol. in-8º relié .... 6$000
Whymper (Frédérick) — Voyages et aventures dans l'Alaska (ancienne Amérique russe). 1 volume in-8º relié .... 3$000
Wiss — Le Robinson suisse, traduit de l'allemand por Mme Élise Voïart, précédée d'une introduction par Charles Nodier. 1 vol. in-8º relié. 3$200
Witt (Mme de) — Scènes historiques, Odette la suivante, l'enfance de Pascal, Vaux et Piguerol, derrière les haies, guerre de la Vendée. 1 vol. in-8º relié .... 1$500
Yriarte (Charles) — Les bords de l'Adriatique et le Monténégro, Venise, l'Istrie, le Quarnero, la Dalmatie, le Monténégro, et la rive italienne. 1 vol. in-folio relié............ 14$000

AGRICULTURE, HORTICULTURE, PLANTES

Barillett (J.) — Les Pensées, histoire, culture, multiplication, emploi. 1 vol. in-4º relié............ 12$500
Berthoud (S. Henry) — Le monde des insectes. 1 vol. in-8º relié 3$200
Blanchère (H. de la) — Les oiseaux gibier, chasse, mœurs, acclimation. 1 vol. in-fol relié...... 13$500
Boulart (Raoul A.) — Ornithologie du salon, synonymie, mœurs, description, nourriture des oiseaux de volière européens et exotiques. 1 vol. in-8º relié .... 7$500
Champfleury — Les oiseaux chanteurs des bois et des plaines. 1 vol. in-8º relié .... 1$600
Chenu (Dor J. C.) — Ornithologie du chasseur, histoire naturelle, mœurs, habitudes, chasse des oiseaux de plaine, de bois et de marais. 1 vol. in-8º relié .... 7$500
Cordier (F. S.) — Les champignons, histoire, description, culture, usages des espèces comestibles, vénéneuses, suspectes employées dans les arts, l'industrie, l'économie domestique, la médecine. 1 vol. in-8º relié.. 7$500
Coutance (A.) — L'olivier, histoire, botanique, régions, culture, produits, usages, commerce, industrie, etc. 1 vol. in-8º relié........ 7$500
Deuterghem (Oswald de Kerchove) — Les palmières, histoire iconographique, géographie, paléontologie, botanique, description, culture, employ, etc., avec indice général des noms et synonymes des espèces connues. 1 vol. in-8º relié...... 7$500
Janin & Forney — Les roses, histoire, culture, description, préface par Ch. Naudin. 1 volume in-8º relié .... 7$500
Lesbazeilles (E.) — Tableaux et scènes de la vie des animaux. 1 v. in-4º relié .... 4$000
Naudin (Charles) — Les plantes à

feuillage coloré, histoire, description, culture, emploi des espèces les plus remarquables pour la décoration des parcs, jardins, serres, et appartements, précédé d'une introduction. 2 volumes in-8º relié.................. 15$000

Revière, André & Rose — Les fougères, choix des espèces les plus remarquables pour la décoration des serres, parcs, jardins, et salons, précédé de leur histoire botanique et horticole. 2 v. in-8º relié 15$000

Saporta (Comte) — Le monde des plantes avant l'apparition de l'homme. 1 vol. in-8º relié............. 4$500

Smee (Alfred) — Mon jardin, géologie, botanique, histoire naturelle, culture. 1 vol. in-8º relié....... 4$500

Verlot (B.) — Les plantes alpines, choix des plus belles espèces, description, station, excursions, culture, emploi. 1 vol. in-8º relié....... 7$500

Vianne (Ed.) — Prairies et plantes fourragères. 1 vol. in-8º relié 2$800

SCIENCE POPULAIRE

Desdouits (M.) — Leçons élémentaires d'astronomie. 1 volume in-8º relié...................... 1$200

Dubois et **Bernard** — La cuisine classique, études pratiques, raisonnées et démonstratives de l'école française appliquée au service à la russe. Ouvrage illlustré de 64 planches refermant près 350 dessins. 2 v. in-4º relié.................. 11$500

Erde und Weltgebäude — Hand Atlas. 1 vol. in-fol. rel. 20$000

Figuier — Connais-toi-toi-même, notions de physiologie à l'usage de la jeunesse et des gens du monde. 1 vol. in-8º relié............. 3$000

— La terre avant le déluge. 1 volume in-8º relié................. 3$000

— La vie et les mœurs des animaux, zoophytes et mollusques. 1 volume in-8º relié.................... 3$000

— Le savant du foyer ou notions scientifiques sur les objects usuels de la vie. 1 vol. in-8º relié............ 3$000

— Les animaux, articulés les poissons et les reptiles. 1 vol. in-8º relié. 3$000

— Les grandes inventions modernes dans les sciences, l'industrie et les arts. 1 vol. in-8º relié....... 3$000

— Les insectes. 1 vol. in-8º rel. 3$000

— Les merveilles de l'industrie ou description des principales industries momernes. 2 vol. in-8º relié.... 6$500

— Les merveilles de la science ou description populaire des inventions modernes. 4 vol. in-4º gr. rel.... 12$000

— Vie des savants illustres depuis l'antiquité jusqu'au dix-neuvième siècle, avec l'appréciation sommaire de leurs travaux:

Savants de l'antiquité. 1 volume relié.................... 3$000

Savants du moyen-âge. 1 volume relié...................... 3$000

Savants de la renaissance. 1 volume relié................... 3$000

Savants du XVII siècle. 1 volume relié...................... 3$000

Flammarion (Camille) — L'atmosphère, description des grandes phénomènes de la nature, ouvrage contenant 15 planches chromolithographiques et 228 gravures sur bois. 1 vol. in-4º relié............ 5$000

— Histoire du ciel. 1 volume in-8º relié......................... 4$500

Grégoire (L.) — Géographie générale, physique, politique et économique. 1 vol. in-8º relié....... 7$000

Guillemin (Amédée) — Le ciel, notions élémentaires d'astronomie physique. 1 vol. in-8º relié....... 8$000

— Les comètes. 1 vol. in-8º relié 3$500

— Les phénomènes de la physique. 1 vol. in-8º relié.............. 6$000

Liais (Emm.) — L'espace céleste et la nature tropicale, description physique de l'univers d'après des observations personnelles faites dans les deux hemisphères, preface de *M. Babinet*. 1 vol. in-8º relié........... 6$000

Mangin (Arthur) — Les mystères de l'océan. 1 vol. in-8º relié.... 3$600

Poiré (Paul) — La France industrielle ou description des industries françaises. 1 vol. in-8º relié..... 3$200

Reclus (Élisée) — La terre, description des phénomènes de la vie du globe. 2 vol. in-8º relié...... 9$000

— Nouvelle géographie universelle. La terre et les hommes. 4 volumes in-8º relié...................... 32$000

With (Emile) — L'écorce terrestre, les minéraux, leur histoire et leurs usages dans les arts et métiers. 1 vol. in-8º relié................ 4$000

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Ao Povo

Cartas politicas de Erasmo. 1 vol.................... 300

Dr. Liberato Barroso

A letra de cambio segundo o direito patrio. Doutrina do titulo XVI do Codigo Commercial. 1 vol.................... 500

Contractos e obrigações mercantis. Parte 1.ª, titulos V a XIV do Codigo Commercial. 1 volume.................... 600

Dr. Rodrigues de Mattos

Interesses portuguezes. Refutação dos artigos sobre a emigração do conselheiro Mendes Leal no periodico lisbonense *A America*. 1 vol.................... 600

Victor Renault

Methodo facil para aprender a lêr em 15 lições......... 200

Camillo Trinocq

Curso elementar de algebra. 1 vol.................... 300

Conego Schmid

Contos. 1 vol.............. 200

Saldanha da Gama

Configuração e estudo botanico dos vegetaes seculares da provincia do Rio de Janeiro e de outras partes do Brazil. 2.ª parte e 1.º caderno do Atlas. 2$000

Saldanha da Gama Filho

Configuração e descripção de todos os orgãos fundamentaes das principaes madeiras de cerne e brancas da provincia do Rio de Janeiro, e suas applicações na engenharia, industria, medicina e artes. 1 vol........... 600

Dr. Gaes e Sequeira Filho

Prostituição na cidade do Rio de Janeiro, necessidade de medidas e regulamentos contra a propagação da syphilis. Collecção de artigos publicados no *Globo*. 1 vol.................... 600

Dr. Ferrari

Doutrina moral. 1 vol.... 3$000

Mello Moraes Filho

Curso de litteratura brazileira ou escolha de varios trechos em prosa e verso de authores nacionaes antigos e modernos. 1 vol.................... 1$000

Paulo Janet

Philosophia da felicidade. 1 volume.................... 600

Montépin

A feiticeira loura. 2 vol.... 800

A familia Vaubaron. 3 vol. illustrados com 6 gravuras... 1$500

A cigana. 4 vol. illustrados com 8 gravuras............. 2$000

Ponson du Terrail

Os mascaras vermelhas. 3 vol. illustrados.................... 1$500

Os cavalleiros da noite, 2.ª edição. 3 vol. illustrados... 1$500

Amores de Luiz XV. 2 vol. illustrados.................... 800

Miserias de Londres. 5 vol. illustrados com 10 gravuras. 2$400

Fernandez y Gonzalez

D. Ramiro 1.º de Aragão. 2 volumes.................... 800

O Rei maldito. 5 volumes illustrados.................... 3$400

Os desherdados. 5 volumes illustrados.................... 2$500

Os sete morcegos. 1 volume illustrado.................... 600

A princeza dos Ursinos. 4 vol. illustrados.............. 2$700

Os filhos perdidos. 5 volumes illustrados.............. 2$500

Aimard

As guerrilhas de Juarez. 1 volume.................... 400

Francis Troiopp

Os mysterios de Londres. 6 volumes.................... 2$400

J. Garibaldi

Os mil de Garibaldi. Narração historica, politica e romantica da expedição á Sicilia em 1860. 1 vol.................... 500

Clemence Robert

O tribunal secreto. 2 vol. illustrados com 4 gravuras..... 2$000

Gaboriau

Vida infernal. 3 volumes illustrados.................... 1$500

Os escravos de Paris. 4 vol. illustrados.............. 2$000

Eugenio Sue

Os filhos familias. 3 vol... 1$400

Cunha e Sá

Da parte de el-rei. 1 vol... 400

Da parte da rainha. 1 vol.. 400

Paulo Féval

A duqueza de Nemours. 2 v. 800

Fenimore Cooper

O corsario vermelho. 1 vol. com gravuras.................... 600

Delfim d'Almeida

Os impostos em Portugal. 1 volume.................... 1$200

La Landelle

A velhice de Camões. 2 vol. 600

Tarrago y Mateos

Ciumes de uma rainha. 4 vol. illustrados.............. 2$400

Odio de Bourbons. 3 vol. illustrados.................... 2$200

O dedo de Deus. 3 vol. illustrados.................... 1$800

Alberto Blanquet

O rei de Italia. 2 vol. illustrados.................... 1$000

Fernandez y Gonzalez

O pasteleiro de Madrigal. 4 vol. illustrados.............. 2$000

Eugenio Sue

Bertha de Ploermel, romance historico. 2 vol.............. 720

Élie Berthet

As catacumbas de Paris. 2 vol. illustrados.............. 1$000

D Florencio Parreño

A inquisição, o rei e o Novo Mundo. 3 vol. illustrados.... 1$700

LITTERATURA: ROMANCES, POESIAS, VIAGENS, ETC.

Pinheiro Chagas

A propriedade litteraria. Carta ao imperador do Brasil... 200
Vermelhos, brancos e azues. 1 vol.......................... 500
O terremoto de Lisboa. 1 v. 500
Chronicas brasileiras:
1.ª A virgem Guaraciaba. 1 volume...................... 500
2.ª A conspiração de Pernambuco. 1 vol................ 500
Astucias de namorada. 1 v. 400

A. Varella

Se a mocidade soubesse!!! 1 volume....................... 500

J. C. R. Vianna

Recordações historico-maritimas. 1 vol.................... 300

Frederico Galhardo

A esperança no céo. 1 vol. 600

Octavio Feuillet

A condessinha. 1 vol....... 400

Pedro Alarcão

O chapéo de tres bicos. 1 vol. illustrado................. 600

Julio C. Machado

Passeios e phantasias. 1 vol. 500
Os theatros de Lisboa. 1 vol. illustrado.................. 600

J. de Carvalho

A Rosa da Montanha. 1 vol. 500

M. A. Vaz de Carvalho

Vozes do ermo. 1 vol....... 500

Belot e Dautin

O assassino. 1 vol........... 800

C. C. Branco

Quatro horas innocentes. 1 v. 500
Coração, cabeça e estomago. 1 vol........................ 500

Castilho

Amor e melancolia ou a novissima Heloisa. Nova edição correcta e acrescentada com a Chave do enigma. 1 vol. 800

Evaristo Leoni

Camões e os Lusiadas, ensaio historico-critico-litterario. 1 volume..................... 1$000

Gagneur

O calvario das mulheres. 4 v. 1$600

E. Pinto d'Almeida

Estrellas cadentes. — Odes, canções e phantasias. 1 vol. 700

Rebello da Silva

Fastos da igreja. Historia da vida dos santos, ornamentos do christianismo. 2 vol....... 960

Carlos Ferreira

Guia de mechanica pratica, precedida de noções de arithmetica, algebra e geometria, indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. 1 vol. 1$600

João Bonança

Da reorganisação social. Aos trabalhadores e proprietarios. 1 vol......................... 500

Brito Aranha

Memorias historico-estatisticas de algumas villas e povoações de Portugal. 1 vol........... 700

Michel Charbonneau

CURSO THEORICO E PRATICO DE PEDAGOGIA

TRADUZIDO DA 3.ª EDIÇÃO

POR

JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO

Official do exercito

E' este o livro mais util, mais serio, mais generoso que dos prelos francezes tem vindo collaborar na educação da juventude. Mr. Michel Charbonneau escreveu o CURSO THEORICO E PRATICO DE PEDAGOGIA; *o snr. José Nicolau Raposo Botelho traduziu-o da 3.ª edição; e o snr. E. Chardron deu o mais difficil e indispensavel impulso á divulgação da obra benemerita. Pelo que respeita ao traslado a portuguez, não me limito ao elogio da vernaculidade, que já em si não é pouco nem vulgar; a esse louvavel empenho satisfeito habilmente, ajuntou o snr. Raposo Botelho as alterações judiciosas que se requeriam na obra applicada ao curso de pedagogia nacional, modificando o methodo rudimentar da aprendizagem do idioma portuguez, e indicando os compendios adoptados no subsequente ensino. E' um trabalho de consciencia e de intelligencia.*

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

1 volume in-8.º........................... 1$000 réis

Porto: 1879 — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

2.º Anno 1880 N.º 1

SUMMARIO

Noticias bibliographicas, por C. C. Branco.
Modificações no «Crime do Padre Amaro».
Publicações da livraria de E. Chardron.
Traducções do fallecido João Vieira.
Obras classicas e obras de fundo.
A colonisação da Africa.
Publicações diversas.
Obras no prelo.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

2.º ANNO 1880 N.º 1

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

I

Historia da civilisação iberica, por J. P. OLIVEIRA MARTINS. Lisboa, 1879.

Historia de Portugal, por J. P. OLIVEIRA MARTINS. Lisboa, 1879. 2 tomos in-12.

A *Historia da civilisação iberica* é um notabilissimo livro. Condensa profundo estudo, é a convergencia de variada lição para esclarecer pontos obscuros ethnologicos de origens e raças. Assenta lucidamente, fundamentado em Leibnitz, Niebuhr, Van Eys e Vinzon, que os iberos primitivos derivam da Africa septentrional. Demonstra a affinidade de raças entre hespanhoes e africanos, manifestada na repugnancia com que os celtiberos se submettem ao jugo romano e na espontaneidade com que aceitam os caudilhos carthaginezes. Historiando a organisação da Hespanha romana, até á sua dissolução, e entrando na constituição da monarchia visigoda, refuta a absoluta influencia germanica nas instituições da Hespanha. Os invasores submettem-se á civilisação romana que encontram: aceitam as leis, a instituição e a lingua, reservando só para si o uso da authoridade soberana e o gozo das riquezas adquiridas; mas ainda assim — ajunta o author — não se presuma que a monarchia visigothica é uma simples substituição de authoridades. «Seria paradoxal affirmar que os vencedores, apossando-se d'uma terça parte das terras e tomando a si o dominio soberano, não trouxessem para o seio da sociedade, onde se achavam estabelecidos, nenhuns dos seus usos, das suas instituições, das suas idéas». Esta concessão protege o snr. Oliveira Martins da metralha germanista que lhe estava imminente. Felicitamol-o.

Estuda lucidamente as instituições dos visigodos, quando a assimilação de godos e romano-hispanos se completa no meado do seculo VII. Cruzam-se as raças e communicam-se as leis. No codigo visigothico fundem-se as caracteristicas do Breviario de Alarico. Á superficie da sociedade apparecem o clero erudito que promulga a lei e os barões que a executam. O clero dá a sagração da soberania aos monarchas, filiando-os á Igreja pela unção. D'ahi provém á Hespanha visigothica uma superioridade social na Europa; assenta na base da unidade, identifica a authoridade religiosa com a civil. Então começa a perseguição contra os arianos e israelitas. Estava-se formando a raça intolerante que não desmentiu a origem no decorrer dos seculos, e ainda hoje, de vez em quando, se convulsiona nos phrenesis das grandes sangrias. O snr. O. Martins dá-nos a nitida importancia da cleresia, a omnipotencia dos concilios. Os monarchas mantém parte das suas regalias á custa de abjecções. O povo não tem representação alguma n'essas assembléas conciliares. Os traços principaes da governação visigothica são romanos. Existem os escravos, com a denominação de colonos; colonos ou escravos, a maior parte da população é serva. O colono, se não está preso ao dono, está captivo da terra que lavra. A acção libertadora do christianismo não fôra comprehendida senão no sentido da liberdade das almas: não se estendia até aos pulsos. Era a velha organisação romana, com diversas nomenclaturas, quanto aos escravos. A invasão germanica não deu o rebate da independencia pessoal; quando muito daria á classe média hispano-romana o impulso restaurador das instituições municipaes. Estes relanços aqui postos em fugitiva synopse são tratados pelo snr. Oliveira Martins com uma clareza methodica e erudita. A *Occupação*

arabe e *Os mosarabes* são partes essenciaes do livro, que conduzem á *Formação da nacionalidade.* É o estudo do lento processo da reconstrucção das nações, e da emancipação do homem — o grande pensamento que parece presidir á elaboração do historiador. «Os *cavalleiros-villãos* são já na idade-média — escreve o snr. Oliveira Martins — o esboço d'essas burguezias que mais tarde, orgulhosas do seu ouro, e invejosas do lustre e distincção da nobreza, a copiam nos seus habitos e nos seus vicios, sem poderem copial-a na tradição nem na linhagem: por mais que reneguem a sua origem plebêa, a fatalidade da condição, impondo-se-lhes, torna-as ridiculas, e, por isso, além do resto, más». Isto é verdade e triste. O historiador sahe com esta conclusão da idade-média, e parece que a está tirando da vida do seculo XIX.

Na parte do livro intitulada *A Monarchia catholica,* entra o historiador na contextura da historia de Portugal, e com a formula *razão de estado,* explica a *perfeição* do homicida João II, com admiravel sensatez, apesar da ironia da fórma. Observa as instituições e as classes até ao momento opportuno em que deslisa para a apreciação dos caracteres, e tece os fios da historia pelos dados das biographias. Parece que dá demasiada sinceridade ás crenças religiosas do seculo XV e XVI. Confunde talvez a hypocrisia com a religião. Portugal e Castella impunham ao papa a inquisição; os papas reluctaram em concedel-a: da parte d'elles é que estava a piedade — não nos importa saber o preço — e do lado dos reis havia a sincera estupidez, e dos aulicos a refinada hypocrisia. A D. João III faz o snr. Oliveira Martins singular justiça em termos que não viramos ainda tão assignalados pelo cunho da verdade. Perfeita justiça ao rei e aos judeus: «D. João III seria inepto e fanatico; mas era sincero na sua crença; Roma seria corrompida e vil; mas a corrupção e a villeza serviam n'este momento a humanidade; os judeus, porém, effectivamente martyrisados, não merecem o lyrico applauso d'uma philanthropia acanhada, porque o amor dos homens é sobretudo, o amor da dignidade humana; e esses martyres não a conheciam, na abjecção com que tudo confiavam ao dinheiro corruptor, e na indignidade com que se submettiam a praticar os actos de uma religião que aborreciam». São admiraveis estas paginas. Se as queremos comparar, no rigor deductivo e na independencia, ás historias feitas, lembranos Gibbon na *Historia da decadencia e queda do imperio romano.* Algumas vezes, na correnteza d'uma primeira leitura, nos quiz parecer que havia interpretações violentas na opinião das authoridades em que se esteia; mas, a meu vêr, são as mesmas apparencias de faltas que Milman explicava em Gibbon: *Many of his seeming errors are almost inevitable from the close condensation of his matter.*

Na *Historia de Portugal* escreve o snr. Oliveira Martins para demonstrar a concatenação d'este livro com a *Historia da civilisação iberica:* «o conjuncto dos nossos pensamentos moraes, o caracter dos movimentos que compõe o systema do desenvolvimento das instituições e das condições das classes, e mesmo as linhas geraes da nossa vida politica, são apenas um aspecto do systema geral da historia da peninsula iberica». Isto mostra a correlação dos dous livros, que mutuamente se completam.

Fallemos do segundo: a *Historia de Portugal.*

O snr. Oliveira Martins não sacrifica aos documentos inveterados em corpo historico os factos sociaes. Não se entenda, por isso, que elle deixa de conferir uns com outros. É certo que a demasiada submissão a um plano systematico, organico, póde motivar desvios da boa critica. O systema preconcebido póde subordinar a categorias logicas os factos que se produziram desordenadamente; porque a logica dos acontecimentos não é a nossa, diz Jouffroy. Não me pareceu, todavia, incurso em preoccupações de escóla o snr. Oliveira Martins. Denota somenos familiaridade com as chronicas; mas d'esse desapêgo resulta que a sua historia tem vida, tem nervos, dá a sensação, ao passo que a historia redigida em frente dos velhos exemplares é a exhumação da ossada d'um sepulchro velho para um sepulchro novo. Os grandes homens do morrião e do montante apparecem-nos como panoplias em sala de armas; mas não se lhe sentem os estos do sangue, o pulsar da vida. Em vez de pedestaes novos ás estatuas cyclicas da historia portugueza, o snr. Oliveira Martins dá-nos resurreições. Se os nossos sentimentos divergem na apreciação de alguns factos, a luz a que elle os offerece tem as excellencias d'uma convicção guiada por um grande talento. Por exemplo: a questão dos jesuitas, a quem o historiador consagra um sincero des-

amor. Parece que abusa um tanto das espádoas d'elles sobrepondo-lhes grande carga das fatalidades do reino desde o reinado de D. João III. A educação jesuitica, segundo nos parece — influiu pouquissimo no espirito ignorante da nobreza, que, em materia de religião, sente-se menos da influencia dos padres que da corrupção pagã que desce do paço da Ribeira, através dos pomposos palacios do Rocio, e chega ás alfurjas dos petintaes de Alfama. O jesuita não educou na direcção das batalhas o neto de D. João III; é mais de crêr que o orientasse na direcção do céo; mas é sabido que o galhardo misanthropo não obedecia a padres nem a fidalgos. A sua indole estouvadamente bellicosa não lh'a inflammaram os *Exercicios espirituaes* do jesuita Rodrigues; seriam antes as odes encomiasticas e sanguinarias dos poetas, e nomeadamente de Camões, que lhe dizia fallando de settas:

Crendo bem que as que vós despedireis
No sangue sarraceno as tingireis.

E, asseverando-lhe o favor divino, vaticina-lhe:

Deus...
Vos fará vingador dos seus reveis
E os premios vos dará que mereceis.

D. Sebastião lería estas propheeias cruentas do valente poeta, quando não fazia a sua côrte a D. Juliana, filha do duque d'Aveiro.

Os jesuitas não teem que vêr com a corrupção da India. Accusaram-na para o reino em termos desabridos (*Oriente conquistado*, pelo padre Francisco de Sousa; *Vida do padre Pedro de Basto*, por Fernão de Queiroz). Se os jesuitas cooperaram na perdição dos interesses da Asia — a questão do cravo e da pimenta — isso foi n'elles uma virtude da sua missão. Quizeram introduzir o rito latino nas igrejas nestorianas, e d'aqui o desfalque das mercadorias, porque os christãos syriacos malabares com medo dos portuguezes já não desciam a Cochim a negociar. Parece que se devem louvar os missionarios que não transigiram com o erro para conservar aberta a rica veniaga da pimenta. (*Viagem do arcebispo D. Aleixo de Menezes*, e *The History of Christianity in India*, by James Hough).

N'outra passagem da Historia, encontro o padre Malagrida victima expiatoria dos homicidios dominicanos. Nem a logica nem a Providencia o consentiriam. Jesuitas e dominicos nunca estiveram de boas avenças; nem os primeiros fruiram o absoluto imperio que o historiador inculca. Os dominicanos metteram no carcere o potentado jesuita Antonio Vieira. A Companhia não pôde anteparal-o, apesar da sua omnipotencia. Se os jesuitas eram a alma dos negocios, e a vontade dos reis e a dos ministros, como foi Vieira sopeado pelos filhos de S. Domingos?

Entre Domingos e Iguacio havia rixa velha. Um celebre historiador de Hespanha, o jesuita Mariana, amaldiçoou a inquisição execrando o decreto barbaro que violentava os hebreus ao baptismo — *Insolens Decretum à legibus et institutis Christianis abhorrens maximè.* E acrescenta: *Violentar homens a aceitarem a religião christã, é roubar a liberdade, a dadiva do céo, áquelles que Deus fez livres! Crime horrivel, igual ao de arrancar os filhos aos braços dos paes! Os portuguezes delinquiram n'estes dous pontos, arrebatando as crianças para o baptismo contra vontade dos paes; obrigando com maus tratos e convicios os mais velhos a christianisarem-se, e sobre tudo roubando-lhes fraudulentamente os recursos para a sahida, que á força lhes impuzeram!* (JOANNIS MARIANÆ, *Historia de rebus Hispaniæ, Moguntiæ*, T. II, L. XXVI, c. 13). Tão longe está já de nós o facto dos jesuitas, e é raro, a respeito d'elles, escrever-se sem os *recentibus odiis* que Tacito desejava delir da credibilidade historica. As iras de Pombal, postas na corrente da tradição, conservam ainda o calor que uma critica em demasia transigente pretende sustentar na admiração pelo figadal inimigo da Companhia de Jesus. Não pretendo irrogar censura ao snr. Oliveira Martins, nem o impugno. N'este ponto de divergencia inconciliavel, admiro a habilidade, mas não convenho na equidade da accusação. Todos temos, nos nossos panoramas historicos, illusões de perspectiva.

Pelo que respeita á educação que a Companhia ministrava, uma apreciação do snr. Oliveira Martins salva-a de obscurantista e ardilosa no seu methodo: «... Todos concordavam, até no seio da Allemanha protestante, que a mocidade aprendia mais e melhor com os jesuitas. As linguas antigas eram, na Renascença, o alicerce da educação classica, e ninguem excedia no conhecimento d'ellas os professores dos collegios, que a Companhia espalhava por toda a parte: sempre que erigiam um templo funda-

vam uma escóla». (*Historia de Portugal,* tom. II, pag. 69).

A *Viagem da India* é um quadro perfeito, tecido com muita habilidade, um elenco das grandes victorias e dos crimes que ficaram immortalisados sobre as ruinas das fortalezas que lá ergueram os portuguezes na sua viagem de menos de cincoenta annos. A memoria das iniquidades é o que remanesce como nodoa de sangue indelevel no marmore da historia. Aqui nos apparece Vasco da Gama, corsario de vidas e de pimenta. O snr. Oliveira Martins, grande admirador de Camões, não lhe admira igualmente o heroe. Eu tambem, na epopêa do grão cantor, apenas encontro raros trechos dignos da sinceridade do panegyrista e das aspirações chatins do cantado. É quando o epico nos relata que *a fazenda esteve muito tempo na cidade sem se vender,* e que era *pimenta ardente,*

> A noz, e o *negro* cravo, que faz *clara*
> A nova ilha Maluco, c'o a canella
> Com que Ceilão é rica, illustre e bella.

Depois, Affonso de Albuquerque intenta formar na India um imperio remodelado pela antiga Roma conquistadora. Queria resurgir os Scipiões, e mandava cortar narizes aos indios.

A leitura d'este magnifico capitulo entalha no espirito noções nitidas e profundas da vida portugueza no Oriente. Não se fórma tão claro conceito d'essa tragedia ignobil de meio seculo, relendo Barros, e os commentarios de Affonso d'Albuquerque, com o correctivo de Gaspar Corrêa, de Diogo de Couto, do jesuita Francisco de Sousa e de Rodrigues da Silveira. Esta parte da historia é elaborada por um processo inteiramente novo. Aqui entra o caracter de D. João de Castro, sob aspectos não usados pelos panegyristas, com as suas preoccupações romanas, distincto de quantos governaram a India pela illustração, aliás inutil na correcção de aleijões de nascença. A viagem é referida com os encantos litterarios d'uma allegoria. O desastre geral symbolisa-se na catastrophe de D. Paulo de Lima, o opulento capitão que regressava á patria com 140:000 pardáos — uma agonia acerba, referida por Diogo de Couto. Depois d'este funebre desfecho do heroe de Jor, o snr. Oliveira Martins poderia contar a comica dramatisação que se continúa na ilha de Inhaca, pelo casamento da viuva de D. Paulo, a gentil Beatriz de Montarroyo, com o seu criado Henrique Homem Carneiro, que devia de ser o seu amante, o vingador d'aquelle marido indigena que D. Paulo deshonrára em Gôa — o marido d'aquella adultera que se arrojára das ameias do paço de Pangim. (*Livro em que se contém tudo o que toca á origem, etc. da Ordem da Penitencia do N. Seraphico P. S. Francisco, pelo M. R. P. fr. Luiz de S. Francisco. Lisboa 1684*). Veja o snr. Oliveira Martins onde eu estudo os escandalos! É licito duvidar que D. Brites levasse ás costas do segundo marido os ossos do primeiro.

Um critico notabilissimo, no *Diario Illustrado,* impugna com razão que o Mestre d'Aviz recebesse o annel de D. Leonor Telles. Ainda que o recebesse, a sua memoria não ficaria mais denegrida. Elle tem manchas que farte na sua historia, as quaes bem aproveitadas de Fernão Lopes, e repassadas na joeira da critica, nos dão um baixo caracter, nem melhor nem peor que o dos famigerados heroes do seu tempo. Nada mais facil de demonstrar com o testemunho dos seus proprios panegyristas que o exalçaram pelo civismo sobre o pedestal de gloria em que o puzeram as manhas, as cavillações politicas, e a sorte prospera d'uma batalha, onde não só a bravura, mas tambem a perfidia dos portuguezes bandeados em Castella explicam o exito. Com uma grande critica escreve o snr. Oliveira Martins: «O prior do Crato não valia mais nem menos que o Mestre d'Aviz; acaso mesmo valesse pessoalmente mais».

D. João I, ardente e arrojado nos amores como seu pai (que adulterára incestuosamente com a comadre Ignez, e ainda ella, no primeiro semestre de morta se dissolvia, e já elle andava no Alto Minho fazendo um filho — o futuro rei — em Thereza Gil Lourenço de Andrade), D. João I viveu de mancebia quatro annos com Filippa de Lencastre. É uma historia longa, mas diz-se em poucas linhas. Elle não podia ser marido legitimo sem dispensa dos votos de frade de Cister, e o papa só lhe concedeu essa dispensa quatro annos depois do concubinato. O rei casára-se na Sé do Porto sacramentalmente, sacrilegamente (Deus lhe perdôe!), mas ficou sendo o Mestre da Ordem d'Aviz aligado á Igreja em quanto o papa o não desvinculou dos votos. O caso devia então impressionar e ferir os canones como hoje impressionaria e feriria a Moral o casamento, sem previa apostasia, do snr. prior da Lapa roubado aos braços da Igreja catholica e ás caricias da politica progressista — o que os céos não permittam.

Concluindo: N'esta *Historia de Portugal* ha a largura dos grandes aspectos sociaes dados a factos que pareciam pequenos e escurecidos em meio de outros mais caracteristicos. Oliveira Martins generalisa luminosamente com uma grande harmonia de plano organisador; agrupa os factos desconnexos talvez com a chronologia, mas moral e politicamente harmonicos. Em poucos traços essenciaes resume um periodo de historia. Uma anecdota, um caso despercebido e sem o sêllo de notavel importancia sociologica, tratado por Oliveira Martins, consoante o modo familiar de Taine, abre-nos a porta da vida intima d'uma época, relaciona-nos com os grupos que encontramos nas ante-camaras; e, se a alcova está franca, não entra; ou, se entra, em vez de sahir com uma pagina de Boccacio ou da rainha de Navarra, traz-nos um sorriso de La Bruyère disfarçado n'uma observação ironicamente realista. A velhaca e lerda pessoa de D. João VI é pintada com uma verdade cheia de naturalismo, chistes, *strokes of wit.*

Um critico disse d'esta *Historia* no OCCIDENTE, com o bom proposito de a elogiar, que se lia aprazivelmente como um romance. Isto, se assim fosse, seria a meu vêr um demerito. A historia do snr. Oliveira Martins lê-se devagar, attentamente, porque a cada pagina se encontram inducções, panoramas, lances de vista que obrigam a reflexão. É mister ás vezes agrupar os personagens subentendidos nas illações para que elles operem e affirmem os successos de que derivam as opiniões historicas do author. A obra do snr. Oliveira Martins deve ser melhormente entendida e apreciada por aquelles que houverem colhido uma imperfeita, senão falsa, comprehensão da vida portugueza no estudo das chronicas.

Nas *Notas sobre a historiographia em Portugal,* ha uns lapsos de influencia nulla na contextura da obra. Os livros citados menos pontualmente, como subsidios, não elucidariam o snr. Oliveira Martins ainda que os consultasse com um grande e mallogrado escrupulo.

II

Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal, por ALBERTO PIMENTEL, da Academia real das sciencias de Lisboa e do Instituto de Coimbra (publicadas a expensas da municipalidade de Setubal). Lisboa 1879. In-4.º

Entre as varias topographias de cidades portuguezas, é esta a mais methodica e bem organisada, com a vantagem de bem escripta. Estão grangeando estima e voga os trabalhos d'esta natureza. No discurso dos ultimos dez annos, escriptores de merito sahiram dignamente com copiosas noticias de Coimbra, Aveiro, Lamego, Vianna, Caminha, Barcellos, Famalicão, etc. Nada ha, porém, modernamente escripto a respeito de Braga e Porto. A fallar verdade, bom é que o não intente algum curioso sem os dotes investigadores do snr. Alberto Pimentel. O que ha do Porto são algumas paginas dos primordios da cidade, escriptas pelo snr. Simão Rodrigues Ferreira, que não destôa da boa critica em quanto se aparta de fr. Bernardo de Brito e do fabuloso Laimundo; mas desanda para as velhas preoccupações quando nos dá a igreja de Cedofeita edificada no seculo VI. Porto e Braga, opulentissimas de historia, estão á espera do explorador. As riquezas da vetusta cidade dos arcebispos, no padrão de antiguidades, sobreleva muito á do berço do infante D. Henrique, relativamente nova, e mais de molde para a historia politica e commercial. Houve aqui um obscuro e já esquecido trabalhador que ajuntou subsidios para uma *Historia do Porto.* Era João Nogueira Gandra, bibliothecario e litterato mediocre a quem Balbi, na melhor boa fé e ignorancia da lingua portugueza, chamára *poëte parfois heureux.* Nunca se atreveu, por mingoa de recursos, á magnitude despendiosa da empresa. Chegou a fazer lithographar estampas com que tencionava illustrar o livro. Não sabemos onde param. Viu-as o fallecido e notabilissimo escriptor Arnaldo Gama, que, nos ultimos annos da vida, colhera no archivo da camara elementos para uma projectada historia da cidade heroica.

Esta *Memoria de Setubal,* obra de prova e de execução primorosa, devia ser estimulo para que o municipio portuense encarregasse Alberto Pimentel de tarefa analoga a respeito do Porto. Faz pena que a soberba rival de Lisboa não tenha um livro em que se estude a cadêa de successos que a trouxeram desde o seculo XI á sua opulencia actual. Lisboa tambem o não tem privativo, de lavra moderna; mas são vastissimos os docu-

mentos dispersos que lhe dizem respeito nas chronicas, nas chorographias, nos romances historicos, nas viagens de estrangeiros, e em livros especiaes como o de Christovam Rodrigues, de fr. Nicolau d'Oliveira, de Mendes de Vasconcellos, de Marinho d'Azevedo, e do medico Santos Cruz, e tantos outros que se completam com as descripções dos estrangeiros por via de regra mais attentos aos costumes que aos edificios e á nomenclatura das ruas.

O Porto apenas tem do seculo passado a magra e sêcca descripção de Rebello da Costa, e ultimamente as citadas *Antiguidades* do snr. Ferreira. Que magnifica obra para um punho robusto quando houver uma camara que entre as lucubrações transcendentes de abrir uma rua e destruir uma antigualha como o arco da Vandoma ou o de Sant'Anna ou a Porta Nobre, se preoccupe de mandar colligir a historia dos seculos que esses monumentos derruidos viram passar! Era bom saber-se como se creou e engrossou até á actual pujança plethorica a Idéa utilitaria — a americomania, esta fome de Ugolinos bancarios que seriam capazes de comer os filhos, se não preferissem antes comer os accionistas. Ah! que os bacalhoeiros não impugnem iracundos um lavor d'esta especie em razão d'elle ter um lado litterario e scientifico. Prometta-se-lhes contar pelo miude como foi que o bacalhau e o polvo se insinuaram na rica circulação, nos esponjosos ádipos da cidade invicta; e sobretudo conte-se-lhes que a camara municipal de Setubal encarregou o snr. Alberto Pimentel, escriptor distincto, de perpetuar-lhe a historia da sua formosa terra n'um livro cheio de noticias que se lêem como recreio e como estudo.

III

Quadros da historia portugueza, por J. F. Silveira da Motta, socio effectivo da Academia real das sciencias. Quarta edição, correcta e muito augmentada. Lisboa. Editor, Antonio Maria Pereira. 1879. In-8.º

Os creditos d'este livro não se fundamentam perfeitamente na *Approvação* do conselho superior de instrucção publica que o introduziu nas escólas pela mesma porta franqueada a outros livros que não pareciam sérios. A este bom livro faltou a gloria de ser reprovado. O snr. Silveira da Motta, quando escreveu os seus *Quadros,* contrahiu com o publico a obrigação de escrever historia de mais porte e volume, menos escolar. O seu estylo amoldado pelas fórmas graves, correctas e pomposas dos livros de A. Herculano, parecia destinado a proseguir a grande obra do mestre, interrompida pela fadiga ou pelo melindre. Não só na linguagem, mas ainda no processo se identificou. O snr. Silveira da Motta deriva a historia do estudo das instituições mais que dos costumes e da physionomia moral, syntheticamente; esse é, com effeito, o mais comprehensivel methodo para quem estuda; o outro, inductivo dos factos, o moderno, como a *Historia de Portugal* por Oliveira Martins, é bom como estudo complementar da sciencia historica. Raro se encontra exposição mais luminosa; e, graças á concisão rigorosa da linguagem, tamanha habilidade no condensar grandes quadros em poucas paginas.

IV

Eleições liberrimas á antiga portugueza. *Fafe e um governo progressista em 1879. Manifesto eleitoral ao circulo 15, e cartas politicas ao presidente do conselho de ministros Anselmo José Braamcamp,* pelo Visconde de Moreira de Rey. Porto, 1879. In-8.º

A retardada noticia d'este opusculo não é extemporanea. O visconde de Moreira de Rey escreveu 35 paginas eloquentes, severas que, mudados os nomes dos personagens e a numeração do circulo, podem servir para explicar o processo da ultima *degringolade* eleitoral. O visconde define o seu notabilissimo caracter na lucta em que a sua honra ficou victoriosa. Elle não faz grande alardo da sua honestidade politica: relata os successos que precederam a batalha, e deu os documentos que presagiavam a derrota. O governo progressista de 1879 fez retroceder a liberdade do suffragio a 1845, com a differença que antepoz á violencia da paulada o suborno das consciencias com mais suaves pressões, exceptuados os dorsos que as sentiram duras.

N'isto é que assenta a progressiva perfectibilidade do systema representativo, e um visivel symptoma de melhoria nos processos. O que está, porém, a pedir reforma é a localidade do fabrico de deputados. Ha opiniões de que o christianismo sincero desappareceu da face do Portugal fidelissimo desde que as igrejas se franquearam, segundo a lei eleitoral, para que entrassem os vendilhões que Jesus de Nazareth varrêra do templo. A urna na igreja recebe as listas e é ao mesmo tempo cinerario do decoro religioso. A mystificação do suffragio a não se poder, por motivos de decencia, fabricar nos recintos municipaes, seria honesto que se fizesse em casas clandestinas, como um acto vergonhoso cujo desbragamento em publico a policia não permitte. Eu, na minha boa fé catholica romana, creio que os templos onde ha gestação de deputados com indigestões de vinhos baratos, ficam interdictos, embora os antagonismos de murros sejam incruentos, a sêcco; porém, as palavradas, os convicios, as retaliações injuriosas devem ser de maior affronta e sacrilegio para a Divindade do que umas gottas de sangue que não tem particulas de impiedade, nem perfumes de taberna, chimicamente examinado. Como objecto de asco, o sangue é menos nauseabundo que a expectoração purulenta dos eleitores no pavimento das igrejas. Mudem-se estas operações para onde o ambiente não seja empestado, ou plantem eucalyptos desinfectantes nas naves dos templos. Um alvitre: arranjem-se os eleitos do povo nas fabricas de cortumes onde nem a impureza atmospherica nem as côres das epidermes surradas tem que perder. Estas considerações de politica transcendente fizeram-se quando acaso ouvimos uns cantares de igreja que nos disseram ser um *Te Deum*, uma acção de graças ao Altissimo, porque sua divina Magestade permittiu que fosse eleito o deputado progressista. Uma pandega ao divino. Se não fossem hypocritas, seriam blasphemos, sacrilegos, o diabo!

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Francisco da Fonseca Benevides — Rainhas de Portugal. Estudo historico com muitos documentos, retratos e numerosas illustrações sobre cobre, aço e madeira. 2 vol. em brochura........ 12$000
Encadernados........ 13$500

O Hyssope — Poema heroe-comico de Antonio Diniz da Cruz e Silva. Edição critica com um prologo e notas por José Ramos Coelho e illustrada com desenhos de Manoel Macedo, e gravuras de Alberto, Hildibrand, Pedroso e Severini. 1 grosso vol. in-4º........ 4$500

Obras completas de Nicolau Tolentino — Com um estudo biographico por José de Torres. 1 vol. illustrado por Nogueira da Silva... 1$200

Henrique Perez Escrich — Os comicos ambulantes. 1 volume illustrado........ 500

José Augusto d'Ornellas — A victima d'um lazarista. 1 vol. 500

Branco Rodrigues — Hygiene das crianças. 1 vol........ 200

Emilio Richebourg — O filho dos operarios. 2 vol. illustrados... 1$000

Miss M. E. Braddon — Um crime mysterioso. Illustrações de Manoel Macedo. 2 vol........ 1$000

O major Frans — Traducção do francez por A. de Castro Neves. 1 volume........ 500

A. Arnould e N. Fournier — O filho do czar, Alexis Petrowitch. 1 volume........ 400

Aimé Martin — Educação das mães de familia ou a civilisação do genero humano pelas mulheres. 3.ª edição. 2 vol........ 1$200

M. M. P. — O avarento ou as martyres de Saumur, romance recreativo e de moralidade. Traducção. 2 vol........ 600

Augusto Epiphanio da Silva Dias — Grammatica latina de J. N. Madwig. Reduzida a epitome. 1 vol. cart........ 600

A colonisação da Africa

Felizmente para a nossa futura grandeza nacional, tem-se desenvolvido por ultimo, em Portugal, uma cruzada a favor da colonisação para as nossas possessões na Africa.

Á testa d'essa cruzada caminham os orgãos mais illustrados do nosso jornalismo, firmes e convictos, tendo por unica inspiração o grande amor da patria.

Ainda bem, porque, quando a imprensa conceituada cobre com os broqueis da logica, do saber e da verdade uma idéa qualquer, póde-se proclamar bem alto que essa idéa está na vespera gloriosa da sua victoria.

E, com effeito, se ha uma inspiração digna de ser sustentada pelo jornalismo e compartilhada pelo povo portuguez, é incontestavelmente essa de dar incremento ás nossas importantes colonias no vasto e uberrimo continente africano.

Zonas fecundas, quer sob o ponto de vista mineralogico, quer sob o ponto de vista da flora, quer sob o ponto de vista da fauna, sensiveis extraordinariamente á cultura agricola pela prolificuidade do sólo e pelos magnificos elementos hydrographicos que encerram, certamente que, exploradas com tenacidade e intelligencia, concorrerão para facilitar as condições materiaes de nossa patria, abastecendo os nossos mercados de consumo e fartando o nosso erario dos recursos de que precisamos para cobrir a receita interna e amortisar a divida externa que vexa a nação.

Para demonstrar a verdade que resulta de todo este periodo não carecemos de subir a provas especiaes, basta-nos recordar o contingente com que aquellas colonias quasi desprezadas, entram annualmente para o thesouro publico.

Através dos pequenos resultados que d'ellas se tem colhido, póde-se entrevêr as grandes vantagens que ellas podem dar de futuro, se o governo de sua magestade fidelissima curar seriamente de as desenvolver por meio de leis sábias que protejam a lavoura, o commercio e a industria que procuram aquellas regiões e por meio mesmo da propria iniciativa applicada como exemplo á iniciativa particular.

Convém que, o actual gabinete, que dirige os destinos de nossa patria, se lembre de que aquellas zonas são um prolongamento de Portugal e que, por consequencia, urge cultival-as devotadamente, sobretudo quando a nossa população continental europêa já está em sensivel desproporção com a capacidade do terreno que possuimos na peninsula iberica.

Cumpre attentar para este facto, facto importante porque tem levádo grande cifra dos nossos compatriotas a emigrar para os Estados-Unidos da America em cuja massa social se perdem como atomos homogeneos e para outros estados, onde figuram como particulas heterogeneas, com grande prejuizo para Portugal que, em ambos os casos, só tem a lastimar a perda de tantas actividades e quiçá de profundas dedicações.

Dirigir o excedente da nossa população europêa para os nossos dominios na Africa, importa obter duas vantagens, uma a favor do emigrante, a outra a favor da patria.

A favor do emigrante, porque elle não perde os direitos civis e politicos de cidadão portuguez.

A favor da patria, por que sendo os direitos civis e politicos um estimulo para o homem moderno, os nossos compatriotas empenharão mais devotadamente o proprio esforço, a actividade, o trabalho e os fructos que d'ahi resultam amadurecerão para a patria.

Demais, atravessamos na historia um periodo em que bem insignificante é o papel que corre ás pequenas nações representar no proscenio universal.

Reina a tendencia para as grandes confederações.

Avulta no mappa geographico contemporaneo a moderna Germania como demonstração cabal d'este enunciado. Hontem, quando se chamava apenas Prussia, qual era o seu valor? Hoje, que se domina Allemanha, pesa na balança da politica europêa como a espada do O'Brem das Gallias.

Além do que, os choques, que resultam do encontro de duas grandes potencias, abalam sempre as pequenas nações,

quando não as destroem como a muitas tem succedido.

A Inglaterra, por compenetrada d'este facto, por mais d'uma vez affirmado na historia, como não podia dilatar-se ao ponto de invadir a Europa, fundou um imperio na India. E é d'esse vasto imperio que ella tira os meios de subsistencia, extrahe as riquezas com que deslumbra o universo e dá a experimentar o vigor do seu braço pujante e formidavel com as suas poderosas esquadras.

Sigamos, portanto, o exemplo da Inglaterra.

Os bons exemplos devem ser imitados e principalmente quando d'elles se origina a grandeza d'uma nação.

Nós podemos attingir essa grandeza trabalhando.

Melhor esphera e mais fecunda se nos offerece na Africa.

Pois bem: *á Africa!... á Africa!...* deve ser o grito sagrado d'essa cruzada a que o nosso jornalismo actualmente se consagra.

***A' Africa!* brademos nós tambem: *á Africa!...* em honra áquelles valorosos capitães que a conquistaram para engastal-a na corôa dos nossos reis como pedra ainda bruta e que nós hoje devemos lapidar para que brilhe com mais fulgor.**

Essa lapidação é a civilisação, que só conseguiremos colonisando-a e desenvolvendo-lhe a lavoura, o commercio e a industria, principaes fontes da riqueza nacional.

(Da *Nação Portugueza*, do Rio de Janeiro).

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Methodo de prolongar a vida

Um volume, 200 reis

Não se limita a pasmosa actividade editorial do snr. Ernesto Chardron, proprietario da Livraria Internacional, á publicação de certa e determinada especie de livros, mas abrange em si todo o genero d'obras, por mais encontrada que seja sua indole. Assim, ao passo que edita livros religiosos, de que já tem numerosa collecção publicada, edita-os de agricultura, d'instrucção, de poesia, de litteratura romantica, de escripturação mercantil, de medicina, e — que sei eu? — de tudo e sobre tudo quanto abrange o largo dominio da intelligencia humana.

Um dos ultimos volumes publicados é o de que damos o titulo em epigraphe — *Methodo de prolongar a vida, simples observações sobre hygiene.* D'elle é author o snr. Branco Rodrigues que nas 101 paginas que constituem o pequeno tomo fornece dados e esclarecimentos os mais preciosos e uteis sobre o *ar* que respiramos, as *bebidas e alimentos* de que vivemos, o uso dos *condimentos* e dos *banhos,* o *vestuario* com que devemos cobrir-nos, as *habitações* em que moraremos e o *exercicio* que devemos fazer, e nos ensina o modo de utilisarmos com proveito nosso, no bom e regular exercicio de todas as funcções vitaes e com a prolongação da vida, todos esses elementos indispensaveis da nossa existencia.

É pois de todo o ponto recommendavel, e como tal apresentamos a nossos leitores este precioso opusculo, a que só achamos um pequeno senão e é o da linguagem ser um pouco descurada.

(Da *Aurora do Cavado*).

A mulher como deveria sêl-o

Um volume, 400 reis

Acaba de sahir á luz, em 2.ª edição portugueza da Livraria Internacional, vertida da 12.ª edição franceza e revista e correcta sobre a 14.ª, pelo rev.do padre Manoel Joaquim de Mesquita Pimentel, a obra cujo titulo acima demos como epigraphe a este artigo.

E' um livro admiravel, consagrado pelo favor do publico e recebido por este com maximos e sempre crescentes applausos no tão grande numero de edições que d'elle tem vindo a lume.

Todos os doze capitulos em que se divide acham-se escriptos com a maior abundancia de coração e por modo que captiva e cala fundamente no animo do leitor, mas d'entre elles sobresahe e é joia do mais subido quilate o capitulo v — *A mãi e o filho.*

(*Idem*).

Bibliographia portugueza e estrangeira

12 numeros, 500 reis

O n.º 10 d'esta publicação mensal, editada pelo snr. Ernesto Chardron, occupa-se de varios assumptos.

Que opulenta prosa não é a de Camillo Castello Branco, e com que pericia não escalpella e disseca elle os criticos do seu *Cancioneiro,* pondo-lhes a nú todos os ossos do seu enfezado e cariado arcabouço!... E além d'isto com que graça e com que *humour* são acompanhadas essas operações, movendo todos os risos contra as pobres e lastimaveis victimas do ferro seguro e nunca fatigado do sciente operador?!

Cada doze numeros da *Bibliographia,* formando um anno da collecção, constituem um elegante tomo.

(*Idem*).

Os criticos do Cancioneiro alegre

1 volume, 200 reis

É para nós sempre de festa o dia em que nos surgem algumas novas paginas d'esta nossa tão distincta individualidade litteraria. A pujança d'este admiravel talento cuja malleabilidade cada vez mais nos espanta, vai luctando constantemente contra a fraqueza do corpo, que pena é o não poder conservar-se sempre valente e robusto, para bem servir aquelle peregrino espirito. E bem peregrino, e bem estranho! O snr Camillo Castello Branco ao conhecimento profundo que tem da nossa lingua com a qual brinca, ainda nas suas mais sérias difficuldades, allia um finissimo estudo psychologico, em virtude do qual lê claramente toda a evolução das nossas paixões e sentimentos. Olha-nos e com uma penetração e força de vêr incomparaveis, conhece desde logo todos os *tons* e todas as *nuances* de que é capaz o nosso espirito. D'ahi a força que elle tem de nos arrancar com a maxima facilidade uma gargalhada espontanea e fresca, ou de nos fazer estremecer de commoção, levando-nos ás lagrimas que não é vergonhoso verter. N'isto que é muitissimo e no seu modo de dizer fluente e cheio de viveza que não é menos, assentamos nós a sincera veneração que devotamos ao seu talento de estylista e á sua inventiva tão fecunda e tão variante.

Os *Criticos do Cancioneiro alegre* — umas poucas de paginas brilhantes e seccas como laminas d'aço bem polidas, representam um bello quarto d'hora que o seu author destinou ao duplo fim de brincar um pouco, e dar uma salutar lição aos que, tentando deprecial-o, vão aprendendo com elle.

Para nós, repetimos, que vivemos cá ao longe e arredado dos centros da nossa litteratura, que tudo ignoramos dos processos da arte e do que a seu respeito tem dito Proudhon, Taine e outros, e que simplesmente avaliamos as cousas guiados pela nossa critica comezinha e modesta, para nós é sempre bem vinda toda a producção d'este nosso notavel escriptor que apenas tem o pequeno defeito de não poder entre nós ser imitado.

Ao snr. Chardron, editor dos *Criticos do Cancioneiro alegre,* agradecemos a sua distincta amabilidade.

(Da *Gazeta do Douro*).

O Gonçalinho de Carude

É o titulo do segundo volume da *interminavel* serie de romances do snr. Camillo Castello Branco, baptisados com o titulo geral de *Sentimentalismo*.

Este *morgado,* que a opulenta imaginação do nosso grande litterato acaba de procrear, vai entrar no prelo. Esperamos com as melhores disposições a visita d'este morganatico realista de novissima especie, que está compondo a *toilette* na imprensa do snr. Teixeira, á Cancella Velha, para fazer a sua entrada triumphal na republica das letras.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Novo resumo da Historia moderna de Portugal.

(ILLUSTRADO)

Um volume, 240 reis

O snr. Ernesto Chardron é o editor d'este bem elaborado epitome que tão justificada e boa aceitação obteve da imprensa em geral, e em particular d'algumas pennas experimentadas e d'uma alta competencia em tão melindroso assumpto.

N'esta ultima categoria avulta o juizo do nosso litterato o snr. Camillo Castello Branco, juizo que não duvidou adjudicar ao trabalho do snr João Diniz algumas phrases de todo o ponto honrosas para o compendio supra.

Não é tão facil como se póde afigurar a alguns espiritos superficiaes um livro d'esta ordem, feito nas condições em que vingou fazel-o o snr. João Diniz, e não poucos direitos cabem por isso ao illustrado cavalheiro para o bello acolhimento que a principio inaugurou e continúa solicitando a sua obra.

É necessario talento, criterio, muito espirito de analyse, muito espirito de synthese para o bom exito, perante a critica, d'uma tal empresa; importa saber comparar, saber discernir com entendimento imparcial e claro; sopesar as diversas opiniões e factos na balança de uma observação escrupulosa e traçar depois, com pulso firme, por entre o emmaranhado sarçal de inepcias, contradicções e parcialidades, a sinuosa trajectoria que tem de ser imperturbavelmente seguida.

Ora, o trabalho do snr. João Diniz satisfaz cabalmente a estes predicados, sob o ponto de vista da educação da infancia, alvo que o author visou, e não hesitamos em enfileiral-o entre aquelles que mais e melhor correspondem ás exigencias do momento.

Que os snrs. preceptores averiguem o que deixamos registrado e persuadir-se-hão da verdade que vai envolta n'este nosso asserto.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Escripto no estylo ameno e facil, adequado ás intelligencias juvenis, a quem é destinado, o trabalho do snr. João Diniz, firmado no de historiadores conspicuos, representa um cabedal valioso de intelligencia applicada e de sólido discernimento, sem cabedellas de erudição palavrosa, nem desprezo das leis grammaticaes, privilegio de trapalhões eruditos. A proposito do trabalho em questão, diz Camillo Castello Branco, resalvando-o, e alludindo á maioria dos cultores do genero:

«Os criticos inadvertidamente costumam dar pouca importancia aos escriptos d'esta natureza. Um livrinho de historia patria afeiçoado ao entendimento de alumnos de instrucção primaria parece-lhes objecto somenos da sua attenção. D'este desdem se aproveitaram pessoas insufficientes, publicando compendios, que favorecidos pela indulgencia, se não pela ignorancia, dos qualificadores da instrucção publica, ahi correm muito ufanos e lucrativos das suas dezenas de edições. Não se póde dizer que uns são peores que os outros; porque reciprocamente se copiam com homogenea fidelidade as mesmas futilidades, os mesmos preconceitos, uns hauridos no *La Clède*, outros na *Historia de Portugal*, composta em inglez por uma sociedade de litteratos, e muitos em Ferdinand Denis. Resumos escriptos já depois que Shœffer, Herculano e Rebello da Silva dilucidaram as obscuridades e corrigiram os desacertos, continuam gafados dos antigos vicios. Os fabricantes d'estes livros de mercantilismo desculpam-se com a evasiva de que a historia escripta para rapazes os dispensa a elles, historiadores, de a estudarem».

O trabalho do snr. João Diniz constitue excepção honrosa. Recommendamol-o.

(Da *Voz do Povo*).

A propriedade litteraria

Carta a S. Magestade o Imperador do Brazil por Manoel Pinheiro Chagas.

1 volume, 200 reis

As qualidades elevadas do polemista, que nós temos admirado no *Diario da Manhã*, estão aqui evidentes, e em prol d'uma causa justissima — a propriedade litteraria. É uma pugna por um direito que só não póde reconhecer quem estiver preoccupado por opiniões de authoridade ou por metaphysicas d'uma comprehensão obscura e absurda.

Herculano está plenamente refutado. Elle errou uma vez e acertou mil. Quem falla muito na contingencia humana não devia exigir mais.

A parte mais brilhante d'este escripto, que não só é justo mas é bello, é aquella em que o snr. Pinheiro Chagas põe nitidamente a questão nos seguintes termos: — *Nada tem com o tratado litterario entre Portugal e Brazil as doutrinas de propriedade litteraria.*

A affirmação é desenvolvida com profunda lucidez.

É uma questão de facto, e n'estas condições, *mesmo quando a propriedade litteraria não devesse ser considerada uma verdadeira propriedade, devia existir o tratado de propriedade litteraria entre Portugal e o Brazil.*

---

c

TRADUCÇÕES DE JOÃO VIEIRA

Acaba de fallecer em Fanzeres, terra da sua naturalidade, o nosso prezado amigo e distincto collega João Vieira.

O que elle valia como litterato sabem-no todos aquelles para quem não é desconhecida a sua bella traducção em prosa do poema *D. João* de lord Byron, e bem assim a dos trabalhos philosophicos do circumspecto Balmes.

Passamos em claro muitas outras publicações, como, por exemplo, grande numero de artigos inseridos em differentes periodicos d'esta cidade E comtudo, — apesar dos seus notaveis recursos, da sua larga erudição, dos seus conhecimentos da lingua e do seu elevado criterio justo, — não constava muito a sua existencia, como homem de letras, fóra d'um limitado circulo de rapazes, pelo geral seus antigos condiscipulos, que tinham na devida conta as suas altas faculdades. Era causa d'isto a profunda modestia do bom do João Vieira, e uma certa misanthropia, contrahida, em parte, na lição da sua amarga experiencia de espirito observador e sensato.

João Vieira, sobretudo, era uma grande alma generosa e benevola, com um forte ideal de justiça e um caracter digno, recto, inflexivel; — um d'estes corações sinceros, simples e valentes que atravessam, com uma incorruptibilidade heroica, as encontradas vicissitudes da vida.

Sumiu-se tudo na voragem! D'essas nobres qualidades, hoje tanto mais inestimaveis quanto ellas rareiam n'esta geração decrepita, egoista e cynica, só resta a memoria, a tua santa memoria entre os amigos leaes que te estimaram em vida e que hoje vertem umas lagrimas silenciosas no isolamento que nos deixaste abandonando-nos.

Dorme em paz, amigo! descança prematuramente na morte, em quanto os teus fieis irmãos, prematuramente cançados e vazios de esperanças, vamos tropeçando, combalidos, n'esta espinhosa via de amarguras, até que emfim repousemos, como tu repousas, no immenso leito igualitario onde nos deita a morte!

(Do *Primeiro de Janeiro*).

TRADUZIU AS SEGUINTES OBRAS:

De BALMES

O Protestantismo comparado com o Catholicismo em suas relações com a civilisação europeia. 4 volumes in-12 .... 2$400
Philosophia fundamental. 4 vol. in-12 .... 2$400
Miscellanea religiosa, philosophica e litteraria. 2 vol. in-12 .... 1$200
O Criterio, philosophia pratica. 2.ª edição. 1 vol. in-12 600

De LEGOUVÉ (*da Academia franceza*)

Historia moral das mulheres. 1 vol. in-12 800

De BYRON

EDIÇÕES DE ERNESTO CHARDRON

PUBLICAÇÕES DE 1879

Camillo Castello Branco — Eusebio Macario. D. Antonio, prior do Crato. 2.ª edição, revista pelo author. 1 vol........................... 800

Alfredo Allen (*visconde de Villar d'Allen*) — Phylloxera. Noticiario dos tratamentos e experiencias em 1878-1879 na quinta do Noval (Alto Douro). Extrahido do Agricultor do Norte. 1 vol.................................. 100

Jacob Bensabat — Novo methodo de leitura e traducção ingleza. 3.ª edição. 1 vol.. 500

J. Eduard von Hafe — Grammatica ingleza e exercicios methodicos para uso das escólas. 1 vol.. 500

Manoel Augusto de Sousa Pires de Lima — As missões ultramarinas. Discursos pronunciados na camara dos senhores deputados nas sessões de 14, 15 e 16 de maio de 1879. 1 vol........................ 200

Padre Patricio — Brinde á juventude catholica no dia da primeira communhão. 1 vol.. 120

João Diniz — Novo resumo da historia moderna de Portugal, recopilado em conformidade com o programma official, para uso dos que pretendem habilitar-se para o exame de admissão nos lyceus do reino. 1 vol. illustrado com os retratos dos reis de Portugal.. 240

Manual do gallinheiro — Indicações indispensaveis aos que se dedicam á gallinicultura. Folheto.. 150

Ahn — Curso da lingua italiana. Methodo d'Ahn, adequado ao uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswich. 1 vol.............................. 500

Ahn — Curso da lingua franceza. Methodo d'Ahn, adequado ao uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswich. 1 vol.......................... 500

Camillo Castello Branco — Os criticos do Cancioneiro Alegre. 1 volume.. 200

Antonio Peixoto do Amaral — Selecta classica de prosadores portuguezes. Elaborada segundo o programma official para as cadeiras de portuguez dos lyceus, conforme a portaria de 5 d'outubro de 1872, e augmentada com mais trechos classicos e notas. 1 vol 600

Manoel Philippe Coelho — Refutação das principaes objecções d'alguns protestantes contra a Instrucção pastoral do Em.mo Cardeal-Bispo do Porto sobre o protestantismo. 1 vol...................................... 200

D. Miguel Martinez y Sanz — Instrucção para ganhar o jubileu, concedido por S. S. Leão XIII em 15 de fevereiro d'este anno (1879). Traduzida em portuguez por Francisco Luiz de Seabra, com licença de S. Em.ª o Cardeal-Bispo do Porto. Folheto.. 100

Branco Rodrigues — Methodo de prolongar a vida, simples observações sobre hygiene pratica. 1 vol.. 200

Padre Bougaud (*vigario geral de Orleans*) — Historia da beata Margarida Maria ou origem da devcção ao Coração de Jesus. Traducção de José Joaquim Nunes, revista pelo padre Senna Freitas. 1 vol........................ 1$000

Mgr. Ségur — Conversas sobre o protestantismo. Traducção do padre Senna Freitas. 1 vol.. 200

Ignacio de Vilhena Barbosa — Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. 5.ª edição correcta. 1 vol.... 400

Manoel Ignacio da Silveira Borges — Discurso recitado na abertura solemne das aulas do seminario diocesano do Porto, no dia 6 d'outubro de 1878, e sermão recitado na sé cathedral da mesma cidade na quinta-feira santa de 1879. Folheto.. 200

da Camara — Viagens em Marrocos. Com illustrações de Manoel Ma- C. Alberto e Pastor. 1 vol. 1$000

M. Lopes de Carvalho — Noticia sobre alguns insectos uteis á cultura. Opusculo illustrado com gravuras. Folheto. 100

aillo Castello Branco — Cancioneiro alegre de poetas portuguezes razileiros, commentado. 1 vol. de 560 paginas. 1$200

z Augusto Palmeirim — Traços biographicos do exc.mo snr. Cus- io José Vieira, com o retrato do biographado. Folheto. 100

M. da Cunha Seixas — Galeria de sciencias contemporaneas. 1 sso volume. 1$500

. Luiz Maria da Silva Ramos — A soberania social de Jesus hristo, conferencia religiosa. Folheto. 200

Padre Felix (*da Companhia de Jesus*) — Conferencias sobre o socialismo, ecitadas na igreja de Nossa Senhora de Grenoble durante a quaresma de 1870. raduzidas em portuguez por Francisco Luiz de Seabra, parocho de Cacia. 1 vo- ume. 500

rancisco Antonio Veiga (*juiz de direito de 1.ª instancia*) — O direito ao alcance de todos ou o advogado de si mesmo. Diccionario de direito usual, contendo: As noções praticas do direito e modêlos e formulas de alguns actos sobre materia civil, commercial, administrativa, criminal, ecclesiastica e do processo. 1 grosso vol. 2$000

Luiz Augusto Palmeirim — Galeria de figuras portuguezas. A poesia popular nos campos. 1 vol. 800

Paulo Féval — Jesuitas! Obra traduzida livremente do francez e annotada pelo padre Senna Freitas, precedida do retrato e d'uma carta do author e outra do traductor. 2 vol. 1$000

Faustino Xavier de Novaes — Poesias, publicadas por Antonio Moutinho de Sousa. 1 vol. 1$000

O Agricultor do Norte de Portugal. Jornal illustrado d'agricultura pratica, dedicado ás provincias do norte e publicado sob a direcção e auspicios do conselho d'agricultura do districto do Porto, com a collaboração dos principaes agronomos e lavradores do paiz 1.º e 2.º annos. 6$000

A Civilisação Catholica — Publicação mensal, redigida pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos, lente cathedratico da faculdade de theologia na universidade de Coimbra 1.º anno. 1$600

Frederico Bastiat — Sophismas economicos. 1 vol. 600

Francisco Luiz de Seabra — A flôr dos prégadores ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos, para todas as domingas e principaes festas do anno. Estão publicados 8 volumes. 6$400

A Raccolta ou collecção de orações e obras pias, ás quaes os summos pontifices tem concedido indulgencias. Publicada por ordem de Sua Santidade Pio IX. Traduzida em portuguez por Francisco Luiz de Seabra, parocho de Cacia. Com licença de S. Em.ª o Cardeal-Bispo do Porto. 1 vol. 600

Antonio Fernandes Cardoso — Sentido litteral, moral e historico dos ritos e ceremonias da missa. Vertido e resumido do latim. 1 vol. 600

Padre Cros — O confessor da infancia e da mocidade. Traducção do padre Manoel Ferreira Marnoco e Sousa. 1 vol. 600

R. Padre Marchal (*missionario apostolico*) — A mulher como deveria sêl-o. Versão da 12.ª edição franceza, pelo padre Mesquita Pimentel. 2.ª edição portugueza. 1 vol. 400

José Blum — Vida do Santo Padre Pio IX. Vertida da terceira edição allemã, e annotada e additada por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar, conde de Samodães. Um magnfico volume, illustrado com primorosas gravuras e nitidamente impresso em papel vellino. 800

Gaspar Loureiro d'Almeida Cardoso Paúl — Manual do recorrente em causas civeis ou deducção systematica das disposições do codigo do processo civil, attinentes aos embargos, ás sentenças e accordãos, ás appellações, aos aggravos, ás cartas testemunhaveis, ás revistas e aos recursos da corôa. Para utilidade e uso dos que frequentam o fôro. Com um appendice, contendo a tabella dos emolumentos e salarios judiciaes nos processos civeis e orphanologicos, approvado por lei de 12 d'abril de 1877. 1 vol. 600

Abbade Ambrosio Guillois — Explicação historica, dogmatica, moral, liturgica e canonica do Catecismo, com a resposta ás objecções extrahidas das sciencias contra a religião. Obra honrada com um breve de Sua Santidade Pio IX e approvada por varios cardeaes, arcebispos e bispos. Traduzida da 12.ª edição de Paris e dedicada ao exc.^mo^ e rev.^mo^ snr. D. Manoel Corrêa de Bastos Pina, Bispo-Conde de Coimbra, por Francisco Luiz de Seabra. 2.ª edição. 4 vol. 4$000

Gaspar Loureiro d'Almeida Cardoso Paúl — Codigo civil annotado. Codigo civil portuguez, approvado por carta de lei de 1 de julho de 1867, annotado com referencias em seguida a cada artigo, aos artigos do mesmo codigo, aos do codigo de processo civil, aos da lei hypothecaria de 1 de julho de 1863 e aos publicados na Revista de legislação e jurisprudencia e no Direito, com um appendice ao mesmo codigo, contendo: a legislação vigente e correlativa, o regulamento do registro predial e legislação respectiva, a lei da extincção dos juizes eleitos e creação dos juizes ordinarios, a lei e regulamento da caixa geral dos depositos, com os respectivos modêlos, etc., e um minucioso reportorio alphabetico coordenado pelo annotador. 1 grosso vol. .... 1$600

Visconde de Moreira de Rey — Eleições liberrimas á antiga portugueza. Fafe e um governo progressista em 1879. Manifesto eleitoral ao circulo 15.º e cartas politicas ao presidente do conselho de ministros Anselmo José Braamcamp. 1 vol. 200

NO PRELO:

Camillo Castello Branco — O Gonçalinho de Carude, romance realista. 1 volume.
Narciso de Lacerda — Canticos da aurora. 1 volume.
A. L. Soares Duarte — Descobertas e maravilhas. 1 volume.
Pinheiro Chagas — Brazileiros illustres. 1 volume.
Eça de Queiroz — O crime do padre Amaro, nova edição. 1 volume.
Abbade Guillois — Explicação do Catecismo, tom. III.

JULIO VERNE

VIAGENS MARAVILHOSAS AOS MUNDOS CONHECIDOS E DESCONHECIDOS

VOLUMES PUBLICADOS E EM BROCHURA

Titulo	Preço	Titulo	Preço
Da terra á lua	900	O segredo da ilha	1$100
A roda da lua	900	O correio do czar	1$000
A volta do mundo em 80 dias	1$000	A invasão	1$000
Os inglezes no polo norte	1$100	O eclipse de 1860	1$000
O deserto de gelo	1$100	A ilha errante	1$000
Cinco semanas em balão	1$100	A cidade fluctuante	1$000
Aventuras de tres russos e tres inglezes	900	As Indias negras	1$000
Viagem ao centro da terra	1$000	O cataclysmo cosmico	1$100
America do sul	1$100	Os habitantes do cometa	1$100
Australia meridional	1$100	O doutor Ox	1$100
Oceano Pacifico	1$100	A viagem fatal	900
O homem das aguas	1$000	Na Africa	1$000
O fundo do mar	1$100	A galera Chancellor	1$100
Os naufragos do ar	1$000	A descoberta da terra (1.ª parte)	1$100
O abandonado	1$100	A descoberta da terra (2.ª parte)	1$100

Cada volume tem numerosas gravuras e custa mais 300 reis encadernado em percalina dourada

EUSEBIO MACARIO

Pelo seu assombroso talento e faculdades assimiladoras em alto grau depuradas, pelo seu modo de ser litterario, pelos estudos especiaes e aturados a que se entrega, e pela pratica extensa de redigir, dialogar ou descrever, Camillo Castello Branco é um grande romancista e um incomparavel escriptor. Em França e educado na pequenina côrte elegantissima de Sophia Gay ou de madame de Girardin, na intimidade dos artistas e dos poetas, dos sabios e dos estroinas do grande tom, no convivio quotidiano e vasto d'uma grande capital, este grande psychologo, este profundo anatomista, este homem de genio, seguramente teria dado um romancista tão fecundo e prodigioso como Balzac. No estreito meio de uma sociedade idiota, composta de brazileiros enriquecidos e hydropicos, de morgados imbecis, de bellas morgadas roliças e levianas, de vis traficantes, de roubadores de heranças, de assassinos, de velhos legitimistas intransigentes, Camillo sem restringir a esphera da sua aptidão artistica, deu-nos comtudo, temnos dado, uma galeria menos vasta que a galeria do grande Honoré, mas as suas creações valem bem muitas das figuras balzaquianas, são tão nitidas e completas como estas.

Ninguem pintou ainda entre nós como Camillo, o brazileiro do Minho, commodista, ligeiramente sceptico, avaro, sabendo *o que a vida custa,* aspirando ás honrarias, ao pariato, á nobreza, aos logares em que *se faz figura.*

Ninguem deu ainda figuras como as de certos fidalgos de provincia, de seus romances enthronisados n'um orgulho brutesco e feroz, como um ouriço na sua couraça de picos, procurando para as filhas os casamentos de conveniencia, violentando o amor e as suas inclinações fataes, armando ciladas aos amantes com criados facinoras, pelas estradas lôbregas, por noites tragicas e invernentas. E em algumas linhas de dialogo, em tres ou quatro observações sarcasticas, profundas, d'uma verdade que resalta, e punge dolorosamente, Camillo desenha ás vezes com uma precisão e uma verdade notaveis, typos immortaes, grotescamente enfatuados, perfis prudhommescos, que flagella a seu modo com vergastadas a que nenhum espinhaço resiste, sem golpes, sem listrões de sangue, e sem gritos de dôr. Disseram os senhores criticos que o romance **Eusebio Macario** filiava Camillo na escóla realista (e por signal — juntaram — o filiava desastrosamente) e aproveitando a occasião escreveram sobre as escólas do romance e sobre a individualidade Camillo, umas arengas tão amarellas quanto drasticosas.

A verdade é que o nosso grande homem tem sido ha trinta annos, entre nós, tanto ou mais realista do que Eça o foi assimilando Zola, com o seu notabilissimo talento, e Bento Moreno seguindo um pouco menos á risca a linguagem do *Ventre Paris* nos seus romances, o ultimo dos quaes muito bom.

Para comprovarmos o que dissemos basta abrir as *Novellas do Minho* e os livros quasi todos de Camillo, especialmente os ultimos.

Quanto a nós, Camillo, imitando o processo Zola e servindo-se (elle, o purista insigne, o lapidador incomparavel!) de locuções illegitimas, de gallicismos alambicados, de pequenas phrases amaneiradas como as que resultam *traduzindo á risca* os *Rogon Macquart* ou os *Contos a Ninon,* não teve em vista reproduzir a *maneira artistica* do realista francez e do snr. Queiroz (Eça) unicamente como prova da sua maravilhosa faculdade assimiladora, ou por simples vaidade da sua *pessoa* litteraria. Seguindo ainda o *processo* de observação microscopica, paciente, complicadissima e nem sempre boa dos realistas portuguezes, photographos obedientes do chefe da escóla de Paris, Camillo não mirou alardear de *talento maneavel.*

Adquirindo a linguagem viciada que mencionamos, o solitario do Alto Minho flagellou com a sua ironia terrivel os que tendo ao seu dispôr uma lingua opulenta, os que podendo escrever em estylo

largo, sonoro, saudavel e correctissimo os seus romances ou contos, lançam mão, para darem ares de innovadores e de artistas sublimes, d'uma aravia pedantesca, e fazem a versão portugueza, palavra por palavra e phrase por phrase, segundo as leis grammaticaes e a construcçtura adoptada na lingua franceza, fazendo sentir com requintada pujança, certos vicios de linguagem e certas irregularidades de dicção. Quando, por exemplo, os nossos *realistas* (sublinho a palavra referida aos Zolas, edição de *poche,* ultimamente surgidos para o bocejo nacional com o seu cacarejar de gallinhas chocas, imitadores de mau gosto do snr. Eça de Queiroz, uma individualidade notavel na litteratura do paiz, e perfeitamente fóra das nossas referencias ironicas); quando, por exemplo, os nossos *realistas* escrevem imitando passagens do *Bazilio* ou do *Padre Amaro:* gente ia passando — taipaes punham-se — brancuras de saias luziam — e outras cousas analogas, de duas uma: ou elles são rigorosamente uns fedelhos reprovados em *portuguez* pelo snr. padre Amado e ignoram a cousa mais elementar que um personagem de buço deve saber — a grammatica da sua lingua e as tradições da sua litteratura; ou então levam o seu *genio* até á pelintrice sem meias de vestirem as banalidades que desenvolvem em scenas mais ou menos acanhadas, n'uma fórma que nem inventaram, nem reflectiram, nem pelo menos comprehenderam. Em qualquer dos casos, na impossibilidade de mettermos esses grulhas n'um collegio infantil para estudarem *primeiras letras,* ou na *Correcção* para não roubarem e bolirem no que vêem pelas *vitrines* dos livreiros; em qualquer dos casos (dizemos) os senhores litteratos, de que fazemos menção, merecem alguns puxões de orelhas e acerbas troças. Pois bem, Camillo com o seu romance chacotêa dos *pequenos.* Não acreditam? Comecem a lêr as primeiras paginas do **Eusebio** e verão.

Só lendo a descripção do campo onde *pecegos pennujavam,* só lendo o trecho sobre o boticario e o filho, onde estes dous typos apparecem, um tomando hydrargyrio por causa de antigas contas no cartorio, e outro fomentando lobulos roxos e de contacto dolorido, agarrados de uma fórma imprevista áquella pequena abertura onde uma cousa começa e outra cousa acaba; só lendo esses fragmentos do livro ficarão convencidos. Porque ha muito romancista adepto do realismo que não escreve, nem observa como Zola. *Ser realista* para os senhores frangãos litterarios da cidade, é escrever como escreve entre nós o consul de New-Castle. E mais nada.

Se Eça de Queiroz não desenhasse, como desenha, nos seus livros typos vigorentissimos, acabados, esculpidos com profunda sciencia e amarga verdade, para que diabo servia o estylo d'elle? O seu estylo é justamente o seu escolho. Nos bons dias da bohemia coimbrã de João Penha, já o poeta do *Vinho e fel* reprovava asperamente ao seu amigo Queiroz o seu estylo de contrafacção, dizendo a este que não escrevia portuguez. *Flaubert* é um realista, *Droz* é um realista. E que realistas! — lêde *Bovary,* lêde *Babolain.*

E não se parecem. Mencionadamente *Droz* segue um processo perfeitamente diverso do processo Zola, sem o estreito cinto de minudencias que é o *tic* d'este ultimo. E todavia encontram-se ambos n'um ponto, na admiração que ao publico merece o talento excepcional de dous cerebros excepcionaes tambem.

Para homens de cunho, para romancistas illustres o processo não é nada. Camillo não precisa processo, como Balzac o não precisou, como Daudet o não possue. Construindo **Eusebio Macario,** Camillo Castello Branco calçou luva branca para arremessar um sarcasmo finissimo aos realistas de Portugal, sufficientemente intelligentes e educados para comprehenderem a intenção elegante do livro, e calçou luva branca n'essa mesma mão com que ha pouco tempo, na *Bibliographia portugueza e estrangeira,* esbofeteava desapiedada e minhotamente uns *va-nu-pieds* que o queriam apedrejar no caminho.

(Das *Novidades*).

MODIFICAÇÕES IMPORTANTES

INTRODUZIDAS NA NOVA EDIÇÃO

DO

CRIME DO PADRE AMARO

POR

EÇA DE QUEIROZ

Este livro é realmente, sob o antigo titulo, um romance **inteiramente novo.** Basta, para o provar, o facto de que o CRIME DO PADRE AMARO se compunha d'um volume de 360 paginas, e que se apresenta agora em **um volume de mais de 700 paginas.** Não tendo sido alargado o periodo d'acção, estas **400 paginas a mais** devem necessariamente conter novos incidentes, novos episodios, novos personagens, um drama novo.

É este, cremos, um facto unico nos annaes litterarios. Até aqui tinha-se visto um author corrigir, melhorar as successivas edições do seu livro, procurando dar-lhe a maxima somma de perfeição possivel; mas é esta a primeira vez que se vê um author recollocar sobre a banca de trabalho um romance que escrevera ha seis annos, e conservando-lhe o mesmo titulo, a mesma these, a mesma intenção, **refazel-o, reescrevel-o da primeira á ultima linha.** Póde-se questionar talvez a utilidade d'um tal emprehendimento: o romance estava escripto; fôra approvado por uns, condemnado por outros; pertencia á classe *dos factos consummados* sobre os quaes, como dizem os francezes, *il n'y a plus à y revenir.* Para que ir gastar uma quantidade enorme de trabalho, d'estudo, d'esforços para o escrever de novo? Isto, porém, é uma questão entre o author e a sua consciencia d'artista. O que interessa ao publico é saber se o *novo* romance lhe offerecerá mais interesse, maiores sensações, maior distracção, maiores commoções que o *antigo* romance. Pois bem, n'este ponto podemos afiançar que o publico será ricamente recompensado da sua espectativa. Tudo o que constitue as attracções do moderno **romance realista** foi aqui largamente prodigalisado: typos curiosos, incidentes comicos e dramaticos, um estudo aprofundado das miserias e das torpezas humanas, observação rigorosa dos temperamentos, tudo, mesmo aquellas scenas que ordinariamente se chamam *immoraes,* mas que são, a nosso vêr, a transcripção exacta dos motivos secretos e baixos que influenceiam a nossa pobre natureza.

É curioso n'este trabalho seguir as influencias que levaram o author a refazer o seu livro: nos dous ou tres primeiros capitulos vê-se que a sua intenção é simplesmente corrigir e

aperfeiçoar o estylo e estudar mais profundamente os caracteres: nos dous capitulos seguintes começam a apparecer as scenas, os incidentes novos, mas o fundo ainda permanece o mesmo; é no sexto capitulo que vemos entrar o primeiro personagem novo; e d'ahi por diante, então, o author pondo de parte inteiramente o romance antigo, arrastado pela logica do seu assumpto, attrahido pelos horisontes novos que elle lhe offerece, **decide-se a escrever tudo de novo,** como se tratasse d'um livro novo. Não contaremos, para não deflorar o interesse, as alterações do enredo. Em quanto aos novos personagens, os melhores parecem-nos o *boticario* e a sua familia, o administrador do concelho, o operario socialista, o typo singular do padre Silverio, o abbade Ferrão, e sobretudo a odiosa personalidade da *Tótó*. As scenas novas abundam: recommendamos a que se passa em casa do doutor Gouvêa, na sala das consultas, a da taberna do compadre Osorio, a da noite de pezames, e, sobretudo, a scena da administração do concelho, a melhor, a nosso vêr, que tem sahido da penna do author.

Este **novo livro** parece todavia afastar-se dos processos do realismo, e o author como que procura crear uma escóla nova, individual, e sem ligações com as que existem.

O volume estará á venda no fim de dezembro.

OBRAS DE FUNDO

Barreto Feio

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino. 3 vol.......... 2$880

Palmeirim

Poesias. 4.ª edição correcta. 1 vol. 600
Dous casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos........... 360
Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos.................. 400
O sapateiro d'escada, comedia em 1 acto..................... 160
A domadora de feras, comedia em 1 acto..................... 160

Evaristo Leoni

Genio da lingua portugueza. 2 vol. 1$800
Poesias. 1 vol................. 240

Rebello da Silva

A mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos......... 480
Othello ou o mouro de Veneza, drama em 5 actos, imitação. 1 vol. em 8.º..................... 300

Mendes Leal Junior

Os homens de marmore, drama em 5 actos.................. 360
Homem d'ouro, drama em 3 actos 300
A herança do chanceller, comedia em 3 actos................. 400
Pedro, drama em 5 actos. 2.ª edição. 1 vol.................. 400
A pobreza envergonhada, drama em 5 actos................. 480
Alva estrella, drama em 5 actos.. 300
Canticos. 1 vol. em 8.º......... 720

Almeida e Araujo

Chronica da rainha D. Maria II (completa). 3 vol. in-fol....... 3$000
1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos e 7 quadros..................... 300
Minhas lembranças, poesias...... 500

Lopes de Mendonça

Memorias de litteratura contemporanea.................... 720
Lições para maridos, comedia em 3 actos................... 400
Noticia historica ácerca do duque de Palmella. 1 vol. em 4.º.... 500

Vilhena Barbosa

Cidades e villas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas. 3 vol. com 126 estampas lithographadas.............. 3$000

Soares Franco

Sermões. 6 vol. em 8.º, contendo 74 sermões................. 2$880
Memorias da mocidade. — I. Rosas e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime. — II. As duas costureiras. Um casamento á Congrève. 2 vol........................ 1$000
Folhas da vida, poesias. 1 vol... 600

Antonio de Serpa

Casamento e despacho, comedia em 3 actos................. 320

Lima Leitão

Natureza das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza. 2 vol. em 8.º..... 800
Medicina legal, por Sédillot. 2.ª edição, augmentada de notas. 2 vol. em 8.º............... 1$200

Cesar de Lacerda

Um risco, comedia em 2 actos... 160
Scenas de familia, comedia em 2 actos...................... 320
A duplice existencia, comedia em 4 actos..................... 240
A probidade, comedia em 2 actos e um prologo............... 300
Os filhos dos trabalhos, drama em 4 actos.................... 360
Uma lição de florete, comedia-drama em 3 actos............. 180
Trabalho e honra, comedia em 3 actos...................... 300
A aristocracia e o dinheiro, comedia em 3 actos............. 300
Coração de ferro, drama phantastico em 5 actos.............. 300
O chale de cachemira, comedia em 1 acto..................... 120
É perigoso ser rico, comedia em 1 acto...................... 160
As joias de familia, comedia-drama em 3 actos.............. 300

OBRAS DE FUNDO

A harpa de Deus, opera mystica em 4 actos e 8 quadros 300

Cesar Machado e Hogan

A vida em Lisboa, comedia-drama em 4 actos 300
Primeiro o dever! comedia-drama em 3 actos 160

J. d'Aboim

A tarde entre a murta, comedia em 3 actos 240
O recommendado de Lisboa, comedia em 1 acto 80
O homem põe, e Deus dispõe, comedia em 2 actos 120
Cada louco com sua mania, comedia em 1 acto 100

Biester

Um quadro da vida, drama em 5 actos 480
A redempção, comedia-drama em 3 actos 360
Duas épocas da vida, comedia em 2 actos 240
Uma viagem pela litteratura contemporanea 200
As obras de Horacio, imitação, comedia em 1 acto 120
Um homem de consciencia, comedia em 2 actos 160
O maestro Favilla, drama em 3 actos 160

Feijó

Camões do Rocio, comedia em 3 actos 300
A torre do Corvo, drama em 4 actos 400
Carlos ou a familia d'um avarento, comedia em 4 actos 240
Pedro Cem, comedia em 5 actos.. 300
Remexido, o guerrilheiro, drama em 3 actos 300

Alfredo Hogan

As brazileiras, comedia-drama em 3 actos 300
Ninguem julgue pelas apparencias, comedia-drama em 3 actos 360
Os dissipadores, comedia em 4 actos 400
É melhor não experimentar, comedia em 1 acto 200
Memorias do coração, romance... 240
Duas mulheres da época, romance. 240
A irmã da caridade, comedia em 2 actos 160
O marido no prego, comedia em 1 acto 160
Já não ha tolos! comedia em 1 acto 80
Não desprezes sem saber, comedia em 1 acto 120
O colono, comedia-drama em 3 actos 100
Segredos do coração, comedia-drama em 3 actos 260
O juizo do mundo, comedia-drama em 3 actos 240
A pelle do leão, comedia-drama em 3 actos 200
A roda da fortuna, comedia drama em 3 actos 160
Nem tudo que luz é ouro, comedia-drama em 3 actos 200
O dia 1.º de dezembro de 1640, comedia heroica em 3 actos ... 200
O ultimo dia dos jesuitas em Portugal, drama original historico portuguez, em 3 actos, 8 quadros, e 1 epilogo 200
Pilatos no Credo, comedia em 1 acto 80
Anjo, mulher e demonio, comedia-drama em 2 actos 200
Amor e amizade, comedia em 1 acto 80
Amor virgem n'uma peccadora, comedia em 1 acto 160
A Cruz, drama em 5 actos....... 320
29 ou honra e gloria, comedia de costumes militares em 3 actos.. 360
A conversão d'um agiota, comedia em 2 actos 160

Mendes Leal (Antonio)

Poesias. 1 vol.................. 500
Abel e Caim, comedia em 3 actos. 240
Uma victima, drama em 3 actos.. 160
Dôr e amor, comedia-drama em 3 actos 200

Santos

O segredo d'uma familia, comedia em 5 actos 240
O pai prodigo, comedia em 3 actos 200
O homem das cautelas, comedia em 2 actos 200

PUBLICATIONS FRANÇAISES

ANATOMIE, PHYSIOLOGIE, CHIRURGIE, PHYSIQUE, ETC. ETC.

Aigre (Dr. Douglas) — Étude clinique sur la metallothérapie externe dans l'anesthésie. 1 vol. in-8º 500

Anthropologie — Atlas de vingt planches d'anatomie.... 2$000

Beaunis (H.) — Nouveaux éléments de physiologie humaine comprenant les principes de la physiologie comparée et de la physiologie générale. 1 vol. in-8º cart. .... 2$800

Bernard (M. Claude) — Leçons sur les propriétés des tissus vivants. 1 vol. in-8º.......... 1$600

Bourgeois (Dr. L. X.) — Les passions dans leurs rapports avec la santé et les maladies. 1 vol. in-12................. 400

Bouchut — Atlas d'ophthalmoscopie médicale et de cérébroscopie, montrant chez l'homme et chez les animaux...... 7$000

Burggrave (Dr.) — A la mer ou conseils pour la santé. 1 vol. in-12................... 400

— La longévité humaine, moyens naturels d'y arriver. 1 vol. in-12.................... 400

Cadiot (L. O.) — Traité d'anatomie générale appliquée a la médecine. — Embryogénie, éléments anatomiques, tissus et systèmes. 1 vol. in-8º.... 2$600

Campbell (Dr. Charles James) — Considerations nouvelles sur l'anesthésie obstétricale. 1ère partie in-8º............ 800

Candolle (Alphonse et Casimir) — Monographiæ phanerogamarum prodromi nunc continuatio, nunc revisio. 1.º volume: *Linilaceæ, restiaceæ, meliaceæ*, cum tabulis IX. In-8º.......... 6$000

Charcot (J. M.) — Leçons sur les maladies du foie, des voies biliaires et des reins, faites a la faculté de medecine de Paris. 1 vol. in-8º............ 2$000

Chargé (Dr. A.) — Traitement homœopathique des maladies des organes de la respiration, cavités nasales, larynx, trachée, bronches, poumons, pleures, toux et crachats. 1 vol. in-12. 1$200

Chomet (Dr. H.) — Effets et influence de la musique sur la santé et sur la maladie. 1 vol. in-8º 600

Delefowe (Dr.) — Pratique de la chirurgie des voies urinaires. 1 vol. in-12............ 1$200

Descuret (J. B. F.) — Les merveilles du corps humain, précis méthodique d'anatomie, de physiologie et d'hygiène dans leurs rapports avec la morale et la religion. 1 vol. in-8º.. 1$200

Duboué (Dr.) — De la physiologie pathologique et du traitement rationnel de la rage, suite d'études de pathogénie. 1 vol. in-8º.................. 1$000

Duclos (Firmin) — La vie, qu'es-tu? D'où viens-tu? Où vas-tu? 1 vol. in-12............. 400

Du Pré (Dr. Gaston) — La chirurgie et le pansement antiseptique en Allemagne, et en Angleterre, lettres adréssées a M. le professeur van den Corput. 1 vol. in-8º............ 1$000

Durand Fardel, etc. — Dictionnaire général des eaux minéra-

les et d'hydrologie médicale, comprenant la geographie et les stations thermales, la pathologie therapeutique, la chimie analytique, l'histoire naturelle, l'aménagement des sources, l'administration thermale, etc. 2 vol. in-8°.......... 4$000

Fort (Léon le) — La chirurgie militaire et les sociétés de seccours en France et à l'étranger. 1 vol. in-8°............ 2$000

Fort (Dr. J. A.) — Manuel de pathologie interne avec figures intercalées dans le texte, précédé de la manière d'examiner le malade et de faire les autopsies. 1 vol. in-12............ 1$200

— Résume de pathologie et clinique chirurgicales. 1 volume in-16.................. 1$200

Foy (Dr. F.) — Manuel d'hygiène ou histoire des moyens propres a conserver la santé, et a perfectionner le physique et le moral de l'homme. 1 vol. in-12. 800

Gosselin (L.) — Leçons sur les hernies abdominales faites a la faculté de médecine de Paris. 1 vol. in-8°.......... 1$400

Herzen (Dr. A.) — Lezioni sulla digestione fatta all'istituto superiore di Firenze. 1 volume in-12.................. 600

Hestrés (Dr. P.) — Étude sur le coup de chaleur, maladie des pays chauds. 1 vol. in-8° 500

Jamain (A.) — Nouveau traité élémentaire d'anatomie descriptive et de préparations anatomiques. 1 vol. in-12.......... 2$400

Jamain et Ferrier — Manuel de pathologie chirurgicale. 1er vol. in-12............... 1$600

Labarthe (Paul) — Nos médécins contemporains. 1 volume in-12.................. 950

Lapierre (A.) — Sur le diabète maigre dans ses rapports avec les alterations du pancréas. 1 vol. in-8°............. 500

Laplagne (Ch. G. Saint-Martin) — Exposé théorique et pratique des maladies vénériennes, nouvelle doctrine proscrivant les injections et le mercure. 1 vol. in-12................. 1$000

Letourneau (Ch.) — Physiologie des passions. 1 vol. in-12. 900

Leven (M.) — Traité des maladies de l'estomac. 1 vol. in-8° 1$400

Levy (Michel) — Traité d'hygiène publique et privée. 2 volumes in-8°................ 4$000

Licrébois (P.) — Autopsie de l'âme, identité du materialisme et du vrai spiritualisme. 1 vol. in-12.................. 500

PUBLICAÇÕES DIVERSAS

Ramalho Ortigão — Theophilo Braga: esboço biographico...... 60

Almanach republicano para 1880 — 6.° anno. 1 vol.......... 120

Henrique Perez Escrich — Historia d'um beijo. 1 vol...... 500

A. Arnould e **N. Fournier** — O herdeiro do throno. 1 vol.... 400

Obra completa — Cesar Cantu. Historia universal desde a creação do mundo até 1862, continuada até 1876 por D. Nemesio Fernandes Cuesta, e até 1879 com a noticia dos factos mais notaveis relativos a Portugal e Brazil por Manoel Bernardes Branco. 2.ª edição, illustrada com 18 gravuras:
Em brochura.. 20$000
Encadernada.. 27$000

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

DOZE NUMEROS, 500 REIS

SUMMARIO

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

OBRAS DE FUNDO

Collecção das obras classicas portuguezas, que se acham já reimpressas e completas

Elucidario das palavras e phrases, que antigamente se usaram em Portugal, e que hoje regularmente se ignoram, por Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo. 2 vol. in-fol......... 4$000

Historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas, por Fr. Luiz de Sousa. 6 grossos vol. em 4.º....... 7$200

Trabalhos de Jesus, por Fr. Thome de Jesus. 2 vol. em 4.º..................... 1$800

Chronica da Companhia de Jesus do estado do Brazil. 2 vol. em 4.º..................... 1$500

Historia Insulana das ilhas adjacentes a Portugal sujeitas, pelo padre Antonio Cordeiro. 2 vol. em 4.º........... 2$000

Mappa de Portugal antigo e moderno, pelo padre João Baptista de Castro. 4 vol. 3$600

Memorial da Segunda Tavola Redonda, por Jorge Ferreira de Vasconcellos. 1 vol. em 4.º.... .... 1$000

Obras completas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, dispostas e annotadas por Innocencio Francisco da Silva. 6 vol. em 8.º gr.................. 4$320

Reflexões sobre a lingua portugueza, por Francisco José Freire (Candido Lusitano). 3 vol. em 8.º gr.................. 720

Origem e orthographia da lingua portugueza, por Duarte Nunes de Leão. 1 vol. em 8.º.................. 500

Luz e calor. Obra espiritual para os que tratam do exercicio de virtudes e caminho da perfeição, pelo padre Manoel Bernardes. 1 volume.................. 1$000

Esta edição é feita sobre a primeira original de 1696, sem alteração alguma no texto.

Fastos da Igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do Christianismo, por Luiz Augusto Rebello da Silva. 2.ª edição. 2 vol.................. 960

Panorama, collecção completa. 18 vol. encadernados. 36$000

Illustração Luso-Brazileira. 3 volumes em folio brochados.............. 4$500
Encadernados........... 5$700

Barreto Feio

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino 3 vol.......... 2$880

Palmeirim

Poesias. 4.ª edição correcta. 1 vol. 600

Dous casamentos de conveniencia, comedia em 3 actos.......... 360

Como se sobe ao poder, comedia em 3 actos.................. 400

O sapateiro d'escada, comedia em 1 acto..................... 160

A domadora de feras, comedia em 1 acto..................... 160

Almeida e Araujo

Chronica da rainha D. Maria II (completa). 3 vol. in-fol....... 3$000

1640 ou a restauração de Portugal, facto historico em 4 actos e 7 quadros..................... 300

Minhas lembranças, poesias...... 500

Lopes de Mendonça

Memorias de litteratura contemporanea..................... 720

Lições para maridos, comedia em 3 actos..................... 400

Noticia historica ácerca do duque de Palmella. 1 vol. em 4.º.... 500

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÕES DE ERNESTO CHARDRON

FRANCISCO MARIA BORDALLO

ROMANCES MARITIMOS

A NAU DE VIAGEM — O GALEÃO ENXOBREGAS

1.º volume, 500 reis

I

Romances maritimos: A Nau de viagem — O galeão Enxobregas. Por Francisco Maria Bordallo. Livraria Internacional. Porto, 1880, 12. — 288 pag.

Renasce no mercado dos bons livros o saudoso nome de Francisco Maria Bordallo. Volta o escriptor querido dos moços de ha trinta annos. São protestos que vem á hora pontual em que se deturpa á geração quasi extincta dos discipulos de Garrett o seu grande capitulo na historia da litteratura portugueza.

A *Nau de viagem,* romance escripto com amavel desleixo, é bem assignalado por scenas alegres d'um realismo antigo a querer balbuciar o moderno — intermittencias febris muito romanticas de permeio com descripções naturalistas em que superabunda o sabor salgado da côr local. Seriam descabidas scenas insôssas em pleno oceano. E, se algumas morderam de mais no paladar de ha vinte annos, hoje em dia esses quadros um pouco espertos talvez que o author, vivendo, os apimentasse mais.

Lembram-se os velhos da grande voga que teve o *Eugenio,* romance maritimo, de Bordallo? Em 1848, ha trinta annos, lia-se esse livro com um fervor poucas vezes repetido com livros nacionaes, se exceptuarmos estes ultimos da nossa regeneração litteraria — os documentos da humanidade, segundo o author de *Nana. Eugenio* era uma reminiscencia da *Salamandra,* de Eugenio Sue, o Zola d'aquelles tempos, um nome que está quasi delido da memoria da gente — em menos d'um quarto de seculo! D'hoje a vinte e cinco annos que dirão de Zola os nossos filhos?

A *Nau de viagem* é bastante d'aquella escóla, mas com melhor recheio de humorismo, com os tons philosophicos d'um sceptico e d'uma intelligencia progressiva que principia a rir-se da sua mesma familia litteraria. Bordallo foi um escriptor de pulso, fino observador, com um lance de olhos perspicaz; e, por uma contradicção quasi consentanea e geral dos talentos imaginativos, era em cousas de amor um lamartinista, cantando sempre como as aves,

a cantar todas d'amores,

como disse Sá de Miranda.

O *Galeão Enxobregas* é uma narrativa urdida de lances tragicos, batalhas navaes, incendios, amores infames. Tirante o elemento dos amores adulterinos, merece ajuntar-se ás soberbas descripções da *Historia tragico-maritima.* É um qua-

dro atrozmente genuino que Bordallo transferiu d'um manuscripto do seculo XVII para a sua prosa elegantissima. Não ha que admirar a acertada profusão technologica do descriptivo: Bordallo era tenente de marinha — é o author do *Passeio de sete mil leguas*, que Almeida Garrett moribundo se comprazia de ouvir lêr a Gomes de Amorim. Sete mil leguas! Andou muito como quem tinha de viver pouco. Quando os seus collegas nas letras espreguiçavam a sua inercia nos Marrares, elle regressava emaciado no rosto, com a alvorada da morte nos pulmões, das suas viagens á America, á Africa oriental e á India. Depois, escrevia estes formosos livros maritimos que nunca devem esquecer a uma nação que sahiu opulenta do oceano e lá se afundou debaixo dos seus galeões abarrotados de canella e pimenta.

O romancista, depois de contar o destino mais ou menos piccaresco das personagens da *Nau de viagem*, conclue: «Peço, pois, ao leitor, que reze um Padrenosso e uma Ave-Maria pelas almas d'estes nossos irmãos e por todos os que andam sobre as aguas do mar». Este gracejo faz tristeza. Tambem elle, Francisco Maria Bordallo, na flôr dos annos, se desfez como a esperança sacudida pelo repellão d'uma imprevista desgraça. Tão alegre, tão abstrahido da morte o vi, poucos mezes antes de encostar a face fria ao seio d'um amigo! Vinha elle de braço dado com Bulhão Pato, um grande espirito utopista que veste as cousas triviaes de côres prismaticas e as communica com um impeto de vehemencia pouco vulgar na indole portugueza. Elles eram tão intimos quanto se deprehende da saudade que Bulhão Pato lhe consagrou em quatorze paginas do seu melancolico livro *Sob os cyprestes*.

II

Vésperas. *Poesias dispersas.* Por THOMAZ RIBEIRO. Livraria Internacional de Ernesto Chardron. Porto, 1880, 303 pag. — 8.º gr.

Pois que a poesia sentimental se está evolando como o perfume d'uma flôr que vai fenecendo no peitilho esbagaxado da musa cocodette vinda de Paris, terá a critica de retroceder aos antigos usos academicos de avaliar os poetas meramente pela vernaculidade da elocução, pela propriedade do epitheto e pela elegancia da metaphora. Voltamôs aos dias de Miguel do Couto Guerreiro. Assim usavam Neves Pereira e Francisco Dias Gomes, com Camões, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Caminha e Diogo Bernardes. Se nos restringirem a essa tarefa um tanto caturra, dar-nos-hão, ainda assim, ensejo a sobrepôr Thomaz Ribeiro no coronal dos poetas contemporaneos, hombro a hombro de Castilho. A sua prosodia é riquissima, a expressão omnimoda, e de uma soberba honrada que nunca mendiga termo estrangeirado, nem emprega lo-

cução que não esteja bem aforada nos velhos que cunharam a moeda de melhores quilates da lingua.

Vésperas. O poeta diz o que é o seu livro:

Velhos cantares são; gravaram-se uns em lapide
que vão gastando os pés dos crentes, n'algum templo;
outros rasga-os a mão que os escondia trémula!
(poetas, se me ouvis, aproveitai do exemplo!)
alguns deu-m'os a patria e o immenso amor dos meus.
Andei pelo Oriente o eterno a vêr e o ephemero;
cantei, chorei talvez! O luto era completo!...
Vamos lêr baixinho os vespertinos canticos,
onde ha de novo só, — de novo ou de obsoleto, —
que a patria canto e o amor, e que ainda creio em Deus.

O amor e a patria; mas principalmente a patria é a mais vivida inspiração d'estes cantares. Desde o imperecedouro poema *D. Jayme*, a caracteristica de Thomaz Ribeiro é um fogoso e intransigente affecto á sua terra, um donoso afêrro de beirão a esta cousa convencionalmente santa que nos faz odiosa a annexação á Hespanha. Não nos importa saber se a união nos faria o braço direito e validissimo d'uma nação gigante; o que nós queremos é ser este corpo de pygmeu anemico, com o nosso rei e o nosso Tejo, e mais as nossas inseripções e os nossos brazileiros. As *nossas* inscripções! — isto é rhetorica: entendamo-nos. Mas isto tudo em familia é bom e bonito. Se lá de longe, para nos enxergarem no mappa, carecem de violentar a geographia, e ainda assim obsequiosamente nos chamam *Hespanha* para nos não adscreverem no grupo nebuloso das regiões desconhecidas — isso não importa. A gente cá vai atamancando a sua autonomia, e contamos com a Inglaterra e com a França a que nos encostamos, assim como o veterano invalido se encosta ás muletas para contar com grande ufania casos de Aljubarrota, de Montes Claros, e outros

Casos que Adamastor contou futuros.

Dá-nos Thomaz Ribeiro poesia do Oriente; mas sua, de sua lavra. A India portugueza, se algum dia desabotoou flôr de poesia indigena, devastou-lh'a, sumiu-lhe os minimos vestigios o sirôco que lhe ventou de cá. As nossas espadas de Toledo, as nossas cruzes de pau santo e os nossos pelouros de bronze afugentaram a alegria, a juvenilidade e a segurança que desatam o espirito dos interesses baixos e o exalçam ás errantes balbuciações do amor — origem de toda a poesia, como a exprimem os Magyars, os escandinavos e as invenções, fraudulentas embora, de Macpherson.

A India portugueza não deu nada a Camões e Bocage. Compoz Thomaz Ribeiro intuitivamente com as notas que lhe arpejou o céo e a vegetação d'aquelle paiz silente como um cemiterio, umas saudosas toadas que tem a côr local, mas não atam no fio da tradição. A poesia que podia dar-lhe a Gôa dos Albuquerques e Castros colheu-a elle com mão piedosa pelos escombros das ruinas; fez ramilhetes de goivos e perpetuas para as jarras da campa dos heroes proverbiaes das chronicas; porém das raças autochthonas varejadas por Vasco da Gama não achou tradição. Uma tal qual poesia que por alli houve, a poesia malabar, — a da fé gentilica, uma fé como outra qualquer, — e que devia ter um rito e uma hymnologia, tudo isso começou a derruil-o a espada e acabou-o a inquisição de Gôa. Havia lá um dente de bugio que D. Constantino de Bragança apanhou n'um saque. Os sacerdotes gentios davam-lhe trezentos mil cruzados pelo dente divino; e o pio bragançāo pulverisou-o n'um gral para provar aos crentes que o dente do bugio era quebradiço como qualquer outro. Ora o indio, vendo que os estandartes da cruz não eram, em conflictos de guerra e naufragios, mais preservativos que o dente do seu macaco, perderam a fé na sua e na religião alheia. D'est'arte se lhes vaporou toda a poesia; porque ella não coexiste nas almas sem um norte mais ou menos idealista do seu destino. O indigena do Pegú percebia o dogma do dente do bugio; e hoje difficilmente poderá metter o proprio dente na biblia que os inglezes lhe fornecem n'um portuguez encharcado de parvoices que Thomaz Ribeiro nos communica em a nota de pag. 291.

N'este livro das *Vésperas* ha poesias d'uma saudade sombria, que fazem mal aos que para lá vão, a fugir de si e das tristezas da vida decadente. O poeta, no vigor dos annos, accusa o estadista, o bureaucratico, o ministro que, pela intermittencia onerosa dos negocios publicos, cuidou que já lhe fica muito longe a mocidade. Não o demonstra no terso vigor da inspiração, no esmeril do rhythmo. Nos seus versos não desluz uma rima violenta, e todavia affluem-lhe com rara felicidade as mais selectas e, á primeira vista, mais difficeis. Como dispõe do pleno thesouro da lingua, não sacrifica a palavras fracturadas por ellipses a construcção harmoniosa. Se uma expressão lhe

quebra a toada musical, não faz illisões asperas; mas substitue a palavra sem desaire do pensamento. Ninguem rivalisa Thomaz Ribeiro na melopêa, na amenidade, na doçura florentina dos rhythmos. Veio com este dom da sua escóla, do grande estudo que fez dos metros portuguezes, e tambem da maviosa afinação que lhe deu Castilho.

A poesia atauxiada de erudição, por via de regra, é cançativa e enfadonha. Thomaz Ribeiro tem n'este livro poemas exornados de matizes historicos, mas tão de geito e despretenciosamente enfeitados que a musa, tão culta quanto esbelta, não se compõe com aquella epica magestade roçagante que se foi com as epopêas ao ostracismo como todas as magestades em viatura das velhas musas. Como elle diz:

... ainda creio em Deus.

Parece que nos conta um caso não vulgar: crêr em Deus. As rimas da ultima roça nos maninhos francezes tratam de o abolir. Em certos poemas vê-se o diabo de luto pelo Padre Eterno, em outros está Jehovah nos paroxismos. A poesia lusitana sahiu dos seus habitos incruentos, apenas uma vez desmentidos na *Gaticania*. Actualmente um symbolismo facinora mata o amor romantico em D. João, e a piedade com o exterminio de Deus, até vêr. Estes poetas, exhaurida a mocidade que se estadêa doudamente vã e de nenhum modo funesta, que hão de fazer? Convertem-se naturalmente, e resuscitam Jehovah.

Thomaz Ribeiro tem na sua crença mananciaes inesgotaveis; no seu amor patrio uma inspiração que os acontecimentos por vir hão de acrisolar; e, quando já não sentir os impetos suaves do amor, será ainda o poeta de Deus e da patria.

ELOQUENCIA SAGRADA

PADRE A. DE G.

ENSAIOS DO PULPITO

1 vol. (esgotado)

III

Ensaios do pulpito, pelo padre A. G. Porto, 1875. — 8.º gr.

Não me recordo se a imprensa periodica archivou nos seus annaes o apparecimento d'este optimo livro. Se o fez entre a noticia d'uma novella de Escrich e o lyrismo louro d'algum artifice de alexandrinos, foi tão de passagem que eu não tenho memoria do caso. O snr. bispo eleito do Algarve, nos seus primeiros estudos dos classicos, não havia feito a mais selecta escolha de locuções. Em seus escriptos da juventude é um quinhentista apaixonado, afinando por demais na toada filintista, com affecto menos sensivel á singeleza de Sousa e Bernardes. No decurso de poucos annos, aprimorou-se-lhe o discernimento; e, posto que alguma vez se descuida ou facetêa em demasia as suas phrases com o antigo buril, este livro dos sermões deve considerar-se a norma da eloquencia sagrada. Trasladarei uma pagina que é obra de execução prima no discurso em que o doutissimo orador impugnou as miserrimas razões dos suicidas. Falla da sentinella que no posto da honra, como o desgraçado no posto da paciencia, morre no cumprimento do seu dever. O exemplo é esplendidamente colhido nas cinzas de uma cidade devorada pelas labaredas da cratera:

«Visitando as melancolicas ruinas de Pompeia, aponta-se, fóra das muralhas, o lugar d'onde as excavações trouxeram á luz, depois de dezesete seculos, o cadaver d'um sentinella romano. Appareceu jun-

to da guarita ao lado da porta que dava de rosto no Vesuvio; e appareceu incinerado, sim; mas de pé e com a lança segura na mão. D'alli ouvira os pavorosos estrondos com que a cratera prenunciava a funebre catastrophe; alli sentira debaixo de si abalarem-se com a commoção volcanica as raizes da montanha; d'alli vira surgirem, dilatarem-se, avançarem as tempestades de fogo, rolarem-se precipites as torrentes caudaes de lava, aproximarem-se, até o envolverem, as chuvas de cinza, d'enxofre e d'escorias; e não arredou pé, e não curvou a fronte, e ficou para assombro da posteridade, com a face voltada ao sitio, d'onde lentamente viera a colhel-o a morte. A medonha destruição da cidade não foi instantanea como fulminada de raio. Salvaram-se na fuga os moradores, homens, mulheres, crianças, enfermos. Mais; recolheram e levaram os seus melhores haveres e joias, que poucas descobrem as pesquizas. Ainda mais; livraram e conduziram os animaes domesticos. Em summa, nem os escravos, nem os mesmos despreziveis escravos quedaram a velar as propriedades desamparadas de seus senhores. Tudo, por terra e por mar, se escapou e poz a bom recato, como evidenceiam as exhumações n'aquelles sombrios destroços. E que é d'ella a causa porque não fugiu e se deteve ahi diante do horroroso espectaculo e victima d'elle, o misero soldado, a solitaria sentinella? Porque? pelo santo principio do dever, pela lei suprema da honra. Ficou! »

Um livro de 212 paginas assim escripto deve estar na mesa de estudo não só dos oradores sagrados, mas tambem dos profanos, e ainda de quantos professam letras ou se deleitam com ellas.

IV

Sermões selectos, do fallecido padre MARTINHO ANTONIO PEREIRA DA SILVA, professor de sciencias theologicas no seminario de Braga, etc. Porto, 1878. — 3 tom. 8.º

Praticas dogmaticas e moraes. Porto, 1880. 1 tom. 8.º

Nos sermões do padre Martinho não se busquem grandes realces de eloquencia. Elle era um erudito em ambas as theologias; mas desvelava-se todo em ser entendido dos seus auditorios mais religiosos que illustrados e exigentes em florescencias rhetoricas. O povo, em especial, era o predilecto do orador, muito amigo dos humildes. Tinha uma alta piedade que se manifestava devotissimamente em ladainhas entoadas de noite nas ruas e vozeadas por grande sequito de fieis mais pios que afinados. A sua prégação é pois desataviada de adresses. Faz lembrar, quanto á simplicidade, o Gouvêa, o Calvo, o Ceita, os seiscentistas que precederam os elegantes gongorismos e marinismos do padre Sá e do Vieira. Se a linguagem o ajudasse, padre Martinho daria uma boa amostra da lhaneza dos oratorianos Bartholomeu do Quental e Manoel Bernardes. Na exposição franca dos vicios usava as liberdades apostolicas de Nicolau Collares e outros quasi olvidados do seculo XVIII. Os sermões do padre Martinho Antonio Pereira da Silva devem ser muito versados pelos prégadores ruraes que quizerem, em vez de eloquencia safara, dar aos seus ouvintes idéas de facil digestão e d'algum aproveitamento.

LUIZ MOREIRA MAYA DA SILVA

SERMÕES ESCOLHIDOS

2 volumes, 2$000 reis

V

Sermões escolhidos de LUIZ MOREIRA MAYA DA SILVA. Porto, 1875-1879.—2 tom. 8.º

Ha 28 annos que o celebre abbade de Macieira me leu alguns d'estes bons sermões. Dizia-os com modesto enthusiasmo. Tinha uma recitação graciosa e um pouco theatral. O seu nome era glorioso n'aquelle tempo, e os livros hoje impressos sustentam a reputação do illustre finado. O abbade Maya da Silva iria mais longe se os estudos da sua profissão o trouxessem mais preoccupado. Toda a sua obra oratoria foi espontaneidade de talento quasi inculto em lucubrações theologicas, mas capaz de muito nos discursos em que a sentimentalidade valia por tudo. Expunha com muita brandura, folgava de commover a sensibilidade do seu auditorio feminino com os quadros sabidos em que os corações das mães se interessam até ás lagrimas. Era—permitta-se a amalgama estranha — um orador sagrado com ademans de cortezão. Os seus discursos, antes de orados nos templos, eram como conversados em algumas salas do Porto entre o voltarete e o taboleiro do chá. Mas não se infira que a eloquencia do abbade de Macieira era molle e afeminada. Ás vezes reprehendendo delicadamente, melindrosamente, os vicios communs, se um sorriso sceptico escumava nos labios d'alguma ouvinte menos Magdalena, o discursador dizia:

—Minha senhora, sorria v. exc.ª, mas a verdade é isto.

É o que eu digo dos 2 tomos dos seus sermões:

—A verdade é aquillo.

FRANCISCO LUIZ DE SEABRA

A FLOR DOS PRÉGADORES

OU COLLECÇÃO SELECTA DE SERMÕES
DOS MAIS CELEBRES ORADORES CONTEMPORANEOS

8 volumes, 6$400 reis

VI

A Flôr dos Prégadores, ou collecção selecta de sermões dos mais celebres oradores contemporaneos, etc., por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA, parocho de Cacia. Porto, 1876-1879.—8 tom. 8.º

O snr. Seabra verteu para portuguez limpo e de lei os sermões dos mais celebrados oradores francezes d'este seculo; entre os hespanhoes escolheu alguns de superior quilate; e, de envolta com os estranhos, incluiu na serie dos seis tomos publicados os mais distinctos do frade brazileiro Mont'Alverne, tão famoso no Brazil como entre nós onde ha muito se reproduzem edições portuguezas. A selecção foi intelligentissima e digna do esmero com que se houve o abalizado traductor. Fez um importante serviço não só ao clero que exercita o pulpito com alheias composições, mas ainda áquelle que redige os seus discursos.

O primeiro salva-se da inconveniencia de repetir Vieira e outros de somenos porte, aliás excellentes, mas incompetentes aos auditorios de hoje em dia; o segundo encontra na *Flôr dos Prégadores* os topicos, os argumentos, as peças elementares do seu discurso condensadas, sem se despender em consultas de maior tomo.

Pondo de parte os prégadores, é ainda *Thesouro* para profanos que em seu ga-

binete se comprazem em estudar a moral e a religião exposta e esclarecida com tanta unção como sciencia. Os sermões vertidos do francez lêem-se com um grande prazer que é muitas vezes uma porta que se abre á convicção. Para obra tão extensa e despendiosa concorreram elementos bem prosperados: o amor ao trabalho do illustre traductor e a incomparavel afouteza do snr. Ernesto Chardron.

AO SNR. SEABRA D'ALBUQUERQUE

Publicou o snr. Seabra de Albuquerque um *Additamento* ao primeiro numero dos *Brazões portuguezes* com o fim de refutar as emendas que lhe fiz n'este periodico e em uma nota da *Historia e sentimentalismo*. A sua refutação peora as incorrecções emendadas porque adultera no *Additamento* o que escreveu nos *Brazões*.

O snr. Seabra escreveu primeiro: «Infeliz, e bem infeliz foi D. Antonio que por toda a parte só encontrou traidores! Dos portuguezes, já degenerados da nobre e valorosa raça de Aljubarrota, só quatro mil lhe foram fieis; mas fizeram parar vinte mil na ponte de Alcantara, que eram commandados pelo maior *cabo de guerra da Hespanha — Sancho d'Avila*».

Emendei este descuido, dizendo-lhe que Sancho d'Avila não era o cabo de guerra que commandava em Alcantara; mas sim D. Fernando de Toledo, duque d'Avila.

Que tem que redarguir a isto no *Additamento* o snr. Seabra? *Que D. Sancho de Avila perseguira D. Antonio*. Mas quem lhe contestou que D. Sancho perseguisse D. Antonio? A sua réplica está fóra da questão.

Disse-lhe eu que na *Historia genealogica* vem documentos por onde se prova que Thomaz Cacheiro não era canalha nem *Thomé* como queria o snr. Seabra d'Albuquerque.

Responde que D. Antonio Caetano de Sousa escreveu depois de Manoel de Faria, e de mais a mais *tem sido combatido por muitos escriptores*, e elle mesmo snr. Seabra *já o tem encontrado em erros*.

É possivel; mas Antonio Caetano de Sousa não põe nada de sua lavra. Veja os documentos, e convencer-se-ha de que o author suspeito não fez mais que trasladar o *Testamento de D. Antonio*, e as *Instrucções* que deu ao filho quando foi para Marrocos. O nome de *Thomaz* está escripto por mão do prior do Crato, e a sua posição palaciana igualmente se acha na relação dos criados de sua casa. Quanto á veridicidade de Faria e Sousa, compare a historia de Portugal que elle publicou antes de 1640, com a *Europa portugueza*, escripta quando já era espião de D. João IV em Castella; e, se tiver paciencia, leia um largo trabalho que a respeito de Manoel de Faria e Sousa escrevi no *Curso de litteratura*. Mas o melhor é não lêr nada.

Tinha dito o snr. Seabra que *o rio Lethes deu passagem a D. Antonio para França*. Emendei que D. Antonio embarcára em Setubal.

Replíca o snr. Seabra que *se não houvesse um Thomé Cacheiro que o passou para o lado de Vianna, de certo que não iria para França*.

Muito bem. E estou satisfeito.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES

M. Pinheiro Chagas

A PROPRIEDADE LITTERARIA

CARTA A SUA MAGESTADE O IMPERADOR DO BRAZIL

Preço........................... 200 reis

A respeito da questão de propriedade litteraria, especialmente da carta que o snr. Pinheiro Chagas dirigiu, sobre este assumpto, ao imperador do Brasil, escreveu a *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro, o seguinte:

«Sob este titulo acaba o snr. Pinheiro Chagas d'escrever uma carta a S. M. o imperador, com o intento de demover o governo imperial do proposito em que parece estar, de não fazer um tratado de propriedade litteraria entre Portugal e o Brazil.

Esta questão que de tempos a tempos apparece nos periodicos e em varias publicações portuguezas tem sido algumas vezes tratada com bastante injustiça para a nossa população, que soffre as consequencias do procedimento do seu governo, ou antes, n'este caso da falta de procedimento.

De todos os escriptores que modernamente se tem occupado d'este importante assumpto, é o snr. Pinheiro Chagas um dos que menos injustos tem sido para comnosco, pois em diversos escriptos e ultimamente na carta a que nos referimos reconhece que os contrafactores são quasi todos portuguezes e que os consumidores e o paiz nada ganham com a contrafacção.

A carta do snr. Pinheiro Chagas, da qual temos apenas á vista um exemplar que nos foi fornecido por um amigo, mas que suppomos será posta á venda, destina-se principalmente a discutir e combater a opinião de Alexandre Herculano que entendia que não havia propriedade litteraria, mas que ao mesmo tempo estabelecia limites a essa propriedade, reconhecendo-lhe então a existencia; e para garantir o trabalho do escriptor lembrava uma serie de medidas que não resistem á menor analyse, tão inexequiveis se nos afiguram.

O snr. Pinheiro Chagas discute a opinião de Alexandre Herculano com uma lealdade digna do seu caracter.

Citando os principaes trechos com que Herculano defendia a sua opinião, analysa-os com perspicacia e com uma argumentação, a nosso vêr irrespondivel, destroe aquelle castello que a muitos se afigurava indestructivel.

Apoiado no exemplo das nações cultas e nos principios do direito commum, o snr. Pinheiro Chagas demonstra com uma lucidez brilhantissima não só que aquelle espirito privilegiado de Herculano não escapou á fatal influencia do demonio do paradoxo, como que o grande escriptor foi por vezes contradictorio. Esta refutação da doutrina de Herculano é acompanhada de longa serie de exemplos da sua contradicção, exemplos tirados da sua propria argumentação.

Não podendo agora dar a esta noticia o desenvolvimento que está a pedir a importancia da materia, abstemo-nos de fazer transcripções comprovatorias do que deixamos escripto.

Parece-nos tão clara, tão positiva, de uma simplicidade tão grande a argumentação do snr. Pinheiro Chagas, que estamos certos se imporá a todos os espiritos, ainda áquelles em que mais arraigada esteja a opinião contraria.

Alguns factos, porém, escaparam ainda ao illustre escriptor, quando trata de provar a contradicção de Herculano, negando a propriedade litteraria e ao mesmo tempo procurando marcar-lhe limites.

Ao lêr esta parte, occorreu-nos que Herculano legou por testamento a propriedade de suas obras, e que em um artigo do *Panorama*, escripto com a austeridade e o vigor que lhe eram peculiares, vem uma energica censura a um jornal do Brasil por haver transcripto um ou mais artigos seus, sem a devida authorisação.

N'esse artigo do *Panorama*, Herculano diz que essa folha é uma especie de feira da ladra, onde se tira a marca á roupa para se vender como propria!

Ora, quem entende que *um livro é uma*

agglomeração de idéas, e que as idéas não são propriedade de ninguem, pois são como o ar que se respira, e o sol que nos aquece, etc., parece que logicamente não tinha que reclamar contra a reproducção d'aquillo a que ninguem tinha o direito de chamar seu! A contradicção é palpavel.

Em resumo a carta do snr. Pinheiro Chagas parece-nos irrespondivel. A um dos nossos principaes homens de letras, já ouvimos a opinião de que necessariamente ella ha-de provocar alguma resolução do governo imperial.

Os nossos desejos são que ella se não faça esperar. O Brazil não tem o menor interesse n'esta ausencia de tratado; pelo contrario, tem prejuizos moraes e materiaes, pois que protege meia duzia de especuladores que lhe mancham a reputação, e deixa de receber os direitos dos livros que necessariamente seriam importados, se não houvesse tanta contrafacção.

N'esta questão ha pois o interesse dos escriptores dos dous paizes, e acreditamos que o seu esforço conseguirá arrancar do governo uma medida cuja ausencia nos acarreta tanta vergonha e tanta calumnia».

(Do *Diario Illustrado*).

OPINIÃO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DE VARIAS PUBLICAÇÕES DA LIVRARIA INTERNACIONAL

DE

ERNESTO CHARDRON

Vésperas

Um volume, 1$000 reis

A livraria do incansavel snr. Chardron começa o anno de 1880 com a edição de dous preciosos livros: as *Vésperas* de Thomaz Ribeiro, e os *Romances maritimos* de Francisco Maria Bordallo.

As *Vésperas* contéem uma collecção de poesias admiraveis, umas ineditas e outras dispersas por alguns jornaes litterarios.

Reunem um apreciavel ramilhete das variadas manifestações do prodigioso talento de Thomaz Ribeiro.

(Do *Commercio do Porto*).

Romances maritimos

1.º volume, 500 reis

Os *Romances maritimos*, que formam um volume de 288 paginas, congregam duas formosas producções d'um talento que provou brilhantemente a penna em composições d'esse genero que tão proveitoso e deleitavel é, como o romance maritimo e o romance de viagens, que tanta voga começam a ter agora, felizmente para o bom gosto e para o aproveitamento intellectual. *A Nau de viagem* e *O galeão Enxobregas*, que assim se intitulam esses productos, são dous romances maritimos, portuguezes de lei e de acção bem desenvolvida.

Publicados primitivamente no *Panorama* tiveram a bella aceitação que lograram todos os escriptos insertos n'aquella excellente miscellanea dirigida por A. Herculano; mas ficariam porventura alli ignorados de muitos, se o novo editor não os incorporasse em volume, digno de enriquecer as melhores estantes.

É inexcedivel a actividade do snr. Chardron. Póde, sem controversia, dizer-se que é o primeiro editor de Portugal. Não o intimidam as despezas; ninguem, como elle, sabe escolher o que mais convém aos geraes interesses e á propagação de bons livros.

(*Idem*).

Vésperas

Poesias dispersas, por Thomaz Ribeiro

Um volume, 1$000 reis

Thomaz Ribeiro acaba de corcar-se a si mesmo. Formando uma capella das flôres que trazia dispersas no mundo litterario, esse grande poeta acaba de tecer a corôa com que mais tarde, quando as paixões partidarias, e as rivalidades ephemeras já não existirem, a posteridade e a historia, com a sua consciencia immersa n'aquella tranquillidade que só é dada pela justiça, o ha-de ornar e apresental-o como um dos primeiros poetas do nosso tempo. Thomaz Ribeiro é sentimentalista, mas não é d'esses a que nos referimos quando fallamos de Guerra Junqueiro.

O nome de Thomaz Ribeiro existe hoje impresso na carneira de muitos livros, todos elles revelando um genio brilhante, um talento prodigioso.

A sua actividade tem sido toda entregue á nossa litteratura, que conta em Thomaz Ribeiro um dos seus mais dilectos e distinctos cultores. N'este seu ultimo livro não fez mais que colligir muitas das suas poesias, que ou jaziam ineditas, ou se achavam publicadas em varios jornaes, algumas das quaes já são bastante conhecidas e apreciadas dos nossos leitores.

Por isso limitamo-nos a agradecer ao

snr. Ernesto Chardron, editor d'este primoroso livro, o exemplar com que nos brindou.

(Do *Tribuno Popular*).

Phylloxera

Noticiario dos tratamentos e experiencias executadas em 1878-1879 na quinta do Noval (Alto-Douro), por Alfredo Allen, *Visconde de Villar d'Allen*.

Preço, 100 reis

O snr. Ernesto Chardron, proprietario da acreditada Livraria Internacional do Porto e Braga, e editor do excellente jornal mensal *O Agricultor do Norte*, extrahiu d'este e publicou em folheto de 61 paginas, pelo modico preço de 100 reis, o guia do tratamento das vinhas atacadas pelo phylloxera, cujo titulo nos serve de epigraphe.

É uma publicação importante e do mais elevado interesse, e que por si só se recommenda sem precisar de encarecimentos alheios. Que os resultados dos tratamentos ensaiados pelo snr. visconde de Villar d'Allen foram satisfactorios, mostra-o o terem sido adoptadas as suas conclusões pelo governo que acaba de subsidiar com 10 contos de reis o estabelecimento d'uma fabrica que forneça os preparados indicados para esses tratamentos.

(Da *Aurora do Cavado*).

Praticas dogmaticas e moraes

DO FALLECIDO

Padre Martinho Antonio Pereira da Silva

Preço, 1$000 reis

Em volume de 175 paginas compactas acaba de editar o snr. Ernesto Chardron para a sua preciosa *Bibliotheca do clero illustrado* a obra, cujo titulo ahi fica. Acha-se assim completa, crêmos, a publicação dos manuscriptos do finado padre Martinho, que foi em vida muito considerado entre os de sua classe, professor de sciencias theologicas no seminario de Braga, e examinador pro-synodal do arcebispado primaz.

São publicadas as *Praticas dogmaticas e moraes* sob a revisão do snr. dr. Luiz Maria da Silva Ramos, o illustrado redactor da *Civilisação Catholica*. Da introducção com que elle as apresenta ao leitor, transcrevemos nós o seguinte periodo, substituindo-o ao juizo que da obra poderiamos dar:

«É mais um thesouro de saber, de piedade e de unção verdadeiramente evangelica, que podem e devem possuir os que se dedicam ao sublime ministerio da palavra».

(*Idem*).

Romances maritimos

POR

Francisco Maria Bordallo

1.º volume, 500 reis

Francisco Maria Bordallo devia ser um dos nomes mais bemquistos e festejados da nossa litteratura, e foi-o em quanto vivo, mas ao passo que a pedra do sepulchro lhe descia sobre o cadaver, sobre o nome lhe descia o olvido n'um silencio indesculpavel. Da moderna geração quantos haverá, já não digo que lhe tenham lido as obras, mas que ao menos saibam que elle existira e fôra até o ultimo alento um lidador incansavel das boas letras?! Bem poucos por certo.

Pois dissemos e o repetimos, indesculpavel é o esquecimento a que é assim votado um dos mais formosos e investigadores talentos da vigorosa geração de 1840 a 1855.

Pai e irmãos de Francisco Maria Bordallo, José Joaquim Bordallo e filhos José Maria Bordallo e Luiz Maria Bordallo, todos se votaram ao culto das letras, e finando-se todos no vigor da existencia de si deixaram honrosa memoria. A todos, porém, se avantajou o author d'*Um passeio de sete mil leguas*, do *Eugenio*, o primeiro romance maritimo original portuguez, dos *Trinta annos de peregrinação*, e de tantos outros escriptos de valia, publicados em volumes, ou sahidos na *Revista Popular*, no *Panorama* e em outros periodicos litterarios.

Difficil é hoje o encontrarem-se á venda esses volumes, e por isso sendo todos elles dignos de reimpressão, como dignos são de que saiam em livro as obras de Bordallo dispersas pelos jornaes, applaudimos de todo o coração a empresa a que o primeiro d'entre os nossos editores, o

snr. Ernesto Chardron, acaba de metter hombros, de colleccionar todos os romances maritimos de tão estimavel escriptor.

Começa o snr. Ernesto Chardron a realisar esse seu commettimento com o volume que temos presente, e que sob o titulo generico de *Romances maritimos* contém *A nau de viagem* e *O galeão Enxobregas*.

São duas obras bem escriptas e que por modêlos se podem ter do romance maritimo. Crêmos e firmemente que o melhor acolhimento haverá do publico este 1.º volume das obras de Francisco Maria Bordallo e os que se lhe seguirem, tanto para os que se deliciarem na sua releitura como para os que pela vez primeira se derem á sua lição.

(*Idem*).

PROSPECTO
DA
BIBLIOTHECA UTIL

PUBLICADA POR

ABILIO A. S. MARQUES (Editor)

S. PAULO (BRAZIL)

A falta, no Brazil, de livros destinados ao povo, em que se lhe ministrem os conhecimentos scientificos que pouco e pouco vão transformando o mundo, animou-nos a emprehender a publicação de uma série de volumes, em que se trate das variadas questões da actualidade.

Proporcionar ao povo a familiaridade com as sciencias e todas as grandes idéas do seculo, eis o fim que tivemos em vista ao encetar esta collecção de livrinhos.

Ha no Brazil muita gente que estuda e está a par de todos os progressos intellectuaes do mundo civilisado, mas muito poucos, infelizmente, são os que communicam á socidade o resultado da sua actividade intellectual. Reina, entre nós, a apathia mental, que é, como bem diz o snr. Theophilo Braga, uma das fórmas mais invenciveis da inercia. Torna-se, pois, necessario despertar d'este lethargo, e áquelles que teem progredido na ordem intellectual occorre o dever de levar a civilisadora luz da sciencia aos que jazem immersos nas trevas da ignorancia.

Não basta só conhecermos a corrente de idéas que actúa nos outros paizes; é necessario tambem que as adaptemos ao nosso meio e as façamos circular em nossos espiritos.

O plano que delineamos para levar ávante estas publicações, resume-se no seguinte:

Popularisar, por meio de edições baratas, as artes e as sciencias que formam o patrimonio do saber, emfim todas as idéas modernas e direcções novas que apparecerem no mundo civilisado. É este hoje o plano de muitas bibliothecas francezas, d'uma das quaes transcrevemos os seguintes topicos que melhor explicarão o nosso pensamento:

«Até o presente as magnificas acquisições da livre investigação não foram postas ao alcance do povo: achamse espalhadas por uma infinidade de memorias e obras especiaes. O publico em parte alguma as achará reunidas n'uma exposição elementar e methodica, desembaraçadas dos apparelhos scientificos, condensadas, emfim, n'uma fórma accessivel.

«E, apesar d'isto, a ninguem hoje é permittido conservar-se estranho a essas conquistas do espirito scientifico moderno, por qualquer fórma que se o encare. A cada momento, nas conversações, nas leituras, se travam questões sobre estas novidades: — O darwinismo, a theoria mecanica do calor, a correlação das forças naturaes, o atomismo, a descendencia do homem, a previsão do tempo, as theorias cerebraes, etc.; e sentimo-nos envergonhados de ser colhidos em flagrante estado de ignorancia».

Como se vê, o plano é vastissimo. A *Mathematica,* a *Astronomia,* a *Physica,* a *Chimica,* a *Biologia,* e a *Sociologia,* em seus ramos particularissimos, como sejam: a *Geographia,* a *Botanica,* a *Hygiene,* a *Historia,* a *Linguistica,* a *Economia Politica,* a *Philosophia,* todas as variadas fórmas dos conhecimentos humanos teem lugar n'estes pequenos livrinhos, comtanto que a exposição seja precisa, clara e accessivel a todas as intelligencias.

Para que esta *Bibliotheca* siga um plano uniforme nos variados assumptos que tem de tratar, o editor reserva-se o direito de submetter todo e qualquer original que lhe fôr enviado, a um corpo especial de redacção composto de cavalheiros já conhecidos por suas idéas e estudos.

—

As publicações da *Bibliotheca util* serão feitas em volumes de 100 a 150 paginas no maximo formato 16.º, em boa e elegante cartonação.

—

COLLABORADORES: Dr. AMERICO DE CAMPOS, Dr. AMERICO BRAZILIENSE, Dr. ANTONIO CAETANO DE CAMPOS, Dr. GARCIA REDONDO, Dr. N. FRANÇA LEITE, Dr. F. RANGEL PESTANA, Dr. JOAQUIM RIBEIRO DE MENDONÇA, JOSÉ LEÃO, Dr. LUIZ PEREIRA BARRETO, Dr. MIRANDA AZEVEDO, JULIO RIBEIRO, Dr. SYLVIO ROMERO, e outros.

VOLUMES PUBLICADOS E EM VIA DE PUBLICAÇÃO

DO ESPIRITO POSITIVO, por AUGUSTO COMTE. — *Notas colligidas e redigidas por um discipulo. — Traducção do dr. J. Ribeiro de Mendonça.*
EDUCAÇÃO, pelo dr. FRANÇA LEITE.
ANTHROPOLOGIA, pelo dr. A. C. MIRANDA AZEVEDO.
CLIMATOLOGIA, pelo mesmo.
DARWINISMO, pelo dr. A. CAETANO DE CAMPOS.
TRAÇOS GERAES DE LINGUISTICA, por JULIO RIBEIRO.
BOTANICA, pelo dr. GARCIA REDONDO.
A POESIA CONTEMPORANEA, pelo dr. SYLVIO ROMERO.
A LITTERATURA BRAZILEIRA E A CRITICA MODERNA, pelo mesmo.
A THEORIA DA SELECÇÃO APPLICADA A SOCIEDADE, pelo dr. F. RANGEL PESTANA.

Assigna-se na livraria CHARDRON

NO PRELO:

GRAMMATICA NACIONAL

OU

Methodo moderno para se aprender a fallar e escrever sem erros a lingua portugueza mesmo sem auxilio de mestre

PELO PROFESSOR

DOMINGOS DE AZEVEDO

AUTHOR DO «OLLENDORFF APERFEIÇOADO»

A GRAMMATICA NACIONAL comprehenderá:

Introducção sobre a origem e progressos da linguagem.

Em quanto á etymologia — Definições desenvolvidas das differentes classes de palavras, seus valores. Regras sobre a applicação pratica das palavras, divididas em lições acompanhadas de exercicios que permittem que as regras se gravem na memoria sem o menor esforço. N'estes exercicios os estudantes corrigem perfeitamente os seus erros pelo conhecido systema das chamadas *chaves*.

Em quanto á syntaxe — Todas as regras de concordancia das palavras, e do lugar que devem occupar na oração, segundo a ordem de idéas que se querem exprimir. Estas regras são tambem acompanhadas de exercicios e *chaves*.

Em quanto á prosodia e orthographia — Além das indispensaveis regras: **um vocabulario** para ser consultado quando se pretender saber de prompto:

1.º O modo mais correcto de se escreverem e pronunciarem todas as palavras portuguezas que sobre este ponto offerecem duvida;

2.º Por que letras se devem, na escripta, dividir as palavras no fim das linhas;

3.º Os pluraes irregulares;

4.º A conjugação dos verbos irregulares.

Esta parte da GRAMMATICA NACIONAL, só por si, torna esta obra de um valor inestimavel para o publico em geral, e principalmente para os que exercem empregos publicos ou particulares, que os obrigam á redacção de quaesquer documentos ou correspondencias; pois no vocabulario se encontrarão sempre indicações orthographicas preciosas, e que não existem reunidas em outro livro até hoje publicado.

A GRAMMATICA NACIONAL é tambem apropriada ao uso das escólas, onde poupará aos professores innumeras explicações e o trabalho de dictar exemplos para a melhor comprehensão das regras. Servirá tambem ás pessoas que tendo, em tempos, estudado a grammatica desejam recordar as suas regras; e será da maior utilidade para os paes e mães de familia que pretenderem, por si mesmos, encarregar-se do ensino d'esta materia a seus filhos, o que lhes é facil por este methodo. Serve tambem de explicador a todas as grammaticas até hoje publicadas.

Por esta grammatica poderão os estrangeiros residentes em Portugal aperfeiçoar-se no nosso idioma.

Conterá tambem esta obra uma lista dos gallicismos desnecessarios ou repugnantes que se teem introduzido na lingua portugueza, e cujo emprego convém evitar.

CONDIÇÕES DA PUBLICAÇÃO

A GRAMMATICA NACIONAL será publicada por assignatura e aos fasciculos de 32 paginas, bem impressas, e em bom papel.

Publicar-se-ha um fasciculo cada semana, o qual custará, com a competente capa, 100 reis, garantindo-se a conclusão da obra, visto estar já completo o manuscripto.

Toda a correspondencia e assignaturas devem ser dirigidas a Ernesto Chardron — Porto.

OBRAS DE FUNDO

Rebello da Silva

A mocidade de D. João V, comedia-drama em 5 actos......... 480
Othello ou o mouro de Veneza, drama em 5 actos, imitação. 1 vol. em 8.º 300

Mendes Leal Junior

Os homens de marmore, drama em 5 actos.................. 360
Homem d'ouro, drama em 3 actos 300
A herança do chanceller, comedia em 3 actos.................. 400
Pedro, drama em 5 actos. 2.ª edição. 1 vol.................. 400
A pobreza envergonhada, drama em 5 actos.................. 480
Alva estrella, drama em 5 actos.. 300
Canticos. 1 vol. em 8.º.......... 720

Lima Leitão

Natureza das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza. 2 vol. em 8.º..... 800
Medicina legal, por Sédillot. 2.ª edição, augmentada de notas. 2 vol. em 8.º .... 1$200

Soares Franco

Sermões. 6 vol. em 8.º, contendo 74 sermões.................. 2$880
Memorias da mocidade. — I. Rosas e espinhos do amor. Chronicas de Coimbra. Dever ou crime. — II. As duas costureiras. Um casamento á Congrève. 2 vol .... 1$000
Folhas da vida, poesias. 1 vol... 600

Evaristo Leoni

Genio da lingua portugueza. 2 vol. 1$800
Poesias. 1 vol.................. 240

Antonio de Serpa

Casamento e despacho, comedia em 3 actos 320

Vilhena Barbosa

Cidades e villas da monarchia portugueza que têm brazão d'armas. 3 vol. com 126 estampas lithographadas............... 3$000

Cesar de Lacerda

Um risco, comedia em 2 actos ... 160
Scenas de familia, comedia em 2 actos........................ 320
A duplice existencia, comedia em 4 actos.................... 240
A probidade, comedia em 2 actos e um prologo 300
Os filhos dos trabalhos, drama em 4 actos.................... 360
Uma lição de florete, comedia-drama em 3 actos............. 180
Trabalho e honra, comedia em 3 actos...................... 300
A aristocracia e o dinheiro, comedia em 3 actos 300
Coração de ferro, drama phantastico em 5 actos............. 300
O chale de cachemira, comedia em 1 acto.................... 120
E perigoso ser rico, comedia em 1 acto 160
As joias de familia, comedia-drama em 3 actos.............. 300

CODIGO DE PROCESSO CIVIL

Fielmente copiado da publicação official com um SUPPLEMENTO contendo a organisação judicial em conformidade da reforma judicial posterior, designadamente a lei de 16 d'abril de 1874, e um minucioso indice alphabetico por

FRANCISCO ANTONIO VEIGA

SEGUNDA EDIÇÃO

1 grosso volume, brochado.................................... 700 reis
Encadernado.................................... 1$000 »

Porto: 1880 — Typ. de Antonio José da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

2.º Anno 1880 Numero 3

CAMILLO CASTELLO BRANCO

ECHOS HUMORISTICOS
DO MINHO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

CADA NUMERO 100 REIS

Á venda o 1.º, 2.º e 3.º

A SENHORA RATTAZZI

SEGUNDA EDIÇÃO, MAIS INCORRECTA E ACRESCENTADA

Preço 200 reis

Eduardo de Barros Lobo

VESPAS

REVISTA MENSAL, CRITICA E HUMORISTICA

1.º numero, Janeiro, 200 reis

EÇA DE QUEIROZ

O CRIME DO PADRE AMARO

Nova edição

Um grosso volume, 1$200 reis

Ernesto Chardron, Editor — Porto e Braga

Bibliographia portugueza e estrangeira — Doze numeros, 500 reis

Publicam-se annuncios mediante dous exemplares de cada obra

CENTENARIO DE CAMÕES

Uma sociedade de homens de letras celebrará o 3.º centenario do principe dos poetas portuguezes com uma publicação especial, primorosamente desempenhada pelo que respeita ao buril e á arte typographica, contendo:

O RETRATO DE CAMÕES

HOMENAGEM A CAMÕES

POR DIVERSOS POETAS PORTUGUEZES E BRAZILEIROS

A SUA VIDA E TODAS AS NOTICIAS QUE IMPORTE REMEMORAR

Para que a obra tenha o interesse e o apreço que deve ter um livro de tal ordem, são convidados todos os poetas portuguezes e brazileiros para que, sob o titulo — HOMENAGEM A CAMÕES — se dignem enviar á administração da «Correspondencia de Portugal» qualquer producção original. Por aqui se poderá avaliar a poesia lusitana e brazileira

TRES SECULOS DEPOIS DA MORTE DO EMINENTE EPICO

Subscreve-se:

EM PORTUGAL, no escriptorio da «Correspondencia de Portugal» — Praça dos Romulares, 4, Lisboa.

No BRAZIL, em todas as agencias e correspondentes do mesmo jornal.

A assignatura é paga adiantada.

Em PORTUGAL . . .	1$000 reis
No BRAZIL	3$000 » fracos

Os snrs. assignantes receberão dous retratos de Camões, um no livro e outro para quadro.

A obra deve estar prompta no dia 1.º de maio de 1880 para poder chegar ás mãos dos snrs. subscriptores antes do dia do centenario (10 de junho).

A tiragem é restricta ao numero dos assignantes. Cada poeta que concorrer para o lustre d'esta publicação tem direito a 2 exemplares.

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A SENHORA RATTAZZI

NOVA EDIÇÃO, MAIS INCORRECTA E ACRESCENTADA

1 volume, 200 reis

O *Événement*, folha que se publíca em Paris, dedica ao novo livro d'esta desdentada *bas bleu* que tanto tem dado que fallar ultimamente pela maneira tola e irrisoria com que se occupa de Portugal, as seguintes linhas:

«Se ha uma personalidade buliçosa, ia dizer taralhona, é seguramente a nobre e honesta (textual) dama que tem feito tanto ruido pelo mundo sob os diversos nomes de princeza Bonaparte Wyse, princeza de Solms e Maria Leticia Rattazzi.

«Especie de *Maitre-Jacques* politico-artistico-litterario, tem apalpado tudo sem nada profundar, sem deixar sobre cousa alguma um vestigio profundo, pelo menos pessoal. Verdadeiro Protheu de saias, tão eclectica nas cousas que lhe dão gosto como multipla nas suas aptidões, passa com desenvoltura imperturbavel e presumpção nativa, da arte de governar os povos para a arte de os enfeitiçar, castigando todas as musas sem excepção e mesmo creando as novas na mythologia, passando do *Conciones* para a penna, da penna para a lyra, da lyra para o theatro, do theatro para o cinzel do esculptor, do cinzel do esculptor para o pincel do pintor, atamancando um discurso politico, um volume de quinhentas paginas, um poema epico, uma comedia, um romance, uma estatua, uma tela, com a mesma sem-ceremonia e a mesma facilidade com que atamanca um casamento. Porque é sabido que esta nobre e honesta (textual) dama é uma grande *casadeira* (*épouseuse*) perante o Senhor, e que depois de ter sido successivamente a esposa d'um fidalgo e d'um ministro do rei de Italia, acaba de casar com um homem politico hespanhol, o snr. Rute.

«Madame Rute, pois, faz-se lembrar dos parisienses por um volume intitulado *Le Portugal à vol d'oiseau,* editado por Degorce-Cadote, e que ella assigna, não sei porque, com o nome de *Princeza Rattazzi.*

«Qual não seria o espanto d'este defunto diplomata, que não tinha direito a mais do que um *senhor* como Thiers, por se vêr assim bombardeado de principe, sem lhe dizerem *agua vai* — por um capricho da sua *variegada e voluvel* metade!

«O *Portugal à vol d'oiseau* nada tem de commum com os *Lusiadas*. É uma *trépa* em regra contra esse formoso paiz banhado pelo Tejo, e que o grande epico felizmente vingou, por antecipação, d'estes ataques systematicos. Os esboços biographicos abundam alli, e são quasi todos *des charges... à fond de train*. Querem um especimen? Eis o duque de Saldanha, que escolheu entre todos, porque

elle foi no seu tempo um vulto parisiense, na sua qualidade de embaixador de Portugal em Paris».

O *Évènement* transcreve em seguida o artigo que madame Rattazzi dedica ao duque de Saldanha, e que termina com este estafado chavão:

Se non è vero è ben trovato.

A que o *Évènement* acrescenta:

«Não sei se é *ben trovato*, mas o que é certo é que não são semelhantes historias que darão prestigio á memoria de um velho soldado».

(Do *Commercio Portuguez*).

Está na ordem do dia; todos se occupam d'ella, e se é triste a celebridade alcançada, ainda assim conseguiu o seu fim a pseudo-princeza, que era dar que fallar.

Na primeira pagina encontrarão os leitores parte de um estudo que á sujeita em questão consagrou Alphonse Karr, em quanto não chega o dia de ámanhã tão sofregamente esperado desde que se annunciou para então o apparecimento d'uma engraçadissima tosa com que Camillo Castello Branco corrige as demasias sérias da litterata irreverente e descortez. Chardron, o editor infatigavel, já não sabe como corresponder a tempo e horas aos innumeros pedidos que lhe chovem de toda a parte, e deu ordem para triplicar a tiragem que tencionára fazer a principio. Camillo esfolando aquella *ratazana*... deve ser delicioso!

(*Idem*).

Em que peze á seriedade da critica, é forçoso confessar que este primoroso folhetim, tão anciosamente esperado, e que acaba de sahir á luz, é o correctivo devido ao livro *Portugal à vol d'oiseau — Portugais et portugaises*, onde a snr.ª princeza Rattazi, tão leviana, ignara e petulantemente falla do nosso paiz, dos nossos homens politicos, dos nossos escriptores e das nossas cousas, obra que o snr. Camillo Castello Branco classifica de mexeriqueira, indiscreta, — e do mais que não avançamos aqui para não cortar surprezas a quem quizer lêr a apreciação.

N'esta analyse do livro sente-se esfusiar boas gargalhadas a musa caustica que annotou alegremente a *Formosa Lusitania* de lady Jackson.

As damas portuguezas, que a snr.ª princeza achou feias, não podiam encontrar um Magriço mais denodado nem mais prompto para confundir as *bas bleus* desastradas.

A *tosquia*, superior á de Castilho, é aspera e desapiedada, mas afigura-se-nos merecida e a tempo.

A mesma paciente a justifica, como não hesitamos em demonstrar com uma indiscrição que nos permittimos fazer, a despeito de todas as praxes estabelecidas: *proles sine matre creata*, valha o latim.

N'uma carta que a escriptora escreveu á redacção d'um jornal d'esta cidade, pedindo indulgencia para a sua obra, escreve:

«... je l'ai écrit (le volume) au jour le jour, au courant de la plume, et en passant, pour ainsi dire, par conséquent sans prétention aucune. Je crois avoir montré la plus grande imparcialité pour tout ce qui est grand et utile, et l'on doit me pardonner quelques plaisanteries sans importance et surtout sans parti-pris qui ne méritent certes pas une critique sévère».

Depois d'esta confissão, a critica grave perde os seus direitos; e permitte-se o gracejo, admitte-se a troça, como conclue o snr. Camillo.

Foi o que o illustre romancista fez, e com a exuberancia e felicidade que mostrou na resposta aos criticos do *Cancioneiro alegre*.

Quem se metter lá fóra a ajuizar do nosso paiz pela mesma fórma, póde contar com o *appendice* implacavel do nosso romancista, embora pronuncie bem o *portugaison*.

(Do *Commercio do Porto*).

É uma critica acerada, como o seu author sabe fazel-as, ácerca do livro d'esta princeza: *Portugal á vol d'oiseau — Portugais et portugaises*.

A quem argua Camillo Castello Branco de bastante descosido no exame d'este livro, observa elle que bispontou sobre os alinhavos atrapalhados da senhora princeza. «Se me acharem um pouco em mangas de camisa, façam-me o favor de vêr que a «shoking» irlandeza nos visita de penteador de rendas transparentes e chinelinha de chinchilla».

Na apreciação de cousas e pessoas do nosso pequeno paiz, resalta em verdade que a princeza o viu, menos a vôo de passaro do que por entre a cerração da

pequenina maledicencia de soalheiro. As inexactidões formigam, e o illustre critico, que é tratado pela princeza sem consideração pelo seu robusto e florentissimo talento, apontando-as ao correr da penna, não esquece a lei de Talião: braço por braço, olho por olho, dente por dente.

O opusculo sahiu hontem a lume e já tem quasi esgotada a edição.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Publicou ultimamente em Paris a princeza Rattazzi um volume das *suas* impressões em Portugal, que intitulou *Portugal à vol d'oiseau*. É uma obra inqualificavel em todo o sentido, e que por modo algum abona quer a sisudez de caracter, quer o espirito de observação, quer a imparcialidade de juizo, quer até por vezes a dignidade da authora. Deturpação completa dos factos e dos costumes, ignorancia inteira da lingua que escalavra a cada passo, critica pedante de cousas e pessoas, linguagem por vezes pouco digna de escriptor e sobretudo de senhora que se preze, eis o corpo e espirito do *Portugal à vol d'oiseau,* obra desgraçada e lastimavel em todo o sentido.

Tendo tido o snr. Camillo Castello Branco a admiravel coragem de lêr as suas 415 paginas, não obstante o engulho e nauseas que por vezes, se não em todo o decurso d'ellas, sentiria, lançou em opusculo de 48 paginas, editado pelo snr. Ernesto Chardron, as impressões que d'esse acto verdadeiramente heroico lhe ficaram.

Pobre princeza Rattazzi!... que é feito de ti e do teu *Portugal*, depois d'essa sova monumental mas merecida?! Eis-vos ambos em farrapos e vertendo sangue que jámais se estancará...

Leiam os nossos leitores, leiam *A senhora Rattazzi,* de Camillo Castello Branco, que por perdido não haverão o tempo, e haverão por justificados a cognominação e papel que Guerra Junqueiro lhe deu de princeza *Ratazana,* na *Viagem á roda da Parvonia.*

(Da *Aurora do Cavado*).

Como prevêramos, a 1.ª edição d'este folheto de Camillo Castello Branco, esgotára-se apenas eram passados poucos dias depois da sua publicação. O publico illustrado tinha dado mais uma prova do alto apreço e sympathia que nutre por aquelle grande escriptor, e Camillo contava mais um estrondoso triumpho na sua brilhante carreira de litterato.

D'esta vez o merito não foi desprezado, o que entre nós já é muito para agradecer. Em vista da recepção aliás merecida que teve este pequeno mas precioso trabalho de Camillo Castello Branco, resolveu este publicar uma segunda edição que declara *mais incorrecta e augmentada,* phrase que mais adiante confirma nas seguintes linhas:

«N'esta edição augmentam as incorrecções á proporção das paginas. Algumas vão muito alagartadas de francezias para que sua alteza perceba pouco que seja do pamphleto».

Que excessiva modestia! N'esta 2.ª edição os bons ditos multiplicam-se. Em cada palavra um espinho que fere, em cada phrase uma ironia que dilacera. Entre muitos ditos engraçados de que estão repletas as paginas d'este folheto, não nos podemos furtar ao desejo de transcrever este:

«A senhora Rattazzi ri muito das superfetações cosmeticas e oleosas do conde M. Valha-nos Deus! A senhora princeza, como objecto colorido, é ha muitos annos uma chromo-lithographia das obras do bibliophilo Jacob. Que Alphonse Karr me não deixe mentir».

A princeza Rattazzi uma chromo-lithographia! Admiravel!

A um escriptor que tomou a defeza da princeza Rattazzi no *Jornal de Noticias* allegando ser de mau gosto, e falta de espirito o zangarem-se os portuguezes com os beliscões da escriptora dá Camillo esta resposta que para nós é a critica mais completa e verdadeira que se póde fazer a essa meia duzia de *piadas* que Rattazzi dirige aos homens mais respeitaveis da nossa litteratura. Eil-a:

«Não ha feminilidades que se respeitem desde que a mulher se masculinisa, e, como escriptora virago, salta as fronteiras do decoro, sofraldando as espumas das rendas até á altura da liga azul-ferrete».

E assim continua Camillo, sempre por este alamiré, reproduzindo a critica feita na 1.ª edição ao livro de Rattazzi, mas cada vez com mais graça, introduzindo aqui e alli mais ratices da princeza, ridicularisando-as n'uma só palavra, n'uma unica admiração, n'um simples grifo.

No fim da leitura desata-se a gente á gargalhada, e o que faz é... recomeçar. Em vista d'isto não nos enganaremos, se

*

dissermos que esta 2.ª edição ha-de ter a mesma sorte que a 1.ª — o de em breve ser esgotada. É este o nosso ardente desejo, porque além de ser uma prova de consideração e estima pelo grande e notavel escriptor, é além d'isso uma prova de sympathia mui justamente merecida ao acreditado editor, o snr. Ernesto Chardron, a quem tributamos os nossos agradecimentos pelo exemplar que nos offereceu.

(Do *Tribuno Popular*).

PUBLICAÇÕES DE FRANCISCO MARIA GOMES DE SOUSA

Dous mundos. 1 vol.............. 200
O futuro dos trabalhadores e da industria em Portugal. 1 vol... 200
A Homœopathia, medicina ao alcance de todos. 1 vol......... 200
Os partidos politicos em Portugal. A Regeneração. 1 vol.......... 200
Supplemento ao Codigo das alfandegas. 1 vol.................. 3$200
O trevo de quatro folhas, original de E. Laboulaye. 1 vol....... 400
O inverso da historia contemporanea, original de H. de Balzac. 1 vol........................ 500
Por bem fazer mal haver, original de H. P. Escrich. 1 vol....... 400
O talisman de Robert Nels, original de E. Deligny. 1 vol...... 400
Memorias d'um caixeiro, original de Adolpho Belot. 1 vol....... 600
O ferreiro da abbadia da Côrte de Deus, original de Ponson du Terrail. 2 vol................ 1$000
Os filhos de Judas, original de Ponson du Terrail. 2 vol...... 1$000
Historia natural e social d'uma familia no tempo do 2.º imperio, original de Emilio Zola. 2 vol......................... 800

NOVAS PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Padre Antonio Vieira — O Chrysostomo portuguez, novo ensaio de eloquencia, compilado dos seus Sermões. 3 grossos vol.................... 5$400
Urbano de Castro — A princeza na berlinda. Rattazi à vol d'oiseau, com a biographia de sua alteza. 2.ª edição. Preço........................ 100
Camillo Castello Branco — A senhora Rattazzi. Nova edição, mais incorreta e augmentada. Preço.................................. 200
Eça de Queiroz — Scenas da vida devota. O crime do padre Amaro. Nova edição, inteiramente refundida e recomposta. 1 grosso vol............... 1$200
Christovão Ayres — Indianas e portuguezas. 1 vol.............. 500
Manoel Ferreira Ribeiro — As conferencias e o itinerario do viajante Serpa Pinto. Estudo critico e documentado contendo tres cartas geographicas. 1 grosso vol... 1$600
J. de Sousa Duarte — Tratado pratico dos testamentos. Directorio dos testadores e dos testamenteiros, conforme a legislação em vigor, com formularios. 1 vol.. 400
Soares Romeo Junior — Armas e letras. 1 vol.............. 600
Litteratura americana — Evangelina, poema de Henrique Longfellow, traduzido por Miguel Street de Arriaga. 1 vol........................ 600
Premios para crianças — Contos infantis, com seis bonitas chromolithographias:

A 100 reis:

O rei dos traquinas.
Os meninos ladrões.
O homem voador.
Aventuras de Pedro e de seu papagaio.

A 60 reis **(formato mais pequeno):**

O gato magico.
João o endiabrado.
Os animaes domesticos.
Novo alphabeto infantil.

MDCCCLXXX

(10 DE JUNHO)

TERCEIRO CENTENARIO DA MORTE

DE

LUIZ DE CAMÕES

A opinião publica agita-se em torno dos programmas; as vozes patrioticas, que pedem uma solemnidade nacional em tudo digna do genio tutelar da nossa litteratura, augmentam de dia a dia, e devem, quando reunidas, dar o esplendido accorde inaugurador da festa.

Que o amor da patria inspire os protectores da idéa nacional e reuna em boa harmonia os elementos que o impulso da opinião publica vai trazendo á luz.

No meio do nosso trabalho d'artista, e com a consciencia da nossa posição modesta, mas firme no sentimento do dever patriotico, e confiado em testemunhos de estima que não se conquistam facilmente, lembramo-nos de expôr a todos os que ainda prezam a lingua portugueza, e o poema que a illustrou, um projecto para uma medalha grande commemorativa do centenario.

Poucas solemnidades nacionaes teem passado sem que tenhamos concorrido a ellas com o trabalho do buril: assim, passo a passo, temos acompanhado o movimento ininterrupto e insculpido no bronze os factos que mais illustram a civilisação portugueza no seculo presente.

Não podiamos, não deviamos faltar no momento mais solemne, no centenario do poeta que, querendo morrer na patria «e com ella» lhe legou, na ultima despedida, o documento da immortalidade.

Será esse o tributo da nossa admiração a Camões, e mais um documento justificativo do titulo com que nos honramos de artista portuguez.

Propomo-nos pois abrir e cunhar uma medalha commemorativa do terceiro centenario de Camões. A medalha será em bronze, tendo na frente a effigie de Camões tirada do retrato considerado mais authentico, e no reverso uma allegoria.

Da medalha em bronze, que será a verdadeira medalha commemorativa, cunhar-se-hão 500 exemplares, cada um dos quaes custará 2$250 reis.

Além d'estes, cunhar-se-hão mais 6 exemplares em ouro, ao preço de 100$000 reis cada um, e 40 em prata, custando cada um 13$500 reis.

José Arnaldo Nogueira Mollarinho,

GRAVADOR DE MEDALHAS

Academico de merito da Real Academia de Bellas-Artes de Lisboa; Socio correspondente da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; Cavalleiro da Ordem de Christo; premiado nas exposições nacionaes de 1857, 1861 e 1863, e nas internacionaes do Porto em 1865, de Madrid em 1871, de Vienna d'Austria em 1873, e de Philadelphia em 1876.

---

1 FRANC VAUT 180 RÉIS

ON SOUSCRIT À LA LIBRAIRIE ERNESTO CHARDRON

500 exemplares em bronze a............ 2$250 reis
40 exemplares em prata a................ 13$500 reis
6 exemplares em ouro a.................... 100$000 reis

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Bibliographia Portugueza e Estrangeira

12 numeros, 500 réis

Agradecemos o n.º 1 do 2.º anno d'esta interessantissima publicação, que o snr. Ernesto Chardron se dignou enviar-nos.

A collaboração de Camillo Castello Branco tem dado a esta publicação a mais lisongeira acolhida, e os seus escriptos n'este numero são incontestavelmente de subidos quilates.

(Do *Penafidelense*).

Agradecemos ao snr. Ernesto Chardron o n.º 2 (2.º anno) d'esta publicação de que é editor. Contém ligeiras apreciações criticas pelo snr. Camillo Castello Branco a respeito d'algumas obras ultimamente publicadas. Ainda que ligeiras, são conceituosas e interessantes, como tudo o que sahe da lavra do snr. Camillo... sem embargo dos embargos da mirifica princeza Rattazi.

(*Idem*).

Recebemos e agradecemos o n.º 11 d'esta digna publicação, que traz sempre artigos do mais subido merito, em cuja leitura nos deliciamos.

(Da *Estrella Povoense*).

Grammatica ingleza e Exercicios methodicos

POR

J. Eduardo von Hafe

1 volume, 500 reis

É obra de todo o ponto recommendavel para o fim a que é destinada, que n'ella adopta seu author o melhor methodo d'ensino, e n'este demonstra bem qual a competencia que o longo tirocinio do magisterio lhe tem dado para obras de tal natureza.

A' actividade na verdade pasmosa do snr. Ernesto Chardron, digno dos mais justos e merecidos encomios, muito deve a instrucção publica e a sciencia; porquanto elevadissimo é o numero das obras elementares e de ensino que tem entregado á luz da publicidade.

(Do *Bejense*).

O Agricultor do Norte de Portugal

Jornal illustrado de agricultura pratica

Por anno, 3$000 reis

Recebemos e muito agradecemos o n.º 11 do 2.º volume. O acolhimento altamente lisonjeiro que tem tido em todo o paiz esta excellente publicação dispensa de a encarecermos. Basta saber que o seu editor é o snr. Ernesto Chardron, proprietario da livraria Internacional do Porto, cuja intelligencia não se occupa na edição de futilidades.

(Da *Estrella Povoense*).

Na sua especialidade, o *Agricultor do Norte* é a publicação que conhecemos mais util para o nosso paiz.

Temos d'ella fallado como merece a sua superioridade.

Hoje, por falta de espaço, limitamo-nos a transcrever o summario d'este numero, por onde os leitores verão a importancia dos artigos.

(Da *Correspondencia de Coimbra*).

Novo Methodo de Leitura e Traducção Ingleza

POR

Jacob Bensabat

1 vol. 500 reis

Vão-se multiplicando as obras elementares d'ensino e motivo é este para se regosijarem todos os que anhelam por que a instrucção attinja entre nós e occupe o lugar que lhe compete, que d'ahi virá um grande impulso para as sciencias e letras, e a transformação do nosso estado social, ainda tão atrazado, infelizmente, apesar do progredimento dos ultimos tempos, em tudo o que respeita á educação da infancia e da mocidade, tomada esta palavra no sentido mais lato.

Para o edificio que assim se vai levantando, tem o snr. Jacob Bensabat acarretado já não poucos e excellentes materiaes, no que respeita ao estudo da lingua ingleza, e na nova edição correcta, que acaba de sahir á luz, do seu *Novo methodo de leitura e de traducção ingleza* mais um testemunho nos dá de seus desvelos pelo desenvolvimento do estudo da mesma lingua, e sua competencia para alargar e tornar mais comprehensivel e facil esse estudo entre nós.

(Da *Aurora do Cavado*).

Vésperas

Poesias dispersas de THOMAZ RIBEIRO

1 volume, 1$000 réis

Parte da geração nova educou-se no desdem pelo nome do author do *D. Jayme* e tem sorrisos de mofa para o cantor patriota. Mas, a verdade é que pouco importa á critica o sorriso mais ou menos authorisado, mais ou menos consciente, d'um ou outro eunuco que se rebola n'um empôrcalhado tapete de mexericos, de intrigas e de imbecilidades. Nem o renome litterario do snr. Thomaz Ribeiro — nem qualquer outro — tem que vêr no sarapatel indicado. Isto parecenos bem assente.

A verdade é que o novo livro do snr. Thomaz Ribeiro, affirmando a *fadiga* do poeta, apresenta-nos a espaços, lampejos de sentimento e de elevação. É uma nobre musa a do snr. Thomaz Ribeiro, em que peze ás *flôres d'alma* e outras ingenuidades, filhas de prurido de escóla. Não poucas paginas do *D. Jayme*, hão-de sobreviver, com as *Novas Conquistas*, a *Festa e caridade*, e, no presente livro, a *Velha*, *Nunquam Flebilis*, *Ao pôr do sol*, e as *Canções da India*.

É uma bella sahida de scena. Thomaz Ribeiro offerece-a a Camillo Castello Branco, o gigante que não sahirá tão cedo — ainda mal para os grotescos que lhe rosnam á temivel sombra.

(Da *Voz do Povo*).

Assim se intitula um livro recentemente publicado pela casa Chardron, e devido á penna inspirada do mavioso poeta Thomaz Ribeiro.

N'este volume colligiu o justamente festejado cantor do *D. Jayme* poesias dispersas, umas que ainda não tinham sido impressas, e outras que já haviam visto a luz da publicidade. N'umas, porém, como nas outras, Thomaz Ribeiro mostra-se crente sincero, e patriota leal.

Perfeitamente conhecedor da lingua portugueza, excellente metrificador, de estylo florente e elevado, Thomaz Ribeiro ha-de ser sempre estimado em muito por quantos prezem as boas letras e apreciem a verdadeira poesia.

Se quizerem uns versos maviosos e suaves, em que, por assim dizer, se esteja retratando a bonissima alma e o amoravel coração d'um sympathico poeta, leiam os versos de Thomaz Ribeiro. Depois da crença em Deus e da dedicação pela patria, encontra-se nos seus versos a consagração d'esses dous elevados sentimentos que prendem as almas e aproximam os corações — o amor — e a amizade.

Quem, porém, gostar da poesia realista, que faz gala de descrever minuciosamente e retratar com fidelidade quantas miserias e pustulas se encontram por esse mundo, e que, quando as não vêem bastante immundas e ascorosas, as inventa e phantasia, então escusam de abrir os versos de Thomaz Ribeiro, que por sem duvida não satisfarão a taes paladares.

(Do *Amigo do Povo*).

O incansavel editor portuense o snr. Ernesto Chardron, crédor de justo louvor pelos importantissimos serviços que tem prestado á litteratura, á sciencia e á instrucção, nas obras que tem editado e entregado á luz da publicidade, acaba de fazer sahir da acreditada typographia da Companhia Litteraria, Porto, um livro, verdadeiro penhor litterario, cujo titulo nos serve de epigraphe.

O cantor da *Delphina do Mal* dedicou o seu novo livro, repleto de estrophes esplendidas e admiraveis, ao snr. Camillo Castello Branco.

Não cabe aqui fazer a apreciação critica das *Vésperas*, nem tão pouco a ousariamos elaborar porque o nome do seu author está acima de tudo que ácerca dos seus trabalhos litterarios se possa dizer.

(Do *Correio do Ave*).

....

As formosas poesias das *Vésperas* vê-se que foram concebidas n'este ambiente calmo em que não se ouve o ruido dos martellos no descoser thronos e altares. Zumbe em derredor do espirito do poeta um como enxame de abelhas que elaboram o mel de quanto ha mais suave na existencia e mais grato no coração de quem se recorda e recompõe, com as tristezas da saudade, a imagem dos tempos idos. Se alguma vez tem lagrimas, são lagrimas que se distillam como balsamo no coração dos que soffrem. Os sorrisos que lhe encrespam uma vez por outra os labios, movidos pelo amor da patria, corta-lh'os o aspecto de tantas ruinas, aqui, no berço dos ousados navegadores, e além, nos palmares da India, berço da aurora e derrocado monumento da gloria antiga portugueza.

Isto em quanto á idéa. Quanto á fórma, tersa e portugueza, elegante sem rendilhados excessivos, é essa por ventura uma das mais assiduas preoccupações do poeta. Os seus versos teem o quer que seja de constante sonoridade bocagiana; adoecem do excesso d'esta virtude — chegam a cançar pela afinação irreprehensivel.

Feliz defeito ainda assim.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

EXEMPLOS DE VIRTUDES CIVICAS E DOMESTICAS

POR

I. de Vilhena Barbosa

1 volume, 400 reis

O snr. Ernesto Chardron acaba de fazer a 5.ª edição d'este prestimoso livro do snr. I. de Vilhena Barbosa, destinado para leitura nas escólas. Diz o author no prologo: « Para desenvolver o gosto pelo estudo da historia patria, es-

bocei n'elle quadros variados, sempre com o fito d'instruir deleitando. Para fazer desabrochar nos espiritos infantis idéas sãs e generosas, pensamentos nobres e patrioticos, procurei para a composição de taes quadros as acções de nossos maiores que mais nobilitam o homem no seio da familia e da sociedade. Patenteando e dando relevo a tantos exemplos de virtudes civicas e domesticas, com que se illustra a nossa historia e se engrandeceu a monarchia, esforcei-me por commetter ao meu livro a missão de despertar e arraigar no peito da infancia o santo amor da patria e da familia, d'envolta com todas as virtudes, que mais podem elevar-nos no conceito das nações e na estima de Deus». E da tarefa se desempenhou o snr. Vilhena Barbosa por modo digno da sua alta competencia e distincta reputação litteria. Custa 400 reis este livro e tem 254 paginas.

(Do *Penafidelense*).

Do incansavel editor portuense o snr. Ernesto Chardron acabamos de receber um bonito volume de 254 paginas, com o titulo acima. É mais um importante serviço prestado á causa da instrucção, a publicação d'aquelle excellente trabalho d'um dos mais importantes sacerdotes da instrucção popular, o snr. Vilhena Barbosa.

Ao snr. Ernesto Chardron agradecemos a offerta, e fazemos votos por que não desanime na cruzada que até hoje tem sustentado dignamente em favor da instrucção nacional.

(Da *Gazeta do Norte*).

Este livro é pelo author offerecido para leitura nas escólas e destinado a desenvolver o gosto pelo estudo da historia patria. Estão n'elle compendiadas grande numero das acções homericas e levadas a cabo pelos nossos avós e que ante ellas ficava o mundo absorto. O preço é apenas 400 reis, o que está ao alcance de todas as bolsas.

(Do *Bejense*).

O merito do livro é sobejamente conhecido de todos os homens que lêem. A sua apreciação critica tem sido feita por escriptores eminentes. Mas o seu maior elogio, que dispensa todos os encomios, é o numero de edições que teve n'um curto prazo de tempo.

(Do *Commercio do Lima*).

O editor o snr. Ernesto Chardron publicou a 5.ª edição correcta dos *Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal,* pelo snr. Ignacio de Vilhena Barbosa.

Que precisamos de dizer em honra de um livro, de que esta é a 5.ª edição?

N'este facto está a prova da estima em que o publico o tem tido.

(Do *Conimbricense*).

MOMENTOS D'OCIO

POR

Joaquim da Cunha Cardoso

1 volume, 500 reis

O snr. J. da Cunha Cardoso, author d'este livro de prosa e verso, editado pelo snr. Ernesto Chardron, vai como prosador na esteira dos Escrich e outros romancistas de vôos pacificos, e preconisadores da virtude premiada. O mundo seria toleravel, pelo menos, se estes corações bons não houvessem de soffrer-lhe o permanente desmentido. Em todo o caso, paginas como aquellas, são consoladoras dado que não acertem de serem lidas com phrenesís pelos rebeldes a caricias, que descobriram na dôr a voluptuosidade que n'ella existe.

Como poeta, vai mais desafogado com o nosso Faustino Xavier de Novaes, do que com outro *cabecilha* litterario, o author dos *Momentos d'ocio*. É fluente, alegre, metrifica pelo ordinario com extremos de cuidado e tem observação que

farte a alimentar-lhe a musa. O livro lê-se com muito agrado e todos os senões desapparecem ao notarmos a original modestia do honrado trabalhador e o acatamento com que recebe annotações.

Agradecemos sinceramente ao snr. Cunha Cardoso a offerta do seu livro.

(Da *Voz do Povo*).

Momentos d'ocio, no rosto d'este livro, quer dizer o trabalho que succede ao trabalho, o labor do espirito, depois do labor material que constitue o ganha-pão quotidiano. Como Guttenberg, Franklin e Proudhon, o author dos *Momentos d'ocio* meneia o componedor do typographo, e nas horas de repouso entrega-se a locubrações litterarias. Bem entendido que está longe de altear-se ao nivel das celebridades que citamos e nem sequer se lembra d'isso; nós é que o recordamos propositadamente como realce algumas vezes e outras tambem como desculpa das qualidades que revela como escriptor.

A primeira parte do livro é um conto original, em prosa, *O premio da virtude.* A acção deriva-se singelamente, sem apparatos de factura. A phrase é quasi sempre apropriada e o conceito recommenda-se sobretudo por um bom senso que nem sempre vêmos respeitado em obras de maiores prosapias e de mais puros quilates artisticos. Sem um pequeno ataque de *sensiblerie* gemebunda, e sem monologos tão extensos, esta estreia auspiciosa daria jus a que seu author recebesse, sem favor, as esporas de cavalleiro no campo da litteratura amena.

Na segunda parte, poesias, adivinha-se um discipulo aproveitado de Faustino Xavier de Novaes. Não lhe falta estro, veia comica, uma certa fluencia e naturalidade. *Revelações d'uma pulga,* e *A scena do mortorio* são boas composições d'este genero. O mesmo já não diremos da poesia *Que espirro!* que julgamos mais propria para ser arrecadada n'um lenço do que impressa em letras de molde. A graça, para ser graça, precisa ser, primeiro que tudo, aceada.

Á parte estes pequenos defeitos, desculpaveis em quem principia, o livro tem merito e deixa-se lêr sem enfado.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

O DIREITO AO ALCANCE DE TODOS OU O ADVOGADO DE SI MESMO

POR

Francisco Antonio Veiga

1 volume, 2$000 reis

A grande importancia d'esta obra é assás reconhecida. É um bom diccionario elaborado por mão de mestre sobre direito usual, contendo as noções praticas de direito e modêlos e fórmulas d'alguns actos sobre a materia *civil, commercial, administrativa, criminal, ecclesiastica* e *do processo.* A sua publicação era aguardada com impaciencia por todos que tendo poucos conhecimentos de direito desejavam ter um bom poderoso auxiliar que os elucidasse nas questões a tratar — o desejo foi-lhes satisfeito e a lacuna preenchida. A publicação d'esta obra foi mais um assignalado serviço que o snr. Ernesto Chardron prestou á instrucção e portanto á causa publica.

(Do *Penafidelense*).

Historia e Sentimentalismo. — Poetas e Raças finas. — Eusebio Macario

POR

Camillo Castello Branco

1 volume, 800 reis

Recebemos a primeira folha. É um specimen do primoroso trabalho typographico da officina do snr. A. J. da Silva Teixeira. O snr. Camillo Castello Branco enceta um estudo sobre Gil Vicente — intitulando esse trabalho: *Embargos á phantasia do snr. Theophilo Braga.*

Já n'esta primeira folha vai dando á nossa madraceira meridional uma novidade importante: o Gil Vicente que fazia custodias, nos reinados de D. Manoel e D. João III, não é o Gil Vicente, author dos Autos. Agarrados á affirmação em contrario, do snr. Theophilo Braga, nos achamos durante alguns annos. Agradecemos ao snr. Camillo Castello Branco o esclarecimento valioso e aguardamos os documentos promettidos.

(Da *Voz do Povo*).

Do grande escriptor entrou no prélo um volume intitulado — *Historia e sentimentalismo.* I — *Poetas e raças finas.* II — *Eusebio Macario; continuação.* Editor o snr. Ernesto Chardron.

Em frente do glorioso nome do author, o *réclame* perde os seus direitos: é como em frente do *Pina.* Camillo sacode o *réclame.* Do *Pina* o *réclame* afasta-se.

É assim que os extremos se tocam.

(*Idem*).

Do principal editor de Portugal, o snr. Ernesto Chardron, recebemos a primeira folha do 2.º tomo d'esta obra do eminente romancista portuguez.

(Da *Correspondencia de Portugal*).

Os Criticos do Cancioneiro Alegre

POR

Camillo Castello Branco

1 volume, 200 reis

Acabam de ser colleccionados n'um volumesinho de 60 paginas, formato identico ao do *Cancioneiro alegre;* e sob a denominação que nos serve de titulo, os artigos publicados pelo snr. Camillo Castello Branco na *Bibliographia portugueza* a proposito das criticas que haviam sido feitas ao *Cancioneiro alegre.* Já por mais que uma vez nos referimos nós na *Aurora* a esses artigos, e transcrevemos para esta alguns d'elles, applaudindo-os como modêlos de linguagem e ao mesmo tempo de graciosa e inexcedivel mordacidade, afiada como a ponta aguda d'um estylete e ao mesmo tempo esmagadora como golpe de pesado montante brandido por braço forte.

De novo palmeamos agora esses artigos reunidos em tomo, e dignos de o serem pois, merecedores de vida mais larga que a d'um periodico.

(Da *Aurora do Cavado*).

Pelo activo editor o snr. Ernesto Chardron foi-nos offerecido um exemplar d'esta obra, que é a collecção de todos os magnificos artigos publicados pelo eximio romancista e abalisado litterato o snr. Camillo Castello Branco na *Bibliographia portugueza e estrangeira* sobre a critica grotesca e implacavel de que foi alvo o seu muito apreciado livro o *Cancioneiro alegre.* A *Advertencia* que serve de prologo a este primoroso opusculo, é igualmente escripta pelo snr. Camillo

Castello Branco, que, na phrase incisiva em que ninguem o excede, deixa mal feridos e afogados na lama asquerosa do ridiculo, os seus desgraçados criticos, e provoca a que — rebentem esses outros — os molossos de dentadura refilada. Que negra sorte espera esta cainçalha se tenta tambem vir ladrar á lua!...

(Da *Estrella Povoense*).

A acreditada livraria editora do snr. Ernesto Chardron publicou em volume a serie de artigos magnificos, com que o nosso illustre escriptor Camillo Castello Branco respondeu formidavelmente aos criticos do *Cancioneiro alegre*. É um opusculo valioso pela boa graça portugueza que o distingue e que custa apenas a modica quantia de 200 reis.

(*Da Aurora do Lima*).

A Propriedade Litteraria

Carta ao imperador do Brazil

POR

Manoel Pinheiro Chagas

1 volume, 200 reis

Do infatigavel editor portuense o snr. Ernesto Chardron acabamos de receber um importante opusculo em que vêmos reproduzida uma carta importantissima escripta pelo excellente escriptor o snr. Pinheiro Chagas a sua magestade o imperador do Brazil.

As razões claras e convincentes apresentadas pelo illustre escriptor hão-de necessariamente actuar beneficamente no animo do illustrado monarcha brazileiro, a fim de oppôr um dique a esse roubo manifesto que os editores brazileiros estão fazendo aos editores portuguezes e aos authores até, que tão longe vai a sua ambição de enriquecerem á custa dos productos da intelligencia, que lhes confere direito sagrado, que a todo o custo deve fazer-se respeitar.

De ha muito nos associamos a essa cruzada grandiosa, levantada pelo primeiro romancista portuguez, e hoje seguida por todos os que desejam vêr o trabalho que lhe pertence garantido, e fóra do alcance dos contrafactores. Como elles, esperamos que se empreguem todos os meios para evitar semelhante abuso, e para isso confiamos na illustração e boa vontade do monarcha que rege os destinos do imperio, de quem temos direito a esperar amizade e protecção.

(Da *Gazeta do Norte*).

Ainda não tivemos occasião de concluir a leitura d'esta obra do nosso fecundo escriptor. No entanto o nome do snr. Pinheiro Chagas, e o momentoso assumpto de que trata, são garantia segura do valor e utilidade d'este escripto.

Todos sabem os roubos e espoliações escandalosas feitos pelos *nossos irmãos d'além-mar*, aos escriptores portuguezes.

A carta do snr. Pinheiro Chagas é um protesto contra essa horda de salteadores, que vivem descançadamente ao abrigo da lei. N'ella aquelle escriptor combate as affirmações d'Alexandre Herculano, sobre este assumpto importante e encara a questão magnificamente.

(Do *Commercio do Lima*).

O incansavel editor o snr. Ernesto Chardron acaba de publicar — *A propriedade litteraria, carta a sua magestade o imperador do Brazil, por M. Pinheiro Chagas*.

Este assumpto é importantissimo, porque os authores e editores de Portugal estão sendo escandalosamente roubados no Brazil, por especuladores indecentes.

Grande serviço prestaria ás letras patrias o governo que pudesse levar a effeito um tratado com aquelle imperio, pelo qual se puzesse um termo á pirata-

ria litteraria que constantemente alli se está praticando.

(Do *Conimbricense*).

N'este folheto trata o notavel escriptor uma das mais altas questões de que ultimamente se tem occupado a imprensa, pondo em brilhante relevo os dotes do seu estylo scintillante e ameno.

(Do *Transmontano*).

Romances Maritimos

POR

Francisco Maria Bordallo

1.º volume, 500 reis

É um novo livro bastante volumoso do qual é editor o snr. Ernesto Chardron.

O author, filiado na escóla de G. de Landelle, definiu a sua obra por uma fórma perfeita e por vezes, no colorido que deu ás scenas da vida maritima, nos transporta ao antro d'essas mesmas scenas fazendo-nos esquecer por momentos a variedade, que nos deleita, da vida nas cidades e nos campos.

Os caracteres estão bem esboçados e o enredo, posto que não muito complicado, torna-se bastante curioso e prende muito a attenção do leitor.

(Do *Correio do Ave*).

Echos Humoristicos

POR

Camillo Castello Branco

Cada numero, 100 reis

É uma collecção de cartas que o eximio romancista Camillo Castello Branco tenciona enviar á redacção do *Cruzeiro*, de que acabamos de receber a primeira, publicada em folheto pelo conhecido editor portuense, o snr. Ernesto Chardron. N'ella trata o notavel escriptor de varias cousas que dizem respeito áquella provincia, com a graça picante que tanto caracterisa os seus artigos. Tem passagens sublimes e primorosas, e principalmente quando se refere ás considerações e condecorações em Portugal, e á syndicancia do snr. marquez de Vallada ao thesouro do Senhor Jesus do Monte, quando governador civil de Braga. Homens trabalhadores e intelligentes como Camillo, só de longe em longe é que apparecem, e feliz a geração que os possue.

Ao snr. Ernesto Chardron a manifestação sincera do nosso reconhecimento pelo exemplar que se dignou enviar-nos.

(Do *Tribuno Popular*).

Recebemos o n.º 1 d'esta interessante publicação quinzenal, devida á penna do nosso primeiro romancista Camillo Castello Branco. Basta dizer isto para a recommendarmos aos nossos leitores.

(Da *Correspondencia da Figueira*).

BIBLIOTHECA REPUBLICANO-DEMOCRATICA

I — Pi y Margall: *O christianismo e a razão*. Esgotado.

II e III — C. Lemonnier: *Os Estados Unidos da Europa*, 2 vol. Esgotados.

IV — M.me André Léo: *A Communa de Malempis*, conto. 100 reis.

V — Acheul: *A industria catholica*, preço das drogas á venda na botica do Papa. Esgotado.

VI — C. Pedroso: *O suffragio universal*, ou a intervenção das classes trabalhadoras no governo do paiz. 60 rs.

VII — Suner y Capdevilla: Deus, as religiões e a morte do papado. 40 reis.

VIII — Theophilo Braga: *Michelet*, conferencia historico-litteraria. 60 reis.

IX — Ramalho Ortigão: *Theophilo Braga*, esboço biographico e bibliographico. 60 reis.

X — Theophilo Braga: *Soluções positivas da politica portugueza:* Da aspiração revolucionaria e sua disciplina em opinião democratica. Br. 120 reis. Cart. 160 reis.

XI — Theophilo Braga: *Soluções positivas da politica portugueza:* Do systema constitucional, como transigencia provisoria entre o absolutismo e a revolução. Br. 200 reis.

XII — Carrilho Videira e Teixeira Bastos: *Catecismo republicano* para uso do povo. No prélo.

XIII — Theophilo Braga: *Soluções positivas da politica portugueza:* Historia das idéas democraticas em Portugal. 1.º vol. Br. 200 reis.

XIV — Theophilo Braga: *Soluções Positivas da politica portugueza:* Historia das idéas democraticas em Portugal. 2.º vol. No prélo.

BIBLIOTHECA HISTORICO-SCIENTIFICA

I — Hamel: *Historia da revolução franceza de 1789*, prefaciada, traduzida e annotada por Consiglieri Pedroso e Carrilho Videira, obra baseada nos grandes trabalhos historicos de Michelet, Luiz Blanc, Quinet, Thiers, Carlayle e Sybel. Um vol. de 700 paginas com os retratos dos principaes heroes e martyres da grandiosa revolução. Lisboa, 1877. 2$000 reis.

II — Theophilo Braga: *Traços geraes de philosophia positiva comprovados pelas descobertas scientificas modernas*. Lisboa, 1877. 700 reis.

III — Theophilo Braga: *Historia universal*, esboço de Sociologia descriptiva. — Noção positiva da historia, e civilisações fundadas sobre o empirismo das artes industriaes: Egypto, Chaldêa, Babylonia, Assyria. 1 vol. 1$000.

Theophilo Braga: *Historia universal:* Civilisações cosmopolitas, propagadoras das civilisações isoladas (judeus, phenicios e arabes). No prélo.

Angelina Vidal: *Morte de Satan*. 100 reis. *A Liberdade*. 100 reis.

A. J. Nunes Junior: *A conquista da cruz*, episodio heroi-comico da temerosa. 200 reis.

A. V.: *Systema de governo republicano federal*, ao alcance do povo. 100 reis.

Almanach republicano: 1875, 1876, 1877, 1878, 1879, 1880. Contém estes livrinhos tabellas dos signaes de incendio, marés, caminhos de ferro, paquetes, mercados, feiras, agricultura, jardins e um kalendario, que menciona, dia a dia, os grandes successos da humanidade no campo da sciencia e da historia, a morte e o nascimento dos grandes homens, com artigos, poesias ou trechos de Anthero de Quental, Gomes Leal, dr. José Falcão, João de Deus, Ramalho Ortigão, Teixeira Bastos, dr. Theophilo Braga, Buchner, Draper, Estebanez, Flamarion, Fernando Garrido, Figueras, Garibaldi, Herbert Spencer, Luiz Blanc, Littré, Pi y Margall, Victor Hugo, Viardot, Castilho, Herculano, José Estevão, Chateaubriand, Desmoulins, Danton, Diderot, Kant, Marat, Mirabeau, Proudhon, Quinet, Raspail, Rousseau, Robespierre, Voltaire e cada anno precedido d'um prologo do editor. Os cinco volumes encadernados n'um, 800 reis. Cada anno, com 112 paginas, 120 reis.

Carrilho Videira: *Liberdade de consciencia, e o juramento catholico*. 120 reis.

Gomes Leal: *A Canalha*, poesia. 40 reis.

Ladislau Batalha: *Directorio republicano de Lisboa (1876) e os seus actos perante a opinião publica*. 120 reis.

Proudhon: *Do principio de federação*. 240 reis.

Roque Barcia: *A blusa côr de café*. 40 rs.

Teixeira Bastos: *Rumores vulcanicos*. 500 reis. *Progressos do espirito humano*. 160 reis. *Os padres*. 120 reis.

NOVAS PUBLICAÇÕES BRAZILEIRAS

Additamentos ao Codigo do commercio: Parte 1.ª Do commercio em geral — 2.ª Do commercio maritimo — 3.ª Das quebras. 2 vol. in-8.º grande........ 11$000

Custas forenses ou compilação das leis, decisões dos tribunaes, regulamentos, avisos, assentos, doutrinas dos praxistas sobre custas, sentenças, recursos, execuções sobre ellas; acções dos empregados e outras disposições relativas, pelo advogado Luiz de Miranda. 1 vol. in-8.º........ 1$300

Da fiança criminal ou compilação de leis, decretos e avisos a respeito, em fórma de tratado, simples e methodico, para facilidade do estudo, seguida de um novo formulario, por Manoel Godofredo d'Alencastre Autran. 1 vol. in-8.º. 900

Confissões d'um filho do seculo, por Alfredo de Musset. 1 vol. in-12.º........ 1$000

Historia das grandes viagens e dos grandes viajantes, por Julio Verne. 1 vol........ 600

Um capitão de quinze annos, por Julio Verne. 1 volume in-12.º........ 1$000

Do habeas-corpus e seu recurso ou compilação das disposições legaes, e decisões do governo a respeito, em exposição simples e methodica, seguida d'um formulario do respectivo processo, e d'um indice alphabetico, por Manoel Godofredo d'Alencastre Autran. 1 vol. in-8.º........ 900

O Nababo, romance de costumes parisienses, por Affonso Daudet.... 1$200

Compilação das leis e dos actos do poder executivo em vigor no Brazil sobre recursos, pelo desembargador Antonio de Sousa Martins. 1 vol. in-8.º 1$600

A preservação pessoal, tratado medical sobre as doenças dos orgãos da geração, resultantes dos habitos clandestinos, dos excessos da mocidade ou do contagio, com observações praticas sobre a impotencia prematura, pelo dr. Samuel La Mert. 1 vol. com estampas........ 300

FLORES DA INFANCIA

CONTOS E POESIAS MORAES DEDICADOS Á MOCIDADE PORTUGUEZA

POR

MARIA RITA CHIAPPE CADET

Approvado, segundo o parecer da junta consultiva de instrucção publica, para uso das escólas primarias, por decreto de 19 de janeiro de 1880

Um lindo volume, elegantemente cartonado, contendo os capitulos seguintes:

Isabel ou a Cruz de Ouro — A caixinha de papelão côr de rosa — As amendoas da madrinha — Leonardo ou a caridade com os animaes — A morgadinha — A grammatica do *Chiquinho* — A mãi — As crianças — Raul — Exame de consciencia — O bom conselho — Herminia — Gabriel — A menina das flôres — Visitar os enfermos — O menino roubado — A casa escura — A oração.

Preço........ 600 reis

Á venda na livraria de **M.me Marie François Lallemant, rua do Thesouro** ·lho, 22, Lisboa.

Porto: 1880 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira — Cancella Velha, 62

2.º ANNO 1880 N.º 4

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

12 numeros, 500 reis

SUMMARIO

ERNESTO CHARDRON, Editor

2.º ANNO 1880 N.º 4

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

SCENAS DA VIDA DEVOTA

O CRIME DO PADRE AMARO

POR

EÇA DE QUEIROZ

NOVA EDIÇÃO, INTEIRAMENTE REFUNDIDA E RECOMPOSTA

Um volume de 700 paginas............ 1$200 reis

Na livraria de Ernesto Chardron, editor—Porto e Braga

Tenho n'este momento defronte de mim a nova edição do *Crime do Padre Amaro*, por Eça de Queiroz, esse esplendido romance que, publicado pela vez primeira, ha alguns annos, na *Revista Occidental*, era já um extraordinario embryão, e hoje, depois de aperfeiçoado e de burilado successivamente pelo artista que o concebeu, chega a ser uma obra excepcional.

N'esta nova edição o romance conclue por um capitulo que é a expressão exacta do sentimento burguez que origina os conflictos em que se devem basear todos os romances que intentem ser do nosso tempo e do nosso meio. A scena passa-se na Casa Havaneza, no momento em que chegam os continuados telegrammas annunciando os horrores da communa de Paris. Os commentarios da turba, as observações dos sujeitos conspicuos que fazem a digestão e prophetisam os destinos das sociedades, as phrases prudhomescas salpicando a monotonia d'aquelles conceitos banaes, tudo isto se combina n'uma tela de colorido flagrante, d'uma tonalidade justa e d'uma perspectiva rigorosamente geometrica.

Depois da conversa do marquez com os dous padres junto ás grades da praça de Camões, o grande épico entrevem e Eça de Queiroz achou, segundo me parece, o conceito justo para julgar a sociedade retratada tanto ao vivo no seu formosissimo livro, da mesma maneira que Daudet o achára com tanta felicidade no final do *Fromont Jeune*. Bom devéras.

(Do *Occidente*).

Acabamos de lêr d'um folego a nova edição do notavel romance do snr. Eça de Queiroz, *O Crime do Padre Amaro*, editado pelo intelligente livreiro o snr. Ernesto Chardron.

É esta a terceira edição que o snr. Eça de Queiroz faz do seu romance, e entre a primeira publicação d'elle na *Revista Occidental* e esta que temos á vista medeia a educação definitiva d'um talento litterario, que é seguramente um dos primeiros de Portugal e um dos melhores da Europa. *O Crime do Padre Amaro* é um trabalho de comprehensão e de execução artistica que Flaubert ou

Zola se orgulhariam de assignar. Em litteratura portugueza não ha mesmo estudo nenhum nem mais completo nem mais vivo d'este nosso meio social, impregnado de tradicionalismo catholico, bestificado de sentimentalidade mystica e corrompido pela secular influencia sacerdotal, que, tendo a sua justificação historica na antiga superioridade intellectual do clero, constitue hoje, perante as exigencias da civilisação moderna, o ultimo grau da depressão moral e é o factor mais poderoso d'esta absoluta inepcia nacional, que nos dá perante o mundo culto e trabalhador a feição d'um povo imbecilisado e mumificado.

O romance do snr. Eça de Queiroz, de simples esboço litterario que era no seu apparecimento, embora d'uma firmeza de desenho que revelava a mão segura e nervosa d'um mestre, tornou-se com as ampliações e desenvolvimentos d'esta ultima edição uma obra d'arte séria e profunda como um verdadeiro estudo sociologico. As figuras d'esta grande tela artistica tem agora os contornos mais firmes e correctos, e os conflictos e as peripecias produzem-se mais naturalmente, segundo as condições do meio em que se dão e na logica do temperamento e da mentalidade dos actores. O drama que alli se desenvolve soffreu não só nos seus pormenores importantissimas ampliações, destinadas a aprofundar e a dar toda a luz e todo o relevo ao caracter dos personagens e ao meio social que os envolve, mas tambem foi profundamente modificado no proprio desfecho da acção de um modo perfeitamente racional e intelligente. Com effeito no primitivo romance o padre Amaro era quem, de noite, presa de todos os terrores do escandalo ecclesiastico, lançava o proprio filho recem-nascido ao rio entre a espessura negra d'uns cannaviaes, com uma pedra dentro dos panos que o embrulhavam para não sobrenadar. Esta espantosa perversidade moral, esta audacia no crime, não estava na natureza hesitante, tortuosa, indecisa e beata do protegido da marqueza d'Alegros. Agora, na ultima edição do romance, que o torna quasi um trabalho inteiramente novo, o padre Amaro sente ao contacto do filho acordar em si n'uma explosão de luz todos os seus recalcados sentimentos humanos da paternidade e recommenda terminante e energicamente á mulher a quem o entrega, á *tecedeira d'anjos*, com quem tacitamente combinára o infanticidio, que lhe não mate a criança, que é seu filho e que a torna responsavel pela vida d'elle.

Esta solução é mais correcta, porque é mais logica; é mais verdadeira, porque é mais humana.

O padre Amaro não é um scelerado, nem pela fatalidade do seu temperamento, nem pelos impulsos da propria perversão moral; é um espirito corrompido e falseado por uma educação desgraçada de clerigo pobre, esmagado por uma domesticidade humilhante, atrophiado por uma beatice estreita e formalista e completamente pervertido a final pelas transigencias casuisticas d'um cerebro cheio de preconceitos mysticos em conflicto com as necessidades quotidianas da vida e com as excitações irritantes e morbidas d'uma convivencia de velhacos tonsurados e de beatas hystericas. Um homem n'estas condições, embora esporeado por um temperamento sanguineo e impetuoso, mas não tanto que lhe perturbe por um instante o exercicio d'um egoismo accentuadissimo e bem definido no romance, não vai *até* ao infanticidio. Póde ir, como foi o padre Amaro, antes do filho nascer, até aos calculos torpes e aos arranjos criminosos com a *tecedeira d'anjos* para que o filho desappareça.

Mas, nascido o filho e sentindo-lhe a suavidade do peso nos braços, o homem pervertido pela educação clerical apparece em toda a sua impetuosidade nativa e generosa.

É esta a modificação capital do romance, apesar das modificações e ampliações dos outros pormenores serem importantissimas.

Das novas figuras introduzidas n'esta ultima edição a do dr. Gouvêa é d'uma belleza e d'uma correcção raphaelesca. O dr. Gouvêa representa o espirito scientifico moderno, com toda a sua profunda comprehensão positiva da vida e do universo, com toda a sua implacavel e graciosa ironia proudhoneana perante a beatice feminina, que é uma fórma pathologica do hysterismo, com toda a sua radical rejeição de toda a metaphysica, tanto da authoritaria e catholica, como da revolucionaria e materialista. O dialogo, no gabinete de consultas do dr. Gouvêa, entre este e João Eduardo, o infeliz noivo de Amelia, o revolucionario sentimental e desordenado, o deista incongruente e platonico, é um modêlo d'elegancia, de bom senso e d'alta comprehensão positivista. É assim que Littré ou Charles Robin fallariam a um espiritualista sentimental.

Entre as figuras secundarias do antigo

romance, e conservadas, ampliadas e melhor estudadas n'esta terceira edição, ha uma que particularmente julgamos como a mais superiormente comprehendida e desenhada de toda esta admiravel galeria: é a do conego Dias, o gordo e pachorrento amante da S. Joanneira, o sceptico professor de moral, sempre com um texto do concilio de Trento engatilhado nos labios, mas através do qual se está vendo um espirito amarrado pelas conveniencias ao formalismo clerical o mais estricto, não conservando no fundo porém a minima illusão ácerca do valor real das fórmulas e das doutrinas de que se finge propugnador intransigente. As phrases e os sorrisos com que elle commenta a admiravel e grotesca scena do auto de fé a um volume do *Panorama* na cozinha da S. Joanneira são reveladores. É este o grande processo scientifico de fazer psychologia, tal como esta se comprehende modernamente, como sendo a physiologia dos centros nervosos, o processo da observação externa, da comparação e da experimentação.

O conego Dias, todo o seu temperamento e todo o seu caracter se revelam nos seus actos e nas suas palavras sem que o romancista se espraie em divagações de psychologia introspectiva. É este o processo seguido pelo author dos *Noivos,* Bento Moreno, que para ser o primeiro romancista moderno da Europa só lhe falta a alta comprehensão artistica do snr. Eça de Queiroz.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

(Da *Correspondencia da Figueira*).

Em que peze aos detractores da moderna escóla, iniciada em Portugal pelo author do *Primo Bazilio,* Eça de Queiroz tem de ser respeitado pelos seus inimitaveis dotes d'observação, pela profundeza dos seus conhecimentos litterarios, pela maneira por que applica ás chagas sociaes o seu cauterio em braza, pelo modo por que escalpellisa no vivo uma sociedade que se vai deixando esphacelar e morrer, scena descripta magestosamente no final do seu magnifico romance — *O Crime do Padre Amaro.*

Este livro é muito outro da novella primitiva; não é simplesmente uma nova edição correcta e acrescentada; mas uma *refundição e recomposição* do trabalho publicado na *Revista Occidental* e mais tarde passado a volume como edição definitiva.

Eça de Queiroz, á semelhança de todos os grandes artistas, cuja ambição tem sómente por escôpo o maior grau de perfectibilidade das suas obras, dá-nos um livro inteiramente novo, vinte e quatro capitulos cinzelados por mão do mestre, d'um naturalismo que nos faz rir umas vezes e outras vezes nos repugna, que nos commove até ás lagrimas e nos indispõe até ao desespero.

O padre Amaro é um typo bellamente delineado: um homem que sente a paixão forte dos trinta annos, mas que não póde casar, porque a Igreja lhe não consente uma familia legalmente estabelecida.

Amelia, a filha da S. Joanneira, uma rapariga bem disposta e honesta, mas educada entre beatas que por não terem que esperar d'este mundo não pensam senão no outro, apaixona-se pelo senhor parocho e deixa-se resvalar fatalmente no declive que conduz do gozo ás lagrimas.

É admiravel de verdade o typo do tio Esguelhas, o sineiro da sé de Leiria; a filha, a paralytica, a pobre da Tótó, cuja descripção causa horror; o abbade Ferrão, o typo do padre evangelico, coitado, com a batina remendada e cheio de consolações para os pobresinhos; o padre Silveiro, o padre Natario, o conego Dias, tres sujeitos abominaveis, repletos de hypocrisia até á medulla dos ossos; o Gustavo, o typographo socialista que desejava vêr toda a humanidade sentada a uma só mesa, comendo e bebendo na melhor harmonia; a Dionysia, um typo soberbo; o Carlos, o boticario da Praça, cheio de phrases empoladas, muito bajulador; o Morgado dos Poyaes, um doudo, um espirito-forte mal educado, e tantos outros personagens, cuja enumeração se tornaria fastidiosa, são trasladados ao papel com a maxima exactidão e sciencia.

Eça de Queiroz, como psychologista, é realmente inimitavel.

Desenha, pinta, disseca com inexcedivel mestria. É cortante como uma lamina acerada.

O titulo — *Scenas da vida devota,* que elle antepôz ao *Crime do Padre Amaro,* torna bem saliente que este romance nada tem que vêr com *La faute de l'Abbé Mouret* de Zola, livro que serviu de base a umas picuinhas com que a critica tentou ferir sem razão o snr. Eça de Queiroz.

D.

(Da *Voz do Povo*).

*

CANTICOS DA AURORA

POR

NARCISO DE LACERDA

1 vol. in-12, edição de luxo, 600 reis

Jayme Batalha Reis, um espirito d'uma extraordinaria lucidez e d'uma larga illustração scientifica, dizia-me ha mezes em Lisboa que para elle não havia em poesia nem realistas nem romanticos, havia simplesmente poetas com talento e poetas sem talento.

Esta asserção, quando não seja absolutamente verdadeira, pois que a diversidade de escólas litterarias e em geral artisticas é a manifestação da divergencia, progressiva ou regressiva, das correntes de pensamento e de vida moral que se produzem nas sociedades sob a influencia de causas complexas, tem seguramente pelo menos um lado incontestavelmente sensato e aceitavel. Hoje que decididamente o romantismo está no seu periodo de total extincção, hoje que o lyrismo, a poesia subjectiva e sentimental, morta na consciencia publica, entrou n'uma phase de decadencia irremediavel, todos nós apreciamos e admiramos ainda os deliciosos versos de João de Deus, a figura mais candida e ingenua de toda a nossa galeria poetica, ao passo que rejeitamos com tedio muitas composições evidentemente inspiradas pelos novos ideaes da escóla realista, mas ás quaes a mediocridade do talento dos seus authores dá o caracter de banalidades mais ou menos correctamente metrificadas.

N'um excellente livro sobre esthetica de Eugène Veron, um dos mais intelligentes campeadores da moderna escóla franceza de materialismo scientifico, estabelece-se que toda a belleza d'uma obra de arte está na manifestação da personalidade. O bello, segundo este ponto de vista, não é por isso o esplendor da verdade, segundo a antiga e impalpavel definição platonica, mas sim a revelação de individualidade. Uma obra d'arte vale por isso o que vale a personalidade do artista que a concebeu e executou. O assumpto mais comesinho póde, sob o impulso d'uma inspiração poderosa e d'uma assimilação creadora, constituir uma verdadeira obra d'arte, porque o bello não está no assumpto como elle foi concebido e realisado. Se o bello na arte estivesse no assumpto ou fosse sómente a ·dade, a pintura deixaria de ter razão de ser depois da invenção da photographia. Póde dizer-se por isso que a arte é a revelação da personalidade.

É por isso que a primeira condição esthetica d'uma obra d'arte está na espontaneidade e na sinceridade. O convencionalismo é o defeito capital de toda a producção artistica e o symptoma revelador e caracteristico de todas as épocas de decadencia. Na litteratura em geral e particularmente na poesia, a arte menos plastica de todas, o convencionalismo constitue a condição por essencia do insuccesso. Nas outras artes, na architectura, na pintura, na esculptura e mesmo na musica o *savoir faire,* a difficuldade do processo póde muitas vezes constituir uma belleza de segunda ordem que illude e enthusiasma os espiritos superficiaes, que vêem na arte apenas as questões de execução e de *metier,* pela razão de que todas estas artes tem nas condições da sua exterioração uma grande multiplicidade de elementos, cuja combinação sapiente e rebuscada esconde a ausencia de sinceridade e de personalidade. Na poesia, que nos não fascina a vista como as artes do desenho, nem nos delicia o ouvido com o poder dominador e absorvente da musica, a ausencia de sinceridade e de individualidade não podendo ser illudida pela riqueza e complicação das fórmas, revela-se ao olhar menos sapiente e ao sentimento menos educado com uma evidencia desoladora. D'ahi a rapida evolução da poesia coincidindo com a lenta transformação das outras artes. É que estas escondem e illudem por mais tempo a decadencia que as ruinas com os recursos do *metier,* com as refinações do processo, ao passo que a poesia, como uma flôr mimosa, logo que lhe falta a seiva da inspiração interior está irremediavelmente perdida e morta.

Suscita-nos estas rapidas considerações a leitura d'um volume de versos, editado ha dias pela casa Chardron, do Porto, tendo por titulo *Canticos da Aurora,* e firmado com o nome de Narciso de Lacerda.

A maxima parte das composições que formam este volume são inspiradas pela

antiga musa romantica e subordinadas a um subjectivismo transcendente e mystico, que positivamente não está nem na indole, nem nas tendencias, nem nas convicções do mundo moderno, e no entanto essas composições são na maior parte d'uma belleza incontestavel, porque ha nas explosões d'esse deismo impalpavel, d'essa sentimentalidade incoercivel, d'esse lyrismo insaciavel e vago um fundo de sinceridade que nos domina e convence:

Abri os labios para orar... — e orando
Nas azas da oração foi-se elevando
Minha alma ao céo, e tanto se afastava

E tão longe subiu, tão crente e pura,
Que eu não posso hoje crêr que a sepultura
Seja capaz de m'a tornar escrava.

Ha n'estes versos o accento convicto d'uma alma sinceramente crente, d'um espirito profundamente penetrado da legitimidade philosophica da immortalidade e da espiritualidade da alma, d'um cerebro armado de todas as embotadas lanças do velho syllogismo aristotelico contra as aggressões irreverentes da moderna disciplina scientifica, que contesta a infallibilidade aos artificios logicos e demonstra que nos dominios do incogniscivel a argucia que affirma é igual em valor scientifico á argucia que nega. A luz da fé interior vê-se através d'aquelles versos como a d'uma alampada antiga n'um santuario mysterioso de velha cathedral gothica. Ha sobretudo n'aquelles accentos muita sinceridade espontanea. São por isso bellos estes e muitos outros versos do volume, porque não são filhos d'um convencionalismo tardio, d'uma falsa convicção hypocrita; tem vida, tem sangue, tem finalmente uma personalidade distincta e uma individualidade accentuada.

Esta grande sinceridade da poesia de Narciso de Lacerda revela-se na suavidade e na singeleza camoniana da expressão, na espontaneidade genial da versificação, na doçura florentina do rythmo. Faz lembrar em muitos pontos a candidez virginal de João de Deus.

.... Meus olhos baços
Acham tudo, em redor, qual d'antes era;
As estrellas, o sol, a primavera,
A luz da lua, as auras soluçantes...

E cá dentro de mim tudo mudado!
Ó céo! és ainda o céo do meu passado...
Só eu não torno a ser quem era d'antes!

O desconforto, a desconsolação resignada e scismadora que se apossa dos organismos da fina sensibilidade ao golpe imprevisto d'uma grande catastrophe interior, toma nos versos de Narciso de Lacerda um tom de elevação d'uma formosura grandiosa e epica:

De que nos serve tanto sonho amigo,
Tanto amor, tanto sol, tanta ventura,
Se o que nasce já tudo traz comsigo
Um cheiro a sepultura?

Mas Narciso de Lacerda não é porém apenas um excellente poeta lyrico e sentimental, é um jacobino ardente e um revolucionario enthusiasta, feliz peccado dos vinte annos, o unico que eu ainda me não arrependi de ter commettido. A ultima parte do seu livro, a que elle poz por titulo *O Homem*, affirma d'um modo brilhante esta sympathica feição do seu talento juvenil e impetuoso. Aos padres atravessa-lhes elle os couros adiposos com estes dardos faiscantes:

Buscai, buscai um Deus que vos proteja;
Pintai-o nos paineis da vossa igreja;
Insufflai-lhe um só verbo: — a Omnipotencia.

Não nos assustareis. — Á humanidade
Basta um unico templo: o da verdade;
Basta um unico deus: a Consciencia.

Ao proprio Christo, ao ideal e transcendente scismador nazareno, aperta-o elle irreverenciosamente n'este terrivel dilemma:

Se eras filho de Deus, se tua essencia
Não foi igual á nossa, mas divina;
Se uma ancia nova, ou força peregrina
Te avassallava o imo da consciencia;

Se em vão batia a onda da inclemencia
N'essa alma intemerata e crystallina,
Sem ser mister o escudo da paciencia,
— Unico deus que os tristes illumina;

Se podias remir a humanidade
Sem ter vertido um globulo de sangue,
E dar-lhe *vida* sem perder a vida;

Se eras um deus, e tendo a Immensidade
Por tua, déste á cruz o corpo exangue,
Então não foste heroe; — foste suicida.

Voltaire pensaria assim, mas não diria melhor.

Tem um não sei que de epico e de heroico esta revolta desordenada dos espiritos juvenis e ricos da seiva de talento contra o despotismo idiota e cachetico do catholicismo apodrecido. É o primeiro esforço de emancipação das almas fortes: rasgam com as unhas e com os dentes a tunica do theologismo, em que os envolveram desde o berço, para se lançarem de cabellos soltos e olhar incendiado no combate da declamação jacobina. Felizes dos luctadores, que, robustecidos e acalmados pela educação superior do seu espirito, entram de rosto sereno e erguido na atmosphera tranquilla do positivismo, sacudindo as vestes da poeira da metaphysica,

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

(Da *Correspondencia da Figueira*).

ARMAS E LETRAS

POR

SOARES ROMEU JUNIOR

Livraria portugueza e franceza da Viuva Campos Junior, editora. Lisboa, 1880, 8.º

É um livro de impressões serias, de saudades fundas, de desejos bons. Revela-se um peito honrado que se abre em confidencias sem reparar na sociedade que se remexe nas suas preoccupações egoistas. Desenha-se-nos o meio pacifico em que este livro foi cogitado. O escriptor tem duas filhas, orphãs de mãi, e escreve em quanto as duas auroras lhe andam em derredor da banca, espargindo á phantasia a luz e o calor santo das idéas sãs, tristes e maviosamente religiosas. Uma d'essas meninas, nos paroximos da vida, aos pés d'um Christo, reabriu os olhos ao mundo como uma resurreição. D'ahi a fé, a felicidade da fé, esse thesouro inexhaurivel, riqueza divina que não poderia existir sem um Deus que a désse. A imaginação do homem desgraçado só por si não poderia creal-a; e, se pudesse, o homem então seria um Deus em si proprio.

Não se entenda, porém, que o snr. Soares Romeu seja um catholico genuino. A sua razão, que eu não posso competentemente questionar-lhe, nem o lugar se ageita a controversias theologicas, insurge-o contra os Papas por causa de factos historicos que cumpria vêr mais de perto á luz do tempo em que succederam. Não podemos, no meio social da idade média, estudar senão os factos evolutivos para lhes assignar o elo que elles representam na corrente da civilisação que attingimos. A historia das cousas remotas é uma germinação confusa de fructos que sazonaram ha um seculo, e começam agora a apodrecer para ulteriores transformações. Os homens, reis e Papas do seculo XII, não podem graduar-se no padrão dos nossos conceitos, sem um grande poder de abstracção dos juizos de hoje em dia para as cousas ainda problematicas de ha sete seculos. Refiro-me ás apreciações do snr. Soares Romeu quando bosqueja a deposição de D. Sancho II.

De permeio com biographias illustres de soldados valorosos, de poetas inolvidaveis, entretece o snr. Soares topographias muito noticiosas. Com referencia ao prelado bracharense D. Lourenço, cujo appellido o escriptor diz ignorar-se, e a quem dá o n.º 86 na successão dos arcebispos, convirá corrigir o erro talvez typographico da numeração. Elle foi o trigesimo oitavo arcebispo, e o seu appellido foi *Veiga*. Ainda hoje na heraldica se conhecem os *Veigas* do arcebispo D. Lourenço, distinctos dos outros.

A benevola opinião com que o snr. Soares commemora as virtudes d'este prelado pugnacissimo não me parece assente em bases muito criticas e boas para cimentar historia. D. Lourenço da Veiga, de paes humildes, foi muito rijo nas batalhas de Marte e de Cupido, Deus lhe perdôe. Um seu filho fez solar na Lourinhã, e o outro é ascendente d'uma casa muito illustre de Braga — a das Carvalheiras. É muito sabida a sua proeza homicida em Aljubarrota quando enviou ao diabo o castelhano que lhe deu o gilvaz na cara. É menos notorio o facto de ser elle mesmo quem abriu no rosto da sua estatua sepulchral a cicatriz. Essa estatua, que ainda existia em 1640, desappareceu com a mudança da mumia para uma vitrine mais bonita e lucrativa. Ficou, porém, a memoria do facto no sermão que frei João de S. Bernardino prégou ao fundador da dynastia brigantina. Dizia o frade «... Terá Vossa Real «Magestade em cada um dos arcebispos «e bispos d'este reino um D. Lourenço «que ainda em a sua sé de Braga, e em «seu retrato e sepultura, em ser de pe«dra, mostra sua firmeza, e em uma cu«tilada, que tem pelo rosto, sua fideli«dade de que elle tanto se prezou, que «a retratou por sua propria mão, por «não fiar da arte os lanços do seu va«lor».

Velharias que, a fallar verdade, muito bem fará o snr. Soares Romeu não cave muito n'ellas, se quizer que o leiam.

Ao terminar a leitura d'esta collecção de impressões affectivas e relevantemente patrioticas, figurou-se-me que eu retrocedera vinte annos para lêr um livro dos que n'esse tempo se chamavam optimos.

C. CASTELLO BRANCO.

CONDIÇÕES DE PUBLICAÇÃO E ASSIGNATURA

A edição completa constará, além d assignatura da edição geral, de:

12 exemplares numerados, impressão em pergaminho, gravuras em papel da China (*épreuves de marque*).

100 exemplares igualmente numerados, com os nomes dos senhores assignantes; edição especial de primeira tiragem, gravuras em papel da China, impressas antes de aberto o titulo (*avant la lettre*).

O numero dos exemplares é garantido sob a immediata responsabilidade do impressor da. edição. E para que no todo da parte material haja rigorosa uniformidade e harmonia, encarregados das illustrações os abalisados artistas abaixo mencionados, o editor não podia deixar de confiar a impressão da obra á casa *Giesecke & Devrient*, a qual, por edições primorosas, tem conquistado um lugar distincto entre as officinas mais notaveis nas artes graphicas.

Além das 13 gravuras em aço, originaes dos distinctos professores das academias de Berlim, Munich, etc., os snrs.

**Begas, Burger, Kosta
e Liezen-Mayer**

e dos abalisados gravadores os snrs.

Neisser, Wagenmann, Lindner, Goldberg, Deininger, Schultheiss, Martin, etc.

a obra conterá:

O frontispicio gravado em aço;

Dez paginas, titulo, uma para cada canto, em chromo-gravura, originaes do professor o snr.

Dr. Gnauth

A primeira letra de cada canto expressamente gravada em ornamentação allusiva ao assumpto, desenhos do professor o snr.

L. Burger

e gravadas pelos artistas os snrs.

Krey, Kaeseberg & Oertel

e para os snrs. assignantes, 11 photogravuras no tamanho original, copias das gravuras da edição do ***Morgado de Matheus***, executadas pela

Casa Fritz no Porto

A publicação é toda subordinada a um estylo rigorosamente uniforme.

A assignatura, feita em cheques especiaes, póde effectuar-se ou por volume completo, pago na occasião da entrega, ou por fasciculos, debaixo das mesmas condições.

A edição será dividida em 36 fasciculos.

Para as provincias acresce a despeza das remessas, não se aceitando assignatura (com excepção de Lisboa) senão sob a clausula da primeira distribuição ser de cinco cadernetas.

Fechada a assignatura, caso ella não suba ao numero da tiragem dos exemplares, o editor reserva-se o direito de augmentar o preço aos exemplares restantes.

Por um preço relativamente modico poder-se-hão obter capas dignas d'esta edição de luxo — estylo manuelino — feitas de pergaminho ou de chagrin, verdadeiro ou imitado.

Assigna-se nas principaes livrarias.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao editor.

Agente interessado, na America do Sul,

Antonio Moutinho de Sousa.

PREÇOS

	Em Portugal	Na America do Sul
12 exemplares em pergaminho (épreuves de marque), a	**270$000**	**690$000**
100 exemplares, primeira tiragem (avant la lettre), a	**54$000**	**158$000**
Edição restante, volume completo, a...............	**27$000**	**90$000**
Edição restante, por caderneta (36), a.............	**750**	**2$500**

O editor
EMILIO BIEL — PORTO.

N. B. Está preenchida a assignatura dos 12 exemplares em pergaminho.

NOVAS PUBLICAÇÕES

Antonio Luiz Soares Duarte — Descobertas e maravilhas das sciencias industriaes e domesticas, contendo aproximadamente 2:000 receitas. Publicação illustrada com 39 gravuras e utilissima aos industriaes e donas de casa. 1 vol. de 464 pag. .... 1$200
Camillo Castello Branco — Suicida. 1 vol. 200
Francisco Maria Bordallo — Romances maritimos. 2 vol. .... 1$000
E. de Barros Lobo — Vespas. Publicação mensal. N.os 1 e 2. 400
Narciso de Lacerda — Canticos da Aurora. 1 vol. 600
Camillo Castello Branco — Echos humoristicos do Minho. N.os 1, 2, 3 e 4. 400
D. G. M. Schreber — Gymnastica domestica, medica e hygienica. 1 vol. illustrado 600
Christovão Ayres — Indianas e Portuguezas. 1 vol. 500
Vicente Machado de Faria e Maia — Cavalleiros d'Africa, ou scenas da vida dos Açores. 2 vol. .... 1$000
Passos Manoel — Discursos parlamentares d'este notavel estadista, precedidos do seu retrato e biographia. 1 vol. 600
D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — Arabescos. 1 vol. 500
Arsenio de Chatenay — La Vendetta ou o saldo de contas. 1 vol. 600
Aimé Martin — Educação das mães de familia. 2 vol. .... 1$200
Eça de Queiroz — O Crime do Padre Amaro (Scenas da vida devota). 1 vol. .... 1$200
Emilio Zola — Os Rougon-Macquart. 2 vol. 800
Thomaz Ribeiro — Vésperas. Poesias dispersas. 1 vol. .... 1$000
Raphael Bordallo Pinheiro — Album das Glorias. N.º 1, Braamcamp. N.º 2, Fontes. Publica-se regularmente um numero cada semana, sem dia determinado. Preço da assignatura: Por 12 numeros 1$200 reis. Avulso 120
Arsenio de Chatenay — Romance para homens. A mulher virgem, mãi! 1 vol. 500
Domingos d'Azevedo — Phraseologia familiar ou novo guia de conversação franceza. 1 vol. .... 1$000
Os Dous Mundos — Illustração para Portugal e Brazil. Periodico mensal publicado com a collaboração dos principaes escriptores e artistas da Europa. Preços da assignatura: Anno ou 12 numeros pagos adiantadamente .... 3$000
Pereira da Cunha — Selecta. 1 vol. 800

NO PRÉLO:

Camillo Castello Branco — Eusebio Macario, romance realista. Vol. II.
Neves e Castro — Theoria das provas e sua applicação aos actos civis.
Garrett — Camões, poema. Edição de luxo.
Guillois — Explicação do Catecismo. Tomo IV.
Francisco Luiz de Seabra — A Flôr dos Prégadores. Tomo IX.
Egydio Azevedo — Escriptos religiosos.
Pinheiro Chagas — Brazileiros illustres.
David de Castro — O prodigio nas salas, manual de prestidigitação, ornado de estampas, o mais curioso e completo que se tem publicado n'este genero. Addição de jogos de mãos, que podem ser exhibidos por qualquer amador, sem auxilio da physica, chimica ou mechanica. 2.ª edição consideravelmente augmentada.

QUESTÃO RATTAZZI

HISTORIA DE UMA PRINCEZINHA

POR

ALPHONSE KARR

VERSÃO DE F. FERRAZ

Recebemos um opusculo que se denomina *Historia d'uma princezinha*. É escripta por Alphonse Karr, o elegante escriptor, o vigoroso estylista francez.

A versão, esmerada e muito consciençiosa, é feita pelo snr. F. Ferraz, traductor estimado e já apreciado em identicos trabalhos. São trinta e duas paginas que o leitor devorará avidamente e que o deixarão agradavelmente impressionado.

(Do *Jornal do Porto*).

Multiplicam-se as publicações a respeito da questão Ratazzi, que entre nós tem tomado o vulto d'um verdadeiro acontecimento litterario. Entre as ultimas d'essas publicações sobresahe como uma das mais interessantes a de que damos o titulo que tomamos para epigraphe. É traducção; e excellente, feita pelo snr. F. Ferraz, um apaixonado como eu o sou, de Alphonse Karr, do opusculo por este consagrado á snr.ª Rattazzi, em represalia de trechos pouco lisonjeiros que ella, vencida dos desdens do illustre author das *Vespas,* contra este publicou attribuindo-os a Eugenio Sue e a Béranger. Para quem conhece o estylo e *maneira* de Karr, escusado será o dizer-lhes que são as trinta e duas paginas que constituem o opusculo cheias de *verve* scintillante e de vivido mas frisante espirito. Aos que acharam caustico o opusculo do snr. Camillo Castello Branco, e não seremos nós dos que negaremos que o não seja, recommendamos mui especialmente este de Karr, e pedimos-lhes que os sopesem simultaneamente nos dous pratos d'uma balança...

Qual dos dous descerá?

Applaudimos a resolução tomada pelo snr. F. Ferraz, vulgarisador entre nós de Alphonse Karr, de verter para a nossa lingua a *Historia d'uma princezinha.*

(Da *Aurora do Cavado*).

Mais um folheto publicado ácerca d'essa questão que no mundo litterario se chama — questão Rattazzi —. Agora é Alphonse Karr que falla, e que na nossa opinião vem fazer calar esses intrepidos defensores da princeza. Se o conseguir, merece o traductor o snr. F. Ferraz os maiores encomios por nos alliviar d'uma tremenda massada.

Rattazzi estava em moda, discutir a sua individualidade litteraria era uma mania. Hoje fallar em Rattazzi faz somno, assim como fazem rir as suas impagaveis *tirades*. Que esse folheto seja o epitaphio d'essa decantada questiuncula. Se fosse no parlamento certamente já se teria dado a materia por discutida, como é na imprensa ainda d'isso não houve pressa, pois assim se vai enchendo espaço.

Occupemo-nos agora do folheto.

Alphonse Karr, assim como Camillo, foi ferido no seu nome de escriptor. Desforrar-se não lhe era muito difficil. Bastaram apenas algumas paginas. Na *Historia d'uma princezinha,* leva a escriptora a correcção merecida, por quem não respeita nomes authorisados, reputações formadas. Rattazzi não se lembra das vezes que tem sido plagiaria, não vê com quem se mette, e escreve folhas de papel em que as calumnias e as mentiras se contam pelas palavras e no fim

vem confessar que aquillo é por... humorismo! A defeza torna-se impossivel. Não negamos a deferencia que se deve ter pela mulher, mas quando ella se masculinisa, como diz Camillo, essa deferencia converte-se em... pieguice.

O escripto de Karr é um primor e aqui publicariamos algumas das suas passagens se tivessemos espaço. Repetimos: que este folheto seja a ultima palavra d'essa ridicula questão, e parabens ao snr. Ferraz.

(Do *Tribuno Popular*).

Recebemos um folheto intitulado *Historia d'uma princezinha,* por Alphonse Karr e traduzido pelo snr. F. Ferraz. As pessoas que tem seguido com interesse esta questão devem fazer acquisição d'este folheto, que é sem duvida um dos mais curiosos que teem apparecido a proposito da princeza corsa. Vende-se em todas as livrarias e o seu preço é de 100 reis. Está nitidamente impresso. O traductor offerece o seu trabalho ao primeiro romancista portuguez, o snr. Camillo Castello Branco.

(Do *Commercio de Portugal*).

Sob o titulo *Questão Rattazzi — Historia d'uma princezinha* — por Alphonse Karr, viu a luz da publicidade um interessante folheto dedicado ao primeiro romancista portuguez, o snr. Camillo Castello Branco, pelo nosso illustrado e sympathico amigo F. Ferraz, a quem sinceramente agradecemos o exemplar com que nos brindou; e do qual vemos que a audaciosa escriptora, que immerecidamente classificou de plagiatos varias obras dos nossos primeiros escriptores, em 1858 attingiu o *cumulo* do plagiato, publicando *La recherche d'un idéal,* hoje intitulado *Le roman d'Aline,* em que nada mais fez que dispôr em verso o que, sob o titulo *Un homme et une femme,* publicou em prosa, Alphonse Karr, em 1838, vinte annos antes.

É a isto que se diz «*Ir buscar lã e...*»

(Da *Folha da Manhã*).

Veio visitar-nos o snr. F. Ferraz, com a sua primorosa versão d'um chistosissimo artigo de Alphonse Karr, inserto nas *Vespas,* e que tem por titulo *Questão Rattazzi — Historia d'uma princezinha.*

N'este artigo que o snr. F. Ferraz traduziu e publicou em opusculo — prova o grande critico francez, que a sobredita *princeza* é tudo, desde simples Maria *tres estrellinhas* até plagiaria dos romances do proprio Karr.

Aquelles, pois, que acharam demasiado severa a correcção que o nosso primeiro romancista applicou á ridicula authora do *Portugal à vol d'oiseau* — leiam a *Historia d'uma princezinha* e verão ahi como aquelle maganão de Karr lhe pôz as ancas a correr sangue!

É medonho! Agora comprehendemos a razão porque a *princeza* viaja sempre, sem parar. Como não póde assentar-se — passeia.

É muito justo.

Ao snr. F. Ferraz agradecemos a fineza da visita.

(Do *Sorvete*).

OBRA COMPLETA

DOUTOR FREI DOMINGOS VIEIRA

GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

COM UMA INTRODUCÇÃO SOBRE A LINGUA PORTUGUEZA

POR

ADOLPHO COELHO

E SOBRE LITTERATURA PORTUGUEZA

PELO

DOUTOR THEOPHILO BRAGA

CONTENDO

I — Quanto á nomenclatura

Todas as palavras já collecccionadas nos principaes diccionarios da lingua, rectificada a significação de cada uma, e além d'isso a phraseologia do direito, philosophia, sciencias naturaes, archaismos e idiotismos.

II — Na parte grammatical

Designação da natureza de cada palavra, sua pronuncia, authorisada pela accentuação poetica; decomposição das locuções adverbiaes; cacographia segundo os monumentos das primeiras idades da lingua; as fórmas irregulares dos verbos.

III — Sobre a significação da palavra

Uma definição breve e clara, por meio d'uma descripção ou aproximação dos termos equivalentes; sentidos diversos que exprime nas locuções, na linguagem popular ou giria, ou em a nomenclatura scientifica, tudo authorisado com exemplos recolhidos dos principaes classicos de todas as épocas.

IV — Sobre o ponto de vista historico

Os archaismos e termos obsoletos tanto da lingua galleziana dos Cancioneiros provençaes portuguezes, como dos principaes documentos juridicos em prosa, anteriores ás Ordenações Affonsinas, caracterisando a época a que pertence cada palavra.

V — Quanto á etymologia

A investigação das radicaes d'onde se formaram as palavras portuguezas, aproveitando os trabalhos realisados no campo das linguas romanicas, dando sempre a explicação da origem e descrevendo as transformações que soffreram até se fixarem na fórma actual.

Cinco grossos volumes in-folio com 5:430 paginas a 3 columnas

Brochado........................ 25$000 reis
Com segura encadernação de couro. 30$000 reis

PAGAMENTO N'UM ANNO EM 12 PRESTAÇÕES MENSAES

Restam algumas collecções dos tomos 3.º, 4.º e 5.º que se vendem juntos, brochados, por **15$000** reis

Na livraria Chardron — Porto e Braga

JUIZO DA IMPRENSA

A RESPEITO

DO

GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

A corajosa empresa vingou, apesar dos agouros, e até das previsões em parte judiciosas. Está concluido o *Diccionario de frei Domingos Vieira,* o mais volumoso e superabundante, que até hoje se imprimiu, da lingua portugueza. São cinco grossos tomos em formato de folio, aceadamente impressos na esmerada officina do snr. Antonio José da Silva Teixeira, que professa a sua arte com decoro e diligenceia dar realce ás obras em que a substancia não é menos válida que a formosura typographica. N'este emprehendimento arrojado a maior gloria cabe ao snr. Ernesto Chardron. Quer-nos parecer que em Portugal nenhum editor aqui nascido n'este aventuroso e estreito mercado das nossas letras, ousaria abalançar-se á publicação d'uma obra que frei Domingos Vieira deixára apenas bosquejada, e muito longe da sua plenitude em relação a este nosso tempo muito mais exigente em estudos philologicos do que na época em que o douto frade organisava o seu vocabulario, pouco mais valioso que os insufficientissimos diccionarios de Moraes e Constancio. Teve, pois, o snr. Ernesto Chardron de encarregar do segundo e moroso lavor pessoas habilitadas, e, como taes, largamente remuneradas para esse trabalho de quatro annos assiduamente consumidos n'essa tarefa. Procurou agenciar para o bom exito da sua empresa os philologos que mais justificadamente gozavam reputação. Foram diversos os que metteram mão n'esse empenho, uns mais destros que outros; e o ultimo, com inquestionavel direito, mais laborioso e paciente que todos os que o precederam. O genero era, sobre difficil, enfadonho. Póde ser que a tentativa requeresse pulso mais possante, e experiencia menos precipitada; não obstante, difficultosamente encontraria o digno editor pessoas mais pontuaes e constantes na sua penosa lide. A inercia dos homens doutos em Portugal ajusta-se cabalmente á pequenez com que são estipendiados. A sciencia esmorece á mingoa do estimulo tão frio quanto á gloria, como baldo quanto aos premios do ouro. A mais afouta energia e as mais poderosas faculdades para o trabalho se enervariam diante do encargo de tirar dos prelos os cinco tomos d'este diccionario em que o intemerato editor, arriscando um grande cabedal, grangeou a gratidão, embora tardia, da nação portugueza e do imperio brazileiro.

Desde que sahiram a lume as primeiras cadernetas d'este monumental vocabulario surdiram as criticas especiosas, e, por isso mesmo, injustas. As mais mordentes procediam da ignorancia menos indulgente. As pessoas estudiosas e capazes de pesar o arduo lavor de tal composição, eram as mais parcimoniosas na censura, attendendo á carencia de estudos previos, já bem provada no desalinho com que foi architectado o primeiro e unico tomo do *Diccionario da Academia,* para o qual é de presumir que convergissem os mais graduados philologos d'aquella doutissima corporação. Querer defrontar o diccionario ampliadissimo de Domingos Vieira com analogas composições estrangeiras seria pretensão tão ambiciosa quanto desatinada. Não podemos caminhar hombro a hombro com os diccionarios francezes, pois que a nós até nos faltam as bases e os elementos que sobram aos hespanhoes, desde muito enriquecidos com soberbos livros elementares do seu idioma. É certo que temos vastos armazens de vernaculidade. Desde o fim do seculo XV, por todo o seculo XVI e até ao meiado do XVII brotaram a flux os mestres da lingua, em todo o genero de saber humano, em todas as variedades de dicção, desde a technologia

mathematica em Pedro Nunes, e da gravidade historica em João de Barros, e das maviosidades romanescas de Jorge Ferreira e Francisco de Moraes, e emfim de todas as locuções quer magestosas quer facetas, até ao periodo injustamente menoscabado dos conceitistas em que ainda a linguagem mantinha na palavra o lustre da antiga bizarria dos que mais egregiamente professaram a arte. Com toda a certeza ha ahi um immenso repositorio d'eloquencia varia, sem nos andarmos a forrageal-a exclusivamente no padre Vieira, com menospreço de mais insignes mestres que melhormente seguiram o primor dos Feios e dos Ceutas; ha superabundantissimos celleiros do grão menos carecido da joeira; mas não exijamos a tres ou mais collectores d'um diccionario que nos tirem a limpo de centenares de livros as preciosidades remodeladoras da lingua — porque seria isso impôr obrigações incompativeis com as forças da mais opulenta e extraordinaria memoria.

Não póde arguir-se de omisso o Grande Diccionario, pelo que respeita a exemplificações. Ás vezes nos parecem nimiamente repetidas, ou por demasia confirmadas em vozes e phrases de somenos importancia. Assim se nos figura, e crêmos que somos n'esta parte o echo d'alguns queixumes, sem comtudo aquinhoarmos da pouca justiça da censura.

Não acoimemos de falta o que, no rigor da palavra, é meramente excesso. E bem póde ser que as delongas, que uns reprovam, outros apreciem. Os muito estudiosos em livros classicos comprazem-se ás vezes em copiar e recopiar dos seus authores predilectos phrases analogas, porque vai n'ellas intrusa uma locução que se repete com variado sentido.

Pois a esses não será por igual aprazivel toparem sobrepostos os exemplos no livro que lhes dá larga noticia dos authores que em raras estantes se encontram juntos? Quem procura aquilatar o valor proximo e o remoto da propriedade d'um termo, de certo se não enfada com vêl-o repetido e abonado com a authoridade de varios authores. Esta satisfação é uma das grandes benemerencias do Grande Diccionario. E, por esse excesso, ainda o não vimos detrahir pelas pessoas mais instruidas; antes, pelo inverso, somos parte na opinião d'aquelles que o louvam, e por esse motivo o consideram vantajosamente superior a quantos temos particularmente nos termos facultativos das sciencias; e até nos persuadimos que haverá quem possa organisar obra de menos vulto — o que é facil —; mas temos por seguro que difficilmente haverá quem nos dê mais opulento thesouro da lingua portugueza.

Verdade é que n'este diccionario ha artigos e muitos, que não lhe quadram, não lhe pertencem, são-lhe muito estranhos e alheios da sua indole. Por estas demasias facilmente corta o bom senso do leitor. Se lhe não servem, posponha-as como emprestadias; se lhe aproveitam, não tem porque se enfastie de as achar deslocadas. Tambem é verdade que ha ahi umas encravações politicas que dissonam da sciencia philologica. Essas, por vezes mal avindas com os sentimentos de cada um em materia de socialismo, nem podem afrouxar nem revigorisar opiniões. Podem ser dislates em relação a nós, e discrições em relação a outrem. Não as culpamos com a detracção, nem as encarecemos com o louvor porque não subimos á cathedra da opinião publica.

Não ha opinião publica: o que ha é opiniões differentes, e tão diversamente representadas, que não ousaremos dizer que temos comnosco, na censura ou panegyrico, seis, entre os seis mil leitores que passarem os olhos de fugida por este folhetim.

Exposto o que merece louvor e correcção no *Diccionario de frei Domingos Vieira,* não modificaremos a nossa opinião pelo que respeita ao grande serviço que o snr. Chardron prestou aos estudiosos, e ainda aos que singelamente se propõem escrever com propriedade a sua lingua.

Se n'este paiz os escriptores se acamaradassem no intuito de mutuamente se protegerem, não faltariam encomios ao editor d'esta obra tão benemerito da gratidão dos pouquissimos que grangeiam o seu pão no esteril campo das letras. Em cinco annos de laboriosa vida, o snr. Ernesto Chardron tem publicado muitissimos livros de ensino, e simultaneamente muitos de recreio, reeditando obras que nenhum outro editor aceitaria ainda barateadas como cá o fazem pela mesquinha tarifa dos de primeira mão. A sua bibliotheca abrange a maior parte dos nomes illustres na litteratura contemporanea, nacional e estrangeira. Honra-se o seu catalogo com os nossos mais acurados poetas, sem pretensão nem preferencia de nomes ou seitas. O nome primacial de Castilho foi o ultimo que o snr. Chardron inscreveu no seu catalogo,

tendo dias antes publicado a 2.ª edição das *Odes modernas* de Anthero de Quental. Todas as vocações, todos os cultores dos varios ramos da sciencia teem sido acolhidos pelo generoso editor. É incalculavel o beneficio que elle tem prestado aos obreiros laboriosos da nossa pequena tribu litteraria.

Pois havemos de assignalar, com tristeza e censura n'este lugar, que o silencio dos homens, que escrevem, é tanto mais desprimoroso quanto de reciprocamente se bemquererem lhes sortiria a elles beneficio, e por igual a quem lhes utilisa os seus productos, e se arrisca aos caprichos da opinião?

Respectivamente ao diccionario de frei Domingos Vieira — a mais despendiosa e valiosa editoração do snr. Chardron — diremos que o silencio da critica se deve a causas que se afiguram razoaveis, mas que não passam de antipathias pessoaes com as pessoas que collaboraram n'esta obra. Da parte do editor não ha para que o envolvamos n'essas contendas inglorias e que tornam o paiz mais pequeno do que na verdade é.

O editor do diccionario solicitou a coadjuvação intellectual de escriptores que mais applaudidos andavam n'esta especialidade philologica. Se elles o houvessem enganado, primeiramente a opinião de muita gente douta havia illudido o sincero editor.

Não podemos, porém, agorentar com malevolos córtes a capacidade do sujeito cujos trabalhos mais avultam n'esta estimavel obra. Se em seus juizos se demasiou pela incompetencia da authoridade censurando respeitaveis vultos nas letras, não ousaremos dizer que as suas arguições são destituidas d'algum fundamento. Em muitas paginas da *Introducção* e ainda no corpo do diccionario sobejam provas de que a pessoa encarregada de preencher e ampliar o trabalho do dr. Domingos Vieira é muitissimo instruida na especialidade que exercita, e está no caminho de a exercitar com pleno louvor. As maiores capacidades são os longos annos que as enchem e completam; e os engenhos distinctos devem fundar o melhor da sua reputação em acatarem os talentos que, nascidos em periodos menos alumiados, não viveram no meio luminoso dos tempos ulteriores.

Mas isto não tem nada que vêr com o singular merecimento do *Thesouro da lingua portugueza.* Afoutamente asseveramos que não ha, em nossa lingua, mais copioso diccionario d'ella. A compararmol-o com os que até agora nos serviram em nossos estudos, a vantagem do ultimo não comporta o confronto. Se a descuriosidade, e o menospreço do que é nosso, der em resultado o prejuizo de bastantes contos de reis sacrificados na publicação da obra, isso é uma questão de desprimor nacional. Mas, como não são vulgares entre portuguezes estas faltas de favor aos que trabalham, seja qual fôr a sáfara, confiamos muito na illustração dos nossos concidadãos que o arrojo do snr. Ernesto Chardron será galardoado por maneira que a illustrada bemquerença dos portuguezes lhe seja caução a emprehender obras de igual e maior alcance.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

(Do *Commercio do Porto*).

A noticia da conclusão d'está importante obra foi motivo para alegrar todos aquelles que prezam do coração as letras patrias.

De ha muito que se fazia sentir a falta d'um excellente diccionario da lingua portugueza. Essa lacuna parece-nos que está felizmente preenchida.

O *Grande dicionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza,* do dr. frei Domingos Vieira, assignala uma época litteraria; mórmente agora que as boas publicações vão minguando para darem lugar a traducções que nos veem pôr a lingua á guisa de capa de pedinte, como judiciosamente escreveu D. Francisco Alexandre Lobo.

D. Raphael Bluteau, Viterbo, Constancio e Moraes, fizeram muito, relativamente á occasião em que organisaram os seus *Diccionarios.* Sabe-se que n'aquelle tempo os estudos philologicos estavam reduzidos a uma área estreitissima, de que era muito difficil sahir. Tornava-se necessario que as pessoas encarregadas d'ampliar o *Diccionario* de fr. Domingos Vieira estivessem ao corrente das idéas philologicas que dominam lá fóra.

Á frente dos indigitados para dar andamento á obra, cuja necessidade era por demais imperiosa, achava-se o snr. F. Adolpho Coelho, que provou, já na *Introducção,* já no corpo do livro, que tem estudado e aprofundado os problemas da glottica.

Propalou-se por ahi que a obra tem defeitos: e qual o livro isento d'elles? Attenta a rapidez da publicação, era im-

possivel obstar a qualquer irregularidade.

Em Portugal, onde se está pouco acostumado a edições de grande vulto, a demora na conclusão do *Grande diccionario* fez com que muita gente deixasse de o assignar, receiosa talvez de que elle não fosse a cabo.

Enganaram-se; e a prova é que já está definitivamente concluido.

Vinha a proposito uma lembrança ao editor, no tocante a tornar esta obra accessivel ás classes menos providas de bens da fortuna; reservamol-a porém para o fim, fazendo d'ella a chave d'esta pequena bibliographia.

Voltemos a fallar da publicação.

O *Diccionario* de fr. Domingos Vieira tem merecido os justos encomios da imprensa portugueza e brazileira; e, postos de parte, como já dissemos, alguns leves erros disseminados aqui e alli, que outra obra mais grandiosa temos nós em lingua portugueza?

A *Introducção* está traçada com mão segura; vê-se que estão alli aproveitados com mestria os admiraveis trabalhos de Jacob Grimm, Diez, e de todos aquelles que teem sabido fazer da linguistica uma verdadeira sciencia.

No corpo do *Diccionario* estão completamente desenvolvidas as etymologias, e sanadas todas as duvidas que se apresentaram aos lexicologos que precederam fr. Domingos Vieira.

Quem se der ao trabalho de contar os vocabulos scientificos que foram recolhidos pela primeira vez n'este *Diccionario,* e outros termos achados por occasião da leitura dos documentos antiquissimos que serviram á confecção da obra, achará para cima de vinte mil.

Em termos de botanica, medicina, cirurgia, mathematica, zoologia, industria e artes, é o *Diccionario* mais completo que possuimos hoje.

Finalisando, occorre-nos lembrar ao editor que proporcione aos pouco abastados o meio mais facil de haverem aquella obra, de modo a não tornar-se tão onerosa a sua acquisição.

É um alvitre aceitavel e que o publico agradecerá; pois que em pouco tempo qualquer pessoa póde possuir, comprando ás series ou meias series, uma das melhores publicações que tem visto a luz na actualidade.

ALVARO DA FONSECA.

(Do *Jornal do Porto*).

Está concluida a impressão do *Grande diccionario da lingua portugueza,* a que serviu de base o manuscripto do dr. fr. Domingos Vieira, propriedade do bispado do Porto, o qual foi posto á disposição dos benemeritos editores pelo fallecido bispo D. João da França Castro e Moura, de saudosa memoria. Só a coragem e perseverança d'um editor como o snr. Ernesto Chardron poderia arrostar e levar a cabo uma empresa litteraria, onde foram empregadas dezenas de contos de reis, evidentemente a empresa litteraria portugueza mais consideravel do nosso tempo. O snr. Chardron fundou a primeira casa editora do nosso paiz, pois os editores anteriores, entre os quaes ha sem duvida muitos benemeritos, não eram editores de profissão, mas sim de circumstancias; se elle não tivesse amparado esta empresa, por certo não possuiriamos hoje este diccionario que, diga-se o que se disser, é o mais *copioso* em *termos, accepções* e *locuções,* o mais bem documentado sob todos os pontos de vista, que entre nós se tem publicado. Sem duvida, a execução não é por toda a parte igual, sem duvida ha erros, imperfeições, lacunas; mas compare-se miudamente o *Grande diccionario portuguez* com os trabalhos semelhantes anteriores, e reconhecer-se-ha para logo a sua superioridade. No novo diccionario encontram-se artigos, que são verdadeiras monographias, verdadeiras memorias philologicas; veja-se por exemplo os artigos AGUA, CABEÇA, MANDAR; que riqueza, que variedade de observações de todo o genero! Compareçe-se isso com os artigos mesquinhos e embrulhados de Moraes, e vêr-se-ha de que lado está o bom methodo e a verdadeira erudição.

Nada mais facil do que tomar qualquer diccionario por melhor que seja, a obra monumental de Littré, feito em condições impossiveis em Portugal, com innumeros trabalhos auxiliares á mão, e indicar-se-lhe-ha erros, lacunas, imperfeições, desigualdades, definições mal pensadas, etc. É a parte do homem em todo o trabalho; é o lado fraco que se nota até nos maiores productos da sciencia e da litteratura; mas a questão é o *todo;* a questão é o que um trabalho traz de novo para o patrimonio commum; ora sob este ponto de vista, que é o de critica elevada, o *Grande diccionario da lingua portugueza* é uma obra altamente meritoria; o que ha de bom n'ella fórma uma grande massa, o mau é muito pouco e facil de se corrigir, cortar, modificar

n'um supplemento, que crêmos não se demorará muito tempo a publicar.

Os termos novos incluidos no *Grande diccionario* não são tirados unicamente da linguagem scientifica; alguns milhares d'elles pertencem á linguagem das conservações antigas e modernas, das artes e officios; citaremos só alguns de tão grande massa: *apanhia, arratadura, arrebenta-boi, Belzebuth, cabaleta, cabeçalho, cabrarola, cachiner, calandragem,* etc. Moraes no artigo *Caixa,* por exemplo, apresenta apenas umas quatorze significações e locuções ou phrases; o *Grande diccionario da lingua portugueza* apresenta exactamente o dobro, e que curiosas e genuinamente portuguezas locuções são aqui pela primeira vez reunidas! *Ir á caixa d'alguem,* espancar; *ser boa caixa d'oculos, caixa de dentes, a toque de caixa,* etc. No artigo *Coração,* Moraes traz umas trinta accepções e locuções; fr. Domingos dá-nos ainda numero dobrado, e entre as locuções ha-as energicas e interessantes: *D'um coração,* unanimente; *metter a mão no coração,* penetrar nas intenções; *todo coração,* muito sensivel. Essa phrase energica, portuguezissima, digna d'aquelles homens que luctando com todos os perigos das longiquas expedições, tinham de crear em si uma coragem quasi superior ás forças humanas, essa phrase, emfim, *fazer das tripas coração!* Ao lado d'essa locução dos valentes encontramos tambem a dos cobardes, a d'aquelles que ante o perigo, uma surpreza, ficam como sem vida, em quem o orgão capital da vida como sahe do seu lugar, para o fim d'elles; essa phrase não menos pittoresca é: *cahir o coração aos pés.* As almas pequeninas, os caracteres que facilmente se irritam, que se expandem a cada passo em inuteis declamações, que não sabem receber com coragem as injurias, e deixal-as descer ao fundo do peito e levantar a cabeça serena com a mais alta dignidade humana, esses são desenhados n'uma só phrase: *ter o coração ao pé da bocca.* Exemplificamos com dous artigos; podiamos exemplificar com a maior parte do *Diccionario.* Digam-nos agora os detractores d'este vasto repositorio da lingua nacional, onde se encontram accumuladas essas riquezas, onde foram reunidos pela primeira vez esses termos, como locuções e tantos milhares de termos e locuções semelhantes? Barafustem, descubram erros typographicos, uma indicação errada d'author, uma definição incompleta, uma etymologia contestavel, uma palavra que não foi incluida: concedemos-lhes que a obra tem d'esses vicios, devidos em grande parte á rapidez com que foi publicada; pois as obras d'esta natureza no estrangeiro com outros recursos, levam annos e annos a imprimir; mas quando vierem passar um traço negro sobre a grande massa do que ha de razoavel, de bom, de excellente, d'optimo no *Grande diccionario da lingua portugueza* duvidaremos que se venha exprimir com boa fé uma opinião litteraria.

(Do *Jornal do Commercio*).

Acha-se concluida esta obra monumental, devida á penna de frei Domingos Vieira, e notavelmente enriquecida de citações dos nossos classicos.

Nenhum portuguez que ame a lingua patria e a queira manejar com toda a propriedade deve deixar de possuir este livro.

Os que por acaso não o assignaram dirijam-se á acreditada livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor.

(*O Porto*).

Concluiu-se a impressão da momentosa obra litteraria, baseada sobre o manuscripto original do sabio frei Domingos, revista e consideravelmente augmentada.

Este facto, além de significar um alto serviço ás boas letras, é tambem uma gloria para o snr. Chardron e B. H. de Moraes, editores incansaveis, que com a maior perseverança levaram a cabo uma empresa tão difficil e arriscada.

O diccionario de que fallamos é considerado como o melhor e mais completo que possuimos e por tanto o mais precioso, que de preferencia deve ser consultado e escolhido para guia dos que desejam conhecer a riqueza da nossa lingua.

Os defeitos que lhe attribuem não amesquinham o seu grande valor e merecimento, e são mais uma prova de que não é dado ao homem realisar algum trabalho sem imperfeição. Recommendamos, pois, aos nossos leitores o novo livro como mestre de que podem receber proveitosas e utilissimas lições, felicitando os snrs. editores Chardron e Moraes pela felicidade com que realisaram um emprehendimento de tão subido alcance.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

A casa editora do Porto já concluiu a publicação do *Grande diccionario portuguez* ou *Thesouro da lingua portugueza,* pelo dr. fr. Domingos Vieira.

Desnecessario será o encarecer a importancia d'esta obra, que veio preencher uma grande lacuna, que existia na nossa lingua.

Recommendamos portanto o *Grande diccionario* aos nossos leitores: comprando-o farão a acquisição d'um bom e excellente diccionario.

(Do *Jornal de Lisboa*).

O publico sabe já qual é o valor d'esta grande obra.

(*Commercio do Porto,* de 20 de fevereiro de 1873).

I

Completou-se a publicação d'esta obra volumosa, annunciada auspiciosamente desde o principio pela imprensa periodica.

Não são escassos entre nós os trabalhos d'esta ordem, confeccionados ao sabor da época da sua coordenação.

Sobram a comproval-o os trabalhos lexicologicos d'Agostinho Barbosa, Antonio de Moraes e Silva, Antonio Vieira, Eduardo de Faria, Francisco Solano Constancio, Jeronymo Cardoso, Joaquim José da Costa e Sá, D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda, Pedro José da Fonseca e D. Raphael Bluteau.

A cada um d'estes nossos diccionaristas, conforme o seu escôpo especial, é devedora de locubrações prestimosas a nossa lingua.

Fallecia-nos todavia um trabalho amplo, vasado nos moldes lexicographicos da nossa época: — e foi o que o snr. Ernesto Chardron, com o snr. Bartholomeu de Moraes, projectaram effectuar com a publicação do *Grande diccionario portuguez.*

II

Possuidores dos trabalhos lexicologicos do eremita augustiniano fr. Domingos Vieira sobre a nossa lingua, procuraram os illustres editores amplial-os, confiando esta missão ao snr. Theophilo Braga a principio, e ao snr. Adolpho Coelho por ultimo.

Consultados ao acaso alguns *artigos* do *Grande diccionario portuguez,* reconhece-se n'elles de prompto a mão trabalhadora dos nossos dous conhecidismos litteratos.

Deixamos aos amadores o exame individual da remodelação vocabular d'estes dous escriptores indefessos, a que nada é desconhecido das doutrinas lexicologicas d'Ascoli, Bopp, Corssen, Curtius, Diez, Gaston Paris, Grimm, Max-Müller, Mommsen, Schleicher e Zeuss.

III

Contentamo-nos com dar aos nossos leitores uma indicação geral do *Grande diccionario portuquez,* apontando-lhes apenas os tópicos principaes que o caracterisam:

I — «Quanto á nomenclatura: Todas as palavras colleccionadas nos mais aproveitaveis diccionarios da lingua, rectificada a significação de cada uma: — e além d'isso a phraseologia do direito, philosophia e sciencias naturaes, com os idiotismos e archaismos.

II — «Na parte grammatical: Designação da natureza de cada palavra; sua pronuncia, authorisada pela accentuação poetica; decomposição das locuções adverbiaes; cacographia, segundo os monumentos das primeiras idades da lingua; com as fórmas irregulares dos verbos.

III — «Sobre a significação da palavra: Uma definição breve e clara, por meio d'uma descripção ou aproximação dos termos equivalentes; sentidos diversos que exprime nas locuções, na linguagem popular ou giria, ou na nomenclatura scientifica — authorisado tudo pelos mais respeitaveis escriptores.

IV — «Sobre o ponto de vista historico: Os archaismos e termos obsoletos, tanto da lingua galleziana dos cancioneiros provençaes portuguezes, como dos principaes documentos juridicos em prosa, anteriores ás ordenações affonsinas, caracterisando a época a que pertence cada palavra.

V — «Quanto á etymologia: A investigação das radicaes, d'onde se formaram as palavras portuguezas — aproveitando os trabalhos realisados no campo das linguas romanas, dando sempre a explicação da origem, e descrevendo as transformações que soffreram, até permanecerem na fórma actual».

IV

Formando 5 volumes em folio — o 1.º,

com as letras A-B; o 2.º, com as letras C-D; o 3.º, com as letras E-L; o 4.º, com as letras M-P; e o 5.º, com as letras Q-Z — é o *Grande diccionario portuguez* o vocabulario mais amplo da nossa lingua.

Em face d'esta individuação, não haverá quem não infira para logo, que n'esta obra volumosa se acharão milhares de palavras, que debalde seriam procuradas nos outros vocabularios portuguezes.

Não descemos á enumeração de palavras comprovativas, para não alongarmos este escripto em demasia.

V

O *Grande diccionario portuguez* é precedido d'uma *Introducção* em duas partes.

Versa a primeira sobre a *lingua portugueza* em geral, e é escripta pelo snr. Francisco Adolpho Coelho — a quem o snr. Innocencio Francisco da Silva intentára deprimir no seu *Diccionario bibliographico;* mas a que o indefesso lexicologista redarguira para logo com vigor, no seu opusculo *Algumas observações ácerca do Diccionario bibliographico e seu author*.

Versa a segunda sobre a *litteratura portugueza* em geral, e é escripta pelo snr. Theophilo Joaquim Fernandes Braga — contra quem tambem o indefesso bibliographo lisbonense não tem mostrado menos azedume, por um sestro d'inveja maledicente, que o tem indisposto com quasi todos os estudiosos do paiz.

VI

N'esta *Introducção* apparecem applicados pela primeira vez á nossa lingua — com sciencia e consciencia — os principios assentes em Italia, França, Inglaterra, Allemanha e Philadelphia, como doutrinas orthodoxas nos estudos linguisticos.

Observam-se alli os resultados das doutrinas glossologicas, professadas na universidade de Milão por Ascoli; Comparetti na universidade de Pisa; Janku na universidade de Florença; Bréal no collegio de França; Oppert na escóla de linguas orientaes; Lottner na universidade de Dublin; Aufrecht na universidade de Edimburgo; Max-Müller na universidade d'Oxford; Steinthal e Weber na universidade de Berlim; e Tafel e Whitney na universidade de Philadelphia.

VII

Os editores d'esta obra volumosa — os snrs. Chardron e Moraes — prestaram ás nossas letras um serviço de valia, consagrando não pequeno capital á sua publicação.

Não foi a especulação bibliographica o mobil d'esta sua empresa despendiosa.

Foi o desejo de não deixarem improficuos os manuscriptos de fr. Domingos Vieira, um dos ultimos ornamentos litterarios do ex-convento do Populo d'esta cidade — casa religiosa do florecimento de varões illustres desde o seu começo em 1595.

VIII

Como prova inconcussa do nosso asserto — e para que elle se não attribua a lisonja nossa — bastará noticiarmos um facto aos nossos leitores, honroso para os snrs. Chardron e Moraes.

Constou a estes dous editores, que alguns *artigos* do *Grande diccionario portuguez* tinham desagradado a alguns dos seus leitores, attribuindo-os erradamente a intenções premeditadas de propaganda communista.

Pois bem: trataram ambos elles para logo, de se entenderem com o exc.mo visconde d'Azevedo, a fim de redigir de novo esses *artigos* de desagrado, para serem distribuidos em *cartões de substituição* aos respectivos compradores da obra.

Citando este proceder dos snrs. Chardron e Moraes — não vulgar nos annaes das nossas editorias bibliographicas — não precisamos d'outro testemunho em nosso abono.

Nem seremos taxados de parciaes, se dissermos que o *Grande diccionario portuguez* — emendando as negligencias de Bluteau, os descuidos de Moraes, os menoscabos de Constancio, os desleixos de Faria e as desattenções de Lacerda — será por muito tempo o mais consultado vocabulario da nossa lingua, de que podemos dizer ufanos com Diogo Bernardes no seu *Lima:*

«Ditosa lingua nossa, que estendendo
«Vás já teu nome tanto, que seguro
«Inveja a toda a outra irás fazendo».

PEREIRA CALDAS.

(*O Brado Liberal*, de Braga).

J. B. D'ALMEIDA GARRETT

CAMOENS

POÈME TRADUIT DU PORTUGAIS AVEC UNE INTRODUCTION ET DES NOTES

PAR

HENRI FAURE

Docteur ès-lettres, membre de l'Institut de Coimbre

OUVRAGE ORNÉ D'UN PORTRAIT DE GARRETT

Un volume.................................... **1$200**
Sur papier de Chine.......................... **2$400**

O snr. H. Faure dedica a sua traducção a S. M. a rainha a senhora D. Maria Pia. A publicação em francez do soberbo poema de Garrett, diz elle, tem por unico fim mostrar, por meio d'um exemplo, aos francezes, seus conterraneos, de que innumeras riquezas os está privando todos os dias o pouco ou nenhum conhecimento que em França ha das linguas estrangeiras.

A traducção, feita para prosa, está correcta, elegante, fluente, e é precedida de um estudo sobre a vida do author, que revela quanto o snr. Faure se tem dedicado á apreciação da litteratura da nossa terra, assim antiga como moderna. A edição é esplendida, como tudo quanto sahe da officina de A. Quantain. Na livraria do snr. Ernesto Chardron encontram-se á venda alguns poucos exemplares d'este formoso livro, muito digno de figurar na bibliotheca dos apaixonados d'obras uteis e delicadas.

(Do *Commercio Portuguez*).

THE

LUSIAD OF CAMOENS

TRASLATET INTO ENGLISH SPENSIARIAN VERSE

BY

ROBERT FRENCH DUFF

KNIGHT COMMANDER
OF THE PORTUGUESE ROYAL ORDER OF CHRIST

Um magnifico 4.º com 15 retratos e a gravura do mosteiro da Batalha

Cartonado.............................. 3$000 reis

Porto : 1880 — Typ. de A. J. da Silva Teixeira, Cancella Velha, 62

2.º ANNO · 1880 N.º 5

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

NARCISO DE LACERDA

CANTICOS DA AURORA

1 vol. in-12, 600 reis

ERNESTO CHARDRON, EDITOR — PORTO E BRAGA

CANTICOS DA AURORA, por NARCISO DE LACERDA. *Livraria Internacional de Ernesto Chardron, editor*, Porto, 1880.

O meu dezembro álgido está tão longe d'este abril florido de Narciso de Lacerda, que mal posso avocar reminiscencias de mocidade para me sentir viver da seiva, ás vezes de lagrimas, que fez desabotoar essas grinaldas. Lembram-me uns versos antigos que são uma advertencia sensata ás almas marasmadas e aos olfatos em atrophia que desdenham as florescencias e os aromas. Os versos são de Camões rapaz aos criticos encanecidos:

... quando lerdes,
Entendei que segundo o amor tiverdes
Tereis o entendimento de meus versos.

Um poema lyrico para um velho sinceramente e conscientemente velho é uma esphinge. Se dá ares de percebel-o, o impostor é como um surdo que gesticula de cabeça com pretenciosa intelligencia das harmonias que não ouve.

O que eu ainda conservo é — não direi a percepção nitida dos aromas, mas a dos matizes das flôres, isso parece-me que sim. Se me não deleita ou penalisa o pensamento amoroso pela correspondencia que abre com o meu espirito, applaudo a fórma escorreita ou reprovo as deformidades. Sou um formalista, ou, se m'o consentem, um grammatico com certos pruidos de rhetorico.

Os *Canticos da Aurora* tem paginas em que a subjectividade, o lyrismo pessoal repta a inflada escóla do Ideal politico em nome do romantismo apupado com palhaçadas. Em outros lanços do livro, Narciso de Lacerda communga na iniciação do Ideal novo, orienta-se na linha revolucionaria, abeira-se das arestas dos abysmos e das ourelas dos pantanos. Eu disse o «Ideal novo» sem querer reconhecer e suffragar um defuntissimo «Ideal velho». N'estas poesias juvenis, arpejadas na melopêa melancolica da antiga sentimentalidade de Vigny e Lamartine, vejo o Bello, com a sua formosura primaveral, sempre en-

verdecida por maviosas lagrimas, ou nol-as dê a mágoa propria ou a desfortuna alheia. Não ha Ideaes de vitrine nova, nem Ideaes de anachronico *bric-à-brac*. O Bello é um. *Si vis me flere,* se queres que eu me commova, commove-te. Se me commoveste, o teu livro é bom, póde dar-me a sensação regeneradora, a intuscepção do bem e do mal. Se o teu Ideal é revolucionario, se, a pretexto de melhorares a minha sorte e a dos meus irmãos descontentes, pões Proudhon em alexandrinos e me envias politica com o carimbo de V. Hugo, sou a dizer-te, visionario poeta, que a ilha Athlantida, e a Salento de Fénélon, e a cidade do Sol de Campanella tem mais direito a entrarem nos compendios de geographia que os teus versos nos processos da perfectibilidade humana.

As formosas theorias do DEVER, mallogradas nos honrados livros de J. Simon, não me parece que tu as refaças e vingues da indifferença publica mediante a sonoridade rhythmica dos teus adjectivos vermelhos e das antitheses já tão puidas que mais parecem ter o *cachet* de Gongora que o dos *Chatiments*. Que lucramos nós se a tua musa aquilina se peneira sobre marneis paludosos e faz um grande arfar de azas estridentes, e depois ella ahi vai, nuvens acima, pelas profundezas do azul, e some-se de modo que nós, os espectadores pedestres, temos de continuar a fabricar bezerros para possuirmos um qualquer Ideal? O que nos deixam cá em baixo, ás abas do Sinay, é a photographia das cousas hediondas; mas isso que monta? Nem Baudelaire consentia que em taes condições o alcunhassem de realista.

Nas poesias do snr. Narciso de Lacerda ha uma dualidade que Silva Pinto, no magnifico prefacio d'este livro, exprime judiciosamente: *O poeta, com uma lealdade corajosa, apresenta-nos no seu livro a dupla miragem de seu espirito: o labor dependente, subordinado a alheio exemplo e o fructo, espontaneo e vigorosamente accentuado da inspiração genial.*

Mas a inspiração genial é a que nos dá o quilate da sua vigorosa naturalidade, e as notas rejuvenescidas sobre os velhos themas do amor filial — uma das grandes — a maxima riqueza moral d'este livro. O que ahi ha reflexo dos snrs. Quental e G. Junqueiro, nos seus poemas ataviados á feição das objurgatorias de combate, isso foi o que me pareceu mais descasado, mais postiço na indole do poeta. Por amor da escóla, vieram á barra os padres; e, dado que Narciso de Lacerda exceptuasse a Providencia das suas objurgatorias de Ajax e Juliano Apostata, assim mesmo as azas da sua musa que aflam por vezes tão serenamente nos paramos lucilantes das estrellas beneficas, e baixam a trazer-nos o amor a Deus e aos homens, parecem arquejar hystericas quando roçam pela batina do clero. Foi a imitação. Foi a desculpavel vaidade de mostrar que seria muito do seu tempo, se o quizesse ser.

Um elegante poeta brazileiro e prosador de primeira ordem, o snr. Machado de Assis, que não inveja primores de linguagem aos mais correctos, e primores de bom juizo aos mais reflexivos pensadores, conclue assim um optimo artigo intitulado a *Geração nova,* impresso recentemente na *Revista Brazileira:*

«Geralmente, a mocidade, sobretudo a mocidade de um tempo de renovação scientifica e litteraria, não tem outra preoccupação mais do que mostrar ás outras gentes que ha uma porção de cousas que estas ignoram; e d'ahi vem que

os nomes ainda frescos na memoria, a terminologia apanhada pela rama, são logo transferidos ao papel, e quanto mais crespos forem os nomes e as palavras, tanto melhor. Digo aos moços que a verdadeira sciencia não é a que se incrusta para ornato, mas a que se assimila para nutrição; e que o modo efficaz de mostrar que se possue um processo scientifico, não é proclamal-o a todos os instantes, mas applical-o opportunamente. N'isto o melhor exemplo são os luminares da sciencia; releiam os moços o seu Spencer, e o seu Darwin. Fujam tambem a outro perigo, o espirito de seita, mais proprio das gerações feitas e das instituições petrificadas. O espirito de seita tem fatal marcha do odioso ao ridiculo; e não será para uma geração que lança os olhos ao largo e ao longe, que se compoz este verso verdadeiramente galante:

«Nul n'aura de l'esprit, hors nous et nos amis».

Estas sensatas reflexões não as trasladei a fim de insinual-as no espirito do snr. Narciso de Lacerda. Eu, na sua obra poetica, não vejo desvanecimentos de seita, nem o frio proposito de uma orientação concertada e engenhada a certas fórmulas litterarias de puro convencionalismo. Este livro é a aurora de um talento florecido na sazão propria; e é mais que uma esperança — porque Narciso de Lacerda, muito na flôr dos annos, já não carece do tempo nem das caricias da fortuna (leia *dos favores dos noticiaristas*) para ser considerado um dos nossos melhores poetas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Este delicioso volume de versos é precedido por tres prologos, assignados por Silva Pinto, João de Deus e Camillo Castello Branco. Fazem estes tres escriptores plena justiça ao talento de Narciso de Lacerda; e d'elle dizem o sufficiente para o collocar á altura dos primeiros poetas portuguezes. É isso o que convém averiguar antes de tudo.

Narciso de Lacerda é um poeta de primeira ordem, justamente porque não possue a preoccupação de escóla. Escreve o que a inspiração lhe segreda e escreve sempre a verdade. Publicou um livro para ficar, um livro adoravel em que se destacam poesias de um extraordinario merecimento, como o *Job*, o *Christo negro*, a *Peccadora*, *Horas de paz*, etc. Está n'isto o seu maior elogio, e está n'isto tambem a sua principal garantia, como escriptor distincto e poeta brilhantissimo.

Sentimos que a falta de espaço e ainda mais a feição especial d'esta folha nos inhibam de transcrever, como muito desejavamos, algumas das principaes poesias dos *Canticos da Aurora*.

Teremos breve occasião de voltar ao assumpto.

(Do *Commercio de Portugal*).

Este periodo do anno foi sempre aproveitado em todos os tempos pelos chronistas sagazes para insinuarem capciosamente no animo do leitor, a proposito da chegada official da primavera, o supplicante volume de versos que em cima da mesa de trabalho aguardava pacientemente o ensejo de se poder recommendar á complacencia das leitoras.

O volume de que vou fallar não está n'esse caso. Chama-se, sim, *Canticos da Aurora*, mas não tira este titulo da circumstancia de ser publicado n'este periodo de manhãs formosas. Chama-se assim porque tem d'esta, muita luz e muitos gorgeios, e porque é um livro em cujo seio se ouve trinar d'uma fórma encantadora o eterno rouxinol da mocidade e do amor! Narciso de Lacerda é um moço poeta de um estro robusto. A sua poesia refresca-se nas caudaes purissimas da verdadeira inspiração e não arrasta um vôo cançado atraz do curso olympico da aguia altaneira dos combates e das paixões estranhas. Nos *Canticos da Aurora* ha por exemplo, versos como o formoso soneto que se segue:

Amar... — mas é preciso que saibamos
Comprehender bem esta palavra — Amar
É ter na terra um céo com que vistamos
O peito nú, d'augustia a trasbordar:

É ter sempre um degrau a que subamos
Para fallar com Deus; é ter o altar
Do Bem... Da Fé... e tudo que buscamos
Na esphera azul, nas amplidões do ar,

*

Tel-o dentro de nós — tão bem guardado
Em nosso coração... tão bem fechado
Dentro do seio... que, se a tempestade

Ao seio rouba quem o seio amava,
Lá fica ainda dentro d'elle, escrava,
Uma restia da luz — uma saudade.

Ou ainda versos tocados de perfumada melancolia como os seguintes:

Deu-m'o tambem. Á sombra da amargura
Abri o livro santo. As leis sagradas
Fallavam-me de Deus, d'outra ventura
Não sabida das almas desterradas...

Quando instantes depois, finda a leitura
D'essas ardentes paginas doiradas,
Alcei os olhos para lá da altura,
Senti... — senti as palpebras molhadas.

E, remexendo a cinza do passado,
Bemdizendo os que me hão amaldiçoado,
Perdoei... por amor de minha mãi

E em nome do Evangelho, onde palpita
Essa bondade mystica, infinita...
Que leva o desgraçado a crer no Bem.

Mas além de grande numero de estrophes encantadoras, ha nos *Canticos da Aurora* versos d'um conceito profundo, tocados d'uma exquisita melancolia que assignala a individualidade do poeta. Os *Canticos da Aurora* é dos livros que se sentem; ha outros que apenas se leem; e ainda outros que simplesmente se compram — estes raros, devemos dizel-o em homenagem ao bom senso patrio — no que diz respeito a linhas rimadas.

E quando um livro se *sente*, esse livro tem de ficar, não no pó das livrarias, mas nas regiões aonde os bellos espiritos cançados da materia sacodem a poeira luminosa das suas azas.

G. D'AZEVEDO.

(Do *Occidente*).

Editou ultimamente o snr. Ernesto Chardron, em formoso tomo de 238 paginas, impressas em excellente papel laminado e com inexcedivel nitidez em typo redondo novo, nos prelos da acreditada typographia do snr. A. J. da S. Teixeira, um volume de poesias do snr. Narciso de Lacerda, que este intitulou *Canticos da Aurora*. O aspecto externo do volume (que, digam o que disserem, tem grande influencia sobre o homem e o predispõe desde logo favoravel ou desfavoravel para a obra que se lhe offerece á vista) convida a pegar d'elle e a folheal-o e a quem o fizer por certo lhe succederá como a nós, que insensivelmente de pagina em pagina não houvemos largal-o antes de lido até á ultima folha.

Que de seiva e de vida alliadas a uma extraordinaria espontaneidade, joias preciosas do cofre de qualquer escriptor e sobretudo de um poeta, cravejadas com inexcedivel primor e admiravel propriedade e harmonia em engastes sinzelados com a arte de um Cellini!

Em excellente folhetim publicado no n.º 148 de 2 do corrente do nosso illustrado collega *O Dez de Março,* a proposito dos *Canticos da Aurora,* e firmado pelo snr. Alexandre da Conceição, um alevantado espirito, escriptor distinctissimo e critico de subidos quilates, diz este haver-lhe ultimamente manifestado o snr. Jayme Batalha Reis, um formoso talento tambem, a opinião de que para elle *não havia em poesia nem realistas nem romanticos, mas havia simplesmente poetas com talento e poetas sem talento.*

Estamos plenamente d'accordo com o snr. Batalha Reis, e a nossa admiração e applausos são ganhos a todos os poetas de talento, seja qual fôr a escóla a que pertençam, muito mais que para nós entra em duvida se a filiação d'um verdadeiro poeta, do vate, do illuminado, do propheta, segunda a origem grega do termo, em qualquer escóla é acto dependente de sua vontade, consequencia do meio em que viva, idyosincrasia da sua individualidade, ou moto necessario e fatal de seu espirito.

E o proprio snr. Alexandre da Conceição, que francamente se filia na escóla positivista se não aceita em toda a sua amplitude a asserção do snr. Batalha Reis, não deixa comtudo de lhe reconhecer um lado *incontestavelmente sensato e aceitavel.*

Por nós, pondo de parte quaesquer sympathias mais ou menos pronunciadas por esta ou aquella escóla litteraria e entendendo que a critica e apreço de uma poesia se não deve taxar por uma certa e determinada medida, como se fosse leito de Procusto, — ao mesmo tempo que applaudimos João de Deus, palmeamos Guerra Junqueiro, admiramos Pereira da Cunha na sua *Selecta,* festejamos Fernando Leal nos seus *Reflexos e Penumbras*, Christovam Ayres nas suas *Indianas e Portuguezas* e hoje Narciso de Lacerda nos seus esplendidos *Canticos da Aurora,* collocando-nos na apreciação de uns e outros d'esses formosos livros sob o ponto de vista em que os conceberam e escreveram seus authores «manifestando» e patenteando n'elles admiravelmente sua «personalidade» sem lhe tomarmos contas nem inquirirmos de suas

escólas litterarias ou politicas, e sem que nos pese em algo para nossos applausos que as crenças vívidas de Narciso de Lacerda nas primeiras paginas dos *Canticos da Aurora* vão esmaecendo ao passo que o volume se approxima de seu termo, até se converterem em duvidas e, ainda mais que estas, em plena descrença, para o fim d'elle.

Não especialisamos n'esta nossa rapida noticia dos *Canticos da Aurora* nenhuma de suas poesias, porque se o fizessemos não poderiamos resistir á tentação de transcrever alguma d'ellas, e para o fazermos falta-nos espaço.

(Da *Aurora do Cavado*).

Este livro tem um prefacio nosso, á beira da prosa de João de Deus, o mestre da Poesia e da de Camillo Castello Branco, o mestre da Prosa. Isto vem como base de hesitações; concluimos as dezeseis paginas de nossa critica, crentes em que tudo disseramos — tudo quanto sabiamos. Que mais dizer?

Dispensa de interjeições, dispensa de adjectivos banaes: o recurso das situações amargas, das situações constituidas pela amizade do critico desnorteada pela insignificancia do artista. Ah! não: não temos pela frente mediocridade a mendigar favor! Não nos vinculamos ao elogio pelos sentimentos individuaes! Admiramos: admiramos a espontaneidade que dispensou *réclame* preparatorio; admiramos a originalidade potente, que em periodo de naufragios se affirma e sustenta e prevalece, e nos mostra o cunho de vitalidade prolongada, em que peze a desvarios de impotente cólera, de ciume rancoroso, e, peor ainda, de enregelada indifferença desanimadora...

Porque, ó sectarios da vida *positiva!* mal comprehendeis essa coragem: cantar Deus, quando a rapsodia de mil ineptos o supprime na esteira de alguns apostolos do *nada:* esfarrapar a alma (perdoai, ó myopes!) quando a rapsodia a supprime: esquivar-se á glorificação da sciencia que se affecta e da descrença firmada na candura: isto, quando os infantes sahem do berço materno para a negação, inexperientes das amarguras da vida, sem estudo, sem sulco de lagrimas, sem affirmações preteritas de coragem: isto, — ó *positivos!* — reclama varonil esforço; é a reivindicação de sagradas crenças condemnadas sem processo; é a lucta com a phraseologia facilmente aceite! Conheceis, porque os tendes visto, os palavrões faceis: a Sciencia, o Positivismo, o Lyrismo condemnado, o Modernismo: — *banalidade,* quando soletrada apenas a nomenclatura por inconscientes infantes: conheceis a phraseologia facil e mal concebeis, — homens da prosa! — a coragem do espirito que arrosta com o anathema da sciencia ausente, em nome da sagrada crença, e que offerece a esta ultima o engaste do talento, que os detractores não vingarão conhecer!

Não nos illudimos hoje, traçando esta ligeira noticia após a elaboração do incompleto Prefacio que o livro de Narciso de Lacerda offerece aos seus leitores, como paginas de somenos valía. Os *Canticos da Aurora* constituem um protesto, tanto mais authorisado quanto a sinceridade do poeta é evidente. Não ha o *parti-pris* que procede do prurido de escóla, n'aquelle livro a espaços deslumbrante. O protesto está na indole do poeta. Na aurora da sua juventude, elle escuta os canticos *novos:* vê a Poesia, tão sua, explorada ao serviço da Philosophia, da Revolução, do Atheismo; digamos a poderosa palavra — ao serviço da Critica. Fascinado pelos esplendores que sóem derramar a flux dous revolucionarios ardentes e poderosos, o poeta suffoca por momentos a aspiração do seu espirito e vai nas pisadas dos obreiros [1]. Mas a crença augusta reage, protesta e leva de vencida a imitação: elle canta o amor filial, o amor de redempção, a divindade; tem as vibrações de poeta christão que põem a nota original na poderosa lyra de Lamartine, tão insultada por incomprehendida; uma vez, dá o cunho psychologico ao irracional [2]. E nos olhos de sua mãi, fulgurantes de infinito amor, no exemplo do nobre trabalhador que é seu pai e que lhe transmitte a benção de Deus, no esbracejar da mulher amada que cerra os olhos a lampejos salvadores, na comprehensão *sentida* do Ideal: n'este manancial eterno se alenta a sua inspiração: é alli que retempera as suas armas o combatente; já lhe chegam aos ouvidos clamores de cólera; já os echos do protesto desdenhoso; já lhe recebem a enunciação do seu engenho hostilidades de eunucos miseraveis... Elle lucta, porque crê: ahi tendes o resultado da sua lucta! ahi tendes a affirmação da sua crença!

Não nos illudimos: sabemos quanto

[1] *Canaan,* impressões de G. Junqueiro, e *O Homem,* impressões de A. do Quental.
[2] *Job.*

importa á crença publica nos meritos d'um artista, sabemos quanto importa ao respeito da critica por esses meritos o juizo dos mestres reconhecidos e dos artistas geralmente aceites. Aqui os invocamos — os nomes venerados, ou possuidores de fundada estima: é o vosso, Camillo Castello Branco, a quem o poeta dos *Canticos da Aurora* tanto deve em sympathia: são os vossos, — João de Deus, Guerra Junqueiro, Guilherme de Azevedo, que nos haveis confiado os protestos da vossa estima pelo poeta que hoje occupa o seu lugar. Com os vossos nomes gloriosos e amados salvaguardamos o nosso parecer e garantimos a marcha do artista no seu caminho de luz, que o talento desprotegido não trilha sem amarguras. Salvaguardai-o, — vós, os triumphadores...

SILVA PINTO.

(Da *Voz do Povo*).

Narciso de Lacerda é um poeta que se manifesta com todo o esplendor da idéa, illuminado aos raios vivos da inspiração fluente e levantada.

Publica-se agora, crêmos, o seu primeiro livro *Canticos da Aurora*, mas nos arraiaes litterarios já sobejamente se tem tornado notavel por producções avulsas em publicações litterarias.

Trazem os *Canticos da Aurora* juizos criticos de João de Deus, Camillo e Silva Pinto.

É editado pelo snr. Chardron. Este editor, verdadeiramente corajoso, tem enriquecido Portugal com as melhores obras de sciencia, religiosas, de instrucção, recreio, lucta, etc. etc.

Póde-se-lhe chamar um benemerito das letras patrias.

Sem o seu auxilio valioso, sem a sua rasgada iniciativa não se teriam feito entre nós publicações reconhecidas como superiores e de alto valor.

Agradecemos-lhe a delicada offerta.

(Da *Liberdade*).

NOVAS PUBLICAÇÕES

D. Rafael Leon y Aylon — Manual de veterinaria pratica, dedicado aos lavradores, criadores e donos de gado. 1 grosso vol................ 2$000

Miguel Archanjo Marques Lobo — Historia natural, botanica, mineralogia e geologia. 1 vol.................... 800

L. P. — Direito constitucional portuguez. Estudos sobre a Carta constitucional de 1826 e acto addicional de 1852. 2.ª parte, vol. II.................... 800

D. Agostinho de Sousa — La loi périodique de M. Mendéléjéff en ce qui concerne le problème de l'unité de lá matière et la théorie de l'atomicité. 1 volume.................... 200

J. P. Oliveira Martins — O Brazil e as colonias portuguezas. 1 vol. 700

Alberto Braga — Contos d'aldeia. 1 vol.................... 500

J. Prost Lacuzon — Guia homœopathica para o tratamento das doenças sem dependencia do medico. Segunda edição mais correcta e muito augmentada, contendo um appendice — as molestias venereas e o seu tratamento. 1 vol. 1$200

A. Villas-Boas — Os Papas dos tempos modernos, grandeza e decadencia do papado nos tres ultimos seculos. 1 vol.................... 600

Tourpin de Sauzay — Os canalhas de Paris. 1 vol.................... 380

VESPAS, revista mensal, critica e humoristica, por E. DE BARROS LOBO. *Livraria Internacional de E. Chardron, editor*. Porto, 1880.

Vamos fugindo todos para a critica mordente das pessoas e dos costumes. Achamos muito mais facil picar do que fabricar o favo. Somos abelhas d'um grande colmeal posto em agro escalvado onde não florescem a urze e o rosmaninho. Cada sujeito que dispõe de alguns adjectivos sinzelados como punhaes de Cellini, e d'umas interjeições hervadas como azagaias de tupys, e de certas metaphoras como capsulas de dynamite n.º 1, é um vespereiro.

Eduardo de Barros Lobo tem essa rija panoplia como os mais aguerridos; e, além d'isso, possue o aço muscular dos athletas vesados a luctar arca por arca com a leôa hyrcana, a estupidez reinante — o colosso de Rhodes por debaixo de cujas pernas tem de passar agachados, humildemente, os que foram fadados com o sestro da observação caustica, aristophanica. Estes filhos de maldição, se se não corrigem a tempo, fazendo do tinteiro caçoula barata de alfazema, e não desavincam o sobrecenho da sociedade iracunda com fumigações aromaticas, envelhecem arrependidos, misanthropos, e, levados á convicção de que as suas farpas aliás justiceiras não fazem móssa nos couros sociaes, e que o colosso subsistirá invulneravelmente, os desilludidos acham-se no peor dos grupos— o dos desarranjados; e ahi vem injurial-os, por despique, as chufas dos idiotas.

O critico, na opinião geral, principia por ser denominado um patife; e, quando lhe arrefece o ardor ou as flechas se despontam na couraça cornea dos kágados que dardeja, tratam-no de «pobre diabo». É o que eu, homem antiquissimo e assás obsoleto, tenho visto; e, se o não experimentei, devo-o á cortezia derreada com que adulo toda a gente, ás blandicias sevandijas com que fiz do ventre do burguez a peanha do seu busto idolatrado, e emfim á docilidade notoria do meu proceder litterario em toda a extensão dos maiores adverbios e superlativos que conheço n'esta nossa rica lingua. Dos beneficios que lucrei com esta reformação de costumes, nem as pulhas dos brazileiros nem os couces lusos conseguirão jámais desbalisar-me. D'além do Athlantico vem facecias, macaquices, esgares joviaes. De cá, parelhas a pés juntos sem uma vaia sequer de graçola maruja. É o caso de dizer com Filinto Elysio:

O que Jove gaiteiro outorga ao Mono,
Trombudo, o nega ao Burro.

Este bem-estar pachorrento que devo á pacatez tolerante da minha indole recaldeada na bigorna da experiencia, manda-me apregoar a todos os criticos em geral e ao snr. Barros Lobo em particular, que faça ás suas phrases picantes e diamantinas o que se faz aos brilhantes em concursos suspeitos — esconda-as. Se não achar em si attributos biologicamente philanthropicos para membro protector dos irracionaes, deixe o negocio da strychnina aos edís a quem compete, e não queira corrigir as manhas de uma besta em obsequio da outra. Que lá se avenham.

É o snr. Barros Lobo um dos escriptores que necessitam debilitar a plethora das represalias para não esperdiçar o seu poderoso talento em desatar ramaes de perolas n'essas cevadeiras onde ronca o grunhido de uns e espuma o odio impotente de outros que o disfarçam n'um sorriso amarello e cobarde. Mas, se o seu condão fatal e batalhador o propelle por cima das fronteiras da prudencia — se é urgente que o 3.º numero das *Vespas* resalte da sua indignação como a fatalidade explosiva das crateras, com o desplante do 1.º e 2.º numeros, lembro-lhe que o faça no estylo de José Daniel, e que leia, em vez do *Figaro,* o *Barco da carreira dos tolos.*

Enfarinhado e encarvoado que seja na prosodia e syntaxe d'aquelle sujeito — eterna personalisação da graça portugueza — agouro-lhe tantos leitores que não me espantarei, se as suas *Vespas* tiverem um assignante na rua das Hortas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Saudámos o primeiro numero d'esta publicação, e não vemos que, na sequencia d'ella, haja motivo para reconsiderar. Em Barros Lobo revela-se-nos o escriptor fluente, imaginoso, educado na escóla da justiça e do bom-senso. D'aqui resulta que, em vez de esgrimir como o dom cavalleiro da Triste-figura, de lança em riste contra os *tuertos* que vai encontrando no caminho, engatilha a arma dos sorrisos chasqueadores, um pouco á Molière, mais frequentes vezes á Voltaire, e, se não consegue deixal-os escorreitos, é porque realmente está escripto em proverbio que não mente: *Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita.*

Entretanto, se o arripiar dos nervos faciaes em exultações que promettem um beijo e deixam a impressão dos dentes anavalhados da critica sem complacencias immerecidas, se isto nem sempre vale como medicina mental, vale, e muito, como hygiene. Escriptos d'esta indole, brunidos e cortantes como laminas de Toledo, teem a virtude mirifica de sanear o ambiente, varrendo os miasmas deleterios da calinada e do chatinismo de toda a especie. Por isso os recebemos sempre com o primor que merecem.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

Do n.º 2 das *Vespas,* ultimamente publicado, tomamos os dous trechos seguintes, d'uma elegancia de dizer e d'uma solidez de juizo evidentes:

(Segue um trecho do artigo VII).

(Idem).

Recebemos o n.º 2 d'esta publicação mensal, relativa a fevereiro. Em paginas brilhantes, cheias de bellos conceitos, o seu author, o snr. E. de Barros Lobo, faz a chronica de alguns factos, illuminando-os com o feliz humorismo que é um dos seus mais apreciaveis dotes de escriptor.

O seu estylo é adoravel, exuberante de louçanias; na nossa primeira pagina presenteamos hoje os leitores com uma boa amostra, colhida ao acaso.

(Da *Voz do Povo*).

Publicou-se o n.º 2 d'esta revista, redigida por Barros Lobo e editada pelo snr. Chardron.

Esplende de graças e principalmente de justiça. Arranca uns pedaços de pelle (modo de dizer) aos *criticos* silenciosos, e n'este ponto discordamos de Barros Lobo.

O silencio dos taes não é maldade: é ignorancia e estupidez.

Que diacho queria que *elles* dissessem, ó homem de Deus!?...

(Do *Dez de Março*).

Damos em seguida as espirituosas paginas em que no n.º 2 das *Vespas* o snr. Eduardo de Barros Lobo se queixa da critica portugueza.

Brevemente entraremos no assumpto.

(Segue o artigo 1).

Sejamos justos e concordemos que o snr. Eduardo de Barros Lobo, além de muita graça,—tem muita razão.

(Do *Jornal da Noite*).

Concluimos n'este momento a rapida leitura do segundo opusculo das *Vespas*, revista critica que se publíca mensalmente no Porto, e de que é author o snr. Eduardo de Barros Lobo, jornalista distincto e antigo collaborador do *Diario Illustrado*.

A impressão que nos deixou esta leitura não podia ser mais agradavel. Sympathisamos abertamente com aquelle modo franco de escrever a verdade inteira a respeito de varios assumptos que a critica das modernas chronicas noticiosas, quasi sempre cheia de zumbaias e impando de faceis blandicias, ou costuma dissimular ou esquecer.

O snr. Eduardo de Barros Lobo—um escriptor cheio de fogo e cujo pulso se vai provando n'estas publicações sempre difficeis—atira-se ao combate com uma energia que não é vulgar, e o caso é que consegue reunir, em muitas paginas que não podem passar despercebidas, as bellezas vernaculas de um estylo terso e castigado, o bom senso das apreciações e das analyses e a graça faiscante com que vai flagellando alguns ridiculos.

Conhece-se nos escriptos do snr. Lobo o viger inquebrantavel do seu animo e a seiva exuberante da mocidade que o fortalece. Não entibia no proposito de ferir o alvo a que se dirigem os seus artigos. Escolhido o assumpto, trata-o por todas as fórmas, elucida-o com todas as considerações, espalma-o á luz d'uma critica sensata e diz abertamente o que lhe parece justo e razoavel, muito embora tenha de passar por cima das velhas convenções e vá de encontro ás vezes a certas subtilezas da nossa imprensa, que ou só sabe ser exageradamente benevola ou sobremaneira aggressiva e intolerante.

E é justamente com a critica de grande parte do jornalismo contemporaneo que o snr. Eduardo Lobo investe logo no começo do segundo opusculo das suas *Vespas*. Queixa-se o distincto escriptor da conspiração do silencio tantas vezes tramada em derredor de certos livros. Os criticos das chronicas aceitam os volumes com que a amabilidade dos authores os mimoseiam, e limitam-se a dizer que os receberam, agradecendo depois muito reconhecidos, n'uma fórmula banal e já sediça, mas sem uma palavra rapida de analyse, sem uma phrase de louvor ou de censura!

Assim succede, na verdade. O snr. Lobo tem o bom senso preciso para conhecer que não póde endireitar o mundo, mas emfim vai logrando o benefico desafogo de picar com as suas *vespas* zumbidoras muita vaidade balôfa e intumecida que por ahi vegeta em barda e em toda a parte.

Por exemplo—fallando de uma das fórmas com que se costuma manifestar a opinião do noticiario, á velha formula *recebemos e agradecemos*—escreve o snr. Lobo: «Não ha de quê. Realmente não ha de quê. Dispensavamos até os senhores criticos d'esta ultima formula, caso ella perturbasse demasiadamente os seus queridos habitos de mutismo. Porque emfim, nós bem sabemos o que são habitos, e somos cheios de indulgencia pelos alheios. De hoje em diante fica entendido que não consentimos de modo algum em ser os impertinentes perturbadores do silencio d'este genero de critica, ainda mesmo que ella teime com largos gestos cortezanescos em nos dispensar a sua delicada phrase, insistente e sempre repetida como a phrase symptomatica de um monomaniaco».

E dirigindo-se aos que se calam por inveja, aos que nem a velha formula preferem, aos que apenas esvurmam em palavras rancorosas, n'uma roda de amigos e de admiradores, tão parvos como elles, o fel que lhes repuxa lá por dentro, continua o snr. Lobo: «...Dir-se-hia que topamos com uma população litteraria de mumias, julgando dirigir-nos a um povo de homens válidos. Esta classe de criticos, naturalmente, são da escóla d'esses grandes eruditos que conquistam uma reputação inexpugnavel á força de não escreverem uma linha. E vão lá combatel-os! É um systema seguro, infallivel. Ha por ahi muitos sabios—uma praga d'elles—que nunca se deram ao trabalho de expôr os seus descobrimentos, e que

são sabios pelo facto inconcusso de se terem um dia declarado taes. A ingenuidade universal aceitou-os, e d'esse momento em diante elles passaram a sustentar a sua posição com um silencio grave, com collarinhos d'um feitio especial, com gestos estudados ao espelho e com rapé de Xabregas. São indiscutiveis como factos, assim como os seus imitadores são criticos empalhados ou criticos em espirito de vinho».

N'estes e n'outros assumptos divaga o talentoso escriptor com muita graça, e a verdade que resalta d'uma grande parte das suas observações é scintillante como a luz que se não esconde debaixo do alqueive.

N'este opusculo a que nos referimos ha, além de outros, um capitulo soberbo, — o que se refere á vida militar do nosso exercito. Tem um profundo bom senso que o recommenda e um sabor humoristico que não é vulgar.

Felicitamos o snr. Eduardo Lobo pelos seus valiosos trabalhos, e fazemos votos para que a continuação das *Vespas* corresponda, como é de esperar, ao brilhante exito dos dous opusculos já publicados.

(Da *Aurora do Lima*). S. C.

Sahiu á luz o n.º 2 das *Vespas*, publicação mensal redigida pelo snr. Eduardo de Barros Lobo e editada pelo snr. Ernesto Chardron.

Se foramos a dar só credito a seu frontispicio deveriamos crêr que correspondente é este numero a fevereiro passado, mas engana-nos aquelle n'este ponto, pois que se referem no numero successos posteriores a esse mez.

Por occasião da vinda a lume do n.º 1 das *Vespas* perguntando nós aqui: «Conseguirá o snr. Barros Lobo sahir-se bem do confronto que por certo alguem estabelecerá entre as suas *Vespas* e as *Guêpes* de Alphonse Karr, e sobrelevará a responsabilidade que sobre si em tal modo tomou?...» Respondemos: «Pela leitura do numero sahido, aliás estimavel, não podemos formar a tal respeito juizo seguro. Aguardemos o segundo para o fazer».

É pois chegado o momento de dar satisfação ao compromisso tomado, ainda que o mais resumidamente possivel, por quanto nos falta espaço para o fazer com explanação, e a secção que escrevemos na *Aurora do Cavado* se intitula simplesmente bibliographia e não critica.

Escriptas com vigor, em estylo elegante e em linguagem portugueza, abrem-se as *Vespas* um lugar distincto na nossa litteratura periodica, e são dignas de todo o apreço e bom acolhimento do publico, mas, este é o nosso sentir, o que ellas não justificam é o seu titulo.

Afiguram-se-nos um pouco pesadas pela extensão e diffusão dos periodos, pesadas pela pouca variedade dos assumptos, pelo modo de dizer espirituoso sem duvida mas não acerado e breve e frisante, como para desejar, e pesadas porque filhas de um tal ou qual esforço e um pouco trabalhadas e não só espontaneas e nascidas de um só jacto, que é o caracteristico da *verve*, as apreciações e criticas n'ellas feitas.

As ferroadas das vespas doem e molestam a quem é paciente d'ellas, mas são rapidas em sua acção e de pouca duração em seus effeitos, e o agente d'ellas consummando aqui o seu maleficio contra este, logo o póde realisar identico contra aquelle, não lhe dando quasi tempo para que lhe desabroche um sorriso pelo mal do primeiro.

Ninguem entre nós melhor comprehendeu isto e ninguem melhor o executou entre nós do que o snr. Ramalho Ortigão, reconhecido por todos como um verdadeiro espirito gaulez nas suas *Farpas*, que seguindo o illustre escriptor a tradição das *Vespas* de Karr nunca deixou de ser original, e de imitador não mas de rival do famoso author de tantos escriptos humoristicos, mas sempre repassados de melhor bom senso e de proveitosa e productiva critica dos costumes, ganhou merecida fama.

Ahi fica a nossa opinião franca e singela, e d'este obscuro recanto d'onde e onde escrevemos, damos d'este modo satisfação á justa queixa feita pelo snr. Barros Lobo, nas primeiras paginas d'este n.º 2 das *Vespas*, contra o modo por que foi recebido pela imprensa o seu n.º 1.

Em resumo, applaudimos de todo o coração as *Vespas* e o seu author e editor pela sua publicação e fazemos vehementes votos por que por largo tempo esta prosiga, reclamando apenas contra o titulo que nos não parece de todo apropriado.

Contamos voltar a fallar de novo d'ellas.

(Da *Aurora do Cavado*).

CAMÕES E OS LUSIADAS

ENSAIO HISTORICO-CRITICO-LITTERARIO

POR

FRANCISCO EVARISTO LEONI

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, ETC. ETC.

EDITOR A. M. PEREIRA. LISBOA, 1 VOL. IN-8.º GR. DE 315 PAG. PREÇO 1$000 REIS

Entre as producções recentemente sabidas dos nossos prélos occupa, em nosso parecer, lugar mui distincto esta obra, quanto a nós de valia inquestionavel, quer pelo assumpto, quer por seu desempenho. Está bem longe de incorrer na pecha de trabalho feito á pressa, ou, como vulgarmente se diz, « sobre o joelho », á semelhança de outras congeneres que por ahi se nos deparam. Fructo de largo e acurado estudo, longamente meditada, e escripta á luz de uma critica tão sisuda quanto conscienciosa (que por alguns será talvez tida em partes por severa em demasia), seu erudito author, já vantajosamente conhecido no mundo litterario por outras producções, conseguiu mostrar-nos que depois do muito já publicado ácerca do nosso grande epico, o assumpto não estava exhausto de sorte que não fornecesse ainda materia abundante a novas elucubrações.

O livro do snr. Leoni apresenta com effeito novidades importantes, e considerações do maior alcance, assim no que diz respeito á vida e successos do poeta, como no tocante á justa e imparcial apreciação do poema que lhe conferiu a immortalidade.

Desejáramos dar d'este trabalho noticia menos succinta e até minuciosa; porém não o comportam os estreitos limites do espaço de que ora podemos dispôr. Fique pois reservado o resto para tempo e lugar mais azados.

Além de uma extensa introducção ou quadro descriptivo do progresso e estado das letras e idéas predominantes na Europa a partir da época da renascença, e mais particularmente em Portugal durante o seculo XVI, abrange a obra duas partes: 1.ª CAMÕES, estudo biographico ácerca do poeta, em que o illustrado author discute e analysa os factos e os successos, controvertendo em varios pontos as opiniões até agora seguidas pelos biographos que o precederam, especialmente pelo bispo de Vizeu D. Francisco Lobo, e pelo snr. visconde de Juromenha, como aquelles que gozam de mais merecido credito e nomeada. Essas opiniões são nervosamente confutadas com argumentos de que alguns nos parecem de muito peso, e de difficil refutação.

A 2.ª parte OS LUSIADAS é particularmente destinada á exposição analytica do poema. Ahi se fazem sobresahir as bellezas, sem occultar as maculas ou senões, a que mal podem escapar as obras do homem, por mais perfeitas que hajam de considerar-se.

O snr. Leoni, rigido sequaz e propugnador da orthographia etymologica, offerece n'essa parte algumas, que muitos julgarão innovações, mas que são consequencias legitimas do systema que adoptou. Elle as justifica com razões attendiveis, e a defeza mais cabal e desenvolvida terá de apparecer talvez em breve, se por ventura vierem á luz, como esperamos, os trabalhos especiaes por elle elaborados n'este ramo, de que desde muito se occupa.

Finalmente, se nos não cega a affeição que de largos annos consagramos ao nosso distinctissimo consocio e amigo, temos por certo que o seu livro é muito para estudo e reflexão, proprio para captar a curiosidade publica, e desde agora indispensavel a todos os estudiosos que se propuzerem conhecer a fundo CAMÕES E OS LUSIADAS.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

(Do *Panorama photographico de Portugal*).

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Descobertas e Maravilhas das Sciencias Industriaes e Domesticas

CONTENDO APROXIMADAMENTE 2:000 RECEITAS

Publicação illustrada com 39 gravuras, e utilissima a todos os artistas, industriaes e donas de casa

POR

Antonio Luiz Soares Duarte

1 volume, 1$200 reis

A justificação do merecimento d'este livro está justamente no seu titulo. Raras vezes se coaduna o texto de qualquer obra com o rotulo que a precede.

Escripta em linguagem singela, sem os atavios technicos que põem em duvida aquelles que tenham de a consultar, esta publicação avantaja-se a muitas outras d'este genero que por ahi correm mundo ufanas da procura que teem tido, motivada pela falta que se fazia sentir d'outra qualquer que satisfizesse mais urgentemente ás necessidades acarretadas pelos progressos que diariamente vão fazendo as sciencias, industrias e artes.

Muito terá que aprender alli quem se quizer dedicar a fazer alguma cousa. O util e o agradavel dão-se perfeitamente as mãos n'aquelle inapreciavel thesouro de conhecimentos humanos.

Uma novidade nos livros d'esta natureza é uma magnifica collecção de receitas, acompanhadas das gravuras que as explicam, para a fabricação de diversas peças de fogo d'artificio. Cada leitor póde ser um pyrotechnico. Acabaram-se os segredos! As *Descobertas e Maravilhas* fizeram que se desvendasse o mysterio! Esta parte do livro vale por todo o volume.

São curiosos os artigos que tratam da fabricação d'aguas gazozas, agua de Colonia, amalgamas, bebidas economicas, branqueamento da roupa, collas, cosmeticos, cremes peitoraes, extincção das escrofulas, fabrico dos esmaltes, farinhas alimenticias, meio de fazer gêlo, fabricação dos diversos lacres, preparação do queijo, modo de fazer toda a qualidade de licôres, remedios contra lombrigas, processos para tingir toda a qualidade de madeira, nova fabricação do pão, remedios contra as molestias de pelle, contra a extincção d'animaes damninhos, contra parasitas e contra insectos incommodos, para fazer polvora de caça, para fabricar sabão e sabonete, maneira de ligar metaes, receitas para fazer tinta d'escrever de todas as côres, um longo e substancioso artigo sobre a tinturaria, fabricação de diversos vernizes, fabricação da cidra e da cerveja, etc., etc.

Seria longa a enumeração, ainda que muito superficial, das materias tratadas n'este livro, indispensavel a toda a gente que queira possuir, bem que não seja em grau muito elevado, ao menos uma tintura d'estas cousas, cuja sciencia é proveitosa sempre.

O snr. Ernesto Chardron, editor d'este verdadeiro thesouro inesgotavel, proporcionou ás classes menos abastadas um meio de conseguir haver por baixo preço uma especie de bibliotheca industrial e artistica.

Um livro que expozesse o mais facil e o mais resumidamente possivel os processos e substancias necessarias para conseguir objectos que se compram por um preço ás vezes avultado, é desde muito tempo uma necessidade á economia e á harmonia d'uma casa, ao augmento de receita d'um estabelecimento commercial e ao desenvolvimento da industria.

Eis as palavras do author na introducção; e nós, perfilhando tambem estas idéas, recommendamos ao publico as *Descobertas e Maravilhas,* certos de que não dará por mal empregado, nem o preço por que comprar este livro, nem o tempo que empregar na sua consulta.

Obras d'estas são sempre bem recebidas, e faz-se grande serviço, publicando-as.

(Do *Dez de Março*).

VIAGENS EM MARROCOS

COM ILLUSTRAÇÕES DE MANOEL DE MACEDO, ALBERTO E PASTOR

POR

Ruy da Camara

1 volume in-8.º, 1$000 reis

Este livro é singularmente interessante e tem o encanto de todos os livros de viagens, hoje preferidos aos romances estapafurdios, e outras que taes frandulagens que derrancam os sentimentos e não divertem, mas pervertem. Referimo-nos ás novellas *terralhescas,* cheias de scenas incriveis, de monstros e de visões, e não á litteratura *realista,* radiante de observação e de *humour,* de que são especimens o *Crime do Padre Amaro,* o *Primo Basilio* e *Eusebio Macario.* Estes sim.

As *Viagens em Marrocos,* livro de que se occupou Camillo Castello Branco, o visconde de Benalcanfor, Guilherme de Azevedo e tantos outros luminares da nossa litteratura, é producção d'um *touriste* que um bello dia se deu ao prazer de visitar a Barbaria, levando assim a cabo um commettimento que me persuado não ter sido praticado por nenhum portuguez depois da desastrada derrota das armas lusitanas em Alcaçar-Quebir.

Ruy da Camara relata com simplicidade as impressões que lhe causaram os usos e costumes dos beduinos, e dá-nos a conhecer a vida d'essa raça cujo espirito guerreiro e avassallador d'outr'ora ficou para sempre gravado no bronze da nossa historia e na de toda a peninsula; raça que inspirou a Alexandre Herculano o seu *Eurico,* e que nos deu que fazer em Tarifa, no Salado e nas Navas de Tolosa.

(Do *Globo Illustrado*).

ESCRIPTOS RELIGIOSOS

POR

Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo

1 volume, 500 reis

É este o titulo d'uma bellissima obra do exc.^mo^ snr. Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo, secretario particular do exc.^mo^ e rev.^mo^ arcebispo primaz das Hespanhas. A obra compõe-se d'uma longa serie de primorosos artigos religiosos sobre muitos e variados assumptos, na maior parte da mais palpitante actualidade.

A sua leitura prende, captiva e deleita, já pelo interesse dos objectos de que o author se occupa, já pela variedade das materias, já pela elegancia, amenidade e sublimado do estylo.

A orthodoxia da doutrina expendida está isenta, a nosso vêr, d'esses laivos que deslustram as producções litterarias de muitos dos nossos escriptores contemporaneos, entre os mais sensatos e comedidos.

O snr. dr. Egydio Azevedo, dotado de um grande talento, d'uma intelligencia robustissima e de erudição vasta, tem sempre empregado com grande fructo a sua brilhante penna a prol dos sagrados interesses da Igreja e da religião. Os seus bellos escriptos, disseminados por differentes jornaes catholicos do paiz, tem sido sempre lidos com avidez e com o muito interesse de que são dignos.

Regosijamo-nos, pois, com o apparecimento da sua obra, *Escriptos religiosos,* que acaba de ser editada pelo snr. Ernesto Chardron.

Em breve nos occuparemos mais detidamente do novo livro de tão distincto escriptor catholico.

Entretanto agradecemos ao editor a mimosa offerta do exemplar que temos presente, e damos ao talentoso author dos *Escriptos religiosos* os nossos mais sinceros parabens pelo seu esplendido trabalho, destinado a devastar muitos preconceitos, a pulverisar muitos erros e

a produzir fructos muito salutares n'esta sociedade demasiado pervertida por uma alluvião. de escriptos funestos e deleterios.

(Da *Palavra*).

Acaba de ser editada pelo snr. Ernesto Chardron uma obra de muito merecimento litterario e de verdadeiro interesse religioso. É o livro intitulado *Escriptos religiosos*, pelo snr. dr. Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo.

N'estes tempos em que se lançam á publicidade tantos livros que trazem o cunho de pedantismo litterario, que evita a linguagem classica para empregar termos arrevezados e estranhos á lingua ; e se publicam tantas obras que tendem a desnortear a intelligencia sobre assumptos religiosos e a corromper o coração nos seus mais delicados sentimentos, é summamente grato ao *Commercio do Minho* fazer a apologia do livro do snr. dr. Egydio e Azevedo, que n'um estylo claro e primoroso esclarece o espirito sobre alguns pontos religiosos e entorna a flux no coração os sentimentos mais caros d'uma alma bem formada.

Lutou a lingua portugueza por muitos seculos para fixar fórmas e passar da sua idade *syncretica* para a chamada *disciplinar*, arcou depois com o galleciano e com o gongorismo e os desalmados de muitos escriptores ainda hoje procuram amargurar-lhe a existencia com gallicismos desnecessarios e com neologismos descabidos !

Bem haja, pois, o author dos *Escriptos religiosos*, que nos deu uma linguagem com que se recreiam os apreciadores de tudo que é legitimamente portuguez.

Tambem muitos escriptores que exercem authoridade na republica das letras, não respeitam a crença religiosa d'um povo e a motejam ou a combatem; nem comprehendem bem o ideal d'uma civilisadora litteratura e proclamam o desregrado realismo. No meio d'este descaminho é necessario que appareçam obras que traduzam fielmente os puros sentimentos religiosos e sociaes e se empenhem contra os desmandos da litteratura impia e indecorosa.

E eis mais um ponderoso motivo para de novo agradecermos a publicação dos *Escriptos religiosos*, e recommendarmos a sua leitura.

(Do *Commercio do Minho*).

Com este titulo acaba de publicar um apreciavel livro o rev.^mo^ snr. Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo, bacharel formado em theologia e secretario particular do snr. arcebispo de Braga.

Compõe-se de muitos artigos, uns noticiosos e outros doutrinaes. Alguns já tinham sido publicados em periodicos, mas outros são ineditos.

A aceitação que teem tido as publicações d'este esclarecido escriptor, faziam desejar a sua reunião em livro, porque em jornaes facilmente se dispersam.

A edição dos *Escriptos religiosos* é muito bonita, e feita pelo snr. Chardron.

Pela nossa parte agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

(Do *Conimbricense*).

Recebemos e agradecemos um livro intitulado *Escriptos religiosos*, por Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo, bacharel formado em theologia pela Universidade de Coimbra, secretario particular do exc.^mo^ e rev.^mo^ snr. arcebispo primaz das Hespanhas, etc., os quaes na sua maior parte já tinham honrado e dado lustre a este semanario, e que muito acertado achamos se colligissem agora em um livro. Damos pois os parabens ao seu illustre author, e recommendamos a leitura de tão mimosos escriptos.

(Da *Semana Religiosa Bracharense*).

Brindou-nos o snr. Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo, secretario particular de s. exc.^a^ o snr. arcebispo, com um exemplar da sua obra *Escriptos religiosos*.

Se a leitura de algumas paginas, porque para mais não tivemos tempo ainda, nos permitte fazer uma apreciação segura do merito d'aquella producção, podemos dizer que ella nos deixou uma agradavel impressão.

É uma collecção de diversos artigos sobre assumptos religiosos, alguns já publicados e outros que apparecem pela primeira vez, e todos escriptos em linguagem aprimorada, revelando profundos conhecimentos.

Mais de espaço fallaremos d'esta obra, limitando-nos por agora a agradecer a obrigante fineza do nosso illustrado amigo.

(Do *Amigo do Povo*).

Escriptos religiosos, por Egydio Pereira de Oliveira e Azevedo. Não podia deixar de merecer-nos especial attenção este livro, devido á penna illustrada do distincto secretario particular do snr. arcebispo de Braga.

Lêmol-o com reflexão e interesse, e foram agradaveis as impressões que a sua leitura nos deixou. É uma collecção de artigos religiosos, alguns já publicados em jornaes, e outros ineditos, em fórma de cartas, discursos ou pequenas dissertações, escriptos em linguagem correcta, em estylo elegante e elevado, cheios de boa doutrina e vasta erudição, e inspirados pelos mais elevados sentimentos da religião christã.

Não é um livro de theologia pesada ou de dogmatismo massudo. São 300 paginas fluentes e sympathicas, d'uma declamação que não cança, e d'uma doutrinação que não enfastia: — uma boa e util evangelisação das idéas catholicas sobre religião, sciencia, historia e moral, n'uma exposição convictamente enthusiastica, e eloquentemente persuasiva.

O esclarecido escriptor é já muito conhecido; mas este livro vai por certo collocal-o mais alto no conceito em que é tido no mundo das letras.

Quem mesmo divirja das opiniões do distincto theologo, não póde deixar de reconhecer-lhe o muito merito como escriptor de propaganda e de vulgarisação que os seus escriptos revelam.

(Do *Campeão das Provincias*).

CAMILLO CASTELLO BRANCO

SUICIDA

Preço, 200 reis

O activissimo editor portuense, o snr. Chardron, publicou mais um trabalho do illustre escriptor Camillo Castello Branco.

É um formoso opusculo, intitulado *Suicida,* onde o primoroso prosador relata a vida e desenha o perfil original de Elisa Loeve Weimar, a *formosa das violetas,* aquella desgraçada senhora que se suicidou no Porto em 1875.

(Do *Commercio de Lisboa*).

Recebemos do illustre editor portuense o n.° 2 das *Vespas,* revista mensal, critica e humoristica, e a *Suicida,* por Camillo Castello Branco.

Agradecemos.

(Do *Jornal das Colonias*).

Recebemos um folheto editado pelo incansavel editor Ernesto Chardron, intitulado — *Suicida* — por Camillo Castello Branco.

É uma recordação sentida d'alguns acontecimentos que se relacionam com a vida d'uma senhora notavel pelo seu infortunio, Elisa Loeve Weimar, que se suicidou no Porto em setembro de 1875.

(Do *Diario de Portugal*).

ANTONIO LUIZ SOARES DUARTE

DESCOBERTAS E MARAVILHAS

DAS SCIENCIAS INDUSTRIAES E DOMESTICAS

CONTENDO APROXIMADAMENTE 2:000 RECEITAS

Publicação illustrada com 39 gravuras e utilissima a todos os artistas, industriaes e donas de casa

1 vol. de 464 paginas................ 1$200

EXTRACTO DO SUMMARIO:

Acidez do vinho. Afiação de ferros cortantes. Agua de Colonia. Aguas de côres. Aguas gazosas. Agua do mar, artificial. Agua de Javelle. Agua de perfume. Agua regia. Arvores metallicas. Arvores; meio de curar as suas doenças. Arvores; meio de activar o seu crescimento. Arvores velhas; modo de as fazer reviver. Bagos para flôres artificiaes. Balsamo acustico. Balsamo contra o rheumatismo. Bandolina. Batatas; sua conservação. Bebida economica. Bebida hygienica. Bexigas; meio de evitar as cicatrizes resultantes d'ellas. Biscoutos vermifugos. Bitumes, cimentos, argamassas, etc. Bichos da cabeça; meio de os destruir. Borboletas; meio de as destruir. Cabellos; meio de os ennegrecer. Cabello; meio de o fazer crescer. Cães de caça; modo de os obter com muito faro. Café vermifugo. Caio. Callos; meio de os curar. Calvicie; meios de a prevenir. Caracoes; meio de os destruir. Carvão descórante. Carmim; meio de o fazer. Cebo; meio de o purificar, tornal-o mais duro e dispol-o em velas. Cera. Chocolate branco. Chocolate contra as bichas. Chumbo de caça. Cieiro; remedio contra. Cimentos e pozzolanas. Debuxos em relevo na casca dos ovos. Dentes; remedios contra as dôres dos mesmos. Desinfectantes. Depilatorios. Distillação de flôres; meios faceis. Dôces contendo pepsina. Dynamite. Elixir anti-asthmatico. Elixir contra as constipações. Elixir de longa vida. Elixir contra a tosse. Elixir da magnanimidade. Embalsamentos. Farinhas alimenticias Ferros das charruas. Filtros d'agua salobra; processo para a tornar potavel. Fogos d'artificio. Frascos de esmeril; meio de os abrir Frieiras. Fulminantes. Furar e cortar vidro. Gelatina elastica. Gelêa peitoral. Gelo no estio; meio de o fazer. Gosto mau da aguardente de bagaço; meio de o tirar. Gorgulho; sua destruição. Gotta; remedio contra. Gravura em vidro. Gravura em cobre. Graxa. Hemorrhoidas; remedio contra. Imagens photo-chromaticas. Incenso das igrejas. Incontinencia d'urina. Indigestões; meio de as curar. Lacres. Lagarta; meio de a destruir. Lamparina para seis mezes. Lapis cirurgicos. Lapis negros. Laranjada secca. Macieiras; meio de lhes curar o cancro. Madeira de acajú; meio de a imitar. Nitro-glycerina. Nodoas; meio de as tirar. Nozes seccas; meio de as tornar frescas. Obreias de gelatina. Oidium; remedio contra. Oleo acustico. Oleo seccativo. Oleo de macassar. Ondeado metallico. Ouro mosaico, etc. etc.

ERNESTO CHARDRON, EDITOR — PORTO E BRAGA

ARCHIVO DOS AÇORES

PUBLICAÇÃO PERIODICA DESTINADA Á VULGARISAÇÃO DOS ELEMENTOS INDISPENSAVEIS PARA TODOS OS RAMOS DA HISTORIA AÇORIANA

PREÇO DE CADA NUMERO, 200 REIS

INDICE DOS CINCO NUMEROS PUBLICADOS:

Cartas de D. Beatriz, de confirmação da compra da ilha de S. Miguel, e de D. Diogo, confirmando a anterior. Ordem regia para Vasqueannes Cortereal receber 50 espadins de ouro. Representação da camara de Villa Franca sobre o conflicto que houve entre o corregedor e o ouvidor. Cartas do corregedor da ilha de S. Miguel, o bacharel Ruy Pires, a el-rei D. Manoel; de Pero Neto a Antonio Borges, contador da fazenda, sobre os rendimentos dos Açores; e dos provedores das armadas nos Açores. Attestado do capitão Francisco da Camara Paym em que se relatam varios successos que tiveram lugar na Villa da Praia. Historiadores dos seculos XV e XVI. Donatarios das ilhas do Fayal e Pico. Programma da procissão que se fez em Ponta Delgada. Antiguidades açorianas. Mar de Baga. Brazões d'armas das ilhas de S. Miguel e Terceira. Francisco Affonso de Chaves e Mello, e seus escriptos. Vida da veneravel Margarida de Chaves. Descripção da ilha de S. Miguel. Bispos d'Angra. Documentos relativos ás ilhas dos Açores. Paramentos para as igrejas dos Açores. Compra de trigo em S. Miguel. Carta a el-rei sobre a arribada d'um navio ás Flores. Pedidos e queixas a el-rei por Gaspar do Rego Baldaya. Corsarios inglezes em S. Miguel. Gomes Eannes d'Azurara — Extractos da chronica de Guiné a respeito dos Açores. Ilhas d'Africa. Descoberta das ilhas das Flores e Corvo. Estado da população do Corvo antes de 1521. O martyr João Baptista Machado. Erupção nas Sete Cidades. Subversão de Villa Franca. Idem, pelo dr. Gaspar Fructuoso. Catalogo das pessoas que em S. Miguel floresceram em raras virtudes. Carta de nomeação de Affonso Lourenço, procurador de numero da ilha de S. Miguel. Ordem para se gastar 60$000 reis nas obras do convento de Villa Franca do Campo. Cartas creando a cidade d'Angra na ilha Terceira; de confiscação de bens na ilha de S. Miguel; de doação de bens na ilha de S. Miguel; creando a Villa da Praia na ilha Graciosa; e creando a cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel. Colombo nos Açores em 1593. Testamento do infante D. Henrique. Subversão de Villa Franca. Perdas causadas na ilha de S. Miguel. Causas do tremor que subverteu Villa Franca. Romance sobre algumas mágoas causadas pela dita subversão. Obras que tratam da mesma subversão. Erupção submarina junto á ilha de S. Miguel. Terremoto na ilha Terceira. Erupção na ilha do Pico. Colonos para o Brazil. Auto sobre o transporte de 50 casaes. Protesto do piloto. Termo de responsabilidade do despenseiro. Colonos para a ilha de Santa Catharina. Extincção dos jesuitas nos Açores: Carta regia ao governador de S. Miguel; do conde d'Oeiras; e de Francisco Xavier de Moura Furtado. Quitação do espolio dos jesuitas. Auto de entrega dos jesuitas na Horta. Alvará de 1562 sobre a reserva do trigo. Bandeira da camara da Ribeira Grande. Carta monitoria do licenciado Ascencio Gonçalves. Açorianos illustres: Bartholomeu do Quental, Fr. Affonso de Benevides, capitão Manoel da Camara de Sá, e dr. Gaspar Fructuoso. Martim Beheim e o seu globo de Nuremberg. Considerações sobre as notas de Beheim. Rendimentos publicos nos Açores. Erupção na ilha de S. Miguel.

BIBLIOTHECA UTIL

A 200 REIS O VOLUME (CART.)

I

Do espirito positivo, por Augusto Comte; notas colligidas e redigidas por um discipulo, traducção do dr. Joaquim Ribeiro de Mendonça.

II

Da educação, por Nicolau França Leite.

MANUAL DE VETERINARIA PRATICA

DEDICADO AOS LAVRADORES, CRIADORES E DONOS DE GADO

PARA LHES SERVIR DE GUIA NA ESCOLHA DO GADO, EM CONHECER-LHES OS DEFEITOS, RAÇAS, DOENÇAS E TRATAMENTO NA AUSENCIA DO VETERINARIO

POR

D. RAFAEL LEON Y AYLON

MEDICO VETERINARIO

TRADUCÇÃO DE JOÃO ANTONIO LOPES

PREÇO, 2$000 REIS

INDICE DAS MATERIAS

Espundia. Esquinencia. Estomatite. Exostose. Extensão. Fava. Ferida. Fervor de sangue. Fistula. Fleimão. Fractura. Furunculo cutaneo. Furunculo cutaneo multiplo. Galapago. Gastrite. Gastro-enterite. Gretas. Hematuria. Hepatite. Hernia. Herpes. Hydarthros ou hydarthrose. Hydarthrose do curvilhão. Hydarthrose do joelho. Hydarthrose do travadouro. Hydros. Hydrocele. Indigestão. Javarro. Kisto. Laparão. Lepra. Leucoma. Lombrigas. Lupia. Luxação. Mancha. Mastite. Melanose. Metrite. Moquilho. Mormo. Nephrite. Névoa. Ophthalmia. Osagre. Osteite ou ostite. Ovas. Papeira. Paraphimose. Parotidite. Parto. Peritonite. Pevide. Phthiriasis. Picadas de insectos. Piolhos. Plethora. Pleurite. Pneumonia. Polmoeira. Polypo. Pontas. Priapismo. Ptyalismo. Pulmonia. Queimadura. Retroversão. Retroversão da bexiga. Retroversão da matriz. Retroversão do recto. Retroversão ou queda da vagina. Rheumatismo. Salivação. Sarna. Satyriasis. Scirrho. Sobre-osso. Sobre-tendão. Tétano. Thrombo. Typho. Ulcera. Uretrite. Vaginite. Variola. Vergões. Vermes intestinaes. Verrugas.

THERAPEUTICA. Banhos em geral. Fórmas que se dá aos medicamentos. Descripção dos medicamentos. Medicamentos excitantes. Medicamentos sudorificos. Medicamentos uterinos. Medicamentos excitantes do systema muscular. Medicamentos diureticos. Medicamentos estimulantes da bocca e seus orgãos ou sialagogos. Medicamentos errhinos. Medicamentos antipasmodicos e aromaticos. Medicamentos narcoticos. Medicamentos tonicos. Medicamentos analepticos. Medicamentos adstringentes. Medicamentos irritantes. Medicamentos alterantes. Medicamentos vomitivos. Medicamentos purgantes. Medicamentos antihelminticos ou vermifugos. Medicamentos emollientes. Medicamentos refrigerantes. Sangrias.

FORMULARIO VETERINARIO. Alimentos medicinaes. Banhos. Bebidas. Bolos. Cargas. Cataplasmas. Cauterios. Clysteres. Collyrios. Digestivos. Electuarios. Emplastros. Esternutatorios. Fumigatorios. Fricções. Lavatorios. Injecções. Masticatorios. Pedilatorios. Pomadas. Pós. Purgantes. Sinapismos. Unturas. Vesicatorios. Xaropes.

2.º ANNO 1880 N.º 6

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

Publicações de Ernesto Chardron

CAMÕES

POEMA DE ALMEIDA-GARRETT, PREFACIADO POR CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um volume, 1$000 reis

LUIZ DE CAMÕES

Notas biographicas

Prefacio da setima edição do CAMÕES de Garrett

Por CAMILLO CASTELLO BRANCO

Um volume, 400 reis

Sahiu emfim á luz o conhecido poema de Garrett, com prefacio de Camillo Castello Branco. De todo o livro, esse prefacio é sem duvida a unica porção que interessará o publico, sem desdouro aliás para o cantor de *D. Branca*, cujas obras estão bem longe d'apresentar hoje o minimo caracter de novidade. O principal era conhecer-se a apreciação de Camillo sobre a personalidade litteraria e social de Camões. Apenas correu noticia de que o grande escriptor ia communicar em toda a sua plenitude o resultado final das suas investigações sobre a vida do poeta, alguns criticos mal avisados puzeram-se a tirar deducções forçadas d'antigos trabalhos de Camillo sobre o assumpto, e chegaram á conclusão, certamente bem pouco fundamentada, de que o prefacio ao livro de Garrett seria uma depreciação raivosa do grande vulto litterario de Camões. D'ahi a inferir-se que a depreciação entraria pelo proprio caracter do poeta, ia um passo bem curto, que muitos deram por gosto innato de maledicencia, por satisfação de pequeninos odios ou por irreflexão muito e muita digna das correcções da ferula pedagogica.

O que havia de verdade era que o genio poetico de Camões não poderia encontrar em Camillo um detractor, sem que todavia a admiração sentida pelo epico obstasse á apreciação dos actos do homem, e, muito menos, á investigação dos pontos obscuros de sua vida. Eis a tarefa de Camillo: investigar muito, e, por excesso de respeito á memoria

de Camões, apreciar pouco. Assim, de certos factos da historia do poeta, era facil e nada condemnavel tirar as deducções logicas, justas. Não foi Camões, nem o podia ser, um homem isento das fragilidades do homem, que tanto valeria negar o realismo da sua personalidade. Casos se deram na sua vida, desprimorosos talvez, — segundo a phrase de Camillo, — mas decerto, a nosso vêr, absolutamente incapazes de desfazer o glorioso prestigio do seu nome, prestigio que porventura ninguem pensou jámais em collocar, de preferencia aos *Lusiadas*, n'uma bem pautada norma de viver pacato. Não se conciliam as regras austeras da vida serena, pautada, com as convulsões da phantasia, — escreve Camillo; e, do mesmo passo que no final do prefacio o illustre escriptor se abandona á exposição d'esta ligeira maxima, applicada a Camões, no decurso de toda a biographia predomina um grande sentimento de respeito pelo caracter do poeta, respeito que chega até ao silencio sobre actos não muito condizentes com o ideal aceite sobre pureza de costumes.

Esta biographia, de resto, representa um enorme capital de trabalhos historicos, concentrado n'um diminuto numero de paginas. Longe de ser a glosa de precedentes trabalhos, um como que desenvolvimento litterario de factos registrados de ha muito, o prefacio ao *Camões* é d'uma sobriedade quasi excessiva em apreciações, e destaca-se dos escriptos similares pela originalidade com que rompe contra algumas das tradições aceites.

Entre estas avulta a dos amores de Camões com uma D. Catharina d'Athaide, dama do paço, — amores que se pretende terem sido a origem de todos os dissabores do poeta. Isto já de si mesmo é bem pouco plausivel, porque d'esses dissabores alguns houve que não tiveram por causa, pelo menos immediata, qualquer especie de galanteio; mas restava estabelecer positivamente qual D. Catharina d'Athaide era a amante de Camões, porque no paço havia duas damas com esse mesmo nome. O visconde de Juromenha, e, no seu encalço, o snr. Theophilo Braga, decidiram que tinha sido a filha de D. Antonio de Lima, uma que — morreu moça no paço. Camillo affirma que fôra a filha de D. Alvaro de Sousa, casada com Ruy Borges, e que morreu proximo d'Aveiro. Esta solução é mais plausivel, quer dizer — acha-se agora, após as investigações do prefaciador de Garrett, muito melhor fundamentada que a outra. Não era muito natural que o desterro fulminado por D. João III contra Camões apenas proviesse do simples facto do galanteio, por mero empenho do monarcha em manter uma gravidade freiratica no paço. A côrte vivia n'um labyrintho d'intrigas amorosas, n'um phrenesi de certamens poeticos que excluem, dada sobretudo a qualidade aristocratica de Camões, tal explicação do seu desterro. Muito mais aceitavel seria que D. João III operasse por qualquer outro motivo particular, e esse motivo aponta-o Camillo extensamente, accusando a amante do rei de ter solicitado esse desterro. Ella chamava-se Antonia de Berredo, e seu filho, Ruy Borges de Miranda, requestava Catharina d'Athaide embalde, por causa da rivalidade de Camões.

É essa menina D. Catharina d'Athaide que mais tarde, longe do poeta e porventura influenciada pelo rei, casa com Buy Borges e attrahe sobre si as accusações de Camões, ao mesmo tempo que se esforça por manter, quem sabe se alanceada de remorsos, a dignidade da sua nova posição de mulher casada, respondendo ás insistentes interrogações do seu confessor que — não ella, mas o grande espirito do poeta o impellira a empresas grandiosas e regiões apartadas. É o proprio confessor, Frei João do Rosario, que nas suas *Memorias* affirma ter muitas vezes fallado á esposa de Ruy Borges no desterro do poeta. Ella negava a sua participação n'esse facto, é certo, mas com uma brandura semi-casuistica que vale quasi por uma affirmativa. De resto, o dominicano, bem devia saber o que fazia, dirigindo-lhe as suas interrogações inquisidoras, *pro forma*.

Camillo documenta a sua opinião, a nosso vêr de todo o ponto justa, com um soneto de Camões que ainda até hoje não merecera condigno reparo dos seus biographos, e em que o poeta, depois de dizer:

> A mágoa choro só, só choro os damnos
> De ver por quem, senhora, me trocastes,

exclama:

> Mas eu de vossos males a esquivança
> De que agora me vejo bem vingado,
> Não a quizera tanto á vossa custa.

Resumindo: admiravel trabalho, e notavel senso critico.

Eduardo de Barros Lobo.

(Do *Dez de Março*).

*

O editor snr. Ernesto Chardron acaba de dar á estampa uma bellissima edição, a setima, do *Camões*, o formoso poema do visconde de Almeida Garrett, prefaciada por Camillo Castello Branco, e precedida de uma poesia de Henri Faure, allusiva ao centenario do immortal epico.

A edição, que é muito elegante e nitida, sahiu dos prélos da antiga e acreditada officina typographica do snr. A. J. da Silva Teixeira, sita na Cancella Velha.

Abre o volume por um retrato, muito similhante, do author do *Frei Luiz de Sousa.*

As notas biographicas que constituem o prefacio, ou, por outra, um estudo sobre Camões, condignas do texto, estão escriptas n'aquelle estylo terso, elegante, genuinamente portuguez, n'aquelle estylo deleitavel, tão proficuo para os que desejam aprender, estylo que assignala todas as producções sahidas da penna do illustre romancista portuguez.

As *Notas biographicas* foram tambem, pelo editor, mandadas imprimir em separado, em volume distincto, visto que de per si constituem um monumento litterario.

(Do *Jornal do Porto*).

*

Camões e Chardron. — Abraçamos o nome do principe dos poetas portuguezes, com o do principe dos editores, n'este momento historico em que as letras da patria levantam a mais assombrosa apotheose ao primeiro.

E não nos arrependemos de o fazer, porque, na sua esphera, o principe dos editores concorre, em avultadissima parte, para se erguer esse esplendido altar de tão variadas consagrações.

Para commemorar o tricentenario, Ernesto Chardron lança á admiração dos homens de letras as seguintes publicações, cada qual mais valiosa pelo seu merecimento intrinseco e extrinseco: — *A primeira edição dos Lusiadas*, por Tito de Noronha, um volume com quatro phototypias; — o poema *Camões*, de Garrett, prefaciado por Camillo Castello Branco e precedido d'uma poesia de M. Henri Faure, allusiva ao centenario, um volume de luxo com o retrato de Garrett, a agua forte; — *Luiz de Camões*, prefacio de Camillo Castello Branco, na 7.ª edição do *Camões* de Garrett; — *L'appel à la postérité*, de Henri Faure, igualmente publicado na edição referida.

O prefacio escripto pelo snr. Camillo Castello Branco está destinado a agitar a critica, pelo modo como considera o poeta.

O trabalho do snr. Tito de Noronha tem um grande valor philologico, e accusa uma erudição vastissima no assumpto camoneano.

A edição do *Camões* de Garrett é das mais luxuosas que os prelos nacionaes tem produzido; é um bijou; a capa que temos á vista é de papel setim rosa, com filetes dourados e impressos a negro e ouro. Parece um portico persa. Nada mais galante. Parabens.

(Da *Voz do Povo*).

*

Entre as manifestações mais brilhantes com que se solemnisa o centenario de Camões, tem um lugar de honra a realisada pelo snr. Ernesto Chardron, do Porto.

O illustrado editor publicou tres volumes ricamente impressos, intitulados: *A primeira edição dos Lusiadas*, de Tito de Noronha, 1 vol. com 4 phototypias; *Camões*, de J. B. d'Almeida-Garrett, prefaciado por C. Castello Branco e precedido d'uma poesia de M. Henri Faure, allusiva ao centenario, 1 vol. edição de luxo, com o retrato de Garrett; e *Luiz de Camões*, por Camillo Castello Branco, prefacio da setima edição do *Camões* de Garrett, 1 vol.

Ao valor litterario d'estas obras, valor incontestavel, acresce o esmero e o luxo das edições que honram muitissimo o snr. Ernesto Chardron, o mais arrojado e mais intelligente editor que conhecemos entre nós.

(Do *Diario de Portugal*).

*

É uma edição esmeradissima, tirada em papel assetinado. O merecimento relevante do poema é geralmente conhecido. Obra d'Almeida Garrett, tão audaz como feliz revolucionario da moderna

*

litteratura portugueza. O prefacio de Camillo Castello Branco é digno da sua brilhante penna. Camões, visto á luz da sua critica lucida e conscienciosa, deixa de ser um vulto legendario para ser o que realmente foi: um homem, com as suas fraquezas, que foram grandes, e com as suas virtudes e meritos, que foram maiores.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

*

Na mesma casa publicou-se a setima edição do *Camões*, de Garrett, com um prefacio de Camillo e uma poesia de M. Henri Faure, allusiva ao centenario. O prefacio é justamente a biographia critica de Luiz de Camões, acima enunciada, em edição á parte. De todas as publicações allusivas ao centenario esta é sem duvida a mais luxuosa e ao mesmo tempo mais elegante. Bem que não seja d'uma prodigalidade inaudita em elogios, direi que a presente edição do *Camões* constitue um verdadeiro *bijou* da arte typographica. No mesmo encarecimento reuno o merito do editor que ordenou a publicação, e o da imprensa Teixeira, que a executou brilhantemente.

(Do *Sorvete*).

*

O que vale a obra sabem-n'o todos. O que representa o juizo do mestre que hoje a prefacia poucos o ignoram, por ventura, n'este momento. O que nós temos a recommendar, depois de a admirar, é a belleza artistica da edição. Linda na verdade! Lêr os versos de Garrett n'um volume de um aspecto tão attrahente deve ser um duplo encanto! Aqui está o motivo porque esta setima edição vai abrir em breve o passo á oitava.

(Do *Occidente*).

*

Em setima edição acaba de publicar o snr. Ernesto Chardron o poema *Camões* do visconde d'Almeida Garrett. Como execução typographica é esta edição um verdadeiro primor e sobremodo honra a imprensa do snr. Silva Teixeira de cujos prelos sahida.

Como tributo prestado á memoria de Camões por occasião das festas do seu ·icentenario, é um dos primeiros entre os tantos que a esse fim tem surgido á luz não só pela obra prima de Garrett em si, como pelo monumental prefacio com que a precede o snr. Camillo Castello Branco. Este fel-o o snr. Chardron imprimir tambem em separado, e applaudimol-o por isso, pois que é de todo o ponto digna da distincção obra que testemunha, sob o seu singelo titulo de *Notas biographicas*, acurado trabalho e muito investigar sobre a vida de Camões, e realisa sobre ella o estudo mais completo que até hoje tem vindo á luz.

Rectifica n'elle, com boa critica e apoiado em dados que se afiguram de todo o ponto seguros, o snr. Camillo muitos erros correntes sobre Camões e sua vida, e apresenta-nos esta, tal qual o fôra, consoante a verdade do caracter do grande poeta, a verdade dos tempos em que sua existencia se passára, e o natural curso das cousas.

D'essas rectificações é por certo a mais importante a que se refere á amada e grande inspiradora de Camões, a celebrada *Nathercia*, D. Catharina d'Athaide, que por modo aceitavel em todas as suas faces o snr. Camillo mostra não ter podido ser, como até hoje sempre se acreditou, D. Catharina de Athaide filha de D. Antonio de Lima, fallecida solteira e na primavera da vida, mas ser outra D. Catharina d'Athaide, filha de D. Alvaro de Sousa, casada que foi, a despeito da vontade, com Ruy Borges de Miranda, e se finou tambem ainda moça em Aveiro, aonde foi sepultada na capella-mór do mosteiro de S. Domingos.

Palmeamos plenamente o magnifico estudo do snr. Camillo Castello Branco que poderá dizer-se reduziu muito o que na vida do grande epico havia de poetico, mas em todo o caso a restitue á verdade, que é mais que tudo apreciavel.

O resumo d'elle póde lêr-se nos seguintes periodos que o fecham:

«Se Luiz de Camões, em pureza de costumes, condissesse com a sobr'excellencia do engenho, seria exemplar unico de talento irmanado com o juizo. Não se conciliam as regras austeras da vida serena e pautada com as convulsões da phantasia. Amores d'alto enlevo e de baixa estôfa, o ideal de Catharina de Athaide e as carnalidades das malabares e baiaderas levantinas — o exalçarse a regiões de luz divina e o cahir nos tremedaes do vulgo — essas vicissitudes que a si mesmo fazem o homem assombroso em sua magestade e miseria, tudo isso foi Camões, e em tudo isso foi seme-

lhante aos genios eminentissimos; mas nenhum homem como elle pôde redimir-se de suas fragilidades, divinisando os erros da imprudencia, fazendo-se amar nos extravios, e immortalisando-se em um livro que, ao fechar de tres seculos, alvoroça uma nação. É de nós esse thesouro legado por um homem que no dia 10 de junho de 1580 expirava na obscuridade. Elle teve de esmola a mortalha. Permitta a Providencia das nações que os *Lusiadas* não sejam a esplendida mortalha que Luiz de Camões deixou a Portugal ».

N'esta setima edição do *Camões* de Garrett de que nos estamos occupando, vem incorporada, antes do prefacio do snr. Camillo Castello Branco, uma magnifica poesia em francez do snr. H. Faure, traductor da obra de Garrett, intitulada *L'appel à la postérité*, « hommage à Camoens à l'occasion du centenaire de 1880».

DR. RODRIGO VELLOSO.

(Da *Aurora do Cávado*).

*

Do benemerito editor Ernesto Chardron recebemos a seguinte esplendida brochura :

Luiz de Camões, notas biographicas; prefacio da setima edição do *Camões* de Garrett — por Camillo Castello Branco.

Agrada-nos a reunião d'estes tres nomes: do grande epico, do grande dramaturgo e do grande romancista: tres mestres da lingua portugueza e immortaes os tres — como ornamentos distinctissimos da litteratura patria.

A edição do trabalho mencionada é primorosa. As *notas* são de Camillo Castello Branco — e basta.

(Do *Dez de Março*).

*

Na casa editora Chardron publicou-se uma linda *plaquette* de Camillo Castello Branco, intitulada : — *Luiz de Camões*, notas biographicas. Impressão nitida, papel superior, brochura em cartão. Agradeço ao seu author o ter-me particularmente distinguido com a offerta d'um exemplar.

(Do *Sorvete*).

*

Um elegante volume, de que é author o illustre romancista o snr. Camillo Castello Branco. É editor d'esta esplendida obra, que é offerecida pelo seu author ao snr. bispo de Vizeu, o snr. Ernesto Chardron.

(Da *Aurora do Lima*).

A primeira edição dos Lusiadas, por TITO DE NORONHA. Edição em papel de linho, com quatro phototypias, 1$000 reis.

Outro livro digno de menção especifica, publicado pelo mencionado editor, é a *Primeira edição dos Lusiadas*, por Tito de Noronha e ornado de quatro phototypias, fac-similes dos frontispicios da edição de 1572, feita na officina de Antonio Gonçalves, em Lisboa.

A edição actual é excellente, impressa nitidamente a typo elzeveriano ou renascença e em papel de linho de fôrma, tendo o duplo merecimento de conter copiosas noticias bibliographicas, relativas ás primeiras edições dos *Lusiadas*.

São livros estes muito dignos do fim a que se destinam, isto é, á celebração do terceiro centenario de Luiz de Camões.

(Do *Jornal do Porto*).

*

Este estudo acompanhado de quatro phototypias recommenda-se pelos dados bibliographicos que encerra sobre a publicação primitiva do poema, conscienciosamente estudada, e pelo valor do volume como specimen typographico. É outra obra que faz honra ás officinas do Porto. É seu editor o snr. Ernesto Chardron.

(Do *Occidente*).

*

É sem a menor duvida o snr. Tito de Noronha um dos nossos mais lidos bibliographos, incansavel investigador de nossas antiguidades litterarias, e critico de bom cunho e de toda a confiança no resultado de seus trabalhos e locubrações sobre os bons livros e as melhores edições dos velhos classicos.

Em mais de que uma obra por elle publicada, e devidamente apreciadas pelos entendidos, tem elle dado d'isso testemunho irrecusavel, e acaba de o dar no tomo á ultima hora sahido, em commemoração do tricentenario de Camões, com o titulo da nossa epigraphe.

Resume este volume uma grande somma de trabalhos e estudo, mas crêmos que afoutamente se poderá affirmar que com elle resolvida fica a questão tão debatida entre os bibliographos, e os commentadores e biographos de Camões, sobre quantas as edições sahidas em 1572 dos *Lusiadas*, e qual d'essas edições a primeira.

Sendo corrente e quasi geral a opinião de que n'esse anno duas foram as edições vindas á luz do immortal poema, e havendo até quem tenha elevado o numero das então sahidas a quatro, o snr. Tito de Noronha sobre bases de todo o ponto aceitaveis e com dados excellentes, estabelece de vez, ao que parece, que em 1572 só á luz sahiu uma edição dos *Lusiadas*, embora duas appareçam com a mesma data, qual d'estas a publicada no dito anno, e finalmente que a outra que se apresenta como do mesmo anno foi impressa posteriormente a 1584, subrepticiamente com a data de 1572, para se evitar os córtes que a censura dos Filippes fizera na obra para a edição de 1584.

As conclusões do precioso trabalho do snr. Tito de Noronha resumem-se nos seguintes periodos com que elle o termina.

Conclue-se portanto:

1.º Que a primeira edição dos *Lusiadas*, impressa em vida do poeta, e, como é de crêr, segundo o original do author, é a que tem na portada do rosto o pelicano com o collo voltado á esquerda do leitor.

2.º Que a edição de 1584, mutilada no texto, é a segunda.

3.º Que posteriormente a esta ultima edição, e antes de 1586, se fez outra, subrepticiamente, semelhante no todo á primeira, com a mesma data, o mesmo nome de impressor, mas com algumas variantes e diversa orthographia.

A edição d'este excellente livro é feita em papel de linho e typo imitativo do dos tempos antigos, e acompanham-n'a quatro phototypias reproduzindo as portadas e frontispicios das duas edições ditas de 1572.

Louvores registramos aqui e bem merecidos aos snrs. Tito de Noronha e Ernesto Chardron, author e editor da obra, pelo seu louvavel e recommendavel commettimento.

DR. RODRIGO VELLOSO.

(Da *Aurora do Cávado*).

O prodigio nas salas, por DAVID DE CASTRO. 2.ª edição augmentada. 1 vol. in-12, 500 reis.

O incansavel editor o snr. Ernesto Chardron, o homem que mais tem vulgarisado os escriptores portuguezes, acaba de publicar a segunda edição d'um livro extremamente curioso e interessante — *Prodigio nas salas*, manual de prestidigitação, pelo distincto amador o snr. David de Castro.

Este volume teve um exito admiravel quando viu a luz publica pela primeira vez, e por isso o seu illustre author o corrigiu agora e o augmentou com sortes admiraveis de *magia branca*, e outras.

Um livro d'estes é rarissimo entre nós, e n'uma sala do *bom tom* é elle indispensavel.

Causando-nos muitas vezes espanto os trabalhos de prestidigitador, que nos fazem admiral-os justamente, e pensar como as sortes são feitas, facilmente podemos encontrar n'este interessante livro a explicação da maior parte d'ellas, com prazer e encanto, por termos achado a chave do segredo que n'outros tempos custaria a vida ao individuo que d'elle se servisse para distrahir as populações, embora á força o quizesse revelar na sua sciencia.

Mas esses tempos de ignorancia passaram, não com muita rapidez, e hoje podemos vêr com prazer o *magico* tornado homem sincero, cavalheiro perfeito de salão, livre de feitiços, agradavel, e ainda mais admirado pela ligeireza das suas mãos e pelo *palavriado* illusorio que muito o coadjuva na execução das suas *pantomimices*.

O formoso livro do snr. Castro é um perfeito encanto de sala, uma verdadeira galanteria com que nos podemos distrahir muitas noites consecutivas, em agradavel admiração e entretenimento. As sortes variadissimas que encerra, fazem-nos relembrar os primorosos trabalhos de Hermann, Limiñana, Caseneuve e outros que foram como feiticeiros que passaram, cheios de attractivos e d'encantos, deixando-nos gratissimas recordações. O curioso artista que quizer exercitar-se, tem alli o seu verdadeiro manjar, manjar esplendido, novo, completo, em que se esquecem todas as tristezas, todos os dissabores, podendo entreter os mais longos serões, os mais agradaveis,

no meio do espanto sempre crescente da familia e das visitas, animadas pelo riso, pela alegria intima, pelo prazer indefinivel.

Como os livros d'esta natureza são raros e por isso a sua vulgarisação facil, merecem, sempre que appareçam, os maiores applausos.

(Do *Diario do Commercio*).

Escriptos religiosos, por EGYDIO PEREIRA D'OLIVEIRA E AZEVEDO. 1 vol. in-12, 500 reis.

Offertado pelo author, cá temos sobre a banca um exemplar d'este magnifico livro, que lemos com aquella vontade que nos arrasta sempre desde as primeiras ás ultimas paginas d'um livro, quando este livro é repassado das mais puras doutrinas do christianismo, enfloradas com os mais variegados ramilhetes da linguagem patria.

Bem nossos conhecidos eram já alguns capitulos d'este livro, porque os haviamos lido quando publicados em artigos soltos, e por bem os conhecermos, mais nos congratulamos em os possuir, formando, juntamente com outros que desconheciamos, o formoso volume que calorosamente recommendamos aos leitores, e que penhoradisimos agradecemos ao seu author.

(Do *Progresso Catholico*).

*

É um livro de 334 paginas nitidamente impresso.

N'elle se encontram uma variedade de artigos religiosos, escriptos, muitas vezes, com estylo conciso e linguagem primorosa.

A uma leitura, na realidade amena, alliam-se assumptos de summo interesse; as questões religiosas mais debatidas na actualidade são resolvidas com verdadeira orthodoxia.

Publicações d'este genero honram sobremaneira, e são meio optimo de propaganda contra as que, em tão larga escala, enxameiam a sociedade, infiltrando-lhe tudo o que ha de mau.

Agradecemos o exemplar que s. rev.^{ma} se dignou enviar-nos, e esperamos que não deixará de continuar nas lides de publicista religioso, visto que não lhe faltam recursos, nem esperanças bem fundadas.

(Da *Ordem*).

*

Estamos lendo esta admiravel producção do snr. dr. Egydio Pereira d'Oliveira e Azevedo, onde não ha pagina que não nos illustre com doutrinamentos sãos, solidos e irrefutaveis. Não podemos aquilatar todas as joias tão artisticamente engastadas nos — *Escriptos religiosos* — porque os nossos conhecimentos são escassos para tarefa de tanta monta.

Este livro é nitidamente impresso e acha-se á venda na casa do snr. Ernesto Chardron.

(Do *Correio de Lamego*).

*

Recebemos e muito recommendamos aos nossos leitores o interessante livro *Escriptos religiosos*, do snr. Egydio de Azevedo, bacharel formado em theologia, e secretario de s. exc.^{a} rev.^{ma} o snr. arcebispo primaz. Agradecemos ao incansavel editor, o snr. Ernesto Chardron, o exemplar com que fomos brindados.

(Da *Civilisação Catholica*).

*

Annunciando ha dias esta interessantissima publicação, promettemos fallar d'ella mais d'espaço. Só hoje podemos cumprir gostosos aquella promessa.

Como dissemos então, o livro do snr. dr. Egydio d'Azevedo é uma collecção de artigos, quasi todos já publicados no jornal a *Semana religiosa*, e que agora vem abrilhantar a nossa bibliotheca catholica n'um nitido volume.

Curta é a vida d'um jornal, por mais authorisado que seja. Destinado a satisfazer a leitura d'um momento, a sua existencia é como a das flôres: *dura apenas o espaço d'uma manhã.*

Roubar por tanto á vida transitoria de um jornal aquelles preciosos escriptos, foi um bom serviço prestado á litteratura e especialmente á litteratura christã.

Quando as sociedades modernas soffrem o embate de duas correntes oppostas; quando no seu seio se presente o rugir da tempestade, que perniciosas doutrinas fomentam e que a revolução agita; a leitura de bons livros, inspirados no sentimento religioso, é altamente pro-

veitosa, como um dique á torrente de idéas ousadas e prejudiciaes, que intentam avassallar e destruir a actual organisação social.

N'estas condições está o livro do snr. dr. Egydio.

No seu primeiro artigo — *Ecce sacerdos magnus* — falla do elevado ministerio do sacerdote christão e das excellencias do finado pontifice Pio IX.

Ahi n'um estylo sempre elevado mostra quanto é augusta, veneravel e santa a missão do padre e quanto é poderosa a sua influencia nos destinos da sociedade.

De feito, o padre quando bom, quando se inspira na sublimidade do seu ministerio, quando caminha no meio da sociedade com a paz na consciencia e a convicção na alma, tendo unicamente a cruz por bandeira e o Evangelho por lei, é luz que illumina, é força que vivifica, é o reprsentante dos principios puros que a Biblia proclama.

O padre não deve ser sómente uma instituição necessaria ao culto religioso; deveria ser ainda um elemento de progresso social, quando elle se compenetrasse da sublimidade da sua missão e se recordasse, que deve ser o *sal da terra e a luz do mundo.*

Mas quando o ministro da paz perturba o repouso das consciencias, quando se esquece do que é, e do que deve ser, para influir perniciosamente no modo de ser da sociedade; quando a ambição o arranca á sombra do altar, ou ao leito do moribundo, onde deve levar palavras d'amor e consolo, para o lançar na carreira das paixões humanas, então o padre, falseando o seu elevado fim, abusando da sua posição e da sua influencia, torna-se perigoso á religião e á sociedade.

Queremos o padre virtuoso; queremos que elle seja um novo Melchisedech devotado sinceramente ao altar, para elevar a Deus a homenagem dos homens, e pedir para os homens a clemencia de Deus.

Mas entre a virtude que nasce do coração e o fanatismo que provém da ignorancia ou de interesses mesquinhos vai uma grande distancia.

Queremos a virtude no padre, detestamos o seu fanatismo.

O fanatismo levantou os horrores das cruzadas, promoveu a matança dos huguenotes, accendeu as fogueiras da inquisição, causou os massacres da Irlanda. As paginas mais tristes da historia da Igreja escreveu-as o fanatismo religioso. Que falle o seculo x.

Quasi que nos iamos esquecendo que tinhamos de fallar do livro do snr. dr. Azevedo, e não só do capitulo, com que brilhantemente o principia.

A *mulher* é o objecto do segundo artigo, mas da mulher christã, considerada no lar domestico, cercada das virtudes que a tornam para o homem a vida da sua vida.

A mulher que as idéas e as tradições do velho mundo collocavam no ultimo grau da abjecção, coberta de desprezos e vilipendios, e de quem o Ecclesiastico dizia *brevis omnis malitia super malitiam mulieris,* rehabilitada pelo christianismo é, no seio da familia, como diz o snr. Azevedo, a felicidade *d'aquelles que lhe dão o nome de esposa, filha, mãi.*

Presta-se o assumpto ás inspirações do sentimento, e o author em linguagem florida e por vezes ataviada das galas d'um estylo brincado, deu-lhe um tal colorido e elegancia de fórma que tornam este um dos mais interessantes capitulos da sua obra.

Depois d'outros assumptos igualmente adequados ao titulo e sempre primorosamente escriptos e competentemente tratados, o *socialismo* faz o objecto de quatro capitulos, em que esta materia vem largamente desenvolvida.

Dava-nos ella margem a largas considerações, porque o assumpto vai tomando cada dia mais importancia, exigindo de todos, para quem não é indifferente a sorte da humanidade, a sua collaboração para combater as idéas socialistas, que em toda a parte se vão manifestando.

O snr. dr. Azevedo dissertou largamente sobre o assumpto, evidenciando os seus vastos conhecimentos sobre as theorias que umas certas escólas propagam no meio da sociedade actual.

Bastava só esta parte da sua obra para affirmar os seus creditos de escriptor erudito.

Bem quizeramos dar mais larga idéa dos *Escriptos religiosos* do snr. dr. Egydio d'Azevedo. Escasseia-nos tempo e espaço, e sobretudo fallece-nos a competencia.

Concluindo diremos que aquella sua obra dá-lhe um lugar distincto entre os nossos primeiros escriptores catholicos, e que bem merece da litteratura e da religião, pelo serviço que com ella a ambas prestou.

(Do *Amigo do Povo*).

*

Recebemos um volume intitulado *Escriptos religiosos*, cujo author é o snr. Egydio Pereira d'Oliveira e Azevedo, bacharel formado em theologia pela universidade de Coimbra, e secretario particular do exc.mo snr. arcebispo de Braga. Foi editado este livro pela casa Chardron, incansavel em proporcionar a todos leitura util, instructiva e sobretudo moral. O livro do snr. Egydio de Azevedo, como o seu titulo claramente indica, não é um trabalho completo sobre qualquer ponto de doutrina christã, compõe-se de differentes capitulos sobre differentes assumptos, sendo porém todos tratados não profusamente mas com a maxima clareza e n'uma linguagem amena, e que muitas vezes se torna elevada.

Não podemos estabelecer selecções nos diversos capitulos, que lêmos com o maior prazer. No entretanto não podemos deixar de mencionar os capitulos em que o snr. Azevedo trata do socialismo, alguns dos quaes estão realmente bem escriptos, o *Stabat Matèr juxta crucem*, que além de bem escripto é sem duvida alguma sentimental, como o assumpto exigia, e a narração da visita pastoral do exc.mo e rev.mo snr. arcebispo primaz aos arciprestados de Villa do Conde e Barcellos, onde abundam muitos conselhos aproveitaveis.

Nós felicitando o snr. Egydio de Azevedo aconselhamos-lhe, que continue aproveitando as horas que lhe deixarem vagas as suas differentes obrigações, entregando-se ao estudo da litteratura christã, onde tem ainda muito que aprender e depois muito que ensinar. Agradecemos o exemplar dos *Escriptos religiosos* que a esta redacção foi offerecido e aconselhamos os nossos leitores a lerem esse mimoso livrinho, que se vende por 500 reis nas lojas do costume.

(Da *Crença Religiosa*).

A Flôr dos Prégadores, ou collecção selecta de 340 sermões e panegyricos dos mais celebres oradores, por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA. 9 vol. in-8.º grande, 2$200 reis.

Acaba de sahir á luz o nono e ultimo volume d'esta obra que se divide em quatro partes :

1.ª—Do Advento até ao Natal; 2.ª—Desde o Natal até á Paschoa; 3.ª—Desde a Paschoa até ao Pentecostes; 4.ª—Desde o Pentecostes até ao Advento.

Contém sermões e panegyricos dos oradores mais notaveis de França, Hespanha, etc., para todas as domingas e festas.

A *Flôr dos Prégadores*, pelo seu estylo ameno, pela elevação de seus pensamentos, unção religiosa, imagens lindissimas e sempre a proposito, pela solidez das provas em que se fundamenta, que são da Sagrada Escriptura, ou dos padres mais celebres da Igreja, é um thesouro para o clero em geral, e em especial para o que se dedicar ao sagrado ministerio do pulpito.

A *Flôr dos Prégadores* é um verdadeiro modêlo de oratoria sacra, e por tal arte se insinua no espirito do leitor, que facil é ao que exercita o pulpito levar a unção religiosa aos corações dos seus ouvintes.

Preço de cada volume 800
Preço da collecção completa até 30 de junho .... 7$200

Do 1.º de julho em diante o preço da obra será elevado a 9$000 reis.

Os snrs. assignantes que não retirarem o 9.º vol. até o fim de junho só o poderão obter depois pelo preço de 1$000 reis.

Catecismo de Guillois. Explicação historica, dogmatica, moral, liturgica e canonica do *Catecismo*, com as objecções extrahidas das sciencias contra a religião, pelo abbade AMBROSIO GUILLOIS. 2.ª edição. 4 grossos volumes in-8.º grande, 4$000 reis.

A melhor recommendação que se póde fazer da SEGUNDA EDIÇÃO d'esta obra, unica no seu genero, é dizer-se que a PRIMEIRA, que constou de 2:000 exemplares, foi esgotada em menos de tres annos.

Este livro, **imprescindivel** na bibliotheca de todos os padres catholicos aos quaes serve de grande auxilio nas prédicas e praticas dominicaes, foi **honrado** com um breve de sua santidade Pio IX, **approvado** por varios cardeaes, arcebispos e bispos, e **recommendado** por todo o episcopado portuguez e brazileiro.

Grammatica ingleza e exercicios methodicos, por I. Eduard von Hafe. 1 volume, 500 reis.

Este livro destina-se a facilitar o estud'uma lingua importantissima, posto que menos cultivada do que merece. Em Portugal o inglez é preparatorio obrigado para os estudantes de medicina e ainda mais necessario se torna para o commercio que tantas relações entretem com a Inglaterra. Comtudo encontram-se aqui poucos conhecedores d'esta lingua; e o estudo da sua riquissima litteratura, que tão amplamente recompensa os trabalhos dos cultivadores, é quasi descurado. Uma das causas d'este abandono immerecido achamol-a na difficuldade que se attribue á pronuncia ingleza, difficuldade que muitos julgam insuperavel; e effectivamente nos exames publicos bem poucos se apresentam que pronunciem bem. É pois manifesta a conveniencia de um livro como aquelle que agora se offerece aos estudantes da lingua ingleza. O novo livro desenvolve na primeira parte dos seus exercicios methodicos, d'um modo rapido e seguro, a pronuncia correcta e legitimamente ingleza, facilita a escriptura d'este idioma e prepara para a palestra. O resto dos exercicios acompanha a grammatica.

Vespas, publicação mensal, por Eduardo de Barros Lobo. Cada numero, 200 reis.

Do n.º 2 das *Vespas*, publicação mensal editada pelo snr. Ernesto Chardron, transcrevemos os seguintes espirituosos periodos nos quaes o snr. Eduardo de Barros Lobo trata da celebre questão «Da propriedade litteraria no Brazil».

(Segue o artigo v).

Tem mais que muita razão o snr. Barros Lobo. Os snrs. Camillo Castello Branco, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas e mais alguns escriptores notaveis já escreveram ácerca do assumpto. Clamaram porém no deserto. Eu chego mesmo a desconfiar que o mal não tem remedio.

Em todo o caso dêmos a maior publicidade a estes artigos que são como que o brado de «Ó da guarda» contra o ladrão que se encontra na estrada.

(Das *Novidades*).

SILVA PINTO

REALISMOS

1 volume, 200 reis

Do nosso apreciavel collega Silva Pinto recebemos um originalissimo e notavel livro litterario, intitulado —*Realismos*.

O illustrado pamphletario, author d'este trabalho, junta, n'esta sua obra, a um estylo vigoroso, levantado e elegantissimo, uma originalidade de concepção, pouco vulgar entre nós, e um conhecimento profundo e scientifico dos modernos processos litterarios.

Quando tivermos concluido a leitura do volume em questão fallaremos mais largamente.

Ao incansavel luctador Silva Pinto enviamos os nossos agradecimentos mais sinceros pela delicadeza da sua offerta.

(Do *Commercio de Portugal*).

*

Realismos. — Um volume em edição *bijou,* 78 paginas. Porto, typographia de A. J. da Silva Teixeira. 1880.

Delicioso. Como é pequenino, adoravelmente *mignon,* o leitor que chega ao fim não quer acreditar no termo d'aquelles esbocetos á Eça, parodiando com um fino espirito critico o estylo realista, e, depois de virar em todos os sentidos o volume, acha insconscientemente que o melhor é tornar a lêl-o.

Assim como ha entomologistas que se divertem a espetar borboletas em estantes envidraçadas, com grandes alfinetes d'aluminio, Silva Pinto achou um grande prazer em collecionar *tics* do realismo nacional, entalando-os entre duas phrases tartarizadas, peçonhentas.

Leia o burguez, e verá como diz que sim, que está bom, de se lamber o beiço, cousa muito fina. Eu limito-me, visto não ser burguez, a enviar um aperto de mão ao author.

EDUARDO DE BARROS LOBO.

(Do *Sorvete*).

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDÊA

OS MARTYRES DO CHRISTIANISMO

Está publicado o 1.º volume, ornado de quatro gravuras.

Preço 600 reis

O 2.º e ultimo volume ficará concluido n'este mez de julho.

.ALBERTO BRAGA

CONTOS D'ALDÊA

1 vol., 500 reis

Temos um grande prazer em registrar n'estas paginas que a litteratura nacional não dormiu de todo este mez.

Podémos entremear as profundas locubrações do *Através da Imprensa,* do snr. Pimentel, com a leitura d'um elegante e delicioso volume — os *Contos d'aldêa,* de Alberto Braga.

E, francamente, quando nos achámos presos no mais intimo do pensamento do author, quando o nosso espirito se absorvia todo na suavissima escala de emoções que aquella leitura nos proporcionou, nós, — sem rhetorica! — julgamo-nos no gozo incomparavel d'um oásis — um fresco e amigo oásis, cheio do esmalte das côres, das vibrações dos sons, da grande doçura do azul luminoso, da vida, emfim, no meio d'este deserto árido, indefinido e esteril, do noticiario e do artigo politico.

Respiramos — e lêmos!

*

Alberto Braga trouxe á nossa litteratura de dramas de cinco actos e romances de cinco tostões, um genero quasi desconhecido entre nós — o conto.

Se exceptuarmos a notavel individualidade de Pedro Ivo — um director d'um banco, quem o dirá?! — este genero litterario não tinha entre nós cultivadores.

E comtudo não é que elle seja indigno de apreço, ou não tenha largas faculdades para a expansão d'um talento. Antes pelo contrario, o conto moderno póde bem deixar de ser um simples relevo de fórma, um trabalho meramente parnasiano, para se tornar n'uma fina miniatura de typos, ou n'um ligeiro, mas profundo *croquis* de observador.

Ordinariamente nos museus estrangeiros encontram-se, entre as telas colossaes onde nos apparece o cunho da pincelada vigorosa de Rubens, de Ribera ou Van-Dyck, uns outros pequenos quadros, obscuros como pygmeus entre a magestade gigantesca dos primeiros, e que a multidão dos profanos deixa habitualmente sem exame. Pois, ás vezes, esse plano quadrado de tela não tem menos merecimento de que os seus companheiros de parede, que medem uma área sufficientemente vasta para sobre elles se servir um jantar de vinte pessoas.

A par, por exemplo, do *Christo na cruz,* de Van-Dyck, no museu d'Anvers, descobre-se n'uns pequenos caixilhos duas composições de Teniers. De ordinario o *barbaro* não repara n'ellas. Mas se algum entendedor ou mero curioso se lembra de as examinar, que bom humor, que observação fina n'aquellas scenas de taberna ou de campo, em que ha homens que se embriagam, mulheres que se deixam beijar, pares que dançam, velhos que fumam e jogam, e sempre um sujeito que, por decoro do acto que pratica, tem as costas voltadas para o publico?!

Presente-se alli a grande inspiração popular: vê-se na despreoccupação do prazer um cantinho da vida d'esse colosso, d'esse athleta social que se chama o povo; e n'aquella alegria imperturbada e franca, na sádia carnação das mulheres, no solido arcabouço dos homens, no mar de cerveja que se bebe, na atmosphera de fumo que se inspira, que sublime retrato d'uma nacionalidade, tomada n'um dos aspectos menos rhetoricos e mais naturaes da sua vida!

O conto está para a litteratura como o pequeno quadro de typos e costumes para a pintura.

Não tem these social, nem largo entrecho como o romance; põe de parte o grande rigor syllogistico da filiação das scenas, não abraça n'um extraordinario amplexo de concepção shakspereana os typos mais abstractos, as paixões na sua pura essencia psychologica; mas toma os lados secundarios, os mais obscuros, os mais desconhecidos, os menos habituaes, e completa assim, pelo desenho ou pela nota, a caracterisação fiel de toda uma época.

Pela fórma, a singeleza do dizer, o cunho proprio da linguagem moldando-se ao assumpto, a narração ligeira, as scenas pouco dramatisadas, mas espontaneamente referidas — *contadas,* — tornam a leitura facil, e dão-nos em cheio a emoção quando nos passa pela vista a ultima palavra, e aquelle despretencioso quadro

se nos estampa na memoria como um facto a que assistimos ou uma reflexão que fizemos.

Assim a importancia litteraria do conto é indiscutivel; e elle, deixando de ser um pretexto para filigranar phrases e phantasiar arabescos de estylo, esteando-se n'uma idéa, architectando-se sobre um pensamento, tomará as proporções elevadas d'uma obra d'arte social, e sahirá por fim do campo acanhado e do ponto de vista curto da litteratura amena.

É n'este sentido que a grande evolução litteraria do nosso tempo dirige o caracter do poema, do romance e do conto, portanto.

E é a comprehensão d'esta verdade que faz com que, no livro de Alberto Braga, a critica ponha na primeira plana os tres contos magistraes — *O retrato dos paes, O sermão* e *O sonho da noviça.*

Com effeito, raras vezes temos visto attingir entre os nossos litteratos uma tal perfeição, um tão bem acabado de *todo,* como n'estas tres perolas dos *Contos d'aldêa.*

Sobretudo *O retrato dos paes* é um d'aquelles primores, uma d'aquellas felicidades na vida do artista, que lhe marcam indelevelmente a sua passagem por uma litteratura. É das taes obras que os homens de letras caracterisam por esta phrase — *uma obra que fica.*

Ha alli periodos que a gente, ao lêl-os, vê, sem saber a causa, as letras a apagarem-se. Leva-se as mãos aos olhos e sente-se uma lagrima! Não é a lagrima das pieguices romanticas; não é a classica lagrima despertada pelas lamentações d'um idiota sem vontade nem senso commum, que nos vem massar, porque Elisa o não comprehende; nem tão pouco as que essa mesma Elisa possa arrancar aos corações sensiveis quando por sua vez nos declara, depois d'uma golfada de sangue, que Alfredo a olvidou... Oh! não. Aquella lagrima é o commovido preito de sympathia pela dôr de dous bons velhos a quem a basofia e o orgulho palerma d'um filho levou ao extremo enxovalho da dignidade e do respeito — ao ridiculo. É um protesto contra o egoismo d'um ingrato; é um consolo a esses dous pobres paes que regressam infelizes ao seu casal, «*com o coração retalhado pela mais cruel das decepções!...*»

Sobre esta piedosa e sentidissima idéa levantou Alberto Braga, com os mais delicados artificios da sua penna distincta, um primoroso labor de estylo.

A primeira descripção especialmente — passagem da mala-posta pela Isabelinha — é uma *illuminura* de merito identico ao das mais verdadeiras composições a *crayon* sobre motivos campestres de Millet. Aquillo é perfeito; não é minucioso mas é completo. Tem só as linhas indispensaveis, os traços salientes, a côr que destaca: o resto recompõe-no a memoria de cada um. É o *impressionismo* puro, a sensação generica que elle apprehendeu, que nós ambos apprehendemos e que todos os leitores apprehenderam em scenas diversas, em locaes differentes, mas com o seu profundo *caracter essencial,* que Taine recommenda — e que é aquillo mesmo.

Mas depois d'esta aptidão para o desenho d'um successo, encontramos em Alberto Braga a aptidão para o desenho de typos.

Os dous lavradores vestidos no rigor da elegancia camponeza, com o *chic* laponio, são dous preciosos *croquis* completos, acabados, nitidos, vigorosos, traçados com mão tão amestrada como as que compozeram os surprehendentes estudos a lapis, onde se vê a assignatura de Jacques Callot — ha duzentos annos — ou a de Gavarni — nos nossos dias.

Como esta não é raro encontrar nos *Contos d'aldêa* outras passagens.

Pela naturalidade, fluencia e elegancia de um estylo proprio, pela delicada observação humoristica, como no *Sermão,* pelo sentimento, pelo espirito, e pelo processo todo moderno, Alberto Braga passou a ser na litteratura portugueza contemporanea uma original individualidade que soube transplantar Daudet para a nossa arte, sem comtudo, de fórma nenhuma, o plagiar — nem imitar; e os seus contos serão os rivaes d'essas delicias que se chamam: *Les vieux, Le Bac, La Dernière Classe, Alsace! Alsace!, Le Forgeront, Wood's town, Les Etoiles,* etc.

*

Os *Zumbidos,* jubilosos por logo no seu segundo numero poderem fazer uma critica de louvor, que prova que n'este paiz, onde tudo apodrece, ainda ha a reacção da intelligencia, saúdam enthusiasticamente Alberto Braga, e os seus redactores enviam-lhe um abraço de sincera congratulação — abraço de estima pessoal e fraternidade das letras.

Luiz de Magalhães.

(Dos *Zumbidos*).

NOUVELLES PUBLICATIONS FRANÇAISES

Achard (Amédée) — Nelly. 1 vol. in-12........................ 250
— Souvenirs de la Forêt noire. 1 vol. in-12........................ 700
Audebrand (Philibert) — Petites comédies de boudoir. 1 vol. in-12..... 700
Augé (Lucien) — Les tombeaux. 1 vol. in-12. Broché........................ 450
Relié........................ 700
Autrand (J.) — Lettres et notes de voyages. 1 vol. in-12........................ 700
Barthélemy Saint-Hilaire (J.) — De la métaphysique. 1 volume in-12........................ 500
Bert (Paul) — Rapport présenté a la chambre des députés sur la loi de l'enseignement primaire. 1 vol. in-12........................ 600
Berthet (Elie) — La fontaine de la fidelité. 1 vol. in-12........................ 600
Boisgobey (Fortuné) — Les cachettes de Marie Rose. 2 vol. in-12.... 1$200
Bon (Le) **jardinier** pour 1880. 1 gr. vol. in-12........................ 1$400
Bouchardat (A.) — Annuaire de thérapeutique pour 1880. 1 vol. in-18. 300
— Nouveau formulaire magistral pour 1880. 1 vol. in-18........................ 700
Bouix (P. Marcel) — Apparitions de Notre-Dame de Lourdes. 1 volume in-8º........................ 1$200
Brunetière (Ferdinand) — Études critiques sur l'histoire de la littérature française. 1 vol. in-12........................ 700
Caussade (P. J. P. des) — L'abandon à la providence divine. 2 vol. in-12. 900
Chaignon (V. P.) — La paix de l'âme. 1 vol. in-12........................ 600
Charot (Médérie) — La chanson du berger. 1 vol. in-12........................ 600
Cherbulliez (Victor) — Amours fragiles. 1 vol. in-12........................ 700
Collas (Louis) — Le fils du Garde-Chasse. 1 vol. in-12........................ 600
Comme une fleur. Autobiographie, traduite de l'anglais par Auguste de Vignerie. 1 vol. in-12........................ 800
Coste (Adolphe) — Dieu et l'âme. Essai d'idéalisme expérimental. 1 volume in-12........................ 500
Coté (A.) — Du bonheur. 1 vol. in-12........................ 700
Deltour (F.) — De l'enseignement secondaire classique en Allemagne et en France. 1 vol. in-8º........................ 600
Deslys (Ch.) — Miss Eva. 1 vol. in-12........................ 600
Dumas (Alexandre) — Fernande. 1 vol. in-12........................ 250
— La question du divorce. 1 vol. in-8º........................ 1$000
Emma d'Erwin (Mme) — Un été à la campagne, ouvrage illustré de 39 vignettes. 1 vol. in-12 relié........................ 800
Énault (Etienne) — Diane Herdoval. 1 vol. in-12........................ 700
Erckmann-Chatrian — Le grand-père Leligre. 1 vol. in-12....... 600
Espines (Alfred) — La philosophie expérimentale en Italie. 1 vol. in-12. 500
Franck (Od.) — Philosophie du droit pénal. 1 vol. in-12........................ 500
Garnier (M. P.) — Dictionnaire annuel des progrès des sciences et institutions medicales. 15e année (1879). 1 vol. in-12........................ 1$400
Girardin (M. J.) — Supplément aux cinq vol. de la chimie élémentaire appliquée aux arts industriels. 1 vol in-8º........................ 1$000
Gonzalez (Emmanuel) — Le vengeur du mari. 1 vol. in-12........................ 200
Groussau (C.) — La guerre à la religion. Exposé des projets de lois anti-religieux. Une petite brochure in-8º........................ 200
Guillemin (Amédée) — Les nébuleuses, notions d'astronomie sidérale. Ouvrage illustré de 66 figures gravées sur bois. 1 vol. in-12........................ 250
Haeckel (Ernest) — Le règne des protistes, aperçu sur la morphologie des êtres vivants. 1 vol. in-8º........................ 1$000
— Essais de psychologie cellulaire. 1 vol. in-12........................ 500
Hervé-Bazin (F.) — Traité élémentaire d'économie politique. 1 volume in-12........................ 800
Iuberson (G.) — Précis de microphotographie. 1 vol. in-12........................ 400

Hugo (Victor) — Les travailleurs de la mer. 2 vol. in-12.............. 1$400
— Réligions et réligion. 1 vol. in-8º.. 800
Joliet (Ch.) — La novice de Trianon. 1 vol. in-12.................... 200
Krieg (Henri) — Cours de sténographie internationale. 1 vol. in-8º...... 1$500
Lamothe (H. de) — Cinq mois chez les français d'Amérique. Voyage au Canada et a la rivière rouge du nord. 1 vol. in-12 relié.................. 1$200
Landrin (Armand) — Les inondations. 1 vol. in-12. Broché........... 450
Relié.. 700
Largeau (P.) — Le pays de Rirha Ouargla. Voyage a Rhadamés. 1 volume in-12 relié.. 1$200
Lefèvre (André) — L'homme à travers les âges. Essais de critique historique. 1 vol. in-12.. 800
Lémann (Abbé Joseph) — Les nations frémissantes contre Jésus-Christ et son église. 1 vol. in-12.. 400
Leon Vidal (M.) — La photographie appliquée aux arts industriels de reproduction. 1 vol. in-12.. 300
Lheureux (Paul) — De Paris à Tombouctou. 1 vol. in-12............. 600
Lindau (Rodolphe) — Peines perdues. 1 vol. in-12...................... 700
Louis et Georges Verbrugghe — Forêts vierges. Voyage dans l'Amérique du Sud et l'Amérique Centrale. 1 vol. in-12.............................. 700
Lucenay (Kenry) — La femme qui mord. 1 vol. in-12..................... 600
Lubbock (Sir John) — De l'origine et des métamorphoses des insectes. 1 vol. in-12.. 600
— Les insectes et les fleurs sauvages. 1 vol. in-12........................... 600
Méry (J.) — Les nuits parisiennes. 1 vol. in-12............................ 250
Moret (Eugène) — Les cloches de Noël. Contes du foyer. 1 vol. in-12..... 600
Monteil (Edgar) — Etudes humaines. Jean des Galères. 1 vol. in-12..... 600
Naville (Ernest) — La logique de l'hypothèse. 1 vol. in-8º............ 1$000
Necker (Mme Suzanne). — Eva. 1 vol. in-12.................................. 600
Nervo (Baron de) — Lucia ou la statue du Mont-Cassin. 1 vol. in-12..... 700
Pellissier (A.) — Les grandes leçons de l'antiquité classique. Orient, Athènes, Rome. 1 vol. in-12.. 800
Ponson du Terrail (C. Vte de) — Les aventures du capitaine la Palisse. 1 vol. in-12.. 250
Reade et Boncicault — L'île providentielle. 2 vol. in-12....... 500
Richard (Le Vicomte) — Les femmes des autres. 1 vol. in-12........... 700
Saint-Maxent — La calleuse. 1 vol. in-12...................................... 700
Sand (George) — Souvenirs de 1848. 1 vol. in-12............................ 700
Sardou (Victorien) — Daniel Rochat (comédie). 1 vol. in-8º............ 800
Saunière (Paul) — La meunière de Moulin-Galant. 2 vol. in-12...... 1$200
Shakespeare (William) — Hamlet. 1 vol. in-12................................ 700
Scherer (Edmond) — Diderot. 1 vol. in-12...................................... 700
Schoppenhauer — Pensées, maximes et fragments. 1 vol. in-12..... 500
Selve (Edgar la) — Entre les tropiques. 1 vol. in-12......................... 700
Sourdeval (Ch. de) — Le cheval à coté de l'homme et dans l'histoire. 1 vol. in-12.. 600
Stapleaux (Léopold) — Le pendu de la forêt noire. 1 vol. in-12........ 600
Taine (H.) — Philosophie de l'art en Italie. 1 vol. in-12................. 500
Terier et Senne — Les idées du docteur Simpson. 1 vol. in-12...... 700
Theuriet (André) — Madame Véronique. 1 vol. in-12........................ 200
Tissot (Victor) — Voyage au pays des Tziganes (La Hongrie inconnue). 1 vol. in-12.. 700
Tony Revillon — Le besoin d'argent. 1 vol. in-12............................ 600
Turinaz (Mgr. C. F.) — Leon XIII et sa mission providentielle. Une petite brochure in-8º.. 200
Ulbach (Louis) — Le chateau des épines. 1 vol. in-12....................... 700
Vidien (Abbé) — Famille et divorce. 1 vol. in-12............................. 600
Zola (Émile) — Nana. 1 vol. in-12.. 700

CAMÕES

PUBLICAÇÕES FEITAS POR OCCASIÃO DO CENTENARIO

Agonia (A) de Luiz de Camões, romance historico por Amadeu Tissot, traduzido e annotado por Alberto Pimentel. 1 vol............. 500

Allocução recitada em Leiria por occasião do tricentenario de Camões no dia 10 de junho de 1880...

Camões em Africa, scena dramatica em verso por Xavier de Paiva. 1 vol.. 200

Camões (A), homenagem por occasião das festas nacionaes do tricentenario, por Alexandre da Conceição. 1 vol.................................. 200

Camões. Numero unico consagrado ao terceiro centenario do immortal poeta, pela *Bibliotheca Progressista*.................................. 200

Camões, pelo Visconde d'Almeida Garrett, prefaciado por Camillo Castello Branco e precedido d'uma poesia de M. Henri Faure, allusiva ao centenario. Setima edição. 1 vol.. 1$000

Camoens, poëme par J. B. d'Almeida-Garrett, traduit du Portugais avec une introduction et des notes par Henri Faure. 1 vol..................... 1$200

Centenario (O) de Camões. 1 vol.................................. 40

Consciencia (A) dos seculos, poema (no terceiro centenario de Camões) por J. Leite de Vasconcellos. 1 vol............................. 300

Descoberta (A) da India, ordenada em tapeçaria por mandado de el-rei D. Manoel — Documento inedito do seculo XVI publicado em commemoração do terceiro centenario de Camões, por J. A. da Graça Barreto. 1 vol...

Episodio da Ilha de Venus, extrahido dos *Lusiadas* de Camões com a versão franceza de Cournand: e com um preambulo do professor Pereira Caldas, do Lyceu de Braga. 1 vol.. 300

Fome (A) de Camões, poema em 4 cantos por Gomes Leal. 1 vol.. 300

Galeria de varões illustres de Portugal: I. *Luiz de Camões,* por J. M. Latino Coelho. 1 vol.................................... 1$000

Luiz de Camões marinheiro, estudo por Almeida d'Eça. 1 vol. 200

Luiz de Camões, notas biographicas por Camillo Castello Branco. Prefacio da 7.ª edição do *Camões* de Garrett. 1 vol....................... 400

Louis de Camoens, la Renaissance et les Lusiades, par Ramalho Ortigão, traduit du portugais par F. F. Steenackers. 1 vol. 500

Mocidade (A) a Camões, numero da *Revista Academica,* para commemorar o tricentenario de Camões. Preço 100 reis. Papel de luxo... 200

Museu camoneano, coordenado por José Carneiro de Mello e Lindorpho Bettencourt, contendo um elogio e uma collecção de poesias de varios poetas antigos e modernos, tudo allusivo ao insigne poeta Luiz de Camões, com o fim de commemorar o tricentenario do author dos *Lusiadas*. 1 vol.......... 300

Naufragio (O) de Camões (no tricentenario do poeta), por Abilio Maia. 1 vol.. 100

Ode a Luiz de Camões, em 10 de junho de 1880. 1 vol..... 120

Portugal a Camões. Publicação extraordinaria do *Jornal de Viagens,* commemorando o terceiro centenario do cantor dos *Lusiadas*............ 500

Primeira (A) edição dos Lusiadas, por Tito de Noronha, com quatro phototypias, edição nitida em papel de linho. 1 vol.............. 1$000

Varanda (A) de Nathercia, original de Alberto Pimentel. 1 vol. 300

Vianna a Camões, publicação commemorativa do tricentenario do immortal cantor dos *Lusiadas*. 10 de junho de 1880. 1 vol............. 200

Victor Hugo a Camões. Autographo de Victor Hugo com a traducção em portuguez.. 20

Vida (A) de Camões, por Thomaz Joseph de Aquino, seguida de uma outra noticia da sua existencia, por Manuel de Faria e Sousa. 1 vol..... 100

2.º ANNO 1880 N.º 7

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

THEORIA DAS PROVAS

E SUA APPLICAÇÃO AOS ACTOS CIVIS

POR

FRANCISCO AUGUSTO DAS NEVES E CASTRO

1 volume de 400 paginas, 1$500 reis

O titulo é modesto: podia ser pomposo e prometter muito: é modesto e dá-nos largo desenvolvimento das provas judiciarias.

É um livro theorico e pratico ao mesmo tempo.

Na parte 1.ª trata-se das provas em geral: na 2.ª das provas em especial e das presumpções.

Na 1.ª parte o illustrado escriptor além de noções muito interessantes sobre historia, diz-nos diversas geraes, acompanhando-as sempre d'uma critica muito judiciosa e sempre altamente instructiva.

Na 2.ª o snr. Neves e Castro occupa-se de cada uma das especies de provas, dizendo sempre a philosophia attinente e descendo ainda ás especialidades praticas.

Na exposição de cada uma das doutrinas o snr. Neves e Castro tem sempre o maior cuidado de nos dar noções do antigo direito romano e diversas legislações, concluindo sempre com intuitos praticos.

O snr. Neves e Castro compulsa a toda a hora os codigos civil e do processo, todos os nossos praxistas, os escriptores estrangeiros, os jornaes de jurisprudencia, os casos praticos e as leis antigas, fazendo um largo reportorio de materiaes, combinados muito bem pela sua sabedoria, a qual em todo o livro se mostra amplamente e com igualdade.

Trata das questões mais intrincadas e triumpha sempre das difficuldades, que semeia constantemente para fazer sobresahir a solução.

Este livro, como obra didactica, é de alto valor e deve andar nas mãos de todas as pessoas, que desejem estudar. Como obra pratica é de alta utilidade em todos os escriptorios de advogados e juizes, para uso quotidiano. É um excellente expositor para os estudantes e um adjutorio dos mais preciosos para os homens do fôro.

Não deixa o snr. Neves e Castro de entrar em todas as discussões dos pontos controvertidos pelo snr. Dias Ferreira e pelos jornaes juridicos e dá sempre a sua opinião depois de bem expostas as dos outros.

Distingue-se ainda este livro pela extrema clareza. O seu sabio author usa de linguagem rigorosamente juridica e todavia escreveu de modo a ensinar a todos como verdadeiro e profundo mestre da sciencia.

Um magistrado que assim escreve mostra bem como santifica pela sciencia as suas elevadas funcções.

É pois este excellente volume um verdadeiro thesouro no estudo das provas, no do valor de cada uma, e nas doutrinas correspondentes e dispensa uma enorme bibliotheca, porque compendia com muito criterio e sisudeza o que anda disperso em muitos livros.

«Reduzir a systema e tratar com a maior concisão e clareza tudo o que ha de mais relevante sobre este importante assumpto e facilitar o estudo de cada uma das materias foi a idéa que nos animou a emprehender este trabalho», diz o snr. Neves e Castro.

Este programma, aliás muito difficil, está cumprido, pelo que saudamos o illustrado escriptor e damos parabens ao fôro, visto que fica dotado d'um excellente livro.

J. M. da Cunha Seixas.

(Do *Diario do Commercio*).

*

Fazia-se sentir no fôro portuguez a falta d'um livro que expozesse a theoria das provas e sua applicação aos casos occorrentes, e essa falta era tanto mais sensivel quanto é certo que de materia tão importante é que principalmente depende a revindicação e effectividade dos direitos ou posses offendidas, nos juizos contradictorios. Digno de todos e incondicionaes louvores se torna, por isso, o snr. Francisco Augusto das Neves e Castro, illustrado juiz de direito de 1.ª instancia, com a obra que acaba de dar á luz sob o titulo que acima vai escripto, obra de todo o ponto estimavel e que vindo preencher a grande lacuna que se sentia e lamentava, offerece roteiro seguro aos que lidam no fôro para o emprego dos diversos generos de prova n'elle admissiveis e sua devida apreciação.

Fructo de muito estudo, de muita sciencia e de muito trabalho é este livro; mas por bem empregado póde e deve seu illustre author ter tudo o que assim despendeu com sua elaboração, que relevantissimo e agradecido serviço vem prestar com elle á sciencia juridica e aos que labutam na sua applicação aos casos occorrentes, tornando escusada a leitura de livros estrangeiros sobre a materia de provas, que com a maxima clareza está exposto n'esta obra tudo o que respeita a assumpto tão importante, e fundamentado com as leis e regulamentos respectivos, e abonado com as opiniões e arestos dos jurisconsultos e tribunaes portuguezes e estrangeiros.

A *Theoria das provas* é editada pelo snr. Ernesto Chardron.

Dr. Rodrigo Velloso.

(Da *Aurora do Cávado*).

*

De todos os escriptos sobre direito que teem sahido á luz nenhum se occupára da theoria das provas e sua applicação aos actos civis, materia importantissima pela sua difficuldade e complicação e principalmente pelo seu frequente uso na vida pratica; mas felizmente esta lacuna está preenchida pela obra que acima annunciamos, e que é de subido valor para os cultores da jurisprudencia.

A semelhança do *Tratado theorico e pratico das provas* de Bonnier apresenta aquelle livro em linguagem precisa e clara tudo o que a theoria e a pratica dos tribunaes nossos e estrangeiros ensina de melhor sobre provas.

O seu author leu e meditou as obras classicas que ha sobre a materia, e escreveu a *Theoria das provas,* que podemos chamar livro indispensavel a todos os que se dedicam ao estudo do direito e principalmente da jurisprudencia pratica.

M. de O. Chaves e Castro.

(Da *Rev. de Leg. e Jurisp.*, n.º 634, de 10 de julho de 1880).

*

É o titulo d'um trabalho apreciabilissimo que o snr. Francisco Augusto das Neves e Castro, juiz de direito de primeira instancia, acaba de publicar por intermedio do intelligente editor o snr. Ernesto Chardron.

Este livro, maduramente pensado e claramente escripto, veio preencher entre nós uma grande lacuna, pois não havia nada em portuguez sobre tão importante assumpto. O snr. Neves e Castro coordenou tudo o que a theoria e pratica dos tribunaes, tanto nossos como estrangeiros, ensinam de melhor com referencia a provas e fez um trabalho consciencioso, completo, extraordinariamente proficuo.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Historia e Sentimentalismo, *por* CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *I. D. Antonio, Prior do Crato; II. Eusebio Macario, romance realista.* 2.ª edição. 1 vol. in-12, 800 reis.

Os livros de Camillo Castello Branco afinam com uma phrase profunda e luminosa de Taine: «*L'art a cela de particulier, qu'il est à la fois supérieure et populaire, qu'il manifeste ce qu'il y a de plus élevé, et qu'il le manifeste à tous...*»

É por isso que a analyse complexa dos livros de Camillo impõe-se demoradamente ao nosso espirito por meio da mesma poderosa fascinação que exercem os bellos marmores palpitantes de naturalismo e divinisados pela inspiração ideal, ou as formosas telas onde a natureza colhida de subito, assimilada e reproduzida em um dos seus innumeros aspectos, apparece aos nossos olhos enlevados illuminada pelas reverberações da phantasia do pintor.

Requerem essas obras excepcionaes mais do que uma simples noticia, ephemera e breve como o *bouquet* de violetas que atiramos de relance a um cantor celebre. Exigem... exactamente o que não podemos dar-lhe, isto é, uma critica synthetica e um estudo desenvolvido.

Felizmente, o exito instantaneo e assombroso da *Historia e sentimentalismo,* que ninguem em Portugal e no Brazil deixou de lêr, dispensa a nossa obscura e incompleta analyse.

Depois de entremostrar na primeira parte os thesouros copiosos de erudição, accumulados de longa data pelo grande solitario de S. Miguel de Seide, demonstra na segunda, rindo ironicamente de meia duzia de ingenuos que ousaram impugnar-lhe a authoridade, que não ha escólas nem maneiras de exprimir defezas aos talentos geniaes, inseparaveis das grandes correntes evolutivas. *Eusebio Macario,* o unico romance realista que se tem escripto em portuguez vernaculo, lavrou um protesto incontroverso e significou um assombro para a maioria dos leitores que duvidavam. Perante o nosso modesto ponto de vista affirmou apenas uma convicção, anteriormente formulada, em virtude da qual o snr. Camillo Castello Branco é de ha muito para nós o primeiro romancista realista da peninsula. Devemos ao snr. Ernesto Chardron a edição d'este notabilissimo livro.

(Do *Almanach das senhoras* para 1881, que vai brevemente sahir á luz).

Luiz de Camões, *notas biographicas. Prefacio da setima edição do* CAMÕES *de Garrett, por* CAMILLO CASTELLO BRANCO. 1 vol. in-12, 400 reis.

O prefacio da setima edição do *Camões* de Garrett, gizado a diamante em crystal de rocha, é um novo titulo de gloria para o grande trabalhador de S. Miguel de Seide. Camillo Castello Branco, possuindo a propriedade exclusiva d'uma mina de documentos historicos e subsidios biologicos, ethnicos, philologos e biographicos, onde surgem a cada passo novos filões inexplorados, é apto, como poucos, para estes estudos reconstituitivos que demandam a erudição d'um sabio alliada á paciencia d'um alfarrabista e ao criterio d'um eclectico.

De todos estes titulos póde legitimamente ufanar-se o escriptor eminente que acaba de tirar a limpo varias phases obscuras ou adrede desfiguradas da existencia de Luiz de Camões.

O prefacio, de que estamos tratando, sahiu a publico em volume editado pelo conhecido livreiro portuense, Ernesto Chardron.

(*Idem*).

Descobertas e maravilhas *das sciencias industriaes e domesticas, por* ANTONIO LUIZ SOARES DUARTE. *Obra ornada de gravuras e utilissima a todas as classes da sociedade.* 1 grosso volume, 1$200 reis.

Acaba de sahir á luz uma obra com este titulo, contendo aproximadamente

2:000 receitas e illustrada com 39 gravuras, de que é author o illustrado pharmaceutico o snr. Antonio Luiz Soares Duarte, e editor o snr. Ernesto Chardron.

Constitue um volume de 464 paginas in-8.º

Pela rapida leitura que d'elle fizemos, aqui e alli, parece-nos obra recommendavel pela sua utilidade pratica, pois receitas fornece para muitos e variados casos da vida ordinaria.

(Da *Aurora do Cávado*).

Canticos da Aurora, *por* NARCISO DE LACERDA. *Com prefacios de Silva Pinto, Camillo Castello Branco e João de Deus.* 1 volume, edição de luxo, 600 reis.

Que consolação vêr erguer-se d'entre a neve e a prosa aterida e impertinente de hoje, como ave do céo, um poeta candido que, cheio de illusões puras, canta a despeito do abatimento e frio scepticismo que, n'esta nossa época metallica, acommettem os espiritos levantados, roubando-lhes a graça, a genialidade!

A poesia é o aroma da vida. A poesia é tão indispensavel ao coração humano, como o rocio matinal á flôr.

Apagai do horisonte da nossa vida o infinito; supprimi para o pensamento os castos sonhos e as visões ideaes; negai ao sentimento os dôces affectos, os langores ineffaveis — e tereis feito da alma humana uma pura negação, vazia e infecunda como a não existencia; tereis talhado a estatua de Pygmalion, cadaverica, fria como a morte, trucidando o homem creador que extrahe dos abysmos do seu espirito as harmonias divinas, que realisa na téla com Ticiano, que occulta nas dobras do vento com Beethoven, que esculpe na dura pedra com Praxiteles.

Não é possivel apartar da vista do homem, sem lhe opprimir de morte o coração, esse leve cortinado de perspectivas e panoramas ridentes, que fluctua, transparente, lá no fundo perdido das intuições da alma.

O espirito humano tem um centro para o qual oscilla; supprimi a força magnetica que o arrasta a esse centro — e tereis creado o Ishaak da lenda, que, —blada a fronte e triste o olhar, percorre sem termo e sem destino a terra, semeando por toda a parte o desamor á vida e os ais da desesperação.

A esperança é o eixo diamantino da existencia terrena, sem o qual se torna impossivel a rotação da vida.

Assim o comprehendeu o Homero da poesia italiana, esculpindo sobre a porta fatidica a mais afflictiva expressão d'um tormento sem igual; assim o comprehendeu o Homero da poesia peninsular; assim o comprehenderam todos os grandes artistas. O homem vive no futuro, vive no incerto, vive no mundo caprichoso que a sua phantasia forja, para o qual o impellem o ardor dos seus desejos e a avidez da sua sensibilidade anhelante por gozos desconhecidos, ineffaveis. Esse mundo ideal e suspirado, é a Esperança, o sol da vida, sem cujo calor esmorece a humanidade perdida na inanição do presente.

Aos pés d'ella, se d'ella não ficára
Um vazio que a idéa não comporta,
Eu, batendo na face, ajoelhára,
Como ao abrir-se d'um sacrario a porta.

Tem nos labios o Verbo que conforta
E o osculo de Deus na fronte clara:
Mytho ideal, que a uma alma semi-morta
Vale mais do que o linho á pedra d'ara.

Prenuncio vago do que não se alcança,
Um nome tem dulcissimo: Esperança!
E não é mais que um dôce desespero...

Dia sem luz... hypothese... miragem...
Imagem do deserto... da alma imagem...
Velada... illimitada... E eterna? Espero!

(*Canticos da Aurora*).

Acaso haverá no espirito do homem, como um rasgo indelevel, a recordação confusa d'outro mundo melhor? Habitante de ignotas regiões, cumprirá aqui, no sólo, como dizia o fundador da Akadémia, uma expiação necessaria?

O certo é que este pobre peregrino não gosta da sua prisão; quer fugir d'ella e vendo baldado o seu intento innocente, solta esse caudal arrebatador de celestes harmonias, como uma queixa da alma, como a expressão sentida do vivo desejo, de se perder n'esse fóco eterno de luz e de belleza que adivinha nos sonhos poeticos do seu exaltado pensamento.

Martyr! unico amor da minha vida inteira!
Ó saudade immortal! ó gozo d'uma hora!
Que vou eu ser sem ti, clarão d'esta cegueira?
Sem ti, rapida luz! phosphorescente aurora!

Não! Do espirito meu conservo-te ainda á beira,
Tão perto, quão de mim o teu distante mora.
Ficaste, intima crença! intima e derradeira!
Salvei-te do naufragio, herança redemptora!

Que o balsamo caudal que as minhas faces unge,
Que as lagrimas que choro e a mágoa que me punge
Possam lavar a offensa... e o remorso... — Depois,

Irei buscar-te *lá*... no céo... O inconcebivel
Concebe-o a dôr... e a fé. Amanhã — é possivel —
Serei junto de ti. Até ámanhã, pois.

(*Canticos da Aurora*).

A poesia é o pão do espirito, o alimento prescripto segundo as necessidades constitucionaes do sêr humano. Tão poeta é o humilde pastor que, do fundo da sua cabana pagiça, mergulha o olhar vago nos azulados horisontes que o rodeiam, como o ousado philosopho que, com a luz opaca da sua razão, se interna nas trevas dos mysterios da vida, como o guerreiro que, no meio do fumo que vomita o canhão, se embriaga com a visão fulgurosa da gloria que entrevê.

Não combatamos, pois, a *Arte* como um elemento a mais na existencia humana; alimentemol-a, antes como uma condição essencial da sua incorruptibilidade e engrandecimento.

Não digamos, como Platão, que os poetas só na guerra são necessarios, e que, terminada ella, devem de ser conduzidos, cortezmente e coroados de flôres, até ás fronteiras do reino. Respeitemos essas aves canoras que entoam os seus gorgeios divinos para accender os nossos corações no amor do Bello, do Justo e do Santo. Veneremos esses sacerdotes da religião do Immortal e do Immorredouro, que manteem vivo, aqui, na terra, o culto de todas as virtudes, que espalham sobre as sociedades humanas os reflexos do céo, ennobrecem a vida e lhe mitigam a dôr e as amarguras.

Se creio em ti, meu Deus! Pois quem ha posto
Lumes no céo e rosas na campina,
Na pedra o musgo, a relva na collina
E a fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti! Pois quem ha dado ao rosto
Da mulher dois faroes de luz divina,
E á rocha a gotta d'agua crystallina
E a sombra aos dias calidos de agosto?

Se creio em ti, meu Deus... Quando eu, outr'ora,
Quiz meus olhos cerrar á luz da aurora,
Por que não visse pelo ar disperso

Tanto sonho d'amor, que em vão sonhára,
Lembrei-me, então, de quanto me ensinára
A voz de minha mãi, junto ao meu berço...

(*Canticos da Aurora*).

Elles teem, em suas harpas de ouro immarcesciveis, corôas para o heroismo e acções nobres, dôces allivios para a fortuna adversa, e uma voz inextinguivel e poderosa contra toda a oppressão, contra toda a tyrannia. São elles que, pela delicadeza feminina das suas almas sensiveis, presentindo o futuro, traçam a róta á humanidade, collocando-se-lhe na vanguarda como genios protectores e legando com a *Iliada*, com a *Eneida*, com a *Divina Comedia*, com os *Lusiadas*, esses pharoes que sobrevivem a todos os cataclysmos e que são tábuas queridas a que se podem agarrar os povos nos naufragios e vaivens d'esta vida transitoria.

Agasalhemos com amor esses cysnes de dôce canto que teem confundido as suas harmoniosas melodias com todas as velleidades da nossa fortuna adversa, associando os seus accordes ás mil peripecias do drama da nossa evolução e preludiando em seus harpejos sonoros a aurora suspirada de melhores dias.

Portugal deve fallar pela bocca dos poetas, interpretes do porvir, mensageiros do Eterno, em cujos labios se aninham palavras de celestial unção e de esperança sorridente. Elle, que ainda distilla da sua fronte, quaes perolas luzentes, as gottas de rocio da sua primeira alvorada, que parece respirar ainda o perfume e a graça dos verdes annos, deve de encher os espaços impregnados do aroma dos seus vates inspirados nas visões do bello, da liberdade e da justiça.

Sendo a poesia a linguagem da primeira idade da vida, o pensamento do Portugal moderno não póde deixar de envolver-se nas fórmas luxuosas da phantasia, de purificar-se na seiva do sentimento espontaneo, de tingir-se no iris das castas idealisações.

Como os paizes novos, deve de ter o seu côro egregio de bardos inspirados, unisonos cantando a liberdade, cantando o direito e a justiça, e preludiando para o mundo um futuro risonho.

Entre a geração de espiritos propheticos, tambem o moço poeta portuense procura um lugar, levantando desde já o vôo com o vigor da aguia.

Adivinhando a sua época e comprehendendo com rara sagacidade a differença que vai de uns tempos a outros; dá treguas á inspiração genial e deixa-se arrebatar pelo enthusiasmo suave e santo do apostolo evangelisador, que vai semeando pelo caminho a palavra tranquilla, certo de que, como a semente lançada nos ferteis sulcos, não morrerá nem desapparecerá.

A descrença — bem sei — é a esphinge que vos anda
Os passos a tolher e a macular a idéa!
Mas esse fogo andaz, que dentro em vós se ateia,

Eu hei de conserval-o acceso eternamente.
Filho! quando tua alma, heretica... descrente...
Começa a vacillar, verás a minha espada
Erguer-se flammejante á frente da cruzada,
E has-de ouvir-me bradar: «Apostolos, á liça!
Em nome do Dever! em nome da Justiça!»
E tu, á minha voz cobrando nova vida,
Patentearás do povo á onda adormecida:
Com a dextra a officina; e com a outra mão
Os porticos da escóla — a sua redempção.
E elle ha-de abrir o olhar! cravál-o no futuro!
Sentir-se grande e forte, illuminado e puro!
E, furtando-se ao leito onde o prostrára a incuria,
O mundo libertar de toda a raça espuria!

O Trabalho! Instrucção! pão do corpo e pão d'alma!
A propria meretriz, que a paz tranquilla e calma
Da familia e do lar, toda afundou no abysmo
Da sua perdição, se a voz d'um cataclysmo
Evocasse da sombra o mundo para a luz,
Eu sei que ella envolvera os braços da sua cruz
No véo da contricção: e um sentimento enorme
Fizera d'uma Laïs uma Marion de Lorme.
Soccorre a viuva, o pária, o orphão, o mendigo.
Defende da desgraça o teu proprio inimigo:
Que importa haver em paga a ingratidão mais fria?
A quem remiu Jesus na hora da agonia?
Não foi a um ladrão?

Vai, filho! e ámanhã
As portas entrarás da nova Canaan!
Aos filhos teus ensina a desprezar o ouro.
Instrue-os! a instrucção será o seu thesouro:
O pobre que passou a noite mal dormida
Por não ter pão em casa, e tenta contra a vida,
Ah! se soubesse lêr... se tivesse ido á escóla...
Bastava-lhe o Evangelho! — o Evangelho consola.

....
Dêmos! — dêmos ao pobre um pão e uma escóla!
Julgaes que o pouco é pouco á mágua que o consome?
Ah! para se saber o preço d'uma esmola
É preciso saber primeiro — o que é ter fome.

(*Canticos da Aurora*).

As novas fontes de inspiração de Narciso de Lacerda, são ainda o Bello, o Bom, o Dever, a Justiça, a Liberdade, e sabe n'ellas achar esse estro vigoroso que dá ás suas poesias um colorido brilhante e proprio. A sua musa pudíca e altiva nunca se empana, nem deslustra em festas banaes o pai da embriaguez e a deusa da sensualidade. Não conhece as aguas anacreonticas; só vive na inspiração de Alcêo.

Verdadeiro artista, soube evitar o escolho em que frequentemente se despedaçam os enteados de Apollo. Não ouviu aquelle verso do flebil desterrado do Ponto: *Me mare, me venti, me fera*, etc., para se lançar logo n'um eterno suspirar e chorar que em nada corresponda ao sabio conselho do mestre dos Pisões: *Si vis me flere, primum dolendum est ipsi tibi.*

Comprehendendo talvez que para exprimir a dôr em termos profundos e commoventes, é preciso possuir o espirito religioso e melancolico de Job, renunciou a entoar essas homilias rimadas, filhas de um scepticismo de profissão, que explora os males inherentes á vida, não para inspirar resignação ao coração do homem e assignalar a rosa occulta entre as sarças, mas raivoso, correndo em busca da inspiração ausente e rebelde; conseguindo assim, apenas, como resultado natural e logico, amargurar os dias da creatura, matando-lhe as santas illusões, paralysando-lhe a vontade para o bem, e infiltrando-lhe no espirito o desengano e o tedio, funestos precursores do suicidio.

O Poeta, o cultor distincto da Arte, não deve de gastar a sua inspiração nos estudados *de profundis* da alma descrida do metrificador contrabandista, torturando o pensamento para dar existencia a creações bastardas, que, longe de levantar os corações até ao throno sublime do Infinito, longe de banhar as almas no ether do Santo e do Bello, as envolvem n'uma atmosphera fria e escura, através a qual só divisam o desconsolo e o desespero.

Dos labios do poeta só deve de manar preces santas. Sacerdote das musas, a sua lyra só deve de exprimir sentidas orações ao Omnipotente, pedindo-lhe protecção para o justo e a sua piedosa assistencia ao peccador.

Propheta, que vê o que os olhos profanos não alcançam, deve de adoçar a esperança, presagiando a ventura longinqua, mas certa e necessaria, qual cumpre á justiça do Deus dos christãos, Deus de amor e de bondade. Os seus versos devem de redimir e vivificar as almas, accendendo nos corações o amor a tudo que é justo, a tudo o que é santo, e nunca jámais acordar as paixões rasteiras e os desejos vis, enervando os espiritos com imagens illusorias d'um prazer mentido.

Narciso de Lacerda, patenteando que o céo lhe outorgou uma alma altamente elevada e poetica, cumpre a sua missão divina, exerce o apostolado que é devido, pondo a sua musa ao serviço da evangelisação das gentes, inspirando ao coração todos os bons desejos e dando á vontade estimulos nobres.

Prosiga o distincto author dos *Canticos da Aurora* nos propositos que o animam, deixe que tão brilhante inspiração trasborde livremente.

A sua alma passará á alma do povo pela affinidade dos sentimentos nobres, e se a sua memoria não viver pelos louros academicos viverá pela veneração e pelo amor eterno das gerações para cuja independencia e educação houver contribuido.

Não esqueça o digno discipulo de Ca-

mões; o enthusiasta admirador dos Garrett, dos Soares de Passos, dos Guilherme Braga, dos João de Deus, dos Anthero de Quental; o respeitador do que é grande e bello; não esqueça que o poeta é mais alguma cousa do que um instrumento musical: é uma alma que pensa; cante para o seu povo e na presença do seu povo, e terá como o poeta venusino exigido para sua memoria — *monumentum œre perennius.*

FRANCISCO D'ALMEIDA.

(Do *Diario da Manhã*).

*

Ha muito deveramos ter fallado n'este esplendido livro, o qual traduz uma das estreias mais auspiciosas que se teem feito na litteratura portugueza; este silencio deve lançar-se em conta de impossibilidade resultante dos innumeros obstaculos que accidentam a vida jornalistica, e nunca attribuir-se a quaesquer sentimentos menos justos para com as elevadissimas qualidades do snr. Narciso de Lacerda, a quem nos prendem as maiores sympathias pelos seus dotes de cavalheiro e pela intensidade e relevante caracteristica do seu talento.

Canticos da Aurora é um titulo felicissimo, já pela phase psychologica do author, a qual se encontra em perfeito equilibrio com a sua idade, já tambem pelo caracter altamente lyrico das poesias do volume.

É uma aurora extraordinariamente iriada e luminosa a do poeta que assim abrilhanta a litteratura, remontando-se de um impeto aonde muitos não vingam altear-se ao cabo da sua carreira — áquellas alturas, d'onde a vista, ora coada através de lagrimas, ora incisivamente vibrada pela indignação, ora diffundida pelo jubilo e pelo enthusiasmo, abrange, em vasta synthese, as profundas harmonias que enlaçam o coração humano ás multiplices manifestações da intelligencia.

Narciso de Lacerda paira habitualmente por essas eminencias e, se desce ao tremedal, é para levantar, ungir, lavar no azul dos céos alguma alma que se esvoace pelos pantanos onde a hajam precipitado os repellões de uma sociedade austera á força de egoista e deshumana.

Este pendor sagrado para a desventura — fonte inexhaurivel onde se estanca a sêde insaciavel do amor — é um dos lados mais physionomicos da poesia de Narciso de Lacerda, poesia intima, toda subjectivismo, toda sentimento e paixão; sempre compassiva, sempre redemptora para aquelles a quem o amor *transvia*, a quem o amor transporta; poesia que é um como espelho virado ao infinito, onde surprehende, reflectindo-as na sua passagem mysteriosa através do abysmo, as almas de Lamartine e de Musset, confundidas em estreito abraço.

E, todavia, que poderosa individualidade, que opulencia de seiva toda a vez que o poeta se deixa ir na corrente do lyrismo — a sua feição capital — e assim se conserva *impeccavel!*

Poderiamos justificar todos os nossos assertos, exclamativos ou não, se, com as transcripções, que para isso necessitavamos, dos *Canticos da Aurora,* se compadecessem o espaço e o tempo a que temos de acingir-nos. O livro, porém, ahi está patente, e, abrindo-o, as bellezas resaltam como scintillas.

A fórma, nos *Canticos da Aurora,* é correcta, sobria, justa. O vago na idéa, mas a precisão na linguagem. O pensamento avulta com toda a sua anatomia, com todos os seus contornos, que ao sopro da inspiração arquejam. Narciso de Lacerda escusa absolutamente os ouropeis e a garrida frandulagem: é uma organisação completa, é um artista consummado.

A edição dos *Canticos da Aurora* é elegante, bem cuidada. Por isto e pelo incentivo ao novel poeta, já agora um dos mais distinctos da nossa geração litteraria, applaudimos vivamente o indefesso editor, o snr. Ernesto Chardron.

E, rematando este breve artigo, enviamos um aperto de mão, estreito, honrado, ao talentoso poeta portuense e nosso amigo, o snr. Narciso de Lacerda.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

*

O benemerito editor Chardron, que nos ultimos annos tem avocado para o trabalho e para a lucta o maior numero dos escriptores portuguezes, editou o livro de versos de Narciso de Lacerda — *Canticos da Aurora.*

É um specimen do livro a poesia que abaixo publicamos — em folhetim.

Os nossos leitores e, em geral, os leitores artistas, dispersos pelos centros litterarios do paiz, assistiram comnosco

ao dasabrochar do talento d'aquelle poeta e seguiram-lhe com admiração e affecto o desenvolvimento audacioso e, nas regiões do elogio de compadres, totalmente desprotegido e a espaços contestado. Emquanto a insignificancia lhe disparava injurias ao nobilissimo, lá da triste acolheita dos eunucos, — João de Deus, primeiro, e mais tarde Camillo Castello Branco, Alexandre da Conceição e outros saudavam o ascender vigoroso do notavel lyrico e juntavam mais um nome á lista, tão numerosa e selecta dos bons poetas do Porto.

Fazia-se mister para aquelle livro um editor cujo nome não o deslustrasse, antes concorresse em solidos creditos para a authoridade da publicação: o do primeiro editor de Portugal apparece como garantia segura.

Congratulamo-nos como admiradores do nosso lyrico e limitamo-nos a encerrar esta noticia com a seguinte carta que lhe é dirigida de S. Miguel de Seide, por Camillo Castello Branco.

Perdoem-nos o *abuso de confiança* :

«A tristeza que os seus formosos versos incutem suavissimamente é o que eu chamo poesia — a alma do verso. A composição syllabica, que tem este nome, se lhe falta o que quer que seja da essencia das lagrimas, é apenas uma prosa estragada pelo metro. Veja, snr. Lacerda, se me convence de que a Idéa Nova é a inspiradora da nova escóla, em que V. está filiado, que eu protesto já d'aqui contra os apodos que alguma vez dirigi a raros discolos que me pareceram mangar com a Idéa.

«Sou muito seu agradecido
admirador,

«Camillo Castello Branco».

(Da *Voz do Povo*.)

THOMAZ RIBEIRO

VÉSPERAS

1 vol., 1$000 reis

Livraria Internacional de E. Chardron, Editor — Porto e Braga

Quando um novo ideal invadiu a poesia pelo estudo das sciencias positivas, e tantas vocações poeticas tratam de orientar-se n'este sentido, elevando-se ás concepções grandiosas, penalisa-nos o vêr que ainda ha quem, por uma aberração mental, queira fazer renascer o nosso velho lyrismo, quando este á semelhança dos cadaveres pôdres, teve de ha muito o seu tumulo natural. Já se não pensa em luctar contra o impossivel; e n'estas condições de fatalidade e do meio que são duas forças poderosas, temos de ceder naturalmente com a profunda convicção de que obedecemos ao que é evolutivo: aquillo que é necessario é forçoso, quando não reune as duas condições, ou vice-versa.

Assim o que é decadente, velho, sediço, obedecendo simplesmente ás leis naturaes da evolução, morre, não deixando mais do que a recordação da sua existencia, do seu passado florescente.

E se era esteril, se era falso, se não possuia nenhuma das circumstancias pelas quaes se tornasse desejado ainda esse lyrismo piegas dos trovadores apaixonados, mysticos, para que tentar recordal-o como reacção ao movimento progressivo do seculo, que é espontaneo, que é naturalissimo, necessario e fatal? Se não attingir nunca uma cousa seria e util, para que invocar a sombra d'esse morto que infestava as sociedades, que as consumia lentamente?

Hoje que possuimos novas noções das cousas, que aspiramos a um ideal novo, positivo, que trabalhamos para o exterminio do que ainda possa haver de falso e nocivo, guiados pela razão, com a consciencia de verdadeiros principios, o tentarem impôr-se-nos será loucura vã.

N'este caso de injusta imposição está o snr. Thomaz Ribeiro com o seu volume de versos intitulado *Vésperas*.

É assombroso vêrmos um director de secretaria que ainda ha pouco deixou de ser ministro, firmar o seu nome em livros de poesias. Todos sabem que o ideal poetico necessita d'outro meio e que a vida politica está em desharmonia com as inspirações artisticas, com o idealismo puro. Ordinariamente o cerebro n'estas circumstancias, atrophia-se, elaborando projectos de lei, pensando no expediente ordinario, nos pretendentes que se deseja servir, nas apresentações de gala, nas recepções e *soirées*. O meio em que vive o empregado d'Estado d'esta categoria, é d'um pesadelo enorme e puramente facticio; a vida parlamentar com as preoccupações das finanças, não tem aspirações poeticas, os governos sentem-se n'um mal estar quotidiano, e vêem-se obrigados a abafar os impulsos do coração, se ainda o possuem, com alguma fibra tocada de sensibilidade, a mostrarem-se insensiveis a todas as miserias sociaes. Não é necessario querer-se ser poeta, é forçoso sentir a chamma da poesia. Ella é livre e independente como a ave que se perde nas alturas do espaço infinito; levanta ás vezes o vôo d'aguia, e o viver do homem politico ou do homem d'Estado não tem independencia nem liberdade. Nunca a poesia pôde florescer onde existe o revestimento da authoridade governamental nem onde ha a submissão.

N'este ultimo caso torna-se servil e nunca poderá attingir o perfeito ideal; n'aquelle, pesada, austera, insupportavel, o que equivale a dizer meramente convencional, ou simplesmente revelação d'um vicio occulto. Não é poesia como a manifestação sincera e sublime do pensar e sentir do poeta. A vida puramente artificial, como a do homem arvorado em conselheiro da corôa, nunca pôde produzir obra esthetica. As creações artisticas, ainda as mais imperfeitas, dependem do contacto com a natureza, e todos sabem que a obra d'arte boa ou má é sempre o producto do meio em que o artista vive. Só um falso ideal, um sentimento falso, podemos notar nas producções nascidas entre os sorrisos forçados e constantes, as cortezias, as influencias palacianas e medidas financeiras, que habituam o homem a uma serie de acções improprias e censuraveis. Não é tambem debaixo das

abobadas sombrias dos ministerios que a arte póde manifestar-se; e a poesia mais do que nenhum outro ramo de litteratura, carece de observar a natureza em acção, no seu movimento eterno: pois se ella é a mais elevada expressão do sentir humano!

As poesias dispersas do snr. Thomaz Ribeiro appareceram, mas como exigir-lhes sentimento, naturalidade, o lyrismo tal como o comprehende o coração? O snr. Thomaz Ribeiro é apenas um metrificador que não despreza os modêlos dos mestres, que não ousa sahir das pêas metricas com que o amarraram logo no começo da sua carreira litteraria. Assim, pois, não havia a esperar no seu novo livro outra cousa a não ser a manifesta revelação d'um vicio poetico, a mascarada apparatosa do pseudo-ideal das cousas.

A poesia para ser bella, é forçoso que sinta, que comprehenda a natureza tal qual é; aliás teremos de contentar-nos com a simples leitura de versos, admirando a rima e a cadencia metrica.

Seja qual fôr o pensamento do artista, ha sempre a attender á verdade das cousas e nunca ao convencionalismo que esterilisa o cerebro, as faculdades creadoras.

Esta ultima concepção do ex-ministro da marinha, repassada d'um romantismo religioso e liberal de falsa intuição, não tem naturalidade; e além de concebida em moldes já gastos, é d'um estylo piegas. Obedece simplesmente á fatalidade do meio que a produziu. Pela sua indole falta-lhe a expressão do sentimento, a delicadeza d'affectos, a fórma que enleva: pela idéa, analysadas as *Vésperas* debaixo d'este ponto de vista restrictissimo, admittindo o poeta á communhão dos perversos crentes, como bom catholico apostolico romano, as suas poesias não exprimem bem esse fervor de christão e de visionario, não satisfazem aos corações tocados d'esse sentimento e abertos em urnas de lagrimas.

Este livro é extemporaneo e por isso não poderá exercer influencia salutar no animo dos seus pouquissimos leitores.

Onde apenas existem preoccupações politicas, ambições de governar e onde menos se estuda a natureza, não póde haver sentimentos apreciaveis. Que impressões, que idéas do bello, se podem conceber no author do *D. Jayme* tornado de gêlo pelas exigencias sociaes, pela politica, que tem occupado a maior parte da sua vida e que elle adora com todas as veras d'alma, mais do que á poesia que pretende fazer-nos acreditar como seu idolo unico?

Os echos da miseria humana, os gemidos dos que soffrem, nunca alli podem ser ouvidos nem os infelizes encontrar abrigo. E a poesia é quasi sempre o orvalho dos que padecem, o desafogo dos que sentem.

S. exc.ª sómente costuma fazer versos nas horas vagas para se entreter. Que as suas lides ó não deixem comprehende-se; mas que a poesia esteja assim sujeita a um cultivo de mero passatempo e capricho, de mistura com os relatorios das nossas colonias e requerimentos para despachos e tantas outras petições a favor da regeneração, entre montes de papeis com apontamentos para brilhantes discursos, é cousa que deveras não percebemos.

Francamente, não sabemos como se possa crear poesia assim! Deve forçosamente ser forçada, falsa ou adulterada, porque devendo ser espontanea e escripta a todos os momentos de inspiração, não o é, e pelo contrario depende do poeta estar perfeitamente livre e desembaraçado, ainda que as musas o não inspirem. Então sim: o snr. Thomaz Ribeiro diz lá com os seus botões, bocejando, muito aborrecido: — Vou fazer versos. — E senta-se á sua secretária. Invoca as recordações do passado, vê ao longe muito a custo o Oriente por onde viajou á custa do governo, traça uns horisontes de que já se não lembra, produz outras muitas cousas em versos, aliás bem medidos, e sahem-lhe dos bicos da penna as decantadas *Vésperas!*

Uma producção d'esta ordem, só poderá ainda fazer echo no intimo das pallidas romanticas de mau gosto. Quem lê hoje o *D. Jayme,* com o seu falso sentimento patriotico e que ainda assim para ter voga, foi preciso vir precedido d'uma carta authoritaria de Castilho? Essas poucas pessoas que o lêem serão tambem os leitores das *Vésperas.* Estamos certos que, se aquelle poema de que tanto barulho se fez inconscientemente em Portugal, porque fallava o *mestre,* visse na actualidade a luz publica, teria o mesmo destino do ultimo livro de versos do snr. Thomaz Ribeiro, que só algumas folhas do elogio mutuo teem registado, mas ainda assim muito ao de leve.

Isto explica-se facilmente pela evolução litteraria e pelo estado dos espiritos. Todos aspiram á verdade e a realidade do sentimento é o supremo ideal da humanidade, e em especial do artista.

O snr. Thomaz Ribeiro é um metaphysico e como tal reaccionario e alheio ao movimento contemporaneo. Nunca se inspirou n'um sentimento: nunca o seu espirito attingiu a idéa perfeita do bello. O contrario d'elle tem feito outros poetas modernos sonhando mundos ideaes de poesia. É por isso que João de Deus é grande cantando o amor; é por isso que Soares de Passos, embora inspirado em Lamartine, Millevoye e nas baladas phantasticas do Norte, o não é menos cantando a tristeza.

O snr. Thomaz Ribeiro, não tendo seguido corrente alguma e não possuindo organisação artistica, ficou na ordem mental em uma especie de nirvana buddhico.

João de Deus é uma organisação eminentemente artistica e foi o poeta que melhor sentiu o ideal camoniano perdido desde o seculo XVI.

Ora, o author das *Vésperas,* bom metrificador, acaba de afinar as cordas da sua lyra nos pontos da arte convencional; ouvem-se os tons d'um lyrismo enfadonho, entre religioso e piegas, profundamente christão, que desappareceu ha muito até da sensibilidade feminina. Ficará sendo este volume o ultimo gemido doloroso da poesia sentimental. A fórma que ás vezes dá realce ás concepções ainda as mais mesquinhas, que as salva na idéa acanhada, é tambem nas *Vésperas* realmente sediça.

O cerebro do snr. Thomaz Ribeiro está de ha muito doente, como é natural, desde os 30 annos talvez; e se alguma cousa do *fogo sagrado* o alimentou até então, é porque toda a mocidade tem esperanças e illusões fagueiras, crenças sinceras, e a estrella do futuro se lhe mostra indecisa n'um horisonte longinquo. Esse enthusiasmo porém, extingue-se á maneira que as ambições prosaicas vão invadindo a alma.

Para se ser poeta sobretudo é necessario soffrer-se; e o snr. Thomaz Ribeiro, segundo nos parece, não tem sido dos mais infelizes.

As *Vésperas* não teem ideal nem sentimento: não retratam o poeta nem nos manifestam as impressões delicadas de todo o homem que nutre affectos puros, que tem um lampejo de inspiração, que sente alfim no intimo do peito as vibrações do sentimento da humanidade. Só nos revelam ingenuamente um espirito atrophiado e doente, incapaz de se elevar, á semelhança dos organismos affectados de lesão, que nunca podem desenvolver-se até que perecem, não obstante rodeal-os, muitas vezes, todas as condições exteriores de vitalidade.

A poesia individual é morta; anciamos sempre vêr reflectido o sentimento altruista.

É o que nos offerece dizer sobre o ultimo livro do snr. Thomaz Ribeiro, que mais uma occasião nos veio provar quanto o egoismo annulla a inspiração artistica.

REIS DAMAZO.

(Do *Commercio da Figueira*).

ARSENIO DE CHATENAY

LA VENDETTA, OU O SALDO DE CONTAS

1 vol., 600 reis

Fechamos agora, depois de lido, pagina a pagina, um formoso livro com o titulo que nos serve de epigraphe.

É seu author o snr. Arsenio de Chatenay, pseudonymo atraz do qual se esconde modestamente, como as violetas da encosta, o verdadeiro nome d'um amigo nosso, espirito altamente illustrado e fino, espirito aquilatado de ha muito desde os bancos da universidade de Coimbra.

Equivale isto a dizer que o nosso amigo é bacharel em direito, e n'esta qualidade tem por varias vezes servido cargos importantes, a contento do bom senso, da honestidade, da intelligencia e do seu independente caracter.

O snr. Arsenio de Chatenay (respeitemos-lhe o incognito), author de varios outros livros de que em breve nos occuparemos, deu-nos no romance *La vendetta* mais uma prova do quanto vale a sua intelligencia applicada ao instructivo labor d'aligeirar as suas horas d'ocio.

Seja dito ao correr da penna que o illustrado author, rico de bens de fortuna, não escreve para ganhar dinheiro pela litteratura.

Comprehendendo, e muito bem a nosso vêr, que os espiritos cultos tem por obrigação rigorosa deixar após si um traço luminoso que assignale a sua passagem na terra, o nosso amigo teve a coragem pouco vulgar de arrostar com mil difficuldades, sendo de certo a mais escabrosa a inveja pequenita das *nullidades assopradas*, que viam no novo escriptor um concorrente aos magros cobres com que no nosso paiz se tenta pagar o que se escreve. No romance a que alludimos manifesta por muitas vezes o author, e brilhantemente, profundissimos conhecimentos topographicos, descriptivos, historicos e scientificos.

Aconselhamos a sua leitura. Ao seu author, homem serio nas cousas serias, no seio da sua extremosa familia, entre desvelos amigos, o mais espirituoso e alegre dos rapazes, e um dos caracteres mais nobremente accentuados que conhecemos, enviamos um sincero aperto de mão, e um bravo que o incite a progredir na sua auspiciosa carreira tão brilhantemente encetada.

Não nos vendou a amizade os olhos da nossa pobre critica, guiou-nos a consciencia, e contentes com ella aqui deixamos consignada a boa opinião que nos merece o talentoso author do romance — *La vendetta, ou o saldo de contas*.

F. G.

SILVA PINTO

REALISMOS

1 volume, 200 reis

Reuniu o snr. Silva Pinto, a cujo talento e elevado caracter folgamos de prestar homenagem sempre que isso nos vem a pello, em um elegante volumesinho, sob o titulo de *Realismos,* que elle dedica ao snr. Camillo Castello Branco, diversas narrativas, ou *episodios* como elle os denomina, sahidos em folha periodica, e que merecedores eram de vir de novo a lume no seu conjuncto, para melhor apreciação d'elles em si, do processo usado em sua estructura e ainda e sobretudo do fim a que com escrevel-os miráro o snr. Silva Pinto.

Uma *charge* artistica, diz-nos o illustre escriptor em nota do final do tomosinho, que chamára a esses episodios em carta que lhe dirigira um seu benevolo e assiduo leitor, lamentando que em vez de escriptos no «estylo tão caracteristico», e peculiar, e scintillante de que o snr. Silva Pinto se serve ordinariamente, o fossem em estylo que os *desfigura.*

Effectivamente é uma *charge,* no intuito e ao fim com que foi escripto pelo snr. Camillo Castello Branco o *Eusebio Macario,* mas muito mais frisante ainda do que a d'este, e comprovando assim melhor o que ha de falso na moderna escóla realista, cujos adeptos e partidarios, em sua grande maioria, como muito bem diz o snr. Silva Pinto, *applaudem as producções da nova escóla, attendendo e obedecendo tão sómente á forma e fascinação plastica d'ella, sem curar de processos scientificos nem da existencia da vida psychologica, base do romance contemporaneo.*

E fica ahi dito em sua *grande maioria,* porque a minoria conta em si brilhantes talentos cujas obras não só se recommendam pela fórma translata e adjectivada do dizer, como nas d'aquella, mas tambem e principalmente pelo estudo de um dado estado social ou individual, ou de familia, sob o ponto de vista psychologico ou physiologico.

Nas obras da minoria selecta harmonisam-se a idéa e a fórma, mas com subordinação sempre d'esta áquella, e com quanto reparos haja que lhes fazer em mais do que um ponto, aceita-se a escóla realista assim manifestada como uma nova e até fatal evolução do espirito humano, em conformidade com as transformações do meio social e com os novos ideaes philosophicos e politicos que correm e agitam actualmente no e o mundo.

Assim em França como os mais elevados talentos e corypheus da nova escóla se nos offerecem Gustavo Flaubert e Affonso Daudet, de cuja penna sahido o admiravel romance «Os reis no exilio», e em Portugal Eça de Queiroz, em cuja esteira vai Fialho d'Almeida, e Teixeira de Queiroz e Julio Lourenço Pinto.

Nas obras da grande maioria, ôcas de senso commum e sem fito, apenas se manifesta o invocado *realismo* pela torpeza das personagens que intervem na narrativa e do theatro em que se movem, e pela, como muito bem o frisa o snr. Silva Pinto, «exploração do adjectivo e deslocamento da construcção grammatical».

Contra estes taes e tantos é que o snr. Silva Pinto escreveu os *Realismos* que sobre e para a boa direcção do bom gosto e bom senso publicos devem ter mais proveitosa influencia do que a critica sisuda e meditada dos falsos ouropeis e negações do pseudo-realismo.

Agradecemos ao vigoroso, independente e illustrado escriptor o exemplar com que nos brindou.

DR. RODRIGO VELLOSO.

(Da *Aurora do Cávado*).

ALPHONSE KARR

PAGINAS HUMORISTICAS

VERSAO DE THOMÉ DAS CHAGAS

1 vol., 500 reis

Thomé das Chagas mimoseou-nos com uma magnifica versão de varios trechos de Alphonse Karr reunidos sob a epigraphe de *Paginas humoristicas*.

Fallar de Alphonse Karr, relembrar a inexhaurivel veia comica, o humor rabelaisiano dos escriptos do author do *Caminho mais curto;* dizer pela centesima occasião o já dito, que elle possue a graça, o impeto, a *verve* gauleza pura dos exageros e dos amaneiramentos que dos *raffinés* do seculo de Luiz XIV e da Regencia copiaram aquelles outros *ultras* da Regencia napoleonica, os Morny, os Romieu, os Persigny, os Mocquard, etc., affirmar ainda uma vez que nada mais exuberante de são espirito, de fina observação, que nada de factura mais limpida e crystallina do que as paginas do pescador d'Etretat parece-nos pretencioso e inutil.

O traductor portuguez com um claro discernimento escolheu da grande collecção inesgotavel das *Vespas* algumas das paginas mais repletas de bom senso ferreo e mais luzentes de aproximações comicas scintillantes, tendo o cuidado de pôr de lado aquellas que parece indicarem no grande *rieur* um fundo scepticismo por todas as fórmulas e convenções humanas e que desgostam pela propria latitude da descrença.

Que essa é a fraqueza das *Vespas,* o riso tomado como fim final do exame de todos os principios, de todos os acontecimentos, de todas as theorias, de todos os anceios humanos. O riso é um meio, uma arma de combate que, posta ao serviço da justiça, faz aluir as velhas muralhas inexpugnaveis dos erros, dos preconceitos e das abusões ridiculas das sociedades. Essa é a força do rir de Voltaire, do rir de Molière, do rir de Beaumarchais. O fanatismo, os mythos supersticiosos, a sciencia mentirosa dos pedantes, a carolice refalsada e hypocrita e a absurda hierarchia social não possuem mais terriveis inimigos de que os sarcasticos que manejam as armas do *Candido,* do *Diccionario philosophico,* do *Dr. Akakia,* de *Tartufo* e do *Casamento de Figaro.*

Essa é a força dos modernos gargalhadores, a sua arma terrivel, de Rochefort, cuja *Lanterna* destroe um imperio, de Touche-à-Tout no *Trombinoscope,* do snr. Ramalho Ortigão n'aquella obra prima do genero que se chama *As Farpas.*

Quando, porém, o riso toma a feição d'um incontradicto resultado; quando o escriptor só tem por fim rir-se de tudo e de todos, sempre e sempre, sob a pressão do criterio pessimista que levava Karr a querer fazer um *Diccionario da tolice humana,* o papel importante da publicação a que faz vêr a luz, a sua acção social gora-se, porque o scepticismo é esteril e o homem precisa de nova fé e novo ideal quando assistiu á morte das suas antigas crenças.

Heine na *Allemanha* é um exemplo d'essa esterilidade do rir permanente; Karr nas *Guêpes,* hostis a todos os partidos e a todos os credos, fez rir pela força incompressivel de sua veia comica, mas o resultado ficou ahi e a regeneração dos leitores pela mofa dos seus vicios e erros não se operou. Se tem havido trabalho de critica sem acção sobre o meio social criticado, esse é sem duvida as *Vespas* e a causa crêmos tel-a indicado.

Ora, o cuidado que o traductor de Karr teve em não nos dar senão paginas isentas da accusação formulada não é um dos seus menores titulos á nossa consideração.

Da versão que dizer? O seu maior elogio não estará em que a prosa do escriptor francez na sua passagem para um bom portuguez correcto e vernaculo nada perdesse do seu soberbo jacto de veia, do seu irresistivel poder do comico?

Esse elogio podemos nós fazel-o em

boa consciencia a Thomé das Chagas, a quem agradecemos o favor da offerta do seu tão interessante volume, incitando-o a que prosiga no seu trabalho de facilitar aos ignorantes do francez os modêlos em qualquer genero que a uberrima litteratura d'além-Pyrenéos possue.

A. R.

(Do *Museu Illustrado*).

*

É um mimo litterario o livro que acaba de vêr a luz publica com aquelle titulo. O snr. Thomé das Chagas, pseudonymo que sabemos de boa fonte encobrir o nome do snr. F. L. Ferraz, colleccionou, dos escriptos do profundo observador e eminente critico Alphonse Karr, as melhores paginas para o seu livro, dando-nos um trabalho precioso a todos os respeitos. É louvavel o pensamento do snr. Ferraz, em querer vulgarisar um genero de litteratura tão esteril entre nós: Alphonse Karr tem sido o grande inspirador d'alguns escriptores nossos, que o publico tem lido com avidez; — tanto basta para o completo encarecimento do novo livro. A traducção está bem estudada e fluente, e realmente não atinamos com o capricho que levou o traductor a esconder o seu nome sob um pseudonymo. Desejáramos que todas as versões fossem feitas com igual proficiencia.

(Da *Actualidade*).

*

Apresentar este nome equivale, para os que já conhecem os eminentes dotes do escriptor das *Guêpes*, a prometter-lhes o que ha de mais scintillante no espirito francez de parceria com um poder d'observação, de analyse e de critica a que raros talentos attingem. Alphonse Karr não pede ás abstracções da metaphysica o segredo dos amavios com que sabe enfeitiçar-nos. Narrador ameno e facil, não levanta pé do planeta e, cavalleiro andante do bom-senso e do bom-gosto, onde topa os *tuertos* do preconceito, quer os consagre a tyrannia das idades ou o suffragio das multidões, vira-os, revira-os, fura, espalma, sarja se tanto é mister, e tudo isto faz elle com uma forte dóse de boa alegria. Então o *tuerto* ou supportou a operação e ficou perfeitamente corrigido, ou foi corrido á gargalhada por de todo em todo se ter mostrado incapaz e má figura.

O livro de que nos occupamos, abrangendo multiplicidade de assumptos interessantes, deixa-se lêr com delicia. Se nunca pendestes nos labios d'um homem que vos entretem fallando-vos de cousas triviaes, é certo, mas illuminando-as ao clarão d'um talento extraordinario e cheio de juizo, não fazeis idéa do delicado prazer d'espirito que estas paginas vos reservam.

Leiam-no, e dirão se os enganamos.

A versão é esmerada e a edição muito nitida.

(Do *Primeiro de Janeiro*),

*

Com o titulo de *Paginas humoristicas* recebi do Porto um livro, cuja leitura não atraiçôa o titulo. E como não havia de ser assim, se o author d'essas paginas, cheias de vivacidade e de bom senso, é Alphonse Karr!

Para mim Karr é uma das mais brilhantes manifestações d'esse espirito gaulez, tão rico d'inspiração, mordaz e sentencioso ao mesmo tempo, cheio de alegria e de loucura, d'essa divina loucura que desabrocha as mais bellas flôres de humorismo e da satyra nos cerebros de Rabelais e Voltaire.

O livro principia por tratar das pedras preciosas. Para um joalheiro do estylo, como é Karr, o assumpto não podia ser mais proprio e delicado.

Os outros trechos teem todos o colorido da mesma palheta. Quem fez a escolha não é nenhum iconoclasta da litteratura. Escolheu bem e traduziu com primor. A graça franceza, esse perfume elaborado ou depurado no cadinho de Paris, não se embebe sem difficuldade, na trama da nossa lingua, aliás finissima quando sahe da officina d'um Garrett ou d'um Camillo.

Seja-me permittido todavia um reparo. O traductor serviu-se d'um pseudonymo pouco moderno. Thomé das Chagas faz lembrar author de chronicas seraphicas. Está a pedir um *frei* atraz de si. Frei Thomé das Chagas, um perfeito frade, a traduzir Alphonse Karr!..., *Abrenuntio!*

S. V.

(Do *Commercio Portuguez*).

ABILIO MAIA

O NAUFRAGIO DE CAMÕES

Preço 100 reis

O snr. Abilio Maia, moço talentoso e modesto, querendo por sua parte solemnisar o proximo tricentenario de Camões, acaba de dar á estampa uma interessante publicação, subordinada ao titulo: *O naufragio de Camões.*

Depois de uma breve introducção consagra o author, como — «homenagem ao maior amigo da patria e á sua maior gloria: — a Camões e aos Lusiadas!» — quatro sonetos em que se manifesta verdadeiro estro.

(Do *Jornal do Porto*).

*

Recebemos um folheto de 16 paginas, em prosa e verso, escriptas por um moço d'esta villa, filho do snr. Antonio de Sousa Maia, acreditado negociante d'esta povoação. O author, que de certo ainda não conta 18 annos d'idade, deve á intelligencia e ao estudo aquella e outras publicações que já teem apparecido em publico, e que revelam talento, que o tempo e applicação ha-de ir aperfeiçoando até que chegue a dar fructos de maior vulto. Agradecendo o folheto com que esta redacção foi brindada, aconselhamos o snr. Abilio Maia empregue no estudo o tempo que lhe sobrar das obrigações do seu emprego, auxiliando assim a vocação que manifesta para a convivencia com as musas.

(Do *Noticioso*).

*

É o titulo de um poemeto que o novel poeta Abilio Maia se propõe dar á estampa no intuito de solemnisar o tricentenario do immortal author dos *Lusiadas.*

O snr. Abilio Maia tem uma pronunciada vocação litteraria; demais é muito estudioso e muito modesto, e estas duas ultimas qualidades proporcionam um realce poderoso ao seu intestavel talento.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

*

Foi-nos offerecido pelo snr. Abilio Maia um folhetosinho com o titulo *O naufragio de Camões* e que é destinado a commemorar o tricentenario do principe dos epicos portuguezes.

Este tributo á memoria do eminente poeta compõe-se de quatro sonetos magnificamente traçados, em que o snr. Abilio Maia trata d'uma maneira invejavel, e com maestria, o naufragio do grande poeta na costa da Camboja.

O snr. Abilio Maia, que conhecemos de perto, começa agora a cultivar a poesia com verdadeiro enthusiasmo.

Tem provado n'algumas composições soltas, que enchem os jornaes litterarios, que não escasseia n'elle uma decidida vocação alliada a uma vontade extraordinaria e a um estudo consciencioso.

(Das *Novidades*).

*

Está publicado este opusculo que ha tempo annunciamos, abalisando-o auspiciosamente.

É um trabalho tanto mais notavel quanto é pouco avançado em annos o seu author, o nosso amigo Abilio Maia, que d'este modo coopera dignamente na celebração do tricentenario de Camões.

O folheto é elegante, muito bem impresso, e contém quatro sonetos de bom lavor, precedidos d'um pequeno artigo em prosa.

Ao novel poeta agradecemos o delicado offerecimento do seu opusculo.

(Do *Primeiro de Janeiro*).

*

Sob o titulo *O naufragio de Camões* principiou a correr impressa em livrinho uma saudação ao epico que, como outras, se antecipa ao dia do tricentenario gloriosissimo que a patria lhe prepara.

O snr. Abilio Maia, que a subscreve, depõe no altar d'essa augusta canonisação civica quatro sonetos lavrados sobre a seguinte passagem dos *Lusiadas* em que o poeta affirma o seu desastre no mar, na costa de Camboja:

.... o canto que molhado
Vem do naufragio triste e miserando
Dos procellosos baixos escapado.

(Da *Voz do Povo*).

OUVRAGES DE M. PAUL LACROIX

(BIBLIOPHILE JACOB)

CONSERVATEUR DE LA BIBLIOTHÈQUE DE L'ARSENAL

VIE MILITAIRE ET RELIGIEUSE
AU MOYEN AGE
ET A L'ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE

1 vol. in-4º, contenant 14 chromolithographies par F. KELLERHOVEN, RÉGAMEY et L. ALLARD
et 409 figures gravées sur bois par HUYOT père et fils

Riche reliure, 8$000 réis

TITRES DES CHAPITRES: I. Féodalité au point de vue militaire et religieux. — Guerres et armées. — Marine. — Croisades. — Chevalerie, duels et tournois. — Ordres militaires. — II. Liturgie et cérémonies. — Les Papes. — Clergé séculier. — Ordres religieux. — Institutions charitables. — Pèlerinages. — Hérésies. — Inquisition. — Funérailles et Sépultures.

XVIII^ME SIÈCLE
LETTRES, SCIENCES ET ARTS

FRANCE (1700-1789)

OUVRAGE ILLUSTRÉ DE 16 CHROMOLITHOGRAPHIES ET 250 GRAVURES SUR BOIS

D'après Watteau, Vanloo, Largillières, Bouchet, Lancret, Greuze, Chardin, Desportes, Oudry, Vernet, la Tour, les Saint-Aubin, Gravelot, Cochin, Eisen, Moreau, Mariller, Debucourt, etc.

Riche reliure, 8$000 réis

DIVISION DE L'OUVRAGE: Les siences. — Inventions et découvertes. — La philosophie. — La littérature. — L'art dramatique. — La critique littéraire et les journaux. — L'érudition. — Les académies. — L'imprimerie et la librairie. — La peinture. — La sculpture. — L'architecture. — La gravure. — La musique. — L'ameublement. — La céramique. — L'orfèvrerie et la joaillerie. — Les étoffes et les tissus.

LES ARTS AU MOYEN AGE
ET A L'ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE

1 vol. in-4º, contenant 19 chromolithographies par F. KELLERHOVEN, et 420 gravures

Riche reliure, 8$000 réis

TITRES DES CHAPITRES: Ameublement. — Tapisserie. — Céramique. — Armurerie. — Sellerie. — Orfèvrerie. — Horlogerie. — Instruments de musique. — Cartes à jouer. — Peinture. — Gravure. — Architecture. — Sculpture. — Parchemin, papier. — Manuscrits. — Reliure. — Imprimerie.

SCIENCES ET LETTRES

AU MOYEN AGE

ET A L'ÉPOQUE DE LA RENAISSANCE

1 vol. in-4º, contenant 13 planches chromolithographiques
et 400 gravures sur bois

Riche reliure, 8$000 réis

TITRES DES CHAPITRES: Universités, colléges, écoles. — Sciences philosophiques. — Sciences naturelles. — Sciences mathématiques. — Sciences géographiques. — Science héraldique. — Chimie et alchimie. — Médecine et chirurgie. — Pharmacie. — Sciences occultes. — Erreurs populaires, superstitions. — Archives, bibliothèques, académies. — Langues. — Patois. — Proverbes. — Poésie national — Chants populaires. — Romans. — Histoires, chroniques, mémoires, journaux. — Éloquence. — Théâtre.

DOM GUÉRANGER

ABBÉ DE SOLESMES

SAINTE CÉCILE ET LA SOCIÉTÉ ROMAINE

AUX DEUX PREMIERS SIÈCLES

Ouvrage contenant 250 gravures sur bois, 6 planches
en taille-douce et 2 chromolithographies

1 vol. in-4º, riche reliure, 8$000 réis

LOUIS VEUILLOT

JESUS-CHRIST

ATTENDU, VIVANT, CONTINUÉ DANS LE MONDE

AVEC UNE ÉTUDE SUR L'ART CHRÉTIEN, PAR E. CARTIER

Ouvrage illustré de 16 chromolithographies et de 200 gravures d'après les monuments
de l'art depuis les catacombes jusqu'à nos jours

1 vol. in-4º, riche reliure, 8$000 réis

H. WALLON

JEANNE D'ARC

1 vol. in-4º, illustré de 14 chromos et de 200 gravures
d'après les monuments de l'art

Riche reliure, 8$000 réis

OBRAS DE SIMÃO JOSÉ DA LUZ SORIANO

HISTORIA DA GUERRA CIVIL

E DO

ESTABELECIMENTO DO GOVERNO PARLAMENTAR EM PORTUGAL

COMPREHENDENDO

A HISTORIA DIPLOMATICA, MILITAR E POLITICA D'ESTE REINO
DESDE 1777 ATÉ 1834

Primeira época.................... 2 vol.
Segunda época (Guerra da Peninsula). 4 »

Tudo encadernado em 7 volumes, 18$000 reis

HISTORIA DO CERCO DO PORTO

Precedida d'uma extensa noticia sobre as differentes phases politicas da monarchia, desde os mais antigos tempos até ao anno de 1820, e desde este mesmo anno até ao começo do sobredito cerco.

2 VOLUMES ENCADERNADOS, 9$000 REIS

REVELAÇÕES DA MINHA VIDA

E MEMORIAS D'ALGUNS FACTOS

E HOMENS MEUS CONTEMPORANEOS

1 vol. encadernado, 13$500 reis

UTOPIAS DESMASCARADAS

DO SYSTEMA LIBERAL EM PORTUGAL

OU EPITOME DO QUE ENTRE NÓS TEM SIDO ESTE SYSTEMA

UM VOL. ENCADERNADO, 2$000 REIS

HISTORIA DO REINADO DE EL-REI D. JOSÉ

E DA ADMINISTRAÇÃO DO MARQUEZ DE POMBAL

Precedida d'uma breve noticia dos antecedentes reinados, a começar no de el-rei D. João IV, em 1640

2 vol. encadernados, 4$500 reis

OBRAS DE FUNDO

Collecção das obras classicas portuguezas que se acham já reimpressas e completas, etc.

Viterbo

Elucidario das palavras e phrases que antigamente se usaram em Portugal, e que hoje regularmente se ignoram. 2 vol. in-folio.......... 4$000

Fr. Luiz de Sousa

Historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas. 6 grossos vol. in-4.º...................... 7$200

Fr. Thomé de Jesus

Trabalhos de Jesus. 2 volumes in-4.º........................ 1$800

Simão de Vasconcellos

Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil. 2 vol. in-4.º 1$500

Antonio Cordeiro

Historia Insulana das ilhas adjacentes a Portugal sujeitas. 2 volumes in-4.º...................... 2$000

João Baptista de Castro

Mappa de Portugal antigo e moderno, ampliado com um supplemento, por *Manoel Bernardes Branco*. 4 volumes in-4.º...................... 3$600

Vasconcellos

Memorial da segunda Tavola Redonda. 1 vol. in-4.º......... 1$000

Bocage

Obras completas de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, dispostas e annotadas por *Innocencio Francisco da Silva*, com um estudo biographico e critico ácerca do poeta, por *Luiz Augusto Rebello da Silva*. 6 volumes in-8.º gr.................... 4$320

Barreto Feio

Eneida de Virgilio, traducção com o texto latino. 3 vol........... 2$880

Almeida e Araujo

Chronica da rainha D. Maria II (completa). 3 vol. in-fol. encad.... 3$600

Manoel Bernardes

Luz e Calor, obra espiritual para os que tratam do exercicio de virtudes e caminho da perfeição. Esta edição é feita sobre a primeira original de 1696, sem alteração alguma no texto. 1 vol.................. 1$000

Rebello da Silva

Fastos da Igreja, historia da vida dos santos, ornamentos do Christianismo, com censura e authorisação do patriarchado. 2.ª edição. 2 vol...... 960

Panorama

Collecção completa. 18 vol. enc. 36$000

Lima Leitão

Natureza das cousas, poema de Tito Lucrecio Caro, traduzido do original latino para versão portugueza. 2 vol. in-8.º..................... 800

Illustração Brazileira

Illustração Luso-Brazileira. 3 vol.
Brochados................. 4$500
Encadernados............... 5$700

Francisco José Freire

Reflexões sobre a lingua portugueza. 3 vol. in-8.º gr.......... 720

Evaristo Leoni

Genio da lingua portugueza. 2 volumes...................... 1$800

Duarte Nunes de Leão

Origem e orthographia da lingua portugueza. 1 vol. in-8.º.... 500

Vilhena Barbosa

Cidades e villas da monarchia portugueza que teem brazão d'armas. 3 volumes com 126 estampas lithographadas........................ 3$000

// BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

THEORIA DAS PROVAS

E SUA APPLICAÇÃO AOS ACTOS CIVIS

POR

FRANCISCO AUGUSTO DAS NEVES E CASTRO

1 volume de 400 paginas, 1$500 reis

Entre os muitos volumes, de que um dos mais acreditados, intelligentes e escrupulosos editores portuguezes — o snr. Ernesto Chardron, do Porto — abastece constantemente o nosso mercado litterario, podemos affirmar que se distingue consideravelmente aquelle, do qual trata a nossa epigraphe.

O assumpto é revelado por o titulo. *As provas*... perante os tribunaes. Ou *seja a alma do processo*, ou *a luz que deve guiar o juiz*, ou *a conformidade entre nossas idéas e os factos de ordem physica ou moral que desejamos conhecer;* ou *os meios differentes por meio dos quaes a intelligencia chega ao descobrimento da verdade*, expliquem-a como quizerem, a prova é sempre para o processo ainda mais do que é a luz do sol para a natureza. Sem provas não ha direitos que valham, faculdades que aproveitem, deveres que tenham respeito: sem prova não ha justiça ante os tribunaes. A prova é a condição, *sine qua non*, da verdade ante as justiças humanas.

É por isto mesmo o mais difficil problema a resolver; o ponto cardeal, o centro de apoio das resoluções, que devem firmar o direito entre os litigantes.

Emquanto o homem fôr o que é e tem sido, não ha sociedade sem tribunaes, como não ha Deus sem religião. Sem prova não póde haver tribunaes que julguem e protejam os interesses e os direitos.

Por isto se vê a excellencia da prova, e tambem se conhece a grande difficuldade do problema verdadeiramente politico — diremos ainda — o mais politico de todos, porque sem sociedade não ha estados, e sem politica não ha estados que possam viver.

Os melhores jurisperitos, e quantos precisam de conhecer a verdade e de a promulgar e manter, procuram as provas para suas resoluções. A verdade não é palpite, porque não é jogo. Em todos os paizes teem apparecido notaveis tratados *das provas*, a fim de encaminhar o espirito dos magistrados, de quantos precisam de esclarecer a consciencia, no caminho e demanda da verdade.

Nós mesmos tivemos um bom mestre — *Pereira e Sousa*. Os seus trabalhos hão-de ser sempre novos, porque ha maximas, principios e regras que não morrem nem sequer envelhecem. Outros ainda vieram prestar o seu saber e as ma-

nifestações de seu talento e illustração ao ensino dos que ou principiavam a *conhecer das provas* ou se encontravam no immenso labyrintho que não raro envolve o descobrimento da verdade.

Não citemos nomes. Para quê, se conhecida a importancia do assumpto é de suppôr desde logo quanto seria grande o numero d'aquelles que emprehendessem esses trabalhos!

O homem nasce para a verdade, e por isto mesmo desde o nascimento á morte, em todas as idades e misteres, só procura conhecer *a sciencia das provas*.

N'estas palavras e n'esta idéa se resume toda a educação, toda a verdade, todo o meio para o fim dos sêres humanos.

O snr. dr. Neves e Castro tratou da interpretação das provas applicadas aos actos civis. Para isto tinha de recorrer não só aos principios geraes que regulam a materia, e que são quasi iguaes á immensidade, mas tambem e principalmente ás disposições das nossas leis.

Mas, se as leis o mandam, para que é necessario o livro das provas?

A objecção, se existisse, era tola. As leis estabelecem regras geraes para alguns dos pontos principaes das provas; mas as leis estão sujeitas á interpretação dos seus executores, e por isto mesmo apparece a demanda que é a duvida, e a duvida que é o martyrio do homem, e especialmente do julgador; a duvida que é o começo do erro.

Um bom livro, que eduque, ou por o menos seja conselheiro prudente e sereno, um verdadeiro mentor, na improba, melindrosa e gravissima tarefa de apreciar *as provas*, tem valia e preço incalculaveis.

O snr. dr. Neves e Castro, ainda que grande não fosse o merecimento da sua obra, tinha para o attestar a sua notavel tarefa, o nobre fim que o guiou. É, todavia, innegavel o valor e merito do seu trabalho; e tamanho o julgamos que não podemos crêr que em livraria de jurisconsulto, ou ainda sobre a banca de quem haja de julgar, elle possa deixar de apparecer entre os mais lidos e consultados.

Dividiu o livro em duas partes:

Uma, destinada a estabelecer e explicar principios *geraes* sobre o assumpto: *outra*, que trata das provas em especial. Segue o author do livro a divisão da prova em *inartificial* e *artificial;* o livro primeiro da 2.ª parte é dedicado á primeira; divide-o em seis titulos, e estes em capitulos e secções segundo as doutrinas e a sua intima connexão: o segundo livro tem um titulo unico e tres capitulos.

Parece-nos boa a divisão, bem disposta a ordem das materias e geralmente aceitavel a doutrina.

Longe nos levaria esta noticia, se quizessemos exemplificar o nosso asserto. Não é aqui o lugar para discussões: nem o tempo, nem o espaço, nem a natureza da nossa folha o comportam. Toda a imprensa faz ao livro e ao author merecidos elogios, distinguindo-se aquella que trata especialmente de successos forenses. A leitura do livro convenceu-nos da justeza e justiça d'esses louvores.

E com isto folgamos — porque se dá a um trabalhador como o snr. Neves e Castro o galardão, quasi unico, recebido por quem em Portugal escreve: porque se encoraja a novas tarefas quem se iniciou tão bem; porque nos prendem áquelle magistrado as relações que travámos nos bancos da Universidade; e porque se vai recompensar os riscos do notavel editor portuense, a quem tanto devem as boas letras portuguezas e que é dotado de coragem e intelligencia verdadeiramente distinctas.

Não sabemos se alguem verá n'estas palavras uma recommendação da obra, um *réclame*. Ainda assim, não nos magoará a supposição. Quem nos conhece, sabe que bem pouco somos dados a louvaminhas. Se *recommendamos,* é porque a nossa posição, como advogados e como jornalistas, nos obriga a esse acto de justiça.

D'este modo o *réclame* é um dever, a recommendação do livro uma verdade e uma obrigação.

(Do *Jornal de Vizeu*).

É o titulo d'um livro, devido á intelligencia, saber e dedicação ao trabalho, do snr. Francisco Augusto das Neves e Castro, juiz de direito de 1.ª instancia, e editado pelo snr. Ernesto Chardron, incansavel em promover a cultura litteraria e scientifica no nosso paiz.

Não tinhamos um tratado completo e minucioso sobre as provas judiciarias: alguns jurisconsultos haviam apenas esboçado principios vagos, como o eram os preceitos legaes sobre o assumpto.

A materia é vasta, complexa e inesgotavel, e cada elemento de prova faria um volume, como diz o author; no en-

tanto desempenhou-se este no seu livro com brevidade, concisão e clareza, sem ser omisso e obscuro.

A par da theoria e noções praticas, aponta o author os lugares, em que se encontram as doutrinas tratadas: suppre o livro o exame de muitos volumes. A 2.ª parte da obra é completa, e escripta em harmonia com a nossa legislação e jurisprudencia civil, criminal e commercial; e com especialidade o tit. 3.º sobre a prova documental, em que o author nos parece minucioso e methodico.

Fomos condiscipulo do author, e tanto basta para terminar as nossas apreciações imparciaes e despidas de toda a lisonja e adulações. O livro recommenda-se por si, e a seu respeito nada mais diremos, senão, que o julgamos digno de ser consultado; e quanto mais fôr lido com attenção, tanto melhor se avalia o seu merito.

Francisco Antonio Veiga

(Author do *Direito ao alcance de todos ou o advogado de si mesmo*)

INDICE DOS CAPITULOS

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Canticos da Aurora, *por* NARCISO DE LACERDA. *Com prefacios de Silva Pinto, Camillo Castello Branco e João de Deus.* 1 volume, edição de luxo, 600 reis.

Los siguientes *Sonetos* elegiacos forman parte de la preciosa colleccion de poesias que, con el titulo CANTICOS DA AURORA, acaba de ver la luz pública en Oporto. Su autor, Narciso de Lacerda, apenas salido de la adolescencia, pertenece á la nueva generacion poética de Portugal, en cuya lirica se sienten las palpitaciones de la vida contemporánea, y resuenan todos los dolores, todas las alegrias y todas las esperanzas, sin encerrar-se en los moldes mezquinos de escepticismos trasnochados, ni entregarse á optimismos igualmente favorables que aquellos al falseamiento de la verdad y á la limitacion de las libertades artisticas. Es, en suma, Lacerda un poeta revolucionario que, dejando dormir en paz sobre sus laureles á griegos y romanos, respira en plena atmósfera del siglo XIX, no esterilizando sus peregrinos dotes y fuerzas varoniles en exhumaciones de ideales y formas de tiempos que pasaron. — En CANTICOS DA AURORA hay composiciones notabilisimas, ya por el espiritu que las informa, ya por la ternura que las penetra, y dignas de los elogios que insignes criticos y poetas portuguezes, como Silva Pinto, João de Deus, y Camillo Castello Branco, se han creido en el deber de consignar en los prefacios del libro.

VENTURA RUIZ AGUILERA.

EXTREMUM VALE

— ¡ Pronto seré contigo — dijo un dia
aquella cuyo seno me abrigaba ;
¡ ay ! volvió tarde, pero mi alma esclava
de esperarla jamás se cansaria.

Buena fué y generosa en la agonia
cuando la antigua fé ya me dejaba :
¡ volvió !... y alli descansa, inerte y fria,
junto al crucero que ella tanto amaba.

Tan hermosa volvió como ántes era,
ondulante su livre cabellera
y sonriente el dulce labio amigo.

Y entónces dije al polvo (oyendo, en tanto,
del rudo enterrador siniestro canto) :
— ¡ Pronto, muy pronto yo seré contigo !

FLORES DE LA SOMBRA

Occhi miei, oscurato è'l nostro sole...

PETRARCA.

I

¡ Ay de nuestros paseos por el rio !
¡ Ay de la infancia, que ilusiones crea !
¡ Breve edad, en que el alma centellea
y arde como los bosques en Estio !

Si hoy, por acaso, de ilusion vacio,
rechinar oigo um carro por la aldea,
me hiere la memoria triste idea
y del lloro, á la vez, siento el rocio.

Escalando del monte las escarpas,
no ha mucho, del pinar oí en las arpas
del Infinito el cántico sagrado

que de otros tiempos remembranzas trae ;
y caí de rodillas, como cae
sin fuerzas ante Dios um condenado.

II

¡ Oh muerte, del poeta fiel esposa,
y mi inocente y última esperanza !
¡ Pálido lirio en donde paz alcanza
la Aspiracion, la etérea mariposa !

Yo, desterrado, envejecí en la hermosa
niñez, y en ti busqué mi bienandanza ;
porque sólo tú existes sin mudanza,
herencia sepulcral, en mi alma ansiosa.

E pues el frio de tu seno abriga
miseria tanta e aflixion oscura,
recíbeme en tu seno, dulce amiga.

¡ Tu mano !... y nadie romperá, por fuerte,
esta cadena fraternal y pura
que Amor enlaza, y Juventud e Muerte.

O prodigio nas salas, *por* DAVID DE CASTRO. *Manual de prestidigitação, ornada de 67 estampas, o mais curioso e completo que se tem publicado n'este genero.* 2.ª edição correcta e augmentada. 1 vol. 600 reis.

Não é uma comedia nem uma opereta, comquanto o titulo recorde o delicioso *Rouxinol das salas,* uma bréjeirice acompanhada de musica provocadora.

O *Prodigio nas salas* é um livro de prestidigitação. Ensina a fazer toda a especie de *sortes,* como geralmente se denominam as escamoteações, os *passes* e mil outras cousas que comprehendem a arte do prestidigitador.

Poucas pessoas haverá que não se tenham dado mais ou menos a este estudo e que não tenham conquistado applausos das primas e das tias solteironas.

Tudo está em saber-se: a prestidigitação é a cousa mais facil d'este mundo. Depois de se lêr o *Prodigio nas salas* fica a gente compenetrada de que realmente tem sido illudida mil vezes no theatro por esses homens estrangeiros, que de casaca e de gravata branca nos contam certas historias estudadas e decoradas, e nos obrigam a crêr que é azul o que de facto é vermelho.

O *Prodigio nas salas* é que tira verdadeiramente todas as *têas de aranha.* Qualquer de nós lê o livro, e d'alli a meia hora faz a *moeda somnambula* ou a *prisão voluntaria.*

Com um bocadinho de pratica e com o *Prodigio nas salas* póde-se entreter por algumas horas uma numerosa assembléa.

Quem é o author do *Prodigio nas salas?* — perguntará o leitor.

É o snr. David de Castro, preclaro redactor do *Museu Illustrado,* e um trabalhador infatigavel.

(Do *Jornal de Horticultura Pratica*).

Vespas, *revista critica e humoristica* por EDUARDO DE BARROS LOBO. Cada numero, 200 reis.

Fallando do 3.º numero das VESPAS, ultimamente publicado, e que, como opportunamente dissemos, só trata das festas do centenario, o *Diario de Noticias,* cujo redactor principal foi tambem o principal influente d'essas festas, expende a seguinte lisonjeira apreciação:

« Foi publicado o n.º 3 das VESPAS, do snr. Eduardo de Barros Lobo. Occupa-se das festas camoneanas e vem repassado de espirito e fina critica ».

Comprehende-se facilmente qual o valor excepcional d'este parecer. Reproduzindo-o, nós sentimos um prazer verdadeiro em vêr tal comprehensão da justiça e lealdade litterarias.

Do *Primeiro de Janeiro*).

ACABA DE SAHIR Á LUZ

DICCIONARIO

HESPANHOL-PORTUGUEZ

E PORTUGUEZ-HESPANHOL

COORDENADO DOS MELHORES DICCIONARIOS DAS DUAS NAÇÕES

COLLABORADORES — Conselheiro Jorge Cesar de Figanière, D. Eduardo Blanco y Cruz, João d'Oliveira Ramos, Sousa Moreira, Henrique de Carvalho Prostes, Antonio Francisco Barata, dr. Ernesto do Canto e Annibal Fernandes Thomaz.

DIRECÇÃO LITTERARIA — Eduardo Blanco e Cruz, João d'Oliveira Ramos, Sousa Moreira e José Antonio Castanheira.

TOMO PRIMEIRO

Um grosso volume br. 2$000 reis. Enc. 2$500 reis

NA LIVRARIA DE ERNESTO CHARDRON

OBRAS NO PRÉLO

ERNESTO CHARDRON — EDITOR

Camillo Castello Branco

Historia e Sentimentalismo: I. Poetas e raças finas — II. Eusebio Macario (continuação). 2.º volume.

Pinheiro Chagas

Brazileiros illustres. 1 volume.

Faustino X. de Novaes

Poesias. Com uma carta de Camillo Castello Branco. 2.º volume.

Bordallo

Romances maritimos: Eugenio — Samsão na vingança. 3.º volume.

Padre A. de G.

Ensaios do Pulpito. Nova edição corrigida e muito acrescentada. 1 volume.

Garrett

Portugal na balança da Europa. 1 volume.
Da Educação. 1 volume.
Retrato de Venus. 1 volume.
Lyrica de João Minimo. 1 volume.

Thomaz Ribeiro

D. Jayme, com a *Conversação preambular* por Antonio Feliciano de Castilho. Edição definitiva. 1 volume.
Delfina do Mal. 1 volume.

PORTUGUEZ

Novo programma

Do curso dos lyceus, segundo a portaria de 31 de março de 1872........ 200

Regulamento

Para os lyceus nacionaes, segundo a portaria de 31 de março de 1873. 150

M. J. P.

Pontos para o curso de portuguez, segundo o programma official, explicados e desenvolvidos. 3.ª edição, correcta e augmentada 240

Antonio Peixoto do Amaral

Selecta classica de prosadores portuguezes, elaborada, segundo o programma official, para as cadeiras de portuguez dos lyceus, conforme a portaria de 5 d'outubro de 1872. 1 v. br. 600
Encadernado................ 760

Esta *Selecta,* organisada com todo o escrupulo, está destinada a representar um papel importante no ensino publico. Não é simplesmente um livro recopilado para servir nas aulas: é uma publicação indispensavel a todo aquelle que queira possuir umas tinturas de todos os generos de litteratura classica portugueza.

I. de Vilhena Barbosa

Exemplos de virtudes civicas e domesticas, colhidos na historia de Portugal. 5.ª edição. 1 vol. br......... 400
Encadernado................ 560

Para desenvolver o gosto pelo estudo da historia patria, esboçou n'elle o author quadros variados, sempre com o fito d'instruir deleitando. Para fazer desabrochar nos espiritos infantis idéas sãs e generosas, pensamentos nobres e patrioticos, procurou para a composição de taes quadros as acções de nossos maiores que mais nobilitam o homem no seio da familia e da sociedade. Patenteando e dando relevo a tantos exemplos de virtudes civicas e domesticas, com que se illustra a nossa historia e se engrandeceu a monarchia, esforçou-se por commetter ao seu livro a missão de despertar e arraigar no peito da infancia o santo amor da patria e da familia, d'envolta com todas as virtudes, que mais podem elevar-nos no conceito das nações e na estima de Deus.

F. José Vieira de Sá

Compendio de ensino elementar, para uso das crianças que frequentam as aulas de instrucção primaria, contendo: Alphabeto portuguez, doutrina christã, civilidade, principios de arithmetica, systema metrico decimal, grammatica portugueza e fragmentos extrahidos dos *Lugares selectos.* 1 vol. br... 200
Encadernado............... 300

Polycarpo José Dias da Cunha

Compendio de grammatica portugueza. 1 vol...................... 240

J. Simões Dias

Lições de litteratura portugueza para uso dos lyceus. 1 vol............ 500

Frei Domingos Vieira

Grande diccionario portuguez ou thesouro da lingua portugueza. 5 volumes brochados................... 25$000
Encadernados............... 30$000

Fonseca e Roquette

Diccionario portuguez e de synonymos. 2 vol. enc..................... 1$600

João de Deus

Diccionario prosodico de Portugal e Brazil. 1 vol. enc............... 1$000

Tito de Noronha

Cartas do padre Antonio Vieira, que devem servir nas aulas dos lyceus nacionaes, conforme o novo programma official, revistas por Tito de Noronha. 1 vol...................... 400

Jacob Bensabat

Novo methodo portuguez para o ensino de leitura sem soletração. 2.ª ed. 80

CAMILLO CASTELLO BRANCO

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

2 vol. br.. 6$000
Encadernado.................................. 7$000

Este livro, modêlo de litteratura em sua especialidade, prestadío como bibliotheca inteira, cujos artigos teem a variedade e agrado das publicações periodicas, resumindo com os pormenores essenciaes todas as curiosidades scientificas e litterarias, todos os pensamentos mais argutos e profundos dos espiritos insignes, é para o professor um manual completo, um como manancial de idéas fecundas e experimentaes, mina inexhaurivel de materiaes e exercicios convidativos; para as mães de familia é verdadeiro thesouro, guia seguro e lucidissimo, o maximo presente que ella possa dar a seus filhos adolescentes.

FRANCEZ

Almeida Ribeiro

Principios de grammatica da lingua franceza. 1 vol.................. 200

M. do Nascimento e Nobrega

Methodo pratico de grammatica franceza, para uso dos portuguezes. 1 v. 1$000

Dr. J. Ruffier

Grammatica analytica da lingua franceza. 1 vol.................... 720

Edouard de Montaigu

Nova grammatica portugueza-franceza. 2 vol........................ 1$000

J. L. Hartt Milner

Resumo da grammatica franceza, destinado ao curso preparatorio dos exames nos lyceus. 1 vol. br......... 300
Encadernado............... 400

Ahn

Methodo da lingua franceza, adequado ao uso dos portuguezes por H. Brunswich. 2.ª edição. 1 vol. br......... 500
Encadernado............... 660

Este methodo, consistindo em exercicios, acostuma o alumno a gradualmente conhecer as regras grammaticaes e a construcção particular das locuções francezas, ficando no fim perfeitamente habilitado a fallar e escrever correctamente, sem ter tido o enfadonho e abstruso trabalho de reter de memoria uma infinidade de regras e excepções.

Dr. F. de Castro Freire

Novo diccionario francez-portuguez. 1 gr. vol. enc.................... 4$500

Ollendorff

Novo methodo para aprender a lêr, escrever e fallar a lingua franceza em seis mezes. 1 vol. br......... 1$000
Encadernado................ 1$200

J. I. Roquette

Guia da conversação em portuguez e francez. 1 vol. cart............. 400
Guia da conversação em francez e portuguez. 1 vol. cart............ 400

Carolino Dinarte

Manual da conversação e do estylo epistolar. 1 vol. cart............. 400

J. I. Roquette

Selectá franceza ou trechos extrahidos dos melhores authores francezes. 1 vol........................ 1$200

José Augusto Vieira da Cruz

Nova grammatica elementar da lingua franceza para uso das escólas, approvada pela junta consultiva de instrucção publica. 3.ª edição. 1 vol. brochado..................... 500
Encadernado.............. 660

Sousa Pinto

Diccionario francez-portuguez e portuguez-francez. 1 vol. enc...... 1$200

Fonseca e Roquette

Diccionario portuguez-francez e francez-portuguez. 2 vol. enc......... 3$600

INGLEZ

J. Eduard von Hafe

Grammatica ingleza e exercicios methodicos, para uso das escólas. Br. 500
Encadernado................ 700

Este livro destina-se a facilitar o estudo d'uma lingua importantissima, posto que menos cultivada do que merece. Em Portugal o inglez é preparatorio obrigado para os estudantes de medicina, e ainda mais necessario se torna para o commercio que tantas relações entretem com a Inglaterra.

Esta obra, sendo muito compendiosa, contém todavia toda a materia que se deve procurar n'um livro destinado aos estudantes dos lyceus.

Bensabat

Grammatica ingleza theorica e pratica, redigida sob um plano inteiramente novo e comprehendendo um curso completo de exercicios sobre a etymologia e syntaxe. 3.ª edição, revista e corrigida pelo author. 1 vol. encadernado...................... 1$200

Entre o tratado profundo e o compendio ligeiro e elementar, não me parece que haja um justo meio termo que ao mesmo tempo satisfaça ás necessidades do ensino e ás exigencias do erudito.

Para preencher esta falta se emprehendeu a publicação da presente grammatica, na qual á custa de laboriosissimas indagações, d'uma prolongada pratica, e de um aturado estudo, o author cuida ter removido senão todas, ao menos a maior parte das difficuldades que até hoje tem embaraçado o estudo da lingua ingleza.

Bensabat

Novo methodo de leitura e traducção ingleza. 1 vol................. 500

Para o edificio moral que se vai levantando dia a dia, tem o snr. Jacob Bensabat acarretado já não poucos e excellentes materiaes, no que respeita ao estudo da lingua ingleza, e na nova edição correcta, que acaba de sahir á luz, do seu *Novo methodo de leitura e de traducção ingleza* mais um testemunho nos dá de seus desvelos pelo desenvolvimento do estudo da mesma lingua, e sua competencia para alargar e tornar mais comprehensivel e facil esse estudo entre nós.

Spiers

Dictionnaire français-anglais et anglais-français. Nouvelle édition. 2 vol. in-4.º cartonnés.................. 5$000

Clifton

Dictionnaire anglais-français et français-anglais, avec la prononciation figurée. 1 vol. cartonné.............. 1$000

P. Sadler

Grammatica theorica e pratica da lingua ingleza. 1 vol.............. 600

M. H. d'Espiney

Novo methodo, pratico e facil, pelo systema d'Ahn, para o ensino da lingua ingleza. 1 vol. br........... 700
Encadernado............... 1$000

Valdez

Novissimo diccionario portuguez-inglez e *inglez-portuguez,* composto sobre os melhores diccionarios das duas linguas, contendo

a pronuncia figurada

e augmentado com mais de 15:000 termos de todas as sciencias e artes, enriquecido com as irregularidades dos verbos, muitos idiotismos, phrases familiares e um vocabulario geographico e outro de nomes proprios, etc. etc. etc., por João Fernandes Valdez. 2.ª edição. 2 vol. cart........... 3$200

Gaspar Borges d'Avellar

Nova selecta ingleza, segundo o programma de 23 de dezembro de 1870. 1 vol........................ 600

Ollendorff

Novo methodo para aprender a lêr, escrever e fallar a lingua ingleza. 1 vol. brochado....................... 1$000
Encadernado............... 1$400

Boyer

Nouveau dictionnaire anglais-français et français-anglais. Édition des écoles. 1 vol. in-8.º cartonné.......... 1$800

ALLEMÃO

Ahn

Methode de langue allemande. 3 vol. 1$200
Grammaire allemande théorique et pratique. 1 vol. 900
L'Allemagne poétique, choix des meilleures poésies. 1 vol. 800

Lambla

Methode de langue allemande. 2 volumes 700

Schuster et Regnier

Nouveau dictionnaire allemand-français et français-allemand. Nouvelle édition. 2 vol. cart. .... 4$000

Rotteck

Nouveau dictionnaire allemand-français et français-allemand. 1 volume cartonado .... 1$000

ITALIANO

Ahn

Methodo da lingua italiana, adequado ao uso dos portuguezes, por H. Brunswich. 1 vol. in-8.º 500

É conhecida a excellencia do methodo, que se abona com a pratica.
O author diz:
«*Aprendei uma lingua estrangeira do mesmo modo por que tendes aprendido a vossa:* tal é o principio em que fundei o meu novo methodo de aprender os idiomas».

Antonio Vieira Lopes

Guia da conversação portugueza e italiana, para uso dos viajantes e estudantes. 1 vol. cart. 500

Ferrari

Dictionnaire italien-français et français-italien, avec la prononciation figurée. 1 vol. cart. .... 1$000

Cacia et Ferrari

Grand dictionnaire italien-français et français-italien, avec la prononciation des deux langues. 1 grosso vol. encadernado .... 5$000

LATIM

Manoel Bernardes Branco

Novo diccionario portuguez-latino. 1 vol. enc .... 2$500

Moura

Grammatica latina. 1 vol. encad. 660

Alves de Sousa

Grammatica latina. 1 vol. encad. 760

Quicherat

Dictionnaire français-latin. 1 volume cart. .... 2$000
Dictionnaire latin-français. 1 vol. 2$000

HISTORIA E GEOGRAPHIA

Raposo Botelho

Historia universal. Chronologia historica. 1 vol. 600

L. A. da Costa Junior

Geographia physica, para uso da juventude. 1 vol. 600

Daniel

Curso de Historia universal:

Historia moderna. 1 vol.
Historia contemporanea. 1 vol.
Historia antiga. 1 vol.
Historia da idade média. 1 vol.

4 volumes. Cada um........... 500

João Diniz

Novo resumo da Historia de Portugal (illustrado). 1 vol........... 240
Enc........................ 360

Este compendio, baseado nos trabalhos de Herculano, Rebello da Silva, Pinheiro Chagas, etc., traz, no principio de cada dynastia, uma synopse dos reis e seus appellidos, com as datas do seu nascimento, acclamação e fallecimento. Os factos principaes de cada governação estão expostos na sua rigorosa ordem chronologica, sem ostentação de datas para não sobrecarregar a memoria do alumno, que deve aprender suavemente, sem grande esforço intellectual.

M. Lamé Fleury

Historia antiga, para uso da mocidade, versão de Arnaldo A. P. de Faria. 1 vol........................ 400

Camillo Trinocq

Curso elementar de Historia moderna. 1 vol. in-12 cart............... 300

Raposo Botelho

Compendio de chorographia portugueza, para uso das escólas. 1 vol. com dous mappas, um de Portugal e um mappa-mundi..................... 320
A mesma obra sem mappas... 200

Dr. Moreira d'Azevedo

Compendio de Historia antiga, adoptado pelo conselho director de instrucção publica. 1 vol............... 600

Victor Duruy

Compendio de Historia universal. 1 vol. encadernado................ 1$000

Raposo Botelho

Geographia geral actualisada e posta em harmonia com o ultimo programma official, para o ensino nos lyceus nacionaes. 2.ª edição. 1 vol..... 600

Este compendio está redigido inteiramente em harmonia com o programma para o ensino secundario, contendo por isso um capitulo especialmente destinado ao estudo da *ethnographia* e outro em que se faz resumidamente a *historia da geographia.*

Para a sua larga adopção nas escólas secundarias tem sobretudo concorrido o bem proporcionado desenvolvimento das doutrinas, que é regulado por fórma que sem deficiencia no ensino, sejam lidas no pouco tempo destinado ao estudo d'esta extensa cadeira.

DESENHO

Raposo Botelho e Silva Dias

Elementos de desenho linear geometrico. Primeira parte, inteiramente conforme com o ultimo programma official, para o ensino nos lyceus nacionaes. 3.ª edição, correcta e muito augmentada. 1 vol. com 30 planchas, contendo 230 figuras. Br.................. 800
Cart....................... 1$000

Do merecimento d'esta obra, cuja 3.ª edição acaba d'entrar no prélo, diz bastante a rapidez com que se esgotaram as duas primeiras edições, mormente attendendo-se ás grandes difficuldades que ha em fazer adoptar no ensino um livro novo, embora melhor elaborado do que os compendios seguidos.

Esta nova edição sobreleva as precedentes, especialmente no importantissimo estudo das projecções orthogonaes, que é tratado por um modo claro e completo.

Segunda parte. 1 vol. com 1 atlas in-folio de 20 planchas. Br..... 900
Cart....................... 1$100

L. Bettencourt

Elementos de desenho linear para servirem de guia aos candidatos ao magisterio primario, segundo o respectivo programma official, e para habilitação dos alumnos de instrucção primaria ao exame de admissão nos lyceus nacionaes, seguidos de um mappa de Portugal. 2.ª edição, emendada e augmentada. 1 vol............. 300

Motta e Ghira

Compendio de desenho linear. 1 vol. cartonado...................... 600

José Miguel d'Abreu

Compendio de desenho linear. 1 volume........................ 500

MATHEMATICAS

A. da Silva Dias

Arithmetica elementar e systema metrico, com um quadro de pesos e medidas metricas, conformes com o programma para os exames d'admissão aos lyceus nacionaes, de 11 de janeiro de 1871. 1 vol.............. 200

Quadro dos pesos e medidas

Uma folha em papel cartão..... 400
Envernizado e com paus....... 1$200

Raposo Botelho

Arithmetica pratica, contendo as materias exigidas pelo novo regulamento dos lyceus, para o 1.º e 2.º annos de mathematicas. 1 vol. cart.... 600

Theoremas introduzidos no 3.º anno do curso de mathematicas, pelo ultimo programma, para o ensino nos lyceus nacionaes. 1 vol............ 240

Luiz de Sousa Gomes e Silva

Collecção de 1:500 problemas, para exercicio dos alumnos que frequentam mathematicas elementares. *Só os enunciados.* 1 vol............... 300

Diogo Nunes

Exercicios desenvolvidos de trigonometria rectilinea pura e applicada, comprehendendo a resolução das equações trigonometricas, para servirem de norma aos alumnos de mathematicas elementares (4.º anno), segundo o programma official. 1 vol........ 300

Diogo Nunes

Exames e composições de mathematicas elementares ou collecção de theoremas e problemas, demonstrados e resolvidos, para servirem de modêlo aos alumnos dos lyceus e collegios. 1 volume......................... 400

Camillo Trinocq

Curso elementar de geometria. 1 vol. cartonado..................... 300

M. Saigey

Problemas d'arithmetica e exercicios de calculo sobre questões ordinarias da vida, contendo 921 problemas com as resoluções, geometria, mecanica, astronomia, geographia, physica, chimica, metrologia antiga e moderna, principios de escripturação commercial, etc. 6.ª edição, traduzida por *J. C. L. de Carvalho.* 1 vol............. 900

Raposo Botelho

Problemas para uso dos meninos que se preparam para exame d'instrucção primaria, precedidos das regras a seguir na resolução de qualquer problema de calculo. 1 vol............... 200

PHILOSOPHIA

D. Jayme Balmes

O Criterio, philosophia pratica, traducção de João Vieira. 2.ª edição. 1 volume....................... 600

O Criterio, como do titulo se infere, é uma arte de judiciosamente averiguar e lucidamente perceber. É philosophia sem abstracções, pratica e experimental; e, não sendo o livro mais labo-

rioso do estremado philosopho hespanhol, é talvez o mais pratico, mais util e directivo no caminho da felicidade compativel com as intercadencias da vida.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Balmes

Curso de philosophia elementar. Logica, metaphysica, ethica, e historia da philosophia. Traducção do dr. Simões Dias. 2 vol................ 1$200

O livro de *Philosophia elementar* de Balmes podia mui bem servir de texto em as nossas escólas d'instrucção secundaria. A doutrina, sobre ser pura, é exposta com tal lucidez e clareza, que facilmente a comprehendem os jovens principiantes. Pureza de doutrina e clareza na sua exposição, que mais se póde exigir d'um livro elementar?

Recommendamos e muito a leitura da *Philosophia elementar* de Balmes, primorosamente traduzida pelo distincto litterato José Simões Dias.

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS.

Nenhum conhecemos entre os innumeraveis tratados de *Philosophia elementar* que se avantaje na deducção rigorosa das idéas e na exposição clara e precisa da doutrina, a este de Jayme Balmes. N'isto vai o maior e seu completo elogio.

DR. RODRIGO VELLOSO.

Balmes

Philosophia fundamental, traducção de João Vieira. 4 vol.......... 2$400

A *Philosophia fundamental* é um monumento de saber, um prodigio de logica invencivel que reduziu a pó as theorias nebulosas e estereis do philosophismo allemão.

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS.

COMMERCIO

Degrange

Methodo facil de escripturar os livros, por partidas simples e dobradas. 6.ª edição. 1 gr. vol. br......... 1$500
Encadernado................ 1$800

Raposo Botelho e Silva Dias

Arithmetica commercial, applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças e á industria. 1 gr. vol. br....... 1$500
Encadernado................ 1$800

J. M. d'Almeida Outeiro

Estudos sobre escripturação mercantil, por partidas dobradas. 1 vol. br. 1$200

* * *

Codigo commercial. 1 vol. enc... 2$400

Forjaz

Annotações ao Codigo do Commercio. 4 grossos vol.................. 6$000

AGRICULTURA

Noções elementares d'agricultura

Para servirem de guia aos candidatos ao magisterio primario, por um veterinario do Instituto geral d'agricultura. 1 volume............... 250

Na mesma livraria se encontram os mais compendios, bem como os adoptados nos Seminarios, na Academia polytechnica, na Escóla, no Lyceu, etc. etc.

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

EÇA DE QUEIROZ

O MANDARIM

1 volume, edição de luxo, 500 reis

O Mandarim. Assim se intitula este livro que, arrastado por uma influencia mystificadora, lêmos sem descanço, de um folego, como n'estas occasiões é costume dizer-se.

Não pense o leitor que vai ter diante dos seus olhos um d'aquelles figurões serios, graves, pançudos, de cabaia e rabicho, de borla azul ou amarella, que o celeste imperio apresenta como uma barreira impenetravel aos barbaros da Europa; não, o **Mandarim** de Eça de Queiroz é patusco e chibante, irrequieto e espirituoso, com os seus laivos a moralista, o que não tira que seja tambem uma iguaria estimulante, apimentadinha.

E depois o editor, Ernesto Chardron, ataviou-o de tal maneira!... Tudo n'este livro attrahe, seduz, arrebata... Mas cautela, leitor, se tens cara metade não lhe deixes profundar certos mysterios que o author nos desvenda ainda que parcimoniosamente... Não lhe deixes ter as *rêveries* da esposa Camilloff, uns ideaes que terminam sempre na espessura verde de um caramanchão...

É um conselho, conselho que pódes aceitar ou desprezar segundo o teu alvedrio.

(Da *Voz do Povo*).

Com este titulo acaba de ser editado, pelo snr. Ernesto Chardron, um conto phantastico do notavel romancista portuguez Eça de Queiroz.

A edição do **Mandarim** é elegante e luxuosa, e o author do livro o Crime do Padre Amaro e d'outras producções não menos bellas, soube dar-lhe uns traços e coloridos tão finos de observação, que lhe asseguram um verdadeiro successo.

A acção passa-se na China, e Eça de Queiroz conseguiu reproduzil-a com todos os tons e côr local.

Por muito que dissessemos em favor d'esta obra tão extravagante como rica de merito artistico, não conseguiriamos dar sequer uma leve idéa do **Mandarim.**

Cumpre-nos louvar o snr. Chardron, porque é sempre incansavel em apresentar esplendidas edições.

(Do *Dez de Março*).

O snr. Ernesto Chardron acaba de editar este esplendido conto phantastico do snr. Eça de Queiroz, o abalisado romancista do Crime do Padre Amaro.

Resultou um volume elegantissimo. A acção discorre na China, e o author, com a sua maravilhosa intuição de artista, vingou dar-lhe uma côr local vivamente accentuada.

Junte-se a isto o extraordinario espirito phantasioso de Eça de Queiroz, e ter-se-ha uma vaga idéa d'esta obra d'arte, poderosa, extravagante.

(Do *Primeiro de Janeiro*.)

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Curso de lingua franceza. — *Methodo de Ahn, adequado ao uso dos portuguezes pelo professor* H. BRUNSWICK. 1 volume, 500 reis.

Em 2.ª edição, correcta, acaba de sahir á luz, da *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron, a obra cujo titulo damos em epigraphe. Quando vinda a publico sua 1.ª edição sobre ella aventámos, n'esta secção, o mais lisonjeiro juizo, e folgamos sobremodo com vêl-o confirmado pelo favor publico que em tão curto espaço de tempo, como o decorrido desde então, necessaria tornou uma nova edição. É este facto o seu melhor elogio, e d'elle e do cuidado com que o snr. Brunswick corrigiu tão excellente obra para esta 2.ª edição fiamos a rapida extracção d'ella. O *Methodo de Ahn* applicado ao estudo das linguas é um dos que tem dado mais proficuos resultados na pratica, e dos que mais facil o torna, sem esforço e naturalmente, para os jovens alumnos.

(Da *Aurora do Cavado*).

Elementos de desenho linear geometrico (1.ª PARTE), *inteiramente conformes com o ultimo programma official para o ensino nos lyceus nacionaes, por* ANTONIO DA SILVA DIAS (*official do exercito*). 1 volume, 800 reis.

Em breve espaço de tempo se esgotaram a 1.ª e 2.ª edições d'esta obra, e necessaria se tornou a vinda a lume de uma 3.ª que acaba de ser exposta á venda e editada pela *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron. Delineada esta obra em conformidade com o programma official para o ensino do desenho linear nos lyceus nacionaes, acha-se tratada com toda a clareza e com excellente methodo, tornando facil e agradavel o estudo d'esta disciplina aos jovens alumnos que a ella se consagram.

O texto é acompanhado de 30 planchas com todas as figuras de que elle se occupa e que o completam.

E' pois obra de todo o ponto recommendavel e adequada para o estudo da primeira parte do desenho linear.

(*Idem*).

Historia Universal. — *Chronologia historica, coordenada por* JOSÉ NICOLAU RAPOSO BOTELHO, *official do exercito*. 1 volume, 600 reis.

O infatigavel editor, o snr. Ernesto Chardron, proprietario da *Livraria Internacional,* acaba de editar, entre outras muitas obras de que damos noticia n'esta secção, uma sob o titulo que acima fica exarado. O motivo e fim d'ella dil-o o seu author, bem conhecido já por outras obras elementares que á luz tem dado com o melhor acolhimento publico, nas seguintes palavras que transcrevo da *Advertencia* com que a precede: «Coordenando este memento d'historia universal tivemos em vista offerecer aos estudantes da cadeira d'historia um resumo que pela methodica disposição lhes permittisse repetirem rapidamente as doutrinas já aprendidas, e ás outras pessoas um meio de procurarem com facilidade as datas dos acontecimentos mais notaveis». Percorremos o volume, e em todo elle vêmos realisado o pensamento do seu author, e assim é obvio que não pequeno serviço vem elle prestar tanto aos que se dedicam ao estudo da historia, como aos que de prompto necessitam recordar-se da data de qualquer successo notavel. Temos, pois, para nós que perdido não será o fadigoso trabalho a que o snr. Raposo Botelho se deu, com o coordenar na sua obra chronologica e methodicamente todos os factos conside-

raveis do passado e que acolhido será o seu trabalho com o applauso que merece.

(*Idem*).

Grammatica ingleza *theorica e pratica, por* JACOB BENSABAT. 1 volume, 1$000 reis.

O estudo da lingua ingleza tem-se tornado nos ultimos tempos muito vulgar, reconhecida geralmente, não só nos estabelecimentos d'instrucção mas ainda na vida corrente a pratica e instante necessidade de o fazer, não só para as relações commerciaes mas ainda para o estudo das muitas obras litterarias e scientificas em que está primando a raça anglo-saxonica tanto no velho como no novo mundo.

É por isso que entre nós se tem multiplicado em repetidas edições os livros elementares do estudo da lingua ingleza, sendo numerosa a collecção dada á luz nos ultimos tempos no Porto. De todos estes o sahido em ultimo lugar é a 3.ª edição da *Grammatica ingleza theorica e pratica,* pelo snr. Jacob Bensabat, editada pelo snr. Ernesto Chardron. É este por certo um dos livros mais completos no seu genero, e redigida, com pleno conhecimento de causa, sob um plano inteiramente novo, com um curso completo de exercicios sobre a etymologia e syntaxe.

Não é, pois, mais do que mera justiça recommendar esta obra a todos os que se consagram ao conhecimento da lingua ingleza, como a mais apropriada e completa para o obter, em seus principios rudimentares e fundamentaes.

(*Idem*).

Methodo facil de escripturar os livros *por partidas simples e dobradas, comprehendendo a maneira de fazer a escripturação por meio de um só registro, por* EDMOND DEGRANGE. 1 volume, 1$500 reis.

Em 6.ª edição portugueza, editada pela *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron, acaba de sahir a lume esta obra, traduzida pelo snr. Manoel Joaquim da Silva Porto, e por este adaptada ao novo systema metrico decimal e acompanhada de um appendice comprehendendo — correspondencia de pesos e medidas metricas, valor e denominação das moedas estrangeiras, sua reducção aos differentes cambios, etc.

Apesar de publicadas nos ultimos annos, no nosso paiz, multiplas obras sobre escripturação mercantil e algumas d'ellas de real merecimento, a de Degrange, por certo a mais antiga de todas, pois é dos começos d'este seculo ou já fins do precedente, com os melhoramentos que lhe introduziu o snr. Silva Porto, não é das menos uteis e recommendaveis, e o melhor testemunho d'isso o temos nas consecutivas edições que d'ella tem sahido. Que melhor prova póde apresentar-se de que ella satisfaz ás exigencias do publico e sobretudo do commercio?

Applaudimos, pois, a sua nova edição agora feita.

(*Idem*).

TRAÇOS DE HISTORIA CONTEMPORANEA

(1846-1847)

POR

ANTONIO TEIXEIRA DE MACEDO

1 volume, 1$000 reis

I

A todos quantos lidam nas letras é obvia a difficuldade de tratar de cousas e de pessoas, sobre que não arrefeceu de todo o calor ou das animadversões ou das sympathias contemporaneas. Revolvendo as cinzas de successos politicos que jazem ha mais de trinta annos nas cryptas do passado, sente-se ainda o rescaldo que sobrevive aos grandes incendios. Em volta dos personagens que dominam o primeiro plano do quadro estanceiam os córos, quer dos apologistas, quer dos detractores, combatendo-se em tumultuosa refrega as vozes laudatorias e as imprecações inimigas.

Não se conhece terreno mais cheio de perigos. Os abysmos abrem-se a miude debaixo dos pés do caminhante. A historia contemporanea, com todo o cortejo das paixões ardentes, que n'ella respiram, assemelha-se a uma zona volcanica, onde se condensam a cada passo, se ennovellam labaredas e jorram torrentes de lava.

Como ao famoso naturalista da antiguidade, que tanto se aproximou da cratera do Vesuvio para a perscrutar, que se despenhou, assim a historia contemporanea, outro volcão tremendo, não raro devora com as suas fauces aquelles que ousam interrogar-lhe de perto os segredos.

II

Se os successos contemporaneos, que o historiador forceja por arrancar da obscuridade em que repousam, são tão graves e tão ruidosos que houvessem abalado a sociedade inteira n'um certo momento, dominado a attenção geral, imposto a sua influencia a uma geração, dividido em bandos contrarios as classes sociaes, symbolisado uma causa, uma escóla, uma bandeira — de honra para uns — de ignominia para outros; se por influxo d'esses successos se retalhou um povo em fracções e estalou o raio da guerra civil com o seu medonho fragor de ruinas, com o seu sequito de vindictas e de mortes, então sobem de ponto os perigos reservados ao navegador que se afouta a cruzar mares tão tormentosos, e o naufragio torna-se quasi sempre o inevitavel epilogo d'estas temerarias Odysséas.

O livro, que acabamos de lêr, e que tem por titulo o mesmo que serve de epigraphe ao nosso folhetim é — não o dissimulemos — um livro de partido.

Para assim o classificarmos, basta a circumstancia (manifestada com nobre franqueza e perfeita lealdade pelo seu talentoso author o snr. Antonio Teixeira de Macedo no seu prologo) de que «só lhe foi dado compulsar os papeis d'uma das parcialidades que entraram na revolta». Ora, esses papeis foram os apontamentos dos irmãos Passos (Manoel e José), cidadãos dos mais illustres da moderna sociedade portugueza — nomes gloriosos que desde a infancia nos habituámos a venerar — nomes que nos fascinaram na adolescencia, e a cujo prestigio corremos — aos 17 annos — para as fileiras da insurreição popular.

De certo, porém, os dous grandes caudilhos da revolução, que lhe atearam o incendio, estão — pela sua propria iniciativa revolucionaria e pela sua responsabilidade estreitamente vinculada a todos os acontecimentos de que foram em grande parte os fautores — estão, dizemos, até certo ponto inhibidos de imprimir ás suas chronicas intimas o cunho de inteira imparcialidade, sem a qual a historia perde a authoridade indispensavel para

proferir os seus julgamentos supremos, de que a posteridade não tenha que appellar.

III

O author — a despeito da nascente em que bebeu a maior parte das suas informações — declara que «nenhuma idéa partidaria, nenhum sentimento apaixonado lhe guiam a penna» ; e acrescenta: «A lucta civil de 1846, vulgarmente conhecida pelo nome de «Maria da Fonte», passa serenamente diante de nós, considerada apenas como uma rude manifestação da alma rude, mas sincera, do povo».

É impellido pelas intenções honradas do animo escreve estas palavras, em que deviam meditar certos pamphletarios propensos á insinuação que enlameia, e á injuria que infama os caracteres: «Estimaremos que não se diga que pertencemos á escóla d'aquelles que folgam em arrastar pelas ruas os nossos homens publicos».

Expostos por nós os perigos da empresa, e manifestadas pelo author as suas intenções, de cuja lisura e bizarria não é licito duvidar, como desatou o snr. Teixeira de Macedo os nós de tantas difficuldades como as que enleiam os movimentos de todos os que pretendem mover-se livremente no terreno — cortado de innumeros precipicios — da historia contemporanea?

O seu livro começa por uma exposição summamente curiosa dos factos que precederam de longa data a explosão revolucionaria de 1846 e 1847. As alternativas do regimen da Carta, da sua quéda e da sua ultima restauração em 1842 — restauração — a nosso vêr, que pelo lado politico foi uma insolencia arremessada ás faces do paiz, e uma semente fecunda de odios e de rancores lançados no sulco aberto da desconfiança e da indignação nacionaes, estão lucidamente expostos. É com agrado constante, que o leitor percorre as paginas consagradas a inicial-o nas minucias da reacção de Belem — paginas em que transparece o vulto eminente, que as inspirou, pela narrativa escrupulosa, particularisada, das insidias e luctas — ora surdas, ora manifestas — da camarilha, luctas que Passos Manoel se comprazia muitas vezes em contar de viva voz com aquella palavra facil, pinturesca, imaginosa — verdadeira torrente em que borbulhavam brilhantes, iriadas de côres prismaticas, as phrases e os conceitos [1].

Desenrola-se depois em traços breves, mas expressivos, o quadro das eleições de 1840, em que as *descargas* das listas, como se diz em calão eleitoral — eram precedidas por *descargas* de fuzilaria, e em que o cacete dos sicarios floreava com a galhardia proverbial dos instrumentos contundentes sobre o espinhaço dos cidadãos votantes. Aquellas eleições foram uma mina de faceis victorias para os governos de então, e um alfobre de emplastos para os lombos do cidadão independente que sahia de ao pé da urna com a sua lista e com a sua cara esfrangalhadas, e os ossos percorridos pelos arrôchos do governo em demorada viagem de exploração.

O proprio Passos José foi accommettido ao pé da assembléa eleitoral da Lapa e arrastado pelas ruas, escapando a custo da mão dos insultadores assalariados!

Os traços proeminentes d'aquella quadra vergonhosa acham-se compendiados, com exactidão photographica, nos seguintes:

«Absoluta confiança do cabralismo no paço.

Fraude e violencia das eleições por meio de gente assalariada.

Subserviencia completa do parlamento.

Pagamento prompto da tropa; filiação do exercito na maçonaria.

Corrupção da imprensa, porque muitos jornaes eram pagos pelo thesouro».

A machina trituradora do governo era implacavel. Pela substituição do Codigo administrativo de 1836, o systema electivo, sob o Codigo de 1842, ficou exposto a todas as contingencias do arbitrio. A manifestação livre do suffragio tornou-se um phantasma, um escarneo. Na esphera judicial, o jury da rectificação de pronuncia ficou supprimido, e o proprio jury, na sua mais larga expressão, reduzido á impotencia.

A nomeação regia acaba por espoliar da categoria de electivos um grande numero de cargos publicos. O poder marca com o seu carimbo legiões ou antes rebanhos de funccionarios.

Por toda a parte fervilham animalculos administrativos e fiscaes, nocivos á iniciativa livre dos cidadãos. O governo, como um immenso pantano, exhala — pelos seus esbirros, delatores e cumpli-

[1] Ácerca de Passos Manoel escrevemos, ha 16 annos, algumas paginas que podem vêr-se n'um volume intitulado «Episodios e narrativas da vida politica e parlamentar».

ces — miasmas deleterios, tornando impossivel a vida sã e robusta da liberdade. Véem então a conspiração, o motim, a revolta; propaga-se a febre da resistencia, que a final termina pela revolução armada, cega de cólera, contra o poder — semelhante a vagalhão furioso, o qual, no seu tumultuar desvairado, bate nas instituições, na propria realeza, ameaçando derrocal-a, porque se afigura ao povo vêl-a emparceirada em todos os conluios de reação, em todos os flagicios de despotismo que o avexam e atormentam.

IV

Estamos em 1846.

Em maio d'aquelle anno o leão popular sacode a juba e os seus rugidos frementes espalham-se desde as veigas e serranias do Minho até as escarpas do Algarve. A rainha desarma-lhe, porém, os impetos, organisando um ministerio composto de homens moderados, sob a presidencia do duque de Palmella.

Pouco duram as illusões. Systema eleitoral livre, abolição de alcavalas, como foi a da vexatoria lei de saude e outras providencias, tudo isso desapparece na noite de 6 de outubro, n'uma conspiração de palacio em Belem. O ministerio é demittido alli mesmo, e substituido por outro. O norte, o sul e o centro do reino insurgem-se.

No Porto, José Passos, marquez de Loulé em Cintra, Pedro Celestino Soares e Luiz José Maldonado d'Eça no Algarve, resolvem dar-lhe batalha sem quartel.

O Porto ainda foi d'esta vez, como sempre, o nucleo da resistencia em prol das liberdades, tão inesperada e brutalmente ameaçadas, nas vesperas do proprio dia em que o paiz inteiro ia celebrar as eleições, tranquillo e confiado nas promessas feitas!

Antonio Rogerio Gromicho Couceiro, João Pinto de Sousa Montenegro, José Victorino Damasio, Sebastião de Almeida e Brito, dr. Rezende, Andrade Navarro, Almeida Penha e outros animosos patriotas, sob a direcção suprema de José Passos, preparam os elementos de resistencia, e formam os élos primarios d'essa *patuléa*, a que em breve se aggregou a nação inteira. São presos os logares-tenentes e generaes da côrte, que desembarcam no Porto. É acclamada uma Junta provisoria do supremo governo do reino, na cidade. Com a rapi-[illegible]z de um rastilho, lavra pelo paiz o fogo da revolta. Acclamam-se e inauguram-se Juntas por toda a parte.

O conde das Antas e as tropas do norte são pela revolução. Saldanha e outros generaes pela causa de 6 de outubro. Ferem-se batalhas dentro em pouco. Apesar de vencida em Torras Vedras, a *patuléa* triumpha na maioria dos recontros, e áquelle grande desastre responde em curtas semanas com novos batalhões aguerridos, com vasos de guerra que constituem uma esquadra para ser temida, com todos os fermentos de uma sólida e bem nutrida resistencia, resistencia tenaz, obcecada, intransigente, para domar a qual é necessario que tres nações — a França, a Inglaterra e Hespanha — intervenham com mão armada, a fim de arrebatarem das mãos da Junta a victoria das forças nacionaes, prestes a envolverem Lisboa n'uma rêde de baionetas irresistiveis. Celebra-se, a final, a convenção de Gramido. A Junta protesta contra a brutalidade da intervenção estrangeira.

O Porto e o paiz inteiro são forçados a depôr as armas. A côrte triumpha, e pouco depois de haver decorrido um anno, em 1848, voltava reconduzido ás alturas da sua omnipotencia o ministro favorito, que as côrtes estrangeiras, authoras da intervenção, haviam estipulado que seria arredado dos negocios publicos, para assim se tirar um pretexto á animadversão do paiz!

V

A narração d'esta época — tão eminentemente dramatica — corre sempre animada, calorosa; a despeito da suavidade do prologo, o author é por vezes vehemente na essencia, sem jámais descahir nas demasias condemnaveis da fórma. Esta obra é principalmente o registro dos movimentos, batalhas e expedições da Junta do Porto, e parece-nos reunir ao decoro dos conceitos e elegancia de phrase, ao bom senso que respira em todas as 332 paginas do seu texto, a minuciosa exactidão das datas, o que lhe augmenta o interesse e realça a valia.

Entre varios factos, sobre que teem corrido versões erroneas, apresentaremos um, que folgamos de vêr rectificado pelo distincto author dos *Traços de historia contemporanea:* é o combate naval travado nas aguas da barra do Porto, á vista da cidade, em 23 de maio de 1847.

«A esquadra da Junta ás ordens do valoroso Salter (diz o snr. Macedo a paginas 273), sahiu a barra do Porto, em

23 de maio, bateu a esquadra cabralista na presença das esquadras de Inglaterra e Hespanha, fez levantar o bloqueio, e tomou posição em frente da barra do Porto».

Esta é a verdade: nós, que escrevemos estas linhas, lá estivemos como segundo tenente recentemente promovido de guarda-marinha a este posto em Setubal por aquelle valoroso lobo marinho chamado Salter, e podemos asseveral-a.

Entretanto, consta-nos, que de certo por mal informado — a proposito de um official valentissimo da marinha portugueza, official a quem tributamos todo o nosso respeito — um escriptor de superior talento escrevera que a esquadra da Junta fôra vencida. Não é exacto. Os factos passaram-se de um modo inteiramente contrario. Narra-os com todo o rigor historico o *Espectro* de 4 de junho de 1847 no seu numero 54:

«No dia 23 (lê-se no *Espectro*) sahiram da barra os vapores «Mindello», «Salter» e «Porto» [1] para combater a esquadra cabralista. Esta, depois de se retirar um pouco, collocou-se em linha de batalha. Os navios de guerra estrangeiros conservaram-se tranquillos fóra da barra, e a nossa esquadra marchava com galhardia sobre o inimigo. Rompeu o fogo. A cidade do Porto pela primeira vez contemplava o espectaculo de um combate naval [2]. Os nossos vapores obraram gentilezas de valor, e depois de duas horas de fogo a esquadra inimiga, correndo a favor do vento, retirava para o sul. O bloqueio estava levantado, e os vapores da Junta tomaram as posições, em frente da barra, que a esquadra inimiga fôra obrigada a largar-lhes».

Comprehenderá agora o leitor a razão pela qual nos consideramos obrigados a rectificar este ponto, muito de corrida.

VI

O livro do snr. Teixeira de Macedo merece lêr-se pela amenidade de linguagem, pela clareza de exposição, e pela cópia abundante de factos que encerra, relativos a um periodo tão agitado e commovente da nossa historia moderna. Esse livro aquece-nos, porque é o sopro d'um homem de sinceras e ardentes convicções liberaes. Felicitamos o author cordealmente pelo seu novo e brilhante triumpho litterario.

VISCONDE DE BENALCANFOR.

(Do *Commercio do Porto*).

1 Foi a bordo d'este vapor que assistimos ao combate como «encarregado de signaes».

2 Todas as alturas da «Torre da Marca», onde hoje são os jardins do Palacio de Crystal, estavam coroadas de espectadores.

Li com muito interesse o livro que ha poucos dias recebi, de que é author o snr. Antonio Teixeira de Macedo, e se intitula *Traços de historia contemporanea*. Refere-se especialmente aos acontecimentos politicos de 1846 e 1847, posto que se encontrem n'elles outros valiosos subsidios para a historia do nosso systema constitucional, e dos differentes acontecimentos que, desde 1820 mais ou menos contribuiram quer para o seu estabelecimento, quer para a sua manutenção ou reforma. O periodo das luctas civis de 1846 e 1847 está minuciosamente estudado, e vê-se que o author procurou conservar-se imparcial e justo, o que não é de certo a qualidade menos necessaria em quem tem de escrever historia e principalmente historia contemporanea.

Talvez não seja ainda tempo de poder applicar áquelle periodo o juizo severo da historia. Mesmo os que pertencem á geração nova, são mais ou menos influenciados pelas opiniões d'aquelles que tomaram parte n'essas luctas e insensivelmente propendem a condemnar uns ou outros homens, uns ou outros factos, pelo modo por que mais geralmente os tem ouvido apreciar e narrar. Para estes, para os que de futuro escreverem a historia das nossas modernas luctas civis, o livro do snr. Teixeira de Macedo será de certo um subsidio importante.

É elle escripto, segundo nos diz o seu illustrado author, em presença d'alguns apontamentos dos irmãos Passos. É uma garantia tambem esta da sua imparcialidade, porque os dous illustres patriotas, respeitados mesmo pelos proprios adversarios, não seriam capazes, por consideração nenhuma, de falsear a verdade dos factos.

Acompanham o livro varios documentos para a historia do periodo de que se trata, cuja consulta era indispensavel para cabal informação d'alguns factos.

O trabalho do snr. Teixeira de Macedo é pois por muitos titulos apreciavel.

Assim se publicassem muitos outros em relação a varios factos e periodos da nossa historia contemporanea, ainda pouco estudados e mal conhecidos da geração moderna.

(Do *Jornal do Porto*).

Synopse da philosophia allemã depois de Kant.
Philosophia transcendente. *Considerações geraes.*
Philosophia transcendente. *Considerações sobre a logica.*
Quadros ontologicos e sua applicação ao homem.
Considerações sobre a theodicea e sobre a philosophia da religião.
Considerações sobre a psychologia racional.
Philosophia da natureza.
Os systemas na moral e no direito. *Moral independente e justiça immanente.*
A moral e o direito. *Sociologia positivista.*
Evolucionismo e outras theorias.
Theorias espiritualistas francezas sobre moral e direito.
Doutrina moral e juridica de P. Janet.
Doutrinas moraes e juridicas de Krause.
Escholas krauseanas e considerações sobre a moral e o direito.
Archeologia.
Historia universal philosophica.
Philosophia das religiões e mythologia comparada.
Litteratura grega e latina.
Litteratura da idade média.
Litteratura moderna.
Litteratura patria.

TUDO N'UM VOLUME IN-8.º DE 365 PAGINAS

PUBLICAÇÕES PORTUGUEZAS

Almanach das senhoras para 1881, por *Guiomar Torrezão*. 1 vol. ... 240
Almanach litterario e charadistico para 1881, por *Matheus Peres*, contendo variadissimos artigos e um prologo do distincto escriptor dr. *Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro*. 1 vol. ... 240
Alma e cerebro, estudos de psychologia e physiologia, por *D. J. C. de Magalhães*. 1 vol. ... 1$000
Amor dos amores, por *Peres Escrich*. 2.ª edição. 3 vol. illustrados ... 1$800
Apostolos, continuação do **Martyr do Golgotha,** por *Peres Escrich*. 3 vol. illustrados ... 1$800
Annos de prosa, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. ... 500
Anthropologia, breves noções geraes. 1 folheto ... 100
Bibliotheca popular. *Arte commercial e escripturação mercantil*. 1 vol. ... 100
Bibliographia camoneana, servindo de catalogo official da exposição camoneana do centenario e coordenada pela commissão litteraria das festas. 1.ª e 2.ª parte. 1 vol. ... 600
Bem (O) **e o mal,** romance por *Camillo Castello Branco*. 3.ª edição, revista e emendada pelo author. 1 vol. ... 500
Brazil e colonias portuguezas, por *J. P. Oliveira Martins*. 1 vol. ... 700
Brilhantes do brazileiro, por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição, revista e corrigida pelo author. 1 vol. ... 500
Bruxa do Monte Cordova, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. 500
Cavar em ruinas, por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição. 1 vol... 500
Contos e phantasias, por *D. M. Amalia Vaz de Carvalho*. 1 vol. 600
Doida do Candal, por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição augmentada com um prefacio. 1 vol. ... 500
Elementos de anthropologia, historia natural do homem, por *J. P. Oliveira Martins*. 1 vol. ... 500
Engeitada, por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição. 1 vol. ... 500
Era nova, revista do movimento contemporaneo dirigida por *Theophilo Braga* e *Teixeira Bastos*. Publicação mensal. Por anno ... 3$000
Esqueleto, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. ... 500
Estrellas propicias, por *Camillo Castello Branco*. 1 vol. ... 400
Filha do doutor Negro, por *Camillo Castello Branco*. 2.ª edição, revista e corrigida pelo author. 1 vol. ... 500
Historia da America portugueza desde o anno MD. até o de MDCCXXIV., por *Sebastião da Rocha Pitta*. 2.ª edição, revista e annotada por *J. G. Goes*, official da Bibliotheca nacional de Lisboa, e ornada com seis bellas gravuras e um mappa. 1 grosso vol. ... 1$500
Historia da civilisação iberica, por *J. P. Oliveira Martins*. 1 vol. ... 700
Historia de Portugal, por *J. P. Oliveira Martins*. 2.ª edição. 2 vol ... 1$400
Historia Universal — *Chronologia historica*, por *José Nicolau Raposo Botelho*, official do exercito. 1 vol. ... 600
Jesuitas, cartas ao bispo do Porto, por *Silva Pinto*. 1 vol. ... 200
Jornada d'Africa, resposta a *Jeronymo Franqui* e a outros. Noticia do successo da batalha, do captiveiro e de outras cousas dignas de menção, por *Jeronymo de Mendonça*. Copia da edição de 1607. 1 vol. ... 1$000
Lingua ingleza, exercicios lexicographicos ou a theoria combinada com a pratica, por *George M. Marr*. 1 vol. brochado ... 400

Livro negro de padre Diniz, continuação dos **Mysterios de Lisboa,** por *Camillo Castello Branco.* 4.ª edição. 1 vol. in-8.º... 500

Lucta de gigantes, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol.......... 500

Magdalena, quadro biblico em sete cantos, por *L. A. Gonçalves de Freitas.* 1 vol.................................... 300

Mandarim, por *Eça de Queiroz.* 1 elegante vol................... 500

Mantilha de renda, comedia em verso, por *Fernando Caldeira.* 1 vol.................................... 600

Martyres do christianismo, por *Vasco de Lucena.* 2 vol..... 1$200

Memorias de Guilherme do Amaral, obra posthuma, por *Camillo Castello Branco.* 2.ª edição, revista e corrigida. 1 vol........... 500

Memorial das virgens christãs, dedicado ás Filhas de Maria. 1 vol.................................... 200

Mulheres e crianças, por *D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.* 1 vol.................................... 600

Mulher fatal, por *Camillo Castello Branco.* 2.ª edição, revista e emendada pelo author. 1 vol.......................... 300

Mysterios de Fafe, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol.......... 500

Nova guia de conversação em francez e portuguez, por *Charles John Sellers.* 1 vol. cart.......................... 240

Nova guia de conversação em inglez e portuguez, por *Charles John Sellers.* 1 vol. cart.......................... 240

Nova guia de conversação em inglez, portuguez e francez, contendo tambem cartas e phrases commerciaes, etc., por *Charles John Sellers.* 1 vol. cart.......................... 300

Novos principios elementares de chorographia portugueza, para uso dos alumnos das escólas d'instrucção primaria. 1 vol. brochado.......................... 100

Encadernado.......................... 180

Nossos vestidos, por *José Augusto Vieira.* 1 folheto.............. 300

Olho de vidro, por *Camillo Castello Branco.* 2.ª edição. 1 vol....... 500

Preito a Camões, por *Rozendo Moniz.* 1 vol. cart................ 800

Promptuario alphabetico da reforma judiciaria. Lei n.º 2:033 de 20 de setembro de 1871 e regulamento n.º 4:824 de 22 de novembro de 1871; por *Misael Ferreira Pena.* 1 vol. cart........... 600

Queda d'um anjo, por *Camillo Castello Branco.* 2.ª edição illustrada, revista e corrigida pelo author. 1 vol.......................... 500

Rei dos banqueiros, por *Edoardo,* versão do italiano por *F. F. da Silva Vieira.* 1 grosso vol.......................... 600

Revista da exposição portugueza no Rio de Janeiro em 1879, fundada pelo dr. *Domingos J. B. d'Almeida.* 1 vol. ornado com 9 retratos........

Sangue, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol.......................... 500

Santo da montanha, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol.......... 500

Senhor do paço de Ninães, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol. 500

Santo Thomaz d'Aquino, panegyrico recitado no dia 7 de março de 1880, na igreja do convento de Santa Thereza de Coimbra, pelo dr. *Luiz Maria da Silva Ramos.* 1 fol.......................... 200

Traços de historia contemporanea (1846-1847) em presença d'alguns apontamentos dos irmãos Passos (Manoel e José) e de varios documentos officiaes, por *Antonio Teixeira de Macedo.* 1 vol. in-8.º.. 1$000

Tratado theorico e pratico de photographia, por *J. A. Bentes.* 1 vol... 1$000

Ultimos dias de Alexandre Herculano, por *Bulhão Pato.* 1 vol.......................... 240

Vespas, revista critica e humoristica, por *Eduardo de Barros Lobo.* N.º 3 200

Ventura do homem predestinado e desgraça do homem precito, em dialogos antigamente compostos por fr. *Antonio do Sacramento* e novamente reduzidos a compendio por *Antonio Fernandes Cardoso,* presbytero do bispado da Guarda. 1 vol.......................... 200

Vinte horas de liteira, por *Camillo Castello Branco.* 1 vol...... 500

BIBLIOTHÈQUE

DES

SCIENCES CONTEMPORAINES

Depuis le siècle dernier, les sciences ont pris un énergique essor en s'inspirant de la féconde méthode de l'observation et de l'expérience. On s'est mis à recueillir, dans toutes les directions, les faits positifs, à les comparer, à les classer et à en tirer les conséquences légitimes.

Les résultats déjà obtenus sont merveilleux. Des problèmes qui sembleraient devoir à jamais échapper à la connaissance de l'homme ont été abordés et en partie résolus, et cet immense trésor de faits nouveaux, nonseulement a renouvelé les sciences déjà existantes, mais a servi de matière à des sciences nouvelles du plus saisissant intérêt.

L'**Archéologie préhistorique** nous a reconquis, dans la profondeur des siècles disparus, des ancêtres non soupçonnés et reconstitue, à force de découvertes, l'industrie, les mœurs, les types de l'homme primitif à peine échappé à l'animalité.

L'**Anthropologie** a ébauché l'histoire naturelle du groupe humain dans le temps et dans l'espace, le suit dans ses évolutions organiques, l'étudie dans ses variétés, races et espèces, et creuse ces grandes questions de l'origine de la vie, de l'influence des milieux, de l'hérédité, des croisements, des rapports avec les autres groupes animaux, etc. etc.

La **Linguistique** retrouve, par l'étude comparée des idiomes, les formes successives du langage, les analyse et prépare, pour ainsi dire, une histoire de la pensée humaine, saisie à son origine même et suivie à travers les âges.

La **Mythologie comparée** nous fait assister à la création des dieux, classe les mythes, étudie les lois de leur naissance et de leur développement à travers les innombrables formes religieuses.

Toutes les autres sciences, Biologie, Astronomie, Physique, Chimie, Zoologie, Géologie, Géographie, Botanique, Hygiène, etc., ont été, sous l'influence de la même méthode, étendues, régénérées, enrichies et appelées à se prêter un mutuel secours. Cette influence s'est même étendue à des sciences que la fantaisie et l'esprit de système avaient dépouillées de toute précision et de toute réalité, l'Histoire, la Philosophie, la Pédagogie, l'Economie politique, etc.

Mais jusqu'à présent ces magnifiques acquisitions de la libre recherche n'ont pas été mises à la portée des gens du monde: elles sont éparses dans une multitude de recueils, mémoires et ouvrages spéciaux. Le public ne les trouve nulle part à l'état d'ensemble, d'exposition élémentaire et méthodique, débarrassées de l'appareil scientifique, condensées sous une forme accessible.

Et cependant il n'est plus permis de rester étranger à ces conquêtes de l'esprit scientifique moderne, de quelque œil qu'on les envisage. A chaque instant, dans les conversations, dans les lectures, on se heurte à des controverses sur ces nouveautés: le Darwinisme, la Théorie mécanique de la chaleur, la Corrélation des forces naturelles, l'Atomisme, la Descendance de l'homme, la Prévision du temps, les Théories cérébrales, etc.; on se sent honteux de se trouver pris en flagrant délit d'ignorance. Et puis, considération bien supérieure, c'est par la science universalisée, déposée dans toutes les consciences, que nous mettrons fin à notre anarchie intellectuelle et que nous marcherons vraiment à la régénération.

De ces réflexions est née la présente entreprise. On s'est adressé à des savants pour obtenir de chacun d'eux, dans la spécialité qui fait l'objet constant de ses études, le **Manuel** précis, clair, accessible, de la science à laquelle il s'est voué, dans son état le plus récent et dans son ensemble le plus général.

Par conséquent, pas de compilations de seconde main. Chacun s'est renfermé dans le domaine où sa compétence est incontestable. Chaque traité formera un seul volume, avec gravures quand ce sera nécessaire, et de prix modeste. Jamais la vraie science, la science consciencieuse et de bon aloi ne se sera faite ainsi toute à tous.

Un plan uniforme, fermement maintenu par un comité de rédaction, présidera à la distribution des matières, aux proportions de l'œuvre et à l'esprit général de la collection.

EN VENTE:

I. **La Biologie,** par le docteur *Letourneau.* 2e édition, 1 vol. de 518 pages avec 112 gravures sur bois.
Prix, broché, 900; relié, toile anglaise.......................... 1$000

II. **La Linguistique,** par *Abel Hovelacque.* 2e édition, 1 vol. de 454 pages.
Prix, broché, 800; relié, toile anglaise.......................... 900

III. **L'Anthropologie,** par le docteur *Topinard,* avec préface du professeur *Paul Broca.* 3e édition, 1 vol. de 576 pages avec 52 gravures sur bois.
Prix, broché, 1$000; relié, toile anglaise.......................... 1$200

IV. **L'Esthétique,** par *M. Eugène Véron,* directeur do journal *l'Art.* — Origine des Arts. — Le Goût et le Génie. — Définition de l'Art et de l'Esthétique. — Le Style. — L'Architecture. — La Sculpture. — La Peinture. — La Danse. — La Musique. — La Poésie. — Volume de 506 pages.
Prix, broché, 800; relié, toile anglaise.......................... 900

V. **La Philosophie,** par *M. André Lefèvre.* 1 vol.
Prix, broché, 1$000; relié, toile anglaise.......................... 1$200

VI. **La Sociologie,** par le docteur *Letourneau.* 1 vol. de 581 pag.
Prix, broché, 1$000; relié, toile anglaise.......................... 1$200

LE MONDE TERRESTRE

AU POINT ACTUEL DE LA CIVILISATION

Nouveau précis de géographie comparée, descriptive, politique et commerciale, avec une introduction, l'indication des sources et cartes, et un répertoire alphabétique, par **Charles Vogel,** conseiller, ancien chef de cabinet de S. A. le prince Charles de Roumanie, membre des Sociétés de Géographie et d'Économie politique de Paris, membre correspondant de l'Académie royale des sciences de Lisbonne, etc. etc. L'ouvrage entier formera trois volumes grand in-8o. Il en paraît une livraison par mois.

2 gros volumes cartonnés, 7$200 réis

CAMILLE FLAMMARION

ASTRONOMIE POPULAIRE

Description générale du ciel illustrée de 360 figures, planches en chromolithographie, cartes célestes, etc. etc. 1880.

1 gros volume folio de 836 pages, 2$000 réis

LES TERRES DU CIEL

Description astronomique, physique, climatologique et géographique des planètes qui gravitent avec la terre autour du soleil et de l'état probable de la vie à leur surface.

1 volume 4o illustré, 2$000 réis

PUBLICATIONS FRANÇAISES

Albert (Paul). — La litterature française. 1 vol. in-12.................. 800
— La prose. Leçons faites à la Sorbonne, pour l'enseignement secondaire des jeunes filles. 1 vol. in-12.. 800
Aubertin (Ch.). — L'esprit public au XVIII^e siècle. — Étude sur les mémoires et les correspondances politiques des contemporains — 1715 à 1789. 1 vol. in-12.. 800
Broglie (Abb. de). — Nouvelles études de litterature et de morale. 1 vol. in-12.. 700
Cousin-Despréaux. — Le livre de la nature ou l'histoire naturelle, la physique et la chimie representées à l'esprit et au cœur. 3 vol. in-12.. 1$200
Craven (M^me A.). — Le mot de l'enigme. 2 vol. in-12................. 1$200
— Récit d'une sœur. Souvenirs de famille. 2 vol. in-12................... 1$200
Dargand (J. M.). — Histoire d'Olivier Cromwell. 1 vol. in-8º......... 1$500
Demogeot. — Histoire de la littérature française depuis ses origines jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12....................................... 800
Desnoiresterres (Gustave). — La musique française au XVIII^e siècle — Gluck et Piccinni — 1774-1800. 1 vol. in-12...................... 700
Durantin (Armand). — Le carnet d'un libertin. 1 vol. in-12............ 700
Emmanuel Domenech. — Histoire du Mexique. — Juarez et Massimilien. — Correspondances inédites des présidents, ministres et généraux Almonte, Santa-Anna, Gutierrez, Miramon, Marquez, Mejia, Woll, etc. etc. 3 vol. in-8º.. 3$600
Etienne. — Histoire de la littérature italienne depuis ses origines jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12....................................... 800
Fremy. — La guerre future. 1 vol. in-12.............................. 700
Gaillard (Léopold). — Les étapes de l'opinion — 1871-1872. 1 vol. in-12... 700
Gobineau (Le Comte de). — Les religions et les philosophies dans l'Asie Centrale. 1 vol. in-12.. 800
Gramont (Le duc de). — La France et la Prusse avant la guerre. 1 vol. in-8º.. 1$200
Grenville-Murray (E. C.). — Les hommes du second empire. 1 vol. in-12.. 700
— Les hommes de la troisième république. 2 vol. in-12.................... 1$400
Héricault (Ch. d'). — La révolution de Thermidor. 1 vol. in-12...... 800
Hœffer. — Histoire de la physique et de la chimie, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12.......................... 800
— Histoire des mathématiques depuis les origines jusqu'au commencement du XIX^e siècle. 1 vol. in-12....................................... 800
— Histoire de l'astronomie depuis les origines jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12 800
— Histoire de la zoologie depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12.. 800
— L'homme devant ses œuvres. 1 vol. in-12................................ 600
Houssaye (Arsène). — Les Charnettes — Jean-Jacques Rousseau et Madame de Warens. 1 vol.. 700
Lanfrey (P.). — Essai sur la révolution française. 1 vol. in-8º........ 800
Léger. — Histoire de l'Autriche-Hongrie depuis les origines jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12.. 800
Littré (E.). — Histoire de la langue française. 2 vol. in-12.......... 1$400
— Littérature et histoire. 1 vol. in-12.................................. 800
Maspero. — Histoire ancienne des peuples de l'Orient. 1 vol. in-12.... 1$000
Maurry. — La terre et l'homme ou aperçu historique de géologie, de géographie et d'ethnologie pour servir d'introduction à l'histoire universelle. 1 vol. in-12.. 1$200

Mirval (Jean). — Théatre scientifique. 1 vol. in-12.................. 700
Moreau de Jonnés (C. A.). — Les temps mythologiques. — Essai de restitution historique. 1 vol. in-12.............................. 800
Pezzani (André). — La pluralité des existences de l'âme conforme à la doctrine de la pluralité des mondes. 1 vol. in-12...................... 700
Philarète Chasles. — Voyages d'un critique à travers la vie et les livres. 1 vol. in-12.. 700
Pierron. — Histoire de la littérature romaine. 1 vol. in-12............ 800
— Histoire de la littérature grecque. 1 vol. in-12........................ 800
Rebello da Silva (L. A.). — Invasion et occupation du royaume de Portugal en 1580. — Introduction à l'histoire de Portugal au XVII^e et au XVIII^e siècles, traduit du portugais. Tome 1^er. 1 vol.................. 1$600
Ris (Clement de). — Critiques d'art et de littérature. 1 vol. in-12........ 700
Rüstow (W.). — L'art militaire au XIX^e siècle. — La petite guerre. 1 vol. in-8º.. 1$200
Secret (Le) de longue vie ou l'art de prolonger ses jours jusqu'à cent ans. 1 vol. in-8º.. 1$000
Sœur X. (La). — L'apostat. — Confessions de l'abbé Jacques. 1 vol. in-12.. 700
Zeller. — Histoire d'Italie depuis la chute de l'Empire romain jusqu'à nos jours. 1 vol. in-12... 800
— Pie IX et Victor Emmanuel. 1 vol. in-12.................................. 800

2.º ANNO 1880 N.º 10

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

ENSAIOS DO PULPITO

PELO

PADRE A. DE G.

NOVA EDIÇÃO, CORRIGIDA E MUITO ACRESCENTADA

Um grosso volume, 1$500 reis

INDICE

Boa nova para as bellas letras, para a eloquencia sagrada, para os amigos das sãs leituras.

Temos nova edição, corrigida e muito acrescentada, dos **Ensaios do pulpito.**

Ha cinco annos pudémos saudar esta esplendida publicação. Hoje temos a ventura de repetir o testemunho da nossa admiração, e de annunciar aos leitores d'este jornal que o infatigavel editor, o snr. Ernesto Chardron, acaba de mimosear-nos com mais uma edição d'esta excellente compilação de sermões de um dos mais festejados oradores da tribuna sagrada.

Era já muito o que valia o livro publicado em 1875; este vale mais ainda; tem os juros compostos, accumulados durante os ultimos cinco annos, por uma taxa alta. É o caso em que a usura, tão verberada pelos moralistas, é perfeitamente justificada; não só justificada, mas merecedora dos maiores elogios.

Consola o espirito vêr reapparecer este livro, augmentado com novas provas do muito que póde o talento peregrino do author.

E nós que estamos só habituados a lêr essas paginas do jornalismo diario, onde não se depara uma phrase que nos conforte, um conceito que nos alente, uma palavra que nos exalte, sentindo o nosso espirito alquebrado, o nosso coração deseccado, as nossas resoluções mais generosas entorpecidas, creámos novos brios, alevantamos o pensamento para o alto, quando se nos apresenta um livro, como este, em que o seu author espadana a mãos cheias flôres formosissimas, envolvendo conceitos elevados, doutrinas verdadeiras, consolações christãs.

Que contraste o d'este livro com isso que por ahi nos tem passado pelos olhos, estampado nos ultimos tempos ácerca de cousas religiosas!

Aqui tudo é triste, lugubre, melancolico, arido como o deserto, assolado pelo vento abrazador. Além tudo é vida, aprasivel, guindado, viçoso como o vergel em plena primavera.

Aqui passou o furacão destruidor da descrença, da hypocrisia, da intolerancia; acolá inspira-se o orador nas sublimes maximas do Evangelho, da liberdade perfeita, da generosidade, e nos raptos do enthusiasmo dedilha-se em uma harpa, que nunca sentiram vibrar as almas que tiveram o infortunio de não ser afinadas nas harmonias religiosas.

Além até a morte tem encantos, que para os materialistas são horrores.

Veja-se essa magnifica peça, inteiramente nova, com que o orador celebra as virtudes de um dos varões mais illustres da nossa época, o doutor José Maria de Lima e Lemos.

Parece que não se prégava em umas exequias, mas sim se recitava em uma canonisação:

«Funebre espectaculo este!

«A morte... A morte?...

«Não! atheu; não! materialista ou positivista: não! a morte não aniquila todo o nosso sêr. A luz, que se apaga, a onda, que se desfaz, o som que se extingue não assemelham em nada o passamento da vida humana. A morte, não é a extincção absoluta, antes, sim, um novo aspecto da existencia. Não o poder decifrar não implica a sua repugnancia.

«Se não fossemos immortaes, a memoria seria um escarneo, uma traição a esperança, e o remorso, purificação intima do crime, não passaria de um pellourinho irrisorio do sentimento. E a Providencia não creou nada inutil ou absurdo!»

Assim abriu, logo com chave de ouro, o assombroso sermão das exequias do virtuosissimo ecclesiastico que entre todas as homenagens que o circumdavam em vida no seu obscuro retiro recebeu, depois de extincto, a maior e melhor merecida de todos no elogio funebre, que lhe consagrára um dos seus amigos e admiradores, como não podia prestar-se a sêl-o quem se abeirava do venerando ancião, honra da Universidade, gloria do pulpito, dilecto dos homens, dilectissimo de Deus, que lhe destinou por certo corôa correspondente a tão alevantados meritos.

Basta o sermão funebre do doutor Lima e Lemos para que a nova edição dos **Ensaios do pulpito** seja um livro precioso, indispensavel ainda para quem já possuiu a primeira edição.

Se a eloquencia sagrada não disse aqui a sua ultima palavra, avisinhou-se tanto d'ella que não póde lamentar-se deixar de escutal-a.

Mas este livro apparece enriquecido com outros trabalhos ineditos, que merecem ser lidos e meditados, principalmente hoje, que tanto e tão mal se está escrevendo, não direi na fórma, mas na idéa, encaminhando a sociedade para tremendas catastrophes.

Para conhecimento dos possuidores da primeira edição diremos as addições que se encontram na moderna.

Além de uma esmerada e bem escripta dedicatoria á exc.ma snr.a D. Julia Braamcamp de Mancellos, acham-se reimpressas a introducção e os magnificos sermões no anniversario da exaltação de S. S. Pio IX, sobre o suicidio, o jogo, a Cinza, e a influencia actual do clero, assim como a nota ácerca das Ordens religiosas e o relatorio de uma visita ao collegio das missões ultramarinas.

Até aqui é a obra conhecida, sempre festejada, sempre nova e palpitante de interesse.

Os additamentos são o sermão na exaltação da Santa Cruz, pronunciado na Granja, celebrando de pontifical o exc.mo e rev.mo snr. bispo de Vizeu; a autobiographia de S. S. o Papa Leão XIII, com a traducção litteral em verso portuguez; outro sermão sobre o mesmo assumpto do precedente, prégado na capella da Granja como o primeiro; e finalmente o sermão nas exequias do doutor José Maria de Lima e Lemos, de que acima fallámos.

D'esta breve comparação se póde apreciar quanto a nova edição se avantaja á primeira.

O illustre author dos **Ensaios do pulpito,** endereçando o seu livro á digna filha do actual presidente do conselho de ministros, concluiu a sua missiva a 31 de julho ultimo e teve a feliz lembrança de recordar á respeitavel dama que era o dia de Santo Ignacio de Loyola.

Fazendo esta rubrica o opulento escriptor e orador contrahe tres compromissos solemnes, pelos quaes felicitamos desde já todos os *sisudos* e todos os bons. Propõe-se elle escrever desenvolvida biographia do grande vulto religioso, que dese-

nhou a traços largos no ultimo sermão d'este livro, porque a elle lhe anda preso o coração.

Não nos promette só isso, mas muito mais ainda: pretende ser o biographo de Santo Frei Gil, o discipulo do glorioso S. Domingos e companheiro do energico Sueiro Gomes. Diz-nos ainda que nos patenteará outra biographia, a de Simão Rodrigues, consocio de Santo Ignacio de Loyola, e companheiro do apostolo das Indias, S. Francisco Xavier, e fundador e apostolo elle mesmo, no reino, da Companhia de Jesus. Estes dous ultimos trabalhos, que ficam promettidos, e que não deixarão de ser satisfeitos, são uma exigencia do estado do author e das necessidades actuaes.

D'este ultimo, membro da heroica Companhia de Jesus, nos diz o padre A. de G. que fallam quantos sisudos tratam a preceito das cousas da Companhia de Jesus, principiando entre nós por Balthazar Telles e até quantos atrabiliarios a combatem, desde a *insensata introducção previa da Deducção Chronologica*.

O author d'essa *insensata introducção* pôde ainda fallar de Simão Rodrigues, porque não era completamente hospede na historia patria e no senso commum. Hoje os modernos atrabiliarios, que estão muito abaixo do escriptor do seculo passado, nem esse nome glorioso conhecem e limitam-se a declamar como possessos, rabiscando essas miserias, que ahi temos visto ha tempos a esta parte, causando profunda lastima.

Por agora temos um livro excellente, que ha-de satisfazer aos mais exigentes quanto á fórma e sã doutrina.

Não permaneceremos aqui; temos compromisso solemne para mais, não póde ser melhor, mas será sem duvida de grande valia.

Teremos os estudos biographicos de um varão, nosso contemporaneo, que se tornou celebre pela sciencia e pelo zelo apostolico, alliado á personificação da virtude, e conjuntamente trabalhos semelhantes com referencia a um dominico portuguez e a um *jesuita*. Quando sahir a lume tudo isto, e principalmente a ultima obra, bem podemos tapar os ouvidos; o berreiro será de atordoar, e aquelles que não costumam *faltar ao cumprimento dos seus deveres,* bradarão bem alto — reacção, ás armas! Quantas denuncias apparecerão então! Quantas ameaças se endereçarão ao ministerio, dizendo-lhe que não é possivel toleral-o nem mais um momento, visto que não manda queimar pelo menos em estatua o temerario que ousou biographar um jesuita, que como tantos dos pertencentes á congregação, fundada pelo denodado filho da Cantabria, foram a honra da patria, o lustre da sciencia, os bemfeitores da humanidade, o esplendor da religião catholica.

D'aqui enviamos sinceros parabens ao snr. padre A. de G. pelo seu novo livro; e lhe rogamos encarecidamente que não demore o cumprimento da promessa que fez á exc.ma snr.a D. Julia Braamcamp, e a todos quantos tiveram a ventura de folhear a nova edição dos **Ensaios do pulpito,** que só por excesso de modestia se denominam assim.

Estamos na hora do combate. A ninguem é permittido desertar do seu posto, esconder as côres e a divisa da sua bandeira [1].

(Da *Palavra*).

CONDE DE SAMODÃES.

Ao favor do acreditado e incansavel editor do Porto, o snr. Ernesto Chardron, devemos um exemplar da obra magistral — *Ensaios do pulpito,* pelo padre A. de G. Nova edição, corrigida e muito acrescentada.

A primeira edição dos *Ensaios do pulpito* fez-se em 1875; e foi tal a aceitação que teve do publico, que promptamente se esgotou.

Com effeito todos desejavam lêr as já afamadas orações do snr. bispo eleito do Algarve, Ayres de Gouvêa.

Agora sahe a nova edição augmentada com dous sermões da *Exaltação da Cruz,* e outro prégado nas exequias do snr. dr. José Maria de Lima e Lemos.

Ao terminar esta oração funebre disse o snr. Ayres de Gouvêa:

«E eu, já que não posso mais, e nem de longe imitar-lhe as perfeições, consagro á sua memoria esta minha primeira e ultima oração funebre e, aterrado com a responsabilidade, desço d'este lugar... para sempre!»

Pela sua parte fez um bom serviço o snr. Ernesto Chardron em editar esta obra, que fórma um volume de 348 paginas, em 8.º grande.

(Do *Conimbricense*).

1 São palavras do snr. padre A. de G. na introducção á primeira edição dos Ensaios do pulpito.

*

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Tomo I, bella edição da Imprensa Nacional de Lisboa, 600 paginas in-8.º grande, com o retrato de Garrett — 1$500 reis

---

Lisboa 12 de dezembro de 1880.

Exc.mo snr. Francisco Gomes de Amorim.

Acabo de lêr o livro fundamental das *Memorias biographicas de Garrett,* que comprehende desde o nascimento d'esse grande homem até ao fim do cêrco do Porto; antes de agradecer a honra excepcional com que ao verdadeiro amigo de Garrett aprouve distinguir-me, felicito o sincero obreiro que ha tantos annos accumulava materiaes para este monumento, não tanto divida da amizade particular, como de nós todos os portuguezes que devemos a Garrett a iniciação da litteratura moderna; felicito-o pelo seu grande livro, cheio de boa fé, de enthusiasmo e de liberdade de opiniões. A época comprehendida n'este livro é vasta, cheia de profundas transformações sociaes, que reflectiram no espirito do escriptor; o snr. Gomes de Amorim recompoz o meio social para fazer conhecido o escriptor, e é com enthusiasmo que confesso, que no seu estudo sente-se uma consciencia justa, que ataca de frente todas as degradações dos caracteres da transição do absolutismo, e o que é verdadeiramente encantador, é que o typo de Garrett resurge sympathico e puro no meio de tantas villezas dos partidos, de tanta imbecilidade no conflicto doutrinario. Se a admiração por Garrett nos é imposta pelas suas obras primas, a amizade da parte de quem não tratou m elle acha hoje um fundamento positivo na obra do meu amigo. Permitta-me este nome, porque a coherencia de sentimentos e de idéas, é que se torna a base consciente de uma franca amizade. O seu livro leva-nos a amar Garrett; a admiração conquistou-a elle, nem o meu amigo teve nunca em vista demonstrar a sua superioridade; mas o processo biographico feito pelo homem que mais de perto conviveu com elle, que não lhe occulta as pequenas fraquezas, de aristocracia ou de juvenilidade, que descobre todos os documentos relativos á sua actividade em épocas em que a versatilidade dos caracteres era geral, esse processo minucioso e completo, que ás vezes tanto compromette os grandes homens, cerca Garrett de uma aureola sympathica, restitue essa grande alma á intimidade moral de todos os que alliam os sentimentos do bello e do bem. Quando um dia Garrett fôr amado assim por nós todos como é Camões, caberá ao meu bom amigo a gloria de ter contribuido para este complemento de justiça.

Já por duas vezes tive occasião de escrever ácerca de Garrett, e apesar de todo o meu estudo confesso que lamento o ter antecipado o meu trabalho porque ficou repentinamente atrazado. Sem o livro das *Memorias biographicas* será impossivel conhecer perfeitamente Garrett. Alludi aos meus escriptos para que o snr. Gomes de Amorim conheça qual o vivissimo interesse que me fez lêr o seu livro em duas noites.

Em um estudo critico sobre a sua obra faz-se um lindo quadro aproveitando a

historia politica da nova era constitucional tocada aqui e acolá nos novissimos factos que apresenta; e n'este exame não ha senão a admirar a liberdade de espirito com que julga as reputações falsas do mundo official; no que toca propriamente a Garrett ha o pôr em relevo o typo sympathico do escriptor, sempre individualidade superior através de todos os accidentes da sua vida. Bem desejo prestar esta publica consagração a este livro.

Anceio o segundo volume, que comprehende desde o cerco do Porto até á época do ludibrio da Regeneração. Deixe cahir a mão com todo o seu peso de verdade sobre essa gente toda, e dê-nos Garrett como o unico coração com fé no meio da dissolução publica, fé na arte e no futuro da patria. E se a amizade dá direito a uma suggestão, a obra deve terminar com um quadro synoptico de todas as datas positivas da vida de Garrett, ou então um indice analytico do que se contém n'essa valiosa contribuição para a historia litteraria de Portugal.

Agradecendo por todos os motivos o brinde com que quiz honrar-me, peço me aceite um abraço de

Rua de S. Luiz n.º 13.

amigo sempre obrigado

Theophilo Braga.

Tem tido o mais lisonjeiro acolhimento o novo livro do distincto litterato o snr. Francisco Gomes de Amorim — **Garrett,** memorias biographicas.

Quem vê este grosso volume de seiscentas paginas, imagina encontrar um d'estes trabalhos massudos, que se lêem paulatinamente, de vez em quando, nas horas de mais completo desenfado. Pois é um engano completo. O livro não se lê, devora-se; tal é o interesse que suscita, não só o brilhante da narrativa, mas a importancia do personagem. Almeida Garrett é um d'estes typos sympathicos, que se nos grava indelevelmente na memoria desde que se lêem algumas paginas deliciosas do Camões, da Adozinda, da D. Branca ou do Frei Luiz de Sousa.

Gomes de Amorim vai acompanhando Garrett, desde os tenros annos infantis, em todas as phases da sua existencia, tão variada, tão aventurosa como a de Camões. Assim como este foi o cantor das nossas navegações e descobertas, Garrett foi o cantor das luctas da liberdade. N'esse periodo convulsionado de 1820 a 1834, cheio de luctas, odios, revoluções, guerras, baixezas e heroicidades, recorta-se o vulto de Garrett com a serenidade de um espirito elevado, cheio de confiança em si e na causa que tão ardentemente advogára, pela qual tudo sacrificára e a cujos principios se conservou sempre inalteravelmente fiel.

Gomes de Amorim pinta-nos essas luctas, incidentemente, com um colorido brilhante, com elevado criterio, mostrando desassombradamente o papel que Garrett desempenhára em toda essa contenda de uns poucos de annos, contenda em que tudo sacrificou ao amor da patria e da liberdade.

As memorias biographicas de Garrett são um monumento levantado pela mão piedosa d'um amigo á memoria do grande poeta. Mas nem por isso a verdade se trocou alguma vez na baixeza da apologia incessante. Amorim pinta Garrett tal qual elle era, como um homem, com as fraquezas da especie, não como um semi-deus cheio de fabuladas virtudes. É este o grande merecimento do livro.

Procura em tudo ser verdadeiro, não se lhe importando de offender vaidades com quanto não offenda os principios da justiça. Para que é esconder os pequenos defeitos d'um homem quando os seus merecimentos são tão notaveis que deixam tudo na sombra? Garrett tinha algumas fraquezas, mas os seus talentos extraordinarios e a bondade do seu coração resgatavam todas essas fragilidades.

Gomes de Amorim trabalha ha uns poucos de annos n'estas memorias com a tenacidade e com a paciencia de um benedictino. Fez todas as investigações possiveis e procurou alcançar todos os documentos imaginaveis. Consultou por cartas e de viva voz todas as pessoas que conviveram com Garrett e não houve porta a que não batesse, embora tivesse a certeza de que muitas vezes seria taxado de importuno.

Faz graça ouvil-o contar as aventuras que correu e os desapontamentos que soffreu por causa d'isto. Só os episodios das suas indagações dariam um livro. Ha alguns interessantissimos. Contar-lhes-hei um para exemplo. Gomes de Amorim tinha todo o empenho em saber o que seria feito dos Hadley, respeitavel

familia ingleza, que deu o mais cordial agasalho ao nosso poeta no seu exilio. Escreveu para Inglaterra, interrogou a nossa embaixada de Londres, mas nada pôde obter. Ultimamente veio-lhe á mão um exemplar da 1.ª edição do Camões. Através do papel que forrava a capa d'esse livro — oh casualidade extraordinaria! — lia-se a dedicatoria de Eduardo Hadley a Henrique Vicente Zenoglio. Amorim escreve logo a este, mas Zenoglio estava muito doente, e expira quando se lhe vai a lêr a carta. A familia não sabe dar explicações. Parece romance, mas é verdadeiro.

O livro de Amorim póde parecer ás vezes demasiado prolixo, mas o nome de Garrett é digno de toda a attenção. Se Manoel Corrêa ou Faria e Sousa tivesse feito o mesmo a respeito do immortal author dos Lusiadas, não seria ainda hoje tão incerta a sua biographia, nem se teria escripto tanto disparate ácerca da sua vida.

(Do *Commercio Portuguez*).

Sousa Viterbo.

Faz hoje 26 annos que se sumiu nas sombras da morte este altissimo espirito, a personificação viva da revolução litteraria em Portugal, o author de tantas obras primorosas, que marcam um periodo brilhantissimo no rejuvenescimento das letras patrias, o talento privilegiado que foi ao mesmo tempo, com igual grandeza, poeta, historiador, erudito, estadista e orador. Esse gentil espirito que deixou creações de adoravel frescor e grandeza sem rival, que ainda hoje são o encanto dos que amam o bello nas suas mais esplendidas manifestações, vai emfim ter a sua biographia escripta pelo homem que mais de perto e intimamente o tratou e lhe foi amigo fiel e extremoso nos ultimos momentos da agonia. Gomes de Amorim, um letrado e escriptor de primeira nota, é o author das *Memorias biographicas,* cujo primeiro volume foi hoje posto á venda, como piedosa offrenda sobre o tumulo enaltecido do poeta.

Nem sem só o louro de Virgilio reverdece. Na boa terra portugueza tambem os Petrarchas da amizade vão ajoelhar á sombra do bosque sagrado, por onde estanceiam esses espiritos de eleição, em cujo convivio e na primeira plana se ostenta o portuguezissimo Garrett.

O culto garretteano vai agora accendrar-se com a leitura do novo livro e tanto bastava para que o saudassemos jubilosos, assim como ao seu illustre author.

Os mortos, como Garrett, não querem paz. O seu nome é uma signa. A sua memoria um convite e um incentivo ao trabalho, á lucta, á civilisação. O grande homem, que na sua relativamente curta vida produziu tantos primores e se desentranhou em tão fecundas energias, importa que seja conhecido em todas as suas feições caracteristicas. E quem melhor podia fazel-o do que o snr. Gomes de Amorim, que ha um quarto de seculo lida n'este empenho glorioso? Temos a certeza de que a edição vai ser promptamente esgotada e folgamos com isso sinceramente, para honra do paiz, que respeita os seus grandes mortos.

(Da *Democracia*).

Recebemos hontem este bello livro. Como é em oitavo grande e como contém cerca de 600 paginas, não podemos dar hoje, com sinceridade, uma noticia exacta do que é e do que vale esta publicação do nosso fertil e optimo escriptor o snr. Gomes de Amorim. Lêmos as primeiras paginas. Achamol-as curiosas e cheias d'um vivo interesse.

O que porém podemos dizer desde já ao leitor, é que os capitulos que não lêmos ainda, e cuja summula vem no indice, devem ser attrahentes e convidativos pelas cousas de que n'ellas o author nos promette tratar. O snr. Amorim, com a verdade que largos annos de investigação e estudo lhe deram, promette dizernos a verdadeira origem da familia Garrett, contar-nos os promenores da vida do poeta, as luctas politicas em que se achou envolvido, as perseguições de que foi victima. Promette traçar-nos o perfil e a physionomia dos homens contemporaneos, descrever as miserias da emigração e o estado cahotico da politica, dos costumes e das letras do primeiro quartel d'este seculo.

Isto tudo sendo alumiado por uma critica sisuda e disciplinada, e narrado com um estylo facil e n'uma linguagem elegante e animada, deve alegrar e inte-

ressar o espirito mais sorumbatico e triste.

Tanto os velhos como os moços devem adorar este livro.

Os primeiros, porque elle lhes falla do tempo ido, dos factos que elles viram e dos dramas a que assistiram; os segundos, porque colherão n'essas paginas muita lição aproveitavel.

Mais tarde fallaremos d'esta bellissima publicação, cuja offerta muito agradecemos ao snr. Gomes de Amorim.

(Do *Jornal do Commercio*).

O MANDARIM

POR

EÇA DE QUEIROZ

Um volume, edição de luxo, 500 reis

Eça de Queiroz define-se n'uma phrase — é um inspirado, é um talento.

As suas obras são obras d'uma phantasia desgrenhada, convulsa, nervosa.

O seu caracter litterario, mais profundamente accentuado, é a impressionabilidade imaginativa, é a facilidade de desenhar perfeitamente, nitidamente, com uma clareza, com uma precisão photographica.

Ninguem, como elle, descreve com dous traços uma paizagem, fixando, apresentando todos os contornos, todas as *nuances,* todos os claros escuros do quadro. Vêr é facil, é facilimo. Vêr bem, vêr n'um relance todos os pontos culminantes, a alma, o caracter, a physionomia do que se quer descrever, é um talento a rarissimos concedido. No vastissimo catalogo da litteratura franceza, em cujas fontes a moderna litteratura vai beber, destacam-se alguns poucos vultos, mas esses grandes, mas esses enormes. Sobrenadam Zola, Flaubert, Droz, George Sand, Carot e poucos mais. Do nosso, insignificante e pequeno como é, ainda assim sobresahem notavelmente os de Eça de Queiroz, Teixeira de Queiroz, Ramalho Ortigão e Julio Lourenço Pinto.

Eça de Queiroz possue n'um grau intensissimo essa grande condição. Mais. Todas as suas paginas ao mesmo tempo que descrevem magistralmente uma paizagem, um quadro, photographam tambem a humanidade, as paixões, os sentimentos. Desce aos abysmos profundos, tenebrosos das consciencias e faz a anatomia rigorosa dos espiritos, a anatomia profundamente verdadeira e nua dos sentimentos nos seus differentes aspectos e nas suas distinctas manifestações, a anatomia do amor e do ciume, a anatomia da colera e da abnegação.

Por este meio, por este processo é que Balzac, o immortal author da COMEDIA HUMANA, creou alguns dos seus typos, typos que são, e sel-o-hão sempre, o resumo de todos os individuos de que se compõe a humanidade.

Essas creações são de todos os tempos e viveram no passado, como vivem no presente, e hão-de viver ainda no futuro. São eternos, são immutaveis. Outros definem uma dada nação, n'um dado e n'um limitado espaço de tempo.

Os livros de Eça de Queiroz estão n'este caso, como tambem, mas n'uma ordem um pouco diversa, estão os LUSIADAS. Camões define nas suas paginas de bronze a vida do seu tempo com todos os seus sentimentos, com todas as suas monstruosas crenças. Eça de Queiroz define a vida do seu tempo, a vida da moderna sociedade portugueza, combatendo os seus ridiculos, as suas chagas, com as suas grandes gargalhadas fulminantes.

Eça de Queiroz é um grande romancista. No nosso paiz é o representante de Balzac, de Walter Scott, de' Croper. É realista, mas realista na accepção unica, perfeita da palavra.

O realismo é a interpretação da natureza; é esta a moderna definição d'um grande critico, d'um grande trabalhador, de Gustavo Planche. A sua reproducção, como alguns a definem, não.

Eça de Queiroz sorriu-se, servindo-se primordialmente do primeiro meio, e aceitou o segundo como um poderoso apoio. É por isso que o temos como um discipulo directo de Balzac, alliando mais de Flaubert a comprehensão do homem exterior. Tem a psychologia d'um e a physiologia d'outro.

Em quanto a estylo, sejamos francos, tem algumas inexactidões, alguns defeitos, mas a par d'elles tem qualidades verdadeiramente admiraveis, qualidades que os suffocam.

No seu ultimo livro, **O Mandarim,** prova-o bem mais uma vez. Alli é que se vê o estylista com toda a sua poderosissima energia. Tem descripções admiraveis. Tem paginas d'um colorido

deslumbrante, d'um colorido arrebatador. Ao lel-as sentimos a alma vivificar-se, como se respirassemos a plenos pulmões uma atmosphera profundamente oxygenada. As phrases mordentes, vivas, pitorescas rompem a todo o instante, como das grandes rochas brota agua rija. A ironia é espontanea. Vem do fundo.

N'esta sua ultima producção, como elle mesmo o diz no pequeno prologo, repousa do aspero estudo da realidade humana, e entra alegremente no dominio do sonho, do sobrenatural. Abandona os processos scientificos dos seus romances, toma outros, vai descançar á sombra frondosa do idealismo, como que rindo-se da formula intransigente dos Lavallois, de que nada existe fóra dos dominios da vida.

O **Mandarim**, como vêem, é um esplendido conto phantastico, d'uma phantasia cheia de vida, d'um vigor pouco vulgar. Aquelles tão fallados contos de Hoffman, de Egard Poe, devem sentir fortes estremeções de espanto ao defrontarem com o recem-chegado — o que nos succederia a nós se vissemos destacar-se da penumbra o vulto zombeteiro de Mephistopheles.

O novo conto é no genero dos romances de Julio Verne, é perfeitamente um conto de viagem, onde a par da sciencia, se encontra um enorme fundo de bom senso.

Talvez que a critica moderna seja um tanto severa com elle, mas ha-de necessariamente curvar-se de admiração. A critica moderna queria talvez a adjectivação methodica do conselheiro, as imprecações grosseiras de Juliana, os desfallecimentos de Luiza e pedia aquelle meio agitado, convulso dos episodios frisantes do Primo Basilio, gostava d'aquelle vertiginoso turbilhão, gostava poderosamente d'aquelle meio aonde referverm, no grande cadinho depurante do martyrio, a luxuria, o odio, a vergonha, o desespero. Era isso talvez que a critica moderna esperava. Não o encontra. Mas em compensação encontra paginas d'um vigor extraordinario, mas não perscrutadas com a fria precisão d'um mathematico.

A cidade de Pekin, por exemplo. Como descreve bem os bairros militares e os nobres! As ruas, uma d'uma tranquillidade austera, outra cheia de vida ruidosa; as ruas que semelham caminhos d'aldêa; as lojas com as suas taboletas vermelhas de letras douradas sobre fundos escarlates, as sêdas, as franjas, os esmaltes, as porcelanas de Ming que sobresahem vivamente do fundo escuro dos balcões!

Aqui descreve com perspicacissima subtileza as torres negras do Templo do Céo, a grande Columna dos Principios, hieratica e severa como o genio mesmo da raça, os terraços de jaspe do Santuario da Purificação. Além mostra-nos o Templo dos Antepassados, o Palacio da Soberana Concordia, o Kiosque dos Historiadores, fazendo brilhar os seus telhados lustrosos de faianças azues, verdes, escarlates e côr de limão.

Sobretudo a descripção final, a da noite passada a bordo, é admiravel.

E' ao anoitecer. O mar, enorme, profundo, d'um azul esbatido, estende-se na immensidão silenciosa das aguas. Ao longe uma longa fita encarnada cerca o horisonte, são os reflexos pallidos dos ultimos raios do sol, parecendo globulos inflammados, que dão um tom profundamente phantastico ao quadro. Os passageiros, no tombadilho, olham vagamente para aquelle surprehendente espectaculo do pôr do sol a bordo, animados pelos mais desencontrados pensamentos. Este, encostado á amorada, pensa talvez nos seus pequeninos e louros filhos; aquelle no seu longinquo futuro...

Depois a lua nasce, marmorea, redonda e branca, erguendo-se do nivel da agua, e n'uma meia tinta pallida, deslumbrante, dando reflexos prateados de phosphorecencia á enorme massa d'agua que cerca o vapor...

E' magnifico!

(Do *Noticioso*).

A.

Um formosissimo livro; é a ultima obra sahida da penna do snr. Eça de Queiroz, primeiro em folhetins no *Commercio de Portugal,* e agora em volume (em que a narrativa refundida é largamente ampliada) editado pela casa Chardron do Porto.

Prende-se o espirito do leitor irresistivelmente aos encantos do estylo, ao attrahente e bem urdido da teia, e ao vivo e animado e real dos lugares aonde se passam as diversas scenas do **Mandarim,** lugares que o snr. Eça de Queiroz, por uma poderosa intuição e assimilação do seu espirito (n'este ponto equiparavel ao do encantador Méry) parece ter visitado e conhecer tão bem, não obstante em paizes remotissimos, e nun-

ca d'elle vistos, como se foram o Chiado ou o Loreto.

E' livro, pois, dos que se lê, como já o notou o illustrado articulista da *Voz do Povo*, de um folego, e dos que, acrescentaremos nós, se volta a lêr com novo e não menos vivo prazer, que na segunda leitura melhor se lhe apreciam e gostam as bellezas.

Mas qual o alvo a que mirou o snr. Eça de Queiroz com a elaboração do **Mandarim**, que se afigura, á primeira vista, obra tão só de imaginação, e não mais que puro fructo e phantasia d'esta, elle, o eminente artista que pouco afeitos estamos a vêr sacrificar nas aras da *folle du logis*, e que em todas as suas obras tende sempre a um fim real e pratico, a resolução de um problema social?...

As apreciações que temos lido sobre o **Mandarim**, e reduzem-se até este momento ás resumidas noticias que d'elle deram os nossos illustrados collegas portuenses *A Voz do Povo*, *O Dez de Março* e o *Primeiro de Janeiro*, transcriptos no n.º 9 da *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, não nos satisfizeram, não obstante o elevado apreço que em todas ellas se faz do **Mandarim**. Parece-nos merecer este mais largo e profundo estudo, e sob o apparentemente frivolo e phantasioso da narrativa tocam-se, pulsam-se, frisam-se intencionalmente, e ainda que por *summa capita* apenas, o bastante para abrir margem a largo meditar, se em erro não estamos (o que é bem possivel), algumas das questões mais irritantes e debatidas da actualidade... tão cheia de duvidas e incertezas, e tacteamentos...

Falta-nos, sobre tempo, competencia para entrarmos ao largo e explanadamente na exposição e critica do **Mandarim** sob este aspecto, e limitando-nos apenas por isso a enunciar o nosso sentir a tal respeito, votos fazemos, ainda que sem grandes esperanças de que sejam attendidos em paiz em que a critica não tem podido acclimatar-se e apenas, como planta exotica, é cultivada por um ou outro raro amador, para que venha alguem que arque com o assumpto e d'elle se tire com honra e gloria.

A edição é um verdadeiro primor da arte typographica.

(Da *Aurora do Cavado*).

Já fizemos em tempo no fallecido *Diario do Commercio* a apresentação do 1.º tomo d'este festejado livro: agora vamos indicar o alto valor do 2.º tomo d'esta excellente obra aos nossos leitores, que estão costumados a vêr n'esta folha sempre uma critica imparcial.

O nosso sentimento de justiça nos leva ainda a continuar a este livro os justos encomios que merece, sendo provas e testemunhos da nossa sympathia já a variadissima natureza de objectos, que com mão de mestre o sabio author vai percorrendo, já o modo de encarar as questões, já a fórma do livro sempre bella no estylo como a mais acabada architectura da idade média, architectura cheia de rendilhados e de arabescos, á qual muito se semelham os primores da linguagem do snr. Accurcio.

Trata em capitulos distinctos da pressão atmospherica, da temperatura, da humidade, dos movimentos atmosphericos e do vento léste. Em cada um dos capitulos o seu author nos define com proficiencia cada um dos elementos e phenomenos de que se occupa, semeando aqui e alli as melhores opiniões scientificas e juntamente algumas das curiosidades archeologicas. O que sobretudo predomina porém n'este emprehendimento expositivo é a parte pratica e é n'esta que mais vasto é o trabalho do distincto escriptor. Assim é que com uma fina observação nos descreve os resultados praticos dos dados que colhêra, comprovando as asseverações com os dados estatisticos comparados.

O snr. Accurcio dá-nos pois com relação a cada um dos objectos de que tratam os referidos capitulos os dados estatisticos correspondentes em mappas explicativos, extrahindo a conclusão scientifica e pratica.

Assim dá-nos a pressão barometrica com os seus maximos e minimos e com as competentes médias, seguindo-se os mesmos ou semelhantes trabalhos com respeito á temperatura, á humidade e aos movimentos atmosphericos. Para o estudo comparado lançou mão de dados estranhos e entre elles fez uso de factos do observatorio de Lisboa, de Roma, etc.

Este trabalho não é pois o de um viajante, que simplesmente relata as suas impressões pessoaes: é o de um homem de sciencia, que sem se contentar com a ethnographia quer fazer aproveitar para o paiz, para os poderes publicos e para a propria ilha, tudo aquillo em que aquellas formosas paragens podem ser prestadias ao commercio, á vida, ás riquezas, á sciencia, emfim a todo o paiz e ao mundo.

Segue depois o snr. Accurcio a dizernos sobre a electricidade e ahi entra nos dominios scientificos da physica, definindo os phenomenos e deixando de parte as altas theorias sobre este fluido, percorrendo a diversidade dos phenomenos para classificar as especies de relampagos conforme a sciencia physica e meteorologica, os trovões, o raio, as trovoadas e suas consequencias e natureza. Dá-nos noticia das chuvas e inundações na Madeira com alguns factos dos postos meteorologicos de Lisboa e do Funchal, e passa depois a encarar a cidade como estação para os tisicos no inverno. N'esta parte começa o snr. Accurcio por definir-nos a terrivel doença, achando-lhe duas fórmas: a fórma tórpida e a fórma erethica. Mostra o sabio medico quaes as paragens proprias para ambas as fórmas, sendo a do Funchal a adequada para a fórma erethica.

Depois de um apontamento nosographico (doenças do paiz) dá-nos alguns lineamentos da fauna madeirense, começando pelos mamiferos selvagens e pas-

sando ás aves de rapina, passaros e outros animaes alados, tratando dos reptis, bactracios, peixes, molluscos, insectos e arachnides e lembrando-nos a toda a hora o lado pratico, por exemplo, quando trata do mel, da sêda, etc.

Termina este ameno e instructivo livro com a geologia madeirense, concluindo com uma descripção, aliás muito frisante e bella, da parte geologica comparada com a parte botanica d'esta *princeza do Atlantico,* justo nome com que o snr. Accurcio brinda esta formosa ilha.

Da fórma clara que o snr. Accurcio adopta para as questões, devem os leitores fazer idéa pelo que já deixámos dito.

Sirva de exemplo a descripção da intervenção dos insectos e dos ventos no hymeneu das plantas ou das flôres, que carecem, como se sabe, de que o pollen masculino fecunde o feminino, o que não é possivel nas flôres unisexuaes sem auxilio dos insectos ou do vento.

Diz o snr. Accurcio no seu formoso e sempre poetico estylo:

«Os ventos, que tambem facilitam esta funcção, nem sempre podem ser mensageiros fieis do osculo nupcial de esposos, que a natureza condemnou a viver sempre ausentes, e ás vezes em domicilios diversos e mui distantes entre si. Os insectos véem pois coadjuval-os e as corollas são o signal que os convida e que os attrahe até o centro da flôr, onde são mimosamente recebidos, pagando depois a hospitalidade com o levar ás flôres solitarias o principio da fecundação e da vida por que tanto anhelavam».

Aqui ha tres cousas a admirar: a clareza da explicação, a poetica e lindissima romantisação do phenomeno do amor nas flôres e a attrahente fórma do estylo.

Por este exemplo podem os leitores fazer idéa da muita poesia com que o imaginativo escriptor povôa todo o seu livro.

E depois de termos assim mimoseado os leitores com o periodo, mais bello que a mais linda construcção gothica, quebram-se-nos os bicos da penna, e até seria profanação o proseguirmos n'esta humilissima prosa, que seria triste e pobre perystillo para edificio tão formoso.

J. M. da Cunha Seixas.

(Do *Diario da Noite*).

Publications Françaises

Agassiz (L.). De l'espèce et de la classification en zoologie. 1 volume in-8o.................... 1$000

Arago (F.). Œuvres complètes. *Astronomie populaire.* 2me édition mise au courant des progrès de la science. 4 vol. in-8o.................. 6$000

Archiac (A. d'). Introduction à l'étude de la paléontologie stratigraphique — Cours professé au museum d'histoire naturelle. 2 vol. in-8o, avec figures et cartes................ 3$200

Bagehot (W.). Lois scientifiques du développement des nations. 3me édition. 1 vol. in-8o.......... 1$200

Bara (L.). La science de la paix — Programme. 1 vol. in-8o..... 1$200

Barbe (Abbé E.). Histoire de la philosophie à l'usage des établissements d'éducation. 1 vol. in-12.... 500

Baret (E.). De l'Amadis de Gaule et de son influence sur les mœurs et la littérature au xvie et au xviie siècle, avec une notice bibliographique. 2me édition. 1 vol. in-8o.......... 900

Benoist (H.). Les grands phénomènes de la nature. Illustré de 42 gravures in-12................ 250

Bertauld (A.). De la philosophie sociale. — Études critiques. 1 volume in-12o.................... 500

Beudant (F. S.). Course élémentaire d'histoire naturelle — Minéralogie — géologie. 15me édition. 1 volume in-12........................ 1$200

Bezoles (R.). Science des religions. Le baptême. 1 vol. in-8o..... 1$500

Block (M.). L'Europe politique et sociale. 1 vol. in-8o.......... 1$500

Bobierre (A.). Leçons de chimie agricole — Études sur l'athmosphère, le sol et les engrais. 2me édition. 1 vol. in-8o.................. 1$600

Bolley et Kopp. Traité des matières colorantes artificielles dérivées du goudron de houille. 26 figures dans le texte. 1 vol. in-8o......... 2$000

Bourdet (E.). Principes d'éducation positive. Nouvelle édition. 1 vol. in-12o..................... 700

Briot (Ch.). Cours de cosmographie ou eléments d'astronomie comprenant les matières du programme officiel pour l'enseignement des licées. 5me édition. 1 vol............... 1$400

Büchner (L.). Force et matière — Études populaires d'histoire et de philosophie naturelles. 5me édition. 1 vol. in-8o.................. 1$000

— Conférences sur le théorie Darwinienne de la transmutation des espèces et de l'apparation du monde organique. 1 vol. in-8o................ 1$000

— L'homme selon la science — Son présent, son passé, son avenir. 1 vol. in-8o...................... 1$400

Buignet (H.). Manipulations de physique, cours de travaux pratiques professés à l'école supérieure de pharmacie de Paris. 265 figures intercalées dans le texte. 1 vol. in-8o relié 3$600

Cahours (A.). Traité de chimie générale élémentaire. 3me édition. 3 volumes in-12................. 3$000

Cherbuliez (A. E.). Précis de la science économique et de ses principales applications. 2 vol. in-8o 3$000

Claus (C.). Traité de zoologie conforme à l'état présent de la science. 1 vol. in-8o — 1:163 pages...... 4$000

Cortambert (E.). Leçons de géographie — Texte. 1 vol. in-8o 1$200
Atlas.................... 2$000

Cortambert et Rosny. Tableau de la Cochinchine rédigé sous les auspices de la Société d'ethnographie. 1 vol. in-8o............ 1$000

Delaunay (Ch.). Cours élémentaire d'astronomie. 5me édition. 1 volume in-12o...................... 1$500

— Cours élémentaire de mécanique théorique et appliquée. 9me édition avec 551 figures dans le texte. 1 volume in-8o........................ 1$600

Desdouits (T.). La métaphysique et ses rapports avec les autres sciences. 1 vol. in-8o............ 1$000

— De la liberté et des droits de la nature — Discussion des théories pantheistes et positivistes sur la volonté. 1 vol. in-8o................. 1$000

Diderot. Œuvres complètes revues

sur les éditions originales — Étude sur Diderot et le mouvement philosophique au XVIII[e] siècle. 3 vol. in-8° 3$600

Doublet (Victor). Dictionnaire universel des professions ou Guide des familles pour les deriger dans le choix d'un état pour leurs enfants. 1 vol. in-8°...................... 1$500

Draper (J. W.). Les conflits de la science et de la religion. 6me édition. 1 vol. in-8°................ 1$200

Dupont (E.). L'homme pendant les âges de la pierre dans les environs de Dinant sur Meuse. 2me édition. 1 vol. in-8°...................... 1$500

Dussieux (L.). Géographie générale contenant la géographie physique, politique, administrative, historique, agricole, industrielle et commerciale de chaque pays. 1 vol. in-8°.. 3$000

Edwards (Milne). Précis d'histoire naturelle — 8me édition avec 391 figures dans le texte. 1 vol. in-12° 600

— Cours élémentaire d'histoire naturelle — Zoologie. 12me édition. 525 figures dans le texte. 1 vol. in-12 1$200

Eléments de science sociale ou Religion physique, sexuelle et naturelle par un docteur em médicine. 2me édition traduite de la 7me édition anglaise. 1 vol. in-12. 700

Espiard de Colonge (Baron d'). La chute du ciel ou les météores antiques planétaires — Preuves, aperçus sur les plus vieilles antiquités et traditions du monde occidental, etc. 2me édition. 1 vol. in-8°...... 1$600

Favre (J.). Rome et la république française. 1 vol. in-8°........ 1$600

Fernet (E.). Cours de physique pour la classe de mathématiques spéciales. 1 vol. in-8°........... 2$400

Ferraz. Étude sur la philosopie en France au XIXme siècle — Le socialisme, le naturalisme et le positivisme. 2me édition. 1 vol. in-12°..... 800

— De la psychologie de Saint Augustin. 1 vol. in-8°................ 1$200

Fittig (R.). Traité de chimie organique d'après Wöhler. 1 vol. in-8° 2$800

Flammarion (C.). Catalogue des étoiles doubles et multiples en mouvement relatif certain. 1 volume in-8°...................... 1$000

Flourens (G.). De la longévité humaine et de la quantité de vie sur le globe. 4me édition. 1 vol. in-12° 700

Flourens (P.). Ontologie naturelle ou Étude philosophique des êtres. 3me édition. 1 vol. in-12......... 700

— De l'unité de composition et du débat entre Cuvier et Geoffroy Saint-Hilaire. 1 vol. in-12.............. 700

Fox (W. J.). Des idées religieuses — 15 conférences. 1 vol. in-12.. 600

Franck (A.). Philosophes modernes étrangers et français. 1 volume in-12........................ 700

Franck (F.). Vie de M. Thiers. 4me édition. 1 vol. in-8°.......... 600

Fremy. Sur la génération des ferments. 1 vol. in-8°........... 800

Fresenius (R.). Traité d'analyse chimique quantitative — Traité du dosage et de la séparation des corps simples et composés les plus usités en pharmacie, dans l'industrie etc. 3me édition. 210 figures dans le texte. 1 vol. in-12.................. 2$600

Fuchs (R.). Les volcans et les tremblements de terre — Avec 36 figures dans le texte et une carte peinte en couleurs. 2me édit. 1 vol. in-8° 1$200

Ganot (A.). Cours de physique purement éxpérimentale et sans mathématiques. 7me édition. 1 volume in-12........................ 1$100

Gavarret (J.). Phénomènes physiques de la phonation et de l'audition — 100 figures dans le texte. 1 volume in-8°........................ 2$000

Gerhardt et Chancel. Précis d'analyse chimique quantitative. 112 figures dans le texte. 3me édition. 2 vol. in-12................. 3$000

Girard (J.). La chambre noire et le microscope. Photomicrographie pratique. 2me édition. 80 gravures in-12........................ 800

Girardin. Chimie générale et appliquée. In-8°. Première année 360
Deuxième année............. 700

Grimaux (E.). Chimie inorganique élémentaire — Leçons professées à la faculté de médecine. 2me édition. 1 vol. in-12.................. 1$000

Guérin (M.). Esquisse d'une constitution démocratique. 1 volume in-12........................ 700

Gustave Paturot. 1 vol. in-12........................ 600

Guyau (M.). La morale anglaise contemporaine — Morale de l'utilité et de l'évolution. 1 vol. in-8°.... 1$500

Guynemer (A. de). Dictionnaire d'astronomie à l'usage des gens du monde. 2me édit. 1 vol. in-8° 1$200

Haeckel. Antropogénie ou histoire de l'évolution humaine, leçons familières sur les principes de l'embryologie et de la phylogénie humaines. 1 vol. in-8° relié............ 3$600

Huc. Souvenirs d'un voyage dans la Tartarie et le Thibet pendant les années 1844, 1845, 1846. 6me édition. 2 vol. in-12.................. 1$600
Huet (F.). La science de l'esprit — Principes généraux de philosophie pure et appliquée. 2 vol. in-8°.. 2$000
Huxley (Ch.). Hume, sa vie, sa philosophie. 1 vol. in-8°...... 1$000
Huzar (E.). L'arbre de la science. 1 vol. in-8°.................... 800
Jacques, Simon et Saisset. Manuel de philosophie. 7me édition. 1 vol. in-8°............ 1$500
Jacolliot (L.). La vérité sur Taïti. Affaire De La Roncière. In-8°. 200
— Le paria dans l'humanité. 1 volume in-8°......................... 1$200
Jourdain (C.). Œuvres philosophiques et morales de Nicole. 1 volume in-12...................... 700
Labouchère (A.). Oberkamph. 1738-1815. 1 vol. in-12....... 500
Lamarre. Camões et les Lusiadas — Étude biographique, historique et littéraire. 1 vol. in-8°....... 1$600
Lambert (E.). Nouveaux éléments d'histoire naturelle — Zoologie. 1 vol. in-12...................... 500
Lambert (Ed.). Nouveau guide du geologue — Géologie générale de la France. Avec 76 figures intercalées dans le texte. 1 vol. in-12... 1$000
Avec la carte.................. 2$000
Lamartine (A. de). Shakspeare et son œuvre. 1 vol. in-8°...... 1$000
Laugel (A.). Les problèmes de la nature. 1 vol. in-12......... 500
Lavigne (E.). De la nature des choses. 1 vol. in-8°.......... 1$200
Ledru-Rollin. Discours politiques et écrits divers. 2 volumes in-8°...................... 2$400
Le-Fort (Léon). La chirurgie militaire et les sociétés de secours en France et à l'étranger. 1 volume in-8°........................ 2$000
Le-Hon (H.). L'homme fossile en Europe, son industrie, ses mœurs, ses œuvres d'art. 1 vol. in-8°..... 1$600
Lenormant (F.). La magie chez les Chaldéens et les origines accadiennes. 1 vol. in-8°............ 1$300
Leopardi (G.). Opuscules et pensées. 1 vol. in-12........... 500
Liard (L.). La science positive et la métaphysique. 1 vol. in-8°... 1$500
Liebig (Justus). Traité de chimie organique. 3 vol. in-8°....... 5$000
Lucrèce. De la nature des choses. 1 vol. in-8°............... 1$200

Magny (J.). Histoire d'un morceau de verre. 53 gravures. In-12.. 250
Marion (H.). De la solidarité morale. Essai de psychologie appliquée. 1 vol. in-8°.................. 1$000
Martin (E.). Histoire des monstres depuis l'antiquité jusqu'à nos jours. 1 vol. in-8°.................. 1$400
Maudsley. Physiologie de l'esprit. 1 vol. in-8° relié............. 2$200
Michelet (I.). Le Banquet — papiers intimes. 1 vol. in-8°......... 1$200
Mill (I. S.). Mes mémoires. Histoire de ma vie et de mes idées. 2me édition. 1 vol. in-8°................ 1$000
Moilin (T.). Médecine physiologique — maladies des voies respiratoires — maladies des fosses nasales, de la gorge, du larynx et de la poitrine. 1 vol. in-8°..................... 800
Morin (F.). Politique et philosophie. 1 vol. in-12................. 700
Mortier (L.). Le problème de la vie. 1 vol. in-8°................ 1$500
Naquet (A.). Précis de chimie légale — guide pour la recherche des poisons, l'examen des armes à feu, l'analyse des cendres, l'altération des ecritures, des monnaies, des alliages, des denrées et la détermination des taches dans les expertises chimico-légales. 18 figures dans le texte. 1 vol. in-12. 500
Naville (E.). Maine de Biran, sa vie et ses pensées. 1 vol. in-12... 700
Nisard (A.). Du libre retour à la foi par l'expérience. 1 vol. in-8°. 800
Ordinaire (D.). Dictionnaire de mythologie. 1 vol. in-12..... 600
Papillon (F.). Histoire d'un rayon de soleil. 64 gravures in-12... 250
Paris (Comte de). De la situation des ouvriers en Angleterre. 1 volume in-8°...................... 1$200
Pasteur. Examen critique d'un écrit posthume de Claude Bernard sur la fermentation. 1 vol in-8°..... 1$000
Pelletan. Nouvelles Heures de travail. 1 vol. in-8°............ 1$000
— Décadence de la monarchie française. 3me édition. 1 vol. in-8°... 1$000
— Elisée, voyage d'un homme à la recherche de lui même. 1 volume in-12........................ 700
Pérès (E. J.). Philosophie de l'humaine société ou Cœnologie. 1 vol. in-12...................... 1$000
Pillon (F.). L'année philosophique, études critiques sur le mouvement des idées générales dans les divers ordres de connaissances. 2me année. 1 vol. in-12...................... 1$000

Pisani (F.). Traité élémentaire de minéralogie. 184 figures dans le texte. 1 vol. in-12.................. 1$600

Poisle-Desgranges (I.). La philosophie du cœur ou la semaine anecdotique. 1 vol. in-12....... 500

Pouillet. Notions générales de physique et de météorologie. 1 vol. in-12........................ 1$200

Privat-Deschanel. Notions élémentaires de physique. 1 volume in-12........................ 1$000

Quinet (E.). Le livre de l'exilé (1851-1870) — Après l'exil, manifestes et discours (1871-1875). 2me édition. 1 vol. in-8o........................ 1$500

Rathier (C. E.). La consolation philosophique de Boèce. 1 volume in-12........................ 400

Renan (E.). La réforme intélectuelle et morale. 3me éd. 1 v. in-8o. 1$500

— L'antechrist. 1 vol. in-8o.... 1$500

— Lettre à un ami d'Allemagne. 1 vol. in-8o........................ 200

Rialle (G. de). La mythologie comparée, théorie du fétichisme, sorciers et sorcillerie, le fétichisme étudée sous ses divers aspects, etc. Tome 1er 1 vol. in-12 broché.......... 700
Relié........................ 900

Ribot (Th.). La psychologie anglaise contemporaine. École expérimentale. 1 vol. in-12.............. 700

— La psychologie allemande contemporaine. École expérimentale. 1 volume in-8o........................ 1$500

— La psychologie anglaise contemporaine. 2me édition. 1 vol. in-8o... 1$500

Richard (C.). Esquisse d'une philosophie synthésiste. — Critère du jugement. — Conception générale du monde. — Règle de conduite. 1 vol. in-12........................ 500

Ritter (E.). Manuel de chimie pratique, analytique, toxicologique, zoochimique à l'usage des étudiants en médecine et en pharmacie. 125 figures dans le texte et une planche représentant l'analyse spectrale du sang. 1 vol. in-12.................. 1$800

Romberg (H.). Recherches théoriques et pratiques sur les fusées pour projectiles creux. Description des fusées en usage, étude sur les fusées à double effet. 1 vol. in-8o..... 2$000

Rossi (D. C.). Le Darwinisme et les générations spontanées ou réponse aux réfutations de MM. Flourens, De Quatrefages, Léon Simon, Chauvet, etc. 1 vol. in-12.................. 500

Rothan (G.). Les origines de l[a] guerre de 1870. La politique françai[se] en 1866. 1 vol. in-8o....... 1$50[0]

Roujou (A.). Recherches sur le[s] races humaines de la France. 1 vol. in-8o........................ 50[0]

Saigey. Les sciences au xviiie siècle. La physique de Voltaire. 1 volume in-8o........................ 1$000

Salinis et Scorbiac. Précis de l'histoire de la philosophie. 3me édition. 1 vol. in-12................ 400

Sanson (André). Applications de la zootechnie. Cheval, âne, mulet, institutions hippiques. 1 vol. in-12. 700

Schopenhauer (A.). Aphorismes sur la sagesse dans la vie. 1 vol. in-8o........................ 1$000

Scott (Robert H.). — Cartes du temps et avertissements de tempêtes. 1 vol. in-8o.................. 900

Secchi (A.). Le soleil. 2me édition. 2 vol. in-8o................ 6$000

Shée (Le Comte d'Alton). Mes mémoires, 1840-1847. 2me partie. 1 vol. in-8o........................ 1$000

Sophie Germain. Œuvres philosophiques. 1 vol. in-12..... 800

Spencer (H.). Principes de biologie. 2 vol. in-8o................ 4$000

Strauss (D. F.). Essai d'histoire religieuse et mélanges littéraires. 1 vol. in-8o........................ 1$500

Sudre (A.). Histoire de la souveraineté ou tableau des institutions et des doctrines politiques comparées. L'antiquité. 1 vol. in-8o.......... 1$500

Taine (H.). Philosophie de l'art en Italie. 1 vol. in-12.......... 500

Tassy (Garcin de). — Science des religions — L'Islamisme d'après le Coran, l'enseignement doctrinal et la pratique. 3me édition. 1 volume in-8o........................ 1$500

Theil (N.). Dictionnaire de biographie, mythologie, geographie anciennes, accompagné de près de mille gravures d'après l'antique. 1 v. 2$000

Thiers. Discours parlamentaires publiés par Monsieur Calmon. 1re partie, 1830-1836. 3 vol. in-8o. Le vol. 1$500

Thierry (Amédée). Ste Jean Chrysostome et l'impératrice Eudoxie. La société chrétienne en Orient. 1 vol. in-8o........................ 1$600

Tiberghien (G.). Introduction à la philosophie et préparation à la métaphysique. Étude analytique sur les objets fondamentaux de la science. 2me édition. 1 vol. in-12......... 1$200

2.º ANNO 1880 N.º 11

BIBLIOGRAPHIA

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CONTINUAÇÃO

DO

EUSEBIO MACARIO

POETAS E RAÇAS FINAS

Um volume, edição de luxo, 800 reis

Desde muito que se achava annunciada esta obra, e que sua apparição era anciosamente esperada pelo publico interessado em haver novas provas para o julgamento do processo instaurado e da contenda levantada entre o snr. Camillo Castello Branco e uns tantos moços e insoffridos escriptores da actual geração litteraria do nosso paiz, a proposito do realismo no romance; mas só agora veio á luz em edição da *Livraria Internacional* do snr. Ernesto Chardron, sahida dos prelos do snr. Silva Teixeira. Como execução typographica nada deixa a desejar o elegante e formoso volume, e apresenta-se em condições de satisfazer ainda os mais exigentes e pechosos, confirmados assim mais uma vez os justos creditos adquiridos pelo snr. Silva Teixeira para o seu estabelecimento que indubitavelmente é um dos primeiros do paiz no seu genero.

Entrando agora na apreciação da obra pelo seu lado litterario, começaremos por dizer que mais uma vez prendeu n'ella nossa admiração o enorme talento e vasta erudição do snr. Camillo Castello Branco e seu incansavel lidar nas letras, a despeito dos annos, dos tormentos de inexoravel e pertinaz doença, das mil contrariedades da vida, cortada de fundos desgostos, e da guerra desleal, acrimoniosa e a mais das vezes inconsciente com que nos ultimos tempos o teem assetteado muitos dos deslumbrados, ou invejosos ou martyres de seu grande talento.

Divide-se este ultimo livro do snr. Camillo Castello Branco, como o de que elle é sequencia, em duas partes totalmente distinctas.

Na primeira vemos o sabio e labutante investigador, trazendo á luz do dia, quer em proveito e resolução de altas questões litterarias longamente debatidas, quer como esclarecimento de pontos historicos pouco ou erradamente conhecidos, os fructos colhidos, com improbo

trabalho, no enfadonho e pulverulento manusear de velhos manuscriptos e pesados in-folio, depois de joeirados pela mais prudente e severa critica. No primeiro caso estão os dous preciosos e luminosos estudos com que abre o livro, sobre Gil Vicente e Sá de Miranda; no segundo as duas narrativas, sob o titulo generico de RAÇAS FINAS, e os especiaes de PENA DE TALIÃO e TRAGEDIAS DA INDIA.

Esta primeira parte da obra, cujo valor litterario é dos mais subidos quilates, está toda escripta n'aquelle estylo castigado e primoroso e adequado e de molde sempre ao dizer e ao assumpto, em que o snr. Camillo Castello Branco não tem hoje rival entre nós, que ninguem como elle tem estudado a nossa rica e formosa lingua, assimilando-se todas as suas bellezas e fina flôr.

Na segunda parte da obra revela-se-nos um outro estylo, uma outra linguagem, um escriptor inteiramente distincto do da primeira, abrindo-se d'este modo profundo abysmo entre uma e outra.

É que **A Corja** é uma obra toda realista, ou antes ultra-realista, á guisa e sabor da moderna *escóla* litteraria que se alardeia com tal nome. É um novo *tour de force* como o fôra o **Eusebio Macario** de que ella é continuação, *tour de force,* porém, mais caracteristico e accentuado do que o fôra aquelle.

Accusado o snr. Camillo Castello Branco de romantico, e declarado incapaz de comprehender e mais ainda de executar os processos da escóla realista, considerados seus apódos contra ella e critica d'ella como testemunho de impotencia litteraria e cansaço d'imaginação, quiz mostrar o illustre escriptor que superior ás suas forças não seria e antes bem facil o escrever um romance com todos os *tics* mais preconisados do realismo, e lançou á circulação o seu **Eusebio Macario.** O acolhimento que este teve, bem mostrou que o snr. Camillo Castello Branco não confiára de mais em suas forças e que á altura estava ainda seu talento do ousado commettimento.

Como, porém, a intenção do snr. Camillo Castello Branco — (estaremos em equivoco?) — não era só o medir forças com os seus impertinentes detractores na estreita e circumscripta liça que estes lhe abriram á lucta, mas o fazer ao mesmo tempo o processo e a critica do genero e escóla realista, tal como em suas aberrações a preconisam alguns de seus corypheus, não se limitou a comprovar por modo indiscutivel sua aptidão para ella (aptidão tanto mais notavel quanto não filha de uma necessidade ou espontaneidade de seu espirito, mas de uma deliberação de sua vontade); mais longe foi, porém, tornando o **Eusebio Macario** uma verdadeira *charge* do genero.

Na **Corja** mais frisante ainda se torna esta, observando n'ella o snr. Camillo Castello Branco bem á risca o preceito do mestre — *Não se me dá da belleza nem da perfeição... Apenas me interessa a vida, a lucta, a febre...* [1] e por tal modo se houve e com tamanha propriedade se pautou pelos exemplos dados nas chamadas obras primas do realismo, das quaes umas das mais caracteristicas e applaudidas o ASSOMOIR e a NANA, que levou a exposição dos factos que constituem o entrecho da narrativa quasi até á completa nudez, na crueza dos termos e das situações, e até se *esqueceu,* para realisar um dos caracteristicos da escóla entre nós, das suas brilhantes qualidades de escriptor purista e vernaculo, semeando e pejando **A Corja,** com mão larga, de innumeros gallicismos.

Conseguiu, pois, completamente o snr. Camillo Castello Branco com **A Corja** os dous fins a que, quanto a nós, mirava, apresentando-nos n'ella um quadro fiel e exacto, como uma photographia, mas como uma photographia tambem sem cambiantes, môrno e material, de muitas scenas da vida burgueza do Porto; e ficará assim sendo **A Corja** uma obra excellente do genero, mas ao mesmo tempo mais uma condemnação d'elle.

RODRIGO VELLOSO.

---

1 Transcrevemos fielmente do escripto de Zola intitulado MES HAINES, a pag. 7 da edição de 1880: «Je hais les sots qui font les dédaigneux, les impuissants qui crient que notre art et notre littérature meurent de leur belle mort. Ce sont les cerveaux les plus vides, les cœurs les plus secs, les gens enterrés dans le passé, qui feuilletent avec mépris les œuvres vivantes et tout enfiévrées de notre âge, et les declarent nulles et étroites. Moi, je vois autrement. Je n'ai guere souci de beauté ni de perfection. Je me moque des grands siècles. Je n'ai souci que de vie, de lutte, de fièvre. Je suis á l'aise parmi notre génération. Il me semble que l'artiste ne peut souhaiter un autre milieu, un autre époque».

O novo romance de Camillo, apregoado pela fama ás turbas, acaba de pôr mais uma vez em evidencia a grande personalidade litteraria do author. O que diga respeito a este nome tão adulado e tão mettido a ridiculo, por muito tenue que seja, assume agora, n'este momento da sua vida de escriptor, umas proporções que chamam irreprimivelmente a curiosidade publica. O mais leve traço da sua physionomia apresenta hoje pontos de uma enorme attracção. Quem tem documentos a juntar ao processo? Quem tem datas? Quem tem anecdotas? Quem tem ditos a registrar d'este homem que é na actual circumstancia um personagem?

Eu.

Ha pouco mais d'um anno que travei relações com elle, em seguida a uma recommendação particular que me dispensára, sem eu lh'a pedir, sem ao menos o conhecer. Desde muito pequeno que o nome de Camillo, estampado na frente de uma multidão de livros, ia progressivamente occupando no meu espirito uma situação de elevadissima jerarchia. Seria elle um homem? Seria antes um Deus? Nenhum dos dous. Vendo-o apenas através dos seus escriptos, á distancia respeitosa que se guarda para com os entes incorporeos de qualquer mythologia, como que separado de mim por uma bruma religiosa, pouco me custára a crêl-o uma especie de semi-deus girando á flôr da terra por desfastio, e preenchendo para se divertir uma missão d'assombros.

Quando vi que tinha de o visitar, assaltou-me a principio uma grande curiosidade. Ia vêr o homem, ouvil-o, tocar-lhe... Era incrivel! Passado esse primeiro momento, salteou-me um terror ainda maior. Quasi cheguei a crêr que de o vêr ficaria cego, deslumbrado com o seu fulgor, que de o ouvir ficaria surdo, pois que um semi-deus não póde fallar senão como o trovão ribomba, — que de o tocar ficaria talvez reduzido a cinzas, em punição de uma irreverencia de tal lote. E o caso é que tremia como um vime ao transpôr a porta do hotel Bragança, onde Camillo se tinha ido hospedar.

A rua, o vestibulo do hotel, as casas fronteiras tinham o mesmo aspecto do costume, vagamente risonho á luz do sol que vinha sobre as paredes em raios obliquos d'inverno, dôces como uma esperança em phase de terrores. Admirou-me aquillo um pouco, inconscientemente. O porteiro tinha a mesma cara inexpressiva, o mesmo *bonnet* agaloado. Caminhava d'espanto em espanto. E tremi mais ainda, de notar aquellas banalidades diarias, que se me afiguravam extravagancias perante o que o meu espirito queria conceber: — o céo deveria listrar-se de fogos, no ambiente deveriam esvoaçar uns rumores formidaveis como vozes de genios alados, as frontes deveriam curvar-se reverentes, e ter a prega physionomica do maximo terror junto ao maximo respeito.

O criado foi entregar o meu cartão e levou comsigo os meus ultimos restos de coragem. Fiquei mergulhado em pensamentos caliginosos. Por um triz que não fugi. Mas retesei-me contra esse medo espantoso que me fincava as garras na garganta, e fiquei-me, temerario. Sentia-me engasgado, mas positivamente engasgado, e era isso que mais cuidado me dava. Não podia fallar, se quizesse. E lembrava-me a visita de Heine a Gœthe, um dia de primavera.

Heine tinha querido recuar no ultimo momento, como eu, sentindo a mesma pressão na garganta que o impedia de proferir uma palavra, a não ser que fosse para affirmar alguma imbecilidade. A reapparição do criado impediu-o de pôr em pratica o seu intento. Resolveu fechar os olhos e atirar-se de cabeça para baixo ao precipicio, depois de ter lançado por uma janella um olhar angustioso ao jardim do grande poeta, em que as cerejas provocavam a cubiça dos visitantes com a sua escura folhagem, espicaçada de enormes rubis crystallinos. Sentiu vagamente que o introduziam no gabinete de Gœthe, e que o seu nome, tambem já bastante glorioso, era annunciado pelo criado, ao mesmo tempo que franzia o reposteiro para o lado. Forcejou por fixar o espirito e os sentidos. Viu então no meio do aposento, em pé, o author do *Fausto,* sorrindo, e como que tomando com o seu corpo o gabinete todo, da mesma fórma que com o seu espirito tomava a Europa inteira. Perdeu completamente a cabeça em face d'essa personalidade grandiosa; e então, em semelhante conjunctura, percebendo que tinha de dizer alguma cousa, só lhe occorreu exclamar, com um grande tom d'importancia:

— Sim senhor, tem no seu quintal umas cerejas magnificas!

E Gœthe, assarapantado, com aquella phrase espantosa, exclamou não menos convicto:

— Não são más, não!

Eis o que eu temia que me succedesse.

*

Mas o homem formidavel que eu quasi esperava encontrar n'um grande salão escorrendo ouro e pedrarias, mergulhado n'um crepusculo mystico de santuario, despedindo raios da sua aureola, — veio ao meu encontro no patamar da escada, — n'essa escada banal cujo tapete desbotava sob os pés de centenares de hospedes, — e vi então destacar-se a sua figura no fundo luminoso da porta da sala de jantar, escancarada, em que desfilavam criados com pratos para o almoço, e sujeitos alquebrados, com barretes turcos na cabeça. Era um homem alto, muito magro, muito feio, e comtudo immensamente sympathico: — um typo de fidalgo, com os seus compridos bigodes grisalhos, que lhe davam ares de retrato de familia. Foi-me conduzindo para a sala, affectuoso, quasi paternal; e quando cheguei a sentar-me n'um dos antigos *fauteuils* de reps verde, achava-me conversando com um velho amigo.

N'estes ligeiros traços, a que me abstenho de juntar muitissimos outros, apanhados no decurso das relações que desde então tivemos, está o homem terrivel que escreveu as incriveis satyras do *Cancioneiro alegre,* o assanhado romancista que tomou a peito desacreditar o realismo indigena, com os seus ultimos romances em que a espaços esfuziam trechos dignos de admiração dos proprios escarnecidos, e em que domina sempre um elevado intuito de bom senso artistico. Está n'esses traços o author do *Eusebio Macario* e o author da *Corja,* — o livro mais recente de Camillo. E, todavia, a sua missão litteraria não acabou ainda: apenas vai em meio.

Gouveia, 24 — 12 — 80.

INNOMINATO.

(Do *Diario Illustrado*).

Fallemos agora do romance de Camillo Castello Branco. Conhecemos que é uma ousadia, uma temeridade da nossa parte fallar em tal, porque o grande mestre do romance é d'esses homens que deslumbram, é sempre o author de *Onde está a felicidade?* esse romance que marcou uma época na nossa litteratura, do *Amor de perdição* e de tantas perolas de fino quilate que ainda hoje e sempre hão-de attestar o seu assombroso talento.

Já dissemos algures que Camillo Castello Branco occupa na nossa litteratura romantica o mesmo lugar que Herculano na historia e Garrett na poesia. É uma verdade incontestavel que só a negarão os malevolos e os invejosos.

Não nos alargaremos portanto em elogios que se tornariam banaes á força de querermos ser encomiasticos.

Mais émulo de Balzac que de Emilio Zola, apesar do desbragado da phrase e da nova maneira que adoptou o nosso grande romancista no seu livro a *Corja,* pinta e analysa os usos e os ridiculos da nossa sociedade, se é que não satyrisa os ridiculos de uma escóla que para ahi estadeia revolvendo-se em umas podridões sem nome.

Seja, porém, como fôr, depois do *Eusebio Macario,* a *Corja* é o grande successo do dia, como se diz em giria afrancezada, e Ernesto Chardron, o editor que a lançou á luz da publicidade, deve estar satisfeito com ella, porque veio affirmar os seus creditos de editor primoroso e arrojado de um modo que surprehende.

(Da *Voz do Povo*).

O principe dos editores portuguezes acaba de editorar um novo e primoroso livro de Camillo Castello Branco — talento enorme que, apesar da enfermidade que o opprime, nos deslumbra frequentes vezes com os raios de sua penna de ouro.

A *Corja* é continuação do *Eusebio Macario,* o guante feito de ironias que o eminente escriptor arremessou aos pés dos idolatras de Eça de Queiroz. É um livro admiravel, soberbamente escripto, espantosamente vernaculo, ápart e uns senões humidos de gordura franceza, que Camillo muito de proposito escreveu para que a semelhança com os modernos realistas fosse mais cabal e mais profunda. A *Corja* promette novas e robustas vergonteas: o nosso primeiro escriptor pretende immortalisar a familia dos Macarios, do mesmo modo que Zola — o grande realista — vai guindando tambem aos paramos da immortalidade os *Rougon Macquart.*

Ha na *Corja* episodios descriptos com tanta graça, que fariam rir perdidamente o mais notavel misanthropo. O caracter da Paschoela parece descripto por quem viveu longos annos entre a sociedade americana, comendo bananas e piscando os olhos á mocamba que sorri, re-

frescando-nos o rosto suavemente com um leque de pennas de arara, e entremostrando-nos o seio negro, luzidio e tumido.

Dialogos, monologos e descripções são de uma verdade assombrosa, de um realismo á Courbet. Ás vezes o quadro apresenta-se-nos talvez um tanto impudico e nú como a Nana de Zola: vê-se perfeitamente, erma de adornos, a perna tentadora da brazileira, o seio arquejante da baroneza e a furia lasciva do Fistula; e sente-se, a distancia, como que fóra do plano principal, o conego Justino abrindo as ostras e acariciando os camarões que deve, como festim final, comer com a Felicia — a sua grande e séria paixão.

Tudo isto, embora envolto em roupagens de cassa, é divina photographia da época ou do meio em que ri, come, bebe e dança a *Corja;* e tudo isto nos parece um pouco mais digno e moralisador que certos lyrismos podres, que diariamente nos offerecem uns taes, que mostram nas grandes olheiras as luctas nocturnas.

Precedem a *Corja* alguns estudos historicos, dignos de meditação pela novidade. D'elles fallaremos um pouco mais detidamente, bem como da *Corja,* que demanda mais reflexão e mais cuidado da parte da critica.

Ah! que nunca nos enganamos: a India não foi theatro de heroes: foi campo de piratas e ladrões.

C. V.

(Do *Amigo do Povo*).

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Tomo I, bella edição da Imprensa Nacional de Lisboa, 600 paginas in-8.º grande, com o retrato de Garrett — 1$500 reis

---

O dia 9 de dezembro, anniversario da morte de Garrett, foi este anno solemnemente commemorado com a publicação d'um livro notavel, destinado a perpetuar os dados biographicos d'esse poeta, que já agora será immortal, em quanto houver quem leia o *Camões*, a *Dona Branca*, a *Adosinda*, o *Alfageme de Santarem*, o *Fr. Luiz de Sousa* e as *Viagens na minha terra*.

Gomes de Amorim acaba de pagar generosamente a sua divida de piedosa gratidão para com o seu grande mestre e seu amigo. Ha trinta annos que o sympathico poeta dos *Cantos matutinos* anda explorando a mina, mas depois de tanto tempo pacientemente gasto, depois de tantas investigações, elle póde estar satisfeito de haver apresentado ao publico uma obra que é um modêlo no seu genero e que é de certo unica na nossa litteratura.

Por em quanto acha-se apenas publicado o primeiro tomo, um formoso volume de seiscentas paginas de 8.º grande. A grandeza do livro assusta, mas quem principia a lêl-o, não o deixa sem haver saciado a curiosidade e devorado as ultimas paginas. É que a vida de Garrett, essa esplendida personalidade artistica, não só nos attrahe pelo que ella em si tem de interessante, mas tambem pela maneira como estão escriptos e dispostos os variados episodios que a compõem. Gomes de Amorim soube encontrar o estylo, a fórma verdadeiramente adequada ao assumpto. Além d'isso, uma circumstancia importante concorre para que o livro nos chame continuamente a attenção. É que a mocidade de Garrett, essa mocidade cheia de poesia e d'amor, cheia de patriotismo e liberdade, passa-se n'um periodo agitadissimo, em que as revoluções se succedem dia a dia, em que a sociedade portugueza soffre continuos abalos e alterações, reconstruindo-se inteiramente sobre os alicerces das novas instituições constitucionaes.

Apesar da extrema dedicação que o snr. Gomes de Amorim professa pela memoria do mavioso cantor da *Saudade*, não se pense que elle é um panegyrista constante como Jacintho Freire, que só descreve os deslumbramentos do heroe, para deixar na sombra os defeitos do seu protogonista. Não: Gomes de Amorim tem por ideal do seu trabalho a imparcialidade e a justiça. Sujeita-se aos factos e interpreta-os segundo esses principios e nunca sujeita os factos aos caprichos da sua phantasia. A verdade primeiro que tudo — e este desejo constante de ser verdadeiro é que nos encanta e nos faz prezar o livro como um trabalho serio, digno da maior confiança. Garrett era merecedor d'este monumento, e é pena que os grandes escriptores da nossa litteratura não tivessem encontrado um Plutarcho que os houvesse minuciosa e fielmente reproduzido d'esta maneira.

Felicitando o snr. Amorim, confiamos que o 2.º volume não desmerecerá de modo nenhum do 1.º, e esperamos anciosos que as *Memorias* se completem quanto antes. É com obras d'estas que se enriquece a nossa litteratura.

(Do *Diario Popular*).

EDIÇÕES DA LIVRARIA CHARDRON

Theoria das Provas e sua applicação aos actos civis, por Francisco Augusto das Neves e Castro, juiz de direito de primeira instancia. 1 grosso volume, 1$500 reis.

No decurso d'este anno publicou-se um livro utilissimo a todos os respeitos para os que teem que dirigir os processos judiciaes, procural-os e administrar justiça.

Esse livro é a *Theoria das Provas e sua applicação aos actos civis.*

O seu author é um distincto juiz de direito de primeira instancia, o snr. Francisco Augusto das Neves e Castro, que já em tempo começára identico trabalho, que suspendeu, para esperar pela já então annunciada reforma da legislação civil e do processo.

Trabalho completo lhe sahiu agora e de molde a captivar a attenção de todos os estudiosos, tanto mais que são raros os serviços prestados ao paiz por esta fórma pelos nossos jurisconsultos e com especialidade pelos que exercem o brilhante officio de julgar, que absorve toda a attenção e todas as forças.

É pois mister para um juiz se dar a trabalho tal como a *Theoria das Provas,* mais do que talento notavel, é mister tambem uma vontade inquebrantavel e grande copia de conhecimentos, e tudo se manifesta exuberantemente no livro, que ha algum tempo lemos e que frequentemente temos consultado.

As notas frequentes em cada pagina não só dão idéa dos vastos conhecimentos do author do livro, mas são uma fonte exuberante, onde o estudioso póde encontrar a noticia dos authores e obras, que mais proficientemente tenham tratado dos diversos assumptos.

É para folgar, vêr que ainda alguem procura illustrar o seu nome em assumptos juridicos n'uma esphera menos circumscripta de que os autos, que em pouco desapparecem da lembrança de todos no limbo dos *emmassados* e nos archivos.

Folgamos pois de registar mais uma vez o nome do estudioso juiz o snr. Francisco Augusto das Neves e Castro, sendo de esperar, que não afrouxe no seu zelo pelo interesse publico, que tambem dá a transmissão tão util dos conhecimentos, que se vão adquirindo por vigilias continuadas sobre os livros, que nem todos podem lêr.

(Do *Diario Popular*).

Ancora de salvação, ou copiosos e efficazes meios de cada um se salvar, pelo Padre Mach e outros mestres da vida espiritual. 1 grosso volume cartonado, 600 reis.

O incansavel editor o snr. Ernesto Chardron acaba de fazer a segunda edição do seguinte interessante livro — *Ancora de salvação, ou copiosos e efficazes meios para cada um se salvar, do padre Mach e outros mestres da vida espiritual, Santo Affonso, S. Leonardo Porto Mauricio, Quadrupani, Granada e Affonso Rodrigues. Enriquecida de exercicios de piedade, praticas e orações indulgenciadas, pelo padre Manoel Ferreira Marnoco e Sousa, com approvação de s. exc.ª rev.ma o snr. arcebispo primaz.*

Um noticiador d'este livro diz ácerca do que elle contém o seguinte:

«As visitas ao SS. Sacramento e á Santissima Virgem, para cada um dos dias da semana, são compostas de orações igualmente indulgenciadas. Seria mister reproduzir aqui o indice d'este excellente livrinho se tentassemos dizer qual a sua vantagem e superioridade a muitos outros, por encerrar, em tão pequeno volume, e d'um modo tão proprio e accommodado, um thesouro de indulgencias.

«Tudo quanto possa desejar a devoção e piedade, tudo aqui se encontra: exercicios christãos para de manhã e á noite; breves mas importantes instrucções para as differentes circumstancias

da vida; missa; confissão; exames de consciencia, tanto particulares como geraes; communhão; devoções diversas ao Coração de Jesus; ao Sangue de Jesus Christo; ás Chagas de Jesus Christo; ao SS. Nome de Jesus; a Jesus Menino; a Jesus Crucificado; — a Maria Santissima; Immaculada Conceição; Coração de Maria; Rosario; Dôres, etc. etc. — e para a maior parte d'estas devoções, orações, supplicas, invocações, jaculatorias, rezas indulgenciadas. É de notar tambem que a *Ancora* traz meditações para todos os dias d'um mez inteiro, colhidas nas preciosissimas obras espirituaes de S. Leonardo Porto-Mauricio».

(Do *Conimbricense*).

Ensaios do pulpito, pelo padre A. DE G. Nova edição corrigida e muito acrescentada. 1 grosso volume, 1$500 reis.

A obra **Ensaios do pulpito** é digna de lêr-se pelo elevado e primoroso estylo em que está escripta, assim como porque n'ella se acha a condemnação d'algumas idéas subversivas e anti-religiosas, que são hoje a grande questão da actualidade, e por tanto é digna de lêr-se; e para prova do que dizemos e por vir muito a proposito, pedimos venia ao exc.^{mo} e rev.^{mo} author para transcrevermos um trecho ácerca das Ordens religiosas.

(Segue o trecho referido).

(Da *Semana Religiosa*).

Os mais brilhantes trabalhos do pulpito portuguez moderno, reunidos em volume com o titulo da nossa noticia, e cujo author modestamente se acoberta sob as duas iniciaes — A. de G.

Mas para os grandes talentos, para os grandes genios não ha iniciaes, não ha pseudonymos que sirvam.

Não cabem n'esse espaço pequeno, acanhado, e manifestam-se em todo o seu esplendor, em toda a sua grandeza.

É por isso que, ao lêr-se o livro que ora nos occupa, essas duas iniciaes são interpretadas, e substituidas por um nome sympathico, um nome que attrahe — dr. Ayres de Gouvêa.

Um nome que nos dispensa uma critica, porque synthetisa elle uma serie ininterrupta de verdadeiros triumphos.

Pois como havemos de chamar ás victorias que Ayres de Gouvêa levava sobre tantos espiritos descrentes que o escutavam?

E era uma boa victoria.

O nome de Ayres de Gouvêa acarretava ao templo individuos que não se lembravam já de ter lá ido, e fazia mais, convencia-os.

Estamos ainda bem lembrados.

Annunciou-se para um domingo um sermão de Ayres de Gouvêa em S. João de Almedina.

O templo regorgitava de ouvintes que em ondas trasbordavam até aos corredores, e Ayres de Gouvêa na sua palavra eloquente, magistralmente cinzelada, começou investindo contra o jogo de um modo tão brilhante, de uma maneira tão convincente, apresentando os seus resultados com umas côres tão negras mas tão verdadeiras, que estamos inteiramente convencidos, de que pessoa que o escutou, não tornou a jogar, ou deixou de jogar alguns dias; tal é o poder da palavra de Ayres de Gouvêa. Um verdadeiro artista da palavra.

Os seus discursos na fria e muda linguagem da imprensa valem muito, mas que valor teem elles recitados por Ayres de Gouvêa, cada gesto do qual tem mais significação do que umas poucas de orações, e cada attitude mais poderio do que periodos inteiros?

No entanto Ayres de Gouvêa está ha que tempos para ser confirmado bispo do Algarve, e... ainda o não foi.

Não admira. Se fosse uma nullidade chã e rasteira talvez já de ha muito o tivesse sido.

É a Ernesto Chardron que devemos a segunda edição d'este bom livro, de que nos acaba de ser offerecido um exemplar que agradecemos.

(Do *Tribuno Popular*).

A Corja, continuação do *Eusebio Macario,* romance realista por CAMILLO CASTELLO BRANCO. 1 volume, edição de luxo, 800 reis.

A Corja. Continuação do *Eusebio Macario,* pelo illustre romancista o snr. Camillo Castello Branco. Um elegante volume primorosamente impresso na excellente typographia do snr. A. J. da Silva Teixeira, do Porto. A edição d'esta ma-

gnifica obra pertence ao snr. Ernesto Chardron, infatigavel editor portuense.

(Da *Aurora do Lima*).

As mil e uma noites, contos arabes. Nova edição, illustrada com 131 gravuras e revista cuidadosamente sobre os melhores textos. 4 volumes, 2$400 reis.

As mil e uma noites. — Ernesto Chardron está fazendo uma nova edição d'este livro.

Quem ha que o não conheça? Até o vulgo, que tirou d'elle uma classificação que applica a tudo que se lhe conta que seja absurdo, ou que elle repute como tal.

No entanto esses contos arabes já fizeram as delicias dos nossos avós nas longas noites de inverno, e hão-de fazer as delicias de nossos filhos, porque em todos os tempos ha quem goste e se entretenha com o maravilhoso.

Acha-se já publicado o 1.º volume, que é ornado com numerosas gravuras.

(Do *Tribuno Popular*).

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

A CIVILISAÇÃO CATHOLICA

PUBLICAÇÃO MENSAL

REDIGIDA

PELO

DR. LUIZ MARIA DA SILVA RAMOS

SEGUNDO ANNO DE PUBLICAÇÃO

INDÍCE DOS ARTIGOS

Academia pontificia de Santo Thomaz d'Aquino — O anthropocentrismo perante a razão e a revelação — Bibliographia — Boa fé italianissima — Consultas — O dia 8 de dezembro de 1854 em Roma — O dinheiro de S. Pedro — Discurso de Mr. Freppel na camara franceza sobre a gratuidade do ensino de instrucção primaria — Discurso de Leão XIII — Discurso monumental — Discurso notavel — Discurso pelo cardeal Alimonda — Discurso proferido pelo padre Augusto Eduardo Nunes na Academia de Santo Thomaz d'Aquino, que se celebrou no seminario de Coimbra a 2 de maio de 1880 — O Doutor Eximio considerado como philosopho, theologo e jurisconsulto — A encyclica e a sciencia — Encyclica do nosso santissimo padre Leão XIII — Estudos de philosophia escolastica — Expulsão dos jesuitas — Festa religiosa e litteraria em honra de Santo Thomaz d'Aquino no seminario episcopal de Coimbra — A franc-maçonaria — Harmonia entre a razão e a fé — Historia interessante do *bathybius hæckelii* — A Immaculada Conceição de Maria — Do inferno ao paraiso — Da inhumação e da cremação dos cadaveres — Introducção. *A Civilisação Catholica* — Os jesuitas em França — Jurisprudencia canonica — Leão XIII, defensor da liberdade e da sciencia — A liberdade do Papa e a Italia — Mais um triumpho para a Immaculada Conceição — O ministro do matrimonio — Noticias scientificas — Problemas sociaes — Problemas theologicos-philosophicos — Refutação do indifferentismo religioso — A religião e a moral, a theologia e o direito — Resposta a um jornal nihilista portuguez a proposito da tomada da Bastilha — Segunda carta social-religiosa ao redactor principal da *Civilisação Catholica* — Solemnidade religiosa em Coimbra em honra de Santo Thomaz d'Aquino — Um talento perdido — Santo Thomaz d'Aquino — Viva a Companhia de Jesus!

Á venda o 1.º e 2.º annos — Por anno... 1$600 reis

ERNESTO CHARDRON, EDITOR

O AGRICULTOR
DO NORTE DE PORTUGAL

JORNAL ILLUSTRADO DE AGRICULTURA PRATICA DEDICADO ÁS PROVINCIAS DO NORTE E PUBLICADO SOB A DIRECÇÃO E AUSPICIOS DO CONSELHO DE AGRICULTURA DO DISTRICTO DO PORTO

TERCEIRO ANNO DE PUBLICAÇÃO

Assignatura por anno..... 3$000 reis

INDICE DOS ARTIGOS

Acacia melanoxylon — Dissolvente para o acido salicylico — Adubos da terra — Adube para roseiras — Preparação do algodão para substituir a lã e o linho — Dosagem do ammoniaco nos vegetaes — Acerca da anthracnose — Os 50 aphorismos de Liebig — Arados e charruas de subsólo — A arborisação como meio de modificar o clima — O ariete hydraulico de Gould aperfeiçoado — Arvores recommendaveis — Assucar de sorgo saccharino — Exposição d'aves em 1879 — Depuração dos azeites pelo processo Allaire — Beterraba — Influencia da luz sobre as beterrabas — Beterrabas cultivadas com o milho — Calendario do agricultor para todos os mezes do anno — Acerca da não recidiva do carbunculo — Sobre a etiologia do carbunculo — Acerca da catalpa speciosa — A electricidade applicada a domar cavallos — Utilisação das charnecas em França — O cholera das gallinhas — Regulamento e programma do congresso viticola do Porto — Actas das sessões do congresso viticola do Porto — Congresso viticola de Clermond Ferrand — Congresso internacional de viticultura em Lyão — Congresso internacional phylloxerico de Saragoça — Cultura do tabaco no paiz do Douro — Influencia do clima secco e quente sobre as culturas annuaes em Portugal — Discurso inaugural — Ensaios experimentaes sobre a relação da radiacção do trigo com a sua producção — Ensilagem do milho e feno outoniço feita juntamente — Esgana dos porcos — Esmagador e triturador dos grãos forraginosos — Relatorio da commissão de estudo e tratamento das vinhas do Douro — Acerca do eucalyptus — Eucalyptus amygdalina — Mais uma propriedade do eucalyptus globulos — Exposição do Palacio de Crystal em 1880 — Exposição de liquidos fermentados em Santarem — Fenação artificial — Noticia ácerca da introducção em Portugal do systema das fontanilhas — Modo de conhecer a fushina nos vinhos — Gadanheiras americanas para relva — O consumo do gado na America — Nova raça de gallinhas — Emprego do gêsso na agricultura — Groselheiras — A hera como forragem — Excerptos de hyppologia — Novo insecticida — Insecticida economico — Laranjeiras — Conservação do leite e manteiga — Influencia da luz electrica sobre a vegetação — Principio activo do malt — Importancia do fabrico da manteiga na Dinamarca — Acerca do fabrico da manteiga — Desinfecção das materias fecaes — A cultura do milho para verde e a sua conservação — Novo processo para a separação das partes gordas e farinaceas do milho — A ensilagem do milho em Courquetaine — Mormo nos cavallos e no homem — Modo de reproduzir as oliveiras — Ouriço cacheiro — Os pantanos. Hygiene rural — Modo de afugentar os passaros e insectos — O cogumello das folhas disformadas do pecegueiro — Lei contra os estragos da phylloxera de 1880 — Lei contra o phylloxera de 24 de novembro de 1880 — Acerca da phylloxera — O phylloxera e o sulfureto de carbonio — Plantas cryptogamicas de forragens e cereaes — Variedades novas d'algumas plantas de grande cultura — Inconvenientes da cultura dos platanos — Poda vertical da videira — Serrote para podar ou limpar as arvores — Pombos correios — Os prados pelo methodo de Goetz — Um problema agricola, resolvido vantajosamente pela chimica, applicada á agricultura — Questão agricola — Regadores aperfeiçoados — Sementeiras de saladas — Sangria da primavera nos animaes domesticos — O sarraceno como insecticida — Meio pratico de reconhecer a força germinativa das sementes — Relatorio ácerca da molestia do sirgo — Soja hispida — Receitas para tornar impermeaveis as solas do calçado — Cocção ou cozedura das substancias alimentares — Conservação dos tomates — Tosquia dos solipedes e suas vantagens — Utilisação das urinas frescas — Machina para a extracção da casca da urtiga branca — Conservação dos cachos d'uvas — Vaccas e lacticinios no estrangeiro — Extincção das vespas — Vinagre de bagaço d'uvas — A vinha asiatica e o phylloxera — Instrucções sobre a sementeira das vinhas americanas — A reproducção da vinha — Como proteger as vinhas baixas contra as geadas da primavera — As vinhas phylloxeradas do Ermitage — Trasfega dos vinhos.

Á venda o 1.º, 2.º e 3.º annos

Por anno.................. 3$000 reis

Livros uteis e instructivos

GASPAR PAÚL

Codigo Civil Portuguez, approvado por carta de lei de 1 de julho de 1867, **annotado**, com referencias, em seguida a cada artigo, aos artigos do mesmo Codigo, aos do Codigo do processo civil, aos da lei hypothecaria do 1.º de julho de 1863 e aos publicados na *Revista de legislação e jurisprudencia* e no *Direito*, com um **Appendice** ao mesmo Codigo contendo a legislação vigente e correlativa, o regulamento do registro predial e legislação respectiva, etc. etc. 1 vol............ 1$600

Manual do recorrente em causas civeis, ou deducção systematica das disposições do Codigo do processo civil, attinentes aos embargos, ás sentenças e accordãos, ás appellações, aos aggravos, ás cartas testemunhaveis, ás revistas e aos recursos á corôa, etc. 1 vol. 600

F. ANTONIO VEIGA

O Direito ao alcance de todos ou o *Advogado de si mesmo*. Diccionario de direito usual contendo as **noções praticas de direito** e modêlos e fórmulas d'alguns actos sobre materia **civil**, **commercial**, **administrativa**, **criminal**, **ecclesiastica** e do **processo**. 1 vol...... 2$000

Codigo do processo civil, fielmente copiado da publicação official, com um **Supplemento** contendo a organisação judicial em conformidade da reforma judiciaria e legislação posterior, etc. 2.ª edição. 1 vol. 700

NEVES E CASTRO

Theoria das Provas e sua applicação aos actos civis. 1 v. 1$500

DR. FR. DOMINGOS VIEIRA

Grande diccionario portuguez ou *Thesouro da lingua portugueza*. Com uma introducção de 248 paginas sobre a lingua e litteratura portugueza, pelo dr. **Theophilo Braga**, lente de litteratura no Curso superior de letras, e **F. Adolpho Coelho**, professor de linguistica no mesmo estabelecimento. Esta obra, verdadeiro monumento das letras patrias, contém, além de mais de **SEIS MIL** vocabulos recolhidos pela primeira vez, todas as palavras já colleccionadas nos mais aproveitaveis diccionarios da lingua. 5 grossos vol. in-folio................. 25$000

F. ADOLPHO COELHO

Questões da lingua portugueza — Metamorphismo — Consonantismo — Lexicon. 1 grosso vol. in-4.º grande............... 2$500

GIL VICENTE

Obras. Nova edição correcta e emendada por *J. V. Barreto Feio* e *J. G. Monteiro*. 3 vol.................................. 1$800

Dr. Guillaume

O medico de casa, systema de reconhecer qualquer molestia e indicação do melhor tratamento para a curar. 2 vol... 1$000

Julie Fertiault

A felicidade na familia; cartas d'uma mãi a sua filha. 1 vol... 500

Jacquinet

Quadros do mundo physico ou excursões através da sciencia. 1 vol. 500

Frederico Bastiat

Sophismas economicos. 1 vol... 600

Vilhena Barbosa

Estudos historicos e archeologicos. 2 vol... 1$200

E. M. Campagne

Diccionario de educação e ensino, util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos *professores*, aos *directores* e *directoras de collegios* e aos alumnos que se preparam para exames. 2 gr. vol... 6$000

D. Raphael Aylon

Manual de veterinaria pratica, dedicado aos lavradores, criadores e donos de gados. 1 gr. vol... 2$000

M. L.

Arte veterinaria ou tratado dos animaes domesticos, sua creação, propagação e conservação. 2 vol... 1$600

Diogo de Macedo

O phylloxera vastatrix ou a nova molestia das vinhas. 1 vol... 200

F. de Magalhães

Arte de descobrir as aguas em todas as qualidades de terreno sem auxilio de vedores. 1 vol... 120

Visconde d'Allen

O phylloxera, noticiario dos tratamentos e experiencias executadas em 1878-1879 na Quinta do Noval. 1 vol. 100

Candido de Figueiredo

A liberdade de industria nas suas relações com a politica. 1 vol... 200

Pinto Coelho

Os bancos em Portugal em 1875. 1 volume... 300

M. Saigey

Problemas d'arithmetica e exercicios de calculo sobre questões ordinarias da vida. 1 vol... 600

Soriano

Historia do cerco do Porto, precedida d'uma extensa noticia sobre as differentes phases politicas. 2 vol. 8$000

Adolpho Coelho

A questão do ensino. Conferencia publica. 1 vol... 200

Tito de Noronha

Ditos da freira (D. Joanna da Gama). 1 vol... 400

Curiosidades bibliographicas:

I. *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende. 1 vol... 200

II. *Ordenações do reino*, edições do seculo XVI. 1 vol... 200

A primeira edição dos Lusiadas, com quatro phototypias. 1 vol... 1$000

Francisco Lopes

Favores do céo a Portugal na acclamação d'el-rei D. João IV. 1 vol... 500

Emilio Castellar

Discursos parlamentares.

Discursos parlamentares dos principaes oradores portuguezes das constituintes de 1821. 3 vol... 1$800

Passos Manoel

Discursos parlamentares d'este notavel estadista, precedidos do seu retrato e biographia. 3 vol... 1$800

David de Castro

O prodigio nas salas, manual de prestidigitação, com 67 estampas. 1 vol. 600

D. Antonio da Costa

Tres mundos. 1 vol... 600

A. A. d'Almeida Pinto

Manual de medicina homœopathica para uso das familias. 1 vol. in-8.º 2$000

D. P. Forjaz Sampaio

Annotações ou synthese annotada ao Codigo commercial. 4 vol... 6$000

***

Encyclopedia do povo e das escólas, manual de todos os conhecimentos humanos, ornado com 283 gravuras em madeira. 1 vol... 2$000

LIVROS RELIGIOSOS — Grande variedade, cujo **catalogo especial** é distribuido *gratis*.

BIBLIOGRAPHIA
PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A CORJA

CONTINUAÇÃO

DO

EUSEBIO MACARIO

POETAS E RAÇAS FINAS

Um volume, edição de luxo, 800 reis

Appareceu a annunciada **Corja**, romance do snr. Camillo Castello Branco em continuação do *Eusebio Macario*.

Ambos estes trabalhos litterarios tem por intuito confessado lançar sobre a escóla realista, de que é representante em Portugal o snr. Eça de Queiroz, todo o ridiculo e todo o descredito que as pessimas cousas e as pessimas acções merecem ás consciencias fortes.

É deploravel que o snr. Camillo Castello Branco, cujo talento litterario e cuja elevação artistica são de primeira ordem, se tenha n'este assumpto deixado obsecar pelas suas pequenas vaidades de seita, até ao ponto de ter do author do *Primo Bazilio* sómente esta estreita comprehensão: de que é apenas um romancista ridiculo.

Causa verdadeira lastima vêr um escriptor de raça, como o snr. Camillo Castello Branco, levado pelas preoccupações d'uma rivalidade mesquinha e hypothetica, collocar-se á frente de todos os ineptos e de todos os imbecis da baixa litteratura dos nossos noticiarios, para dirigir contra um escriptor nacional d'um singular talento e de uma elevada intuição artistica, uma cruzada lastimosa e menos de ridicula.

Mette dó vêr um gigante que fixou em livros immorredouros toda a comedia porgueza contemporanea, descer do seu alto pedestal de gloria para se entreter infantilmente a matar moscas, de parceria com os cretinos do nosso jornalismo barato.

Se não ha n'esta queda um phenomeno de regressão ou de estacionamento mental, que a psycho-physiologia moderna tenta já explicar em diversos exemplos, de que a historia da arte e do saber conserva o luto, ha, peor do que isso, uma ignobil exploração mercantil do mau gosto e da ignorancia do publico portuguez, exploração a que entendiamos que o animo fidalgo do snr. Camillo Castello Branco se não prestaria.

A Corja é, como romance, uma banalidade suja e como critica do realismo um esgare grotesco e lastimoso. O livro vale pela primeira parte — *Poetas e raças finas* — uma collecção de biographias litterarias e de estudos sobre historia patria feitos com talento e consciencia.

Até porém n'estes estudos o snr. Camillo Castello Branco revela o seu velho azedume rabugento e aggressivo contra os melhores talentos da moderna geração de escriptores portuguezes, e particularmente contra o snr. Theophilo Braga, a quem nega *toda a authoridade moral!*

É deploravel este desvairamento n'um tão fino espirito.

Que o snr. Theophilo Braga seja por vezes, em assumptos de critica historica, um pouco phantasioso e precipitado, que, como confessado positivista, esteja muitas vezes em contradicção com os principios fundamentaes da philosophia que diz professar, architectando theorias e assentando generalisações sobre factos que não authorisam scientificamente taes ampliações, concedemos e parece-nos até esta a opinião mais segura ácerca dos defeitos do snr. Theophilo Braga, defeitos que teem facil attenuante na immensa actividade productiva d'este escriptor, nas qualidades do seu temperamento nervoso e inquieto e na obscuridade que cerca muitos dos problemas da nossa historia litteraria, que elle heroicamente tem procurado resolver e aos quaes falta na sua maioria a elucidação de trabalhos anteriores; mas negar-lhe toda a authoridade moral, quer dizer, negar-lhe talento, estudo, reflexão, competencia emfim, não é fazer critica, é fazer bilis, e os livros não são receptaculo para taes productos do organismo.

ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO.

NOTA AO ARTIGO SUPRA DO SNR. ALEXANDRE DA CONCEIÇÃO

Uma prodigalidade de adjectivos bons e sonoros com que o snr. Alexandre da Conceição recheia alguns paragraphos do seu artigo critico, é um ardil rhetorico tão sediço quanto pouco engenhoso. Elle descamba abruptamente nas indelicadezas e nas inexactidões.

Assevera o critico que eu, no EUSEBIO MACARIO, tive por *intuito confessado* a pretensão de lançar o *ridiculo sobre a escóla realista*. O snr. Conceição de certo não póde citar phrase minha que o justifique.

Assevera que eu me deixei *obsecar* (queria talvez escrever *obcecar*) por pequenas vaidades de seita até ao ponto de ter do author do PRIMO BASILIO sómente esta estreita comprehensão: *de que é apenas um romancista ridiculo*. Não me conformo indifferentemente com esta aleivosia, porque admiro e releio os romances do snr. Eça de Queiroz.

No CANCIONEIRO ALEGRE, pag. 11, digo do PRIMO BAZILIO: «o romance mais doutrinal que ainda sahiu dos prelos portuguezes». *Doutrinal*, escrevi como synonymo de *moralisador*. Em minha consciencia entendo que se já houve livro que pudesse e devesse salvar uma mulher casada, na aresta do abysmo, é o PRIMO BAZILIO. O snr. Eça de Queiroz fez esse raro milagre, porque pintou o vicio repulsivo e nojento. As mesmas delicias do delicto emporcalhou-as, pondo as angustias parallelas com as torpezas.

No *Prefacio* da segunda edição do EUSEBIO MACARIO, escrevi: «Cumpre-me declarar que não intentei ridicularisar a escóla realista. Quando appareceram o CRIME DO PADRE AMARO e o PRIMO BAZILIO, e os romances de Teixeira de Queiroz, admirei-os e escrevi ingenuamente o testemunho da minha admiração.

Creio que hoje em dia novella escripta d'outro feitio não vinga».

Isto não me parece que seja, na affirmação leviana do snr. Conceição, considerar o snr. Eça de Queiroz *um romancista ridiculo*. Com inexactidões d'esta especie não é que o snr. Alexandre ha de fazer respeitavel a sua authoridade, n'uma idade em que a madureza dos annos já não lhe desculpa as verdes ligeirices.

Assevera que eu *negára ao snr. Theophilo Braga toda a authoridade moral*. Isto é falso. O que eu formulei no meu artigo *Gil Vicente*, fundamentando o asserto, foi que o snr. Theophilo Braga não tinha *authoridade historica*. Com inexactidões d'esta laia é que se perde a authoridade moral; com a errada comprehensão da historia apenas se arrisca a authoridade scientifica. A ignorancia é um predicado congenial e póde ser inoffensivo; a calumnia é uma arteirice violenta e nunca deixa de ser malevola.

O snr. Conceição diz que a CORJA é uma *banalidade*. Pois que outra cousa ha de ser a minha novella senão uma frioleira?

O meu romance não tem o desvanecimento de avantajar-se ás «banalidades» da sua especie. É com effeito uma bagatella risonha que não ha de augmentar o numero dos tolos; nem tão pouco estorvar que a luz do snr. Conceição penetre as camadas escuras que envolvem a ignorancia publica. Nem os futuros livros scientificos do sonoroso poeta snr. Conceição, nem os meus romances banaes hão de acrescer nem diminuir o numero dos parvos — a *incommensuravel maioria*, como diz o philosopho Schopenhauer. Acho de uma grande verdade aquillo de Voltaire: *Nous laisserons ce monde-ci aussi sot et aussi méchant que nous l'avons trouvé en y arrivant.*

Não só *banalidade*, diz o snr. Conceição do meu romance — mas *banalidade suja.*

Comprehende-se que as impudicicias da CORJA manchassem o pulchro arminho do snr. Conceição, demasiadamente pudendo e donzel em annos pouquissimo virginaes. Respeito o seu casto enôjo, e sinto muito haver-lh'o posto á prova do engulho. Isso é raro e é bonito n'um engenheiro, cuja verecundia, se tem explicação, deve ser a da sua cohabitação com a Natureza san, florestal, não gafada das podridões que verdejam nas minhas novellas. Eu não formava uma idéa tão crystallina da candura do snr. Conceição. Ha o que quer que seja n'este pudor anachronico, — uma intimidade organica, sympathica com o seu appellido um tanto mystico, de sacristia — da *Conceição.*

Dá-me vontade, depois d'esta sua aversão ao sujo, ao despeitorado, á deshonestidade, á CORJA, lembrar-lhe que se assigne *Alexandre da Conceição Immaculada.*

Parece deplorar-me; receia que o meu livro seja um *phenomeno de regressão ou estacionamento mental.* Outro sentimento bom como appendice ao pudor. Obrigado pela sua commiseração. Se estas linhas vão confirmar o seu ingrato diagnostico, ahi as tem.

S. Miguel de Seide, janeiro, 1881.

C. CASTELLO BRANCO.

---

*

O nosso grande romancista Camillo Castello Branco acaba de confirmar com um novo livro a sua estupenda fecundidade.

A **Corja** é a continuação e oxalá que a conclusão do **Eusebio Macario**, cuja voga extraordinaria, caso rarissimo no nosso mercado litterario, tem quasi esgotadas duas edições no breve lapso de alguns mezes.

A Historia social e moral de uma familia no tempo dos *Cabraes* parece estar destinada a ter entre os indigenas da occidental praia o mesmo *succès* que teve em França a *Femme de feu* de Belot.

D'onde se deprehende que o gosto publico dos nossos dias se compraz e deleita principalmente nas leituras aphrodisiacas.

Que lhe preste.

Como o **Eusebio Macario**, este novo volume comprehende duas partes verdadeiramente distinctas e tão dispares, tão antipathicas entre si que, só por uma preoccupação do author quiçá justificada por amarga experiencia, podemos explicar o facto de as vêr emparelhadas no mesmo tomo.

Não nos enganamos. O snr. Camillo Castello Branco é o proprio que confirma a nossa presupposição escrevendo no fim da primeira parte o seguinte:

«... Frouxa paciencia indagadora mui-
« to desculpavel pelo publico desamor
« desdenhoso com que em Portugal se en-
« caram de esconso livros inculcadores
« de vigilias e bolor de cousas antigas.
« Eu por mim ponho a trouxa dos estu-
« dos rancídos sobre as largas espádoas
« de **Eusebio Macario**, *a vêr*
« *se alguem se anima a lêr a historia* nas
« grandes intermittencias de insulsez que
« tornam tedioso o meu boticario».

E logo adiante:

«Os grandes cabouqueiros da penedia
« da historia patria acabaram com Ale-
« xandre Herculano. Os que mais convi-
« sinharam das suas lides eram uns me-
« ros curiosos, que faziam da sciencia
« historica uma diversão entre alegres
« jantares, palestras de camarins — a
« dôce vida que não se compadece com
« os azedumes de um trabalho nem *com-*
« *pensado nem glorioso*. Assim, tudo que
« se faz aqui no ventre das academias
« são fetos imperfeitissimos que deviam
« acabar na madre antes de sahirem á
« luz ao lado das elaborações primoro-
« sas, immorredouras dos Thierry, dos
« Macaulay, Niebuhr e A. Herculano».

N'este ultimo ponto permitta-nos o illustre genealogista de Sá de Miranda que discrepemos da sua opinião.

Em Portugal está-se sabendo muito mais que nos ominosos tempos d'aquelles fradepios que defendiam em Roma em pleno consistorio papal as suas conclusões *de omni re scibili et quibus dam aliis*.

Em Portugal está-se sabendo o diabo! Se isto continúa assim não tardará que succeda com a sabedoria o mesmo que com os habitos, as medalhas, as commendas e todas as mais pendurezas com que se distinguem os sujeitos sem distincção. Tenho fundadas razões para suppôr que não vem longe o dia em que, provada a inefficacia dos sabios, veremos os ignorantes investidos nos altos cargos da republica. A cousa leva bom caminho.

Como quer que seja, insisto na contradicta. A elaboração intellectiva em Portugal ao esvaecer d'este famoso anno de 1880 referve e irrompe de todos os lados como a lava de mil volcões. É uma febre, uma vertigem, um delirio, uma torrente que brame, despenhando-se em cachoeiras, que tudo alagam espadanando rolos de espuma e globulos iriados á semelhança das bolas de sabão que os meninos expellem com o halito de uns tubosinhos de cana. Em cada cerebro germinam arrobas de systemas, de theoremas, de problemas, de syntheses, de processos, de theogonias e theorias, de theses e de antitheses. *C'est épattant!*

Se o meu querido mestre e amigo tivesse a phantasia, que não lhe aconselho, de deixar a sua remançosa Seide e vir até Lisboa, veria com os seus olhos!

Aqui reina uma actividade que envergonharia a da velha Athenas. Começando na procissão do tricentenario, que tive o mau gosto de não vêr, até á festa dos estudantes de hontem, a que não tive a dita de assistir, não sabe um homem para onde se ha-de voltar. É uma série sem intercadencia de solemnisações, de commemorações, de prelecções, de associações, incluindo a dos jornalistas e escriptores, reunidos em fraternal convivio todas as noites, afim de assentarem na maneira de se digladiar mais ou menos acintemente todas as manhãs. O jornalismo está attingindo proporções descommunaes, e os jornalistas fervilham como as herpes das verdes podridões que elles explicam e encarecem.

Um jornal, o *Diario Civilisador*, se bem nos lembra, noticiava ha poucos dias que tinham deixado de fazer parte da sua redacção sete sujeitos. Sete de pancada!

E note vossa excellencia que a folha não soffreu interrupção. Que diabo são sete redactores n'um jornal! Se faltasse o moço da machina o caso era mais serio, mas sete redactores! Sete redactores! Sete redactores encontram-se ahi á primeira esquina, e o Diario em questão tinha setecentos, um partido completo de obras publicas...

Voltemos á **Corja**.

A parte historica, a parte séria e verdadeiramente attendivel do livro, comprehende primeiramente preciosos estudos sobre Gil Vicente e Sá de Miranda. Revelam um grande criterio historico, um grande trabalho de investigação, longo e fructuoso esmerilhar no pó dos archivos, copia abundantissima de dados interessantes e rectificações importantissimas.

A narrativa que se lhe segue e que tem por titulo **Raças finas** não destôa em valor historico das que nos legou o grande mestre para cuja estatua a remissa admiração nacional, apesar de eloquentemente invocada pelo *Diario de Noticias*, ameaça não ir além de oito contos e pico.

Seguem-se as **Tragedias da India**, que abrem margem a novos pontos de vista no systema colonial portuguez no seculo XVI, e encerram curiosas noticias ácerca de D. João de Castro, Garcia de Sá, Luiz Falcão, Manoel de Sousa de Sepulveda e outros tyrannos do imperio do Oriente.

E somos chegados á **Corja**.

A **Corja** é a Corja. Um sudario de patifarias, de escandalos, de sensualismos calçados á Luiz XV e de tamancos, um livro que produziria uma congestão de pudicicia no snr. conselheiro Viale e n'outros conselheiros menos orthodoxos, e que os leitores maridados ou não deverão ter o maior cuidado em não deixar por cima da secretária.

Eu tambem já tive uns pruridos de realismo negro e, paraphraseando o mesmo titulo, estive a pique de escrever a *A cambada*.

Não escrevi, faltou-me... o papel.

PEDRO DOS REIS.

(Do *Correio da Europa*).

O recente e esplendido livro de Camillo Castello Branco, — um primor de vernaculidade, de observação, de finissima graça e, a espaços, de profunda critica, — despertou as furias vingadoras dos pharmaceuticos. Um dos Macarios — o snr. Caetano Pinto — protestou no *Seculo* (numero programma) contra o attentado em dous volumes. De mais a mais em dous volumes! observa, com raiva de Fistula, o snr. Caetano Macario. Pina está d'accordo, pelos modos. Episodios novos para a familia dos *Moiras*, descoberta por Fialho d'Almeida nas ruinas do senso-commum, no Martinho.

Sobre os lombos do Eusebio Macario, um dos da **Corja**, pôz Camillo Castello Branco uma *parte historica*: investigações pacientes que hão-de ficar como documento de sisudo e meditado trabalho, fertil em ensinamento para os madraços e para os levianos d'hoje.

(Da *Revista do Norte*).

Publicou-se o annunciado livro de Camillo Castello Branco. O volume insere a par do romance realista, continuação do **Eusebio Macario**, — uma parte historica, de superior alcance, na qual a profunda critica e a vasta erudição do eminente escriptor, dado que não avoquem os indigenas para o estudo sério e consciencioso, ficarão como um protesto do mestre contra a madraceira e a leviandade da maioria dos contemporaneos.

A **Corja** é um primor de observação, de humorismo e de bom senso, no engaste da mais solida e brilhante vernaculidade. Não se diz em breves linhas o que importa dizer-se sobre o notabilissimo trabalho de Camillo. Diremos largamente.

(Do *Espectro da Granja*).

Acabamos de lêr o novo livro de Camillo Castello Branco, **A Corja**, continuação do **Eusebio Macario**, edição elegantissima da livraria de Ernesto Chardron.

É difficil, seja qual fôr o ponto de vista em que nos colloquemos, deduzir uma idéa clara e nitida ácerca do alvo a que mira e da subordinação intellectual a que obedece este trabalho, especialmente no que respeita á explanação da existencia escandalosa de uma familia de Macarios e congéneres.

Adoptaria o author definitivamente, mediante uma segunda orientação mental seguida de um processo novo, a phase litteraria e artistica que produz Zola e Courbet, Daudet e Eça de Queiroz?

Ou quererá simplesmente o poderoso estylista applicar a essa escóla cheia de preoccupações e de adjectivos vulneraveis, o remedio heroico que Juvenal applicou ás velhas saturnaes romanas?

Francamente, ignoramol-o.

Por vezes, vibra na phrase de Camillo a repercussão violenta d'esse grande riso fulminador e implacavel que contrahiu os labios grossos e escarnecedores de Rabelais.

A ironia transparece então claramente, fulgura com a scintillação aguda das espadas.

N'esses momentos, ou por outra n'essas paginas onde o estylo de Camillo accende os seus complexos e innumeros aspectos em uma coloração á Rubens, opulenta de tintas hilariantes e de gradações mordentes, afigura-se-nos que finalmente acertamos, que não nos resta no espirito a sombra de uma duvida, que é positivo e claro que o grande romancista entrou na escóla realista, exactamente como Pilatos no Credo, isto é, para crucifical-a, não deixando tambem, como o pretor deicida, de *lavar as suas mãos,* escrevendo um livro que, pelo menos apparentemente, o alista nas fileiras d'esse novo batalhão incruento.

A contextura, porém, o delineamento dos personagens e dos lances, colligidos logicamente em virtude de um estudo consciente e profundamente naturalista e especialmente os epilogos, absolutamente recortados no modêlo do romance moderno, sem nenhuma rubrica ou intenção subrepticia que nos authorise a suppol-os hostis á escóla nova, arranca-nos a convicção anteriormente formulada e despenha a nossa pobre critica desorientada no terreno vago das conjecturas.

Parece-nos que o grande romancista deve á critica portugueza, se acaso um escriptor de talento deve alguma cousa a essa personalidade abstracta, o que não ousariamos affirmar, a definição da sua nova *maneira* litteraria. Porque, sinceramente, se a critica em vez de ser uma creatura indolente e inutil, que vive systematicamente enclausurada e muda, como a lagarta no casulo, se resolvesse um bello dia a assumir as suas funcções investigadoras, hesitaria de certo em face dos ultimos livros do snr. Camillo, não sabendo se deveria admiral-os, com a profunda e luminosa analyse á Taine, como se faz diante de um formoso retrato de Van Dyck, ou se lhe cumpria desfechar as boas gargalhadas sonoras, que nos desperta o aspecto de uma caricatura de Cham!

Pondo de parte estas considèrações, que exigem mais amplo desenvolvimento e a que voltaremos talvez, o livro de Camillo Castello Branco é, como todas as concepções d'esse fecundo engenho, um primor de linguagem vernacula, irisada pelas pulverisações de um estylo brilhante.

A primeira parte consta de uma selecção de excavações historicas subordinadas a uma analyse de benedictino, paciente, erudita, minuciosa.

Qualquer d'esses estudos de que resaltam, em plena luz, varios pontos obscuros ou desnaturados das existencias de Gil Vicente, Sá de Miranda, D. Fernando de la Cueva, o conde do Prado, Garcia de Sá, Manoel de Sousa de Sepulveda e outros, fariam a reputação de um escriptor!

Si vous saviez combien l'on ne sait rien!

Esta phrase de Balzac a Leon Gozlan, que Camillo cita a pag. 25, poderá elle applical-a no decurso da sua gloriosa vida litteraria, a muitos pygmeus que teem sahido á estrada a morder-lhe o calcanhar, mas o que elle não poderá nunca é ouvil-a por maior que seja a vontade de atirar pedras ás boas arvores abundantemente fructeadas...

O romance propriamente dito, que pertence á secção **Sentimentalismo,** tem os decotes amplos das novellas zolaistas.

Não se descreve, porém, o humorismo ardente e vivo que preside ao desenho dos perfis grotescos do Fistula, Eusebio Macario, baroneza do Rabaçal, Paschoela, Felicia e outros!

A graça, profundamente comica, dos dialogos, a reproducção, assombrosa de verdade, de todos os vicios ignobeis que fervilham como um enxame verminoso, nas almas d'esses patifes, que o author sellou com o epitheto de **Corja.**

Hesitaremos em asseverar que a **Corja,** no que respeita á genealogia torpe dos Macarios, seja um bom livro, por isso que não applaudimos a exposição dos abortos moraes, mesmo conservados em alcool de espiritos acendrados, mas o que não duvidariamos affirmar, se acaso essa affirmativa não fosse uma banalidade á força de ser uma convicção, é que, relativamente á fórma, principal

objéctivo do artista, — o novo livro de Camillo é de certo um bello livro, admiravelmente trabalhado e proficientemente conduzido.

GUIOMAR TORREZÃO.

(Das *Ribaltas e Gambiarras*).

O ultimo livro de Camillo Castello Branco, que traz agitado o mundo litterario.

Não admira. Quando se possue um nome tão conhecido como o de Camillo, o trabalho litterario que elle firma não póde passar desapercebido dos arraiaes da critica, e muito menos quando vem ferir melindres de escóla.

E é exactamente isto o que se dá com o recente livro de Camillo.

A **Corja**, uma das partes do livro, é uma *charge* arremessada aos processos litterarios dos nossos escriptores naturalistas.

Faz rir a bom rir, os escandalos contam-se pelas paginas que são repassadas d'um realismo pôrco, emfim uma caricatura.

E é essa a missão do livro.

Não será talvez para invejar, mas é.

A litteratura teria por certo muito mais a ganhar se Camillo empregasse o seu talento em outra cousa que não fôra estar ao serviço de malquerenças, e inimizades que aquelle escriptor parece nutrir pelos sectarios da moderna escóla onde avultam tão elevados espiritos.

É por isso que não admirando nós Camillo no seu romance a **Corja**, sem comtudo deixar de reconhecel-o como manifestação de um bom talento, nós o admiramos na parte historica do livro, á parte tambem umas accusações baixas que Camillo envia a um incansavel trabalhador da geração moderna, a Theophilo Braga.

Não queremos com isto dizer que Theophilo Braga seja impeccavel, infallivel.

Não o é, assim como todos nós.

Tem alguns defeitos, e aos quaes se não serve de desculpa, attenua muito o trabalho constante do escriptor.

Não condemnamos Camillo por criticar Theophilo Braga, condemnamos a maneira por que o faz, deixando transparecer através das suas palavras a aversão por aquelle publicista, aversão que não foi capaz de encobrir quando escrevia.

De resto o trabalho historico de Camillo é valiosissimo.

Representa muito estudo, muita vigilia, e muita aptidão.

Desculpe-nos o illustre escriptor a nossa franqueza, que não significa de modo algum desconsideração pelo seu talento, que pelo contrario admiramos.

Assim como nos custa vêr o modo como alguns criticos avaliam o merito de Camillo, ainda que esses pouca importancia teem, da mesma maneira não podemos deixar sem reparo as palavras com que aquelle romancista brinda de vez em quando alguns dos nossos mais distinctos e talentosos escriptores.

(Do *Tribuno Popular*).

Ha muito que em Portugal não apparece livro de tão risonha leitura. Não ha ninguem de mediano gosto litterario que lendo a primeira pagina não prosiga até á ultima. As graças do estylo de Camillo Castello Branco, a sua riqueza grammatical, o fino espirito critico, até hoje não excedido, a trama habilmente urdida, a imitação *intencional* do realismo, fazem d'aquelle livro uma preciosidade litteraria que terá muitas edições em pouco tempo.

Isto desejamos ao editor que bem merece o conceito em que é tido pelo primor typographico das suas edições e pela sabia escolha que faz das obras que se propõe editar.

Escusado é declarar que nos referimos ao incansavel editor e nosso amigo o snr. Ernesto Chardron.

(Do *Districto de Vizeu*).

Fomos obsequiados pelo infatigavel editor o snr. Chardron com o primoroso livro **A Corja**, de Camillo Castello Branco.

Nas brilhantes paginas d'este livro vêse aquella linguagem vernacula e aquelle estylo rendilhado e inimitavel, que tanto caracterisa este notavel escriptor.

Camillo Castello Branco é o nosso primeiro romancista, indiscutivelmente; sabe profundamente os processos de Balzac, dos livros classicos soube extrahir para o nosso idioma essas phrases que

sôam aos ouvidos dos amadores da lingua portugueza como uma musica angelica. Nos livros de Camillo aprende-se muito.

Encontram-se n'elles grandes mananciaes para a historia e grandes ensinamentos.

(Da *Beira e Douro*).

N'este primoroso e festejado livro trata o author de fazer alguns reparos a dous artigos, escriptos em 1873 pelo snr. Theophilo Braga, em que este pretendeu que o poeta Gil Vicente tivesse sido o esculptor da celebre custodia dos frades Jeronymos.

Para prova dos seus *embargos*, como lhes chama, escreveu com muita erudição sobre a biographia de Gil Vicente. Este livro, nitidamente impresso, encerra muito merito, e é de crêr que a edição seja immmediatamente esgotada.

(Do *Commercio de Penafiel*).

O infatigavel editor Ernesto Chardron acaba de publicar este romance realista, devido á penna do abalisado escriptor Camillo Castello Branco.

Este romance é a continuação do **Eusebio Macario**; vem muito bem escripto e bem impresso; a capa é impressa a chromo-typographia. Custa 800 reis.

(Da *Aurora do Lis*).

GARRETT

MEMORIAS BIOGRAPHICAS

POR

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Tomo I, bella edição da Imprensa Nacional de Lisboa, 600 pag. in-8.º grande, com o retrato de Garrett — 1$500 reis

---

No paquete allemão *Rio*, que a 13 do corrente sahiu do Tejo, mandou emfim o snr. Gomes de Amorim para o Brazil o primeiro volume d'esta sua interessantissima obra.

Tendo tido, por obsequiosa condescendencia do author, occasião de lêr alguns dos mais interessantes capitulos do seu por tantas razões estimavel trabalho, então quando elle se preparava para o dar definitivamente á estampa; isto é, em fins do anno passado, occasião tivemos igualmente de noticiar-lhe nas columnas d'este jornal a que, n'essa conjunctura, julgavamos de facto proxima apparição.

O primeiro volume das *Memorias biographicas de Garrett* destinára-o o snr. Gomes de Amorim, com effeito, não a vir a lume quasi ao fenecer d'este anno, mas ao seu despontar. Os tristes motivos, porém, que em tantas occasiões no decurso de vinte annos tão cruelmente se conspiraram para entorpecer ao author o percurso de seus laboriosos trabalhos, as suas crueis enfermidades que uma boa parte do anno e ainda agora o teem valetudinaria victima de seus rigores, ainda d'esta vez conseguiram protrahir, se bem que por poucos, longos mezes, de certo, o por elle tão desejado advento de uma das suas mais puras e tambem mais legitimas satisfações. Porque, emfim bem pura e bem legitima satisfação devia de ser, com effeito, para esse heroico trabalhador, cujas fibras já só quasi anima o calor da luz que se irradia de uma sepultura, o vêr finalmente a ponto de ser entregue á publicidade o claro e desassombrado testemunho de uma gratidão que tal monumento teve poder de levantar á memoria de quem soube suscital-a! Bem puro e bem legitimo regosijo, cujos fundamentos não honram sómente os dous homens que lhes foram causa, senão que honram tambem a patria que teve a boa fortuna de a ambos os ter por filhos!

Esse respeito de discipulo reconhecido, esse amor de amigo dedicadissimo era pois mister que triumphassem de quantos obstaculos ao valor e á constancia do infatigavel operario tantas vezes haviam opposto já os repetidos assaltos de molestias pertinazes, já as incansaveis e quantas vezes esmagadoras decepções! O dôce fructo de tão nobre commettimento, a corôa de tão singular esforço não eram bem que se perdesse, de tantos annos decorridos a preparal-o, de tantas consumidas fadigas para alcançal-o, de tantos e tão profundos desgostos que já lhe centuplicam o preço!

Por isso, sopitado o mais cruel d'este ultimo ataque, foi logo o restante tempo empregado pelo corajoso escriptor nos trabalhos não menos fastidiosos, não menos desoladores da impressão do seu livro. E tal foi a sua actividade, e os seus desvelos taes, que pôde emfim o author das *Memorias biographicas de Garrett* dar a publico o primeiro volume d'ellas no proximo passado dia nove de dezembro. *Nove de dezembro!* Dia para todo o sempre lutuoso para as letras patrias; anniversario da morte d'esse que ao cantar Camões, o seu livro immortal, seus amores, suas desventuras, seu descaroavel fim se elevava igualmente á mesma sublime esphera por onde demorará para

todo o sempre na immortalidade o desditoso cantor das glorias portuguezas!

O livro do snr. Gomes de Amorim ahi foi pois já agora a correr seu destino. O que elle é, o que elle vale; o que seja e a que venha a obra que o constitue já nós o dissemos no artigo a que acima nos referimos, n'este mesmo lugar publicado por favor igual ao que agora nos consente este obscuro desafogo.

Algumas asserções nossas, d'esses artigos constantes, obrigadas pela bem involuntaria demora na apparição da obra, a esperar pacientes do conceito publico ou o seu inteiro descredito ou a sua confirmação, hão-de ter, esperamol-o, no sentir de quem percorrer as paginas que compõem o livro, cabal justificação.

Esta esperança, porém, cumpre declaral-o, não se inspira de modo algum nas suggestões de uma vaidade sempre má conselheira, e muito peor mentora; — esta esperança busca profundar raizes na propria racionalidade com que entendemos haver todo o plano da obra sido concebido.

Se, porém, para julgar o livro não basta — e não basta de certo — o vêr e sentir d'um espirito que n'isto, como em tudo o mais, nada pesa, nada vale; nada póde por conseguinte decidir, que os leitores das *Memorias biographicas de Garrett* tenham ao menos presente, para as julgar, o que nós lembramos no fecho do nosso artigo de novembro do anno passado haver Macaulay escripto, tratando da vida de lord Byron, que a penna de Moore, seu compatriota e seu particular amigo, tão bem soube descrever:

« Esta obra, dizia Macaulay, esta obra « foi evidentemente escripta não com o « intento de mostrar o que, de resto, ella « demonstra á saciedade; — quanto o « seu author é capaz de escrever bem « mas antes com o proposito de reivindi- « car, tanto quanto a verdade o permit- « te, a memoria do homem celebre que « já não póde reivindicar-se a si proprio! »

Isto mesmo o temos igualmente por muito certo ácerca do livro do snr. Gomes de Amorim. O que o author dos *Ensaios* dizia com a mais perfeita justiça do author da vida do moderno bardo inglez, ha-de qualquer que leia sem paixão, nem antecipado espirito as *Memorias biographicas de Garrett* repetil-o com toda a certeza com relação ao respeitavel biographo portuguez. Na sua homenagem á memoria do homem illustre que lhe « serviu de pai e de mestre », como elle proprio o diz, nenhuma asserção adianta, com effeito, o author que não possa confirmal-a com documentos ou com factos da historia publica. Nenhuma apreciação n'esse livro se encontra igualmente dos successos ou dos tempos que foram variada moldura á vida do seu illustre biographado, até onde este primeiro volume a comporta, que não seja dictada pela mais estricta imparcialidade. Virtude é esta tanto mais para apreciar, quanto haveria fundamento para temer que o amor do amigo apaixonasse o biographo, em prejuizo da verdade e detrimento dos que pelo desvaire houvessem de ser maltratados.

Se, com relação aos homens principalmente, as paginas que tantos queriam vêr narcotisadas pela cegueira da voluntaria parcialidade, gerada das dependencias interesseiras ou subservientes, se nos amostram por vezes sudario de miserias que teem por força de explicar a impotencia do movimento liberal de 1832, demonstrada pela precoce caducidade politica de que tantos estamos sendo tão conscientes quão mal fadadas testemunhas; se muitas d'essas paginas, de bonacheirona chronica de bernardos, como cá por Portugal estavam costumados a lêl-as, se transfiguram em verdadeiros leitos de Procusto para tantos dos contemporaneos do ardente patriota de 1820 e do leal voluntario-academico de 1832-1833, culpa é dos acontecimentos que para si tomam o negro destino de conspurcar as mais bellas paginas da Historia, culpa é de todos aquelles que não contam com a severa justiça que ella na posteridade lhes reserva!

Em tudo isso a situação do biographo tal qual fica sendo o que elle quiz nobremente que fosse; — tranquilla e isenta. Lá no mais profundo do seu intimo — e esta é a impressão derradeira que das suas paginas nos ficou, d'envolta com bem amara tristeza! — a consciencia dorme-lhe tranquilla o somno do setimo dia; o somno descançado do homem recto e imparcial, justo e bom; o somno do homem de bem emfim. Posto pelo destino na equidistancia que o separa igualmente dos homens que foram e dos homens que são, o dedicado biographo que escreveu as *Memorias de Garrett,* meneia de antemão triste mas eloquentemente a cabeça a quanto vozear se lhe levante em torno. Para elle que desceu aos limbos do passado, e que ao cabo de vinte annos de lá voltou para acharse em face de um presente tanto ou mais desconsolador, do que o que atraz de si

deixára, não ha já agora senão uma unica resolução que lhe pareça digna: — *dormir!* Ir dormindo até que venha de vez aquella paz que o Doutor Angelico, tão querido do seu amigo e mestre, tão eloquente pedia ao Senhor seu Deus, aquella paz que é somno eterno; *«pacem quietis, pacem sine vespera!»*

« — Até lá, que tem que vêr, perguntará elle, a imparcialidade augusta da Historia com as paixões, desmandos, vicios ou crimes de vós outros, homens do passado, que vos agitaes inquietos nas sepulturas porque em nome da Historia, e para reivindicação de um morto puz um momento o dedo nas chagas de que fostes Lazaros reprobos? Homens do presente, que póde querer de vós ou que vos importa já agora quem outro interesse não tem senão vingar da inveja ingrata a memoria que um pobre livro meu, ai de mim! mal póde resguardar dos regelos do esquecimento? Uns e outros deixai-me em paz, que bem vol-o mereço! »

E deixai-o. Respeitai-lhe a dôr, ao menos, se não podeis comprehender-lh'a! Não ouvistes vós acaso o que ao grande poeta dizia est'outro, cortada a voz pela dôr e pela saudade?

....
Minha esperança acabou;
Comtigo havia nascido,
No teu sepulchro expirou.
Que me resta agora a mim?
Uma cruz no mundo erguida!
O que me resta da vida,
Senão desejar-lhe o fim?

Pois bem! Deixai-o em paz curvar-se á beira da campa illustre, embora aquelle que n'ella jaz n'essa campa seja estranho!...

Permitti que a sua m
obedeça, uma vez aind
coração saudoso, deix
este livro sobre essa se

Então, os *Cantos Ma*
simples *corôa de moc*
saudade ia depôr na
e mestre. Hoje, é ma
Hoje, as *Memorias bio*
rett são o monumento
imperecedoura saudade
da ao Genio!

Permitta o céo que a
de do infatigavel ope
possa, no que lhe res
emfim o ultimo remate
honrando o artifice, h
Patria!

E se a elle lhe acon
cordar o canto com qu
pedia tambem de outr
te mundo se partira,
mento que o punge po
o rodeia, dizendo-lhe i

« Descansa no sepulchro
« Bem os olhos, amigo
« Não vejas o que vai

se elle em seu soliloqu
a dizer-lh'o, vós todos,
prehendel-o, reparai
não é a oração funebre
gal que o triste biogr
terrou d'entre os rego

Antes, porém, curva
Genio, sob o palladio

(Da *Correspondencia de P*

A. F. NOGUEIRA

A RAÇA NEGRA

SOB O PONTO DE VISTA

DA CIVILISAÇÃO DA AFRICA

UM VOLUME

Lembram-se todos como ha poucos annos, ha quatro ou cinco apenas, as questões africanas, os assumptos coloniaes, encontravam entre nós, na imprensa e no publico, ou, o que é mais exacto, no publico, e por isso na imprensa, uma atmosphera hostil de indifferentismo, que lhes negava todas as attenções, toda a discussão, e tornava verdadeiramente phenomenal o seu estudo. Um ou outro ministro, e antes de todos, e mais do que todos, o pobre marquez de Sá da Bandeira, esforçava-se muitas vezes por prender a opinião dos parlamentos e a acção reformadora dos governos á grave questão ultramarina, que viam dia a dia crescer em difficuldades e carregar-se de sombras ameaçadoras para a honra e o interesse do paiz. Mas, francamente, como não póde dizer-se ainda que deixasse de acontecer hoje, os primeiros que as não comprehendiam eram os proprios collegas. Por circumstancias faceis de apreciar, e entre as quaes avulta a falta de um estudo razoavel do que é nosso, do nosso paiz, da nossa historia, das *nossas cousas,* absorvidos como geralmente andamos pela influencia e pela imitação das cousas estrangeiras, ha exactamente nas classes mais letradas uma grande indifferença e por vezes uns desdens espantosamente ineptos pelo nosso vastissimo dominio de além mar e pelos nossos importantes interesses coloniaes e geographi[illegible] que são, no fim de contas, no mo[illegible] presente, dos primeiros da nossa [illegible]ia, do nosso futuro e da nossa [illegible] nação culta.
[illegible]ristissima moda, — perfeitamen[illegible]ar, — de nos depreciarmos, de [illegible]uinharmos, ao paiz e aos compatriotas, moda que tem ido até á mais escandalosa viciação da historia no delicioso empenho de escalavrar as nossas glorias mais authenticas e as nossas mais gloriosas tradições, — tem aggravado a situação, e estimulada pelo movimento recentissimo de opinião e de interesse geral, em favor dos estudos e das reformas coloniaes, mais de uma vez tem ensaiado tambem n'este sentido a sua curiosa propaganda de desalento e de negação dos recursos e factores que a historia bem feita e a critica bem exercida claramente nos attestam. O que é certo porém é que desde alguns annos o notabilissimo movimento geographico que assignala o seculo tem conquistado muito terreno entre nós; que as questões africanas e coloniaes estão na ordem do dia; que se lêem e se estudam as narrativas das explorações geographicas; que se pensa seriamente nas possessões de além-mar.

Á parte outras suggestões, é incontestavel que a Sociedade de geographia de Lisboa, com um esforço ininterrupto de propaganda e de acção, e pela aggremiação de muitos elementos valiosos de influencia e de authoridade, tem não sómente contribuido para isto na maior e melhor parte, mas preparado a opinião para acolher favoravelmente os estudos e publicações que o interessante problema africano suggere, e os esforços particulares e governativos de refórma colonial.

Foi por isso de certo, e por um sentimento de justiça e de reconhecimento, que não é vulgar, infelizmente, que o snr. Francisco Nogueira dedicou áquella Sociedade o bello livro que acaba de publicar sobre a *Raça negra e as colonias*

portuguezas em Africa, trabalho que seria notavel em Inglaterra, na Allemanha e em França, e que na bibliographia portugueza contemporanea é indiscultivelmente notabilissimo.

O snr. Nogueira foi negociante em Africa, percorreu longamente o sertão, e soube lá, e, o que mais é, tem sabido aqui, conservar-se estudioso dedicado e activissimo. Dotado de uma grande modestia, espirito serio, esclarecido, sensato e observador, o seu nome era já conhecido e respeitado, como de provada authoridade, por quantos interessam e estudam os assumptos de que elle trata no seu primeiro livro, desde uns artigos publicados no *Jornal do Commercio* sobre cousas da Africa. Alguns d'elles, intitulados *As origens da civilisação, por sir John Lubbock,* e os *Ba-Nhaneca* e os *Ban-Kumbi,* mereceram-lhe uma carta muito honrosa do grande sabio inglez, e vem reproduzidos e ampliados em appendice no livro. Inspirou este, segundo o snr. Nogueira recorda com leal franqueza, no prologo, uma notavel discussão havida na Sociedade de geographia, e particularmente um bello discurso do illustre presidente, o snr. dr. Barbosa du Bocage. Começando por tratar desenvolvidamente, e com um seguro conhecimento da sciencia moderna, as grandes questões do monogenismo, do polygenismo e do transformismo humano, da escala zoologica e da antiguidade do homem, o author, que é evidentemente transformista, expõe muitos factos curiosos e decisivos tendentes a provar que o negro, longe de ser uma raça degradada e perdida, é dos tres typos: branco, amarello e preto, o mais novo e susceptivel de um desenvolvimento que já se pronuncía n'alguns pontos nos proprios caracteres physicos, que é em summa «o homem que começa e não o homem que acaba», sendo geralmente o contacto vicioso do branco, o meio terrivel que este lhe prepara pelos seus preconceitos e pela sua exploração, que concorre para a depravação e para a perda do negro, que aliás tem de ser na Africa o collaborador indispensavel da civilisação.

É interessantissima esta parte do livro, muito rica em factos altamente expressivos e em observações directamente colhidas pelo snr. Nogueira, nas suas viagens pelo alto Cunene, entre os gambue, os bakumbi, os banhaneca, etc. O snr. Nogueira, arrostando com os prejuizos e philaucias da nossa orgulhosa raça, mostra como o negro apresenta muitas vezes virtudes que não são extremamente vulgares entre nós; como é hospitaleiro e leal até ao sacrificio; como tem o sentimento de familia, o amor do trabalho, o espirito da justiça; e como é a perseguição, a oppressão, a extorsão exercida contra elle pelo branco que o torna desconfiado, traiçoeiro, cruel. Com Levingstone e com muitas outras authoridades irrecusaveis mostra como a sorte do preto, no seu viver presente, póde favoravelmente soffrer a comparação com a dos camponios e com a das classes pobres da sociedade europêa, tanto em relação ás condições de vida como ás condições moraes e intellectuaes.

E não são palavras, são factos sobre factos que elle accumula no generoso empenho de lançar uma pouca de verdade na enorme e escura injustiça de seculos com que se tem accusado e opprimido a raça negra.

Na segunda parte do seu trabalho, o snr. Nogueira, tratando das nossas colonias, estuda-as conscienciosamente; mostra como é injusto condemnal-as; o que n'ellas, por ellas, e com ellas podemos fazer; como o indigena é o nosso melhor alliado e tem de ser necessariamente o nosso cooperador; como, porém, apesar de todas as seductoras leis que temos feito, continuamos a deixar o negro escravisado, roubado, opprimido, sem instrucção, sem justiça, sem auxilio, sem estimulos. O snr. Nogueira não communga na escóla que só deprime o que é nosso e exalta o que é estranho. Os inglezes teem feito ás raças indigenas muito peor do que nós. Teem-nas supprimido cruel, injusta e estupidamente. Hoje vão-se arrependendo, e á força de lições e de propaganda procuram captar o negro, instruil-o. Mas elles não teem, por mais que diga certa critica facil e superficial, a aptidão assimiladora, colonisadora, que nós possuimos. O inglez substitue-se ao indigena. Como? Exterminando-o. Ora na Africa, pelo menos, o europeu nada póde fazer sem o negro.

O livro do snr. Nogueira contém, além do que indicamos, revelações e indicações linguisticas, preciosissimas, que vão interessar vivamente a sciencia.

Com toda a certeza esta obra, vai ser consultada pelos estudiosos estrangeiros. Em Portugal devia sêl-o por todos.

(Do *Diario de Noticias*).

L.